This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

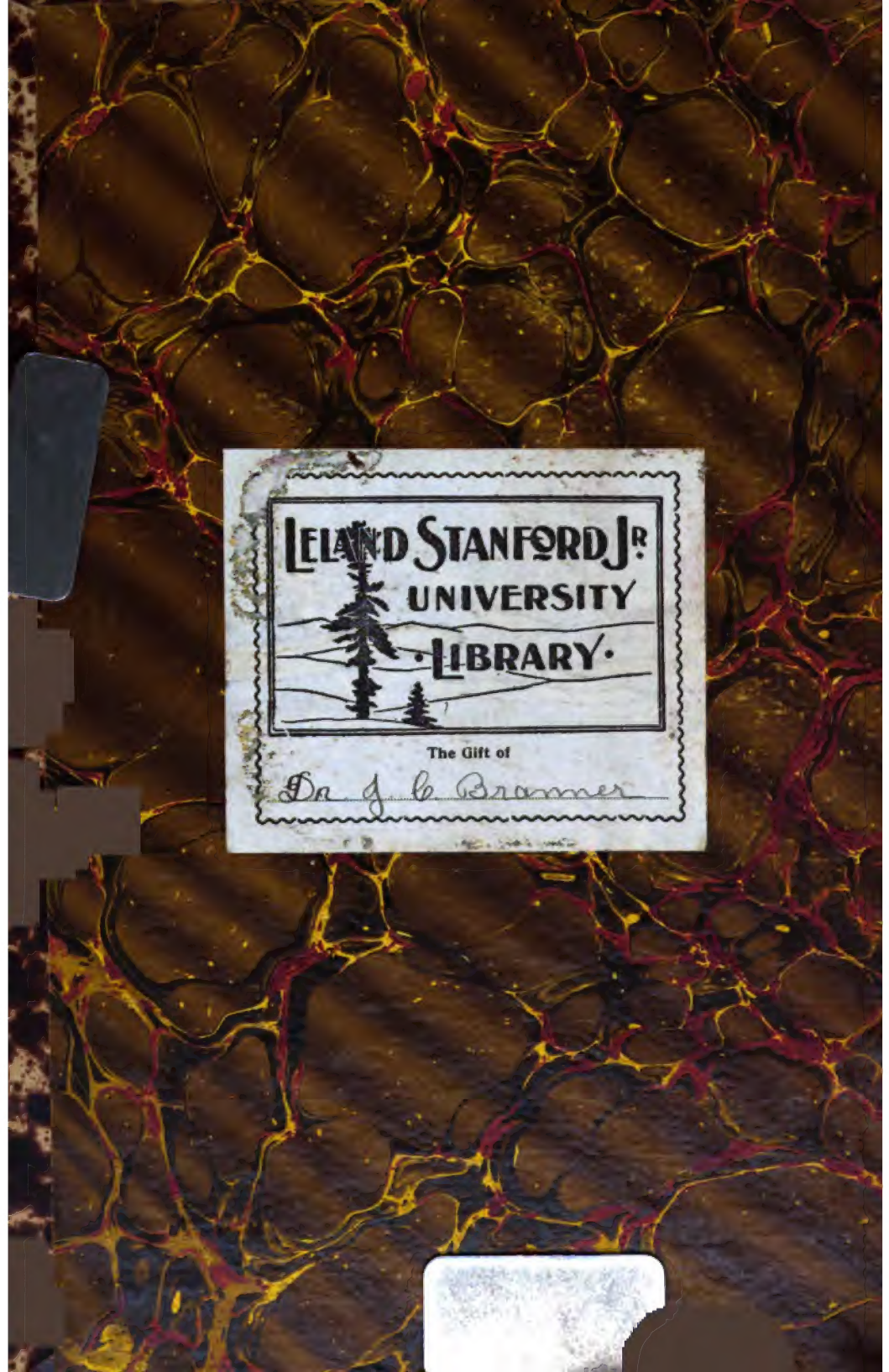
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

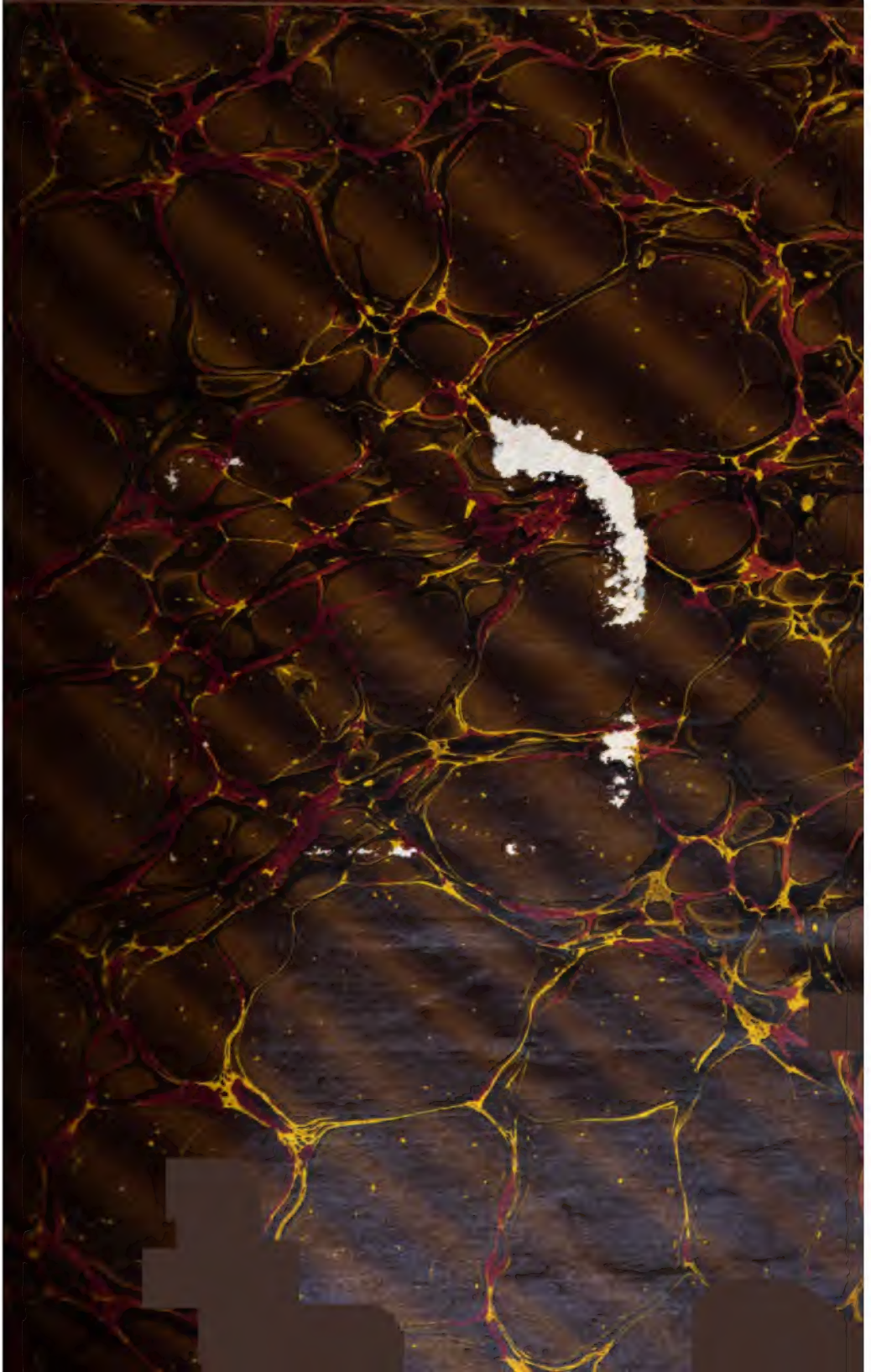
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/


LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
LIBRARY
The Gift of
Dr. J. B. Bramer



981.06
I59r

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL,

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO XXII.

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

STANFORD LIBRARY

RIO DE JANEIRO.

TYP. IMPARCIAL DE J. V. N. GARCIA.

RUA DA CARIOCA N. 34.

1859.

222818

STANFORD LIBRARY

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO, GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

1.º TRIMESTRE DE 1859.

A FRANÇA ANTARCTICA.

BOSQUEJO HISTORICO DO ESTABELECIMENTO DOS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO E SUA EXPULSÃO NO SECULO XVI E DAS SUAS NOVAS INVASÕES NO XVIII.

PELO

Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

INTRODUCÇÃO.

O amor da patria e o desejo de contribuir com o nosso fraco contingente para a vulgarisação dos factos mais gloriosos da nossa historia, nos leváram a escrever um opusculo sobre a fundação da cidade do Rio de Janeiro, hoje capital do Grande Imperio Americano. Folheando as velhas chronicas, vimos que os francezes buscáram estabelecer-se nesta terra e lançar os alicerces d'uma colonia muito antes que os portuguezes pensassem em firmar o seu dominio na magestosa bahia de Nictheroy. Suggeriu-nos isto a ideia d'examinar quaes as causas e resultados da invasão franceza, tractando igualmente das expedições de Duclerc e de Duguay-Trouin, que, postoque afastadas da primeira tentativa de Villegainon por um espaço de cento e cincoenta e cinco annos, fórmam como que o seu complemento.

Parece que só muito tarde abandonáram os francezes a idéia de se estabelecerem no Rio de Janeiro, e ao passo que os hollandezes forcejáram por se assegurar da posse das capitanias do norte olhava a França com olhos de cobiça para a nossa cidade. Quasi todos os escriptores que tractáram d'esse assumpto, quer nacionaes, quer estrangeiros, são apaixonados, e a linguagem da imparcialidade ainda se não fez ouvir: não temos a pretenção d'emittir o nosso juizo como infallivel; queremos unicamente dispertar ingenhos curiosos, *chamando á arêna da discussão um ponto que tanto nos interessa.*

Todos sabem quão arduo é o trabalho que tomamos sobre nós: quão difficil é o colleccionar documentos, que andam esparsos; ler grossos volumes pesquizando um facto, um nome, ou uma dacta; e achar no cahos de narrações desencontradas a verdade para sobre ella assentar a pedra do nosso edificio. Os nossos chronistas como S. de Vasconcellos Jaboatão, Rocha-Pitta, Fr. Gaspar, Silva Lisbôa e Pizarro, escrevem sem critica alguma; Thevet e Lery travam entre si encarnecida lucta.: Hans-Stadens, mais imparcial, de pouco, ou nada nos serviu para o plano que haviamos adoptado; os valiosissimos trabalhos dos Senrs, Ferdinand Dénis, Varnhagen e Norberto nos fôram porém de grande auxilio: e folgamos de render-lhes publico testemunho de nossa gratidão.

Dividiremos a nossa memoria em tres partes: na primeira occupar-nos-hemos com o estabelecimento de Villegaignon, e traçaremos um rapido esboço historico

da projectada França Antarctica; *e na segunda e terceira tractaremos das expedições de Duclerc e de Duguay-Trouin.*

Sem amor nem odio diremos com franqueza o que pensamos ácerca dos francezes e de seus ensaios de colonisação e de conquista; procuraremos averiguar quaes fôram os motivos que os trouxeram ás nossas plagas, e a que deveremos attribuir a pouca fortuna que tiveram de não se conservarem n'um paiz, onde gozáram de tantas sympathias dos naturaes.

O nosso trabalho nada tem de definitivo: é apenas um estudo historico; um gymnasio em que quizemos adestrar as nossas forças para outros de maior magnitude, que temos em mente.

Depois de havermos feito uma singela narração dos acontecimentos guiando-nos pelos mais veridicos expositores, examinaremos com toda a imparcialidade a questão: si a expulsão dos francezes foi util, ou prejudicial ao Brasil, inclinando-nos pela primeira hypothese pelas razões, que exporemos e que julgamos que serão partilhadas pela maioria dos leitores.

PARTE PRIMEIRA.

ESTABELECIMENTO DE VILLEGAIGNON.

I.

DESCOBRIMENTO DO RIO DE JANEIRO.

Não nos maravilha que pairem tantas duvidas sodre os factos afastados de nós por uma longa serie de seculos, que a Historia encerre problêmas de solução quasi impossivel, quando acontecimentos de recente data dão origem á longas e quasi que interminaveis controversias. Suscitou-se ha pouco tempo na primeira associação litteraria do paiz uma importantissima discussão ácerca do descobrimento da *Terra de Sancta Cruz*, e illustres paladinos quebráram suas lanças em prol de contrarias opiniões: pretendeu-se que o acaso presidíra a este facto, e sustentou-se com não menos talento e erudicção que a esquadra portugueza deixára Lisbôa com o firme proposito d'aportar ao novo continente, cuja existencia acabava Colombo de revelar á Europa.

A mesma incerteza existe ácerca de quem fosse o ousado navegador que primeiro ancorou na formosa enseada de Guanabára. Tão importante ponto da nossa Historia parecia ter escapado ás investigações d' uma esclarecida critica e a maioria dos chronistas abraçavam uma versão que como vamos demonstrar, parece-nos inteiramente distituida de fundamento.

Monsenhor Pizarro nas suas *Memorias Historicas do Rio de Janeiro* e o Conselheiro Balthasar da Silva Lisbôa nos seus *Annaes*, trabalhos de summa importancia, que serão sempre consultados pelos estudiosos, seguem a opinião que a nossa bahia fôra descoberta por Martim

Affonso de Souza, que deixára as aguas do Tejo no dia 3 de Dezembro de 1530, commandando uma esquadrilha de cinco vélas na qual se embarcáram quatrocentas pessoas, tendo por fim o explorar a costa do Brasil até a embocadura do Rio da Prata. Pretendem que o dia 1.º de Janeiro de 1531 fôra aquelle em que pela primeira vez tremulou o pavilhão das lusas quinas aos olhos dos absortos Tamoyos.

Procuremos provar que Martim affonso não foi o primeiro portuguez que entrou neste porto; nem tão pouco tivera este acontecimento lugar no dia 1.º de Janeiro de 1531, não se lhe devendo igualmente imputar a falsa denominação que ainda hoje conserva.

Graças ás lucubrações do Sr. F. A. de Varnhagen, ao seu zelo infatigavel em elucidar os pontos mais obscuros da nossa Historia possuimos hoje um documento que prova irrefragavelmente que Martim Affonso não foi o descobridor do Rio de Janeiro. Referimo-nos á importante publicação que o mencionado litterato fez em Lisbôa em 1839 do *Diario da Navegação d'Armada que foi á Terra do Brasil em* 1530 *sob a capitania-mór de Martim Affonso de Sousa, escripto por seu irmão Pero Lopes de Sousa.* O irmão, o companheiro do grande almirante portuguez, testemunha ocular das suas façanhas nos mares do Brasil, fallando da sua chegada á nossa bahia assim se exprime:

« Sabbado trinta dias d'Abril, ao quarto d'alva era-
« mos com a boca do *Rio de Janeiro*, e por nos acal-
« mar o vento, surgimos á par de uma ilha, que está
« na entrada do dito Rio, um fundo de quinze braças d'arêa
« limpa. Ao meio dia se fez ao vento do mar e entramos
« dentro com as náos. Este rio é muito grande;

« tem dentro oito ilhas, assi muitos abrigos: faz a entrada « norte sul toma da quarta de noroeste: tem ao sueste « duas ilhas, outras duas ao sul e tres ao noroeste; e « entre ellas pódem navegar carracas: é limpo, de « fundo vinte duas braças no mais baixo, sem restin- « ga nenhuma e o fundo limpo. Na bôcca de fóra tem « duas ilhas da banda de leste, e da banda de aloeste « tem quatro ilhéos. A bôcca não é mais que d'um tiro « de arcabuz; tem no meio uma ilha de pedra raza com « o mar; pegado com ella ha fundo de dezoito braças « d'arêa limpa. Está em altura de vinte tres gráos e um « quarto.

« Como fômos dentro, mandou o capitão J. fazer uma « casa forte, com cerca por derrador; e mandou sahir a « gente em terra e pôr em ordem a ferraria para fazer- « mos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui man- « dou o capitão J. quatro homens pela terra dentro: e « foram e vieram em dois mezes; e andaram pela terra « cento e quinze leguas; e as sessenta e cinco dellas foram « por montanhas mui grandes e as cincoenta foram por « um campo mui grande; e foram até darem com um « grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez « muita honra, e veio com elles até os entregar ao ca- « pitão J.; e lhe trouxe muito chrıstal, e deu novas como « no *Rio de Peraguay* havia muito ouro e prata. O capi- « tão lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas e o « mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio « é como a da *Bahia de todos los Santos*; senam quanto é « mais gentil gente. Toda a terra deste rio é de monta- « nhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste « rio que pódem ser. Aqui estivemos tres mezes toman-

« do mantimentos, para um anno, e para quatrocentos « homens que traziamos; e fizemos dois bargantins de « quinze bancos.

« Terça feira primeiro dia d'Agosto de mil quinhentos « e trinta e um partimos deste *Rio de Janeiro* com vento « nordeste. Faziamos o caminho aloeste a quarto de su- « dueste.

D'aqui se deduz claramente que não foi Martim Affonso quem denominou o nosso porto de *Rio de Janeiro*; por isso que Pero Lopes, que escrevia o seu *Diario* á proporção que os acontecimentos se iam dando, como se vê pelo seu estylo já assim o denomina; prova manifesta de ser d'épocha anterior esse erro geographico. Acresce ainda uma razão que nos parece de grande pêso, vem a ser que dizendo os chronistas que a origem do nome fôra devida á ter aqui chegado o capitão-mór no dia 1.º de Janeiro de 1531, e sabendo nós pelo referido *Diario* que a esquadrilha sahira de Lisbôa á 3 de Dezembro de 1530 seria preciso ter feito uma viagem de vinte oito dias, o que é quasi impossivel em navios de vélas, maxime em um tempo, em que pelo escasso conhecimento da nossa costa eram as viagens muito longas navegando-se pouco de noite. Lembremo-nos tambem que essa expedição era feita no inverno, e que devêra experimentar, como de facto experimentou, fortes temporaes e ventos contrarios. O testemunho de Pero Lopes, que havemos invocado como o mais competente para a solução d'este problêma historico, servirá igualmente para marcar o tempo da chegada de seu illustre irmão ás nossas plagas, que segundo diz-nos fôra n'um sabbado 30 d'Abril de 1531. Está pois evidentemente provado não ter Martim Affonso de Souza

descoberto a bahia de Nictheroy, nem, por uma falsa semelhança com o Tejo, cognominando-a de rio.

O chronista castelhano Antonio Herrera dando conta da ousada navegação dos celebres portuguezes Fernão de Magalhães e Ruy Falleiro, que se achavam ao serviço do imperador Carlos V. serve-se destas palavras.

« Y continuando su viage entraron á treze de Deziembre (1519) en una bahia muy grande, que chamavan los « Portuguezes en la costa del Brasil la *bahia de Genero*, y « los Castelhanos de *Sancta Lucia*; porque en tal dia entraron en ella. » (Decad. 2.ª Lib. 4.º cap. 10.º).

Já por occasião da vinda ao nosso porto d'esses dois navegadores que a ingratidão da patria levou a voltar contra ella o seu pasmoso genio e grandiosa audacia, era elle conhecido pelo nome que ainda hoje conserva: e se refletirmos que essa viagem de circumnavegação tivera lugar doze annos antes da expedição de Martim Affonso juntaremos outro voto não menos valioso ao de Pero Lopes: e ficaremos certos de que já em 1519 sabiam os castelhamos que os portuguezes haviam-nos precedido na posse da nossa magestosa enseada, e tinham-lhe dado um nome, que talvez por julgarem-no improprio, pretendêram trocal-o pelo de *Santa Luzia*, em commemoração do dia em que aqui aportaram. (1)

Nem tão pouco podemos attribuir tal descobrimento á João Dias Solis, que em sua viagem para o *Rio da Prata* em 1515 tocou no nosso porto; pois que além do silencio que guarda Gomara á semelhante respeito, temos a asseveração positiva d'Herrera « de haverem chegado (os castelhanos) ao *Rio de Janeiro* na costa do Brasil » É fóra de duvida que si os castelhanos da expedição de Solis fôssem

os primeiros a avistarem a nossa bahia não deixariam os seus chronistas de fazer d'um semelhante successo expressa menção, como sempre practicaram ácerca de outros sitios de muito menor importancia.

Pensáram alguns escriptores que tal honra coubera ao douto florentino Americo Vespucci. Discutamos esta hypothese na qual descobrimos mais algum fundamento. (2)

Sabe-se que Americo Vespucci serviu de piloto e cosmographo nas duas primeiras frotinhas enviadas para explorar a costa do Brasil: era porém o seu emprego secundario não podia por tanto dar nomes ás terras descobertas, prerogativa esta que sempre pertenceu aos chefes. Pensamos porém que estivera elle ancorado neste porto pelos annos de 1502 á 1503. Citemos em abono d'esta opinião um trecho d'um moderno e illustrado escriptor hespanhol o Sr. D. Martin Fernandez Navarrete:

« De estas declaraciones puede deducir-se que Amerigo « navegó per la costa del Brasil, y endo probabelmente « como individuo subalterno del equipage, ó trepulation « de alguna de las náos portuguezas que desde 1501 á « 1504 fueran despachadas desde Lisbôa para reconhecer, « ó poblar los paizes descobiertos recientimente. » (Colec. de las viag. y descob. etc. a tom. 3.º pag. 320).

Caminhando de conjectura em conjectura aproximamonos á época do descobrimento do Brasil, e tudo nos induz a crêr que a nossa terra foi uma das primeiras visitadas pelos audazes aventureiros, que corriam então a costa áfim de reconhecêl-a. Pensamos mesmo que apenas distou um, ou dois annos, do desembarque de Cabral em Porto Seguro, e que Gonçalo Coelho, chefe da primeira expedição foi o verdadeiro descobridor do Rio de Janeiro. Ora, si,

como mui judiciosamente observa o Sr. Varnhagen, á primeira frotinha exploradora se deve attribuir os nomes postos ao Cabo de Santo Agostinho (successo este que teve lugar á 16 d'Agosto de 1501) como tambem as outras paragens da costa, tendo sempre os exploradores o calendario na mão, deveram entrar no nosso porto no mez de Janeiro de 1502 talvez que mesmo no dia primeiro d'esse mez, visto que já no dia da Epiphania se achavam n'altura da Ilha Grande, que chamavam Angra dos Reis, proseguindo em sua derrota para o sul.

Preferimos esta opinião por nos parecer muito mais fundada do que as que havemos combatido e formamos votos para que um feliz acaso depare á algum estudioso com os roteiros, que necessariamente apresentariam aos seus respectivos governos os chefes das primeiras expedições; documentos estes que lançariam sobre este e muitos outros pontos vivamente disputados grande luz, se não puzessem logo termo ao debate.

II.

ORIGEM DA EXPEDIÇÃO FRANCEZA AO RIO DE JANEIRO.

O estabelecimento dos hespanhoes e portuguezes causou grande ciume á todas as potencias maritimas da Europa: todas se arrependeram de não terem prestado ouvidos ás proposições do navegador genovez. A Inglaterra reparou em breve o erro que commettêra apoderando-se da parte mais septentrional do novo continente, e a França têl-a-hia imitado fundando algum estabelecimento duradouro nas regiões recentemente descobertas, si, como muito bem observa o Sr. Cantu, não se mostrasse alheia ás grandes

emprezas, absorvida como estava pelas guerras de religião e intrigas de côrte. Todavia alguns aventureiros normandos e bretões, seguindo a trilha dos Colombos e dos Cabraes, exploráram « *os mares nunca dantes navegados* » e, segundo pensa o Sr. Ferdinand Dénis, já desde 1508 os marinheiros d'Honfleur visitáram o nosso porto.

Os normandos, assás conhecidos pelo seu espirito audacioso, fôram os que se avantajaram nessas expedições: travaram estreita alliança com os selvagens, aprendêram a sua lingua, e muitos d'elles renunciáram a vida civilisada para vagarem pelas florestas, á imitação dos indigenas. Lucrativo commercio faziam elles permutando o precioso *ibirapitanga* (3) por vidrilhos e outros objectos de nenhum valor. Hans-Stadens, que residio por muito tempo entre os Tupinambás nos pinta o estado degenerado de muitos d'esses transfugas da civilisação, que não escrupulisavam, para se tornarem bem quistos á seus hospedes, de tomarem parte nos horrendos festins d'antropophagia. (4) Ás narrações d'esses primeiros viajantes exageradas pelo gosto romanesco da sua nação deveu a Europa o conhecimento do nosso paiz, cuja existencia o suspeitoso Portugal desejava occultar aos olhos do mundo inteiro.

A principio tinham essas expedições um caracter particular: eram os armadores que enviavão os seus navios para negociarem com os naturaes do Brasil: nenhuma ideia de conquista, nenhum pensamento de colonisação, ou de permanencia existia. Mais tarde quiz o governo francez intervir e sustentar os seus pretendidos direitos sobre as costas do Brasil e da Guiné. Temos a este respeito um precioso documento citado pelo Sr. Ferdinand Dénis. (5) É uma communicação de Marino Cavalli, em-

baixador de Veneza junto á côrte d'Henrique II, que em data de 1546 assim se expremia:

« Com Portugal não póde haver bôa intelligencia; pois « que ha uma guerra-surda entre os dous paizes. Os fran- « cezes pretendem poder navegar para Guiné e o Brasil, « e os portuguezes pensam o contrario. Si se encontram « no mar e sendo os francezes os mais fracos os outros « atacam e mettem ao fundo os seus navios: o que até « certo ponto justifica as crueis represalias que se com- « mettem contra os navios portuguezes. »

Não havia declaração alguma de guerra; as relações diplomaticas não se tinham interrompido, e um embaixador d'el-rei D. João III não duvidava levar a sua condescendencia á ponto de assistir á uma extravagante festividade, em que simulava-se um combate naval no fim do qual um navio portuguez era presa das chammas. As esquadras porém das duas nações batiam-se no alto mar como aconteceu a que capitaneava Martim Affonso, que aprisionou tres náos francezas na altura do cabo de Santo Agostinho e Gaspar Gomes era detido dous mezes e meio no Rio de Janeiro pelo commandante de um vaso d'essa nação.

Factosde tamanha magnitude não serviam para despertar o governo portuguez do seu somno lethargico, e sabe Deus porquanto tempo nelle jazeria si a França não pensasse em firmar seriamente o seu dominio na plaga austral do continente americano.

Como já vimos occupava então o throno de França Henrique II, em cujo reinado tomáram maior vulto as discussões entre os catholicos e os calvinistas, que havião começado no tempo de seu pai Francisco I. Cedendo ás instigações de sua irman Margarida, que publicamente abra-

çára as doutrinas protestantes, favoreceu a Mauricio de Saxonia; pôz-se em hostilidade com a Sancta Sé occupando Parma, e declarando que jámais veria no concilio de Trento senão um conciliabulo, á cujos decretos recusava obedecer. Pouco tempo depois tomáva um partido diametralmente opposto e pelas suggestões do cardeal de Lorena e das famosas Catharina de Medicis e Diana de Poitiers; ordenava perseguições contra os huguenotes, e obrigava-se por um artigo secreto do tratado *Cateau-Cambrésis* (1559) á extirpar a heresia do seu reino. O almirante Gaspar de Coligny, á cujo nobre caracter hoje rende homenagem a historia, era effectivamente o chefe do partido protestante, gozando por algum tempo de grande e bem merecida influencia. Testemunha das sanguinarias sentenças lavradas pelos tribunaes excepcionaes *(chambres ardentes)* e compungido pelas lagrimas das victimas de Paris e dos Alpes pensou em procurar para os seus co-religionarios perseguidos em sua patria um seguro asylo além dos mares. Suas vistas se voltáram logo para a terra de *Guanabára* habitada pelos Tamoyos, fieis alliados dos francezes, e julgou encontrar em Villegaignon o homem necessario para tão difficil quão gloriosa empreza.

Estudaremos mais tarde o caracter d'este chefe e analysaremos com imparcialidade a sua conducta; contentando-nos por agora em citar um trecho de Lery, que mostra claramente qual foi a causa da expedição dos francezes ao Rio de Janeiro.

« No anno de 1555 um certo Villegaignon, cavalleiro
« de Malta cuja ordem é tambem chamada de S. Jcão de
« Jerusalém, achando-se em França e bastante descon-
» tente na Bretanha, onde então residia, fez conhecer á

« diversas personagens moradoras em differentes localidades do reino de França, que ha muito tempo concebêra a ideia de retirar-se para algum lugar longinquo, « onde podesse livre e puramente servir a Deus, conforme « a reforma do Evangelho; e que desejava outrosim preparar um retiro para os que quizessem evitar as perseguições; as quaes eram realmente taes, que muitas « personagens de todos os sexos e idades eram em muitos « lugares do reino queimadas vivas por sentença dos Parlamentos, confiscados os seus bens por motivo de religião. » (6)

III.

FUNDAÇÃO DO FORTE COLIGNY.

Nicolão Durand de Villegaignon, o chefe escolhido para essa empreza era já vantajosamente conhecido em França pela sua coragem e sciencia militar. Citavam-se as suas proezas em Argel e a maneira destemida com que transportára de Dunkerque á França a rainha da Escossia Maria Stwart. A esquadrilha, composta de dous navios de duzentas toneladas e de uma chalupa deixou o Havre (então chamado *Franciscopolis*) no dia 6 de Maio de 1555, segundo o testemunho de André Thevet, franciscano d'Angoulême, que acompanhou Villegaignon, por ser elle *un homme généreux et autant bien accompli, soi à la marine, soit à d'autres honnetez.* (7) Contratempos obrigaram-no á arribar a Dieppe, onde os habitantes lhe ajudáram á reparar as avarias, que haviam experimentado os seus navios, e após uma longa e perigosa viagem ancorou no nosso porto a 14 de Novembro do referido anno.

Não sabemos com que fundamento affirma o eloquente

author da *Historia d'America Portugueza* que o vice-almirante da Bretanha *vagava com alguns navios á sua custa armados, buscando presas e estimulado da cobiça, ou do valor* (8); dando assim um caracter particular, e apresentando como um acto de pirataria o que só era o resultado da politica franceza, que queria estabelecer no Brasil uma feitoria que protegesse o commercio que de ha muito os seus navegadores aqui faziam. Não devemos menospresar a expedição por compor-se de poucos navios; porque bem pequena era tambem a de Colombo, á qual se deve a descoberta d'America: e todos os documentos que havemos consultado nos induzem a crer, que Villegaignon sulcou os nossos mares, não como um aventureiro, mas sim como o representante de uma grande nação, cujos projectos ácerca da posse do nosso paiz podião não ser justos, mas certamente justificados pelas ideias da época.

Assignalaremos tambem outro equivoco, que julgamos commettêra o referido Rocha-Pitta no lugar supra-citado quando diz que o almirante francez desembarcára em Cabo Frio, e que contrahira ahi uma alliança com os Tamoyos regressando á sua patria mais tarde (em 1560) e com *avantajado poder apossar-se da enseada do Rio de Janeiro.* Semelhante proposição, além de inexacta, encerra em si um grande anachronismo. Thevet e Lery, que escrevêram sobre esta expedição, antagonistas implacaveis, concordam que a chegada de Villegaignon tivera lugar no mez de Novembro do anno de 1555, e nenhuma menção fazem d'essa viagem do chefe francez partindo de Cabo-Frio para regressar cinco annos depois, á frente de forças respeitaveis, para fazer a conquista da bahia de *Guanabára.*

Neste ponto, como em muitos outros, foi o douto historiador levado ao erro por falsas informações.

Suppomos comtudo que Villegaignon estivera em Cabo Frio (paragem esta mui frequentada nesse tempo pelos francezes) antes d'aproar para o Rio de Janeiro: e só assim se explica como tendo sahido do Havre a 6 de Maio só chegasse aqui á 14 de Novembro, trajecto excessivamente longo, dando ainda desconto ao tempo que gastaria em Dieppe á reparar as avarias; viagem sem exemplo para homens que não eram estranhos á arte da navegação. Mais curial é pensar que aportáram primeiro a Cabo-Frio; não só para refrescarem, como afim de colherem informações mais exactas ácerca do paiz que demandavam. Ora, esse paiz não lhes era de todo desconhecido porque muitos annos antes náos de sua nação haviam-no visitado e feito com os selvagens grande commercio, mas como era a mesma raça que habitava Cabo-Frio e o Rio de Janeiro aconselhava a prudencia que começassem logo a têl-a por alliada aproveitando-se habilmente do ensejo de viverem em constantes rixas os Tamoyos com os habitantes de S. Vicente, offerecessem áquelles a sua amisade. Thevet se contradiz neste ponto quando depois de haver dito nas suas *Singularidades da França Antarctica* que Villegaignon se demorára *só tres dias* em Cabo-Frio assevéra depois na sua *Cosmographia* que ahi estivéra *por alguns mezes*.

Oiçamos a tal respeito uma testemunha mui qualificada:

« A' esse tempo, tendo sulcado os mares do Sul Nicoláo
« Durand de Villegaignon, francez nobre do habito de S.
« João, e achando-se em Cabo-Frio, situado na latitude de
« 23°. e a longitude 34° 3' 27", ou na latitude 22°, 35' e
« longitude de Londres 41° 15', facil lhe foi em convir

« com aquelles, a quem o odio contra os declarados con-
« trarios fomentou a liga com os taes hospedes, trazidos
« da fortuna em soccorro da sua defensa, á custa dos
« fructos e drogas da terra que lhe promettêram. » (9)

Levantando os ferros e desferindo as vélas chegáram os francezes com prospera navegação ao Rio de Janeiro, e o magestoso panorama da nossa bahia não causou-lhes a impressão que se devêra esperar. Compararam-na com o lago de Genebra, mesquinho paradigma para essa grandiosa enseada, digna de igualar-se ao bello golfo de Napoles, ou ao sublime Bosphoro. O hieroglypho do futuro imperio do cruzeiro não lhes mereceu senão o prosaico nome de pote de manteiga *(pot de beurre)*, substituido pelos portuguezes por outro não menos improprio de *Pão d'Assucar*, commettendo um inqualificavel erro geographico denomináram de rio de *Guanabára*, o immenso lagamar que offerece amplo ancodouro ás esquadras do mundo inteiro. E o cosmographo Thevet, chronista official da expedição, não protestou contra a impropriedade d'esses nomes!!!

Cercado por uma população que lhe era devotada e dispondo de tantos lugares onde poderia estabelecer-se com fixidade, Villegaignon, para que a disciplina da sua tropa fosse melhor observada, desembarcou em um rochedo de cem á cento e vinte passos de circumferencia, collocado na entrada da barra, batido constantemente pelas vagas, tentando ahi construir um forte de madeira. (10)

Havendo-lhe porém demonstrado a experiencia que era impossivel conservar-se em semelhante sitio lançou o almirante as suas vistas para uma pequena ilha, situada mais proxima a terra, de cerca de mil pés de circuito, rodeada

de cachopos, á flôr d'agua, sendo accessivel unicamente pelo lado de terra. Fortificou este lugar, já por sua natureza inexpugnavel, e o guarneceu com oitenta homens. (11)

O theologo calvinista João de Lery (chamado individamente pelo conselheiro B. da S. Lisbôa *d'abbade)*, que visitou a colonia franceza um anno depois da sua fundação, diz-nos que nas extremidades da ilha existião dous outeiros, onde Villegaignon fez construir duas casinhas, collocando a sua residencia sobre um rochedo de cincoenta á sessenta pés de altura. Aplanando as escabrosidades do terreno fizeram os francezes algumas praças onde ergueram a casa da oração, o refeitorio (o que indica que comiam em commum) e os seus modestos aposentos, cuja maior parte era de páo á pique e cobertos de sapê, ao gosto dos selvagens que haviam sido seus architectos. (12)

Para lisongear ao seu protector deu Villegaignon á nova colonia o nome de *forte Coligny*, e a toda a terra o de *França Antarctica*, por onde facilmente se deprehende quaes as suas vistas de permanencia no nosso paiz, que devêra ser para o seu o que mais tarde foi para Portugal, fecundo manancial de incalculaveis riquezas. Tencionava mais tarde, depois de mais amplo conhecimento do terreno, edificar na praia fronteira (talvez que as da Gloria, Flamengo ou Botafogo) uma grande cidade, que devêra tomar o nome do monarcha reinante *(Henri-Ville)* sendo porém desviado d'esse intento por graves occurrencias que tiveram lugar, e de que mais tarde faremos menção.

Lery accusa fortemente de falsario á Thevet por ter mencionado em sua *Cosmographia* á essa cidade como existente, offerecendo uma planta d'ella ao rei Henrique II (13). Somos completamente neutral na lide travada

entre os dous chronistas francezes, reconhecemos que ambos tem muito merito e que prestáram relevantes serviços a nossa historia, dando conta de factos que sem o seu testemunho jazeriam quiçá no olvido: não podemos comtudo dissimular que Thevet sacrificou neste ponto a verdade ao maravilhoso realisando com elle *o quod volumus facile credimus*. Segundo a sua propria confissão (14) embarcou-se para a França á bordo de um navio commandado por Bois-le-Comte á 31 de Janeiro de 1556, havendo apenas permanecido na America dous mezes e alguns dias, e durante esse periodo não é crivel que se tivesse começado á erigir a nova cidade, estando o chefe da expedição á braços com os trabalhos de fortificações a que já alludimos; razões estas a que devemos addicionar a asseveração de Lery de não haver nenhum vestigio da projectada *Henri-Ville*, quando d'aqui sahio, dezoito mezes depois de Thevet. Note-se que o mencionado Lery appella para a reminiscencia de todos os francezes que antes e depois d'elle haviam estado no Rio de Janeiro, e não nos consta que ninguem apparecesse para contrarial-o. O respeitavel chronista da Companhia de Jezus, Simão de Vasconcellos, tão minucioso sempre em suas narrativas, não faz tão pouco menção d'essa cidade, que, á nosso vêr, nunca teve se quer um começo de realidade.

IV.

ALLIANÇA DOS FRANCEZES COM OS INDIGENAS.

Já vimos que desde o anno de 1508 os armadores d'Honfleur na Normandia expediam os seus navios ás terras então muí pouco conhecidas do Brasil e citam-se os nomes d'um certo Dionysio e do pai do famoso João Ango como

dos que mais se destinguiram nessas arriscadas explorações. Guilherme Tastu, Barré, e o celebre Jacques Soré adquiriram a reputação d'ousados navegadores, juntando tambem á ella a gloria litteraria. Dos dois primeiros existem interessantes escriptos, como o famoso *Roteiro* de Guilherme Tastu, composto em 1555, e as *Cartas ácerca da navegação do cavalleiro de Villegaignon*, publicadas em 1557 por Nicoláo Barré, que, como crê o Sr. Ferdinand Dénis, foi provalmente o primeiro documento sobre o Brasil impresso em França. (15)

As relações commerciaes mantidas pelas principaes cidades maritimas (em cujo numero se contava Dieppe) com os naturaes do Brasil trouxe a necessidade d'uma classe de homens, que tiveram nessa época grande importancia, queremos fallar dos interpretes *(truchements)* dos quaes trataremos perfunctoriamente.

Ou fôsse por despeito para com a sociedade, em cujo gremio tinham vivido, despeito, que tem dado origem á grandes aberrações, como os paradoxos de Rousseau e do lord Byron, ou levados pela *auri sacra fames*, viu-se nesse século alguns homens penetrarem em nossas florestas, copiarem tão ao natural o modo de vida dos indigenas que podiam ser tomados por verdadeiros selvagens. Cobriam-se dos mais extravagantes ornatos; perfuravam o labio superior e as faces para introduzirem ahi enormes batoques, armavam-se d'arco e flecha, revestiam-se de pennas e pintavam o corpo com as mais caprichosas côres. Adheriam completamente á causa das aldeias, onde se haviam naturalisado: esposavam as filhas dos maioraes, marchavam para a guerra dirigindo os seus alliados com conselhos e empregando em seu favor as armas de fogo e a estrategia

européas asseguravam-lhes o triumpho sobre os seus inimigos. Já dissemos qre o seu despreso levava-os á tomar parte nos festins antropophagos, excedendo em crueldade aos seus preceptores. Adoptando de bom grado a polygamia pouco se embaraçavam com a sorte da sua progenie, que abandonada a seus proprios instinctos perdia até os vestigios da sua origem européa.

A mór parte d'esses homens eram francezes, e especialmente normandos, e as suas informações transmittidas aos seus compatriotas, que visitavam tão frequentemente os nossos portos, e talvez mesmo que algumas cartas, que escrevessem para a patria, sejam as fontes á que recorrêram os que primeiro deram ao mundo civilisado noticias dos usos e costumes dos aborigenes brasileiros. Lery e Thevet referem-se constantemente ao testemunho dos interpretes; posto que estigmatisem o seu inqualificavel proceder, e Hans-Stadens, na relação dos seus soffrimentos entre os Tupinambás dá-nos bem a conhecer qual a sua influencia entre os indigenas, quando refere-nos que da decisão d'um d'elles esteve pendente o seu destino. (16).

D'essa mesma relação do viajante allemão se deprehende quanta estima votavam os selvagens aos francezes; porque dizendo-se elle, no acto de ser aprisionado, pertencente a essa nação, deveu a tal circunstancia o não ser condemnando á morte. Os Tupinambás e os Tamoyos, que tinham uma commum origem, procuravam com avidez a sua amizade appellidando-os *de perfeitos alliados*, e todos os historiadores são concordes em asseverar que nos mais criticos momentos lhes guardavam escrupulosa fidelidade.

Semelhante resultado devêra ser a natural recompensa d'esses homens, que demandando as nossas plagas com o

fim de enriquecerem, ou talvez que pelo espirito de curiosidade, não se faziam detestar pelos nacionaes: não lhes captivavam as filhas, não lhes extorquiam o oiro, a que aliás davam os indigenas pouco valor, nem os expulsavam á ferro e a fogo dos lugares consagrados pelas mais tocantes scênas da vida humana.

O estabelecimento de Villegaignon no Rio de Janeiro nada tem do caracter odioso d'uma conquista: chega como alliado e recebe dos Tamoyos não equivocas provas de jubilo e de affeição. Não expelle os naturaes das suas *tabas*, e podendo, como já dissemos escolher os melhores sitios para fundar a sua feitoria, fortifica-se em uma ilha até então abandonada e mostra-se severo para com os seus pela mais leve infracção dos tractados que firmára com os filhos do paiz. Esperando que cêdo, ou tarde seria atacado pelos portuguezes, aos quaes pela propria confissão do Padre S. de Vasconcellos não foi o primeiro á aggredir (17), e de perfeito accôrdo com os selvagens adestrou-os no manejo das armas, fazendo delles excellentes soldados.

Sobre o modo porque eram tratados os indigenas pelos francezes não podemos citar melhor testemunho do que o de Mem de Sá, 3º Governador Geral da Brasil, n'uma carta escripta de S. Vicente aos 16 de Junho de 1560 á el-rei D. João III.

Fallando á respeito de Villegaignon assim se exprime o delegado do governo portuguez: « Elle leva muito diffe-
« rente ordem com os gentios que nós levamos: é liberal
« em extremo com elles e faz-lhes muita justiça, enforca
« os francezes por culpas sem processo, com isto é muito
« temido dos seus, e amado dos gentios: manda-os ensi-

[illegible] e d'armas, ajuda-os nas [illegible] e dos mais valentes da [illegible] pode fazer muito fórte. (18) »

[illegible] que [illegible] parecer-nos as palavras do [illegible] só a força da verdade actuando n'uma [illegible] a sua penna dictar este juizo pronun[illegible] com tamanho da sua nação, e cujos entrin[illegible] não soubera d'arrasar com tanto denodo.

[illegible] que os francezes pelas suas ma[illegible] pelo seu tracto cavalheiresco souberam gran[illegible] dos nossos indigenas.

V.

CONDUCTA DE VILLEGAIGNON PARA COM OS CALVINISTAS.

[illegible] examinarmos o procedimento de Ville[illegible] para com os sectarios da religião reformada, e de [illegible] si merecida, ou injustamente lhe deram estes o [illegible] epitheto de *Caim d'America*.

Sabemos que o cavalleiro de Malta vivia afastado da [illegible] e esquecidos os seus serviços quando pela interven[illegible] do celebre Gaspar de Coligny, a quem o rei Henrique II testemunhava grande estima e veneração, foi elle [illegible] da tarefa de firmar o dominio francez n'Ame[illegible] do Sul. Ora, como já referimos, o almirante Coligny, [illegible] á nobilissima casa de Chatillon era o chefe os[illegible] dos protestantes do reino, e o astuto Villegaignon aproveitou-se d'esta circumstancia para inculcando-se convertido á doutrina de Calvino adquirir em Coligny um protector. Já vimos como pela sua influencia esquipou elle uma frotinha com que se apresentou no Rio de Janeiro, e como simulando um sentimento que por certo não existia

em sua alma, condecorou com o nome do illustre almirante o rochedo em que se fortificára. Quasi todos os seus companheiros seguiam a nova doutrina, ou pelo menos haviam d'isso feito promessa, e parece que d'este numero não se exceptuava o proprio franciscano André Thevet.

Na carta escripta á Calvino e citada integralmente por Lery lê-se o seguinte periodo.

« Porque os irmãos que tinham vindo commigo de « França para esse fim (o do exercicio da religião) desa- « nimados pelas difficuldades da obra *voltaram para o Egy-* « *pto*, allegando cada qual um pretexto. » Quem estiver ao facto da linguagem empregada nas polemicas religiosas da época saberá que a phrase *voltar para o Egypto* era synonyma de regressar para o gremio da religião catholica; e Villegaignon queixando-se á Calvino do abandono em que haviam deixado os primeiros operarios do Evangelho agradece-lhe a vinda dos novos ministros Richier e Chartier, que traziam em sua companhia alguns outros theologos de Genebra, sendo um delles João de Lery, a quem sômos devedores d'um excellente livro, que foi das mais abundantes fontes a que recorremos para a confecção d'este nosso tosco trabalho.

Chegando á America o primeiro cuidado de Villegaignon foi o de pedir ministros da religião reformada *para morigerar aos seus e cathechisar aos selvagens*, prestando a maior obediencia a igreja de Genebra. Não nos causa pasmo que o almirante Coligny, homem de guerra, de franco e generoso caracter, fosse illudido pelas fallacias do seu protegido; admira-nos porém que Calvino, cujo espirito subtil se havia ainda mais aguçado nas questões theologicas, sendo afamado pela sua argucia, se deixasse ludibriar por um homem que lhe era muito inferior em

« nar a todo o genero d'officios e d'armas, ajuda-os nas « suas guerras. O gentio é muito e dos mais valentes da « costa em pouco tempo se póde fazer muito fórte. (18) »

Grande é o peso que deve merecer-nos as palavras do illustre Mem de Sá: só a força da verdade actuando n'uma alma nobre como a sua poderia dictar este juizo pronunciado ácerca d'um inimigo da sua nação, e cujos entrincheiramentos elle acabava d'arrasar com tanto denodo.

Em conclusão diremos que os francezes pelas suas maneiras affaveis, pelo seu tracto cavalheiresco souberam grangear as sympathias dos nossos indigenas.

V.

CONDUCTA DE VILLEGAIGNON PARA COM OS CALVINISTAS.

É tempo de examinarmos o procedimento de Villegaignon para com os sectarios da religião reformada, e de verificar si merecida, ou injustamente lhe deram estes o ignominioso epitheto de *Caim d'America*.

Sabemos que o cavalleiro de Malta vivia afastado da côrte e esquecidos os seus serviços quando pela intervenção do celebre Gaspar de Coligny, a quem o rei Henrique II testemunhava grande estima e veneração, foi elle incumbido da tarefa de firmar o dominio francez n'America do Sul. Ora, como já referimos, o almirante Coligny, pertencente á nobilissima casa de Chatillon era o chefe ostensivo dos protestantes do reino, e o astuto Villegaignon aproveitou-se d'esta circumstancia para inculcando-se convertido á doutrina de Calvino adquirir em Coligny um protector. Já vimos como pela sua influencia esquipou elle uma frotinha com que se apresentou no Rio de Janeiro, e como simulando um sentimento que por certo não existia

em sua alma, condecorou com o nome do illustre almirante o rochedo em que se fortificára. Quasi todos os seus companheiros seguiam a nova doutrina, ou pelo menos haviam d'isso feito promessa, e parece que d'este numero não se exceptuava o proprio franciscano André Thevet.

Na carta escripta á Calvino e citada integralmente por Lery lê-se o seguinte periodo.

« Porque os irmãos que tinham vindo commigo de « França para esse fim (o do exercicio da religião) desa- « nimados pelas difficuldades da obra *voltaram para o Egy-* « *pto*, allegando cada qual um pretexto. » Quem estiver ao facto da linguagem empregada nas polemicas religiosas da época saberá que a phrase *voltar para o Egypto* era synonyma de regressar para o gremio da religião catholica; e Villegaignon queixando-se á Calvino do abandono em que haviam deixado os primeiros operarios do Evangelho agradece-lhe a vinda dos novos ministros Richier e Chartier, que traziam em sua companhia alguns outros theologos de Genebra, sendo um delles João de Lery, a quem sômos devedores d'um excellente livro, que foi das mais abundantes fontes a que recorremos para a confecção d'este nosso tosco trabalho.

Chegando á America o primeiro cuidado de Villegaignon foi o de pedir ministros da religião reformada *para morigerar aos seus e cathechisar aos selvagens*, prestando a maior obediencia a igreja de Genebra. Não nos causa pasmo que o almirante Coligny, homem de guerra, de franco e generoso caracter, fosse illudido pelas fallacias do seu protegido; admira-nos porém que Calvino, cujo espirito subtil se havia ainda mais aguçado nas questões theologicas, sendo afamado pela sua argucia, se deixasse ludibriar por um homem que lhe era muito inferior em

conhecimentos. Para attenuar porém a impressão que naturalmente causa o ver tantas pessoas honestas victimas da mais negra perfidia devemos lembrar-nos que o projecto de crear-se um estabelecimento n'America era o mais popular possivel; que todos contribuiam para elle com enthusiasmo, uns levados por vistas politicas, outros por calculos d'interesse individual, e finalmente outros, entre os quaes devemos comprehender Calvino, pelo vivo desejo de propagar a nova crença além do athlantico.

O venerando Philippe de Corguilleray, senhor Du-Pont, cuja honrada velluce se deslisava em Genebra, foi solicitado por cartas do almirante Coligny, e por vivas instancias de Calvino para dirigir a expedição enviada em auxilio de Villegaignon. Esquecendo os incommodos inherentes a uma tal empreza, muito mais sensiveis no inverno da vida, deixou as doçuras do lar domestico partindo á 16 de Septembro de 1556 para Chatillon sur Loing, onde o aguardava o almirante: de quem elle, e os seus treze companheiros ouviram as mais animadoras expressões. Após um mez de demora em Pariz, onde se lhes reuniram mais alguns fidalgos partiram os peregrinos para Honfleur, de cujo porto deram á véla para a França Antarctica a 20 de Novembro do referido anno.

Compunha-se a expedição de tres navios transportando cento e vinte pessoas, sendo o supremo commando confiado a *Bois-le Comte*, com o titulo de vice-almirante. Este Bois-le Comte, sobrinho de Villegaignon é o mesmo a quem o illustrado Author dos *Annaes do Rio de Janeiro* chama de conde de Bois, sem duvida equivocado pelo seu segundo nome, que é ao mesmo tempo um titulo de nobreza e um appellido de familia. (19)

Sobre a memoria desses homens que tão heroicamente

se expatriáram pesam mui graves accusações si dermos credito ao que á seu respeito diz Thevet. Oiçamos as suas palavras:

« Esquecia-me de dizer-vos que pouco tempo antes « houvera uma sedição entre os francezes, occasionada « pela divisão e parcialidade de quatro ministros da reli- « gião nova, que Calvino para ahi enviára a fim de plan- « tar o seu sanguinolento Evangelho: o principal d'elles « era um ministro sedicioso chamado Richier, que tinha « sido carmelita e doutor de Paris alguns annos antes. « Estes ridiculos prégadores não cuidando senão em « enriquecerem-se e apoderarem-se do que podiam fize- « ram conluios e intrigas secretas originando-se d'ahi « que alguns dos nossos fôssem por elles mortos. Porém « sendo presos alguns d'esses sediciosos fôram executa- « dos e entregues os seus corpos aos peixes: outros sal- « varam-se, em cujo numero se achava o referido Richier, « o qual pouco tempo depois serviu de ministro em Ro- « chella: onde penso que ainda está. Irritados os selva- « gens por semelhante tragedia pouco faltou para que não « se precipitassem sobre nós, matando aos que res- « tavam. » (20)

Para contrariar o libello do franciscano d'Angouleme servir-nos-hemos d'um documento de que já fizemos menção, isto é, da carta que Villegaignon escreveu á Calvino agradecendo-lhe o ter annuido aos votos que lhe exprimira na sua primeira missiva relativamente á urgente necessidade que sentia de novos cooperadores. Posto que a tenhamos unicamente lido na obra de Lery *(Historia d'uma Viagem á terra do Brasil, aliás França Antarctica)* reputamo-la authentica; por isso que diz-nos este escriptor que o original escripto em latim e com tincta do Brasil,

parava em mãos idoneas havendo já sido impressa uma sua traducção.

Justificando a escôlha que fizera da ilhóta de *Serigipe* para o primeiro nucleo da colonisação, afim, como já dissemos, d'observar entre os seus a mais restricta disciplina cortando-lhes toda a communicação com a terra, povoada por selvagens assim se exprime o chefe francez.

« Aconteceu contudo que alguns vinte seis dos nossos « mercenarios, estimulados pelos apetites sensuaes cons- « piraram para matar-me. No dia porém assignado para « a execução foi-me revelada a trama por um dos com- » plices na mesma occasião em que deligentemente pro- « curavam-me para cahirem sobre mim. Evitei o perigo « pela maneira seguinte: havendo feito armar á cinco « criados meus investimos contra elles, que possuidos de « terror e pasmo deixaram-se facilmente vencer. Prendi a « quatro dos principaes conspiradores, cujos nomes me « haviam sido revelados; occultando-se os outros depois « de terem deposto as armas. Mandei no dia seguinte sol- « tar á um para que podesse na maior liberdade pleitear « a sua causa; mas pondo-se á correr lançou-se no mar, « onde afogou-se. Os restantes sendo conduzidos á mi- « nha presença, amarrados como estavam, declararam o « que eu já sabia, da boca do complice e dilator: isto é, « que um d'elles havendo sido pouco antes castigado por « mim por entreter relações illicitas com uma mulher de « má vida captou por presentes o pai d'essa mulher para « que o livrasse do meu poder no caso d'obstinar-me eu « em interromper as ditas relações. Tal foi o primeiro « pensamento da revolta. Fi-lo enforcar e estrangular por « semelhante crime. Commutei á dois outros a pena de « morte na de prisão com trabalho: e quanto aos mais

« não quiz tomar conhecimento do seu delicto afim de que
« não fôsse obrigado á punil-os; o que importaria n'um
« grande desfalque d'operarios para as obras que tenho
« emprehendido. »

Em toda esta narrativa não se faz a menor menção d'intrigas e suggestões dos ministros calvinistas, que por fórma alguma poderiam ter concorrido para a supracitada sedição; por isso que não tinham ainda chegado ao paiz. Esta carta tem a data de 31 de Março de 1557; e sabemos que os companheiros de Du-Pont chegáram ao fórte Coligny á 10 do referido mez e anno, e os factos referidos por Villegaignon passaram-se nos primeiros tempos da sua chegada, como se deduz das suas proprias palavras. Si os emissarios de Calvino se tivessem manchado com tão negro crime por certo que Villegaignon não deixaria de fazer amarga queixa d'elles nessa carta dirigida á seu chefe, e não nos consta que depois d'essa revolta houvesse mais alguma no estabelecimento francez. É por tanto fóra de duvida que é inteiramente calumniosa a asserção de Thevet, e que o odio que nutria para com os sectarios da reforma foi o unico motor de tão cruel quão infundado juizo. Ora esse odio era tanto mais excessivo, quanto, como já deixamos entrever, o filho de S. Francisco parece que não possuiu sempre uma inabalavel convicção ácerca da superioridade da religião catholica sobre todos os cultos dissidentes, ou então, o que não lhe é menos deshonroso introduziu-se entre os protestantes de Villegaignon, para, á seu exemplo, atraiçoal-os e conspurcal-os com as suas falsidades e diatribes. O antagonismo religioso não deve por maneira alguma auctorisar a infracção das leis da verdade.

Prosigamos no exame da conducta de Villegaignon.

Com falsas apparencias de grande regosijo recebeu elle

os seus novos companheiros, e convocando a guarnição do fórte em uma pequena sala situada no meio da ilha, ouviu cheio de compuncção e prédica do ministro Richier, a primeira, observa Lery, que se fez n'America conforme o culto protestante. Mandou distribuir pelos recem-chegados rações de peixe assado ao modo dos selvagens, raizes cozidas debaixo da cinza e para saciarem a sêde foi-lhes dada a verde negra e salobra agua d'uma cisterna. Alojou-os em cabanas cobertas de palha destinando apenas um quarto para Du-Pont e os dois ministros Richier e Chartier. Tão desabrida recepção foi seguida d'acerbo trabalho a que condemnou os seus hospedes, empregando-os em carregar barro e pedra desd'o nascimento até o occaso do sol. Longe de soprar o espirito da revolta no animo dos colonos, descontentes por tão barbaro tratramento, aconselhava-os Richier que supportassem as privações com paciencia, e vissem em Villegaignon um novo S. Paulo. De facto ninguem melhor do que elle sabia representar o papel de zelador ardente do Evangelho e de fervoroso apostolo da reforma : seus discursos, transcriptos por Lery, são repassados d'uncção, e trazem-nos á memoria a linguagem biblica de Cromwell nas suas proclamações e ordens do dia.

Pensamos que a chegada da missão, que elle tão ardentemente pedira, causou-lhe grande contrariedade, ou por compôr-se de pessôas illustradas, que não deixariam de condemnar o despotismo que aqui exercia, dando-se d'elle conhecimento á França, ou porque visse em Du-Pont um ancião, cuja virtuosa conducta contrastava com a sua, ou finalmente porque já tivesse recebido do cardeal de Lorêna, seu occulto protector, ordem para levantar a mascara da hypocrisia.

N'uma época em que os debates religiosos estavam em

grande voga depois que Luthero proclamára o principio do *livre exame*, que fazia de cada fiel um juiz da sua crença, e interprete da palavra divina, não parecerá estranho que um official de marinha se ingerisse em questões theologicas e exercesse as funcções de pregador. Sustentou contra o ministro Chartier uma opinião diversa relativamente á *Cêa* (21); mas fingindo desejar ser melhor instruido sobre este ponto enviou-o á França para consultar os doutores, e muito principalmente a Calvino. Era este um meio habil para descartar-se pouco á pouco dos que lhe faziam sombra.

Sem se importar com a resposta dos quesitos que fizera para a Europa declarou o seu juizo como o unico infallivel e mudando da linguagem que até então tivera disse publicamente que reputava a Calvino como um herege, e inimigo de Deus. Semelhante apostasia não devêra surprehender á ninguem; pois que já uma vêz por motivos de méro interesse abjurára Villegaignon a religião de seus pais; e quem assim procede está sempre disposto a regular a sua consciencia por uma tarifa, mais, ou menos elevada.

Como que envergonhado de tal proceder tractou os seus antigos co-religionarios com o mais excessivo rigor. Exasperados os calvinistas dirigiram-se ao seu conductor (Du-Pont) e lhe supplicaram que alcançasse de Villegaignon a permissão para regressarem á seus lares. Du-Pont representou ao chefe da colonia que a sua nova abjuração tornando inutil o fim para que tinham vindo á America e não existindo aqui a liberdade de consciencia, que através de mil perigos, tinham vindo procurar, lhes fôsse ao menos concedida a licença que imploravam os seus companheiros de infortunio. Depois d'alguma hesitação annuiu Villegaignon ao pedido que lhe era feito, e os calvinistas, após oito mezes

dos mais rudes trabalhos no fórte Coligny, passáram ao continente, onde ainda, se demoráram dois, aguardando um navio que os transportasse á França.

Nutrindo negros projectos de vingança contra esses homens, que d'est'arte se subtrahiam ao seu jugo, dissimulou o seu odio e indignação parecendo approvar o seu designio dizia que assim como se regosijára com a sua vinda quando cria achar nelles o que procurava; assim folgava que regressassem uma vez que não podiam estar d'accordo. Entregou porém a Martin Beaudoin, capitão do navio *Jacques*, que os conduzia um cofre coberto com encerado, onde incluira o processo que lhes fizera, acompanhado d'uma precatoria ás authoridades do porto de França onde chegassem para que fizessem-nos queimar como revoltosos e hereges. A Providencia Divina porém que não podia concorrer para semelhante crime, fez com que aportassem á Blauet, na Bretanha, onde dominava o partido protestante, que lhe fez a mais cordial recepção.

Remettemos o leitor curioso para a interessante obra de Lery, verdadeira odysséa d'essa longa e perigosa navegação de quatro mezes e meio, em que elle e seus companheiros encaravam de perto á morte, já vendo o seu navio quasi despedaçado nos baixios, já experimentando as torturas da sêde e os horrores da fôme.

Quando o *Jacques*, que roçára nos rochedos submarinos fazia agua por todas as partes alguns viajantes preferiram os perigos de terra aos do mar, e desembarcando em um escaler voltáram aos dominios de Villegaignon. Bem depressa tiveram d'arrepender-se de semelhante resolução; pois que cahindo nas garras do irritado tigre pagavam alguns com a vida a sua audacia, fugindo outros para as

povoações portuguezas, onde, *para viverem*, tiveram d'abraçar o catholicismo.

Qual seria a causa d'essa mudança que tão subitamente se operára no animo de Villegaignon?

Abramos as paginas da Historia de França, e vejamos se nos póde ella dár a solução do enigma.

É geralmente sabido que pela exaltação ao throno d'Henrique II, os *Guises*, que no precedente reinado tinham sido privados de toda a influencia, se viram rehabilitados nas bôas graças do monarcha e partilhavam com os *Montmorencys* e *Chatillons* das primeiras posições officiaes. Entre as facções diversas que nessa época dividiam a França oscillava o espirito pouco energico do rei: e assim se explica como Gaspar de Chatillon, conde de Coligny, reunia em si os cargos d'almirante e coronel general d'infantaria, em quanto o duque de Guise, commandava o exercito, que repellia á Carlos V dos muros de Metz, e seu irmão Claudio, cardeal de Lorêna, tinha a suprema administração da fazenda publica, sendo incontestavelmente a primeira intelligencia do clero. Todas essas ambições rivaes, todos esses caractéres oppostos, não podiam viver em harmonia: uns procuravam supplantar aos outros no espirito do rei. Como era natural o almirante Coligny succumbiu na lucta; e uma intriga urdida pela duqueza de Valentinois (Diana de Poitiers) fez com que exfriassem as bôas relações entre Henrique II e seu virtuoso ministro.

Foi provavelmente nessa occasião que o cardeal de Lorêna escreveu a Villegaignon para que deixasse o seu disfarce porque nada mais podia esperar do almirante, e que se declarasse abertamente catholico; e este, á imitação de todos os renegados que querem, por excesso de zelo dar

penhores da sua fidelidade, commetteu os maiores attentados contra os sectarios de Calvino, attentados, que estamos intimamente convencido fôram desapprovados pelo esclarecido prelado, a quem procurava agradar: como no-lo prova a nenhuma estima de que gozou depois da sua volta á França, finalisando os seus dias, amargurados pelos remorsos, em uma pobre commenda da ordem de Malta, perto de Nemours.

Nicolão Durand de Villegaignon era um homem emprehendedor, bastante energico e illustrado: qualidades estas que o tornavam apto para a taréfa de que fôra incumbido. Sua desmedida ambição, insupportavel orgulho, perfidia de caracter e genio despotico, de que deu tantas mostras no pouco tempo que se demorou na nossa terra, occasionáram o malogro d'uma empreza, que tão bem fadada parecia. Concentrado, por natureza e pelas circumstancias locaes, deu-se com ardor ao estudo da lingua e dos custumes dos selvagens no meio dos quaes vivia, e compoz muitos opusculos e vocabularios, que julga o Sr. Ferdinand Dénis (22) terem servido de base aos trabalhos neste genero publicados por Thevet e Lery.

VI.

TOMADA DO FORTE COLIGNY.—ABANDONO DO RIO DE JANEIRO.

Emquanto se passavam na futura capital do Brasil os successos que acabamos de narrar expirava em Lisbôa (23) El-Rei D. João III, em cujo governo tocou Portugal ao zenith da gloria e do poder. Antes de deitar-se no marmoreo sepulchro de Belém para despertar na eternidade volveu para a nossa terra paternaes vistas escolhendo para

administral-a com o titulo de governador geral a Mem de Sá, desembargador da Casa da Supplicação, varão conspicuo pelas suas luzes e raras virtudes, que fazião-no digno irmão do grande poeta Francisco de Sá e Miranda, o illustre émulo de Camões. A escolha de um homem da lei, de um cultor das letras parecia indicar que a metropole occupava-se mais seriamente com a sorte dos seus vassallos d'America, e que queria terminar o regimen arbitrario que até então nella prevalecêra, accedendo ás representações da camara da Bahia que em 1556 pedia em nome de todo o povo que, pelas *chagas de Christo* mandasse com brevidade governador e ouvidor geral retirando os que estavão; pois que para penitencia de peccados já bastava tanto tempo. (24)

A discordia que reinava entre os francezes era ignorada pelos seus rivaes, que julgavam-nos enraizados no paiz, tanto pela sua favoravel posição topographica, como muito principalmente pelas sympathias que haviam sabido inspirar aos Tupinambás e Tamoyos, tribus guerreiras, que dominavam n'esta parte do Brasil, e já D. Duarte da Costa nos ultimos tempos do seu governo pedia reforço a Portugal para desaloja-los. O que porém julgamos que decidiu a côrte a tomar uma resolução energica a tal respeito fôram as solicitações dos Jesuitas, que de tudo tinham sido informados, e que, pela sua inimitavel politica, sabiam que um corpo de dez mil francezes, flamengos, e aventureiros de outras nações, estava prestes a partir para a França Antarctica em soccorro de Villegaignon, á quem tambem se attribuia o projecto de ir a Europa equipar uma esquadra, com que depois de ter feito grandes damnos ao commercio portuguez, aprisionando os galeões que voltavam da

India carregados de immensas riquezas, accommetteria as principaes povoações do littoral brasilico submettendo-as com facilidade, attento o estado de fraqueza em que se achavam. O temor de vêr cortado o commercio do Oriente e perdidas as praças mais importantes que possuia na recente colonia, além do sentimento que lhe causaria a propagação do protestantismo, que seria inevitavel com o triumpho de Villegaignon, que então era geralmente considerado como sectario da Reforma, influiram poderosamente no animo do politico e catholico Rei D. João III, que deu terminantes ordens para a expulsão dos francezes dos seus dominios ultra-marinos.

Apenas chegou á Bahia cuidou Mem de Sá de dar cumprimento á ordem regia; mas para uma empreza na qual a honra nacional se achava empenhada apenas lhe havia mandado a côrte tres máos navios de guerra, abandonando, com indesculpavel incuria o governador geral aos fracos recursos que lhe podiam ministrar os colonos.

Sobre o estado de penúria em que se achava a capital do Brasil interroguemos os chronistas e Rocha Pitta nos responderá:

« Estavam a cidade da Bahia e seu reconcavo faltos de « tudo o que era preciso para tanta empreza. Não haviam « navios, era pouca a gente, por se achar muita no em- « prego da conquista dos gentios, cuja guerra, posto que « porfiada era mui differente da que agora emprehendia « com a nação franceza, tão conhecidamente valerosa: « haviam poucos instrumentos proprios e precisos para as « expugnações. Os viveres e vitualhas não eram propor- « cionadas para a facção. » (25)

A' esta falta quasi que absoluta de meios necessarios

para conseguir a expulsão de poderosos inimigos suppriu o zêlo ardente e talento governativo de Mem de Sá, poderosamente auxiliado pelo bispo D. Pedro Leitão e pelos Jesuitas. Escolheu dentre as embarcações mercantes oito que lhe parecêram mais capazes fazendo nellas embarcar diminuto numero de soldados, alguns voluntarios, petrechos bellicos e mantimentos. Com tão pequenas forças deixou a Bahia á 16 de Janeiro de 1560 e visitando as capitanias dos Ilhéos, Porto-Seguro e Espirito-Sancto, recebendo por toda a parte o contingente que os moradores lhe podiam fornecer, surgiu no Rio de Janeiro á 21 de Fevereiro d'esse mesmo anno.

Tinha-se assentado em conselho atacar de sorpresa o forte Coligny; mas havendo sido presentida a esquadrilha pelas sentinellas inimigas força foi prepararem-se para uma renhida peleja, sendo obrigados a fundear fóra da barra. Os francezes abandonáram seus navios chamando as tripulações para dentro da praça, que tambem defendiam oitocentos frecheiros Tamoyos.

Conheceu o governador geral que lhe seria impossivel expugnar a fortaleza sem novos soccorros de gente e de munições, e para isso expediu á S. Vicente o padre Manoel da Nobrega, que o acompanhára, sendo sempre o seu mais leal conselheiro. Nobrega, que já estivéra em S. Vicente onde possuia immensas sympathias, quer pelos seus esforços, quer pelos do irmão José d'Anchieta, que os trabalhos da cathechese retinham naquella capitania, poude conseguir em poucos dias o preparar uma expedição composta de um bergantim artilhado e de muitas canôas tripuladas por soldados, voluntarios, mamelucos e indigenas conhecedores da costa, guiados por dois

Religiosos da Companhia os padres Fernão Luiz e Gaspar Lourenço.

Animados os portuguezes com os auxilios que acabavam de receber resolvèram proseguir no malogrado ataque do forte Coligny. Forçáram a barra, apezar da tenaz resistencia dos francezes que lh'a queriam tolher, e fazendo entrar os navios e canôas tentáram um desembarque na praia fronteira da ilha. Esta porém se achava fortificada de modo á faze-la enexpugnavel si ás obras d'arte se tivessem junctado o enthusiasmo guerreiro dos defensores, estimulados por um chefe habil gosando de suas affeições. Nos dois extremos da ilha haviam, como já fica dito, dois oiteiros cobertos de bastiões, no meio um rochedo de cincoenta á sessenta pés, onde se via a casa do governador abrigada por ameias, seteiras e torrinhas (26); fortes muralhas e profundas trincheiras tornávam difficil senão impraticavel o seu accesso. Seria uma nova Diu si nella commandasse algum D. João de Mascarenhas: mas o seu chefe e fundador a havia desamparado partindo para a Europa, oito ou nove mezes antes, com o fim real ou supposto, de agenciar reforços. Não cabe á historia o avaliar das intenções de quem quer que seja; o sanctuario d'alma fica impenetravel aos olhos dos homens; só Deus póde nelle encontrar motivos para galardão, ou castigo. A dobrez porém do caracter de Villegaignon nos faz suspeitar que havendo perdido as esperanças de constituir-se um grande senhor feudal, e quiçá soberano independente nas longiquas terras da America, e vendo falharem as promessas que lhe haviam sido feitas resolvesse partir para a França annunciando aos seus companheiros que que hia buscar soccorros para realisar gigantescos planos. D'ahi certa-

mente proviéram os boatos á que acima alludimos, e de que os Jesuitas fizéram sciente á El-rei D. João III. (27)

Desanimados pela ausencia do chefe e pela incerteza que pairava sobre o futuro do seu estabelecimento maravilha-nos a coragem que ostentáram os francezes na defesa das suas fortificações. Havendo-lhes intimado Mem de Sá que deixassem a terra, pois pertencia esta a el-rei de Portugal, responderam-lhe altivamente os da praça; preenchidas assim as formalidades exigidas pelos estylos da guerra rompêram as hostilidades,

Desembarcáram os portuguezes na ilha n'uma sexta feira 15 de Março e durante dois dias e duas noites houve entre estes e os sitiados vivissimo fogo. A resistencia dos da praça arrancou a admiração do governador geral que assim se exprime na sua participação official: « *Porque supposto que vy muito e ly menos a my parece que senão viu outra fortaleza tam fórte no mundo*: » tentando um derradeiro esforço, porque sua coragem já começava a fraquear « cançados da demasia do trabalho e de combate tão vigoroso, diz S. de Vasconcellos na *vida d'Anchieta*, em que erão já mortos muitos e bons soldados e estavam feridos muitos mais » escaláram os portuguezes as muralhas pelo lado do arsenal e apoderáram-se á viva força do *monte das palmeiras*, que era considerado como a sua cidadélla d'onde fazendo mortifero fogo obrigáram os inimigos á evacuarem a ilha procuraudo salvar as vidas nas canôas nas quaes passáram ao continente.

Segundo o testemunho do proprio Mem de Sá o numero dos francezes què capitulâram era de setenta e quatro além de alguns escravos; á cujo numero se junctáram os que andavam em terra bem como a tripulação de uma náo

[illegible] pela galéra *Ezaura*. Os gentios eram [illegible] *espingardeiros*, diz o governador-ge- [illegible]. Os assaltantes não passavam de [illegible] entre portuguezes e indigenas.

[illegible] apressáram-se os portuguezes em ren- [illegible] pelo seu assignalado triumpho celebrando [illegible] os dois Jesuitas que tinham guiado os [illegible].

[illegible] momentos de enthusiasmo e de agradeci- [illegible] Poderoso pela victoria que havia obtido [illegible] governador geral ser tempo de tambem attende- [illegible] razões politicas de presidiar, ou arrasar o fórte, [illegible] para semelhante fim um conselho dos princi- [illegible]. Opináram alguns pela necessidade de deixar [illegible] guarnição na conquistada ilha afim de impedir a [illegible] francezes, que não deixariam de frequentar a [illegible], onde por quatro annos haviam permanecido. A razão [illegible] de não ser conveniente dividir as forças de que se [illegible] mister, não só para submetter os gentios, como para [illegible] qualquer invasão estranha prevaleceu. Nesta con- [illegible] ordenou Mem de Sá que fosse totalmente arra- [illegible] o fórte Coligny e recolhidos aos navios portuguezes a [illegible] e grande quantidade de despojos do inimigo.

Feitos todos os preparativos de viagem deixou o gover- nador geral o nosso porto desembarcando á 31 de Março em S. Vicente, onde a nova dos brilhantes successos ope- rados no Rio de Janeiro e da completa derrota dos france- zes foi recebida com grande alvoroço dos moradores, e mui principalmente por Nobrega e Anchieta, que tanto tinham contribuido para o bom resultado da arriscada empreza.

VII.

ATAQUE D'URUÇUMIRIM—MORTE D'ESTACIO DE SÁ.

Como muito bem previra Mem de Sá (28) não tardáram os francezes em voltarem ao Rio de Janeiro onde contavam com a alliança dos naturaes e achando-o completamente abandonado pelos portuguezes escolhêram melhores posições fortificando as aldeias d'*Uruçumirim* e *Paranapucuhy;* (29) d'estas aldeias a primeira estava no continente, situada juncto á foz do ribeiro *Carioca* (30), que como diz Gabriel Soares no *Roteiro do Brasil*, ficava na extremidade da enseada de *Francisco Velho (Botafogo)* no lugar hoje denominado praia do *Flamengo* devendo o seu nome *d'Uruçumirim*, segundo affirma o nosso illustrado collega e amigo o Sr. Norberto, a um chefe indio que alli commandava. A segunda *(Paranapucuhy)* achava-se n'uma grande ilha, hoje conhecida pela do *Governador* por ter pertencido a Salvador Corrêa primo e successor de Estacio de Sá (31).

No espaço de vinte annos em que o metropole deixou em olvido o Rio de Janeiro reparáram os francezes as suas perdas e bem que pareça não haverem intentado a fundação de novas colonias continuáram a entreter relações d'amizade e commercio com os Tamoyos, a dirigil-os em suas guerras, n'uma palavra a exercer sobre elles uma especie de protectorado funesto em todos os sentidos ao dominio portuguez. As duas famosas aldeias, que acima mencionamos não eram governadas pelos francezes e sim por chefes indigenas; mas defendiam-nas as bonbardas e arcabuzes sendo a tatica militar dos povos cultos empregada em sustentar a barbaria contra a civilisação. Tudo parece indicar que nessa época os francezes já não preten-

diam, como no tempo de Villegaignon, fundar um estabelecimento dependente da metropole e que servisse de núcleo a futuras colonias da sua nação, mas unicamente prolongar o *statu quo* com que tanto lucrávam, oppondo-se com todas as suas fôrças a que os portuguezes, ou qualquer outro povo, conquistassem o paiz.

Fieis á esse programma vemo-los exacerbar o odio que os tamoyos nutriam contra os successores de Cabral pondo em perigo as suas recentes povoações. S. Vicente e Piratininga fôram ameaçadas de total exterminio; e sem os heroicos esforços de Nobrega e Anchieta que na conferencia d'*Iperohy* presidida pelo prudente *Pindobuçú*, e a que assistiram ós principaes chefes da confederação tamoya, celebráram esse famoso armisticio que fez por um momento suppôr que a paz se hia restabelecer entre os antigos e os novos senhores do Brasil. O antagonismo porém das duas raças era manifesto e profundo; de modo que não podemos ao certo affirmar si fôram os portuguezes, ou os tamoyos, que primeiro violáram o tratado.

A noticia que os formidaveis filhos das florestas tropicaes haviam jurado pela boca dos seus *pagés* cessarem d'hostilisar aos neo-lusitanos causou excessiva alegria por todo o Brasil, alegria esta de que participou a propria côrte de Lisbôa. A senhora D. Catharina, irman do imperador Carlos V, que governava Portugal na menoridade de seu neto D. Sebastião, entendeu que offerecia-se azada occasião para povoar o Rio de Janeiro, privando d'est'arte os francezes d'uma favoravel localidade d'onde tinham em constantes sustos os seus vassallos d'além-mar.

Com o tino governativo, que tanto caracterisava a viuva de D. João III, e ajudada pelos conselhos de D. Aleixo de

Menezes, não foi difficil a escolha do homem que devêra ser incumbido de tão nobre taréfa. A illustre familia dos Sás, offerecia á corôa servidores de provado zelo e dedicação; assim pois Estacio de Sá, já conhecido pelos seus gloriosos precedentes, recebeu ordem de partir para a Bahia com dois galeões, carregados com toda sorte de petrechos de guerra, e alli receber as instrucções do governador-geral para o bom exito da sua commissão.

Chegando á antiga capital do Brasil no principio do anno de 1564 entregou a seu nobre tio as cartas da rainha-regente nas quaes depois de elogial-o pelos relevantes serviços que prestára ao Estado com a tomada do fórte Coligny e a expulsão dos francezes, recommendava-lhe que aproveitando-se do feliz ensejo do *armisticio d'Iperohy* tratasse de povoar o Rio de Janeiro desligando para sempre os tamoyos dos seus antigos e temiveis alliados. Deu-se pressa o zeloso Mem de Sá de executar as ordens de sua soberana, e pondo á disposição de seu valente sobrinho as poucas forças coloniaes, prescreveu-lhe que se dirigisse ao nosso porto, fazendo escala por alguns outros da costa, onde podesse receber novos auxilios.

Obedecendo a estas instrucções aportou Estacio de Sá ao Espirito Santo, onde pelos esforços do ouvidor Braz Fragoso, poude alcançar a amizade do prestimoso Ararigboia chefe dos esforçados tupiminós, encarniçados inimigos dos tamoyos. « Cheio d'enthusiasmo, diz o Sr. Norberto, « anhelando o feliz exito de tamanha empresa não limitou « Ararigboia o seu soccorro em acompanha-lo com gente « de peleja que escolheu entre os seus mais bravos guer- « reiros; porém administrou tambem armas para os indios « e os favoreceu com abastança de mantimentos. » (32)

Determinava o regimento da frota que demandasse esta o Rio de Janeiro com apparato bellico attrahindo os francezes para uma batalha naval fóra da barra, *fazendo sempre por conservar as pazes com os indios tamoyos;* não poude porém o capitão-mór dar cumprimento á esta clausula; por isso que aqui chegando no mez de Fevereiro soube que os indigenas haviam rompido o armisticio, e d'isso teve evidentes provas com a morte de quatro marinheiros pertencentes a um batel, que procurando fazer aguada em uma ribeira fôra acommettido por sete canôas d'indios armados.

A vinda dos portuguezes era de ha muito esperada: todas as praias estavam guarnecidas d'impavidos guerreiros vestidos de pennas de *guarás* e *tucanos* brandindo terriveis *tocápes*, ornadas as frontes desses lindos *cocares*, que quaes os turbantes dos sectarios do *Koran*, tão marcial aspecto lhes dava e a quem chamava dos cerros das quebradas e dos outeiros

« A terrivel *inubia* que assignala
« A hora da investida e retirada » (33)

A prudencia aconselhou ao capitão-mór que com tão debeis forças não arriscasse a arrojada empresa; assim pois desfraldou as vélas para S. Vicente, onde contava com a nunca desmentida fidelidade dos seus habitantes.

No porto de Santos, onde em breves dias entrou a esquadra soube com grande regosijo que os tamoyos de Piratininga ainda se conservavam addictos ao convenio d'Iperohy, e que o fiel *Cunhambeba* continha em respeito os inquietos tupís. Ainda esta vez Nobrega e Anchieta empregam o prestigio que as suas sobre-humanas virtudes

lhes haviam grangeado e da exhausta capitania surgem novas forças. Com os soccorros ahi recebidos elevou-se a expedição a seis navios de guerra, alguns barcos ligeiros e nove canôas de mistiços e indios.

Ordenára o provincial dos jesuitas no Brasil (34) ao Padre Gonçalo d'Oliveira e ao irmão José d'Anchieta que s'embarcassem nessa frota para animarem os indios em cujo espirito suas palavras exerciam incontestavel influxo.

No dia 20 de Janeiro de 1566, memoravel nos fastos da igreja pelo martyrio de S. Sebastião, partiu Estacio de Sá do porto de *Berriquióca* (35) com destino á capitania do Espirito Santo, d'onde demorando-se o tempo unicamente necessario para receber nova provisão de gente e de mantimentos, aproou para o Rio de Janeiro e á 20 de Março avistou o Pão d'Assucar. (36)

Juncto á esse natural monolitho, quiçá testemunha das primeiras revoluções geologicas do globo, desembarcou o capitão-mór não sem grande resistencia da parte dos francezes e tamoyos. Escolhido este sitio para seu acompanhamento fortifica-o com fossos e trincheiras, desembarca a artilheria dos galeões e prepara-se para sustentar renhida lucta que deve ser coroada pela mais brilhante victoria.

Ácerca da posição topographica do campo portuguez, que serviu de berço á nossa hoje opulenta capital, não estão de accordo os historiadores: querendo uns, como Pizarro, que fosse junto á moderna fortaleza de S. João, e outros, como Balthazar da Silva Lisbôa, na *varzea vizinha*. Pensa o Sr. Varnhagen, e julgamos que com todo o fundamento, que póde ser elle assignado no lugar actualmente chamado *Praia-Vermelha*, onde se ergue o monu-

mental hospicio, á que um piedoso monarcha deu o seu nome. Ao testemunho, sempre valioso do nosso illustrado e laborioso consocio, podemos juntar, o não menos importante, do inspirado contar dos tamoyos.

« Junto do alto penedo Pão-d'Assucar
« Balisa natural do immenso golpho,
« Já o capitao-mór entrincheirado
« De fórte praça os bastiões erguia
« Na praia que Vermelha hoje chammos (37)

Pouparemos aos leitores a fastidiosa narrativa dos pequenos combates, verdadeiras escaramuças, sem resultado algum definitivo, que tiveram lugar por espaço de dez mezes entre os tamoyos, capitaneados pelos francezes, e os portuguezes, ao mando de Estacio de Sá. Entre esses conflictos avultam a tomada d'uma náo franceza tripulada por cento e dez homens *que se diziam catholicos*, na phrase d'Anchieta, e aos quaes permittiu o capitão-mór o seu regresso á Europa; bem como o famoso combate de sete canôas portuguezas contra sessenta e quatro indigenas em que a victoria se declarou pelas primeiras, graças, dizem os chronistas, á ostensiva intervenção do glorioso martyr sob cujo patrocinio pelejavam os luzitanos. Essas apparições de santos no meio das batalhas estava muito no gosto dos nossos antepassados, que tambem attribuiam a victoria d'Aljubarrota á miraculosa presença de S. Jorge. Longe de desenganar o povo, chamando-o a um christianismo illustrado, o clero d'essa época introdusia em suas chronicas fabulosas lendas, favorecendo d'est'arte o fanatismo, tão fatal á verdadeira religião como á impiedade. Não transcreveremos tão pouco as fallas e proclamações do

commandante portuguez porque nenhuma fé nos merecem semelhantes documentos, cuja falta d'authenticidade reconhece-se ao primeiro exame, não necessitando grande perspicacia para descobrir-se em todas ellas a penna do padre S. de Vasconcellos, chronista da companhia de Jesus.

Para mostrar aos seus o firme proposito que havia formado de não abandonar o Rio de Janeiro, como já uma vèz imprudentemente se fizéra, ordenou ao capitão-mór a partida dos navios, que haviam transportado a expedição.

Fallando a tal respeito assim se exprime um illustre historiador contemporaneo:

« Já então tinham os nossos um baluarte de taipa e « alguns ranchos e casas cobertas, e feitas em redor da « cerca muitas roças e plantado legumes e inhames; e o « capitão-mór para prender melhor os seus á terra, e ti- « rar-lhes do pensamento a possibilidade da retirada, « despediu todos os navios. Sem os incendiar, como Aga- « tocles em Africa, sem os encalhar, como praticára alguns « annos antes Cortez no Mexico, conseguio resultados « identicos. » (38)

Apezar da heroica tenacidade do chefe portuguez, apezar dos conselhos, das exhortações e até das prophecias dos Jesuitas, a coragem dos soldados começava a fraquear e os indios davam evidentes indicios de quererem regressar ás suas *tabas*. Critica era por certo a posição d'Estacio de Sá.

N'esta conjunctura uma circumstancia, em si de pouco valor para o futuro da colonia, veio apressar o desfeicho da crise. José d'Anchieta, que como já vimos, era simples *irmão coadjuctor*, foi chamado á Bahia pelo segundo bispo do Brasil, D. Pedro Leitão, que houvera sido seu compa-

nheiro na universidade de Coimbra, para completar a sua ordenação recebendo ordens sacras inclusivé o presbyterado. Gozava este santo varão de grande estima em todo o Brasil; assim pois fôram ouvidos com grande acatamento os seus conselhos ácerca da urgente necessidade de prestarem-se soccorros ao capitão-mór do Rio de Janeiro. O governador, o bispo, e o padre Ignacio d'Azevedo, que acabava de chegar com a patente de visitador geral dos jesuitas, tomáram a peito de seguirem o nobre impulso que lhes dava o joven levita, a quem a posteridade agradecida devêra denominar um dia — *Apostolo do Novo Mundo*.

Pondo de parte outros negocios, que exigiam a sua presença na capital do Estado, os tres protogonistas d'este drama resolvêram invidar todas as suas forças para que grandes e promptos auxilios fôssem por elles levados ao Rio de Janeiro. (39)

Sahindo da Bahia em Novembro de 1566 com destino á capitania dos Ilhéos, onde o governador-geral puniu com severidade a revolta dos Aymorés, assegurando assim a tranquilidade das vizinhas povoações durante a sua ausencia, deixou essa capitania no primeiro de Janeiro de 1567 vindo surgir defronte da nossa barra a 18 do mesmo mez e anno, ante-vespera de S. Sebastião, que tão estreitamente se acha ligado com a historia da nossa cidade, que ainda n'um século de geral descrença se ufana de contal-o por padroeiro.

Animado Estacio de Sá com o inesperado soccorro, que tão opportunamente lhe trazia seu preclaro tio, foi de parecer que se atacassem as aldeias fortificadas no proprio dia do martyr, opinião esta que prevaleceu no conselho, adrede convocado pelo governador-geral, incumbindo-se o capitão-mór de dirigir o combate.

Deixando-se apenas um dia para refocillar as alquebradas forças dos lassos combatentes foi tudo disposto para que o sol de 20 de Janeiro allumiasse a victoria, ou a completa derrota dos portuguezes.

O clangor das trombetas e o rufar dos tambores annunciou logo ao despontar d'aurora um dia de peleja; mas nessa era o soldado catholico não se batia com denodo se não contasse com o auxilio do céo, si genuflexo ante os altares onde se celebrava o eucharistico mysterio, não offerecesse a sua vida em holocausto ao seu Deus, que descia ao sanctuario de sua alma, purificada pelo sacramento da penitencia. Assim, depois de ouvirem missa, commungarem e receberem abençam apostolica, que lhes lançou o bispo D. Pedro Leitão, accommettèram os portuguezes e os seus alliados a aldeia *d'Uruçumirim* principal acampamento dos inimigos.

Dirigiu o capitão-mór uma energica falla aos seus soldados lembrando-lhes a victoria em nome do sancto padroeiro. Encarniçada foi a peleja; os tamoyos e francezes oppuzeram obstinada resistencia aos esforços dos guerreiros d'Estacio de Sá; o pelouro cruzava-se nos ares com a ervada seta e a espada encontrava-se com a *tacape*. Era uma scena de horror e confusão; uma guerra de cannibaes, Os tupiminós cevavam o seu implacavel odio secular vingança no sangue dos tamoyos; vendo igualmente os portuguezes nos filhos da bellicosa Gallia outros tantos hereges, cujas vidas não lhes era permittido poupar. Assim ás crueldades inherentes a todas as guerras—junctava-se ainda o implacavel furor das contendas religiosas. O delirio do combate os tinha cegado; sua alma se feichára a todos os sentimentos nobres e generosos; uma só ideia sobre elles predominava-a de arrazar as aldeias contrarias

exterminando os seus defensores.—O chronista da Companhia diz-nos com placida indifferença que *nem um só tamoyo escapou com vida, e dos francezes cinco, que cahiram nas mãos dos portuguezes, fôram pendurados em um pau para escarmento dos outros!* (40) O que respeitou o arcabuz e a bombarda completou o incendio, que devorou em poucas horas as pobres cabanas dos filhos das palmeiras. Apenas perdêram os assaltantes doze homens (o que demonstra a superioridade de suas armas) contando entre os mortos o capitão de Porto-Seguro Gaspar Barbosa, assaz notavel pelos seus importantes serviços, e entre os feridos á Estacio de Sá. (41)

Era conveniente aproveitar o bellicoso ardor da soldadesca; resolveu-se portanto atacar immediatamente a ilha do *Governador* chamada então *Paranapucuhy*, onde o inimigo possuia um fortissimo reducto, rodeado de cercas duplicadas que o tornavam quasi inexpugnavel. Para ahi foi pois transportada a artilheria, cujo horrisono estampido repercurtido pelos échos da bahia misturava-se com a confusa grita dos selvagens e os rôcos sons dos seus *borés*. Esse dia devêra ser fatal aos adoradores de *Tupan*: tivéram de ceder á fortuna de seus contrarios, e abandonando suas aldeias, que o fôgo consummia, fôram buscar nas regiões ainda desconhecidas temporario asylo, d'onde tambem devêra expelli-los a desenfreada cobiça dos colonisadores. Os epenicios da victoria e os canticos de jubilo fôram interrompidos para dar lugar ao luto e ás lagrimas: o heroico Estacio de Sá acabava de expirar, victima do occulto veneno, que lhe trouxéra a seta do dextro tamoyo, ou quiçá da impericia dos Esculapios da época.

Foi o seu corpo depositado na capella da Villa-Velha no meio da geral consternação sendo mais tarde (em 1583)

trasladados os seus ossos para a igreja de S. Sebastião do Castello, onde aguardam que a gratidão nacional lhes erga um digno monumento, que legue á posteridade a plastica lembrança do primeiro capitão-mór do Rio de Janeiro a quem devemos o estabelecimento do dominio luzitano nestas paragens. Oxalá que em breve sôe a hora da reparação e que não possa um bardo fluminense dizer um dia d'Estacio de Sá o que com toda a razão disse Garret ácerca do grande epico luzitano, (42)

VIII.

FUNDAÇÃO DA CIDADE DE S. SEBASTIÃO. — EXPULSÃO DOS FRANCEZES.

Já vimos que Estacio de Sá desembarcando juncto ao Pão de Assucar déra começo a uma povoação, que depois denominou-se *Villa-Velha*, sob o patrocinio de S. Sebastião, em honra do desventurado principe, que então occupava o solio affonsino. Francisco Dias Pinto, nomeado alcaide-mór da futura cidade por provisão de 10 de Dezembro de 1565, empossou á 13 de Septembro do ando seguinte ao referido capitão-mór, como resavam as suas instrucções, com todas as formalidades então usadas e de que faz expressa mensão o Author dos *Annaes do Rio de Janeiro*. Essa primitiva povoação consistia apenas em algumas cabanas edificadas em torno da fortaleza, uma das quaes servia de capella, onde se celebravam os officios divinos, e onde, como dissemos, fôra sepultado o primeiro capitão-mór. Tudo tinha ainda o caracter provisorio: dependia tudo do exito da guerra.

Havendo pago á naturesa o tributo de dôr que lhe causára a prematura mórte do seu valente sobrinho cuidou

Mem de Sá de dar estabilidade á nascente colonia. Não lhe parecendo porém proprio o sitio onde fôra ella assentada deliberou muda-la para um lugar mais visinho ao ancoradouro dos navios, e que apenas distava do primeiro uma legoa.

O local eleito para n'elle lançarem-se os alicerces da actual metropole do Brasil foi no angulo em que vemos hoje o *Hospital da Misericordia* a que presidiava o fórte de S. Thiago (43). Para a defesa da barra construiram-se do lado do *Pão d'Assucar* as fortalezas de S. Diogo e S. Theodosio (44) e fronteira á elle a de Nossa Senhora da Guia (45) no mesmo lugar onde Villegaignon levantára algumas ligeiras fortificações. Na montanha que ficava á cavalleiro *(o castello)* erguêram-se *o forte de S. Januario*, a matriz, (46) as casas da camara e do governador, assignando-se ahi o competente terreno para a edificação do collegio dos padres da Companhia, cuja doação foi aceita em nome da ordem pelo visitador geral, padre Ignacio de Azevedo.

Tinha pressa Mem de Sá de tornar á Bahia, onde sua presença era reclamada pelos interesses do Estado, portanto demorando-se aqui sómente dois mezes deixou o nosso porto havendo confiado a administração da conquista a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, que assaz se distinguira durante a guerra,

E' pois á este governador que deve a nossa cidade a realisação do plano concebido pelo illustre Mem de Sá. Foi em seu tempo que começáram a alçarem-se as casas feitas de pedra e cal em substituição das humildes choças, que o machado e o fôgo derribáram os robles seculares para darem lugar ás ruas e ás praças, e que sobre a chlamide virginal da natureza veio a civilisação plantar seu throno. (47)

Os indios alliados e os catechumenos dos jesuitas eram os operarios com que então se contava; porque nessa era a escravidão africana, abuso clamoroso da força constituido em direito, não polluia a terra de Santa Cruz.

O cégo empyrismo presidiu á edificação da nossa capital; e n'um clima abrasador, debaixo dos raios dardejantes do Capricornio, fôram as habitações construidas pelo medelo das que existião *no reino*. O ferro iconoclasta do colono não deixou nas praças uma só arvore que abrigasse o caminhante dos ardores do sol, e a agua, cuja abundancia torna-se indispensavel nos paizes calidos, era escassa e dada á gotas, á sequiosa população, antes que fôsse conduzida sobre seu magestoso arco triumphal.

« Infelizmente aqui, diz o Sr. Varnhagen, como já succe-
« dêra na Bahia e nas demais povoações adoptou-se com
« servilismo o systema de construcção de Portugal e nem
« da Asia, nem dos modelos da architectura civil na Pe-
« ninsula, isto é do uso dos numerosos pateos com repuchos
« e dos eirados, ou açotéas, houve quem se lembrasse,
« como mais aproposito para o nosso clima. Para certas
« viaticas tudo depende do principio. » (48)

Logo que a terra começou a ser cultivada recompensou ella com explendida liberalidade o trabalho do lavrador, e as abundantes colheitas trouxeram ao seu casal a satisfação intima, que resulta ao pai de familia quando vê em torno de si contentes os sêres que lhe são caros, e que se prendem á sua existencia, como os liames os annoso tronco.

A brilhante victoria dos portuguezes levára o desanimo ao espirito dos tamoyos; julgáram ter ouvido em seus *maracás* a tetrica vóz *d'Anhangá;* e fatalistas, como quasi todos os povos barbaros, resignáram-se á sua sórte com stoica resignação, promettendo aos conquistadores não perturbar

jámais seu socêgo. Debalde procuráram os francezes despertar-lhes os brios; fôram insensiveis ás suas exhortações, e cahíram nesse estado de marasmo, de lethargia moral, visinho á morte:

Consanguineus leti sopor como diz Virgilio. (49)

Apezar de semelhante disposição e receiando que o seu despertar seria, qual o do tigre, mandou Salvador Corrêa romper as matas para facilitarem-se as communicações e tirar aos inimigos os meios de fazerem ciladas, e, para mór segurança, circumvallou a cidade de muralhas. (50)

Não eram infundados os temôres do governador; porque os francezes que poderam escapar com vida, vendo que os tamoyos do Rio de Janeiro recusavam prestarem-se á sua vingança, retiráram-se para Cabo-Frio, aguardando a chegada de navios da sua nação com que podessem de novo tentar a sorte, estreitando no entanto as suas relações com os naturaes do paiz.

O dia da vingança, tão ardentemente desejado, não se fez por muito tempo esperar; e a colonia ha pouco fundada teria certamente sucumbido sem a dedicação. e a nobre conducta do valente Ararigboia, de quem já fallamos, mais conhecido pelo seu nome christão de Martin Affonso de Souza.

Recebêra este chefe dos tupiminós do politico Mem de Sá, terrênos proprios para o estabelecimento da sua tribu na plaga opposta á nova cidade para que lhe servisse como que de baluarte, e no alto da montanha, onde os jesuitas Gonçalo d'Oliveira e Balthazar Alvares erigiram uma capella dedicada ao martyr S. Lourenço, se desseminâram as pictorescas cabanas dos indigenas, collocadas como d'atalaia para correrem ao primeiro signal em defesa dos colonos.

« Collocada (diz o seu eloquente historiographo) n'um

« como regaço da montanha dir-se-hia que ella se assen-
« tára á margem da enseada de Maruhy fechada como um
« lago em cujas praias contornadas de montes expiram as
« ondas placidas e brandas sem arruido, para tomar sobre
« os seus joêlhos essa joia religiosa, que um povo pagão
« votára ao Senhor, ao abraçar a sua religião, e que altiva
« reclinára a sua fronte, cingida do cocar, formado por um
« grupo de coqueiros; . . . mas hoje descalvada e ainda as-
« sim tão bella, se destaca n'um horisonte diaphano e puro,
« sem uma nodoa, cujo azul de saphiras contrasta com o
« verde d'esmeralda da gramma de que está escamada, e o
« sol ao surgir parece que por momentos lhe empresta
« seus raios para cingil-a d'uma aurêola radiante, e ao do-
« brar-se no horisonte do accidente ainda seus raios mor-
« bidos e bellos vem colorir os vidros das janellas de seu
« rustico templo. » (51)

O chefe Guaixará, que havia sido derrotado por Ara-rigboia no celebre *combate das canôas*, de que já fizemos menção, aproveitando-se da opportuna chegada de quatro náos francezas foi atacar a aldêa de S. Lourenço, onde se achava o seu temivel adversario. Sendo porém avisado a tempo Salvador Corrêa mandou pedir reforços á S. Vicente e dispôz tudo para impedir á aggressão dos invasores.

N'uma bella tarde quando o sol no occaso annunciava a approximação d'uma d'essas esplendidas noites tropicaes, em que o Céo tachonado d'estrellas se espelha nas tranquillas aguas da formosa Nictheroy, devisou-se á entrada da barra uma esqnadra composta de quatro náos, oito lanchas, e um infinito numero de canôas. Alvoroçada a pequena guarnição da cidade corre a seus postos; rufam as caixas e tocam os sinos a rebate; de todas as partes precipitam-se os ho-

mens ás trincheiras, e as mulheres ás igrejas. Do alto de sua montanha descobre Ararigboia o perigo que ameaça os seus alliados e tomando o conselho dos padres Gonçalo d'Oliveira e Balthazar Alvares resolve esperar pelos inimigos em seu acampamento, defendido por novos fojos, estacadas e trincheiras. Ahi recebeu elle o soccorro de trinta e cinco portuguezes, expedidos pelo governador, e ao mando do capitão Duarte Martins Mourão, o que muito estimou, por isso que já podia contar com guerreiros europeos que oppuzessem aos francezes armas iguaes.

Havendo fortificado a sua aldeia, abrigando-a de qualquer surpresa, que por ventura contra ella tentassem os inimigos, foi no meio das trévas da noite offerecer-lhes batalha, que teve lugar no sitio onde hoje se ostenta a risonha Nictheroy, e não na *Bica dos Marinheiros*, como por engano affirma o Sr. Varnhagen. (52)

Peçamos a um collega nosso a descripção d'este heroico feito d'armas; oiçamos suas palavras, dictadas pelo mais ardente patriotismo, e selladas com o cunho da verdade:

« Despertam os tamoyos ao brado de guerra; entre o « horror da escuridão da noite trava-se combate horrivel, « mortifero; o estrondo das armas o grito dos combaten- « tes augmentam ainda mais a confusão; o inimigo sem « ordem, envolto em si mesmo, volta as armas contra o « seu proprio seio como uma serpente que se dilacera « com seus dentes, não vendo o damno que causa; e de « parte a parte o valor desputa a victoria matando, ferin- « do; já juncando as praias de cadaveres, já tingindo as « areias de sangue; e de parte a parte avançam, atropel- « lam-se e a confusão que reinava ha muito entre os ta- « moyos, acaba por obriga-los a procurarem na fuga a

« salvação de suas vidas: lá protegidos das trévas ganham
« as canôas e conseguem se afastar das praias, que deixam
« ao triumpho das armas d'Ararigboia. » (53)

As náos francezes não podendo por causa da vasante da maré, que as conservava encalhadas e adornadas, usar da sua artilharia, soffrêram vivissimo fogo de terra que lhes fazia *um falcão* e aproveitando-se do terral da manhan sahiram pela barra fóra com direcção a Cabo-Frio. Para completar a sua victoria entendeu o governador que seria conveniente perseguí-los e apresiona-los no porto em que se haviam recolhido. Quando porém ahi chegou só estava ancorado um galeão, que tomou depois de porfiada lucta, trazendo-o triumphalmente para o Rio de Janeiro.

Não estava porém segura a nossa cidade de novas e repetidas invasões enquanto não fossem completamente arrazados os estabelecimentos que os francezes possuiam em Cabo-frio: o que só teve lugar no tempo de Constantino Menelão.

Avisado Salvador Correia pelo governador-geral do Brasil, Gaspar de Sousa, que náos inglezas estacionavam n'aquellas paragens, onde os tamoyos proseguiam em seu systema de favorecer os seus corsarios e d'impedir a fundação de colonias portuguezas, assentou fortificar Cabo-Frio lançando alli os alicerces d'uma povoação.

Auxiliado por uma força de quatrocentos indios de Sepetiba e dos portuguezes, que espontaneamente o quizeram accompanhar, visitou Menelão com a sua esquadrilha toda a costa, e fundou o forte de S. Ignacio no lugar que os francezes haviam escolhido de preferencia para o theatro de suas operações.

A cidade de S. Helena, edificada pelo governador do Rio

de Janeiro, era uma garantia da permanencia do dominio portuguez e a aldeia de S. Pedro, situada a duas leguas de distancia, e povoada por indios amigos, era como um fórte destocado, que impedia aos francezes a continuação das suas correrias do lucrativo commercio do *ibirapitanga*.

Desacoroçoados em suas infructiferas tentativas parecêram os compatriotas de Villegaignon terem renunciado á posse da nossa terra e por largos annos as brisas guanabarenses não enfunaram o pavilhão dos lyrios.

Antes de terminar esta primeira parte do nosso trabalho seja-nos licito lamentar, como já o fizemos n'outro lugar, (54) que a intolerancia religiosa levasse ao patibulo ao infeliz João du Bordel (55) pelo unico crime de ser calvinista! Sentimos que no proprio anno da sua fundação assistisse o Rio de Janeiro a tão cruel espetaculo, e visse o venerando Anchièta, por um zelo funesto e uma piedade mal entendida, constituir-se ajudante do algoz!... A diversidade de crença não póde constituir um delicto; e o Estado não deve por forma alguma erigir-se em Juiz d'uma causa cujo conhecimento só á Deus pertence.

Apezar de ser tal attentado contra a liberdade de consciencia commettido a instigações de alguns ecclesiasticos, a quem os poucos conhecimentos philosophicos impediam d'encarar a questão no seu verdadeiro ponto de vista, não pôde ser a Igreja responsavel por elle; porque jamais erigiu em dogmas principios contrarios á doutrina do seu Divino Fundador.

Copiemos as palavras d'um grande philosopho contemporaneo em abono da nossa asserção:

« Je le dit a l'honneur de l'Eglise et pour la defense de « l'Eglise; quand elle se fit oppressive, quand elle invoca

« le bras séculier contre la liberté de conscience, elle fut « infidèle à son caractère et à sa mission. Elle servit les « passions des hommes et cessa d'obéir a l'inspiration di- « vine. A ce moment-là elle oublia l'Evangile. Le jour « où l'inquisition fut fondée il fut vrai de dire que l'Evan- « gile était trahi.

« Non, ce n'est pas le Christianisme qui a fondé l'in- « quisition et fait la saint-Barthélemy. Ceux qui viennent « nous dire aujourd'huy que l'inquisition était necessaire « et que la saint-Barthélemy était juste, calomnient le « Christianisme. S'ils avaient raison, les ennemis de la foi « n'auraient besoin pour l'écraser que de l'histoire. Ces « horreurs que vous mettez à la charge de la foi chré- « tienne, ont été enfantés par l'intolerance et le fana- « tisme. » (56)

PARTE SEGUNDA

INVASÃO DE DUCLERC.

I.

MOROSO INCREMENTO DO RIO DE JANEIRO.

Pessima era a posição climatologica da nova colonia, e como muito bem ponderou um author inglez citado pelo Sr. Ferdinand Dénis, (57) *os arredores do calabouço eram de tal natureza que podiam singularmente comprometter a existencia de uma grande cidade.* Parece porém que por largos annos a população circumscreveu-se nos estreitos limites que lhe traçára Mem de Sá, e receando alguma nova invasão não ousava afastar-se *do Castello*, sua verdadeira *acropolis*. Rodeada de paúes, e cobertas as suas colinas de densas florestas, que lhe interceptavam a livre circulação do ar, não admira que a nossa terra gozasse da reputação de pouco saudavel. Vagaroso foi o seu desenvolvimento, e podemos datar os seus progressos do fim ds seculo 17.º quando os emprehendedores paulistas, embrenhando-se pelos nossos sertôês, descobriram riquissimas minas nessa região, que d'ellas derivou seu nome.

Corramos rapidamente os dêdos pelo teclado da sua historia até o anno de 1710, em que occorrêram os graves successos, que nos propomos narrar.

Em seus paternaes braços recebêra Salvador Corrêa de Sá a nascente colonia; seu governo foi tal qual convinha ao nobre encargo que sobre si tomára. Sua longa administração póde ser comparada ao reinado de Numa Pompilio

que tão grata recordação deixou nos annaes romanos, e podem ser applicadas á sua vida as palavras do Evangelho: *pertransivit bene-faciendo*. Tece-lhe este pomposo elogio o illustrado conselheiro B. da Silva Lisbôa:

« Poupou o sangue dos indigenas quanto lhe foi possi-
« vel, repelliu os inimigos externos, protegeu a innocen-
« cia, afugentou o crime pelo seu horror e despreso dos
« máos, ganhando a opinião publica no campo da honra;
« pois sem os soccorros de Portugal cobriu a sua fronte
« de bem merecidos louros. Pe'a sua probidade não ou-
« savam aproximar-se d'elle os reptis venenosos da lisonja
« afim de envenenarem o ar puro que respirava. » (58)

A' Christovão de Barros immediato successor de Salvador Corrêa deveu o Rio de Janeiro o promover a cultura das fazendas, estabelecidas no reconcavo da cidade: e ao Dr. Antonio de Salena (que com o titulo de governador-geral veio administrar a capitania do Sul, quando entendeu a metropole ser conveniente a divisão do Brasil em dous governos independentes) a vigilancia em defender as suas costas até a Ilha-Grande, sempre infestadas de corsarios, e o desbarato dos tamoyos de Cabo Frio por uma força de 400 portuguezes auxiliada por 700 indios alliados.

Martim Corrêa de Sá, nunca esquecido das heroicas tradições de sua familia, contribuiu para tornar defensavel a nossa capital mandando construir de pedra e cal as fortalezas de Santa Cruz, S. Thiago e S. Sebastião, que até então eram de barro e madeira. Sob o regimen todo militar d'este benemerito varão serve *d'oasis* a edificação do convento de Santo Antonio, que devêra ser um dia o *Atheneu do Brasil*.

Assignala-se Constantino Menelão pela expulsão dos

francezes de Cabo-Frio, e pela fundação, já anteriormente referida, da cidade de Santa-Helena, actualmente conhecida por *Nossa Senhora d'Assumpção*. Foi tambem em seu tempo que teve lugar a conquista dos campos dos *Goytacazes*, hoje uma das mais importantes comarcas da nossa uberrima provincia.

Enquanto fruia o bom povo fluminense das doçuras de governos justos e energicos passava Portugal pelas *forcas caudinas* da occupação estrangeira. Expirára a sua nacionalidade com o desditoso D. Sebastião na batalha *d'Alcaçar-Kebir;* e o reinado ephemero do Cardeal-Rei servia apenas para dar a Philippe II o tempo necessario para assegurar-se da posse do paiz. Portugal era riscado do mappa das nações e a vasta monarchia hespanhóla parecia realisar o dourado sonho de Carlos V.

Tão gigantescos acontecimentos pouca, ou nenhuma recursão exerciam na nossa patria: era-nos indifferente receber ordens de Lisbôa, ou de Madrid; porque nem uma, nem outra côrte, cuidava seriamente da nossa prosperidade,

Guiados unicamente por seus nobres sentimentos e não por instrucções da metropole fizeram estes, e alguns outros governadores, em nosso favor o pouco bem que lhes era licito fazer.

A noticia da tomada da Bahia á 9 de Maio de 1624 pela esquadra hollandeza commandada pelo almirante Jacob Willekens e a d'Olinda, antiga capital de Pernambuco, pelos chefes batavos Loncq Adryens e Wierdemburgh á 16 de Fevereiro de 1630 causou extraordinaria sensação no Rio de Janeiro; não só pelo interesse que lhe inspirava a sorte de suas co-irmans como pelo justo receio que igual destino lhe estivesse reservado.

Um só pensamento—o da defesa do porto e das fortificações da cidade—animou a todos os habitantes que deram nessa época inequivocas provas do seu acrisolado patriotismo. Não houve individuo que se subtrahisse ao serviço; concorrêram todos com singular espontaneidade, já com suas pessoas e as de seus escravos, e já com o seu dinheiro para as obras, que sob a intelligente direcção do governador interino Duarte Corrêa de Vasqueanes por toda a parte se faziam, sendo entre estas as mais notaveis a da fortaleza *da Lage*, que ainda existe, e a do grande dique que da Carioca prolongava-se até a Prainha, cujos vestigios se deixáram vêr por mais de um seculo. (59)

Era porém feliz esse povo que assim se devotava tão nobremente em prol de seus penates? E' o que passamos a examinar.

Seu commercio e industria tocavam aos ultimos paroxismos; e a olhos vistos definhava a sua lavoura. Si precisassemos demonstrar esta proposição que ninguem, lida em nossa historia, nos contestará, bastaria citar o seguinte facto:

Querendo o governador Rodrigo de Miranda Henriques abastecer a cidade d'agua potavel, cuja falta tornava-se por demais sensivel, propoz ao senado da camara o encanamento das da Carioca, para cujas despesas estabeleceu-se o imposto de 160 rs. por canada de vinho que fosse importado. Semelhante imposição porém tornou-se inexequivel por haver tanta carestia d'esse genero que os proprios sacerdotes haviam deixado de celebrar! (60) Muitas eram as cousas que contribuiam para a miseria que tão cruelmente se fazia sentir não sendo dos ultimos os falsos principios que então predominavam em economia politica,

coarctando-se a liberdade das transacções por meio de tarifas que regulavam todos os preços, como as que prohibiam os oleiros de levarem mais de 20:000 rs. por milheiro de telha e 3:000 pelo de tijôlo. Até os boticarios tiveram um regimento marcando os preços porque devêram vender os seus medicamentos. Apezar d'estas medidas anti-economicas o monopolio, qual voraz abutre estendia as suas negras azas sobre a incauta população, e na terra da abundancia fez-se a fôme muitas vezes sentir.

Um illustre fluminense, Salvador Correia de Sá e Benevides, empunhou o bastão de governador em tão difficeis conjuncturas. Seu nome importava um titulo de recommendação; e nos archivos da sua nobilissima familia encontraria as melhores normas para bem administrar um povo, que tinha-se habituado á ver sahir da casa dos Correias de Sá seus mais inclitos governantes.

Tornou-se o nosso benemerito compatriota recommendavel pelos relevantes serviços aqui prestados. Seu zelo e actividade eram proverbiaes; tudo procurava ver, conhecer, e examinar por si mesmo. Fez immensas concessões de sesmarias; fundou a igreja de S. Salvador de Campos nas pictorescas margens do Parahyba; estabeleceu grandes engenhos de assucar promovendo o cultivo da canna nessa tão fertil localidade; abriu estradas que a communicassem com o Rio de Janeiro, espalhando por ellas aldeias d'indios e colonias d'europeus. Coube-lhe igualmente a honra de proclamar aqui a restauração da monarchia luzitana na pessoa de D. João IV.

Sirvam estes preclaros feitos, que somos o primeiro a reconhecer de attenuar a triste impressão que experimenta todo o fluminense ao lembrar-se que foi elle, que pelo seu

caracter imperativo, levou o pacifico povo do Rio de Janeiro á sublevar-se contra a sua authoridade no dia 8 de Novembro de 1660.

Em seu terceiro governo viram seus compatriotas que o habil administrador tinha sido eclypsado pelo denodado guerreiro, e que a gloria militar absorvia nelle todos os outros. Cuidando unicamente em presidiar a praça contra qualquer inesperado ataque volveu as suas vistas para objectos bellicos com completo sacrificio dos outros ramos do serviço publico, Augmentar o numero de soldados era facil á um governo que não respeitava a liberdade individual; a difficuldade porém consistia em sustental-os com os fracos recursos da fazenda real. Recorreu Benavides ao senado da camara para que lançando fintas obtivesse a somma que desejava. Esta respeitavel corporação, que tão fielmente representava o povo, fez-lhe respeitosamente vêr que as fontes da riqueza publica tinham-se seccado com a funesta creação da *companhia de commercio*, seu fatal previlegio do estanco de todos os generos. Tal foi o motivo da desintelligencia entre o governo e a camara: protegendo aquelle o monopolio, que lhe promettêra fornecer dinheiro para as tropas, e defendendo esta os direitos dos miseros moradores, que se viam até privados do azeite para luz e do sal para adubar a comida.

Exacerbados d'est'arte os animos não podia tardar a explosão.

Havendo o governador partido para S. Vicente pareceu favoravel o ensejo para romper a sedição. A' maneira dos romanos retirando-se para o *Monte Sagrado* passáram os sediciosos a bahia de Nictheroy, e armando-se em S. Gonçalo accommettêram a cidade: depozéram ao governador

interino Thomé Corrêa d'Alvarenga, e forçáram a Agostinho Barbalho Bezerra á asumir á governança.

Reprovamos altamente semelhantes excessos: não constituimos a rebellião em direito; mas tambem não desconhecemos que é ella muitas vezes uma justa reacção contra os abusos da authoridade. Em um governo livre, como o que felizmente possuimos, onde impera um principe, cujo palacio, semelhante á habitação dos tribunos de Roma, é accessivel á todos, tem sempre o povo meios de fazer ouvir a sua voz, e levar suas queixas aos degráos do throno. Quando porém o despotismo impera, quando as valvulas da opinião publica são cuidadosamente fechadas, tornam-se frequentes e inevitaveis as revoluções. Desapparecêram ellas da Inglaterra desde que a imprensa e a tribuna tornáram-se realidades, e reproduzem-se na Hespanha, onde a sinistra sombra da Inquisição faz empalledecer as instituições liberaes.

Pedimos venia para discordar da opinião do esclarecido author do *Plutarcho Brasileiro*, que fallando das causas d'este movimento popular assim se enuncia:

« . . . . . .
« . . . não eram questões de momento que os ha-
« viam armado (os revoltosos); eram interesses de par-
« tidos politicos; e podia o partido do infante D. Pedro
« consentir no governo do Rio de Janeiro a Salvador Cor-
« reia de Sá e Benavides, quando os animos dos seus co-
« religionarios politicos de Portugal trabalhavam por depôr
« o rei D. Affonso e elevar ao throno o infante? Qualquer
« movimento neste sentido para se firmar e solidificar,
« necessitava de ser acceito e abraçado em todos os domi-
« nios da corôa portugueza. » (61)

O nosso digno consocio é muito versado na historia de Portugal para ignorar que a deposição de D. Affonso VI e a exaltação ao throno de seu irmão D. Pedro foi uma verdadeira *revolução de palacio*, em que a nação não tomou parte alguma; e que os partidistas do infante estavam entre os fidalgos de Lisbôa e não no Rio de Janeiro, pobre colonia inteiramente alheia á essas viscissitudes politicas.

Não tinha a sedição um programma bem delineado: faltava-lhe um chefe; pois que Agostinho Barbalho declinára de si essa responsabilidade; era apenas, como fizemos vêr, uma reacção contra os clamorosos abusos do poder. As medidas energicas de Benavides, seus bandos atterradores, pozeram fim a agitação popular.

Foi altamente desapprovado pela metropole o proceder de seu delegado no Rio de Janeiro; já dando-lhe em Pedro de Mello um successor, já mandando pôr em liberdade, condecorados com o habito de Christo, aos procuradores do povo, aos quaes a alçada do desembargador Peçanha mandára presos para Lisbôa. Note-se que tudo isto fazia-se ainda no reinado de D. Affonso VI, (62) cuja deposição só teve lugar em 23 de Novembro de 1667; e é sabido que pela fidelidade de Salvador Corrêa á causa d'esse desgraçado principe soffreu elle dez annos de prisão no fim da sua longa e gloriosa existencia.

Demoramo-nos mais do que tencionavamos na apreciação d'esse episodio da nossa historia porque quizemos, em honra dos nossos avós, lavar essa unica nódoa que porventura se queira notar em sua nunca assás louvada fidelidade.

Pedro de Mello foi a continuação de Benavides—menos o prestigio da gloria:— exactor no ultimo ponto só pensava

na sustentação do presidio arrancando da camara novas contribuições forçou-a a tão impoliticas medidas que o proprio ouvidor geral teve de representar contra ellas.

A'esses despotas que flagelláram a nossa terra seguiu-se o patriarchal governo do tenente-general João da Silva e Souza. « O novo governador, diz um chronista, pareceu « um anjo tutelar, enviado do Céo para adoçar os males « publicos, baseando o seu governo na justiça, prudencia « e religião. » (63)

Já a miseria n'uma progressão ascendente de modo tal que o senado da camara teve de fazer subir ao throno uma tocante representação expondo-lhe a impossibilidade em que se achavam os povos d'esta capitania de contribuirem com a somma de quatrocentos mil reis annuaes para a *Junta das Missões*, creada com o piissimo fim d'evangelizar o Brasil. Consulte-se este importante documento onde vêr-se-ha em nobre e singela linguagem o veridico quadro das desgraças que então opprimiam o povo fluminense.

Como se não bastassem tantos e tão repetidos males vieram ainda augmentar a calamidade publica a falta de moéda, que paralysava todas as transacções, e a horrivel mortandade de mais de cinco mil escravos, que succumbíram victimas da peste das bexigas; porque ainda nesse tempo não havia apparecido Jenner, um dos maiores bemfeitores da humanidade.

Tão crueis desgraças não podiam deixar de tocar o sensivel coração do governador, que na impossibilidade de remedial-as pranteava com o povo a sua desdita; unia-se á camara nas representações á corôa; e fazia-lhe vêr que o monopolio da *companhia do commercio* exhauria as forças da colonia, cujos miseros habitantes tiravam o pão de seus fi-

lhos para remetterem annualmente á côrte a sua quota para o dóte da infanta, depois rainha d'Inglaterra, e para as indemnisações que portugal tinha-se obrigado á pagar á Hollanda quando assignou a páz com esta nação. Surdo aos justos clamôres dos seus vassalos americanos ordenava a metropole ao governador que *attendesse ás fortalezas da barra, expressando-lhe que o menor descuido lhe serveria de culpa.*

Tão estreitamente alliára o general João da Silva a sua causa com a dos seus governados, que o não tomáram estes solidario com os desatinos ministeriaes. Para deixar aos vindouros a memoria de tão egregio varão resolveu a camara mandar tirar-lhe o retrato collocando-o na sala das suas sessões; dirigindo-lhe ao mesmo tempo uma allocução concebida nos mais patheticos termos. Digno e honroso galardão para quem tão bem comprehendêra o desempenho dos seus devêres!

Afeita a nossa cidade ás scênas d'arbitrariedade experimentou contudo sentimento de justa indignação ao vêr o administrador ecclesiastico, á requerimento do reitor dos Jesuitas, excommungar ao senado da camara por sustentar este o livre uso dos mangues, onde a pobreza procurava allivio á sua miseria, tirando d'elles mariscos, carangueijos e lenha para o seu uso domestico. Pretendiam os filhos de S. Ignacio que eram de sua exclusiva propriedade, e olvidados do seu sagrado ministerio, recorriam aos raios da Igreja para apoiar os seus mesquinhos interesses!!... Terminou este desagradavel incidente pela categorica determinação da carta regia de 4 de Dezembro de 1678, que mandou conservar aos moradores na posse em que estavam dos mangues. Tal era porém a influencia da Companhia de Jesus, e o temôr que inspirava, que não se lê nesse documen-

to official uma só expressão condemnando sua reprehensivel conducta. !

No rapido esboço que fazemos dos principaes padecimentos, porque teve de passar o Rio de Janeiro no espaço de cento e quarenta e tres annos não devemos esquecer os funestos abusos commettidos pelos seus *pseudo-defensores*, como se deprehende da representação que endereçou a el-rei o senado no governo de Duarte Teixeira Chaves para que houvesse por bem « *mandar suspender a hospitalidade da in-* « *fantaria no seio das familias, pelo grande detrimento que* « *com isso soffriam os moradores d'esta terra vendo perturba-* « *da a harmonia e a honestidade de suas habitações.* » A'semelhantes queixas pespondia-se-lhe « *que ficasse entendendo* « *que no reino se acommodavam, na falta de alojamentos, os* « *soldados nas casas as mais honradas, e sem repararem n'a-* « *quelle inconveniente, e que nesta capitania se devêra com* « *mais especial razão praticar-se aquelle soccôrro á favor da* « *infantaria, que sahira do reino em servir em parte tão dis-* « *tante, largando conveniencias da patria, em que nascêra,* « *fazendo-se por isso mais digna de toda a attenção para não* « *ficar exposta á padecer as incommodidades que do contrario* « *experimentaria.* » (64) Revoltam tanto aos corações brasileiros estas palavras que deixalas-hemos sem commentario.

Foi de tal sórte justo o governo de João Furtado de Mendonça que a camara agradeceu ao rei, como uma graça, o have-lo nomeado e pediu a prorogação do seu trienio.

D. Francisco Nauper d'Alencastre, que tomou posse do governo em 1689 occupou-se unicamente em visitar fortalezas e fazer manêjos d'armas, partindo no anno seguinte para a colonia do Sacramento com tres companhias em uma das melhores náos da fróta.

Á frente dos negocios publicos achou-se em 1690 Luiz Cesar de Menezes, que deixou de si tão bôa reputação que á seu respeito costumavam dizer os nossos antepassados :— *ou Cesar, ou nada.*— Curta porém foi a sua benefica administração sendo succedido em 1692 por Antonio Paes de Sande, varão conspicuo, que seguiu com gloria a verêda de seu illustre antecessor. Teve o prazer de fazer publica a carta-regia que ordenava a suspensão do donativo pela páz com a Hollanda e para o dóte da Infanta, que tanto contribuira para impobrecer esta terra, e dirigindo ao throno os seus agradecimentos por tão fausto motivo pedia que fôsse o povo fluminense isempto dos soccorros que incessantemente prestava de gente, dinheiro e munições para a nova colonia do Sacramento. Não foi menor o regosijo do bom Sande em pôr em execução a carta-regia de 12 de Dezembro de 1693, que mandava criar nesta capital uma casa d'expostos applicando a camara para este santo fim ás sobras do imposto sobre o sal e o szeite dôce destinado para o soldo dos governadores.

Nos ultimos dias do anno de 1694 desceu ao tumulo, coberto da bençãos do povo pelas suas egregias virtudes, Antonio Paes de Sande, e por provisão do governador-geral do estado do Brasil de 15 de Novembro d'esse mesmo anno foi nomeado para succeder-lhe o mestre de campo D. João d'Alencastre. Pouco tempo lhe foi dado o empunhar o bastão do mando tendo de cedê-lo a Sebastião de Castro escos lhido pela carta-regia de 19 de Abril de 1695.

Por esse tempo começaram a apparecer em nossos portos alguns navios francezes com o pretexto de fazerem aguada e de se proverem de mantimentos mas com o principal fim d'introduzirem por contrabando as fazendas que traziam com prejuiso do fisco e contra as leis da monarchia, que

vedavam todo o commercio estrangeiro. Causou a sua presença grande susto ao governador, que recommendou á camara da Ilha-Grande que lhes recusasse todo o agasalho. Corria o anno de 1696 quando mostrou-se uma esquadra á vista da barra derramando grande susto pela população, que toda correu ás armas, animada pelo governador que electrisou-lhe a coragem com o seu exemplo, Sendo negada a licença que pedia para se refazer de mantimentos dirigiu-se á Ilha-Grande onde obteve o que desejava. Reprehendeu Sebastião de Castro ao senado d'essa Villa (hoje cidade de Angra dos Reis) pelo seu procedimento e recommendou-lhe a maior vigilancia com as embarcações estrangeiras. A chegada da infantaria de Lisbôa no começo do seguinte anno causou grande enthusiasmo aos fluminenses, que agradecêram ao Rei, pelo orgão da sua municipalidade, por tão assignalado favor. Corcordam Pizarro e Silva Lisbôa em tributar os maiores encomios a Sebastião de Castro, que além d'esforçado capitão era eminente politico. Não faltou porém quem denegrisse a sua conducta por occasião da invasão franceza soffrendo por isso sequestro em seus bens, que só foi levantado quando por sentença da casa da supplicação da côrte foi reconhecida sua innocencia.

Arthur de Sá e Menezes foi o primeiro que governou o Rio de Janeiro com a cathegoria de governador e capitão-general *ad honorem* por carta regia de 8 de Novembro de 1696. Ligam-se á sua administração muitos factos notaveis, taes como a erecção da villa de S. Antonio de Sá nas margens do Rio Macacú; o estabelecimento d'uma casa da moéda nessa cidade; o dos hospitaes militares e dos lazaros; as acertadas providencias concernentes ás sesmarias; a restituição das terras, que haviam sido doadas para patrimonio dos indios; os regulamentos prohibindo que se in-

fligissem aos escravos barbaros castigos devendo estes serem sustentados á custa de seus senhores, e muitas outras medidas dignas d'um illustrado administrador: infelizmente porém pouca persistencia fêz Arthur de Sá nesta capital; por isso que a recente descoberta das minas e os conflictos que frequentemente se davam entre os aventureiros que explorávam-na reclamava a sua presença nessas paragens.

A prolongada auzencia do governador, tão prejudicial aos negocios, deu motivo ao decreto de 30 de Junho de 1702 que prohibia nos termos os mais explicitos tanto a elle como aos seus successôres o irem as minas sem especial determinação regia. O meio porém mais adequado para remediar-se este inconveniente, que resultava da vasta extenção do territorio dependente do Rio de Janeiro consistia antes na criação de novas capitanias, expediente este que só mais tarde foi adoptado.

Aos ephemeros governos de D. Alvaro da Silveira e Albuquerque e D. Fernando Martins Mascarenhas d'Alencastre succedeu em 30 de Abril de 1710 o de Francisco de Castro Moraes, que já havia substituido o capitão-general Arthur de Menezes e Sá durante a sua estada em Minas. Gozou apenas do titulo de governador e foi em seu tempo que tiveram lugar os graves eventos das expedições de Duclerc e de Dugnay Trouin que vamos historiar.

II.

CAUSAS DA NOVA INVASÃO FRANCEZA.

Para bem avaliarmos os motivos que trouxeram os francezes ás nossas plagas cumpre retrogradar alguns annos e examinarmos qual era o estado das relações entre Portugal e essa nação.

Um dos principaes cuidados de D. João IV. apenas subiu ao solio dos seus maiores, graças á cavalheiresca dedicação da nobreza luzitana, foi deputar ao rei de França Luiz XIIIdois homens da maior confiança, Francisco de Mello, vedor-mór do reino, e o doutor Antonio Coelho de Carvalho (65); afim d'implorar a sua protecção na grande lucta, que ia empenhar contra Philippe IV.: cuja embaixada foi recebida em Paris com toda a solemnidade. O habil politico cardeal de Richelieu viu com prazer que a revolução de Portugal, assim como a da Cathalunha, que pouco a precedêra, não podiam deixar de causar grande diversão nas forças da monarchia hespanhóla, que desejava humilhar o seu profundo odio pela casa d'Austria. Pela influencia d'esse poderoso ministro conseguíram os enviados portuguezes sentarem-se no congresso de Munster, onde ventilávam então as clausulas d'uma paz geral. Sommas consideraveis fôram emprestadas pela França para a consolidação do throno portuguez, como se prova pela correspondencia entre a rainha D. Luiza de Gusmão e o embaixador de França, o cavalheiro de Jant. Vemos finalmente em 1660 por ordem de Luiz XIV. passar secretamente ao serviço de Portugal o marechal Frederico de Schomberg, á frente de seiscentos officiaes francezes: contribuindo poderosamente para as victorias d'Ameixial e Montes-Claros, que lavráram o auto d'emancipação dos netos de Viriato, e renováram d'est'arte os prodigios d'Aljubarrota.

A influencia franceza dominava em Lisbôa contrabalançando a ingleza e pareceu mesmo tê-la sobrepujado quando tratando-se de dar uma esposa ao joven rei D. Affonso VI recahiu a escolha sobre uma princeza d'aquella nação D. Maria Francisca Isabel de Saboia, filha do Duque de Ne

mours, espirito fino e energico, que tão grande parte tomou nos successos politicos d'essa época.

Por seu lado a Inglaterra contra-minava a influencia franceza, já celebrando o consorcio do seu rei Carlos II com a infanta D. Catharina recebendo em dóte dois milhões de cruzados, além de Bombaim na Asia, e de Tanger n'Africa, já determinando aos Estados-Geraes da Hollanda á firmarem a paz com portugal, mediante a indemnisação de cinco milhões de cruzados, pagos em 16 annos, dos quaes coube ao Brasil contribuir com 120:000 crazados. Fez a Inglaterra retribuir a sua interferencia neste negocio alcançando o previlegio de poderem seus subditos estabelecerem-se na Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e mais dominios portuguezes nas *Indias occidentaes* até o numero de *quatro familias* com suas casas de negocio ou feitorias, gozando das mesmas immunidades de que estavam de posse os naturaes. (66)

Semelhantes concessões firiram a susceptibilidade da nação franceza, que forcejou por obter outras identicas, allegando os relevantes serviços que prestára a Portugal n'uma época para elle bem calamitosa; e depois de muitas fadigas só ganhou a sua diplomacia que se expedissem ordens para que os navios francezes que demandassem os nossos portos recebessem nelles todo o acolhimento e protecção. Foi em virtude de uma tal graça que notou-se no fim do século 17.º grande numero de navios d'essa nação nas aguas territoriaes do Brasil, dando lugar ao conflicto aqui occorrido em 1696. A noticia de tal emergencia e mais que tudo o tratado de 16 de Março de 1703 muito conhecido na historia pelo nome do seu negociador, (67) que outorgava as maiores izempções ao commercio britanico, com exclusão de todos os outros, indispoz consideravel-

mente os negociantes francezes contra Portugal e preparou assim a empreza dos armadores de Brest contra o Rio de Janeiro.

A' estas razões de interesse particular póde-se addicionar um grande motivo politico: fallamos da guerra de successão á corôa hespanhóla.

Todos sabem como Luiz XIV aceitando em favor de seu neto o Duque d'Anjou o testamento de D. Carlos II exclamára perante a sua côrte: *Não ha mais Pyreneos!* (68) este dito do glorioso monarcha francez despertando os ciumes da Allemanha, Inglaterra e Hollanda provocou a longa guerra que encheu de amargura seus ultimos dias.

Portugal, que apenas acabava de reivindicar o seu lugar entre as nações da Europa depois de ter celebrado com a França em 1701 uma liga offensiva e defensiva bandeou-se em 1703 para o partido da Inglaterra e da Hollanda.

Sua alliança nesta guerra era ardentemente cobiçada; e o seu gladio faria pender a balança para qualquer dos lados em que elle se lançasse. Sua posição de potencia limitrophe, a coragem dos seus soldados provada na guerra da independencia, não devêram ser desprezadas nas combinações politicas da época.

Anhelava o pequeno reino que se lhe offerecesse uma opportunidade para estender a sua esphéra de acção: desejava por sua parte invadir a Hespanha. « Por duas ve-
« zes, diz um eloquente historiador contemporaneo, fô-
« ram as luzas quinas vingar em Madrid a grande afronta
« que recebêram dos leões de Castella, quando por 60
« annos fluctuou o seu pavilhão sobre as torres de Lis-
« bôa. » (69)

E' claro pois que o governo francez, vendo em Portugal

tão poderoso inimigo, longe de cohibir o procedimento dos seus armadores animava-os, e protegia-os; tomando mais tarde (em 1711) abertamente parte na empreza de apossar-se de uma das suas mais ricas e importantes colonias.

III.

ATAQUE DA CIDADE — DERROTA DE DUCLERC.

A opulencia da nossa cidade tinha-se tornado notoria na Europa. Sahiam annualmente do seu porto ricos carregamentos de oiro, diamantes e outras pedras preciosas com direcção ás praças de Lisbôa e Porto: e a tradicção popular guarda lembrança da esplendida magnificencia dos antigos fluminenses. Apezar das constantes vexações que tinha soffrido a pretexto de defendel-o, era o Rio de Janeiro mal guardado; pouco respeitadas as suas fortalezas (70) constando a sua guarnição de dois regimentos de infantaria (71) e duas companhias de artilheria de tropa de linha que de mais á mais se achavam incompletos. A essa força junctavam-se a *milicia* e *as ordenanças* formadas de cidadãos armados e ignorantes da tactica militar. Commandava á essa pequena guarnição um chefe pusillamine, cuja reprehensivel conducta vamos apreciar.

Chegando aos ouvidos dos armadores de Brest a situação em que se achava a rica colonia fluminense enviáram contra ella uma expedição composta de cinco navios, uma balandra, e mil homens de desembarque, commandados pelo cavalleiro João Francisco Duclerc. Essas expedições mandadas por simples particulares e patrocinadas pelos governos eram mui communs então, como infelizmente ainda o são nos Estados-Unidos, e o mais é que merecêram a sancção do direito internacional. (72)

Á 6 de Agosto de 1710 notáram os habitantes de Cabo Frio a passagem de algumas embarcações que navegavam para o sul, do que deram immediatamente parte para o Rio de Janeiro ao governador Francisco de Castro Moraes, que mandou guarnecer ao fortalezas, chamando toda a milicia ás armas. Em breve conheceu-se que os habitantes de Cabo Frio não se haviam enganado; porque á 17 d'esse mesmo mez e anno apparecêram os navios francezes á vista da barra procurando força-la. Havendo-lhe feito signal a fortaleza de Santa Cruz para que fundeassem, assim o fizeram, seguindo a sua derrota para a Ilha-Grande no dia seguinte ao romper da aurora, depois de haverem aprisionado uma sumaca da Bahia, que nessa occasião entrava. Ancoráram a 27 na Ilha-Grande occupando-se em saquear algumas fazendas; e bombardeáram por dois dias a villa, causando-lhe apenas pequeno damno aos conventos do Carmo e Santo Antonio. Estava a defeza d'essa villa confiada unicamente ás *ordenanças*, mas soube o seu commandante, o capitão de infantaria João Gonçalves Vieira arrostar ás intimações do poderoso inimigo, que alli perdeu alguns homens, que recebêram das mãos dos moradores o premio das suas rapinas.

Resolvendo Duclerc atacar a cidade por terra desembarcou a sua gente na Guaratiba fazendo uma penosa marcha por caminhos pouco trilhados, afim d'evitar o encontro das tropas que o governador havia expedido contra elle. Nessa marcha em que, segundo o testemunho de Pizarro, fôram os francezes guiados por um preto deram derão elles provas de grande constancia, ao passo que demostra ella a culpavel negligencia de Francisco de Castro, que com a maior facilidade poderia debellar o exercito invasor nos

difficeis desfiladeiros por que tinha de passar. « Os desta-
« camentos, diz o tenente Nunes, que mandou ao caminho
« por onde elles marchavam mais serviram de tetemunhar
« a sua jornada do que lh'a impedir; pois que em sete
« dias de marcha não se lhes disparou um tiro. » (73)

Expedindo da Guaratiba dois navios e a balandra para sondar a costa emquanto o grosso das forças seguia por terra desembarcáram alguns homens aguerridos na praia da *Copacabana* (74), onde encontrando vigorosa resistencia da parte das *ordenanças*, reforçadas por dois destacamentos dos regimentos de linha, e não lhes favorecendo a aspereza do terreno tiveram de retirar-se com alguma perda.

Chegando ao conhecimento do governador a noticia d'esse desembarque mandou logo tocar a rebate accudindo muitos voluntarios do reconcavo, aos quaes distribuiram-se armas para junctamente com as *milicias* da terra defenderem o o boqueirão da Carioca (75) onde se conservàram até o dia 17 de Septembro

Divulgando-se nesse dia que os francezes, desembarcados na Guaratiba, caminhavam a marchas forçadas para a cidade mandou o governador postar toda a tropa de linha no *Campo do Rosario* (76) abrindo ahi uma trincheira cuja direita se apoiava no *morro da Conceição* e a esquerda no de *S. Antonio*. O Bispo diocesano foi abençoar os defensores nesse improvisado campo, para onde havia affluido grande numero de pessoas de todas as classes, principalmente a dos estudantes. Um grave annalista nosso narra por essa occasião um facto, bem caracteristico das ideias do tempo; refiro-me *á patente de capitão conferida pelo governador á S. Antonio que até então tinha praça e recebia o soldo de simples soldado!*. (77)

No dia 18 chegáram os inimigos *ao Engenho Velho*, fazenda dos jesuitas, a quem causáram grandes prejuizos em gados, assucar e mais productos agricolos e ahi pernoitáram. No dia seguinte ao amanhecer tomáram pela estrada do *Barro-Vermelho*, e observando a posição do exercito portuguez, que conservava-se impassivel no *Campo do Rozario* chegáram pelas sete horas da manhan á *Lagoa da Sentinella*, (78) em cujo lugar bastante molestou-os o capitão Bento do Amaral Gurgel com a sua companhia d'estudantes; contornando o *morro de S.ta Thereza* (79) pela azinhaga de *Matacavallos* penetráram no coração da cidade. Suppondo o governador que tomavam este caminho para atacarem o forte da *Praia-Vermelha* (o que seria rematada loucura) mandou que o mestre de campo João de Paiva fosse em seu encalço. Perguntando este si devêra pelejar respondeu-lhe Francisco de Castro que *lhe mandava defender a fortaleza, e não obstante fizesse o que a ocasião lhe permittisse* (80). Resposta digna de um chefe, cuja prespicacia igualava a coragem.

Na descida do *morro de S.ta Thereza* fôram os francezes investidos por duzentos paizanos armados tendo por chefe a um religioso Trino por nome Fr. Francismo de Menezes, em cujo ataque tiveram os invasores grande numero de mortos e feridos. Affirma o tenente Nunes que Duclerc marchava á frente dos seus soldados sem outras armas mais que uma rodela e um bastão!

Apressando a sua entrada na cidade chegáram á igreja de *Nossa Senhora d'Ajuda* onde experimentáram vivissimo fogo *no forte de S. Sebastião* (81) continuando porém a sua marcha para a *Praça do Carmo* (82) pelas *ruas d'Ajuda e de S. José*. Procuráram subir a montanha n'um lugar chama

do *Poço do Porteiro* afim de se apossarem do *Castello* dominando d'alli toda a povoação: não conseguiram porém o seu intento pelo fogo d'artilheria que lhes era feito.

No seu transito *do Largo d'Ajuda para a Praça do Carmo* experimentáram grandes revezes, vendo-se feridos e mortos pelas continuas descargar de mosquetaria que recebiam das bocas das ruas. Desistindo do intento de tomarem o convento do Carmo que se achava bem guarnecido de tropas, fizeram alto na *rua Direita* diante do *trapiche da cidade*. (83)

Defendia este importante posto o capitão de cavallaria Antonio Dutra, que portou-se com extraordinaria coragem. Nesse ataque deu-se uma occurrencia que poderia ter funestas consequencias; fallamos do incendio ateado nos barris de polvora, que estavam armazenados n'alfandega, contigua ao palacio dos governadores (84), d'onde resultou a completa ruina d'aquelle edificio e a morte de tres estudantes.

Ao ruido da explosão destacou o governador seu irmão o benemerito mestre de campo Gregorio de Castro Moraes, com o seu terço, o qual fazendo juncção com os estudantes, que defendiam a entrada do palacio bateu-se com summo denodo até que cahiu traspassado por uma balla. Não diminuiu este triste successo o valôr dos combatentes, que vingáram nos inimigos a morte do seu chefe.

Vendo-se Duclerc accommettido por forças muito superiores ás suas e havendo soffrido o desfalque de quatrocentos homens que juncavam com os seus corpos o campo da batalha, deliberou encerrar-se no trapiche, fazendo-se nelle fórte com a sua infantaria, o que levou á effeito depois de ter-se apossado de seis peças d'artilheria, que assesta-

das na praia causáram-lhe no principio grande damno. Um troço de cem homens, que tinham ficado de reserva, investindo desordenadamente pelas ruas da cidade, foi todo morto pelos moradores, apesar de pedirem a vida com vivos signaes d'humaildade; já lançando-se por terra com os chapéos nas mãos, como diz Silva Lisbôa, já levantando-os e abaixando-os em testemunho da sua desventura. Devêra ser bem profundo o odio e a indignação que experimentáram os habitantes do Rio de Janeiro pela inqualificavel invasão franceza para que d'est'arte se esquecessem da sua proverbial hospitalidade.

Quando o governador que até então se conservára immovel no Campo do Rozario.

« *Qual de ferro fundido estatua equestre.* » (85)

soube que o chefe inimigo commettêra a temeridade d'encerrar-se n'um trapiche, resolução esta que só parece dictada pelo desespero da sua causa, pôz-se em marcha á frente das suas cohortes para a cidade, intimando a Duclerc que se rendesse a descrição do *seu vencedor!!*

Ouvindo porém o commandante francez o repique dos sinos, que festejavam a victoria dos portuguezes, recusou-se obstinadamente entrar em qualquer negociação, Mandou então o governador buscar a artilheria da *Ilha das Cobras*, afim de constrangêl-o por este meio a depôr as armas sendo n'essa occasião morto o capitão de cavallaria Antonio Dutra da Silva, que quiz ser o primeiro a entrar no armazem. Por falta de transporte não era possivel que chegassem as peças com a brevidade desejada tomou então o expediente barbaro de fazer saltar o trapiche, mandando ahi collocar muitos barris de polvora, o que si fôsse levado a effeito não sómente causaria a morte de todos os francezes alli

sitiados, como ainda a de grande numero de moradores cujas casas ficavam proximas.

É digno d'especial menção o patriotismo exaltado d'um fluminense, alféres d'*ordenanças*, que offereceu-se para lançar elle mesmo fôgo ao trapiche, não obstante residir na casa contigua com sua mãi, irmans, mulher e filhos! Admiramos, posto que não sympathisemos, com semelhantes acções, mais proprias dos fastos gregos e romanos, em que o amor da patria era anteposto ao da familia.

Receiando que o governador puzesse em pratica o seu *ultimatum* e para salvar a sua vida e a dos seus companheiros d'armas assentou Duclerc em capitular. Entregáram-se portanto prisioneiros seis centos e quarenta francezes, entre elles duzentos feridos, sendo calculado o numero dos seus mortos em perto de quatrocentos. Da nossa parte tivemos apenas cincoenta mortos e oitenta feridos. (86)

Foi conduzido Duclerc para o collegio dos Padres da Companhia com alguns officiaes em numero de treze, ou quatorze: sendo distribuidos os soldados, seguros por grilhões, pela casa da moéda, cadêa e conventos com sentinellas á vista, em quanto se lhes não destinava apropriada prisão.

Segundo o testemunho de Mons. Pizarro não escapou do exercito invasor senão o negro, que lhe servia de guia, o qual levou aos navios, surtos no porto da Ilha Grande, a funesta noticia da completa derrota dos seus compatriotas. (87)

Dois dias depois (á 21 de Septembro) apparecêram á entrada da barra os navios francezes, que pareciam dispostos a bombardear a cidade, quando Duclerc escreveu a seu

commandante pedindo-lhe que sustasse as hostilidades para não aggravar a sua triste sorte; assim como que lhe mandasse á terra alguns cirurgiões para curar os feridos, o que se fêz com o assentimento do governador.

O regosijo por tão assignalado triumpho manifestou-se por todas as fórmas, entoáram *Te-Deuns;* fizeram-se procissões; e declarou-se o dia 19 de Septembro, em que a igreja celebra o martyrio de S. Januario, festivo dos muros para dentro

Mal informada a côrte do occorrido em tão longinqua colonia mandou louvar o governador pelo seu *valôr e tino* e agraciou-o com uma commenda declarando El-Rei D. João V que se dava por muito bem servido agradecendo por essa occasião aos briosos fluminenses que unicamente o mereciam. (88)

Monsenhor Pizarro e o Conselheiro B. da Silva Lisbôa avaliam diversamente a conducta do governador Francisco de Castro Moraes: para o primeiro foi elle um chefe inepto senão traidor, e para o segundo um leal servidor do Estado, posto que sem talentos militares, chegando mesmo a proferir em seu abono esta estranha proposição: « *Não está a gloria do general nos seus planos bem dirigidos contra o inimigo mas no bom successo das acções militares!* » (89) Cremos ter posto á toda a luz em nossa singela narrativa a incapacidade do homem a quem estavam entregues os destinos da nossa terra. Não finalisaremos este capitulo sem dizermos duas palavras ácerca da mysteriosa morte de Duclerc. Deixamo-lo no collegio dos jesuitas, onde demorou-se algum tempo havendo depois obtido do governador licença para residir na cidade em uma casa que para esse fim alugára. Ahi, na noite 18 de Março de 1711, foi

assassinado por dois sugeitos rebuçados sem que a semelhante crime se oppuzessem os soldados que o guardavam: nem deligencia alguma se fizesse para descobrir os malfeitores. Copiamos a sua certidão d'obito, extrahida por Pizarro dos assentos da freguezia da Sé: »

« Em 18 de Março ás sete para as oito horas da noite « de 1711 annos matáram o general dos francezes que « entráram á tomar esta terra: o qual matáram dois rebu- « çados que lhe entráram pela porta a dentro estando na « cama, e dois ficáram guardando a porta da escada e « tinha sentinellas para que não passeasse e não lhe valê- « ram; chamava-se João Francisco, que era o nome da « pia, e o nome de guerra Moçu de Cré; está enterrado « na capella de S. Pedro na igreja de Nossa Senhora da « Candellaria. »

As seguintes palavras de Pizarro que lhe servem de commentario parecem denotar a existencia d'um horrendo crime official. Eis como s'exprime o infatigavel author das Memorias Historicas do Rio de Janeiro.

« M.r Duclerc, pouco satisfeito do seu destino muito « contrario aos projectos que formára, intentou conspirar « contra o povo depois de passados alguns mezes, e como « se descobrisse a trama foi assasinado na noite 18 de « Março de 1711. » (90)

Um illustre historiador inglez attribue a morte de Duclerc á desafronta por algum ciume que tivesse inspirado á alguem, que lançou mão d'um meio traiçoeiro para descartar-se do seu rival. (91)

Sendo o governador Castro Moraes arguido por Duguay-Trouin de complicidade nesse assassinato assim procurou justificar-se:

« Quanto á morte de M.r Duclerc dei-lhe, á pedido « seu, a melhor casa d'este paiz, onde foi morto. Não « pude descobrir quem foi o matador por mais deligencias « que se fizeram, tanto da minha parte como da justi- « ça; (92) e vos asseguro que si fôr encontrado o assas- « sino ha de ser punido como merece. É pura verdade « ter-se tudo passado segundo vos exponho. » (93)

Não obstante a denegação cathegorica de Francisco de Castro cremos que não foi elle extranho a semelhante crime, commettido com flagrante violação de todo o direito inter-nacional. A presença de Duclerc o incommodava extraordinariamente e não sabia como desfazer-se d'elle. Já em data de 9 de Novembro do anno anterior reclamára da côrte providencias a este respeito e antes que lhe chegasse provisão regia, que transcrevemos em nota, era o commandante francez assassinado com circunstancias taes, que si o não constituem author d'esse attentado pelo menos accusam-no de complicidade. (94)

PARTE TERCEIRA.

EXPEDIÇÃO DE DUGUAY-TROUIN.

I.

VOLTA DOS FRANCEZES—BOMBARDEAMENTO DO RIO DE JANEIRO.

O máo exito da invasão de Duclerc impressionou vivamente os animos francezes: pensáram que a honra nacional exigia prompta desforra; e seu espirito audaz e aventureiro inspirou-lhes a ideia de virem com forças superiores vingar a affronta recebida. Proseguia com encarniçamento a guerra de successão á corôa de Hespanha: as duas maiores potencias maritimas da Europa, a Inglaterra e a Hollanda, se haviam ligado contra a fortuna de Luiz XIV; e o astro do grande rei caminhava para o seu occaso. A marinha franceza, que com tanto esmero formára Colbert, soffria constantes revezes: suas rivaes pareciam ter decretado o seu completo aniquilamento, contra o qual porém protestava um valente còrsario cujo nome tornou-se popular. Jean Bart é o symbolo da gloria maritima da França, assim como Bayard o é da sua gloria cavalheiresca. Duguay-Trouin, discipulo e emulo de Jean Bart, forneceu, como veremos, uma pagina brilhante para a historia de seu paiz e de opprobrio para o nosso. Elle proprio nos confessa em *suas Memorias* que a noticia da derrota do seu compatriota lhe inspirára o desejo de vir ao Rio de Janeiro lavar a nodoa do seu pavilhão, e colher vantagens pecuniarias, que animassem os armadores a emprehenderem outras expedições. Sabe-se que nessa épocha o thesouro

d'el-rei christianissimo se achava em grandes apuros sendo-lhe summamente penoso o manter os exercitos, que pelejavam pelos direitos de seu neto: circunstancia esta que de certo teria impossibilitado a expedição projectada si Duguay-Trouin não se lembrasse de interessar nella os negociantes, dando-lhe d'est'arte um duplo caracter.

Munido do dinheiro preciso, que lhe foi fornecido pelas principaes casas de S. Malo dirigiu-se á Versailles, onde graças á intervenção de Coulange poude obter a efficacissima protecção do conde de Toulouse, grande almirante de França, e com ella o assentimento do rei que lhe confiou seus navios e tropas.

Apezar das precauções tomadas para que o armamento se fizesse com o maior segredo ignorando-se o alvo da expedição foi todavia d'elle informada a côrte de Lisbôa, que expediu ordem ás capitanias maritimas do Brasil para que estivessem preparadas para qualquer agressão. Conseguiram ainda os embaixadores de Portugal em Londres que a rainha Anna mandasse uma esquadra a Brest, d'onde se suppunha que parteria Duguay-Trouin; que illudindo a vigilancia dos cruzadores inglezes sahiu do porto de Rochelle á 9 de Junho de 1711.

Compunha-se a esquadra de dezoito vélas, no numero das quaes contavam-se cinco náos e tres fragatas e de mais de tres mil homens de tropas de desembarque, ainda assim insufficientes para tomar uma cidade defendida por dez mil soldados, posto que infelizmente commandados por um pessimo chefe. As fortalezas, ainda que mal construidas, estavam bem guardadas, e formavam com os baluartes e trincheiras uma cintura de granito e de fôgo, que poderiam torna-las inexpugnaveis. Quatro náos e tres fra-

gatas da frota que nesse tempo costumava comboiar os navios mercantes, que navegavam para os portos da metropole, constituiam outras tantas baterias flutuantes, dispostas em linha de batalha desde Sancta Cruz até a Bôa-Viagem.

Avisado pelos moradores de Cabo-Frio da passagem d'uma numerosa armada deu o governador ordem para que todos corressem aos seus postos; e por alguns dias apresentou o Rio de Janeiro um aspecto de tal modo marcial, que seria capaz d'incutir respeito aos mais destimidos invasores. Semelhante aspecto porém contrariava os habitos pacificos do governador, que conhecendo que tinha havido engano no aviso recebido, mandou desguarnecer as fortalezas da barra, cessando todas as cautelas que a prudencia aconselhava, á vista da communicação que se fizéra de Lisbôa e de que fôra portador um paquete de guerra inglez.

Quando o perigo parecia conjurado, quando já Francisco de Moraes era comprimentado pela energia e tino que havia desenvolvido, eis que a 12 de Septembro d'esse mesmo anno assoma a esquadra franceza por entre um denso nevoeiro. Eram duas horas da tarde.

Posto que desguarnecidas rompêram as fortalezas e baterias vivissimo fôgo sobre o inimigo que nesse primeiro ataque teve perto de tresentos homens fóra de combate (95). Esta confissão do proprio almirante nos parece de grande peso, maximè mostrando-se elle tão ufano de sua felicidade em se apoderar da nossa terra; e querendo apresentar este facto como resultado da coragem e pericia dos seus e cobardia dos naturaes; e não sabemos em que se fundava Silva Lisbôa para dizer (96) que os *navios fran-*

cezes passáram pelas nossas fortalezas sem que estas lhes dessem um só tiro!

Verdade é que a resistencia foi de curta duração; pois que dentro d'uma hora fundeava a esquadra inimiga defronte da Ilha das Cobras, e as náos e fragatas portuguezas, commandadas por Gaspar da Costa, conhecido pelo *Maquinez*, vinham encalhar perto de terra buscando o abrigo das baterias. Nem ahi julgando-as seguras mandou-lhe o *Maquinez* lançar fôgo, do qual apenas escapou uma que os francezes puderam salvar. Assim desappareceu miseravelmente uma esquadra, victima da inepcia, ou da traição do seu chefe, onde tremulavam as lusas quinas, que haviam illustrado os heróes da India!

A unica fortaleza que poude receber soccorros de terra quando se devisáram as náos francezas foi a de Villegaignon, e essa mesma teve em breve de ficar silenciosa em razão do incendio que uma bomba occasionou no paiol da polvora, d'onde resultou a morte de dois capitães, um dos quaes era sobrinho do governador, e filho do mestre-de-campo Gregorio de Castro, que tanto se destinguira no anno anterior. A da Ilha das Cobras, foi abandonada por ordem de Francisco de Moraes á pretexto de concentrar as forças, e occupada por quinhentos francezes commandados pelo cavalleiro de Goyon, que alli se fortificára, causando grande domno a cidade, e principalmente ao mosteiro de S. Bento: o qual todavia era defendido pelas baterias, que ahi fizera construir um normando por nome du Bocage, que se naturalisára portuguez, prestando relevantes serviços nesta conjunctura contra os seus compatriotas, já dirigindo acertado fôgo sobre as suas embarcações, já obtendo por meio d'um engenhoso estratagêma o informar-se do estado das suas forças.

No segundo dia da sua chegada desembarcáram os inimigos na praia do Vallongo em numero de tres mil e tresentos homens, sem encontrarem opposição alguma, collocando dois mil no morro de S. Diogo, apoderando-se da Ilha do Pina, onde estabelecêram uma bateria, postando quatro fragatas defronte do Saco do Alféres. O exercito invasor dividiu-se em tres brigadas, de tres batalhões cada uma, sendo a da vanguarda commandada pelo cavalleiro de Goyon, a da retaguarda pelo cavalleiro de Courserac e do centro pelo proprio Duguay-Trouin, tendo por ajudante-de-campo o cavalleiro de Beauve. Para quartel general francez foi escolhido o palacio episcopal da Conceição.

Em quanto apoderava-se o inimigo dos pontos mais importantes da cidade conservava-se o governador impassivel no seu acampamento do Rozario, como na invasão de Duclerc, esperando talvez que os erros dos assaltantes lhe assegurassem a victoria como da vez passada. As circumstancias porém haviam mudado, e a colonia portugueza tinha agora de haver-se com um exercito aguerrido, debaixo das ordens d'um chefe habil e cheio de prestigio.

Admirados os francezes de tanta inação quizeram cortar um posto do inimigo situado no morro sobranceiro á *Lagôa da Sentinella;* reconhecendo porém ser-lhes impossivel em razão dos mangues e pantanos que o cercavam como se expressa o proprio Duguay-Trouin: « Applíquei toda a minha attenção em reconhecer o terreno, « e achei-o tão impracticavel que quando mesmo tivesse « quinze mil homens ser-me-hia impossivel o impedir que « esta gente se retirasse com as suas riquezas para os « matos e montanhas. »

Todas as fortalezas tinham emudecido fluctuando sobre

os seus muros o pavilhão dos lyrios, inclusive a de S. Sebastião, que capitulou á intimação d'Auberville, capitão de granadeiros da brigada Goyon. Perdêram então os defensores da praça toda a esperança de poder conserva-la, e pensando já em procurarem a sua salvação na fuga incendiáram uma náo e duas fragatas ancoradas proximo ao morro de S. Bento; assim como varios armazens e trapiches da cidade.

O contagio porém da cobardia não contaminou á todos os corações: houveram alguns briosos guerreiros que protestáram por sua conducta contra tanto aviltamento: distinguindo-se entre estes o capitão Bento do Amaral Gurgel Coitinho, que morreu valentemente combatendo em prol da patria no intempestivo soccorro levado á fortaleza de S. João. Cumpre todavia confessar, para vergonha nossa, que os actos de heroismo que assignaláram os vencedores de Duclerc fôram mui raros nesta segunda invasão: e só podemos explicar tal mudança, operada no periodo de um anno, pela applicação do engenhoso pensamento do epico lusitano:

« *Um fraco rei faz fraca a forte gente.* »

e as distincções honorificas conferidas á um indigno governador á um chefe pusillanime pela influencia de seu tio o reitor do collegio de S. Antão e valido d'El-rei, devêram profundamente desmoralisar os seus subordinados e produzir um terrivel effeito no animo dos que ainda se gloriassem do antigo nome portuguez.

Desejando terminar a conquista com a maior presteza e receando os funestos resultados que poderiam provir da perda de tempo mandou Duguay-Trouin um tambôr como

volatim ao governador enviando-lhe uma carta em que lhe intimava que entregasse a praça á mercê d'el-rei de França queixando-se do máo trato que haviam recebido os prisioneiros da passado expedição ao que respondeu Francisco de Castro dizendo que *a defenderia até a ultima gota de seu sangue* negando ter maltratado os prisioneiros francezes bem como ser complice da morte de Duclerc. (97)

Semelhante resposta parecia fazer esperar que o governador iria alfim despertar-se do seu somno lethargico e sahindo dos seus arraiaes forçar os francezes a procurarem asylo em seus navios e levarem ao seu paiz a triste nova da sua derrota.

Nada porém d'isto aconteceu. Reuniu-se com toda a solemnidade um conselho em que foi decidido ser mais conveniente o abandonar-se a cidade. A tal alvitre oppuzéram-se o sargento-mór da Colonia Domingos Henriques e varios officiaes requerendo-se em nome d'el-rei que se não abandonasse a praça: seus votos porém fôram supplantados pelos da cobarde maioria.

O governador, depois de haver ordenado que *ninguem sob pena de morte abandonasse o seu posto*, fugiu vergonhosamente com quasi toda a tropa de linha para a fazenda dos jesuitas conhecida pela denominação de *Engenho Novo*. Apenas conhecida a resolução de Francisco de Castro foi geral a fuga: começando o mestre de campo Balthazar de Abreu Cardoso por deixar desguarnecida a cadêa e a marinha, que guardava com o seu terço de ordenanças.

Ao passo que taes acontecimentos se passavam na cidade, onde reinava a mais horrivel confusão, onde cada qual procurava salvar-se ordenava Duguay-Trouin o bombardeamento. O fôgo do Cèo e o da terra pareciam conjurados

para destruirem as habitações dos nossos avós: descrevia o relampago ellipses na abobada celeste em quanto as ballas e as granadas sulcavam o ar; repercutindo os échos da bahia em sua hyperbolica voz esta horrisona orchesta. Aterrados fugiam os moradores em direcções oppostas; embrenhando-se uns pelas matas, occultando-se outros nas grutas, e galgando alguns os pincaros dos montes. O marido procurava a mulher, a mãi o filho, o irmão á irman; morriam afogadas as crianças nas torrentes, ou transidas de frio pela copiosa chuva, que de suas cataractas despenhava o Céo; envolvendo as trevas da noite com o seu véo de crepe este dantesco quadro, digno do pincel de Buonarotti.

Contava-se 20 de Septembro do anno da graça 1711, justamente um anno e um dia depois da derrota de Duclerc.

Ao amanhecer do dia 21 quando Duguay-Trouin preparava-se para dar um assalto geral appareceu-lhe la Salle, que fôra ajudante de campo de Duclerc, noticiando-lhe que a cidade estava deserta existindo apenas nella duzentos e tantos prisioneiros da primeira expedição que havendo arrombado as portas de seus carceres entregavam-se ao saque.

Tomando as precauções que o caso pedia marchou o almirante para a cidade onde verificou por si mesmo a veracidade da informação do seu compatriota e teve de lamentar a scena de desolação que lhe apresentava uma povoação ainda ha pouco tão florescente. A mór parte dos moradores haviam deixado todas as suas preciosidades, em virtude do bando do governador para que *ninguem tirasse nada de suas casas sob pena de ser tomado por perdido;* medida esta que parece dictada pela mais negra traição, facilitando ao inimi-

go um rico despojo. De facto os prisioneiros apenas se viram soltos entráram pelas casas roubando tudo o que de melhor achavam, e taes excessos commettêram que o proprio Duguay-Trouin viu-se constrangido, para manter a disciplina e evitar o contagio de tão funesto exemplo, á manda-los encerrar no fórte de S. Bento. Queixa-se elle amargamente da tendencia para o roubo que tinham os seus soldados e marinheiros, tendencia esta que zombava de suas ordens repressivas, não achando outro meio para conte-los senão fazendo-os trabalhar constantemente. Leamos a sua confissão.

« Fiz postar sentinellas e collocar corpos de guarda em « todos os lugares necessarios; ordenei que se fizessem « rondas noite e dia com prohibição, sob pena de morte, « aos soldados e marinheiros de entrarem na cidade. Não « despresei n'uma palavra nenhuma das precauções prati- « caveis: porém a paixão pelo saque sobrepujou ao temor « do castigo. Os que compunham os corpos de guarda e « as rondas fôram os primeiros em augmentar a desordem « durante a noite; de sorte que no dia seguinte de ma- « nhan tres quartos dos armazens e casas se achavam ar- « rombados, os vinhos derramados, os viveres, mercado- « rias e moveis espalhados pelo meio das ruas e pela lâma; « tudo emfim n'uma desordem e confusão inexprimiveis. « Mandei sem remissão quebrar a cabeça de muitos, que « estavam incursos no bando publicado; porém não sendo « sufficientes todos os castigos junctos para deter o seu « furor, tomei o partido, para salvar alguma coisa, de fa- « zer trabalhar as tropas desde manhan até á noite car- « regando para os armazens, (para onde o senhor de Ri- « couart mandou escrivães e pessoas de confiança) todos « os objectos que se podessem encontrar. » (98)

Em sua justa indignação pela inqualificavel aggressão de Duguay-Trouin envolvem os nossos historiadores todos os francezes em suas censuras chamando-os na phrase de Tacito, *alienarum rerum cupidissimi*. Sejamos porém imparciaes, e reconheçamos que os attentados contra a propriedade, commettidos por uma soldadesca mercenaria, eram altamente desapprovados pelo commandante da esquadra.

Contava assim a França mais uma cidade: pertencia-lhe o Rio de Janeiro *par le droit de conquete*: vejamos agora como foi resgatado volvendo ao dominio—portuguez.

II

VERGONHOSA CAPITULAÇÃO.

Estavam os francezes no dia 22 de Septembro definitivamente senhores da cidade e suas immediações havendo expedido alguns batalhões pela estrada de Catumby afim d'occuparem os postos que os resguardassem d'algum ataque dos portuguezes, que de modo algum cogitavam em recuperar o que haviam perdido partindo o governador e seus asseclas, por mór segurança, para Iguassú.

Senhor da nossa capital cuidou Duguay-Trouin, como elle proprio no-lo diz, *dos interesses dos armadores* e sendo-lhe impossivel conservar a praça em razão dos poucos viveres que n'ella encontrára, e da dificuldade de penetrar no interior do paiz para se abasteçer d'elles; julgou que seria opportuno entrar em transação com a gente da terra.

O saque importára em doze milhões liquidos porque só no convento de S. Antonio acháram os invasôres dois em oiro e prata, n'um sitio chamado *sumidouro*, que servia de caixa economica aos nossos maiores: não era porém esta

somma sufficiente para contentar á avidêz dos estrangeiros. Passava a nossa patria por uma cidade immensamente rica; fallava-se com emphase das fabulosas sommas que *os quintos* produziam para o erario da metropole; assim pois entendeu o almirante que podia exigir pelo seu resgate uma consideravel quantia. Escreveu ao governador dizendo-lhe que si não apressasse em entrar em negociações com elle relativamente a entrega da colonia arrazal-a-hia inteiramente.

Esta urgencia dos francezes explica-se hoje facilmente pela declaração que nos faz seu chefe de que estava informado por alguns desertores que Antonio d'Albuquerque, ex-governador do Rio de Janeiro e então de Minas e S. Paulo, marchava para o litoral com forças consideraveis, que elle calculava em tres mil homens mas que os escriptores nacionaes elevam a nove, ou dez mil, que apezar de serem de *milicias e ordenanças* poderiam contudo arrancar-lhe o triumpho, que com tanta facilidade obtivéra.

Querendo dar uma prova de que estava disposto á levar a effeito a sua ameaça ordenou Duguay-Trouin que duas companhias de granadeiros fôssem queimar todas as casas de campo na circunferencia de meia legua: o que realizáram quasi sem opposição. Dizemos quasi porque foi nesta occasião que teve lugar o unico feito brioso d'esta guerra a que acima alludimos, quando mencionámos a heroica morte do capitão Bento do Amaral Coitinho, cujas armas e cavallo fôram levados como trophéos ao almirante, que tece os maiores encomios á sua coragem.

Não era menos urgente a precisão que sentia Castro Moraes de terminar este estado dubio. Convinha-lhe dar a fórma de capitulação ao seu cobarde abandono da cidade; justificar pelas leis da guerra actos de que a sua propria

consciencia não lhe poderia absolver. Lançou pois mão com toda a solicitude do offerecimento que lhe fazia o padre Antonio Cordeiro da Companhia de Jesus, que ficára no seu collegio, onde hospedára o almirante e mais officiaes para servir de medianeiro n'este negocio. Escolheu o juiz de fóra Luiz Fortes de Bustamante e Sá e o mestre de campo João de Paiva Souto Maior para *em nome do povo* convir nas condições da capitulação: conferindo-lhes os poderes necessarios para ajustarem o resgate da cidade por contribuição da fazenda publica e particular. (99)

Entrando em conferencia os delegados de ambas as partes contractantes mostráram-se os francezes summamente exigentes e com toda a razão attenta a fraqueza dos seus contrarios. Pediram doze milhões pela *soberania da terra* (100) *fortalezas, artilherias e cidade entrando os conventos e tudo o que lhes pertencia:* ao que respondêram os commissarios portuguezes que não era possivel dar mais de tresentos á quatrocentos mil cruzados que em tanto importavam os reditos dos quintos, moéda, alfandega e contractos como poderiam certificar-se pelos livros e inventarios, que estavam em seu poder. Não querendo annuir á essa reducção da quantia arbitrada deram os enviados francezes por finda a conferencia promettendo que hia ser destruida a cidade.

Pela segunda vêz intentou Duguay-Troum intimidar aos portuguezes fazendo-lhes crêr que executaria o que era inteiramente contrario aos seus interesses; e que certamente não tinha a menor vontade de fazer. Tendo tido a cautela de occupar as alturas e os desfiladeiros mandou que varios corpos cercassem as nossas tropas, e contando com a cobardia do governador cahiu sobre o seu flanco; ficando a vanguarda ás ordens do cavalleiro de Goyon ao al-

cance de meio tiro de fusil do nosso accampamento. Ainda desta vèz logrou o almirante o seu proposito: humilhou-se Francisco de Castro; enviou-lhe dois officiaes acompanhados d'um jesuita a representar-lhe a absoluta impossibilidade de contribuir com maior somma do que a promettida; podendo apenas concorrer com mais dez mil cruzados de sua fortuna particular, quinhentas caixas d'assucar e o gado necessario para o sustento da expedição; *e caso não fôsse recebida a sua proposição então o batesse como fôsse do seu agrado, arrasasse a cidade e o paiz, ou tomasse o partido que bem quizesse* (101) Devemos observar que a somma de quatro centos mil cruzados, offerecida da primeira entrevista para o resgate, fôra elevada depois á seiscentos, não conseguindo-se nem assim contentar os francezes, que como vimos, rompêram as negociações, e recorrêram aos argumentos *ad terrorem*.

Recebendo este *ultimatum* do governador convocou o almirante os seus officiaes á conselho e alli decidiu-se unanimemente em aceitar a proposta; porque si quizesse levar o inimigo ao derradeiro apuro arriscar-se-hiam a perder a ultima esperança que lhe restava. Estipulou-se pois que a mencionada quantia seria paga dentro de um prazo de quinze dias, fornecendo-se aos francezes o gado de que precizassem, ficando dois officiaes como refens da observancia de taes condições. Como general prudente cuidon Duguay-Trouin d'assegurar a sua retirada na hypothese, por elle sempre temida, que Antonio d'Albuquerque não quizesse, á sua chegada, subscrever á clausulas tão aviltantes para a sua nação: ordenando que se reforçassem immediatamente todos os postos militares de defesa e as fortalezas, como as da Ilha das Cobras, Villegaignon e Santa Cruz para proteger a sahida dos seus navios.

No dia seguinte que se contava 11 de Outubro, chegava de Minas Antonio d'Albuquerque para ser mudo e impassivel testemunha da degradação dos seus compatriotas. Não contente de fazer uma morosa marcha quando as circumstancias reclamavam a maior velocidade, não protestou, como Camillo, contra o *væ victis* do novo Brenno! Parece que o máo fado de Portugal escarnecia dos *Albuquerques terribeis e Castros fortes*, que symbolisavam a sua prisca gloria! (102).

Realisando-se o ultimo pagamento no dia 4 de Novembro foi entregue a cidade a seus primitivos possuidores guardando sempre os francezes as fortalezas que lhes permittiam o seu facil regresso. Só a mais decidida cobardia poderia abandonar uma povoação de mais de vinte mil almas defendida por um respeitavel corpo de tropas, abrigada por fortes muralhas, bordadas de canhões á mercê de pouco mais de tres mil homens que depois de lhe haverem imposto as condições que lhes dictou o seu alvidrio se retiráram muito a seu salvo havendo-a possuido por quarenta e quatro dias!! (103)

Ainda ficáram os francezes até o dia 13 do dito mez em que déram á véla demandando sua patria tendo-se conservado entre nós dous mezes e um dia. Sobre a sua conducta aqui durante o tempo decorrido entre a capitulação e a sua partida oiçamos o juizo d'uma testemunha occular, que não póde ser averbada de suspeita. Manuel de Vasconcellos Velho n'uma carta escripta á seu amigo Domingo José da Silveira, assistente em Lisbôa, serve-se d'estas expressões:

« Em todo o tempo que aqui se detiveram depois das « capitulações ajustadas nos tratamos como hermanos; « fervêram os negocios, compras de navios e fazendas; e

« não podemos duvidar que o Cabo d'Armada M.r Duget « é um famosissimo soldado; porque teve muito particu- « lar attenção a que se não bolisse em sagrado, de tal sorte « que chegou a arcabuziar dezoito soldados seus por lhe « serem achadas nas mãos cousas da Igreja. E da mesma « sorte se teve grande respeito a algumas mulheres pri- « sioneiras; havendo-se com muita piedade com os doen- « tes e feridos, que ficáram nos hospitaes, e com muita « lastima do estrago que se fêz nos moradores, *dizendo se « queixassem do seu governador; pois, ou é que os podia de- « fender ou não: se os podia defender para que fugiu? e si os « não podia defender porque não capitulou? pois com lhe dar « os gastos d'Armada escusava de saltar francez em terra.* « Da mesma sorte se haviam os mais officiaes e gente mais « luzida, que não ha duvida que era toda guerreira e ex- « perimentada. » (104)

Estas palavras confiadas ámizade acham-se em perfeito accordo com o que a tal respeito diz Duguay-Trouin em suas *Memorias*, já por nós tantas vezes citadas:

« Desde o primeiro dia da minha entrada na cidade tive « grande cuidado de ajuntar todos os vasos sagrados, « prata e ornamento das igrejas; fizéra-os guardar pelos « nossos capellães em grandes cófres, punindo com a pena « de morte a todos os nossos soldados e marinheiros, que « tiveram a impiedade de profanal-os, apoderando-se « d'elles. Por occasião da minha partida confiei este de- « posito aos jesuitas como os unicos ecclesiasticos d'este « paiz que achei dignos da minha confiança: (105) in- « cumbi-os de entregal-os ao bispo do lugar. Devo fazer « a estes padres a justiça de dizer que contribuiram elles « muito para salvar esta florescente colonia, induzindo o

« governador a resgatar a cidade, sem o que eu têl-a-hia ar-
« razado apezar da vinda d'Antonio d'Albuquerque com
« todos os seus negros. Esta perda que teria sido irrepa-
« ravel para o rei de Portugal não seria d'utilidade alguma
« para a minha empreza. » (106)

Assevera o Sr. Varnhagen que Duguay-Trouin deixára no Rio de Janeiro alguns negociantes e um consul de sua nação: cuja existencia é mencionada nas disposições preliminares da páz d'Uttrech; os chronistas porèm guardam sobre esta circumstancias o mais completo silencio.

Acháram abrigo na esquadra franceza José Gomes, seus filhos e alguns outros christãos novos, que a inquisição destinava ás suas hecatombes e que devêram aos desastres porque acabava de passar a sua patria, o subtrahir-se ao cruel fanatismo de que era um dos agentes o bispo diocesano D. Francisco de S. Jeronymo, que d'est'arte s'esquecia da sua missão de paz e de brandura.

Apenas se retiram os francezes o senado da camara dirigiu-se ao convento de S. Bento d'Iguassú onde se achava Antonio d'Albuquerque e instou com elle para que tomasse conta do governo da capitania de que se mostrára tão indigno Francisco de Castro Moraes fazendo ao mesmo tempo subir ao throno uma energica representação contra o seu proceder na melindrosa crise porque acabava de passar esta cidade. Albuquerque annuindo aos votos dos representantes do povo assumiu ás rédeas da governança não querendo porém prender o culpado governador, como d'elle s'exigia, sem ordem expressa da côrte.

Esta ordem não se fez por muito tempo esperar. O alvará de 22 de Junho de 1712 ordenava ao chanceller da Relação da Bahia Francisco de Mello e Silva que imme-

diatamente embarcasse para esta cidade a devassar sobre a sua criminosa entrega sendo-lhe mais tarde (a 27 de Julho) commettido o julgamento dos réos d'alta traição.

Do minucioso exame a que procedeu a alçada ácerca da conducta do governador Castro Moraes não resultou que fôsse elle traidor, como lhe encrepáram os seus inimigos, nem provou-se por fórma alguma que entretivesse relações com o inimigo. Sua inqualificavel cobardia deu motivo a suspeitar-se da sua lealdade, parecendo incrivel que tantos desatinos fôssem praticados de bôa fé. (107)

A noticia da tomada do Rio de Janeiro pela esquadra franceza causou na Europa a maior sensação: ignorando-se ainda o resgate da cidade e a consequente retirada de Duguay-Trouin receou-se que o gabinete de Versailles se obstinasse em possuir a sua *França Antarctica* compensando-se d'est'arte dos ultimos revezes que acabava d'experimentar na guerra da successão hespanhóla. Os diplomatas portuguezes, reunidos em Uttrech, para negociarem a paz geral chamáram sobre este ponto a attenção da Inglaterra e da Hollanda, que como potencias maritimas eram interessadas em obstar os ambiciosos projectos de Luiz XIV sobre as colonias luzitanas: e constando então que Duguay-Trouin fizéra soffrer á Bahia a mesma sorte do Rio de Janeiro chegáram a lembrar-se da conveniencia d'equipar-se uma armada luzo-anglo-hollandeza para recuperar as praças conquistadas pelas armas francezas. O receio porém, diz Southey, (108) de que em retribuição d'esse auxilio pedissem as potencias alliadas algumas vantagens para o seu commercio, que iriam ferir o monopolio que a metropole desejava conservar a todo o transe, fez abandonar a ideia; felizmente sem funestas consequencias para o

futuro da sua importantissima colonia americana: e posto que tres annos mais tarde (em 1714) pretendessem alguns armadores francezes, auxiliados pelo seu governo, enviar uma nova expedição á Bahia, commandada por Mr. de Cassar, que gosava de grande nomeada, não teve este projecto execução, sendo substituido por outros reputados mais lucrativos; devendo-se unicamente a esta circumstancia o ficar a capital do Brasil livre de tão grande calamidade.

III.

EPILOGO.

Ponhamos aqui termo á nossa descolorida narrativa e examinemos a questão si a expulsão dos francezes foi util, ou prejudicial ao Rio de Janeiro.

Afastando-nos da respeitavel opinião do nosso benemerito consocio, o Sr. Dr. Gonçalves Dias, que pretende *que a expulsão dos francezes levára comsigo muitas esperanças* (109) procuremos demonstrar o contrario pensando que tanto esta como a dos hollandezes fôram de summa vantagem para nossa patria e em geral para o Brasil inteiro; porque sem isso não seriamos hoje uma nação que pela sua unidade de raça e de religião começa a pesar tão poderosamente na balança dos destinos politicos da America, e parece pela Providencia chamada a um glorioso futuro.

Reconhecemos fallando de Villegaignon que os francezes sabiam muito melhor do que os portuguezes captar a benevolencia dos indigenas: e que unicamente ás suas discordias civis e dissensões religiosas devemos attribuir o não se haverem estabelecido com mais permanencia na *terra de Guanabára*. Estamos porém convencido de que

cedo, ou tarde, teriam de abandonar a sua colonia, ou vendendo-a como fizéram com a *Luiziania*, ou deixando-a perder como aconteceu com as suas feitorias *nas Indias Orientaes*, ou finalmente revolucionando-a como succedeu com *o Haity*. É um facto reconhecido pelos seus proprios escriptores que a nação franceza sabe conquistar com valôr, e talvez mesmo fazer-se estimar pelos povos conquistados; mas que falta-lhe o talento de conservar as suas possessões, ou em resultado da natural inconstancia que a caracterisa, ou porque os seus naturaes tenham grande repugnancia de se afastarem do sólo natal.

Não é esta uma hypothese gratuita; pois que a Historia traz o seu valioso testemunho em prol do nosso asserto. Durante os caliginosos reinados de Carlos IX e de Henrique III, durante o sanguinolento periodo da *liga*, como poderia a França attender ás necessidades da sua colonia d'além-mar quando seu proprio territorio na Europa se via ameaçado? quando sem a timidez do Tiberio do 16.º século ter-lhe-hia a batalha de *S. Quintino* aberto as portas de Paris? Quem ha ahi que ignore quantos perigos correu a integridade franceza antes que as victorias d'Arques e d'Ivry servissem de preliminares á paz de Vervins?

Quando por uma feliz casualidade a nascente colonia guanabarense, entregue a seus fracos recursos, escapasse aos reiterados ataques da população portugueza que a rodeava, atravessando d'est'arte a violenta crise porque passava a sua metropole, poderemos acreditar que não fosse mais tarde presa dos hollandezes, ou dos inglezes, que arrebatáram aos successores de Dupleix, Bussy, e Suffren as ferteis regiões que possuiam n'Asia? O que lhe resta do

seu dominio na America senão algumas pequenas ilhas espalhadas pelo mar das Antilhas e a pestifera Cayenna? Antes que a marinha militar surgisse ao toque da vara magica de Colbert a *França Antarctica* teria sido riscada do catalogo das suas colonias. Modernamente vimos que Argel, ligado a Paris pelos fios do telegrapho electrico, foi por muito tempo reputado como inutil senão prejudicial, servindo apenas de vasto campo de Marte á metropole onde adestrava as suas legiões para envia-las, como ainda ha pouco fez, ao *Bosphoro Cimmerio*, ou ao *Chersoneso Cimbrico*.

« Os francezes, diz o douto Cantú, nunca mostráram fun-
« dando colonias, a paciencia tenaz e a constancia intre-
« pida dos hespanhóes e dos hollandezes. » (110)

Procede a opinião favoravel da contemplação dos abusos que praticáram os portuguezes em nossa terra. Longe de dissimula-los fizemos expressa menção d'elles quando apontamos as causas do vagaroso incremento do Rio de Janeiro, fadado pela sua posição geographica, para um rapido progresso. Sejamos porém justos, e confessemos á face do mundo, que da ignorancia mais do que da má vontade dos nossos maiores proveio o estado de atrazo em que o encontrou o sol do Ypirangá. Soffremos a applicação dos erroneos principios economicos que então predominavam: o colono era uma especie de servo de gleba para quem só haviam devêres e não direitos, uma força productora, destinada a abastecer os mercados da metropole. A ideia de chamar de algum modo á vida politica e civil a homens de outra raça, reputados como infieis, e por isso fóra das fronteiras da humanidade, era muito subtil para ser comprehendida e praticada pelos governos d'essa época. E note-se que então eram Portugal e a Hespanha as duas pri-

meiras nações da Europa, que sustinham em suas possantes dextras os phanaes da civilisação.

Ácerca do systema colonial hespanhol e portuguez oiçamos o juizo que emitte o grande economista italiano Rossi:

« No ponto de vista economico fôram estas colonias submettidas ás regras do systema mercantil. Ainda a tal respeito as maximas dos governos hespanhol e portuguez eram as mesmas: com a unica differença de que o governo hespanhol applicava-as com mais zelosa severidade. A primeira d'essas maximas era a absoluta exclusão de todo o estrangeiro: ninguem podia entrar n'uma colonia hespanhóla e ainda menos ahi estabelecer-se se não fosse hespanhol. A importancia dos seus capitaes, a natureza dos seus talentos, o poder da sua industria eram para o estrangeiro outros tantos motivos para se vêr repellido d'essas inhospitas terras. Não havia mesmo igualdade de direitos para o hespanhol nascido nas colonias; tambem elles eram collocados n'uma ordem inferior aos nascidos na Europa.

« As colonias não devêram produzir senão cousas cuja producção fosse necessaria á mãi patria; abstendo-se de tudo quanto esta lhe podesse vender. Ter-se-hia arrancado o cepo da vinha que o colono plantasse e infligindo um castigo a quem pretendesse naturalisar a oliveira. Assegurando-se assim d'um mercado sem concurrencia fixava a metropole as condições dos seus escambios com as colonias. » (111)

Só muito tarde a Hollanda e a Inglaterra admittiram em suas possessões principios mais liberaes: devendo-lhes aquella a conservação de Sumatra, Borneo, Java e as Mo-

lucas, e esta o seu vasto imperio indostanico, momentaneamente perturbado pela estulta e cruel revolta dos *cypaios*, e a fidelidade do Canadá, surdo ás instigações dos *yankees*.

A ordem natural das cousas exige que as colonias se destaquem das suas metropoles; assim como os filhos deixam a casa paterna quando emancipados. O Brasil teria de constituir-se uma nação independente; teria no futuro de separar-se de qualquer nação que o houvesse colonisado; resta a examinarmos si nos seria mais proveitoso o fraccionamento do territorio entre os francezes, hollandezes e portuguezes, ou si a união de todo o paiz debaixo d'uma só macionalidade.

Não haverá um só brasileiro, verdadeiramente amigo do seu paiz, que desejasse ver quebrado *este magnifico vaso de porcellana*, na expressão de um moderno escriptor nosso (112); que não agradeça á Providencia Divina de ter-nos conservado essa integridade, base fundamental da nossa futura grandeza. Hollandezes no norte, portuguezes no centro francezes no sul seriamos fracos e desunidos; fallariamos tres linguas, teriamos talvez duas religiões: e o gigante dos tropicos, que quiçá deterá um dia no isthmo de Panamá a marcha invasora do audaz anglo-saxonio, fazendo recuar a aguia do Mississipi, seria olhado com despreso, e nem se quer escutado nos conselhos da America.

A unidade religiosa e politica do Brasil foi obra de Deus e não dos homens: foi o Céo que auxiliou os Vieiras, ao Vidaes ao Camarões e aos Dias; foi elle que nos deu as victorias dos *Guararapes e Guaxenduba*, que subtrahiu o Rio de Janeiro das mãos de Villegaignon, Duclerc e Duguay-Trouin. A despeito dos erros gravissimos dos governantes

o paiz crescia e prosperava; entregues a nós mesmos expulsamos do nosso sólo o estrangeiro todas as vezes que nelle se quiz estabelecer. Sem as fogueiras da inquisição guardamos a nossa fé religiosa: não respondemos ao appello de Minas e Pernambuco quando nos convidáram á trocar o sceptro e a corôa pelo barrete phrygio: e só fômos nação quando podemos ser imperio.

Gloriemo-nos da nossa origem: somos os herdeiros do Gama; fallamos a lingua de Camões; e vemos sentado em nosso throno um neto de D. Manoel, o *Venturoso*. Somos uma raça vigorosa e intelligente; nascemos na terra da liberdade e fômos embalados com o hymno da independencia. Sebastianopolis não tem saudades d'Henri-Ville; o Rio de Janeiro não lamenta a *França Antarctica*.

NOTAS.

(1) Pigafetta que acompanhou a Magalhães em sua Viagem ao redor do mundo escrevendo uma Relação d'essa viagem, que foi publicada em Milão no anno de 1800 por Carlos Amoretti, assim se exprime quando tracta da sua passagem pela nossa terra:

« In questo porto *(Rio de Janeiro)* entrammo il di de S. « Lucia, avendo il sole allo zenit nel mezzodi, ed ebbimo « nel tempo del nostro soggiorno colá piu caldo che non « n'avevamo provato sotto la linea equinoziale. » (Primo Viaggio intorno al globo terracqueo fatto del cavalier Antonio Pigafetta, patrizio vicentino sulla squadra del Cap. Maggalianes negli anni 1519—1522—Lib. I. pag. 17)

(2) Na grande collecção de Ramusio lemos duas cartas d'Americo Vespucci escriptas á Pedro Soderini, Gonfaloniero da Republica Florentina, dando conta das duas primeiras expedições á Terra de Vera Cruz. Explicando a maneira porque entrára para o serviço de Portugal assim se exprime:

« Standio in Sibilia reposandomi da molte mie fatiche « ch'in due viaggi fatti per il Serenissimo Re Don Fer- « nando de Castiglia nell'Indiè Occidentali haueuo pas- « sate e con volontà de rittornar di nuouo alla terra delle « perle, quando la fortuna non contenta dei miei trauagli « fece che venne in pensiero á questo Serenissimo Re « Don Manuello di Portugallo volersi seruire di me, &. « stando in Sibilia fuori d'ogni pensiero di venire à Portu- « gallo, mi venne un messaggiero con lettere di sua real « coronna, che mi comandaua che io venisse qui á Lis- « bonna, à parlarli, promettendo farmi molte gratie, io « fu consigliato di non partirmi all'hora, & però espe- « detti il messaggiero, dicendogli ch'io stava male, & « quando fosse risanato, & che sua altezza si volesse pur « seruir di me, che farei quanto mi commandasse, la onde « che visto sua altezza, che'l non me poteua hauere, deli- « berò di mandare per me Giuliano di Bartholomeo del

« Giocondo, stante qui in Lisbonna, con commissione che « in ogni modo mi conducesse, venne il detto Giuliano à « Sibilia, per la venuta & preghi del quale, fu forzato à « venire: & fu tenuta à male la mie partita da quanti mi « conosceuano, per essermi partito di Castiglia, doue me « era fatto honore, & il Re mi teneua in bona reputatione, « peggio fù che mi parti *insalutato hospite*, & appresentan- « domi innanzi à questo Re, mostró hauer piacere della « mia venuta & pregommi ch'io andasse in compagnia di « tre sue naui, che stauano in ordine per andar a scoprir « nuoue terre, & perchè un prego d'un Re, è comanda- « mento, hebbi à consentire a quanto mi comandaua. » (Vide Delle Navigationi et Viaggi raccolte da Gio. Battista Ramusio Volume I pag. 128 Venetia. MCVI.)

D'essa primeira carta consta que a frotinha em que Vespucci ia de piloto, descobrira o cabo de S. Agostinho no anno de 1501:

« Partimmo di questo luogo e comenciammo la nostra « navigatione fra leuante esirocco, che cosi corre la terra, & « facemmo molte scale, & mai trouammo gente, che con « esso noi volessino conuersare, & cosi nauigammo tanto « che trouammo che la terra faceua la volte per libeccio. « & come voltammo vn cano, al quale mettemmo nome el « capo de Sant'Agostino.

Continuando a navegar para o sul parece ter entrado no nosso porto, cuja posição geographica assignala, posto que não o nomee; assim como deixa de faze-lo á outras localidades por elle visitadas na carta meridional do Brasil.

(3) Páo brasil.

(4) *Histoire d'um pays situé dans le Nouveau Mond nommé Amerique* por Hans-Stadens d' Homberg.

(5) *Une fete brésilienne.*

(6) *Hist. d'un Voy. faict en la terre du Brésil autrement dite Amerique chap. I.*

(7) *Singularitez de la France Antarctique* pag. 2.

(8) Rocha Pitta. *Hist. d' Am. Port.* livr. III. § 16.

(9) Mons. Pizarro Mem. Hist. do R. de Janeiro tom. I. livr. I. cap. I. pag. 9.

(10) Os francezes chamavam a este rochedo *Ratier* e os portuguezes *Lage*.

(11) Denominavam os indigenas a esta ilhota de *Serigipe*.

(12) Lery *Hist. d'um voy. faict en la terre du Brésil, autrement dite Ameriq.* chap. VII. pag. 88.

(13) Lery ibidem.

(14) *Les Singularitez de la France Antarctique,* chap. 60.

(15) Apparece na já citada *Collecção di Ramuzio* a Relação da viagem d'um capitão de Dieppe (Pedro Crignon) escripta em 1539, que marca a época dos descobrimentos francezes no litoral do Brasil, reconhecendo a prioridade dos portuguezes:

« Questa terra del Brasile fu primamente scoperta da « Portoghesi in qualche parte, e sono circa trentacinque « anni. L'altra parte fu scoperta per vno di Honfleur, chia- « mato Dionizio di Honfleur da venti anni in qua... »

Em um luminoso e recente opusculo intitulado — *Examen de quelques points de l'Historie Geographique du Brésil,* o Sr. Varnhagen, fallando ácerca da pretenção que tem a marinha franceza de ter sido a primeira em explorar as nossas costas, assim se expressa:

« Je suis loin d'abriter, à propos de la priorité, ou de « l'importance des anciennes navigations françaises au « Brésil des idées de jalousie ou d'injustice, que la-dessus « je puis bien m'enorgueillir de pouvoir répondre avec le « grand nombre de faits et de documents que j'ai fait co- « naitre moi-même, donnant plus de relief et d'impor- « tance aux navigations françaises au Brésil; et je dois « ajouter que quelques uns de ces faits en faveur des ex-

« ploits de l'ancienne marine française, ont été fournis « par des doçuments originaux de ma proprie collection, « que j'aurais bien pu conserver par divers moi, et que je « me suis fait un plaisir de publier.

« Et je respecte tant les aspirations des peuples à gar- « der leur, gloires historiques même um peu hasardeuses, « que ne puis que louer les Dieppois quand ils pretendent « avoir decouvert l'Amèriqne avant Colomb, em 1488, de « même que certaines familles du Brésil pretendent en- « core que le Portugais João Ramalho etait allé a Saint « Paul, à peu pres à la même epoque, également avant de « a decouverte de l'Amérique par Colomb. »

(16) *Véritable Histoire et description d'um pays situé dans l'Amérique par* Hans-Stadens d'Homberg chap. 26.

(17) Posto que tão fortificados os francezes não faziam comtudo hostilidades nem guerra offensiva aos portuguezes satisfeitos com gozarem da terra quietos, (S. de Vasc. Vid. d'Anch. livr. III. cap. I.)

(18) Pizarro Mem. Hist. do Rio de Janeiro livr. I cap. I.

(19) B. da S. Lisbôa—Annaes do Rio de Janeiro livr. I. cap. II. pag. 64.

(20) Thevet — *Cosmographie*. tom. II. livr. XXI, chap. 2.me pag. 908.

(21) Nome que os protestantes dão á *Eucharistia*.

(22) Une Fête Brésilienne—Notes—pag. 70.

(23) Aos 11 de Julho de 1557, na idade de 55 annos havendo reinado 35.

(24) Hist. Geral do Brasil pelo Sr. F. A. de Varnhagen, tomo 1.° Secç. XVII pag. 232.

(25) Rocha-Pitta Hist. d'Am. Portug. Livr. III, pag. 156.

(26) Este rochedo, que existia no meio da ilha chamado *monte das palmeiras*, foi mandado demolir assim como os oiteiros dos extremos por ordem regia de 22 de Septembro de 1761 ordenando que continuasse a bateria em circulo na fórma da planta remettida pelo governador Gomes Freire d'Andrada, cuja obra principiou a executar o vice-rei conde da Cunha e ultimou o marquez de Lavradio. (Mem. hist. do Rio de Janeiro pelo mons. Pizarro tom. 7.º cap. 1.º pag. 14.) O Sr. Varnhagen no tom. 2.º secç. 43.ª pag. 194 diz que esta obra só se terminára em 1761, sendo apenas esta a data da ordem da secretaria d'estado approvando a planta remettida á côrte por Gomes Freire e ao concluir-se ella como diz Pizarro, que nos parece bem informado, no tempo do marquez de Lavradio devêra ser depois de 1769; pois que á 4 de Novembro do referido anno tomou elle posse do vice-reinado.

(27) Diz o Sr. Varnhagen (Hist. Geral do Brasil tom. 1.º secç. 18.ª pag. 240) que poucos annos depois reclamava Villegaignon indemnisações ao governo portuguez, ás quaes seu embaixador em Paris, João Pereira Dantas, aconselhava que se attendesse para *o calar*.

(28) Carta de Mem de Sá inserta nas memorias d'El-rei D. Sebastião pelo Abbade Barbosa tom. 1.º pag. 438.

(29) O Sr. Varnhagen quer que se diga *Paranapuana*; mas todos os chronistas escrevem como acima o fizemos.

(30) Actualmente conhecido pelo nome de *Catete*.

(31) Não sabemos com que fundamento affirma o author do Sanctuario Marianno que a aldeia *d'Uruçumirim* era na ilha depois chamada de Villegaignon.

(32) Mem. Hist. Docum. das Ald. dos ind. da prov. do Rio de Janeiro cap. 2.º pag. 34.

(33) *Conf. dos Tamoyos* pelo Sr. D. J. G. de Magalhães canto II pag. 37.

(34) Que então era o padre Manoel da Nobrega.

(35) Assim escreve Pizarro dizendo que o seu actual nome de *Bertióga* é corrompido.

(36) « Balisa tropical meta lusente,
« Throno do Capricornio, á cujo aceno
« O eclyptico galope dos ethontes
« Pára e recúa no celeste circo »

na bellissima expressão do eximio poeta brasileiro e nosso particular amigo o Sr. M. de Araujo Porto-Alegre.

(37) Conf. dos Tamoyos canto X pag. 325.

(38) Hist. Geral do Brasil pelo Sr. Varnhagen Tom. 1.º secç. 19.ª pag. 251.

(39) Consideramos o padre Azevedo como uma personagem igual ao governador e ao bispo, pois que na sua cathegoria de visitador geral era o superior dos Jesuitas, cuja influencia é geralmente reconhecida.

(40) S. de Vasc. Vida d'Anch. livr. II cap. XIII pag. 117.

(41) Apartamo-nos aqui da opinião do Sr. Varnhagen e da do conselheiro Silva Lisbôa que dizem ter sido Estacio de Sá ferido no assalto *de Puranapucuhy* preferindo a de S. de Vasconcellos, que assevera que tivéra lugar este successo no ataque *d'Uruçumirim*.

(42) Onde jaz portuguezes o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulchro sequer.... raça d'ingratos!

Camões Poema de J. B. de Almeida Garret canto X pag. 205.

(43) Depois chamado do *Calabouço* e onde se acha agora o arsenal da guerra.

(44) Ambas formam a moderna fortaleza de S. João.

(45) Actualmente de *Santa Cruz*.

(46) A antiga Sé e presentemente igreja e convento dos capuchinhos.

(47) Este quadro é primorosamente traçado pelo Sr. Porto-Alegre nestes lindos versos:

« As fouces e os machados manobrando
« Vão amputando o perystillo umbroso
« Da verde tenda monumento inculto
« Que d'indomitas féras foi asylo
« E os accentos canoros de mil aves
« Nas perfumadas folhas embebêra:
« Onde em barbaro côro a simia astuta
« Outr'ora se embalava, té que a frecha
« Do certeiro tamoyo o ar fendendo
« Co' a ponta ervada lhe enfiasse a morte. »

(Dest. das florestas—Brasiliana—canto I pag. 5.)

(48) Hist. Geral do Brasil tom. 1.º secç. XIX pag. 255.

(49) Æn. livr. VI vers. 278.

(50) Silva Lisbôa Ann. do Rio de Janeiro tom. I livr. I cap. I pag. 116.

(51) Mem. Hist. e Doc. das Aldeias de indios da provincia do Rio de Janeiro pelo Sr. J. Norberto de S. S. cap. 2.º pag. 58.

(52) Na sua erudita Historia Geral do Brasil (tom. 1.º secç. XIX pag. 256) diz o nosso douto consocio que a aldeia do *Moçarára* Ararigboia estava do lado da cidade de S. Sebastião no local depois chamado *Bica dos Marinheiros;* contra esta opinião porém protestam todos os historiadores e chronistas que consultamos, que são concordes em assignar á aldeia d'Ararigboia o sitio onde hoje vegetam seus miseros descendentes.

(53) Mem. Hist. e Doc. das Aldeias de indios da provincia do Rio de Janeiro pelo Sr. Norberto cap. 2.º pag. 60.

(54) *Ens. sobre os jesuitas*, inserto na Rev. Trim. do Inst. Hist. tom. 18 part. 2.ª pag. 128.

(55) Pensamos que este é o seu verdadeiro nome, como o encontramos em Lery, e não *Bolés*, como escreve S. de Vasconcellos.

(56) Jules Simon *Liberté de Conscience* leçon IV pag. 272.

(57) *Le Brésil* pag. 65.

(58) Annaes do Rio de Janeiro tom. 1.º cap. 6.º pag. 318.

(59) Vide Ann. do Rio de Janeiro por S. Lisbôa tom. II pag. 10.

(60) Ibidem tom. II pag. 18.

(61) *Plutarcho Brasil.* Pelo Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva tom. II pag. 52.

(62) Vide Ann. do Rio de Janeiro tom. IV pag. 72.

(63) Silv. Lisb. Ann. do Rio de Janeiro tom. IV pag. 225.

(64) Annaes do Rio de Janeiro tom. V. pag. 9.

(65) A' 21 de Janeiro de 1641. Vide o *Quadro Elem. das rel. dipl. entre Portugal e as principaes potencias da Europa* pelo visconde de Santarem tom. IV Int. pag. 199.

(66) Hist. Geral do Brasil pelo Sr. Varnhagen tom. 2.º secç. 35 pag. 62.

(67) Methuen.

(68) O Sr. Ed. Fournier no seu interessante e recente livrinho intitulado—*L'Esprit dans l'Histoire*—contesta a authenticidade d'este dito attribuido ao rei por Voltaire no seu *Século de Luiz XIV*, e repetido depois d'elle pelos mais graves historiadores. Referindo-se ao *Jornal de Dangeau* sustenta que semilhantes palavras nunca fôram proferidas pelo rei de França; mas que o embaixador de Hes-

panha querendo convencer a Philippe V (duque d'Anjou) da commodidade da jornada para a sua capital disse-lhe que os *Pyrenneos estavam fundidos;* o que lhe parece muito conforme á emphase castelhana, e tambem mais verosimil.

(69) Vide Mignet *Negotiations relatives à la succession d'Espagne sous Louis XIV* tom. II pag. 215.

(70) Eram tão fracas e insignificantes as fortalezas que houve ideia de fechar o porto com cadêas de ferro, que de modo algum poderiam resistir a acção da artilheria. Citemos a carta-regia endereçada ao governador do Rio de Janeiro no anno seguinte ao da invasão de Duclerc e quando o governo portuguez devêra estar mais amestrado pela experiencia:

« Francisco de Castro Moraes—Eu El-Rei vos envio « muito saudar. Encommendo-vos procureis vêr si se póde « fechar com cadêas essa barra; e quando se possa con- « seguir o ponhaes em execução por ficar assim esse porto « mais defensavel; impedindo com isto a entrada aos « nossos inimigos. Lisbôa a 5 de Maio de 1711—Rei— « Miguel Carlos—Para o Governador do Rio de Janeiro. »

(71) *Os regimentos velho e novo.*

(72) Vide Vatel—*Droit des Gens* tom. II, livr. III, chap. XV, § 229—*Des armateurs.*

(73) Vide a Mem. do Desc. e Fund. da Cid. de S. Sebastião do Rio de Janeiro escripta pelo tenente A. Duarte Nunes e publicada no tom. I da Rev. Trim. do Inst. Hist. Geog. do Brasil.

(74) Então chamada de *Secopenopan.*

(75) Assim era conhecido todo o espaço comprehendido entre este chafariz e o mar.

(76) Onde se acha actualmente a igreja do Rozario e vulgarmente conhecido pelo Largo da Sé.

(77) Silva Lisb. Ann. do Rio de Janeiro tom. V cap. VI pag. 278.

(78) Esta lagôa que hoje já não existe achava-se entre as ruas Nova do Conde e a do Areal.

(79) Então chamado do Desterro.

(80) Pizarro Mem. Hist. do Rio de Janeiro tom. I cap. II pag. 30.

(81) O Castello.

(82) O Largo do Paço.

(83) Então chamado de Luiz da Motta.

(84) Chamado depois—*Casa dos Contos*, onde estão hoje o *Correio* e a *Caixa d'Amortisação*.

(85) Suspiros poeticos do Sr. Magalhães—Napoleão em Waterloo.

(86) Pensamos que ha equivoco da parte do author dos Ann. do Rio de Janeiro quando orça em quinhentos o numero dos nossos mortos. Mons. Pizarro, á vista de um documento muito authentico, (o Livro d'obitos da freguezia da Sé) assevéra terem sido sómente cincoenta.

(87) Vide Mem. Hist. do Rio de Janeiro tom. I cap. II pag. 48.

(88) Munido de uma portaria do Governo Imperial e auxiliado pela benignidade do Sr. Commendador Barbosa, dignissimo Director interino do Archivo Publico deparámos nesta repartição, confiada á seu zelo e intelligencia, com alguns documentos importantes e relativos ás duas ultimas invasões francezas. Mencionaremos aqui duas provisões regias, uma agradecendo ao governador do Rio de Janeiro pela sua conducta por occasião da invasão de Duclerc, e a outra ordenando-lhe que informasse em segredo sobre o procedimento de alguns officiaes. Citemo-las integralmente:

« Francisco de Castro Moraes — Eu El-Rei vos envio « muito saudar. Vi a conta que me déstes da fórma com

« que assaltáram os francezes essa cidade e o glorioso « successo que tivéram nossas armas com a morte de « muitos inimigos e os mais prisioneiros, e a noticia que « os officiaes da camera Me deram do valor com que vos « portastes no dito conflicto, e a singular disposição com « que acodistes á toda parte por salvar o nosso perigo: « E pareceu-me agradecer-vos (como por esta agradeço) « a honrada acção e valeroso animo com que defendestes « essa praça, e o destroço que fizeste nos nossos inimigos, « como tambem as singulares disposições com que vos « houvestes para se conseguir um tão feliz successo com a « perda total dos francezes, e para que as mais pessoas, « que a assignaláram nesta occasião, possam ser pre- « miadas, conforme o seu merecimento e qualidade: Vos « ordeno Me mandeis uma relação d'ellas com toda a dis- « tincção. Escripta em Lisbôa á 10 de Março de 1711.— « André Lopes de Lavre—Para o Governador do Rio de « Janeiro. »

Apezar do proposito deliberado em que pareciam estar todos em occultar ao Rei a verdade dos successos aqui occorridos chegou, não sabemos como, ao seu conhecimento a cobardia d'alguns chefes e officiaes, o que deu lugar a dirigir a Francisco de Castro (o mais cobarde de todos) a seguinte Provisão:

« Francisco de Castro Moraes — Eu El-Rei vos envio muito saudar. Por ser informado de que alguns cabos « de guerra procedêram na occasião que houve com os « francezes dessa cidade com frouxidão e fraqueza Vos « ordeno Me informeis com todo o segredo e individua- « ção neste particular; quaes fôram para Me ser presente « esta noticia. Escripta em Lisbôa á 7 de Março de 1711— « André Lopes de Lavre—Para o Governador do Rio de « Janeiro. »

(89) Ann. do Rio de Janeiro tom. V cap. VI pag. 291.

(90) Mem. Hist. do Rio de Janeiro tom. I cap. II pag. 34.

(91) « Duclerc having been at one time lodged in the « Jesuit's college, and afterwards in fort S. Sebastian,

« obtained permission to take a house, wheve, about six « months after his surrender, he was found dead one « morning, having been murdered during the night. « This assassination assuredly was not an act of popular « fury; it could only have been the work of private ven- « geance.... and jealousy, in all likehood, was the cause. « But inquiry was not institued, as it ought to have been « in any case, and more especially in one wherein the « national faith would apear to be implicated. » (Southey *History of Brasil*—Part. III chap. XXXIII pag. 113.)

(92) Taes deligencias não chegáram ao conhecimento dos historiadores nacionaes, ou estrangeiros.

(93) Vide *Mem. de Duguay-Trouin*, pag. 185.

(94) Eis o documento a que acima alludimos, extrahido por nós do Archivo Publico:

« Francisco de Castro Moraes—Eu El-Rei vos envio « muito saudar. Vendo o que me escreveste em carta de « 9 de Novembro do anno p. p. do que determinaveis « obrar com os prisioneiros francezes tomando o expe- « diente de os mandares nas embarcações que sahissem « para outros portos, assi por diminuir esta gente e fi- « cardes com menos cuidado como tambem por não ha- « ver mantimentos com que se possam, sustentar escre- « vendo aos governadores os tenham seguros até minha « ordem representando-me que o Cabo Mr. Duclerc e um « religioso do Carmo que fôra por capellão dos francezes « tinheis tenção de mandar para mais longe por serem « estes dois sugeitos demasiadamente inquietos, e que não « convinha tornarem para a França para não moverem o « seu Rei a outras facções semelhantes; Me pareceu di- « zer-vos que tendes obrado bem na expedição que to- « maste em mandar estes prisioneiros francezes para os « portos do Brasil, advertindo-vos porém que só o façais « para a Bahia, porque não convém na conjunctura pre- « sente passem para Pernambuco, e a Mr. Duclerc e ao « religioso do Carmo enviareis para a mesma praça em « uma náo de guerra para que se não dè occasião a que

« possam fugir, e ao governador da Bahia aviso o que ha « de obrar neste particular. Escripta em Lisbôa a sete de « Março de 1711.—André Lopes de Lavre—Para o Go- « vernador do Rio de Janeiro. »

(95) Vide *Mem.* de Duguay-Trouin pag. 167.

(96) Vide *Annaes do Rio de Janeiro* tom. V cap. VI pag. 308.

(97) Eis a integra d'estas duas cartas, que reproduzimos neste lugar, apezar de já terem sido citadas pelo conselheiro Silva Lisbôa e o Sr. Varnhagen, afim de tomarmos mais completo este nosso trabalho.

A' 19 de Septembro Duguay-Trouin mandou um tambôr levar ao governador a seguinte carta :

« Senhor.—El-rei meu amo querendo alcançar satisfa- « ção da crueldade exercida com os officiaes e soldados « que fizestes prisioneiros o anno passado, e bem infor- « mado Sua Magestade de que depois de fazerdes assassi- « nar os cirurgiões, a quem havieis consentido que des- « embarcassem dos navios para curar os feridos os deixas- « tes perecer á fome e á miseria, e de que havieis tido em « captiveiro (contra a observancia dos ajustes entre as co- « rôas de França e Portugal,) a tropa que ficou prisio- « neira, me mandou com seus navios e tropas para vos « obrigar a ficardes á sua discripção, entregando-me os « prisioneiros francezes, e fazendo pagar aos habitantes « d'esta colonia as contribuições que fôrem bastantes para « punil-os de suas crueldades, e satisfazer amplamente á « S. M. da despeza que fez para este tão respeitavel ar- « mamento. Não tenho querido intimar-vos que vos ren- « daes, achando-me em estado de vos obrigar a isso, e de « reduzir a cinzas o vosso paiz e a vossa cidade, esperando « que o façaes entregando-vos á discrição d'el-rei meu « senhor, que me ordenou não offender aos que se sub- « mettessem de bom grado arrependendo-se de have-lo « offendido nas pessoas de seus officiaes e de suas tropas.

« Soube tambem, senhor, que se fez assassinar a Mr. Du- « clerc que os commandava e não quiz usar de reprezalias

« sobre os portuguezes que cahiram em meu poder, por-
« que a intenção de S. M. não é fazer a guerra d'uma ma-
« neira indigna d'um rei christianissimo; e ainda que
« estou persuadido de que não tivestes parte naquelle ver-
« gonhoso assassinato, não obstante S. M. quer que me
« indiqueis os authores para que se faça justiça exemplar.

« Si não obedecerdes logo á sua vontade nem vossas
« peças, tropas e barricadas, me embaraçarão de executar
« as suas ordens, e de levar a ferro e fôgo todo este paiz.

« Espero, senhor, resposta prompta e decisiva, e sem
« duvida conhecereis que si até agora vos tenho poupado
« tem sido para fugir ao horror d'envolver os innocentes
« com os culpados. Sou, &c.—*Duguay-Trouin.* »

Ao que lhe respondeu o governador:

« Vi, senhor, os motivos que vos trouxéram de França
« a este paiz. Segui no tratamento dos prisioneiros fran-
« cezes os estylos da guerra, não lhes faltando pão de mu-
« nição e outros soccorros; posto que o não merecessem
« pelo modo porque atacáram este paiz d'el-rei, meu se-
« nhor, e mesmo sem faculdade d'el-rei christianissimo,
« exercendo unicamente a pirateria; comtudo eu poupei
« a vida a seiscentos homens como o poderão certificar os
« mesmos prisioneiros a quem salvei do furor da espada.
« Em nada tenho faltado ao que careciam segundo as in-
« tenções d'el-rei meu senhor.

« Quanto á morte de Mr. Duclerc, dei-lhe a pedido seu,
« a melhor casa d'este paiz, onde foi morto. Não pude
« descobrir quem foi o matador por mais deligencias que
« se fizeram, tanto da minha parte como da da jnstiça; e
« vos asseguro que si fôr encontrado o assassino ha de
« ser punido como merece. E' pura verdade ter-se tudo
« passado segundo vos exponho.

« Emquanto á entregar-vos a cidade pelas ameaças que
« me fazeis, havendo-me ella sido confiada por el-rei,
« meu senhor, não tenho outra resposta á dar-vos senão
« que a hei de defender até a ultima gôta do meu sangue.
« Espero que o Deus dos exercitos não me abandonará em
« uma causa tão justa, como a da defeza d'esta praça, de
« que pretendeis assenhorear-vos com tão frivolos pre-
« textos e tão extemporaneamente.

« Deus guarde a V. S. de quem sou &c.—*Francisco « de Castro Moraes.* » (Mem. de Duguay-Trouin pag. 181—185.)

(98) *Memoires de Duguay-Trouin* pag. 190.

(99) Citemos o termo da nomeação dos negociadores escolhidos para esta capitulação, e por nós extrahido do Archivo Publico livr. 1.º *dos termos, homenagens e assentos.*

« Em 30 de Setembro de 1711 em o sitio do Engenho-« Novo dos reverendos padres da Companhia do Collegio « do Rio de Janeiro, onde se achava acampado o gover-« nador d'esta capitania Francisco de Castro Moraes ahi « convocou as pessoas da nobresa e negocio que se acha-« vam presentes ás quaes propoz que o general da armada « d'el-rei de França que tinha entrado na cidade lhe havia « feito presente a queimaria, e ao paiz, si acaso os mora-« dores d'ella a não quizessem resgatar contribuindo com « o preço que os deputados d'uma e d'outra parte concor-« dassem, para conclusão de cujo negocio cessariam por « espaço de cinco dias as armas, pelo que era preciso que « sobre esta materia accordassem o que convinha e decla-« rassem si eram contentes que as pessoas que elle para « esta conferencia com o inimigo havia nomeado eram as « que elles queriam para o mesmo effeito e lhes dava um « poder para em seus nomes e de todo o mais povo tra-« tarem d'esta capitulação; o que visto e ouvido por elles « disseram que approvavam pelo que lhes tocava ás ditas « pessoas que eram o Dr. Juiz de Fóra Luiz Fortes de « Bustamante e o mestre de campo João de Paiva Souto-« Maior aos quaes concediam os podêres necessarios para « effeituar este resgate, assim da cidade como das fazen-« das e o mais que lhes tocasse. E pelo que tocava a S. « M., que Deus guarde, e estava a cargo d'elle dito go-« vernador lhes concedia os mesmos podêres. De que « mandou fazer este termo que eu Manuel Borges de Ma-« dureira escrevi em ausencia do secretario d'este go-« verno. — Francisco de Castro Moraes—Luiz Fortes de « Bustamante — Manuel Pimenta Tello — João de Paiva « Souto-Maior—João Areias d'Aguirre — Manuel Corrêa

« Vasques — Christovão Pereira d'Abreu — Mathias Bar-
« bosa da Silva. »

(100) Ainda que o conselheiro B. da Silva Lisbôa cite um trecho da carta do Juiz de Fóra, primeiro plenipotenciario da negociação, julgamos prestar um serviço aos nossos leitores dando-a aqui integralmente e tal qual achamo-la transcripta no já citado *livro dos termos, homenagens e assentos:*

« Em os dois dias do mez de Outubro de 1711 estando
« acampado o governador d'esta capitania Francisco de
« Castro Moraes no sitio atraz declarado recebeu a carta
« seguinte do Dr. Juiz de Fóra Luiz Fortes de Bustamante
« e Sá:

« Meu senhor.—Hoje entramos em conferencia com os
« nomeados pelo general Duguay e de manhan não se
« ajustou cousa alguma, por só gastar o tempo em dispu-
« tar por parte d'elles o grande rendimento que el-rei
« aqui tinha em quintos, moéda, contracto das balêas,
« fisco e mais contractos, si acaso os ha, o que eu não
« sei; dissemo-lhes que tudo isto importaria, segundo
« nossa noticia, em trezentos mil cruzados, o que podia
« melhor certificar-se pelos livros e inventarios, que se
« achavam em seu mesmo poder, ao que não quizeram
« dar credito, e por fim de contas vieram esta tarde a
« pedir dois milhões pela soberania da terra, forta'ezas,
« artilherias e cidade, entrando conventos e tudo o que
« lhes pertence. Respondi-lhes que si S. S. se não punham
« na razão averiguando o que a terra podia dar de si, e
« conformando-se com a possibilidade d'ella, se rompesse
« a conferencia, porque a impossiveis ninguem era obri-
« gado, e lhe demos a entender que o que poderia dar-se
« por tudo seria trezentos até quatrocentos mil cruzados,
« e que avisavamos a V. S. para determinar com a gente
« da governança o que com effeito se daria pelo sobredito
« resgate, e assignáram para isto vinte e quatro horas
« dentro das quaes, ou mais cedo si fôr possivel, nos man-
« dará V. S. a resolução do que póde contribuir-se para
« vêrmos o que havemos de assentar. É tambem neces-
« sario saber-se para o ajuste que a cidade está toda sa-

« queada e os moveis quebrados e maltratados e a fazenda « que lhes pareceu recolhida em dez ou doze armazens a « qual dizem vendêrão e quando o principal se ajuste « virão mercadores a compra-la si quizerem.

« A' vista da carta o dito governador a propoz ás pes- « soas abaixo nomeadas para que dando os seus votos se « tomasse resolução para a resposta, e todos uniforme- « mente assintiram que pela cidade fortificações, edificios « e munições sem reserva alguma se podia dar até dois « milhões entrando tambem as fazendas e mais bens que « se achassem nas casas e só ficarão de fóra para novo « ajuste aquellas que estiverem misturadas e não se po- « der saber quem são seus donos. Do que mandou fazer « este termo que eu Manuel Borges de Madureira por au- « sencia do secretario do governo escrevi.—Francisco de « Castro Moraes — João Areias d'Aguirre—Manuel Pi- « menta Tello—Domingos Henriques—Luiz de Albuquer- « que Maranhão—Martim Corrêa de Sá—Manuel Corrêa « Vasques—Pedro de Azambuja Ribeiro—Mathias Bar- « bosa da Silva—Christovão Pereira de Abreu. »

(101) Vide Annaes do Rio de Janeiro tomo V cap. VI pag. 363.

(102) Podemos encontrar no Archivo Publico o seguinte termo da pretendida capitulação entre o governador e o almirante:

« Saibam quantos este publico instrumento dado e pas- « sado em publica forma do officio de mim tabelião virem « que no anno do Nascimento de Nosso Senhor J. C. de « 1711 annos aos onze dias do mez de Novembro do dito « anno nesta cidade do Rio de Janeiro em pouzadas do « Dr. Juiz de Fóra. Luiz Fortes de Bustamante, aonde eu « tabelião fui, e sendo ahi por elle me foi apresentada uma « resposta do Sr. Governador ás capitulações do Sr. Ge- « neral francez. cujo theor é o seguinte:

« Que promette de pagar seis centos mil cruzados, em « doze, ou quinze dias; e que por não sentir d'onde possa « tirar mais contribuição d'este povo offerece a S. S. cem « caixas d'assucar duzentos bois e dez mil cruzados em

« dinheiro, ficando com sentimento de não se achar com « mais para lhe offerecer, e o sobredito ajuste é pelo « resgate da soberania da terra, cidade redonda, e suas « fortalezas com todas as artilherías á ellas pertencentes.

« Que a polvora se comprará aos Srs. officiaes francezes.

« Que pela manhan irão os refens até satisfazer o dinheiro promettido.

« Que as mais condições se acommodaram com a intenção de S. S. para o embarque das tropas.

« E que para as mercadorias enviará homens de negocio que tenham dinheiro para compra-las, ficando desde « hoje em paz, assim com os moradores do paiz, como « com as embarcações que entrarem nelle. — Campanha « 10 de Outubro de 1711 annos — Le Chevalier Duguay-Trouim — Vu pour nous Chevalier et Conseiller du Roy « en Ses Conseils, Inspecteur General de la marine et « Conseiller au Parlement de Metz — De Ricouart — João « de Paiva Souto Maior — o qual treslado d'instrumento « tresladei bem e fielmente do proprio a que me reporto, « e corri, concertei, escrevi e assignei em publico e raso « nesta cidade do Rio de Janeiro aos onze dias do mez « de Novembro de 1711 annos — João de Carvalho e « Mattos — Em testemunho de verdade. —

(103) Eis o documento por onde se prova que Duguay-Trouin recebêra a somma estipulada pelo resgate da cidade, assim como pela polvora que os portuguezes fôram obrigados a comprar aos seus vencedores: documentos estes tambem extrahidos do Archivo Publico.

« Nous Chevalier de l'Ordre militaire de S. Louis, « Commandant General des troupes et de l'escadre des « vaisseaux de S. M dans la rade de Riogenero, et nous « Chevallier et Conseiller du Roy en Ses Conseils, Conseiller de S. M. en Sa Cour Souveraine du Parlement: « certifions à tous qu'il appartiendra que pour les six « cents dix mil cruzados dont nous sommes convenus « avec M.r D. Francisco de Castro Moraes, governeur pour « la capitulation de la ville et des forteresses da Riogene-

« ro nous avons reçu vengt six arrobes et demye et deux « cents quatre-vingt-dix sept octaves de poudre d'or sur « le prix de quatorze testons et quatre vingtins l'octave, « onze arrobes dix-neuf livres soixante et une octave et « demye d'or en barres lingots, ou monnayes d'or prestes « a marquer sur le vingt quatre monnayes d'or et un « quart de nouvelles fabrique de quarente huit testons la « piece; plus nous avous reçu deux cents bœufs pour le « refraichissement des dites troupes et cent caisses de « sucre; tous les reçus pour le dites sommes de quelque « espèce qu'ils soient demeueront nuls: et dans la dite « capitulation de la ville et des forteresses nous n'y avons « pas compris la poudre. En foy de quoy nous avons « signé le present pour servir et valoir ainsy que de raison « à bord du vaisseau — *le Lys* — le sixieme Novembre 1711 — Duguay-Trouim. — De Ricouart.

« Nous Chevallier de l'Ordre militaire & ca: certifions a « tous qu'il appartiendra que nous avons reçu pour deux « mil cinquante barrils de poudre a tirer la somme de « quarente six mil cinq cents soixante croisades en pou- « dre d'or sur le prix de quatorze testons et quatre « vingtins l'octave et en barres, ou lingot a seize testons « l'octave. En foy de quoy nons avons signé le present « pour servir et valoir ainsy que de raison a la rade de « Riogenero le sixeme Novembre 1711 a bord du vais- « seau du Roy — *Le Lys* — Duguay-Trouim.

(104) Vide Pizarro Mem. Hist. do Rio de Janeiro tom. I. pag. 71 — 72.

(105) Os jesuitas tinham tambem sabido s'insinuar no animo do almirante francez o que fez dizer ao mencionado Vasconcellos Velho — os padres da Companhia que em *toda a ocasiaõ são famosos* deixáram ficar no collegio o padre Antonio Cordeiro, &.

(106) Mem. de Duguay-Trouin pag. 198.

(107) Dando conta das sentenças proferidas pela alçada, assim s'exprime Rocha Pitta:

« Juntos os ministros procedeu o Chanceller em sua « devassa do caso não faltáram opiniões que tambem in-

« famáram de traidor a Francisco de Castro mas não ha-
« vendo indicios para se lhe formar culpa d'infedelidade,
« se lhe provàram faltas de valor e de disposição, que fô-
« ram causa de não pelejar na defensa da praça, e de a
« desamparar crime pelo qual foi sentenciado a degredo
« e prisão perpetua em uma fortaleza da India. Um mes-
« tre de campo seu sobrinho, filho de Gregorio de Castro
« e Moraes, que succedêra a seu pai no cargo e não no
« alento, foi privado do posto, com degredo perpetuo.
« Um capitão da fortaleza de S. João, que por cobarde a
« entregára logo aos inimigos (delicto pelo qual andava
« auzente) enforcado em estatua. Aos outros presos se
« concedeu livramento, e mostrando que não concorrê-
« ram mais que na obediencia das ordens do seu gover-
« nador fôram dados por livres e com estas sentenças se
« dissolveu o tribunal, mandado formar n'aquella cidade
« para castigar os complices da sua perda. » *Hist. d'America portugueza.* livr. IX. § 94 pag. 582.

(108) Yet there was another objection to soliciting, or even accepting aid from Great Britain and Holland, for, although an allied squadron might undoubtedly facilitate the recovery of Rio de Janeiro, their entrance into that port would produce consequences easily to be foreseen, and greatly injurious to that commerce, which Portugal was now determined upon reserving wholly to itself.

(History of Brasil chap. XXXIII pag. 125.)

(109) *Introducção aos Annaes de Berredo.*

(110) *Hist. Univ.* tom. VII cap. XIII pag. 127.

(111) *Cours d'Economie Politique* tom. 2.º leçon 14.me

(112) Visconde de S. Leopoldo Ann. da prov. de S. Pedro do Sul cap. XVI pag. 305.

MEMORIA

DO

SR. DR. G. S. DE CAPANEMA

Lida na sessão do Instituto de 24 de Novembro de 1854.

QUAES AS TRADIÇÕES, OU VESTIGIOS GEOLOGICOS QUE NOS LEVEM Á CERTEZA DE TER HAVIDO TERREMOTOS NO BRASIL.

Tal foi um programma lançado em outro tempo sobre a meza do Instituto Historico: tão pezada é porém a significação de suas palavras que nenhum athléta appareceo, audaz bastante para se arrojar á decifração do enigma digno do mais voraz Sphinge; a consequencia foi um somno de longos annos.— Finalmente em 16 de Fevereiro de 1850 quiz um desses inexplicaveis caprichos do acaso que eu fôsse visto atravez de um poderoso microscopio, e assim tomado pelo Alcides robusto, dotado dos elementos precisos para possibilitar o impossivel! durante quasi cinco annos conservei o prestigio que me dava a crença no meo poder, mas hoje é chegado infelizmente o dia em que tenho de voltar á minha antiga insignificancia, e apparecer no meo tamanho natural; mas como o luminoso meteoro, que antes de apagar estoura, esforçar-me-hei para deixar alguma lembrança, que revele a minha passagem. Antes de fazêl-o cumpre-me dar algumas explicações ao Instituto Historico sobre ás cauzas ás quaes é devida a minha demora em responder; para que não se me taxe de desleixado, ou cousa ainda mais imperdoavel; de fazer pouco caso de incumbencias que a todo homem, que pelo menos tenha accessos de brio, devem honrar em subido grão.

Logo que recebi o programma tratei de colher as tradições que pudessem existir; estas são de duas especies ou mais ou menos veridicas referidas a épocas determinadas, e archivadas nas paginas dos historiadores, ou conservadas na bocca do povo, e adulteradas de mil modos: ambas porém fornecem dados pouco valiosos para adiantar um passo ao menos na solução do obscuro problêma. Tradições escriptas poucas existem, e estas desde logo me fôram fornecidas pelo nosso infatigavel consocio o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, o que me foi um poderoso auxilio, pois devo confessar que tenho mais aptidão para decifrar os jeroglyphos com que a natureza gravou a sua historia desde o tempo da crystallisação dos granitos, até a extinção dos mastodontes de que para pesquizar os respeitaveis folios produzidos pelo ingenho humano. Quanto ás tradições guardadas pelo pôvo, suppuz que facilmente as obteria escrevendo aos Presidentes de algumas provincias, na esperança de que elles me mandassem o que fôsse possivel colher; demorei-me tres annos; e no fim delles convenci-me de que esses senhores eram demasiado conscienciosos, e que não querendo fornecer-me dados incertos, esperavam que um dia suas almas depois de libertadas do envoltorio de chrysalida, que as prende a este mundo, vôem por esses sertões e dotadas do poder de penetrar os mysterios do passado, me respondão. Esgotada por fim a minha paciencia requeri ao Instituto que mandasse pedir as informações de que eu necessitava, e em treze mezes foi elle pouco mais feliz do que eu pois só seis Presidentes respondêram; os outros nem si quer cumpriram os preceitos da cortezia.

Pelo que diz respeito aos vestigios geologicos, podemos

dizer que nos achámos a margem de um vasto oceano, dispondo apenas de uma triste canôinha de pescador para exploral-o. Nós podemos, sem o menor recêio de que nos taxem de exagerado, asseverar que da geologia brasilica quasi nada se sabe, pois alguns trabalhos que nos vieram a mão tendentes a esclarecêl-a, e devidos a curiosidade de alguns engenheiros nossos que percorrêram em commissão os sertões, são inintelligiveis. Para justificar-me só citarei algumas amostras: temos a palavra granito, que é aplicada as rochas graniticas com os tres elementos distinctos, e ahi vae o greis, os granitos, syenitos, protoginos etc., logo que um dos elementos deixa de se apresentar com muita saliença, ou se falta então ha uma brilhante escapadéla que é o monosyllabo « *grès* » que significa tudo principalmente, p. ex. os pegmatitos, leucinitos, o itacalumito, as breccias, os trachytos, dioritos, até margas e o itabirito e o cipolino! Atraz deste substantivo universal vem muitas vezes uma descripção a maneira da nomenclatura de Gaspar Bauhin, que só serve para vender a obra e trahir o author. A palavra schisto tambem é de muito uso, o que ha porém de mais notavel é certamente a variedade de combustiveis, fosseis que tem sido descoberta, assim já vi um lôdo lacustre com 80% de argila e protoxido de ferro ser intitulado carvão de pedra, com a observação mui curiosa, *que queima perfeitamente!* Vimos asphalto, lenhitos schisto algum tanto bituminosos, e até psilomelano figurarem como carvão de pedra! Tambem vimos mica baptisada « estanho, » gneiz do qual nascia ouro, e mais interessante ainda é uma memoria que descreve a riqueza fabulosa da Provincia de Minas em cobre, o bom do author olhava como tal a canga que se estende por legoas e legoas

de terrêno, n'aquelles lugares. Ainda mais: uma pessôa professional, e de capacidade jurou-nos pela salvação de sua alma que possuia mineraes do interior com impressões de algas marinhas, mas ao dar-me uma amostra reconheci serem dondritos de ferro. Ora a vista de tantas brilhaturas, ou sacrilegios scientificos, creio que nos será permittido duvidar da veracidade dos factos relatados pela maior parte dos nossos prophetas conterraneos.

Vejamos agora o que aproveitámos dos apostolos da sciencia, que sobre as ondas pelagicas aportáram ás nossas praias: Darwin de quem teriamos direito de esperar alguma cousa valiosa, apenas tocou o nosso littoral. Os papeis do Dr. Sellow a que temos bom direito estão se fossilificando em Berlin, Helmreichen não concluio os seus trabalhos, e o que delle se publicou é pouco; as observações de Perris se extendem muito pouco. Quanto aos mais pouco se póde esperar de quem vai escrever sobre pedras com a arte pratica em mãos, ou de individuos que só escrevem para imposturar e serem tidos por alguma cousa quando nada absolutamente valem. Assim p. ex., que credito nos merecerá um Pedro Clausen que veio ao Brasil como creado do Dr. Sellow, e depois passou de mascate a negociante com o nome de Pedro Claudio Dinamarquez de gloriosa memoria nas praças do Rio de Janeiro e Ouro-Preto, e que por fim foi buscar um capêllo e pergaminho? Devemos por ventura acceitar o que nos revela um Dr. Parigot ao qual perguntámos de que modo se apresenta em S. Catharina a formação carbonifera, e elle com uma evasiva procurou demonstrar-nos que o pôvo brasileiro não tinha fé, nem dignidade? talvez nos tomasse por um pobre allemão que emigrava para o Brasil! Devemos por ventura prestar attenção a um Sr. De Castelnau que nos ensina

logo no principio de sua obra, que a bahia do Rio de Janeiro é uma cratera de sublevação? parece que esse tão victoriado viajante só tencionava ser lido nos toucadores de Paris. Outros ainda tiveram a franqueza de confessar que pouco escrupulo tinham em commetter erros, por estarem convencidos que não seriam verificados tão cêdo, e dest'arte a geologia não teve como a botanica o seo S. Hilaire, o seo Gardner e outros distinctos naturalistas.

É de lastimar que no Brasil onde se pensa tanta cousa bôa, e grandiosa, ainda se não tenha cuidado em preparar os elementos para uma exploração scientifica, de que tanta utilidade tirariamos, quando mais não fôsse, o sermos tratados com consideração, e não com desprezo pelo estrangeiro, a quem até hoje ainda se deve o que a sciencia tem descoberto sobre este vasto imperio. Digo preparar os elementos, porque mandar vir exploradores munidos de cabedal scientifico de pouco servirá, pois esses homens tem outra lingua, outros habitos, e outra natureza muito differente da nossa. De modo que os habitantes do interior lhes repugnão, no que ficam pagos com usura, e até chegam a serem victimas de suas excentricidades. Assim tivemos ainda ha pouco tempo a visita de uma notabilidade européa, que descendo de sua cathedra, deixando os paginados companheiros de sua vida, e concedendo repouso á fluente penna que tanto prodigio fizera, aportou ás nossas plagas com a singular pretenção de viajar a provincia de Minas em *malle poste* e estudar a natureza debruçado confortavelmente nas janellas de hoteis guarnecidos de veludos e sêdas! esse sabio cahiu por fim de um burro parado, e teve a desgraça de fracturar uma perna, e quem perdeo foi a sciencia e a nossa civilisação como elle mesmo o disse. O fallecido Helmreichen foi acolhido com muita hospita-

lidade no nosso interior; em troca publicou um artigo na Allemanha em que dizia que um fazendeiro de Minas só podia ser tido por homem de merito, depois de ter commettido um assassinato! outros escrevêram sobre o Brasil informações, que os matutos e sertanêjos que encontrávam lhes forneciam, respondendo muitas vezes a perguntas scientificas que elles entendiam lá a seo modo. Outros exploradores vindo commissionados com grande aparato e estrondo, davam-nos como novas descobertas, cousas triviaes que a muito conheciamos. Até dignos varões se encontram que pintáram ticoticos e picapáos e os classificáram como especies novas, afim de obterem um emprego no nosso musêo, e ainda ha quem nesta nossa terra tenha taes charlatães por profundos naturalistas. Numerosos exemplos poderiamos citar para provar que scientificamente o paiz deve ser estudado por gente propria, como o fizeram todas as nações cultas.

Em quanto esperamos por dados, que uma exploração, nos possa fornecer, entraremos em materia colhendo as raras e indigestas migalhas que é possivel alcançar, para tirar algumas conclusões incompletas e duvidosas. No entretanto pedimos ao Instituto que não desespere, porque então, se Deus vida e forças nos conceder, apresentaremos trabalhos documentados que possam satisfazer cabalmente ao que se nos pede.

Diremos tambem alguma cousa sobre a probabilidade de terremotos futuros no Brasil, para evitar que não appareça algum outro programma que nos supponha dotado da habilidade do celebre cabildo de Guanaxuato que em uma proclamação declarou que « *en su sabiduria* reconheceria o momento do perigo, e aconselharia a fuga! »

Só consideraremos aquelles terremotos que tem a sua ori-

gem em potencias abyssodynamicas, desde o mais brando ruido subterraneo até essas medonhas convulsões da superficie terrestre cujos effeitos são mais terriveis e mais mortiferos que as esquadras do Baltico, e Mar Negro reunidas, ou da mais vehemente epidemia que tenha devastado os póvos. As concussões devidas á desmoramentos de rochas e barrancos, á desabamentos de montanhas excavadas por torrentes do seu interior, etc., e os estrondos subterraneos provenientes da quebra de pedras levadas pelos rios, e outros phenonemos semelhantes, não mencionaremos visto serem acções inteiramente locaes, e haver a certeza de nunca se estenderem além de um limitte certo e muito restricto.

É sabido que os terremotos não são outra cousa, mais do que erupções volcanicas, e que se cingem a certos centros ou linhas d'erupção que formão um pequeno numero de zônas, d'estas existem tres na Asia: uma partindo dos montes Uraes até Irkutrk, a segunda do lago d'Aral até a China e terceira parallela as duas precedentes correndo ao longo do Himalaya. Uma outra zóna é a curva que vae de Java, Sumatra, as Philippinas, Japão, encontrar-se no archipelago aleutino com a zôna parolica da America boreal, a qual termina na California. Depois desta segue a de Guatemala que atravessa o isthmo do Panamá, corre parallela ao declive occidental dos Andes e vae morrer nos gêlos do Cabo de Horn. Sensivelmente perpendicular a esta até a ilha da Trindade domina a pequena porém funesta zôna venezuelense, a qual na sua extremidade oriental é cortada por uma outra tambem pequena vinda de Charlestown em direcção de SS. E. atravessando Guadeloupe as outras Antilhas, tocando em parte da Guiana franceza, o Cabo do

Norte e abalando tambem uma porção do formidavel delta do Amazonas. Porém de todos os campos de batalha das potencias abyssodynamicas, contra a rigidez da crosta terrestre e onde esta tem de ceder vencida é sem duvida aquelle que se estende parallelo ao equador desde os Açôres até a Persia, abrangendo do sul até chapadas dos paizes barbarescos, e ao norte o Caucaso, os Carpathos, os Alpes as serranias do meio dia da França e os Pyrineos. Além dessas existem ainda outras zônas menores como a do Rheno, de Islandia, da Groenlandia do valle do Missisipi. Todas estas zônas se caracterisão pelas cadeias de volcões que ellas encerram, não só activos como vêmos na linha javanica, na Guatemala, Perú, Chile, e sul da Italia, mas tambem extinctos como no Rheno etc.

Vemos do exposto que a superficie do nosso globo é coberta de uma rêde formada pelas linhas de commoção, contendo essas fontes por onde se esgotão os productos do seo laboratorio interno e fechadas ou impedidas de um modo qualquer esses beneficos esgotos, logo começão os tremôres e convulsões em toda a linha e para felicidade nossa o Brasil fórma uma malha dessa grande rêde tendo por defensores contra as concussões no occidente, os Andes e no norte as montanhas de Parime. Este nosso isolamento dos terrenos frequentemente abalados, é ainda marcado por uma circumstancia curiosa que mencionáremos porque algum dia poderá ser aproveitada com vantagem por algum poeta, e vem a ser o seguinte: os botanicos estudando a distribuição geographica das plantas, viram que certas familias se reunem de preferencia em regiões limitadas, attendendo a isto lembráram-se elles de dividir a superficie do glôbo, sem a menor intenção de

offender nacionalidades, em diversos reinos e para facilmente recordar os nomes dos viajantes que o exploráram, os repartiram amigavelmente entre si, assim o norte do Brasil fórma parte do reino dos urumbebas e zaborandis pertencentes a Jacquin, o centro, que é o dominio dos coqueiros, quaresmas, e pixiricas, sob a direcção de Martius; o sul em fim é o reino synanthereas arborescentes, vulgo das candeias, que foi confiado a S. Hilaire, estes tres reinos tem por limite ao poente e ao norte o reino das quinas (cascas febrifugas bem entendido) de modo que se acham por elle abraçados, e o chefe d'esse reino é um dos principaes perscrutadores de terremotos, o Sr. Alexandre de Humboldt. Ora d'essa nossa posição especial concluimos em primeiro lugar que o Brasil PROVAVELMENTE *ainda não teve centro de commoções*, em segundo lugar têmos a favôr d'essa nossa deducção a falta completa de vulcões activos, e se os ha extinctos não sabemos, pois faltam explorações que o provem. Quanto aos numerosos montes encantados que por ahi abundam, sempre teremos por fabula toda historia que d'elles se refira em quanto não fôrem estudados em regra: d'esta especie são o morro do estrondo no Rio Grande do Norte onde se ouvem trovões subterraneos, e que tem no seo cume um rodamoinho de arêa. O sumidouro em Minas que as vezes fuméga (algum fôgo de quilombolas) ou o cerro de Butucarahy no Rio Grande do Sul; o qual fuméga no verão, ronca como tiro de grôsso canhão, e sobretudo em noites claras e serênas expelle uma exhalação que ao cahir no chão estoira. Segundo me consta o Dr. Frederico Sellow subiu este cerro e nada encontrou de volcanico. Tambem S. Catharina e S. Paulo tem as suas montanhas tonantes, n'esta ultima provincia é provavel que os ruidos sejam produzidos pelas catadupas subterra-

neas do rio Tieté, e visto o som na terra propagar-se a grandes distancias, como abaixo veremos, é possivel que seja ouvido em montes bastante afastados do rio.

Se as agoas thermaes de Goyaz Minas, Paraná e Santa Catharina, devem a sua elevada temperatura a acções volcanicas, ou a decomposições chimicas ainda resta averiguar, e é cousa que não depende de sciencia transcendente. Em Minas existem tradições de ter-se fendido em varios lugares á terra e as vezes com estrondo e ter-se ao mesmo tempo sentido fórte cheiro d'enxofre: não crêmos tambem que este phenomeno seja vulcanico, pois terreno argiloso depois d'uma aturada sêcca póde rachar muito consideravelmente, e qualquer phosphorescencia, qualquer vestigio de ozon que se espalhe no ár dá vasta materia para as invenções da superstição popular; póde tambem n'alguma camada inferiór se achar uma porção de pyrites em decomposição, o que desenvolve calôr sufficiente para inflammar madeiras, e sobre a massa quente cahindo rapidamente alguma porção d'agoa infiltrada se reduz logo a vapor, rompe pelo terreno levando comsigo algum acido sulfuroso dando o cheiro d'enxofre. Ou finalmente póde ainda essa tradição ser algum fragmento do terremoto de Lisbôa, que vendo-se o narrador, que o apanhou, obrigado a dar-lhe patria, fal-o em o primeiro lugar que lhe occorre a memoria. Em quanto pois se não averiguar o quanto existe de real em todas as mencionadas tradições, e phenomenos sustentaremos a nossa asserção emittida.

Em terceiro lugar nos assiste a circumstancia da falta de uma tradicão ainda que obscura entre os indigenas, os quaes conservam a memoria d'um deluvio, o que é acontecimento de muito menos perigo do que um terremoto

em regra, pois annuncia-se com antecedencia, e sendo de uma extenção como se costuma suppôr não vem por certo de subito como as vezes as inundações cujo circulo activo sempre é limitado. Agora de passagem seja-nos permittido notar que duvidamos bastande da existencia de um diluvio no Brasil em tempo historico, pois já em outro lugar tivemos occasião de mostrar que os taes chamados terrenos alluviaes das nossas formações graniticas são justamente o contrario do que se suppõe, e que nunca uma das moleculas que as compõe se achou suspensa n'agoa, além d'isso a salvação do Deucalião e da Pyrrha americanos n'um coqueiro é bem pouco logico, assemelha-se a alguma d'essas edificantes lendas com que os Santos Padres convertiam os Indios.

Se o Brasil antes da descoberta foi realmente tão povoado como no-lo assevéram os historiadores, por ex. Nieuloff o qual nos conta que em 1545 só o Rio Grande podia apresentar em campo um exercito de 100,000 homens grande estrago por certo n'elles faria algum notavel terremoto, assim ao menos devemos concluir por analogia dos factos conservados pela historia, dos quaes citaremos alguns notaveis. Assim no anno de 526, 200,000 almas perdêram a vida na Syria e Asia menor, em 1693 perecêram 60,000 habitantes na Sicilia debaixo das ruinas de Catania e 49 povoações, outros tantos em 1755 em Lisbôa, em 1794 40,000 fôram sepultados nas ruinas de Anito; igual numero nos terremotos de Riobamba em 1797, em uma só noite 18 villas e numerosas aldêas fôram arrazadas na Syria não escapando uma só cabana em 1822, esse mesmo anno em que o Chile foi tão fortemente abalado, a cada passo vemos mencionadas catastrophes d'esta natureza

na historia das republicas americanas do pacífico, em Venezuela, Java, as Philippinas, etc., e se no Brasil tivesse tido lugar algum terremoto como os que acabamos de citar infallivelmente os selvagens conservariam alguma tradição; mas debalde a procurámos.

Ainda outros são os effeitos dos terremotos que deixam signaes indeleveis para marcar a sua passagem na memoria dos homens, e nas rigidas penedias que mais resistem a voracidade do tempo; d'esta natureza são os vehementes choques vindos do interior da terra, e dirigidos contra um ponto de sua superficie, sublevando-a com força de modo a arremessar edificios, pedras e homens a alturas superiores a 150 palmos, como se deo em Riobamba. N'esse movimento a terra se abre como em muitos lugares, e as fendas produzidas, engolem homens animaes arvores para depois vomital-os emprensados como as valiosas reliquias e padrões de gloria de um botanico, como em 1783 acontecia frequentemente na horrorosa catastrophe da Calabria; ou bem preserval-os como o caes de Sodré todo de marmore em Lisbôa, o qual foi submergido com 4,000 pessôas (escapando só a que as contou) as quaes sobre elle buscavam refugio para em vindouros séculos reapparecerem petrificadas talvez no meio dos restos dos possantes saveiros, o que dará insano trabalho aos sabios geologos dos quaes Buffon dizia que estavam nas mesmas circumstancias dos antigos augures que se não encontrávam sem se rirem; e Licthenberg reunindo os conhecimentos geologicos do seo tempo, observa que posto não offereçam material para a historia da terra, ao menos contribuem muito para o esclarecimento da historia dos desvarios do juizo humano, não cabe essa critica á geologia de hoje em geral, mas no Brasil afianço com toda sinceridade, que estamos no século de

charia, em todos os sentidos, ahi só houve comprador que quiz fazer acquisição barata da mesma ilha segundo me informou pessôa sensata do lugar.

Antes de enumerar os terremotos de que ha noticia no Brasil (e as que vieram) e fazer sobre elles algumas considerações, seja-nos permittido mencionar alguns factos observados sobre a sua propagação para fazer abaixo applicação.

As erupções abyssodimanicas manifestam-se frequentemente sobre uma extensa linha, lateralmente a ella, a terra sóbe e desce alternativamente á maneira das ondas do mar, e como d'estas em grande extenção se propague o movimento do sólo, são essas elevações taes que as vezes arvores chegam a abaixar a copa até tocar o chão, e levantam-se para produzir o mesmo phenomeno do lado opposto. A estas oscillações que costumam ser repetidas não resiste ordinariamente a consistencia da terra pois produzindo as phases uma dilatação e compressão alternadas, o resultado são fendas etc., tambem muralhas desabam debaixo do seo poderoso impulso; as erupções centraes são apenas um caso especial das lineares. Os effeitos mais devastadores da terra undosa se dão quando uma vibração no transito encontra um obstaculo parcial, forma-se então redomoinho, que desloca porções inteiras de terreno, transpondo lagos d'um lugar para outro como na Calabria, ou edificios como em Riobamba ou torcendo arvores que se achavam juntas. A propagação de ondas encontrando serranias não continúa por ser amortecida pelas lacerações profundas que se acham na base d'estas diz Humboldt: pedimos licença ao illustre sabio para observar que tambem a differença das massas chocadas tem sua não pequena parte n'isso, pois os terre-

Licthenberg, a respeito de geologia. Mas voltando as commoções como ellas rompem a terra, tambem abrem rochedos e pedregosas serras deixando aberturas permanentes em quanto áquellas com os desmoronamentos e accumulação de vegetação desapparecem, nas lendas dos póvos encontra-se sempre alguma significação dada a esses indicios de terremoto, a exemplo de um rochedo com profunda fenda no littoral de Gaeta que ainda hoje é um signal de veneração para os navegantes d'aquellas paragens, pois diz a crença popular que ella foi aberta por um terremoto no anno da morte do Salvador. Ora em nossas montanhas poderão haver fendas d'essas, que fôram porém passadas desapercebidas porque nenhuma tradição dos indigenas as nota como reminiscencia d'um phenomeno assustador; pois como tal se devêra considerar todo terremoto, do qual Humboldt diz que varre de uma vez a nossa inabalavel crença na solidez do solo que pisamos, por isso é tanto mais impressionavel nos entes cuja civilisação está atrazada, e até mesmo as féras profundamente se recentem, pois os silenciosos crocodilhos do Orenoco, n'essas occasiões com urros medonhos abandonam suas immersas moradias, a procurar refugio nas florestas. Apenas encontrámos uma historia d'uma pedra que com estrondo se abrira na rua de S. Diogo na noite do 7 de Abril de 1831, e patriota houve que nos asseverou ter sentido cheiro d'enxofre no campo d'Acclamação, a unica cousa que se vê é que poderia ter havido algum desmoronamento causado pelas chuvas, de que mesmo hoje não ha vestigio. Tambem não foi terremoto que fez desabar o morro do Castello no tempo do Bitú, nem tão pouco os recentes bramidos da ilha do Araujo em que interveio auctoridade que suppôz que em breve ella ra-

motos baixos poderam talvez ser considerados uma camada superficial, em quanto as montanhas forçoso é suppôl-as dotadas de profundas raizes e essa porção colossal de materia mesmo no seu interior póde se oppôr á formação dos canaes para escoamento dos gazes etc., que as montanhas tambem transmittem abalos provam os terremotos que se notam nos Pampas e na Bolivia synchronos com os do Chile. Tambem o Padre Ayres de Cazal nos refere que em Matto-Grosso se sentiu o terremoto que em 1746 destruio Lima e Callão, o mesmo acontecêo com o grande terremoto de Cutch em 1819.

Quanto ás distancias a que as commoções se transportam temos alguns casos muito notaveis, no dia da destruição de Lisbôa sentiram-se abálos em Stockholmo, em Abo, e no mar das Antilhas os marinheiros d'alguns navios fôram arremessados a altura de 18 pollegadas, n'essas ilhas o mar subiu consideravelmente assim como em New-York, e as agoas do lago Ontario; felizmente essas catastrophes não perseguiram os nossos antepassados aquem do equador. Outro exemplo de propagação ainda mais notavel foi aquella produzida pelo terremoto do Chile em 7 de Novembro de 1837 que chegou até as ilhas dos navegantes, ali em Opolu sentiram-se varios abálos nos dias 7 e 8 que fôram seguidos por movimentos violentos do mar: em Owahn umas das ilhas de Sandwick só se sentiram as oscilações do nivel do mar, o qual em Hawin chegou abaixar 14 palmos, mas rapidamente elevou-se depois 30 acima da praia. Mais facilmente que os abálos da terra percorrem grandes estenções, os bramidos subteraneos e no chão ainda mais rapidamente que no mar, de ordinario estes rumôres são devidos a erupções volcanicas. assim quando

o Tamboró Smumbava entrou em actividade em 1815 ouvia-se na cidade Javaneza de Djakjukarta que d'elles dista 95 legoas, um violento estampido de canhão, que fez com que se mandássem marchar tropas a toda pressa em auxilio d'um destacamento visinho suppondo que elle tinha sido atacado, fizeram-se tambem sahir embarcações para socôrrer navios q ie se cria davam signal de perigo. As detonações do Conguina em Nicaragua em 1834 fôram ouvidas como uma fórte trovoada em S. Fé de Bogota em que dista d'ella 350 legoas. Os estampidos do S. Vicente nas pequenas antilhas em 30 de Abril de 1812 ouviram-se até Carracas, Calabozo e mesmo nas margens do Apuré, isto é, a 120 legoas. O ruido do Catopaxi 1744 ouviu-se em Honda que d'elle dista 109 legoas, e está abaixo d'elle 17,000 pés. Estes ruidos subterraneos tambem se manifestam sem apparente influencia de um vulcão, como em 1744 em Guanaxuato, repetiram-se por muito tempo sem que houvesse mesmo o menor estremecimento nem nas montanhas nem nas minas de 2,300 palmos de profundidade, tambem em 1822 até o anno seguinte a ilha dalmatina meleda foi o campo de trovoadas subterraneas mui frequentes, e só raras vezes as detonações eram acompanhadas de tremor de terra.

No Chile frequentemente a acção dos terremotos produz uma consideravel elevação da terra acima do nivel do mar. A mesma causa attribue a elevação do templo de Serapis perto de Napoles; cujas columnas carcomidas do bicho mostram ter-se levantado 36 palmos. Tambem a costa Oriental da Scandinavia mostra um subir continuado que é mais fórte em Tornea.

Volcões extinctos são muitas vezes indicios mais que certo d'um plutonio gigante dormindo debaixo de fragil

crosta terrestre, elles são as vedettas avançadas que annunciam o accordar terrivel n'um dia indeterminado. No tempo de Plinio o Vesuvio passava por um volcão extincto na sua crátera pastava o gado e nas encostas vegetavam viçosos mattos, e na base floreciam Herculano e Pompeia sabemos todos quão horroroso foi o seu acordar. O venerando Ararat que no sagrado Epos mozaico nos é apresentado como o ponto em que foi salvo o genero humano, nunca por historiador algum foi accuzado de ter lançado ao menos gazes, apezar de sua natureza volcanica. O dia 20 de Junho de 1840 veio destruir a reputada tranquilidade patriarchal d'esse monte. Anniquilados fôram n'um momento o convento de S. Jacob a aldeia Arghuri e numerosas povoações até o mar Caspio, com todos os seus milhares de habitantes. Arghuri opulenta estava situada n'um valle formado por penêdos que se elevavam até 9,000 palmos, uma fônte a abastecia com agoas claras e cristallinas, e na maior paz repousavam aquelles lugares encostados ao Ararat, eis que no dia marcado antes do pôr do sol, convulsões rapidas, e uma trovoada que assombrou toda Armenia, annunciou o principio da catastrophe, e em poucos momentos no fundo do valle abriu-se uma medonha furna vomitando agoa e lôdo fervendo, vapôres, enormes calhãos, no fim d'uma hora cessou o bombardeamento; de aldeia, convento campos, e pomares, nenhum vestigio restava, só na bôcca do valle existia uma enorme muralha fórmada dos projectis e do lôdo que as entranhas da terra vomitáram. Essa nova bacia foi recebendo as agoas das chuvas, gêlos e néves que se derretiam, e no fim de quatro dias a pressão vencêo o dique e innundou os campos, levantou em varios pontos represas de 150 palmos de altura formadas de cadaveres,

terra arvores e pedregulhos que fechavam o leito do Karasu e Araxes. O primeiro destruio em Erivan Bajarid e outros lugares mais de 6,000 predios, e nas margens e alveos dos mencionados rios levantáram-se repuchos lodacentos, redomoinhos, e fendas lançando gazes; todo paiz circumvisinho foi transformado n'um vasto pantano e depois de sêcco, encontrou-se o valle do Arghuri coberto em muitos lugares até altura de 300 palmos de fragmentos de rochedos, e nem da aldeia, nem do convento houve mais noticia. A cristallina fonte foi transformada n'uma fetida corrente d'agoa sulfurosa. Depois o Ararat calou-se, e nenhuma labareda d'esde então indica o seo perigoso caracter.

As formações geologicas nenhuma influencia tem sobre os terremotos; ellas apparecem nos terrenos graniticos, tão bem como nas formações de transição, nos cretaceos terciarios, e nos puramante volcanicos; a unica cousa que se dá é ser o choque quebrado pela resistencia das rochas. Assim Messina em 1783 soffreu muito mais n'aquella parte cuja base era alluvião marinha, do que a que mais no interior assentava sobre granitos. A parte occidental de Lisbôa erigida sobre calcario hypuritico e basalto pouco soffrêra em quanto a outra sobre camadas terciarias foi bastante abalada, e a terceira que repousava sobre marga argilosa foi completamente destruida, o mesmo aconteceo, com as visinhanças, Queluz e Odivellos, cuja base são basaltos pouco soffrêram, em quanto Sacavem fundada sobre terreno terciario foi consideravelmente prejudicado. Em 1843, a 8 de Fevereiro conta-nos Deville todas as localidades da Guadelupe, e sobre tudo Pointe e Pitres que surgiam de margas e recifes de coráes, fôram destruidas em quanto, as povoações com base mais solida ficáram bastante preservadas.

Vamos agora examinar o que encontrámos no Brasil, e como applicar-lhe os factos citados.

1.º Vasconcellos Chronica da Companhia de Jesus livr. 86, pg. 235 em 1560 diz « neste comenos se levantou sobre todas aquellas villas de S. Vicente, uma tormenta a mais desusada que viram os homens havia muitos tempos. De improviso junto ao pôr do sol, se começou a desfazer o céo em ventos chuvas raios e trovões, com espantoso estrondo e tremôr de terra horrivel, que parecia desfazer-se a maquina do universo toda, e não com pequeno estrago porque levava pelos ares as arvores as casas e os proprios homens aonde muitos pereciam ! ! etc., n'uma confusão d'esta natureza pódem pequenos abálos locaes ser produzidos, álem d'isso bastante abalado deve estar em semelhantes occasiões o espirito das testemunhas para ter o necessario sangue frio afim de relatar os factos sem exagerarem, por isso essa noticia tão vaga para nós pouco valôr tem.

2.º Rocha Pitta no seo livro da America Portugueza (Livr. 96, pag. 124) menciona a lagôa de Jacuné que tem 600 braças da qual ha tradição fóra uma aldeia que alli se sovertera. Balthasar da Silva Lisbôa (Annaes do Rio de Janeiro § 11 pag. 365, e § 25 pag. 380 do Tom. 1.º) menciona a Manditiba, uma aldeia de indios n'aquella altura. O nosso consocio o Sr. Norberto de Souza e Silva mandou pedir informações nas visinhanças e com ellas nada adiantou, outro tanto nos acontece com um facto tão vago, e tão isolado que não podemos atribuil-o de modo algum a effeitos de forças subterraneas, quando muito alguma escavação devida as agoas.

3.º O Padre Ayres em a Corographia Brasilica (tom. 1.º

pag. 261) diz « a 24 de Septembro (de 1744) ao meio dia e tempo claro, se ouviu um trovão subterraneo, e immediatamente tremeo a terra dando varios balanços compassados, que causáram grande susto em todos os lugares do Matto-Grosso e Cuyabá. Já n'esse tempo dominava a sêcca que durou até 49. Todos os mattos ardêram e na atmosphera só se viam nuvens de fumo, todos os viventes padecêram fôme e outras calamidades, do que morreo uma grande parte. Esta noticia é importante, porém não é sufficiente para nos provar a existencia de um fóco volcanico n'aquella provincia, sômos antes levados a crêr que esse tremôr de terra e estrondo são devidos a alguma erupção do Sorota ou algum outro vulcão da extremidade da serie chilena. O Presidente de Matto-Grosso cita os annaes da camara do Cuyabá, ou antes a memoria do advogado José Barbosa de Sá e refere-se ao anno de 1747 (24 de Septembro) diz que a terra deo tres balanço s.—Parece que no anno houve erro de cópia.

Outros indicios ainda ha de terremotos p. ex. n'uns programmas da sociedade brasilica da academia dos renascidos fundada no Rio de Janeiro em 1759, apparece um com o seguinte texto: Porque causa no Brasil não são grandes e frequentes os terremotos como nas mais partes do mundo? e mais não disse, nenhuma menção apparece sobre os dados que possuiam. A brilhante memoria do Dr. Vieira do Couto nenhuma confiança, nos inspira, pois n'ella declara elle ao governo de seu tempo, que tinha alcançado mais que os alchimistas d'outr'ora, visto elle ter transformado no seo cadinho ferro em cobre.

As outras tradições existentes provam ter havido terremotos no littoral, e muito principalmente em duas zônas

limitadas uma no angulo formado pelo Rio da Prata e o Oceano, e a outra do Espirito Santo até o Ceará. Esta ultima talvez se reduza unicamente a terreno comprehendido entre a bifurcação da serra de Ipiassaba, que fórma *as serras de Araripe Barbacêna e Imbarára.*

Na primeira zôna entra Montevidéo onde ha noticias de dois terremotos um antigo cuja dacta não podemos ainda obter, e talvez seja o mesmo que se sentiu em Porto Alègre em 1812 ou 13 de que teve abondade de nos dar noticia o nosso consocio o Sr. Antonio Alves Pereira Coruja; os effeitos d'esse tremôr se reduziram a quebra de garrafas e louças nas prateleiras, tanto neste como no de 1851 o mar em Montevidéo subiu consideravelmente, como o circulo d'acção fôsse pequeno e a sua acção maxima no littoral, sômos levados a crêr que essas commoções vieram propagadas do longe, talvez das terras antarcticas onde existem vulcões, ou em todo caso acções submarinas que vieram se perder nas praias do continente.

Da provincia do Espirito Santo existem duas cartas a 1.ª referindo-se a uma memoria do fallecido Luciano da Gama Pereira que menciona ter havido um só terremoto n'aquella provincia, no 1.º de Agosto de 1767 ás 8 horas da noite, a 2.ª do commendador José Francisco Andrade e Almada Monjardim que cita o mesmo dia porém dá o anno de 1769 o que será erro de cópia, porém que pouco damnificará o caso, pois falta o mais importante que seria mencionar até onde se sentiu o terremoto etc.

Em Pernambuco ouvimos dizer que tambem se sentiu uma branda commoção. Será por ventura a mesma que em 8 de Agosto de 1808 se espalhou pela maior parte da Provincia do Rio Grande do Norte? O Juiz de Direito João

Valentino Dantas Pingé refere sobre elle o seguinte: no anno de 1808, em 8 de Agosto pelas 8 horas da manhã na povoação hoje cidade do Assú ouviu-se um grande estrondo vago, a maneira de um trovão subterraneo, que se dirigia de *Leste a Oeste*, e após elle sentiu-se tremer a terra por algum tempo, abalando as pessôas que mal podiam soster-se em pé, e causando chóque nos vidros e louças que buscavam sahir dos lugares em que haviam sido postos.— Este terremoto foi sentido em todo o sertão do Assú, da costa em busca do sertão até mais de 20 legoas, e ao longo da costa até o sertão do Piauhy; onde se disse que attribuiu-se o terremoto a castigo, por haverem alli umas mulheres torrado uma criança pagã, pondo-a dentro d'um taxo sobre brazas para fazerem feiticeria com suas cinzas!—Passado o terremoto conta-se que ficára o céo nublado de cinza espessa que offuscára a luz do sol; e que o povo tomava por castigo mandado por Deos tudo, ou por signal de grande acontecimento tudo quanto acabavam de observar.— E sem duvida não foi pequeno acontecimento chegar n'esse anno a familia real ao Brasil. O ultimo phenomeno da maneira como é relatado, de cobrir-se o céo de cinza, é muito commum nas erupções volcanicas; mas não os havendo activos n'aquellas paragens, talvez fôsse alguma fórte cerração. Cartas de outros lugares da mesma Provincia concordam com a data, estrondo e tremôr de terra sem mais esplicações só a camara municipal de Porto Alegre diz que se ouviram estrondos posteriormente, porém sem commoção.

O Presidente da Provincia do Ceará Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares diz que alli só no dia 2 de Dezembro de 1852 de 1 para 2 horas da tarde ouviu-se na cidade do

Aracaty um grande estrondo o qual foi acompanhado d'um ligeiro tremor de terra que augmentou-se para partes do termo de S. Bernardo fazendo raxar a terra em alguns lugares.

Em 10 de Janeiro do corrente anno diz-nos a camara municipal da villa de Touros no Rio Grande do Norte que pelas 7 horas (da manhã?) ouviu-se um estrondo que parecia ser no ár da parte do Leste; e logo no mesmo instante um tremôr na terra que chegaria a durar um minuto pouco mais ou menos, e deste phenomeno aconteceo tremerem as parêdes das casas, erigirem as telhas das mesmas, assim como algumas mobilias sem que fizesse estrago algum nem mal a nenhum vivente, isto pois foi na distancia de duas legoas em circunferencia onde percebeo-se o mesmo effeito.

Segundo essas noticias parece fóra de duvida que no Rio Grande do Norte houve com effeito terremotos, e que todos vinham do lado do Oceano, e precedidos de estrondo, o que nos induz a crêr que elles pódem ser devidos a alguma erupção vulcanica submarina, o que não deixa de ter sua probabilidade pois a duzentas legoas d'aquella costa Krusenstern em 1806 e pouco mais distante Ferguson em 1836 verificáram a existencia d'um banco com volcões immersos activos, e como vimos acima ha exemplos de propagação de som e commoções a distancias ainda maiores.

O terremoto do Espirito Santo da mesma fórma póde vir do Oceano pois a 180 legoas distante de suas praias existe a pequena ilha da Trindade e mais Assumpção que ambas são volcões extinctos, e como já vimos não ha que fiar na tranquillidade d'estes, tanto mais que fronteiro ás costas do Brasil verificou-se ter o mar uma profundidade de

27,600 pés, o que dá sobre cada palmo quadrado no fundo uma pressão de 25,000 arrobas, ora por qualquer pequena communicação que por um acaso se possa estabelecer entre o fundo do mar e a'gum canal igneo d'essas mesmas ilhas, a agoa será injectada com violencia, e encontrando corpos incandescentes se transformára em vapor com a expansão de alguns milheiros de atmospheras a qual procurará sahida, e poderá achal-a na nossa visinhança mais facilmente que em outros lugares.

Do que fica dito verificamos a nossa supposição emittida que no Brasil realmente não parece existir fóco subterraneo algum, mais sim na sua visinhança, no Oceano Atlanthico.

Um facto bastante notavel que merece ser averiguado é uma sublevação do terreno da bahia do Rio de Janeiro: em S. Christovão vimos um lugar que parecia ter sido banhado antigamente pelo mar e procedendo a um nivellamento achámos esse porto 15 palmos ácima das altas marés. A rua do Sabão da cidade nova apresenta dois palmos ábaixo de sua superficie areia com conchas, e as altas marés ainda ficam consideravelmente abaixo d'esse nivel. Para porém verificar se realmente existe esse levantamento da costa é mister fazer observações em pontos numerosos.

Vimos tambem rochas volcanicas que nos asseveravam ser de S. Catharina; se realmente assim fôr, teremos um ponto de apoio para attribuir á fricção volcanica, a temperatura elevada das agoas thermaes que alli se encontram. É porém necessario que tambem isto seja verificado. Se realmente alli se encontrar a má visinha que por ora só queremos suppôr, então poderemos contar com o outro Ararat n'aquella Provincia.

De tudo quanto fica dito concluimos: 1.º que realmente houve no Brasil terremotos inoffensivos, a maneira d'aquelles que os peruanos accolhem com gosto, como agouros de chuvas fertilisadoras. 2.º Que esses terremotos só fôram emprestados, que por ora não os temos proprios; 3.º Que apezar d'isso não estámos livres de peiores.

Rio de Janeiro, 24 de Novembro de 1854.

Dr. G. S. de Capanêma.

TYP. IMPARCIAL DE J. M. N. GARCIA.
RUA DA CARIOCA N. 34.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO, GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

2.º TRIMESTRE DE 1859.

MEMORIA

PELO

SR. PHELIPPE JOSÉ PEREIRA LEAL

SOBRE OS ACONTECIMENTOS POLITICOS QUE TIVERAM LUGAR NO PARÁ EM 1822 — 1823.

As mudanças politicas operadas em Lisbôa no dia 15 de Septembro de 1820 fôram a causa motriz dos successos que se vão descrever e déram lugar a que Felippe Alberto Patroni, estudante que passava as férias n'aquella capital, possuindo-se de enthusiasmo pela liberdade do seu paiz, interrompesse os seus estudos, se embarcasse para o Pará, onde chegou em Novembro d'aquelle anno, e astucioso, e de caracter inquieto empregasse os meios e conseguisse formar um partido e dispôr o povo e tropa para proclamarem no dia 1.º de Janeiro de 1821 a Constituição que fizessem as côrtes Portuguezas.

Julgando-se por isto com direito a ter ingerencia nos negocios da provincia estimula-se por não ter sido contemplado Membro do Governo Provisorio, que então se instalou; e não tendo sido provido no emprego publico, que sollicitou, começou a cabalar contra o Governo, que para desembaraçar-se de sua influencia o mandou para Lisbôa

com o titulo de Procurador, ou Sollicitador dos interesses da provincia, dando-lhe um ordenado sufficiente e correspondente á sua qualidade.

Chegando áquella capital pretendeo ser introduzido nas côrtes como Deputado, mas sendo repellido principiou a forjar planos e concebeo o projecto da liberdade dos escravos, o qual fez imprimir no n.º 10 do Indagador Constitucional e em separado; e o mandou distribuir pela gente de côr, que pela sua leitura concebeo ideias e esperanças de liberdade e a dispoz para a Independencia, para que elle e outros começavam a trabalhar.

Patroni, que até então era amado por grande numero de Brasileiros, foi desde aquella época considerado pelos escravos como seu redemptor, e ao mesmo tempo que espalhava pelo Pará os papeis que fazia imprimir em Lisbôa, procurava desacreditar o Governo da sua provincia e semear entre os seus habitantes a descordia por meio de um impresso que intitulou—Circular.—Foi um dos primeiros paraenses que, logo depois da revolução portugueza, começou a exaltar o espirito de seus patricios, dando-lhes esperanças de Independencia, inculcando-se como unico capaz de a dirigir e mandando para o Pará proclamações para dispor os animos á Independencia.

Os tres irmãos Vasconcellos, que fôram presos e remettidos para Portugal, eram dos seus correspondentes os que mais se distinguiram em propalar taes ideias e espalhar os escriptos incendiarios que lhes mandava e que eram causa de que elle não ousasse voltar á sua Patria emquanto existissem no Governo os Membros da Junta Provisoria, que elle alcançára desacreditar no animo dos habitantes do Pará.

Quando nas côrtes se tractou do projecto de organisação dos Governos Ultramarinos, Patroni tornou a julgar-se com direito de ser nomeado Membro do Governo que decretassem; redobrou seus esforços e correspondencias, e só esperou a publicação do Decreto do 1.º de Outubro de 1821 para regressar ao Pará, onde suas esperanças fôram novamente illudidas, não obstante os exforços empregados pelos seus amigos, para que fosse eleito Membro do Governo Provisorio ou Deputado ás côrtes: tal era a influencia que ainda n'aquelle tempo conservavam os Portuguezes! Entretanto Patroni não desanimou e electrisando os paraenses pela esperança de uma proxima Independencia augmentou consideravelmente o numero de seus amigos e proselitos.

Esta era a situação politica do Pará quando em Abril de 1822 chegou o Governador das Armas José Maria de Moura.

No dia immediato ao da sua chegada a Junta Provisoria lhe requisitou que puzesse ás suas ordens um corpo organisado com as mesmas attribuições que em Lisbôa se déram á Guarda Real de Policia; esta requisição, que não foi satisfeita por falta de authoridade, foi a origem da desharmonia entre a Junta e o Governo das Armas.

N'este tempo os partidarios e amigos de Patroni déram, sem que a Junta o impedisse, em honra da Independencia, uma ceia, em que só se servíram iguarias brasileiras e se lançáram pelas janellas as Européas: um dos principaes authores deste festim foi o Arcediago da Sé, que foi victima de uma indigestão.

Em Maio, Patroni constituiu-se redactor do periodico Paraense, e chegou do Rio de Janeiro o Marechal de Campo

Manuel Marques d'Elvas Portugal levando impressos e a noticia da proxima chegada da escuna *Maria da Gloria* com ordem do Principe Real para a eleição de deputados ou Procuradores das provincias nas côrtes do Rio de Janeiro: em Junho verificou-se a chegada da escuna; mas não dando a Junta publicidade aos officios que tinha recebido, os partidarios da Independencia se prevalecêram da conducta do Governo para activamente chamar ao seu partido a opinião dos habitantes da capital.

O Governador das Armas, que collocado no Pará por Sua Magestade Fidelissima não podia obedecer aos Decretos do Principe Real, e cuja opinião era contraria á Independencia, vendo o silencio que a Junta guardava sobre os officios que tinha recebido do Rio de Janeiro, e considerando que a falta de uma prompta explicação devia augmentar o numero dos partidarios da Independencia, chamou os commandantes dos corpos para lembrar-lhes seus devêres para com o Governo Portuguez, e conseguiu que todos novamente protestassem que os corpos de seus commandos jámais se afastariam da obediencia que deviam ao Governo de Portugal.

A publicação desta conferencia, que foi communicada a todos os corpos, não só amorteceu o enthusiasmo dos independentes como forçou a Junta a convocar para a manhãa seguinte um conselho, a que assistiu o Governador das Armas, que teve o prazer de vêr repellidas as pretenções do Governo do Rio de Janeiro e dos partidarios da Independencia, os quaes, faltando-lhe o apoio da tropa, procuravam desfazer-se do Governador das Armas. A maioria da Junta, e com especialidade o seu Presidente, que favorecia os independentes necessitando chamar a si a opi-

não publica, julgou que a imprensa depositada nas mãos de Patroni e seus amigos era o melhor meio para conseguir o seu fim e destruir a força moral do Governador das Armas, e por isso concedêram decidida protecção aos redactores do Paraense.

Tendo sido Patroni preso e remettido para Lisbôa em virtude de ordem d'aquella côrte passou a redacção do periodico aos enthusiastas conego João Baptista Gonçalves Campos e José Baptista da Silva, que, mais energicos, desenvolvêram com mais amplitude a desunião entre Brasileiros e Portuguezes e começáram a aliciar a tropa e a fazer com que os seus comprovincianos ameaçassem os Portuguezes com expulsão do paiz e demissão dos empregos publicos. A Junta empenhada em hostilisar ao Governador das Armas protegia e instigava os redactores do Paraense a escrevêrem contra elle por acredital-o firme na resolução de resistir á projectada Independencia e de impedir que a Junta se correspondesse directamente com as authoridades que lhes eram immediatamente subordinadas.

Em Setembro de 1822 houvéram denuncias de que se projectava uma revolução para se installar um Governo Independente de Portugal: a Junta prevalecendo-se d'ellas insistiu em vão pela creação do corpo de Policia. Crescendo as probabilidades de rebentar a revolução denunciada, alguns Europeos resolvêram-se a apresentar ao Governanador das Armas denuncias escriptas, que fôram pela Junta mandadas ao Ouvidor, que fez prender os accusados e pronunciou o conego João Baptista Gonçalves Campos, Capitão-Mór Amandio Pantoja, Tenente-Coronel de Milicias Domingos Simões da Cunha, Procurador de causas João Marques de Mattos e outros, que em Novembro fôram

soltos por accordão da Junta de Justiça, de que era Presidente e da Provisoria, o Doutor em medicina Antonio Correia de Lacerda protector dos independentes.

A soltura destes homens junta ás noticias do que se passava nas provincias do Sul animou os independentes, encorajou o Paraense a redobrar de energia, desacoroçoou os que pretendiam jurar na devassa, e fez o Governador das Armas tomar medidas para rebater a revolução que se dizia dever apparecer em Dezembro, e para separar da capital alguns officiaes da primeira e segunda linha que constava estarem envolvidos e terem o projecto de assassinal-o.

Em fins de Dezembro de 1822, ou principios de Janeiro de 1823, chegou a noticia da revolução do Ceará e Piauhy, a qual encorajou os Paraenses de tal modo que o Governador das Armas julgou difficil conservar esta provincia obediente a Portugal sem o auxilio de tropa europea, que já por mais de uma vez tinha directamente pedido ao Ministro Portuguez por estar convencido de que a Junta Provisoria protegia a tendencia dos Paraenses.

Por esta época se jurou a Constituição: os Brasileiros desenvolvèram toda a energia e mostráram sua popularidade na eleição para a nova camara de que nenhum europeo foi eleito vereador: o acto da posse dos novos Senadores foi um verdadeiro festejo triumphal: por toda a parte se ouvia « *Está chegado o tempo dos Brasileiros mostrarem o que são e o que pódem; a nossa camara constitucional é composta de gente que ha de fazer vêr aos europeos que o paiz é nosso e que elles são estrangeiros.* » Isto, e cousas semelhantes repetidas publicamente pelas ruas e praças, inquietou os europeos, que mais se exasperáram vendo que todos os membros da nova camara se apresentáram no

acto da posse com ramos e luvas verdes, e fôram para suas casas acompanhados por immenso povo, que lançava ao ar gyrandolas de foguetes. Estes festejos continuáram pela noite e talvez produzissem desordens si o Governador das Armas não fizesse logo reunir aos quarteis as praças de linha e não lançasse fortes patrulhas pelas ruas da cidade.

Os officios, que por este tempo se recebêram do Governo do Maranhão descrevendo o estado daquella provincia e pedindo auxilio de tropa e a noticia de se haver o Principe Real acclamado Imperador do Brasil, causáram no animo dos Brasileiros uma impressão, que só se póde conjecturar: e si não fossem as medidas de ante-mão tomadas pelo Governador das Armas, em fins de Janeiro ou principios de Fevereiro, teria apparecido a revolução para a Independencia que a Junta Provisoria parecia proteger.

Pensando o Governador das Armas que a segurança do Pará dependia da conservação do Maranhão, que estava em risco de succumbir ao poder dos independentes do Ceará e Piauhy, embarcou e fez seguir no dia 16 de Fevereiro para aquella provincia 130 praças da melhor gente que havia nos diminutos corpos de primeira linha, que estavão fatigados pelos contínuos alarmes.

Os commandantes dos corpos sabendo que os Brasileiros aliciavão seus soldados e que a Junta Provisoria dominada pelo seu Presidente, Doutor Lacerda tolerava a exaltação dos independentes e da imprensa, projectáram depôr os membros da mesma Junta. Não havendo em cada corpo força sufficiente para completar um quarto de guarda, no dia 1.º de Março de 1823 era o serviço detalhado por todos elles e reunidos no largo do Palacio para se tirarem os contingentes, os commandantes mandáram os officiaes in-

feriores intimar aos Membros da Junta e da nova camara constitucional que não sahissem de suas casas até segunda ordem, e aos antigos camaristas e a todas as authoridades civis, ecclesiasticas e militares, menos o Governador das Armas, para que comparecessem no palacio das sessões da Junta Provisoria. Reunidas estas authoridades e lido um manifesto explicativo das causas porque depunham a Junta Provisoria, convidáram a camara, authoridades, corpo do commercio e povo alli reunido para elegerem uma nova Junta, que por unanimidade ficou composta do Governador do Bispado Romualdo Antonio de Seixas para Presidente, do Official-Maior da Secretaria do Governo Geraldo José de Abreu, do Juiz de Fóra Joaquim Correia da Gama Paiva, Francisco Custodio Correia, Joaquim Antonio da Silva, Theodozio Justino de Chermont e João Baptista Ledo para vogaes.

Este acto sedicioso praticado ás 6 horas da manhãa, só chegou ao conhecimento do Governador das Armas ás 8 horas quando elle se dirigia ao Palacio, d'onde a esse tempo sahia uma deputação do corpo militar para participar-lhe que se achava installada a nova Junta, declarando elles que tomavam sobre si a responsabilidade do acto que para considerar-se consummado só faltava que os novos eleitos prestassem juramento de fidelidade ao Monarcha Portuguez, e com o qual o Governador das Armas julgou ser de absoluta necessidade conformar-se.

A nova Junta convidou o Governador das Armas, commandantes dos corpos de primeira e segunda linha e o Ouvidor da Comarca para se reunirem no dia 2 de Março e decidirem quaes os lugares para onde deviam, na fórma de uma indicação expressa no manifesto, ser deportados

alguns individuos considerados como chefes da exaltação popular. A deposição da Junta e a deportação dos redactores do Paraense e de alguns influentes assustou e conteve por alguns dias os Brasileiros que já em Cametá, Santarem e outros lugares do interior começavam a defender abertamente a opinião da Independencia.

Do 1.º de Março ao 1.º de Abril de 1823 gozou a capital do Pará de socêgo, mas já nos primeiros dias deste mez apparecêram denuncias de que haviam em algumas noites reuniões de gente armada nos matos proximos á cidade, e de que nos dias 4 ou 5 se juntaria no sitio de Bacory grande numero de gente de côr dirigida por homens brancos, que se suppunha terem em vista uma surpreza na capital.

O Governador das Armas foi com alguma tropa reconhecer o sitio e nada achando acreditou que o partido independente, estando de todo desfallecido e não se achando em estado de apresentar-se em campo, inventava estas noticias para cansar a tropa.

Das 9 para ás 10 horas da manhãa do dia 13 de Abril foi o Governador das Armas avisado pelo cirurgião-mór do Estado Antonio Manuel de Souza e depois pelo Ajudante do 1.º regimento de melicias, das suspeitas que tinham de que na madrugada seguinte se verificasse a revolução que lhes havia sido denunciada por dous soldados do regimento n. 3 de infantaria, os quaes tinham sido convidados por outros para se reunirem em uma casa, confiando-lhes que de madrugada se lhe reuniria muita gente ao signal de dous foguetes do ar.

Não apparecendo os dous soldados, que o Governador das Armas mandou immediatamente buscar, reunio os

commandantes dos corpos para previni-los da denuncia que acabava de receber, ordenou-lhes que estivessem vigilantes e reunissem todos os officiaes, e determinou ao do 3.º regimento, cujo quartel era contiguo ao Arsenal de Guerra que, logo que houvesse algum rumor ou toque de rebate, reforçasse a guarda do dito Arsenal, e se pozesse prompto para marchar.

Ás 11 horas da noite mandou o Governador das Armas observar a casa em que se lhe disse que teria de verificar-se a reunião dos soldados do 3.º regimento; depois da meia noite foi em pessoa rondar a cidade e quarteis e com especialidade os do 2.º e 3.º regimentos, contra os quaes tinha algumas suspeitas; e nada encontrou que podesse causar desconfiança.

Á uma e meia hora da madrugada ordenou ao Tenente-Coronel João Antonio Nunes, commandante do corpo de artilharia, que fosse com uma escolta examinar a casa denunciada; voltando este com a noticia de que só encontrára duas ou tres tapuias e combinando esta parte com o que tinha visto, persuadio-se de que a denuncia era infundada; mas por cautéla determinou aos commandantes dos corpos que se conservassem nos seus quarteis, concedendo recolherem-se ás suas casas os officiaes que mais o necessitassem; e das 2 para as 3 horas voltou para o seu quartel onde se conservou vestido.

Depois das 4 horas foi o Governador das Armas avisado pelo commandante da sua guarda, de que ouvira o estampido de dois foguetes para o lado do convento de S. Francisco e grande algazarra no largo dos Quarteis, e o mesmo Governador de suas janellas ouvio gritos e vivas, que a distancia não permittio entender: dirigio-se immediata-

mente ao edificio em que estavam aquartelados o 1.º e 2.º regimentos: achou o 1.º formado tendo á sua frente o seu commandante, o Coronel João Pereira Villaça, ao qual se haviam reunido grande parte dos officiaes do 2.º que ao signal dos foguetes se havia formado no campo da parada sob o commando de pessoas que a escuridão da noite não deixou conhecer, e que ao som de vivas ao Imperador e Independencia do Brasil convidáram os soldados do 1.º regimento a unirem-se-lhes; mas que vendo preparadas e apontadas para ellas as armas do 1.º tomáram a direcção da rua da Cadeia, levando muita gente que se lhes reunira.

O Governador das Armas immediatamente expedio ordem ao 3.º regimento para marchar para o quartel de artilheria. O 2.º regimento, e a gente que se lhe tinha reunido, se encaminhou para o quartel do 3.º com quem contava, mas a quem o seu commandante o major Francisco José Ribeiro, fez calar os vivas á Independencia, que déram alguns dos seus soldados, que obrigou a dar vivas á Sua Magestade Fidelissima, dizendo-lhes ao compasso de pranchadas — *primeiro está o pai que o filho.*

Vendo os conjurados, cujo plano era apossarem-se do Arsenal de Guerra, Deposito da Polvora, e Parque de Artilheria, que o 3.º regimento não se lhes reunia, marcháram pela rua de Santo Antonio para coadjuvarem o ataque que parte do mesmo regimento, esquadrão de cavallaria e muitos paisanos deviam fazer ao quartel da artilheria, de que já estavam de posse quando o Governador das Armas mandou o 3.º regimento em seu soccorro.

A noite estava tenebrosa, o 1.º regimento apenas contava em fórma de 90 a 100 baionetas, ignorava-se o numero dos conjurados e si tinham reunido a escravatura

como anteriormente se havia annunciado; o Governador das Armas julgando o Arsenal de Guerra seguro, e protegido o quartel da artilheria, resolveu esperar que se lhe reunissem os soldados que dormiam fóra dos quarteis e que aclarasse o dia para mandar tocar a rebate. Então se ouvio um tiro de canhão e logo depois uma descarga de fuzileria para o lado do quartel de artilheria, e pouco depois recebeu-se a noticia de haverem os conjurados tomado aquelle quartel, ferido mortalmente o commandante do corpo, cujos soldados fôram desarmados, depois da morte de um e do grave ferimento de dous. O Tenente-Coronel Nunes, que se tinha preparado para repellir qualquer ataque conservando as peças carregadas de mitralha e fechado o portão do quartel, descançava em uma rêde quando pelas 4 horas batêram á porta e lhe disse a sentinella que era a ronda superior, que n'aquella noite competia ao Coronel Villaça com cuja voz o mesmo Tenente-Coronel se illudio. Logo que o portão, por ordem do Tenente-Coronel e sem as necessarias cautélas, foi aberto, entrou um grupo de soldados de baionetas caladas conduzidos por um subalterno do 2.º regimento gritando—*mata, mata*: atraz deste grupo entráram outros de maneira que o Tenente-Coronel foi preso antes de poder prevenir os officiaes e soldados que dormiam em seus alojamentos e que assim fôram desarmados e presos. Os conjurados immediatamente tiráram para a rua duas peças que estavam carregadas e se disposéram a conduzir preso para o Arsenal de Guerra o Tenente-Coronel Nunes, que levado de um excesso de desesperação por ter sido surprehendido aproveitou-se da proximidade em que estava de uma peça para lançar mão de um murrão aceso, aponta-la para o

lado em que lhe pareceo estar mais gente, e dar-lhe fogo: a escuridão da noite, a perturbação e precipitação com que fez a pontaria mallográram seus intentos, porque só foi gravemente ferido um sargento de cavallaria; os conjurados, então, lhe dirigíram uma descarga que dada á queima roupa o traspassou com seis balas, de cujas feridas morreu tres dias depois.

Momentos depois de se ter ouvido a descarga de fusilaria, começáram a reunir-se no largo dos Quarteis alguns soldados de linha e milicianos, e apenas ao raiar do dia, se tocou a rebate a concurrencia dos milicianos e paisanos foi tal que o Governador das Armas se achou habilitado para mandar reforçar o 3.º Regimento que não tendo chegado a tempo de soccorrer o corpo de Artilheria pôde com tudo apossar-se do quartel que os conjurados tinham abandonado depois de prenderem e desarmarem os soldados, destacar de 30 a 40 homens para auxiliar a guarda do Deposito da Polvora, a qual já tinha sido desarmada pelo esquadrão de cavallaria, cujo quartel era contiguo ao Deposito e occupar por um destacamento de 60 a 70 homens o reducto e bateria de Santo Antonio para que pela estrada de Una não se evadissem os conjurados, que, tambem pela situação queocc upava o 3.º regimento, não podiam retirar-se pelo Largo da Polvora. O Governador das Armas, sabendo que os esforços com que o Major Ribeiro tinha contido o 3.º regimento haviam impedido os conjurados de tomar a guarda do Arsenal de Guerra, mandou alli apromptar duas divisões de artilheria de calibre 6 para collocar nas bôccas das duas unicas ruas por onde podiam evadir-se os conjurados, e d'onde podia fulminar o largo de Santo Antonio, e dividio o resto da força em duas columnas dando o commando da primeira ao Coronel Villaça

e da segunda ao Coronel Barata. Apenas os conjurados souberam que o 3.º regimento, com que contavam, se lhes não tinha reunido pela coragem não do apatico Tenente Coronel commandante José Narciso da Costa Rocha mas sim do Major, observáram que se aproximava do Quartel de Artilheria, e viram que o Reducto e Bateria de Santo Antonio se achavam occupados pela tropa para alli mandada, esmorecêram e uma grande porção de gente, que se havia reunido ao 2.º regimento e esquadrão de cavallaria, começou a dispersar e desappareceo assim como não poucos militares da 1.ª e 2.ª linha, ficando sómente cento e cincoenta praças entre officiaes e soldados que se rendêram ao commandante do 3.º regimento, que por ordem do Governador das Armas os mandou para o largo do Palacio, onde fôram obrigados a dar os vivas da ordem, isto é aos vencedores.

Ainda que foi grande o numero de pessoas, que ao signal dos foguêtes se reuniram aos corpos sublevados, com tudo poucas se prendêram n'essa occasião por se terem evadido ao abrigo da escuridão da noite: prendêram-se os officiaes e mais pessoas que se acháram com as armas na mão, e no dia seguinte foi desarmada a tropa sublevada, a qual dias depois foi distribuida por toda a costa da ilha de Marajó.

Si foi digna de louvor a firmeza com que o Coronel João Pereira Villaça e Major Francisco José Ribeiro contiveram o 1.º e 3.º regimentos e a promptidão e bôa vontade com que todos os militares e paisanos europêos e alguns brasileiros se armáram e reuníram ao Governador das Armas, é tambem para lastimar que as ordens dadas pelo Intendente de Marinha Joaquim Epifanio da Cunha para que se

lhe reunissem no respectivo Arsenal as guarnições dos navios de guerra e mercantes, onde estiveram inactivas até ás 7 horas da manhãa, privassem aos habitantes da capital a cooperação que deviam esperar da marinha, a quem o Governador das Armas exigio que se insinasse o exercicio da artilheria terrestre e para o futuro se reunisse ao 3.º regimento ou Arsenal de guerra, para onde devia mandar um reforço diario de 25 a 30 praças.

N'esta occasião se organisou um pequeno corpo de cavallaria, composto de negociantes, do qual foi nomeado commandante Joaquim Francisco Danim; pouco depois outros negociantes formáram um corpo de artilheria de que Camillo José de Campos foi commandante.

Em quanto pareciam serenados os principios proclamados em 14 de Abril e que só se tratava do processo dos complicados, os partidarios da Independencia trabalhavam com actividade no interior e na ilha de Marajó.

Parecendo-lhes que sublevada esta ilha, d'onde a capital é abastecida de carnes fresca e sêcca, a constrangeriam a acceder ás suas pretenções aliciáram grande parte da Legião miliciana d'aquelle destricto, e no dia 28 de Maio sete companhias da dita Legião fizeram apparecer outra revolução no districto de Muaná, para a qual convidáram todas as povoações da ilha e outras do continente. Grande inquietação teve o Governador das Armas quando na tarde do dia 1.º de Junho chegou ao seu conhecimento este sucesso; porque sabia que se a Legião se envolvesse na revolução e se lhe unissem os vaqueiros e escravos das fazendas difficilmente a poderia rebater por não ter tropa em que confiasse, e por que sendo a Capital e mais povoações da costa do continente privadas de carne fresca, de que

fazem sua principal nutrição, seria inevitavel a desesperação dos póvos e certa uma nova sublevação.

O Governador das Armas immediatamente preparou uma expedição de duzentos homens de infantaria e artilheria com duas peças de calibre 3, e exigio da Junta Provisoria que posesse á sua disposição uma canhoneira e canôas para transportar a força, cujo commando entregou ao Major do 3.º regimento Francisco José Ribeiro, o qual partio ás 7 horas da manhãa do dia 2 de Junho.

Apresteza da expedição acobardou os revoltosos do Muaná, que fizeram alguma resistencia mantendo por algum tempo tiroteio contra as canôas que levavam a tropa, mas, succumbindo á vista da canhoneira, desertáram, e no dia 4 tomou o Major Ribeiro posse da villa de Muaná. Esta noticia e a de que já se achavam presos mais de cento e cincoenta revoltosos e os outros espalhados pelos matos, fez cahir a revolução que já ia lavrando por toda a ilha e por algumas povoações do continente, e os chefes da revolução de 14 de Abril vendo o resultado da de Muaná socegáram e adoptáram uma apparente conformidade.

Algumas pessoas ou por mêdo de uma nova revolução, ou para protegerem os presos e pronunciados pelos sucessos de 14 de Abril persuadiram a alguns membros da Junta Provisoria da necessidade de desvial-os do fôro criminal e mandal-os para Lisbôa com aprovação do Governador das Armas, a quem dirigiram um officio pintando com côres atterradoras a urgente necessidade de não serem sentenciados e justiçados os réos n'aquella Capital, e fazendo reflexões sobre a pouca confiança que se devia ter na officialidade e tropa. O Governador das Armas respondeu que já mais interviria n'este negocio que não era de sua compe-

tencia por estarem os réos entregues ás authoridades civis, áquem cumpria dar-lhes o destino que determinam as leis. Esta resposta desagradou e fez desaparecer a apparente harmonia que existia entre o Governador das Armas e a Junta Provisoria, que de accôrdo com a opinião de um conselho, para outros fins convocado, resolveu mandar para Lisbôa em Julho de 1823 os duzentos e setenta e cinco presos complicados nas revoluções da Capital e Ilha de Marajó.

Desde 14 de Abril se convenceu o Governador das Armas de que á vista do progresso que o partido da Independencia fazia nas Provincias do Sul, da inacção em que pareciam estar a tropa e esquadra portugueza na Bahia, e do perigo em que se achava o Maranhão de succumbir aos ataques das forças Brasileiras do Ceará e Piauhy seria milagrosa a conservação do Pará sinão fôsse promptamente soccorrido por tropas portuguezas, que muitas vezes tinha sollicitado; mas para cumprir o seu dever e de algum modo supprir esta falta aproveitou-se dos corpos de cavallaria e artilheria do commercio, das sete companhias de milicias e da marinhagem para coadjuvar a força de linha no serviço da guarnição e policia, e fez com que todos os officiaes pernoitassem nos seus respectivos quarteis, que elle mesmo rondava todas as noites.

Era este o estado do Pará quando em 24 de Julho entrou o navio Palhaço trazendo a seu bordo o Bispo Diocesano e noticias exactas dos acontecimentos que tiveram lugar em Portugal nos fins de Maio e principios de Junho d'aquelle anno. Apenas desembarcou o Bispo exigio o Governador das Armas da Junta Provisoria uma conferencia afim de se fazerem as alterações e mudanças que pareces-

sem mais conformes ás que Sua Magestade Fidelissima tinha praticado em Portugal: e n'esta conferencia, que teve lugar em 25 de Julho, deliberou a Junta não fazer alteração alguma na fórma do Governo em quanto não se recebessem ordens d'aquella Côrte: em consequencia d'esta resolução da Junta apparecêram entre os habitantes algumas dissenções que obrigáram o Governador das Armas a proclamar no dia 1.º de Agosto Sua Magestade e sua Augusta Familia, e para que este acto fôsse acompanhado de toda a solemnidade derigiu á Junta Provisoria e Bispo as seguintes cartas. « Illm. e Ex. Sr.—Tendo destinado o « corpo militar dar amanhãa vivas a Sua Magestade El-Rei « o Senhor D. João 6.º, á Sua Augusta Familia e Dinastia, « tem o mesmo corpo militar rogado ao Exm. e Rvm. « Bispo d'esta Diocese haja de secundar este acto com um « Te-deum cantado na Cathedral d'esta cidade. Eu e o « mesmo corpo militar rogamos a V. Ex. se digne honrar « estes actos militar e Religioso com sua assistencia; pro- « testando em meu nome e em nome das mesmas corpo- « rações que de maneira alguma nos intrometteremos em « reformas de Governo, e que si para evitar a versatilida- « de de opiniões desenvolvidas em Abril e Maio preteritos « fôr necessario antes de chegarem as ordens de Sua Ma- « gestade, nova fórma de Governo mais adequado e con- « fórme ás actuaes circumstancias politicas da monarchia « e que para este effeito se julgue indespensavel minha « deposição do lugar que exerço, de bom grado e sem o « menor obstaculo eu e o corpo militar conviremos n'esta « medida com tanto que por ella se mantenha a indisso- « lubilidade da grande Nação de que todos sômos filhos. « O que em meu nome e em nome das mesmas corpora-

« ções militares communico á V. Ex. rogando-lhe haja de
« prevenir á Camara e mais authoridades. Pará 31 de Julho
« de 1823. Illm. e Exm. Sr. Presidente e Membros da
« Junta Provisoria. José Maria de Moura.— Illm. e Rvm.
« Sr. Não tendo chegado o navio Ephigenia em que se dizia
« virem as ordens de Sua Magestade para as mudanças
« politicas d'este Governo as quaes se devem pôr em pra-
« tica em consequencia de iguaes mudanças praticadas em
« Portugal cuja sorte e systema governativo dezeja seguir
« a generalidade dos habitantes d'esta Provincia, dezejan-
« do eu e o corpo militar do meu commando evitar os ter-
« riveis resultados da versatilidade de opiniões desenvol-
« vidas nos dias 14 de Abril e 28 de Maio preterito tem o
« mesmo corpo militar destinado não obstante a opinião
« da Exma. Junta Provisoria, que quer se esperem por or-
« dens, o dia de a manhãa para em grande parada dar os
« vivas á Sua Magestade El-Rei o Senhor D. João 6.º á Sua
« Augusta Espôsa a Rainha nossa Senhora, e a toda a sua
« Real Familia, antes mesmo da recepção de quaesquer
« ordens, e dezejando que esta solemnidade seja seccun-
« dada por V. Ex. lhe rogo em meu nome e em nome dos
« chefes, officiaes e mais praças dos corpos de linha e mi-
« licias d'esta guarnição se digne ordenar que se celebre
« na cathedral d'esta cidade um Te-Deum em acção de
« graças. Eu e o corpo militar, em cujo nome officio á
« V. Ex. não nos intrometteremos no systema governativo
« da Provincia; porém si ainda antes de chegarem as or-
« dens de Sua Magestade se julgar necessaria minha de-
« missão do lugar que occupo, em meu nome e em nome
« de todas as corporações do meu commando asseguro á
« V. Ex., á Exma. Junta Provisoria e á todos os habitan-

« tes d'esta Provincia que se para se manter sua tranqui-
« lidade é necessario tal demissão de bom grado desistirei
« do emprego de Governador das Armas e nenhum dos
« corpos militares deixará de se conformar com as medi-
« das que se julgarem precisas para manter a mesma tran-
« quilidade e indissolubilidade com a nação portugueza
« de que todos somos filhos. Deos Guarde á V. Ex. Pará
« 31 de Julho de 1823. Illm. e Rvm. Sr. D. Romualdo,
« Bispo do Pará. José Maria de Moura. »

Pareceu ao Governador das Armas que adiantando este passo mesmo sem consultar a Junta Provisoria ou receber ordens da côrte satisfaria a um dever para com Sua Magestade, acalmaria a effervecencia dos espiritos e manteria a publica segurança até se receberem as mencionadas ordens. Fez-se a solemnidade da acclamação com a maior pompa concorrendo todos os empregados publicos e corporações do commercio e agricultura; mas apesar de todas as demonstrações de regosijo e de todas as cautélas e vigilancia policiaes empregadas neste e nos seguintes dous dias de festejo para evitar desordens ou outros procedimentos do partido descidente, não se pôde impedir que alguns individuos dessem vivas ao Imperador e Independencia do Brasil.

Este procedimento do Governador das Armas não tranquilisou os espiritos: os partidos continuárão a bater-se, querendo uns que immediatatamente se mudasse a forma do Governo Constitucional, outros que se conservasse até se receberem ordens de Lisbôa pretextando que mudanças de tal natureza erão sempre arriscadas quando não tinhão por base ordens ligitimas, que desvanecessem a ideia de procedimentos arbitrarios tanto mais perigosos no Pará

quanto a experiencia claramente mostrava a existencia de um poderoso partido que, empenhado em separar aquella provincia da nacionalidade portugueza, se prevaleceria de qualquer acto praticado pelas authoridades existentes para excitar contra ellas os amigos da Independencia.

O Governador das Armas sabendo destas dissenções conheceu que si com tempo as não atalhasse o partido adherente a Portugal se enfraqueceria, e então mais duvidosa seria a conservação da Provincia; e n'esta convicção no dia 4 de Agosto dirigiu á Junta Provisoria o seguinte officio:

« Illm. e Exm. Sr. O estado de desassocego em que me « consta por differentes vias se acha grande parte dos ha- « bitantes desta cidade opinando uns que se deve conser- « var o systema governativo civil e militar no pé em que « se acha até se receberem ordens de Sua Magestade, e « pretendendo outros mudanças no mesmo systema ana- « logas ás actuaes circumstancias politicas de Portugal, « determinárão a convocar hoje no meu quartel todos os « chefes dos corpos de linha e milicias d'esta guarnição « para accordar com todos o modo mais capaz de evitar « os effeitos da diversidade de opiniões até que as ordens « de Sua Magestade venhão acalmar os espiritos. Concor- « dando todos sobre a necessidade de se tomarem medidas « de prudente cautéla para evitar choques e commoções « populares o convieram unanimamente em a necessidade « de convidar a V. Ex. para convocar na salla de suas ses- « sões uma assembléa composta de deputações militares « e corporações civis afim de se deliberar si convém mais « ao socêgo publico conservar o systema governativo mili- « tar e civil tal qual presentemente existe, ou si dar-lhe « uma nova forma mais analoga ás actuaes circumstancias

« politicas de Portugal, julgando-se ao mesmo tempo ne-
« cessario fazer publico por bando o resultado desta con-
« ferencia afim de que os habitantes desta capital e mesmo
« de toda a Provincia fiquem ao facto das deliberações
« que a este respeito se tomarem. Em consequencia desta
« unanimidade de parecêres proponho a V. Ex. a convo-
« cação da sobredita assembléa rogando com urgencia
« a V. Ex. haja de indicar-me a hora do dia de amanhãa
« em qne se póde reunir para fazer os avisos necessarios,
« e caso porém que V. Ex. não convenha na reunião pro-
« posta exijo que haja de declararm'o para meu governo.
« Deus Guarde a V. Ex. 4 de Agosto de 1823. Illms. e
« Exms. Srs. Presidente e Membros da Junta Provisoria.
« José Maria de Moura.

No dia seguinte a Junta respondeu pela maneira que se vê no officicio abaixo transcripto.

« Illm. e Exm. Sr.—Recebeu esta Junta o officio de V.
« Ex. da data de hontem depois das 10 horas da noite, e
« por essa razão se conveio responder agora que se acha
« reunida. Esta Junta concorda com a requisição de V.
« Ex. para se formar um conselho para se deliberar sobre
« o objecto que expressa pois que se tem em vista o soce-
« go publico, e passa immediatamente a fazer os avisos
« necessarios para ás 11 horas do dia. Deus Guarde a V.
« Ex. Pará no Palacio do Governo em 5 de Agosto de
« 1823. Illm. e Exm. Sr. José Maria de Moura. Joaquim
« Correia da Gama Paiva, Presidente; Geraldo José de
« Abreu, Secretario; Francisco Custodio Correia; Joaquim
« Antonio da Silva; Theodosio Constantino de Chermont;
« João Baptista Ledo.

A hora aprasada reuniu-se o conselho, cujo parecer foi immediatamente publicado por bando e he do theôr se-

guinte— « Sessão do dia 5 de Agosto de 1823—Abriu-se « a sessão ás 11 horas; e concorrendo o Exm. Governador « das Armas que havia exigido um conselho para delibe- « rar nas materias abaixo expressadas, e sendo tambem « presentes os que para este acto fôram comvocados a « saber: o Exm. e Rvm. Bispo Diocesano; o Marechal de « Campo Manoel Marques, Inspector das tropas; as depu- « tações da Junta da Fazenda e do Senado da Camara; o « Juiz da Alfandega; o Juiz substituto e varios cidadãos « como representantes das classes do commercio e pro- « prietarios, foi lido o officio da data de hontem abaixo « transcripto do Exm. Governador das Armas, e depois « fallou o mesmo explanando suas ideias, e o mesmo fize- « ram alguns dos membros do conselho, e julgando-se a « materia sufficientemente discutida foi posto a votos o « seguinte quesito — Convém mais ao socego publico que « se conserve o systema governativo civil e militar tal qual « presentemente existe, ou dar-lhe uma outra fórma mais « analoga as actuaes circumstancias politicas de Portugal? « Decidiu-se por maioria absoluta, isto he 29 votos con- « tra 9, que continuasse o systema do governo militar e « civil como se acha até chegarem as ordens de Sua Ma- « gestade. Declaro que se abstiveram de votar os Exms. « Bispo, Governador das Armas, Membros desta Junta, o « Marechal de Campo Manoel Marques, e o Ouvidor da « Comarca pela suspeição que alegáram.

« Entrou mais em votação si seria conveniente ao soce- « go publico fazer occupar a cadeira de Presidente da « Junta pelos Exm. e Rvm. Bispo Diocesano, e decidiu-se « unanimamente que sim. Exigiu o Governador das Ar- « mas a declaração do conselho, si os corpos militares « podiam usar do laço azul e encarnado em lugar do na-

« cional decretado pelas côrtes, mesmo antes de se rece-
« berem ordens da côrte; decidiu-se que sim, pois tal era
« o uso em Portugal como indubitavelmente já constava.
« Propoz mais o Exm. Governador das Armas que se ape-
« zar das medidas adoptadas n'este conselho para se man-
« ter o socego publico apparecessem alguns perversos a
« perturba-lo qual era o meio de puni-los. Decidiu-se
« unanimamente que ficavam em vigôr as leis existentes,
« que seriam aplicadas convenientemente segundo as cir-
« cumstancias.—Romualdo Bispo do Pará; José Maria de
« Moura; Joaquim Correia da Gamma Paiva, Presidente;
« Geraldo José de Abreu, Secretario; Francisco Custodio
« Correia; Joaquim Antonio da Silva; Thedosio Constan-
« tino de Chermont; João Baptista Ledo; o Marechal de
« Campo Manoel Marques de Elvas Portugal; Manoel de
« Freitas d'Antas; José Thomaz Nabuco de Araujo, Ma-
« noel José Cardozo, Presidente da Camara; Antonio Pe-
« reira de Lima; José Ferreira Brito; Marcello Antonio
« Fernandes; Bernardino José Carneiro da Silva Reis;
« José Caetano Ribeiro da Cunha; o Conego José de Or-
« nellas Souza Monteiro; o Conego André Fernandes de
« Souza; o Coronel João Pereira Villaça; o Capitão João
« Pedro da Costa; o Ajudante Alvaro Botelho da Cunha;
« o Major Francisco Marques de Elvas Portugal, o Capitão
« Antonio Valente Cordeiro; o Alferes José Deziderio de
« Castro; o Capitão Martinho Leite Pereira; o Tenente
« Antonio Marques de Souza; o Capitão Ignacio Pereira;
« o Capitão de Artilheria Joaquim Rodrigues de Andrade;
« o 2.º Tenente Manoel Ignacio de Macêdo; o Sargento-
« Mór Jeronymo de Faria Gaio; o Capitão Manoel Caetano
« Prestes; o Alferes João Rodrigues de Souza; o Major
« Domingos José da Silva; Joaquim Francisco Danim,

« Commandante da cavallaria voluntaria; Camillo José de « Campos, Commandante dos civicos de Artilheria; Joa- « quim Epifanio da Cunha; Francisco Carneiro Pinto Viei- « ra de Mello, Ouvidor da Comarca; João Ignacio de Oli- « veira Cavalleiro, Juiz Substituto; Affonso de Pinho de « Castilho; Domingos José Antunes; João da Fonseca Frei- « tas; Fernando José da Silva; João de Araujo Roso; « Francisco Gonçalves Lima; Luiz Antonio Golçalves; « Agostinho Brandão e Castro. — Está conforme o 2.º « official Manoel Ramos de Carvalho.

Esta deliberação, que collocou o Bispo na Presidencia da Junta vaga pelo destino que para fóra da provincia teve Romualdo Antonio de Seixas, desagradou a muita gente; e por conseguinte não extinguiu o germen das dissensões que adrede erão excitadas pelos partidarios da independencia para enfraquecerem o partido portuguez, que constava ter perdido em 14 de Julho a cidade do Maranhão sitiada pelas forças Brazileiras do Ceará e Piauhy, já possuidores de todo o continente da Provincia. Esta noticia animou e tornou a desenvolver a actividade dos patriotas do Pará, de maneira que alguns officiaes e soldados dos differentes corpos e particularmente do 2.º Regimento começáram a dar novamente indicios de que estavam dispostos a seguir o partido Brasileiro, que por sua parte intentou e conseguiu derramar a sisania entre os corpos de linha, que o Governador das Armas deligenciava manter em bôa harmonia empregando toda a vigilancia para comprimir na capital as demonstrações que já principiavam a apparecer pelo sertão. Estas precauções comtudo, não podiam tranquilizar o Governador das Armas, por que além do ciume que havia entre alguns dos corpos, a maior parte da tropa,

de que necessitava servir-se para sustentar a causa portugueza, estava possuida da ideia de Independencia. O 2.º Regimento, bem como todo o esquadrão de cavallaria, que já se tinham involvido na revolução de 14 de Abril, e o corpo de artilheria depois de ter perdido o seu commandante o Tenente Coronel João Antonio Nunes, já não merecião sua confiança; no mesmo caso estava o 3.º regimento ainda mesmo commandado pelo Major Francisco José Ribeiro que substituiu o suspeito Tenente Coronel José Narciso. O 1.º regimento do commando do Coronel João Pereira Villaça era o unico com que o Governador das Armas podia contar; porém a sua força era de duzentas baionetas, que não era prudente empregar fóra das vistas do seu chefe pelo receio de que se [illegible]em aos independentes.

Este era o estado da capital do Pará quando em 11 de Agosto de 1823 appareceu n'aquelle porto um brigue, que se annunciou como parlamentario da esquadra commandada por Lord Cocrane, levando officios para a Junta Provisoria, e dando a noticia da retirada da tropa e esquadra portuguezas que estavam na Bahia, de ter esta Provincia bem como a do Maranhão adherido a Independencia, e de que o parlamentario tinha por objecto intimar os habitantes do Pará para que se resolvessem a acceder á Independencia ou a soffrer os effeitos d'um bloqueio, para cujo fim a esquadra de que elle fazia parte, já se achava proxima das Salinas.

Estas noticias, a presença do brigue e a ideia da existencia da esquadra nas aguas do Pará animáram e decidíram todos os Brasileiros a se declararem pela independencia; e o partido d'esta se fez tanto mais fórte quanto

se tornou fraco o dos portuguezes em quem se divisávam impotentes desejos de sustentar a causa da metropole.

Não era necessario o concurso de tantas circumstancias favoraveis aos desejos dos filhos do Paiz para os encorajar e decidir pela Independencia: elles viam todo o Brasil desafrontado de tropas e esquadras portuguezas, e procuravam á muito tempo occasião de formar parte integrante do Imperio Brasileiro, do qual o Pará era a unica Provincia que então estava separada. Esta consideração, que rapidamente electrisou os Paraenses, collocou o Governador das Armas na mais critica posição; porque a força total dos corpos de linha, inclusive trezentos recrutas, não excedia a seiscentas baionetas existentes na capital, as quaes, além da pouca confiança que lhe mereciam, não eram sufficientes para reforçar a fortaleza da Barra guarnecer as más baterias do Castello e fórte de S. Pedro Nolasco, occupar os pontos de Maguary e Iguarapé de Una, por onde facilmente se póde entrar na Cidade, pôr á disposição do Intendente da Marinha a força necessaria para guarnecer a charrua Gentil Americana e uma barca canhoneira que havia, e reservar uma força sufficiente para conter os Brasileiros, manter a ordem na Capital e accudir onde conviesse. Estes preparativos eram indispensaveis e se tornavam impossiveis com seiscentos homens de linha em grande parte recrutas e dous terços dos quaes se reuniriam aos Brasileiros, que entrávam por metade nas duzentas e cincoenta praças de que se compunhão as milicias; restando as companhias de cavallaria e artilheria do commercio que com quanto fôssem de confiança, faltava-lhes a desciplina necessaria para habilital-os a entrar em fôgo com a ordem que n'estes casos é mister.

Para tomar as providencias mencionadas era necessaria e indispensavel a cooperação da Junta Provisoria, da de Fazenda, do Intendente da Marinha, authoridades independentes do Governador das Armas; para obter esta cooperação dirigiu elle um officio em que dizia á Junta Povisoria que ia reunir no seu quartel os commandantes dos corpos afim de tomar medidas tendentes a evitar alguns tumultos; e que para objecto de segurança do porto e outras providencias julgava indispensavel uma conferencia com a mesma Junta, que não tardou em mandar-lhe a seguinte resposta. « Illm. e Exm. Sr.—Esta Junta accusa re-
« cebido o officio de V. Ex. datado de hoje: em conse-
« quencia dos officios, que recebeu de Lord Cocrane,
« chefe da Esquadra do Rio de Janeiro, que se acha fun-
« deado abaixo da barra d'este porto, convocou um conse-
« lho para deliberar sobre o objecto do dito officio para o
« qual convida á V. Ex. e a todos os chefes e comman-
« dantes dos corpos de 1.ª e 2.ª linha, que V. Ex. se
« dignará mandar assistir a elle, que terá lugar ás sete
« horas da noite. Deos Guarde a V. Ex. No Palacio Epis-
« copal em 11 de Agosto de 1823. Illm. e Exm. Sr. José
« Maria de Moura. Romualdo, Bispo do Pará Presidente;
« Geraldo José de Abreu, Secretario; Joaquim Corrêa da
« Gama Paiva; Joaquim Antonio da Silva; Theodosio Cons-
« tantino de Chermont; João Baptista Ledo. »

Quando o Governador das Armas recebeo este officio já se achavam em seu quartel os commandantes dos corpos, e declarando-lhes o seu contheudo ordenou-lhes que fôssem com elle assistir á conferencia para que os convidava a Junta, de cuja bôa fé o Governador das Armas duvidou por ter afirmado que a esquadra de Lord Cocrane estava

fundeada abaixo da fortaleza da barra ao sol posto, e não havia tempo de se examinar si com effeito estava ou não alli fundeada.

Fez-se o conselho cujo resultado está consignado na acta que é do theôr seguinte. « Sessão extraordinaria do « dia 11 de Agosto de 1823. Abriu-se a Sessão ás 8 horas « da noite; e tendo sido convocado um Conselho pela « Exma. Junta Provisoria, composto do Exm. Governador « das Armas, Senado da Camara e todas as demais autho- « ridades civis, eclesiasticas e militares e muitos cidadãos « probos, em consequencia de ter recebido a mesma Exma. « Junta um officio do Illm. e Exm. Lord Cocrane, chefe « das forças navaes do Rio de Janeiro, assim como um ma- « nifesto do bloqueio d'este porto e um officio original da « Exma. Junta Provisoria do Maranhão; exigindo o refe- « rido Lord em nome de Sua Magestade Imperial o Se- « nhor Dom Pedro, Primeiro Imperador do Brasil, que esta « Provincia do Grão Pará adherisse ao systema geral do « Imperio Brasiliense, os quaes documentos sendo lidos « pelo Secretario da Exma. Junta assim como tambem o « periodico em que se acha transcripta a correspondencia « relativa a Independencia politica proclamada no Mara- « nhão, propôz o Exm. Sr. Bispo, Presidente da Junta, « ao conselho que o objecto para que tinha sido convocado « era decidir-se qual o systema que esta Provincia devia « adoptar nas actuaes circumstancias expondo as suas re- « flexões de que a utilidade e tranquilidade d'esta Provin- « cia exigia que se adherisse ao systema do Rio de Janeiro, « como o unico meio mais efficaz para a salvar dos horro- « res da anarchia: foi este parecer seguido por grande « numero de membros que opinavam no mesmo sentido, « e passando-se á votação se decidiu unanimemente que se

« reconhecesse a Independencia politica do Brasil debaixo
« das ordens de Sua Magestade Imperial o Senhor Dom
« Pedro Primeiro, a excepção do Exm. Governador das
« Armas que declarou sómente annuir á esta medida si se
« verificasse a existencia e qualidade das forças do blo-
« queio; e propondo o Exm. Sr. Bispo Presidente esta in-
« dicação se decidiu geralmente a expeção de oito mem-
« bros que se proclamasse a dita Independencia, *sem*
« *indagação* alguma das referidas forças.

« Finalmente pedio o referido Governador das Armas
« que se lhe admittisse o seu voto em separado e decidiu-
« se que sim, o qual irá aqui transcripto e para tudo constar
« se mandou lavrar o presente que todos os membros do
« conselho comigo assignáram. Geraldo José de Abreu,
« Secretario da Exma. Junta que o escrevi. Romualdo,
« Bispo do Pará Presidente ; José Maria de Moura; o Ma-
« rechal de Campo Manoel Marques de Elvas Portugal;
« Geraldo José de Abreu, Secretario; Joaquim Corrêa da
« Gama Paiva; Joaquim Antonio da Silva; Theodosio Cons-
« tantino de Chermont; João Baptista Ledo; José Thomaz
« Nabuco de Araujo, Juiz da Alfandega Procurador inte-
« rino da Real Corôa e Fazenda; Manoel de Freitas de An-
« tas, Escrivão Deputado; Manoel José Cardoso, Presi-
« dente do Senado; Martinho de Souza Cunha, Vereador;
« Antonio Pereira de Lima, Vereador; José Ferreira de
« Brito, Vereador; João Antonio Lopes, Vereador; Mar-
« cello Antonio Fernandes; Bernardino José Carneiro da
« Silva Reis, Procurador; José Caetano Ribeiro da Cunha,
« Escrivão da Camara; O Conego José de Ornellas de Souza
« Monteiro; O Conego André Fernandes de Souza; O Co-
« ronel João Pereira Villaça; O Major Francisco Marques
« de Elvas Portugal; O Major Francisco José Ribeiro; O

« Capitão Jgnacio Pereira; O Sargento-mór do 1.º de Mi-
« licias Jeronymo de Faria Gaio; O Major Domingos José
« da Silva; Joaquim Francisco Danim, commandante da
« cavallaria Civica; Camillo José de Campos, comman-
« dante da Artilheria voluntaria; Joaquim Epifanio da Cu-
« nha, Intendente da Marinha; José Lopes dos Santos
« Valadim, Capitão de Mar e Guerra commandante da Fra-
« gata; Pedro José Corrêa, Primeiro Tenente comman-
« dante; Antonio Joaquim de Barros e Vasconcellos, Co-
« ronel e Governador de Marajó; Francisco Carneiro
« Pinto Vieira de Mello, Ouvidor da Comarca; João Igna-
« cio de Oliveira Cavalleiro, Juiz Substituto; O Coronel
« João de Araújo Roso; O Tenente Coronel João da Fon-
« ceca Freitas; O Coronel Antonio Bernardo Cardoso; O
« Capitão de Milicias José Vasques da Cunha; Fernando
« José da Silva; Domingos José Antunes, Ambrosio Hen-
« rique da Silva Pombo; Affonso de Pinho Castilho; O Te-
« nente Coronel Luiz Antonio Gonçalves; Manoel Caetano
« Prestes; João Felippe Pimenta; O Alferes Romão Ro-
« drigues da Silva; Francisco Gonçalves Lima.

« Voto do encarregado do Governo das Armas do Pará
« na Sessão da noite do dia 11 de Agosto de 1823: O in-
« frascripto sendo informado pela Exm. Junta Provisoria
« do conteudo d'um officio que recebêra do Illm. e Exm.
« Almirante Lord Cocrane, commandante das forças na-
« vaes de Sua Magestade o Imperador do Brasil, e de ou-
« tros papeis que acompanhâram o dito officio e que che-
« gâram a este porto no Brigue Infante D. Miguel, e ao
« mesmo tempo tendo em vista a deliberação que todas as
« authoridades civis, militares e Municipaes e deputações
« do corpo do commercio e agricultura tomâram no dia

« 5 do corrente votando todas que se conservasse a administração politica no pé em que se achava até se receberem ordens de Sua Magestade Fidelissimà El-Rei o Senhor Dom João 6.º sobre os destinos do Pará; vendo « que mudanças extraordinarias no systema governativo « pódem comprometter a Provincia e ás authoridades que « a regem quando semelhantes mudanças não tem por fundamento urgentes e demonstradas causas e reflectindo « que a simples aparição d'um navio de guerra, que se annuncia parlamentario d'uma esquadra não é a mesma esquadra, vota que se expeça immediatamente uma embarcação com officio ao Exm. Almirante Lord Cocrane « em que se lhe faça vêr a deliberação que tomáram no « dia 5 do corrente as authoridades d'esta Provincia de « esperarem as ordens de Sua Magestade, as quaes é de « suppôr conciliem os interesses do mesmo Augusto Senhor com os de Sua Magestade Imperial, e que á vista « da resposta do mesmo Exm. Almirante depois de informado do estado politico d'esta Provincia, e dos acontecimentos havidos em Portugal em Junho preterito, e « verificada por este modo a existencia da esquadra nas « aguas do Pará a Assembléa delibere o que mais conforme « parecer ao bem geral da mesma Provincia, com referencia ao estado melindroso em que se acham os póvos, « e aos effeitos que de necessidade devem produzir nos « espiritos a presença da dita esquadra e a mensagem dirigida á Exma. Junta pelo dito Exm. Almirante.

« Sendo de tal parecer, o infrascripto declara que em circumstancias tão melindrosas, quaes aquellas em que presentemente se acha o Pará, elle só tem em vista evitar a « inutil effusão de sangue, salvar sua reputação e honra, e

« habilitar-se para responder pela sua conducta a Sua Ma-
« gestade Fidelissima, que por sua carta Regia o collocou
« no lugar que até este momento occupa. Pará 11 de
« Agosto de 1823. José Maria de Moura.

Vendo o Governador das Armas a direcção que tomavam os negocios e que lhe faltavam meios de poder interromper o seu curso, alli mesmo declarou que não podendo conservar a Provincia unida a Portugal, d'esde aquelle momento se considerava desligado do commando das Armas. Que n'este conselho existiam muitas pessôas dispostas a votar pela Independencia, ninguem o duvidava, pois era manifesto o grande partido que a promovia; mas que fôssem as principaes authoridades a quem Sua Magestade Fidelissima deu empregos de consideração quem decididamente encaminhasse por seus discursos os membros do conselho á votar pela Independencia do Brasil, é o que não se esperava, mas aconteceu: por exemplo; o Bispo, collocado no dia 5 pelo vóto unanime na Presidencia da Junta como affecto a Sua Magestade e á união com Portugal, foi o primeiro que por seus discursos declarou ao conselho no dia 11 ser absolutamente necessario que o Pará adherisse a Independencia do Brasil: o Intendente da Marinha Joaquim Epifanio da Cunha, que pouco antes tinha sido elevado ao posto de Chefe de Devisão, e que na occasião em que desembarcou o Bispo na presença de povo lançou ao mar o laço nacional para substituil-o pelo Real, e que 22 dias depois arremessou este para tomar o da Independencia declarando ao conselho que ninguem mais do que elle era grato a Sua Magestade Fidelissima, fez os mais energicos exforços para que os votantes se decidissem pela Independencia: finalmente a Junta Provisoria, a excepção d'um membro, o Governador da Ilha Marajó e muitas outras

authoridades civis, militares e ecclesiasticas se decidiram pela Independencia; e foi tal o enthusiasmo que os discursos d'estas pessôas communicou á quasi todo o conselho que se fez a votação tumultuariamente e gritando-se *está vencido, está vencido.*

Esta deliberação acabou de decidir o povo e tropa e produziu no animo de todos os habitantes da Capital os mesmos effeitos que produziria e presença de toda a Esquadra de Lord Cocrane. O Governador das Armas fez todos os exforços para sustentar os direitos de Portugal, empregou todos os meios a seu alcance para fazer vêr que esta deliberação era imprudente e até opposta á que se tinha tomado seis dias antes, tudo foi inutil; propôz que se mandasse verificar a existencia da esquadra e sua força, e sua indicação não foi acceita.

Logo que ás 11 horas da noite se dissolveu o conselho immediatamente se divulgou o seu resultado pela cidade e quarteis; em taes circumstancias si o Governador das Armas quizesse reunir alguma tropa para se oppôr á deliberação tomada não veria a seu lado um só filho do paiz, e sacrificaria sem proveito da sua causa os portuguezes que tivessem a coragem de segui!-o. Si em lugar de seiscentos homens de tropa do paiz, já então possuidos do espirito da Independencia, tivesse ao menos trezentos ou quatrocentos de tropa portugueza, talvez a decisão do conselho não fôsse tão opposta aos interesses de Portugal. A declaração das Juntas Provisoria e da Fazenda e do Intendente da Marinha, privou o Governador das Armas da cooperação e soccorros necessarios para a deffesa do porto e cidade, e toda a tentativa para conservar a Provincia na obediencia portugueza seria chimerica e não faria mais do que augmentar a effervecencia do povo e tropa.

A impossibilidade, que tinha o Governador das Armas de conservar a Provincia sob o dominio portuguez, fez com que no dia 12 se dimitisse do seu emprego e pedisse o seu passaporte, o qual lhe foi negado, e elle mandado prezo e incommunicavel para bordo do Brigue parlamentario.

Para rebater as pretenções de Lord Cocrane e manter a segurança da Capital o Governador das Armas julgava necessario reforçar a fortaleza da Barra com 70 a 80 homens abastecendo-a de mantimentos para 140 ao menos por 40 dias; acabar promptamente as fortificações de Valle de Caens, guarnecer esta bateria e fornecer-lhe munições de bocca e guerra; ter á sua disposição lanchões e canôas armadas e tripuladas; completar as guarnições da charrua Gentil Americana e canhoneira; approveitar a fragata nova como bateria volante; pagar em tempo o soldo e etape da tropa; e muitas outras cousas mais; porém como a maior parte ou quasi todos estes meios eram da exclusiva competencia das Juntas Provisoria e da Fazenda, e do Intendente da Marinha, e estas authoridades se haviam declarado pela Independencia, conheceu o Governador das Armas que era mais conforme a razão, prudencia e humanidade e tambem seria mais do agrado de Sua Magestade Fidelissima que se poupassem as vidas e bens dos habitantes do Pará e por isso cedendo á força e imperio das circumstancias deixou de empenhar-se em uma disacisada e desigual contenda, da qual só podiam resultar persiguições e desgraças incalculaveis.

Depois do que se passou na noite de 11 de Agosto mandou a Junta no dia seguinte cumprimentar o commandante do Brigue e convidal-o para aproximar-se da Capital. Com muitos individuos, que se achavam homisiados, apresentáram-se no dia 13 os enthusiastas Conego João Baptista

Gonçalves Campos e José Ribeiro Guimarães com indicações sobre a nova fórma do Governo que devia instalar-se. Entre os diversos planos foi adoptado o de Ribeiro Guimarães para que o Governo da Provincia fôsse elleito pelo Pôvo e composto de cinco membros com a denominação de Governo geral da Provincia do Pará e mando sobre todas as authoridades e repartições, civis ecclesiasticas e militares.

No dia 14 depois de presos o ex-Governador das Armas e o Coronel Villaça convocáram-se os cidadãos para a elleição do novo Governo. No dia 15 o Castello e a Fragata arvoráram a Bandeira Brasileira, houve a grande parada em que se fizeram os cortêjos militares ao Imperador do Brasil e solemne Te-Deum, a que assistiram já com laço verde e amarello o Intendente da Marinha Joaquim Epifanio da Cunha, o Governador de Marajó Antonio Joaquim de Barros Vasconcellos, o Ouvidor da Comarca Francisco Carneiro Pinto Vieira de Mello e o Major Ajudante de ordens do Governo José de Brito Inglez, que achando-se com parte de doente quando appareceu o Brigue Parlamentario se deu por prompto logo que o Marechal Manoel Marques tomou conta do Governo das Armas e começou a inculcar-se como o mais zeloso partidista do systema Brasileiro, forjando planos offerecendo indicações para que o Governo da Independencia incommodasse com pretenções sobre a entrega de papeis e cartas topographicas o General que o tinha abrigado em sua casa e finalmente promovendo assignaturas de requerimentos em que se exigia que o ex-Governador das Armas fôsse preso e remettido para o Rio de Janeiro: este homem, cujo caracter voluvel e inconstante o faz desconhecer os nobres sentimentos da gratidão, cujo

espirito ambicioso, vaidoso e desejoso de figurar o transforma em bandeirinha de todas as nações, julgou que fazia a sua fortuna mostrando-se muito officioso para com os independentes; e com effeito os serviços que lhes prestou nos primeiros dias da installação do novo Governo lhe rendêram o commando quasi momentaneo do 1.º Regimento de infantaria de linha, que poucos dias depois lhe foi tirado pelos despropositos que fez, e por ser conhecido o seu pessimo caracter até d'aquelles a quem ultimamente prestou esses serviços com desprêzo dos devêres de vassallo de Sua Magestade Fidelissima, a quem devia a representação e fortuna de que gozava.

Os festejos e mais signaes de regosijo duráram por muitos dias: no dia 15 jurou-se obediencia ao Imperador do Brasil; e fez-se a eleição do Governo Geral da provincia, na qual se regeitáram todas as listas que continham nomes de Europeos e do Bispo apesar de ser Brasileiro e ter tomado a palavra no dia 11 de Agosto para favorecer a causa da Independencia, dando-se por motivo desta repulsa ser pobre de espirito e homem de pouca confiança pela inconstancia do seu caracter. Sahiram eleitos para Presidente Geraldo José de Abreu, para secretario José Ribeiro Guimarães e para membros o conego João Baptista Gonçalves Campos, João Henriques de Mattos e Felix Antonio Clemente Malcher: esta eleição assustou a todos os Europeos e desgostou a muitos Brasileiros, porque n'ella enxergáram a origem dos males que infelizmente deviam pesar sobre a provincia.

Os rapidos progressos que teve o partido da Independencia no Pará fôram devidos ao Decreto das Côrtes Portuguezas do 1.º de Outubro de 1821, porque creando em

cada provincia do Brasil dous Governos independentes um civil e outro militar, e não se lembrando de acompanha-lo com Regulamentos ou Regimentos que fixassem a conducta destas duas authoridades e marcassem a linha divisoria de suas attribuições, não reflectiram que os traria a conflictos prejudiciaes á causa publica e era facil de prevêr que a Junta do Governo, formada pela eleição popular se havia de afrontar com a presença de um Governador das Armas de mais representação do que cada um dos seus membros e que tinha a força armada á sua disposição.

Homens que nunca tivéram empregos publicos e que em outros tempos apenas aspirariam aos lugares de vereadores ou almotacés, tirados de suas casas para lugares importantes, tornam-se, de ordinario, vaidosos e caprichosos, quando uma bôa educação e prudente reflexão não modera estes vicios, e a consideração de que o lugar que exercem ou para que fôram chamados, é devido á opinião do merecimento que delles formáram os eleitores, os faz presumpçosos, soberbos e vaidosos: eis o que se observou nas Juntas das demais Provincias.

Não tendo Regimento por onde se regulasse no exercicio de suas funcções entendeu que era mais do que o Governador das Armas, e assim o inculcáram os periodicos, que podia mais e que tinha direito a ser obedecido; achando, porém, resistencia n'esta authoridade ás invasões que ella tentava fazer na sua repartição, entendeo que o Governador lhe fazia afronta: eis-aqui um motivo para declarar guerra ao Governador das Armas, e porque relações de amisade e parentesco de sete homens filhos do Paiz ou ha muito alli estabelecidos lhes dava um numero de partidistas incomparavelmente maior do que aquelle que pode-

ria adquirir em pouco tempo uma authoridade estranha ao Paiz, a consideração desta superioridade de partidistas ainda mais a encorajava a hostilisar o dito Governador; estas armas, porém ainda éram fracas. A sua esperança se firmava no auxilio da imprensa manejada por aquelles que projectavam predispôr o povo e tropa para a Independencia. A Junta para atacar o Governador das Armas e fazer-lhe perder a força moral abriga e protege estes homens, que se prevalecem desta protecção não só para hostilisarem uma authoridade que temiam e que lhes não convinha na provincia, mas tambem para propagarem os seus escriptos subversivos. O resultado destes ataques, e protecção a quem os fazia, foi o que se observou em Agosto de 1823; resultado que não appareceria si acaso o Decreto do 1.º de Outubro não collocasse em provincias tão remotas de Portugal duas authoridades tão poderosas independentes entre si e só responsaveis ao Governo de Lisbôa.

Além dos terriveis inconvenientes que deveriam resultar e de facto resultáram da instalação de duas authoridades iguaes e independentes em uma mesma provincia, outros ainda maiores trouxéram ao socego dos habitantes do Brasil a certesa de que os Governadores das Armas jámais seriam nomeados por eleições e que nunca seriam escolhidos para estes empregos Generaes ou officiaes superiores Brasileiros. Isto os encommodou e afligio porque vendo por um lado que se lhes dava a liberdade de elegerem os Deputados ás Côrtes e os membros do Governo civil, ao mesmo tempo observavam que aquella authoridade debaixo de cuja direcção devia ficar a força armada sempre havia de ser Européa e escolhida pelo Governo supremo.

Confiar-lhes a eleição das authoridades desarmadas, e priva-los de, ao menos, propôrem aquellas que tinham o poder da força, os pôz em muita desconfiança de que semelhante disposição legislativa tinha fins oppostos ás ideias de liberdade, e igualdade de direitos que as extinctas Côrtes lhes tinham promettido. D'aqui proveio o ciume e até pouco affecto com que éram olhados os Governadores das Armas, pois os consideravam como instrumentos de que deveria servir-se o Governo de Portugal para colonisa-los e tambem destas desconfianças nascêram os exforços que desde logo começáram a fazer algumas provincias brasileiras para se separarem de Portugal; exforços que talvez se não verificassem si as disposições do Decreto do 1.º de Outubro de 1821 fossem concebidas em termos mais conciliadores dos desejos e vontade dos Brasileiros,

No Pará ainda se poderiam remediar os máus resultados daquelle Decreto se quando pelas contas dadas ao Ministerio pelo Governador das Armas, o Brigadeiro José Maria de Moura sobre o estado politico da provincia e por communicações de diversas pessoas alli residentes feitas aos seus correspondentes em Portugal, nas quaes se descrevia o perigo em que se achava a provincia de adherir á Independencia do Brasil, o Ministerio julgasse conveniente mandar alguma tropa Européa com a qual se podesse atalhar os progressos da opinião Brasileira,

VIAGEM

A'S CAXOEIRAS DE PAULO AFFONSO.

Imprimindo esta carta do Dr. José Vieira de Carvalho e S lva, dirigida ao Sr. Dr Capanema, temos em vista tornar publica essa quantidade de noticias historicas, geographicas, e estatisticas que encerra, e o tributar á memoria d'este nosso finado consocio, que tão heroicamente morreo em Porto Alegre, victima de sua dedicação e zelo quando ali invadio a cholera-morbus, um signal de respeito e de saudade.

A familia do nosso consocio recebeo dos altos poderes do Estado um testemunho do apreço de seus serviços com a pensão que lhe foi conferida.

Pelo effeito produsido na sala do Instituto quando em repetidas sessões ahi fora lida esta carta, julguei supprimir algumas linhas, que a liberdade do estylo epistolar no correr da penna lançára sem maior reflecção, e ás vezes com o unico fim de ostentar uma erudição mal cabida n'este genero de escriptos, como se verá do que ainda ficou.

As opiniões ácerca dos individuos que ahi vão, pertencem ao morto, e o Instituto não é responsavel por ellas; porque nunca o ha sido de escripto algum, mas tão somente dos que comportam o seu cunho official.

Este itinerario do magestoso rio de S. Francisco desde a sua foz até ás caxoeiras de Paulo Affonso terá grande valia no futuro, mormente quando mais civilisadas aquellas regioens compararem o seu presente com o passado aqui descripto.

O Dr. Carvalho passará na opinião dos homens estudiosos como um pequeno Pausanias do Rio de São Francisco; e o seu trabalho unido ao do Sr. Halfeld, que tambem desenhou as caxoeiras de Paulo Affono, serão de todo o interesse para os estudos do Instituto e de todos os que igualmente d'elles se occupam. O itinerario de Cunha Mattos não é mais interessante do que este, e de quanta utilidade não tem sido para os que procurão saber nossas coisas?

Rio 24 de Abril de 1859.

Porto-alegre.

Illm. Sr. Dr. G. Schuch de Capanêma.

Vão quatro annos que em uma sála das do Musêu Nacional se encontraram dous homens; o primeiro regia uma Cadeira da Escóla Militar na Côrte do Imperio; o segundo devia em poucos dias partir, para reger uma Comarca nas margens do magestoso Rio de S. Francisco na Provincia das Alagôas. N'esse encontro trocaram-se poucas palavras; e uma promessa foi sellada pelo Jurista. E'essa promessa que fiz no momento de dar o meu e receber o vosso bilhête, Sr. Capanêma, que pretendo cumprir: não espereis de mim cousa digna de vossa esperança; por quanto são os Juizes estéreis em suas narrativas; que o ágro officio de lidar com os inimigos da sociedade (os criminosos) gera um sentimento, que mata o bello humôr que deve de presidir o trabalho de contar-vos o que vi, o que me contaram, e o que seja esse soberbo manancial d'aguas sem cessar, entornadas pela mão do Omnipotente por sobre este pedregôso — Gigante — Paulo Affonso—que, sentado e encarando a Súl, separou-o em duas porções, marcando pela sua altura o leito, por onde devem correr as aguas da porção inferior, em quanto as da superior impellem-se com inaudito fragôr por entre os braços e pernas; debrução-se pelos hombros, e se precipitão enfurecidas no profundissimo abysmo. Para melhor satisfazer-vos na descripção do Rio de S. Francisco suppôr-me-hei entrado pela sua barra, e por elle navegando até que dê ao petrificado Gigante a minha ultima saudação: direi além disso alguma cousa, ainda que perfunctoriamente, sobre a minha Comarca.

A fóz do Rio de S. Francisco demora, em 10 gràos e 54" de latitude Súl, corre nordeste, sudueste. Sua—Barra

— se não torna perigosa por alcantilados rochêdos que ameacem ao descuidado nauta, ou pelos encobertos que possão enganar a experiencia do mais avisado prático; porém, sendo este Rio impetuôso em sua corrente, e arrastando com ella as arêias de suas margens, fazem-na temida pelas *estuosas syrtes* que se mudão á sua vontade, e põe sempre incerta a entrada para—o Navegador—que ha pouco d'ella sahíra. Dias ha em que se a navegará, cómo em um Lago ligeiramente encrespado por branda viração, outros virão com que a onda encapellada pelos ventos do Súl e Nordeste atterrará o mais traquejado marínheiro, parecendo que as alpinas Serras se desabão sobre o frágil lenho, que, afoitado, as envistir; e como seja um só o canál, e estreito, e sobre, de pouco fundo, é quasi infallivel pagar o atrevido, com summa usúra, a injuria feita á sua passagem. Nada direi ácerca do aspecto d'ella, vista de mar em fóra; porém começarei a minha narrativa des que as dôces aguas separão-se das amaras.

Destinguem-se as duas margens do Rio pelas signativas palavras de Bahia e Pernambuco, a esta Provincia pertence a margem esquerda; a aquella a margem direita; por esta explicação ficareis sabendo quaes os logares, Povoações, e Villas, e Cidades situadas em uma e outra margem; posto que d'esde abaixo da espantosa Cachoeira, e no riacho Chingó se bem divise pertencer toda a margem direita á Provincia de Sergipe d'El-Rei, e a margem esquerda á de Alagôas; que domina d'esde o Rio Moxotó, duas leguas sobre a referida Cachoeira onde findão os meus dominios judiciarios. Da entrada da fóz do Rio de S. Francisco, fica á margem direita, o conhecido parcél do *cabeço*, cruel inimigo, que raso e humilde, parece afagar os Nautas; porém triste do que se a elle aproxima, porque é então que

tornando a affectada brandura em furôr, o despedaça sem piedade, com o rancôr d'um villão de quem confiaram o cargo. Á margem esquerda está, a cavalleira, o arenôso Morro do Pontál, corôado de suas pequenas cabanas, seus coqueiros, e raros cajueiros: na sua fralda ancóra a Veleira Catraia, a cujo Patrão está incumbido o cuidado de avisar aos que entrão, e sahem, se lhes será prospera ou perigosa a passagem. É a Sybilla da Barra, e ás vezes bastantemente usa de suas ambáges, para demonstrar a necessidade, e sabedoria de seu emprêgo.

Segue pelo cordão do Pontál, e pela esquerda—Saramenha, e o Riacho—Caranha; e pela direita os Riachos, Arambipe, ou Gaú, que communica, por uma valla, entre mangues, quasi com o Rio o mar na Costa do Somôco, e o Parapúca, que faz a barra, chamada—Nova:—Estão em meio do Rio as Ilhas das Paturís, a da Negra que toma diversos nomes, fertilissima, e d'onde vem excellentes mangas; e a de—José Thomé.—São estas Ilhas extensos cannaveaes, e proprias para toda a plantagem que demande frescura.

Corre pela margem direita uma corda de Oiteiros mais elevados, e vestidos de grandes mangues e outros arvorêdos, havendo nas ábas, e perto do Rio, as pequeninas Povoações de—Tauóca—Rezina de Baixo, e Rezina de Cima, vivos paineis da miseria; mas demonstrativos da bondade do Creador que dá vida, e vida vigorosa n'este Brasil a aquelles de seus filhos, mesmo que vivem nús e crús sobre a terra, tendo a esta por leito, e o Céo, sempre assetinado, por cobertôr.

Paga seu tributo ao grande Rio o riacho—Paraúna—pelo canal do—Souza,—seguindo-se os—Riachão—e Bágres— formando differentes Peninsulas, e Ilhas em suas

enchentes, e rega bôas propriedades. Fica pela esquerda o riacho—Gurugy tambem tributario, sendo adiante o—Batingas—á borda do qual situou o velho Capitão José Antonio da Costa uma bôa propriedade de Engenho, pondo-lhe o nome do mesmo riacho. Em frente vai o lugar Costa do Quebra Costellas.

Contínuão pela esquerda os tres Engenhos—Bôa Sorte—Paraizo, e Cerquinha, e logo a Povoação de Piassabussú, e pela direita a bella propriedade de Engenho—Mucury—sendo seu proprietario o Sr. Telles da Serra, e o ancoradouro do—Dendê—e o engenho—Bandara—do Coronel João de Aguiar; ficando entre-meio as Ilhas do—Toco—ou da Finada Custodia, e a do Bemvenuto, ou dos Frades Bentos.

Devo aqui dizer que quasi todas as Ilhas do Rio de S. Francisco, que estão perto da Barra, pertencem aos Religiosos de S. Bento, d'onde tirão soffrivel renda. A Povoação de—Piassabussú—é a primeira de importancia, que se encontra; poderá conter trezentas e tantas casas com uma pequena Igreja no centro, do Padroeiro S. Francisco—e um Oratorio da Santa Cruz. Foi em 1796—que Fuão de Seixas principiou a Povoação. É um districto de Paz, e Subdelegado; seus habitantes vivem de crear, e lavrar cannas e outras plantações; tem pouco commercio, posto que offereça um bello ancoradouro, e onde fundeão, logo que entrão as embarcações, que velejão de barra fóra.

Ha alguns Engenhos de fazer assucar, e estabelecimentos de distillação: O seu mais forte mercado é uma feira aos sabbados, porém tão mesquinha que por isso mereceria mais o nome de quitanda, do que o pompôso de feira. A melhor casa e engenho do lado direito é do Exm. Barão

da Cotinguiba, cuja casa de vivenda, corpo de engenho, machinas e terras são excellentes, e nem éra de esperar outra cousa d'um Barão, que ainda tem seus laivos dos da meia idade. A vista que offerece a Barra olhada d'esta Povoação é bella, e vos envio os traços d'ella, tomados a ôlho, que pois nem possuo eu os instrumentos conhecidos por camaras escuras ou lúcidas.

O ancoradouro do—Dendê— que fica defronte de Piassabussú tem proporções para o facil embarque dos assucares de Cotinguiba, e para alli vão alguns barcos á carga, e voltão da—Bahia carregados de fazendas, e generos: creio que nenhuma fiscalisação se exerce, senão a da vontade dos interessados. Corre d'esse lado o Riacho—Capoeira— que baptiza a Povoação d'este nome, a qual se liga com a do Brejo Grande. Estas duas povoações formão uma peninsula, quando o Rio grande de S. Francisco recolhe-se ao alveo natural; passa a ser Ilha nas enchentes; é a reunião dos melhores Engenhos d'esses logares com fertilissimas terras para tudo quanto vegeta; a uva branca, a ferral, as mangas, os cheirosos e coroados ananazes, os melões, em fim fructas e flôres pejão os pomares e os hortos.

Os famosos limões alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

E sobre tudo a canna é a da melhor qualidade e succolenta: contem cento e setenta casas pouco mais ou menos, contando os Engenhos e uma Capella da Invocação da Conceição. Pela esquerda se deslisa em fraca vêia o riacho que faz a barra do—Bongue,—separando o povoado do engenho—Correnteza—de João de Deus e Silva; segue-lhe o

logar—Parreiras—sem que nenhuma vide n'elle brote, e pela direita o—Cajuhipe; creio tambem que sem um pé d'essa especie de cajú pequenino e d'um ácido forte, muito procurado para a confeitaria. Ergue-se de proximo n'esse logar um Engenho de propriedade do Major José Nunes de Barros Leite, e pelo principio dá que esperar.

Medeião uma e outra margem as Ilhas da Thereza e a dos Bois; a primeira fertilissima, e a segunda além d'isso é já um pôvo de perto de cem vizinhos com uma Igrêja da Invocação de S. Antonio. Além da fertilidade da intitulada Ilha do—Brejo Grande—é notavel esta porção de terra, por apresentar-se pertencente a duas Provincias ao mesmo tempo! É, quanto ao ecclesiastico, da Freguezia d'esta Cidade do Penedo, e quanto ás justiças, da Villa e termo da Comarca de—Villa Nova; com tudo sendo os eleitores por parochias, votão os habitantes em a Freguezia de—Villa Nova—e para eleições de que não são freguezes, isto é, de Sergipe! É um d'estes contra sensos que se depara a cada passo entre a nossa defeituosissima organisação civil e ecclesiastica: a estes se póde bem applicar o anexim—não sabem de que freguezia são.—Ácima do Cajuhipe está collado o Engenho de outro João de Deus: a barra da—Caiçara—sem importancia; o Serrão, e o fundeadouro do Betume.

É este logar um ancoradouro seguro e commodissimo para o embarque das caixas e outros generos que descem pelo riacho da—Goiaba.— De muita utilidade veria a ser para as Provincias de Alagôas e de Sergipe a abertura dêsse pôrto pelo riacho dito, e aventura-se que com a ligação de dous pequenos canaes, de menos de meia legua, far-se-hia communicavel o Rio de S. Francisco com o Rio —Cotinguiba, e talvez até a Bahia, se podesse ir sempre

por agua. Nada mais direi a respeito por estar fóra do meu proposito. Ácima do logar—Parreiras—está a—Ponta Grossa,—a Barra das Larangeiras, e a—Ponta Mofina; —este appellido é optimamente cabido, porque na verdade é raro aos que sóbem de rio ácima, ainda com o vento de feição, não encontrarem-no ahi mofino e máo!

Entremeião esses logares marginaes as Ilhas do—Gondim—tambem chamada do—Gregorio—e do Barro:—a do Cachimbão que tira o nome de sua fórma, e a do—Matto.—Além do Betume vê-se o logar—Porteiras, Morro do Aracaré,—Aracaré—e barra do Aracaré, pequenino regato.

Além da—Ponta Mofina—corre a margem com sitios e propriedades internadas até a Cidade do—Penêdo—com diversas peninsulas que se tornão um archipelago nas enchentes: São essas Ilhas a da—Gallinha—a do—Barão,—a Grande,—a do—Aaraçá—e a do—Bamba: Ha nellas outras propriedades de engenhos, a de Luiz Alves, e a do Dr. Berkett que é a melhor, etc.

Quanto á Ilha Grande é ella um Encapellado colhido, em bellos tempos, pelas orações dos Benedictinos a dous pios devotos: D. Arcangela Brandão, e o Coronel Belchior Alves Fagundes. A terra é abençoada para creação de gados grossos e miudos, e tem mui ricos massapês. Ao Religioso Fr. Antonio de S. Brás Pinheiro deve-se a bella e ampla casa de vivenda. Conta esta fazenda de cannas, uma bôa —*queira*—de escravos crioulos e pardos, moços e d'um valôr subido, e tudo isto para que os frades digão tres Missas por anno! —Deus nobis hec otia fecit—dirão em suas céllulas os que rezão contra as cobras e serpentes! Está acima da barra do Aracaré a Villa Nova, cabeça da Comarca d'este nome, e continua-se a vêr a barra de outra

...ara,—a Cambraia,—as barras do Zalóque,—e a do ...riquindim. A passagem é a reunião de poucas e fra... casas e que ficando bem fronteira á Cidade do ... offerece o melhor lanço de vista sobre ella.

Segue-se a—Barra das Tabocas—e a de outro—Bongue, ... Povoação do Carrapicho. Toda esta extensão fica pela frente da Cidade do Penêdo que se estende d'esde o arrebalde—Cortume, até o outro do Barro Vermelho; tendo de permeio as Ilhas do—Carrapicho, São Pedro, a do Capitão Manoel Joaquim dos Reis.

Demorar-me-hei por aqui fazendo por desenfado a descripção d'estas tres povoações,—Cidade do Penêdo, Villa Nova, e Carrapicho; pois que já muito venho fatigado da viagem da Barra, que contão sete leguas, duas da Barra a Piassabussú, e d'este logar mais cinco ao Penêdo. Situada está a Cidade do Penêdo, como no vértice d'um angulo, cujas extremidades dos lados pousão cada uma sobre um Povoado; um é a—Villa Nova—e outro—Carrapicho—Ambos estão derramados em duas rasas collinas; ao passo que o Penêdo se ostenta sobre alcantiladas rochas de pedra arenósa, que parecem cuidadosamente sobrepostas umas ás outras; e assim no meio d'estas duas Irmãs se sobreavantaja pelo elevado talhe. Villa Nova se appellida de cabeça de Comarca, mas não é ahi a residencia do Juiz de Direito que preferio para ella a Villa de Propriá—(hoje por Lei Provincial d'este anno foi transferida a cabeça da Comarca para Propriá)—aquella conta duzentas casas, uma Matriz em obras do Padroeiro Santo Antonio de Lisbôa: poucos são os edificios dignos de mensão—o Palacio do Barão; que antes de chegar ao respaldo parou; se concluir-se será de feito uma morada Senhoril. Tem um Juiz Municipal, Bacharel, e mais authoridades de nossa orga-

nisação policial e judiciaria, e uma Mesa de Rendas, cuja arrecadação é deminuta; para não ir mais longe, é um fêudo no rigôr da palavra.

A Povoação do Carrapicho conta cento e vinte vizinhos; tem duas Olarias de fazer louça vidrada. Seus habitantes crião e lavrão em pequena escála, a pedreira que possue faz a sua nascente industria que póde vir a crescer; lavrão soleiras, umbraes, e varandas; é a pedreira de optima qualidade—a amostra N. 1.º: É d'ahi que parte a estrada geral para a—Cotinguiba—e que segue até a Capital da Bahia de S. Salvador. Entre—Villa Nova—e Carrapincho—existe o logar—Passagem;—d'este logar que é como disse ácima o melhor. Tem o Rio de S. Francisco neste logar cinco mil e novecentos palmos, com o fundo de quatorze pés nas vasantes, pois que até aqui ainda muito influem as marés, fazendo-se sensivel o crescimento de quatro pés sobre o nivél do Rio nas de lançamento.

A Villa Nova conta mais a Capella de Nossa Senhora do Rosario e Santa Cruz: as casas em geral são mal construidas, e pois que a pedra está á porta, fazem-nas de madeira, seguindo o rifão de nossos povoadores—*em casa de ferreiro espêto de páo.*—

A Primeira Povoação d'esde a fóz do Rio de S. Francisco até a—Cachoeira de Paulo Affonso, e a mais importante é a Cidade do Penêdo, Cabeça de Comarca do mesmo nome. A vista da Cidade é muito attractiva por ser esta collocada como em um anphitheatro, e offerecer, á primeira vista, seus melhores edificios e Templos. Conta ella perto de mil e cem casas, das quaes a maior parte é de grandes sobrados, alguns de dous andares.

A edificação é geralmete de madeiramento com as frentes de pedra e cál; é uma excepção aquella toda feita de

cantaria ou alvenaria. A casa mais insignificante é forrada de cantaria, e se precisa de degrãos, por ser a Cidade montanhosa, ou mesmo por um erro antiquissimo de se não nivelarem os terrenos antes da edificação; são elles de bôa cantaria, e em algumas parecem mais um atrio de Igreja do que limiares.

As ruas são pessimas no calçamento e nem mesmo as Camaras tem sabido aproveitar o soccôrro que lhe subministra a natureza, dando quasi ruas inteiras lageadas de arenosa rocha nativa, as quaes tornar-se-hião transitaveis com o facil e pouco despendioso aplainamento. A melhor das ruas é a chamada da Praia, que corre ao longo da margem do Rio, e que seria perfeitamente uma rua de Commercio; pois que nella estão armadas as mais fartas lojas; se os negociantes tivessem o gosto que observão os tentadores da do Ouvidor n'essa Côrte, para atrahir Freguezes, e se houvesse um Cáes que desse-lhe a elegancia e aformoseamento, ainda desconhecido nas pequenas Cidades, ou para melhor expressar-me, desconhecido pelos nossos homens do interior que julgão que a riqueza, a páz, e a segurança de vida, e de propriedade está na mesquinhêz de tudo, e no monotono—rojão—em que ouvirão marchar seus pais, e estes a seus Avós! « Ninguem ainda fez » é a desculpa dos estacionarios, porém não querem vêr que para se dizer—já se fez,—e este preterito servir de exemplo, è de necessidade que haja quem diga—vou ou vamos fazer,—porque esta é a voz do progresso, a qual tem incorajado os Inglezes e Norte Americanos, para que depois das grandes catásthofres exclamem alegremente—allready! —e sigão para diante! Com tudo devo em verdade dizer-vos que se o genio dos Penedenses dér algum dia para a edificação de grandes obras e edificios sumptuosos, elles

tem ao pé de si os materiaes precisos para uma Cidade de Palacios, ou uma nova—Genova.—

Conta a Cidade do Penêdo, além da Igreja Matriz da Padroeira do Rosario, um Convento de Franciscanos e as Igrejas, da Corrente, S. Gonçalo Garcia, Rosario dos pretos e S. Gonçalo de Amarante, havendo de mais os propriamente ditos—Oratorios da Penha—Santa Cruz do—Cortume—e Santa Cruz do—Barro Vermêlho.—A Matriz é um Templo ha pouco Erecto, espaçôso; e poderia apresentar bôa prespectiva, se não o collocassem em máo terreno, ainda que póde ser reparado esse erro, se lhe souberem construir o ádro, de maneira até chegar ao plano da pequena praça ou parallelogramo, em que estão igualmente a casa da Camara, e Cadeia, e Apòsentadoria dos antigos Ouvidores.

De passagem direi que a casa da Camara é ampla e decente e nella se celebrão as Sessões do Tribunal do Jury; ainda tem seus estufados de damasco vermêlho, e seus resposteiros das côres do tempo do dominio portuguez; devido este asseio ao Desembargador Luiz Antonio Barbosa de Oliveira que foi o primeiro Ouvidor. A casa da Ouvidoria está bastante arruinada porém ambos os edificios são nobres; e poderião servir em qualquer outra Cidade mais opulenta: a esse respeito o Penêdo não deve invejar.

O Convento dos Franciscanos, no interior e altares e a sua Ordem Terceira, é de obra de talha antiquissima, pois tem o Convento éra anterior a mil seis centos e oitenta e oito, e foi reparada a frente e feito o peristillo em mil sete centos e cincoenta e nove, e por isso a preciadissima por mim, ainda que á moderna aprecia-se ligeireza e ouropél. Fundo esta opinião de ser anterior a mil seis centos e oitenta e oito em ter visto e lido em um livro de eleições da

sua Ordem Terceira uma acta dellas lavrada do Convento de Nossa Senhora dos Anjos na Villa do Penêdo em mil seis centos e oitenta e oito, a fls. 12; d'onde collijo que nas folhas primeiras outras houve. Não encontrei nos archivos da Camara documento algum sobre a época certa da creação da Villa, porém esse que acabo de citar revéla que foi antes de mil seis centos e oitenta e oito; pois que declara na Villa do Penêdo. O Diccionario de Mr. Milliet de Saint Adolphe dá a elevação em mil oito centos e seis, porém é um erro palmar. Occorre que mesmo dos livros carcomidos da Camara consta uma acta do antigo Senado na éra de mil oito centos e tantos, não se percebendo exactamente o resto pelo estado miseravel dos archivos.

Vou expender-vos tudo quanto tenho colhido ácerca da primitiva existencia do Penêdo.

Nas Instituições canonicas do Dr. Soares Mariz se affirma que o Penêdo fôra elevado a Villa a 12 de Abril de 1836 —quando igualmente o foi a Povoação de Porto Calvo com titulo de Bom Successo, esta, e aquella com o de S. Francisco; seguindo o mesmo Doutor a opinião do Autor das memorias diarias. A historia do Brasil por Francisco Sorano Constancio—tratando do anno de mil seis centos e trinta e seis dá a mesma época, dando tambem como fundador da Villa a Duarte de Albuquerque. Na Villa Nova ha registro d'um officio em que a Comarca d'ali disse para a d'aqui que a Villa fôra fundada em 1614—o que não parece exacto, pois que sendo em 1613—o primeiro descobridor, e povoador d'estas paragens o Capitão Christovão da Rocha, não podia em 1614 estar capaz de ser Villa o Rio de S. Francisco. O mesmo Rocha, fundou a Igreja (hoje Matriz) com a invocação de Santo Antonio, e lhe deo uma legua de terras, fazendo pião da Igreja, e correndo para

cima até a Mata d'Aldeia, e para baixo a outra meia legua, dando de renda dez crusados, sendo a doação assignada por Belchior Alves, como seu Procurador, e tendo dado a licença o Bispo D. Constantino Barradas, 4.º Bispo do Brasil. Duarte de Albuquerque deo para patrimonio da Villa—1—legua de terras—fazendo pião no Piloirinho. Sendo esta Comarca tomada pelos Hollandezes á viva força, como o foi toda a Capitania, retirão-se todos, e até Belchior Alves, para Bahia depois voltou elle, e se reunio ao Hollandez, e apoderou-se das terras, vendendo e doando. Depois da expulsão dos Hollandezes; o vigario—Manoel Vieira Lemos, quiz revendicar as terras, e pleiteou com a Camara, e outros que se dizião copossuidores, isto já em 1690—e foi Juiz julgador—José de Sá Mendonça, que sentenciou os autos em Olinda a 16 de Setembro do anno citado, reconhecendo a obrigação dos dez crusados para a Igreja Matriz hoje de Nossa Senhora do Rosario, cabendo o dominio á Camara; porém hoje a terra pertence á Igreja, a Camara nada tem e muitos intrusos donos se chamão d'ella. É a sentença quem muito esclarece, e por comprida não a transcrevo aqui. O reduto, ou forte Hollandez, foi situado a pouca distancia por detrás da Igreja, dominando o Rio pelo logar rocheira, e a rua hoje do Convento. Tem apparecido vestigios d'esse dominio Batavo; a Sra. D. Anna Felicia de Macedo—escavando para um acrescimo da propriedade onde mora, encontrou uma especie de abobada de tijôlo, e quebrada esta uma cruz dos mesmos tijôlos tendo no feixo da cruz uma telha emborcada, e encaliçada; quebrado o encaliçamento encontrou uma chave grande de ferro, antiga, como indicava os ramos, e cortados da mesma chave no lugar de pegar-se; não se podendo dar com a porta cuja era ella.

Estou que seria tudo isto uma sepultura, e a chave do sarcófago, onde estarião os restos de algum magnata dos conquistadores.

Dizem mais que corria em direcção d'esse achado, um corredor, e um ladrilho de grandes pedras, em cujas fundas, introdusindo-se compridas varas não tomavão pé, e que temendo-se não fôsse isso um abysmo, tapárão a escavação. De presente edifica-se uma casa sobre os restos do fallado reducto, e se tem encontrado balas; e caximbos, como os da amostra—N. 2.º—Na Rocheira, ha algumas pedras muito altas, e ligadas á rocha nativa, lavradas a picão, não se sabendo quem isso fêz, e para que. Muitas fabulas se narrão a ésmo, que escuso n'ellas tocar por incriveis. Tem o Convento um claustro de vinte cinco passos quadrados acolumnado e arcado de cantaria, assim como os umbraes, frontispicio, pateo, escadaria, e ádro com seu cruzeiro.

Ha um côro sofrivel com os ornatos costumeiros para a mesa da oração diante do Senhor dos Exercitos, porém já as vozes deprecantes não resoão pelas naves d'essa casa de Deus, e nem tão pouco á hora dada distribuem á portaria o caldo para os filhos ou irmãos mendicantes. Tinha uma extensa cerca de pedra e cal, hoje tem dado ella para duas ruas, e se resume a um estreito quintal. Tem o edificio dous andares de cubiculos e espaçosos Salões, tudo relusido a êrmo! e posto que seu relogio marque as horas de oração. um cantico se quer não se escuta reboar, e que trazido pela branda viração toque o coração indurecido de alguma ovêlha desgarrada, e a faça tornar ao aprisco.—Ah! quantas vezes.—

No silencio da noite a vóz pungida
Do Christão que orações aos céos envia
Não me titilla o peito
E ao Juizo que fiz de ser materia,
Não deo materia mais p'ra convencer-me,
Que existe um Deus Eterno ! !

São estes frouxos versos d'um meu escripto debatendo o atheismo, não pude forrar-me d'aqui enchertal-os para remoque aos meus confrades de burél.

Seria este Convento digno de visita, se a inercia, e irriligiosidade dos irmãos seraficos não deixassem que a mão do tempo ferisse o Templo, e que a vegetação se desenvolvesse tão espontaneamente nos telhados e frontão, que já não consente que o gallo que serve de grimpa á pequena torre se volva ao querer dos ventos ! São, como os da Ordem, mendicantes; porém da sacola e bordão é do que menos curão ! Tenho os visto, mesmo de habito jogando no bilhar, e nos theatros, com despreso de suas regras, e das fulminações dos Concilios.

Os terceiros tem pobres reditos; e posto pensem bem de sua Capella ao lado esquerdo da Igreja, não podem, ainda querendo, fazer mais; finalmente é Ordem sem compromisso; pois que ainda não o tem approvado.

A Igreja da Corrente é situada bem defronte do cáes de desembarque que se limita á entrada da rua desse nome: foi ella obra de gosto, feita pelos progenitores da familia Lemos: é bem acabada e decente; e melhor brilharia, se seus dourados não fossem enegrecidos por dous raios, cahidos ali; não sei se alguem fez offrendas impuras no tabernaculo, e que por isso a mão do Senhor, fêz baixar o fôgo celeste para o punir, como contra *Nadab* e *Abiu*.

A de S. Gonçalo Garcia, se fosse acabada, seria o maior e o melhor dos Templos d'esta terra: é de cantaria parda com seus baixos-relevos. Possue nos seis altares lateraes perfeitas imagens; não direi que as esculpira o sinzel de Phidias ou Canova ou do moderno—Limart,—nem as encarnárão os Tecianos, Raphaeis ou Sanches Coelho, porém são em vulto exactas representações dos actos doridos da Paixão Sagrada do Nosso Redemptor.

Contra o estillo, e mesmo a fé, sahem estas Santas Imagens todos os annos na procissão de Sexta feira da Paixão! Quando o crucificado espira no Golgotha apresental-o no esquife, e vivo ainda em tormentos, é muito affrontar a piedade dos chrístãos! Não pára aqui esse absoléto costume; o mais censuravel é a mercancia que em alta grita faz, para cada Passo, um dos que tiverão a devoção de o carregar, offerecendo aneis de prata ou de áço—quem troca os aneis do Senhor dos Passos, quem os quer do Senhor á columna? e as sete vozes dos pregoeiros devotos fazem tanta confusão, e nôjo que bem valia, por honra ao primeiro preceito do Decalogo, que se abolisse.

São christãos: dirá talvêz algum herege; mas como não lucrarão nos trinta dinheiros porque os vendemos e nem no sorteio das vestes, agora lhe vendem os aneis.

Foi protector e factor da Igreja um ricaço João Pereira Alves, e depois em mil sete centos e sessenta e sete fundou um hospital de caridade, dando-lhe para sua mantença a renda do Capital de doze mil crusados. É um estabelecimento de summa utilidade para a pobreza, mas existe um pouco—prode relictus—e não presta quanto era de esperar: além d'esses juros tem oito casas doadas para alugar, e por quanto entende o Thesoureiro: em fim são bens de quem não falla, e dos quaes dizia o General Dom Mar-

cos de Noronha, Conde d'Arcos—quereria ser Administrador não sendo Capitão General.

A Irmandade de S. Gonçalo sob cuja vigilancia está o hospital tem uma organisação de protectores, que uns descanção nos outros, e a cousa marcha mais—sua sponte—do que pelo impulso que lhe dá o zêlo de tanto Zeladôr. O commodo para enfermaria das mulheres não é muito máo; porém o da enfermaria para homens é muito estreito corredôr que dá escassamente logar para os leitos, e um espaço para o enfermeiro andar enviesado. Ha esperanças de melhorar-se por promessa que fez o Dr. Berkett, encarregado da clinica do mesmo estabelecimento pela qual percebe quinhentos mil reis em moeda sonante, fornecendo os remedios. Não admittem-se os tocados de molestias contagiosas; á vista da pequenhez da casa que poderá admittir dez a doze homens, e outras tantas mulheres e sómente com duas enfermarias, acho bem preventiva essa medida.

Tem finalmente seu acanhado jardim, cujos fundos estão á margem do rio.

A Igreja do Rosario da Irmandade dos pretos é um templo por acabar, ainda que espaçoso, não tem cousa notavel: fica em uma collina rasteira e se o renque de casas que lhe fica á esquerda da entrada não se unisse tanto, quasi que lhe encobre a esquina, ficaria ella no meio do largo e melhor vista se gosaria. Hum costume inveterado faz percorrer as ruas no sabbado o Terço da Mãe de Deus, a qual é recebida de todas as janellas, as mais humildes, com luzes; e além do grosso acompanhamento de homens que vão na dianteira, outro igual de mulheres e mais brilhante faz cauda, contando entre essas devotas as principaes Senhoras da terra.

A Religiosidade que se ostenta no culto externo neste logar seria signal infallivel de funda moral, se as acções reaes não desmintissem as apparencias.

São Gonçalo de Amarante, o Padroeiro dos casamentos, está erecto no logar mais elevado de toda a Cidade que vai ella desde as ribas do Rio sempre subindo. Seu Templo porém é visto mais pela altura em que o collocaram, do que pela altura de suas paredes; è uma capella de arrebalde, e de facto para ahi correm as familias quando o abanar da elevada bandeira lhes annuncia que o Velho Ermitão vai ser festejado. É o largo mais amplo que temos cercado de soffriveis casas, e que se enchem de familias n'esse tempo feliz, quando a donzella apparece formosa e louçã sem o recato rotineiro da Cidade. Chamão-lhe aqui o pequeno —Bomfim—em arremêdo ao da Bahia, que lá tambem o festeijão, ainda que, se os cotejasseis, a differença seria d'um Pigmeo para um Gigante: Com tudo bem religiosas, ricas, e devertidas que são suas festividades, principalmente quando ás reverencias da Igreja, se addicionão os festeijos chamados de rua, e nelles vem annunciadas as antigas cavalhadas. As Dulcineas Penedenses mais e mais se esmerão para verem (every one as he listes) o seu decantado cavalheiro da Mancha. Que vos direi dos Cavalheiros? Que se presumem os dozes escolhidos pelo Duque de Alencastro, e dos quaes nos relata os feitos o principe dos Poetas, a quem parece que fôra feichado um ôlho do rosto para se lhe abrirem quatro na intelligencia. Não applicareis a estes heróes de cá os versos que forão feitos para os de lá.

Mastigão os cavallos escumando
Os aureos freios com feróz sembrante.

(Est.—61)

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme
O coração no peito que estremece
De quem os olha se alvoroça e teme.
(Est.—64.)

E então é a garótice Senhora d'elles, que, atormentados, não voltão muitas vezes á liça. Foram os edificadores d'esta Capella dous Frades Barbadinhos, que para ahi vieram, e ahi morreram: Ha além das Igrejas, como ácima digo, casas de oração e muitas Irmandades: a mais rica é a do Santissimo Sacramento, que possue um patrimonio de mais de 12,000:000 em casas e fazendas, e ornamento de custo, sendo a Capella muito decente. As casas de oração não merecem que sejão falladas, com tudo todas, tanto Irmandades, como Imagens tem suas festas; e tanto ha que fazer a esse respeito, e quem faça vida de agenciar festas, e muzicas, e enterros por devoção, que não toca isso para qualquer bilhostre: a esses por descargo de consciencia applicarei o epigrama do—Boccage:

Procurador não me enganas.
Tu procuras para ti.—

Ora visto que fallei em festas, não penseis que custão ellas grossos capitaes, que felicidade é para os devotos a barateza d'esse genero, pela quantidade da offerta; porém o que vos posso assegurar é ser a muzica adoptada como principio de educação, pelo que dou parabens; e se não fora ella não se adoçaria a rudez d'esta Nayade.

Dos que se dedicão a esta arte ha dous grupos que odião-se como se fôssem dous bandos politicos; e o mais galante é que nesta rivalidade apparecem as pessôas gradas, e

cada uma se empenha por seus Orphêus e Amphyões, a ponto de, em casos crús, tocarem uns as festas de graça, só para que os outros não toquem!

Tenho assistido a Missas cantadas em que entôão, soprão e tocão 16 á 20 muzicos por preço de 4$000! Claro está que não o apreço d'arte nem o lucro, mas o requintado igoismo dirige as arcadas!

D'esta rivalidade (se entre outra gente fôsse) tirar-se-hia proveito, reduzida ella a emulação; porque só esta fáz o genio percorrer o estádio de sua intelligencia.

A preguiça de uns, e a falta de meios de outros, finalmente o não quererem fazer d'isso uma vida habitual corta as azas aos que se ensaião para erguer esses vôos que elevaram—Mercadante—Marcos Portugal—e Bellini.

Atrellão-se a dous ou tres glorias de caus, ao memento do prêzo e muita vez sobe a—Sagrada Forma—ao som voluptuoso das quadrilhas, tiradas da Norma O Espirito e o que propriamente appellidão os hoje subditos de Napoleão—3.º—de—amabilidade, se aqui andou algum dia, desconfiado fugio; e a razão de sobra para este juizo é a falta de sociabilidade. Força-se quasi um individuo para jantar, ou passar algumas horas da noite, e tomar uma chavena de chá! Os costumes são ainda longe d'esse verniz do alto, e grande mundo, d'essas complacencias que temos para não encommodar ás pessôas de certa ordem—a uma Senhora—e antes dar-lhe prazer—as vezes com detrimento, sómente por ouvir-mos o pomposo e nobre nome de—Cavalheiro.—

O verniz ainda está por polir, e as complacencias apenas lampejão.

Se alguns mettem-se nisso, são pennas de pavão sobre a nojenta gralha da fabula; e feitos os primeiros rompan-

porque os ha de maior somma, porém fallo de fortuna desobrigada, ou por outra fórma, sólida.

O Commercio, cujas casas avultão nos algarismos, que abaixo darei, no geral é todo a fé de preço, comprão á Bahia ou a Pernambuco para revenderem, não ha uma casa que propriamente mereça o nome de armazem, cujas transações se façáo por atacado; e algumas que isso tem tentado, luctão com difficuldades, quasi insuperaveis; porque sendo pela mór parte as lojas fornecidas pelo Commercio da Bahia principalmente, não faz conta ao Commercio d'ali que haja aqui depositos, ainda que de fazendas lá compradas, que absorvão a multidão de immensos Mascates, que abordão á margem d'este grande Rio, e percorrem o centro.

Vai a morrer o gyro de fazendas, se deixarem-se illudir os logistas mais fortes que com áquella Praça commercião; pois que trazendo estes a fé de preço, e a prasos curtos, grandes sommas, e não podendo fazer aqui praça de mais extenso mercado, para que nella se abasteção os Mascates de rio ácima, ficarão redusidos ao varèjo; trafego que nunca lhes proporcionará meios de pagarem seus empenhos.

Demais, estabelecida a pratica dos mesmos negociantes da Bahia enviarem para aquí seus caixeiros, ou Prepostos, carregados com fazendas e generos mais baratos e com o pregão de que vão para a Bahia buscar tudo directamente; que terão mais commodo e com os mesmissimos prasos concedidos aos maiores logistas, é isso completamente empenharem-se em acabar d'uma vez o Commercio d'este logar, ou irem-no matando lentamente.

Existem abertas—37—lojas de fazendas, e 16 de molhados, 3—de marcinerias—muitas de carpina, muitas de alfaiates e de sapateiros—duas de funileria, 2 de tanoaria,

poucos Calafates, poucos Ferreiros, duas tendas de Barbeiros, porém que não podem dizer—Io sono um barbiere de qualitá—por serem libertos e mesmo pouco saberem de tesourar e raspar queixos, mas prestão elles para muzica, que dous bandos ha d'esses Orpheus, côr da escura noite, e que andão tambem em continua polemica, como já vos disse.

Uma botica, não porque falte molestias, porém porque a homœopathia vai aqui em progresso, e as boticas de algibeira trazem tanta provisão das ovas de aranha, como chama, os miraculosos globulos, o nosso Senador e insigne Medico—Jobim;—que um só frasquinho será capaz de curar—urbes et orbes, e digo um êrro, porque, segundo a fé da sciencia, basta um globulo e que este, segundo va sempre dinamisado—per omnia secula seculorum!—O Dr. Berkett é Eccletyco, isto é, usa d'uma e outra sciencia, e cura á vontade do enfermo com a sua proverbial pachôrra: ainda com este vamos bem porque tem um titulo, ou está autorisado para dar até receitas á morte, se perder a foice como dizia o Boccage no seu bellissimo epigrama.

A morte perdendo a foice
Crêo sua força desfeita
Disse-lhe um medico insigne
Aqui tens uma receita.

Porém muitos doutores ha por aqui que tanto homœopathica como halopaticamente são mais inconscienciosos que o Dulcamara—e tambem apregoão—sem a graça do bufo do Elexir—Comprati il mio elexir—Io per pouco velo dou!

Muitas casas de distillação existem até bem no meio da

população e o bello Cambois faz com que muitos sigão as lições do intemperante—Baccho—contra os sãos principios da sociedade de temperança nascida no fóco dos—grogues—e dos ódres de cerveja. A melhor d'esse genero e a mais bem montada é a de Peixoto Villas-Bôas.

Algumas prensas de espremer a mamona existem pela mór parte de páo, e extrahem o azeite preto e nauseabundo—a unica que merece o nome de fabrica é a da casa de Araujo & Filhos, que trabalha com quatro maquinas de nova invenção e de ferro, e que podem espremer 200 canadas por dia, e de oleo de ricino e azeite purificado inodoro e claro como agua, algumas vezes.

Tem isso dado grande impulso á plantação de ricino, e tanta tem sido a colheita que fornece já a mais de 10 ou 12 prensas, sem fallar na de Araujo & Filhos que móe annualmente 1,200 a 1,600 alqueires d'esse grão.

Os proprietarios d'esse estabelecimento chegaram a pagar ao principio, para animar os lavradores, o alqueire a 10,000 e 12,000! Hoje o preço regular é de 5,800 a 6,400 rs. Este anno esteve a mais de 12,000 rs. É um serviço importante que elles tem prestado á Provincia, promovendo esta cultura. quasi abandonada, e feito crescer a receita dos dizimos de lavouras que só os d'este Termo se arrematarам por preço de Rs. 2:600$000 havendo rendido antes do estabelecimento das fabricas 600,000.

A praça de mercado é a feira nos sabbados de cada semana, accumulão-se á margem do Rio, na Rua chamada da Praia, as vezes perto de 300 canôas, e providas de tudo quanto cada bofarinheiro pôde aggregar nos outros dias para sua exposição sabbatinal.

Trazem pela mór parte os generos de primeira necessidade, fructos, hortaliças, e até flóres; e é a reunião de

feirantes muitas vezes excedente de 2,000 pessôas, porque concorrem muitos do centro a cavallo, carroças e a pé. Diz a Escriptura que Deus no septimo descançou, e por isso aqui tambem n'esse dia não se trabalha, e sómente vende-se, e compra-se que comer e o preciso para 7 dias; pois nos outros não concorre cousa de que se alimente a gente.

Vamos á propria casa, e direi sómente o que é ella aqui no Penêdo—Fazei ideia d'uma margem de rio estradada de canôas de todos os tamanhos, e carregadas de todos os generos vendaveis, d'esde os mais conhecidos até o ginipapo bravio, o jaracatiá, etc. Fazei ideia d'uma aglomeração de pessôas de todas as idades, de todas as côres e trajos, e até condições, a procurar que comer e em uma rua que não terá das casas ao bordo do Rio—cem passos—e fareis ideia do mais. Quanto a mim é esse costume o conductor da necessidade e fôme constante, e máo passadio de que se rescente esta Cidade, em razão de que o mais fresco. o melhor se perde; ou porque não dura atè sabbado, ou porque no sabbado come-se passado, ou porque vem ao mercado, máo, e precoce, para aproveitar-se a venda d'esse dia previlegiado, que dá logar a tanta confusão, e procura precipitada, pelo receio de não se terem as cousas; o que tudo faz que n'esse dia não haja pai por filho, nem filho por pai!—É o—dies iræ! Quem viajar o Penêdo n'esse dia, fará ideia da actividade d'uma Cidade Commerciante, ao passo que nos dias seguintes parecer-lhe-ha que são estatuas mudas os logistas e o pôvo que no sabbado corria. É uma vida em languida modorra, da qual se disperta pela dilirante febre de 8 em 8 dias.

Tenho até aqui descançado, pois que desenfadado estou, proseguirei na minha viagem de Rio ácima, e a farei—

paulatim sed ambulando—e dir-vos-hei, que logo com a Cidade do Penêdo, se liga o engenho—Iboiacica—propriedade—do Commandante Superior reformado d'este Termo—o finado Coronel José Ignacio de Barros Leite.—É um logar aprasivel, e mais se torna nas épocas das vasantes pelo grande pescado que dá a Tapagem—que tem o mesmo nome, por ser feita no Riacho Iboiacica. Poderia esta veia, beneficiada pela mão prodigiosa da industria humana, ser navegavel umas 6 ou 7 legoas, para o centro; que tantas lanção as enchentes, porém como tudo por aqui está na primitiva, só se aproveita e disperdiça com a natureza.

Sabeis—Sr. Capanêma—o que é uma tapagem na bocca d'um riacho que tanto ao longe hospeda as aguas de tão grande Soberano, como é o S. Francisco; e por isso não me demorarei em discrever-vo-la; porém com tudo força é referir que para ahi concorrem em tal numero os povoadores do humido elemento, que este anno foi arrematada por 1:700$ e tantos reis, e que o Tapageiro arrematante teve um dia de 18,000 peixes!!! Por essa batalha (em que ficaram no campo tantos mortos!) conhecer-se-ha que, posto tenha a Camara este ramo de receita, o damno é incalculavel. Não se póde fazer uma ideia do furôr, com o qual um d'estes conquistadores das aguas estraga os póvos conquistados, são os nivarões de—Terracina—não poupa nem sexo, nem idade!

A rapidez, com que escoão-se as aguas ás vezes, faz o peixe, por sahir, furioso; e ou seja pela estagnação depois, ou pela ira dos conquistados nos espaços de sua liberdade, tem sido elles muitas vezes alimento damnoso á saude publica, e apparecido tem as Camaras de sangue, e as cólicas

entre a população miseravel, que mais se farta nos despojos.

Contão-me antigos—que antes das tapagens, o Rio fartissimo era de pescado e os tenho ouvido—que n'esse tempo as Tubaranas envestião as canôas e alguma dava de jantar ou de cêar ao accommettido, que de bom grado lhe perdoava o susto pelo bem que lhe sabia: Ora, se assim parece ser verdade, uma lei deveria sanccionar a abolição das tapagens em ambas as margens; e assim tornar a abnndancia ao pobre, que fóra da épocha de conquista, lucta com a tarrafa, noite e dia, sem colher uma—piaba!...

Ha logo pegado ao Engenho uma Capella abandonada, cujo comêço indica gosto, é pertencente aos Irmãos da rica ordem dos—Bentos—e tem a invocação de S. Amaro que não é Sancto nú, e por isso não atino com a razão, por que núa deixaram-lhe a casa. Corre pela direita a vargem —de Mathias de Souza—origem de duvidas entre herdeiros e novos donos—e entremeião diversas Ilhas sendo a mais mencionavel a de D. Antonia que conta fertilissimos massapês para cannas; são os cannaveaes d'ahi que alimentão a moagem do proprietario já fallado e mais conta dous pequenos Engenhos. A diante do Mathias de Souza, vai a Senhora da Saude, cuja capellinha alva como a columba da arca, não lhe assentaria mál—o sic illa ad arca reversa est—porque na verdade é tambem uma certeza e uma desejada esperança aos que descem de—Piranhas—para o—Penêdo.

Logo que se diz—estamos na—Saude—sente-se uma impressão semelhante a que nos causa a palavra—terra—quando estamos com longa viagem de alto már. É collocada em uma Povoação ou arraial composta de boas casas,

e a Rainha dos Céos é das mais miraculosas de além Rio, por pertencer, como disse á Provincia de Sergipe.

Na mesma margem estão os logares—Sambaciribira—Terra Nova, Propriedade de Engenho—Vargem nova—com poucas e pequenas casas. Muito conhecida é a—Sambaciribira—por ser n'este mâr dôce semelhante no mâr salgado a passagem do estreito ou da linha: sempre dá ella calma ou vento contrario, e não se passa senão com elle de feição: ha succedido alguma vez luctar o viajante dous e tres dias sem passar esse sacco, que bem a proposito póde ser chamado, sem que o desengano de ir á véla arroje á costa opposta o teimoso navegador para então vingar esse grande circulo a remos.

As partes fronteiras são—Quitiba—Cajueiros—Climaré—e Môrro Vêrmelho—terras fertilissimas para canna, legume de carôço e tudo quanto vegeta. Tem o—Climaré—uma corôa do mesmo nome, e ella e a terra firme são separadas pelo canal do Climaré.

Está em meio a frondosa Ilha dos Coqueiros, a qual é uma formosa filha das aguas, como Venus; com a differença de ser esta formada pelas espumas dôces, e aquella pelas salgadas.

O velho Pai é bastante ciumento de seu poder e como a filha se ia assás robustecendo, e lhe tomando a passagem livre, vai elle todos os annos quebrando-lhe o vigôr, e annos tem havido em que não respeita nem as casas, e com ellas carrega a porção que entende de dever, para enfraquecêl-a. Está sobre um alto triste e solitario a pequena Igreja dos Prazeres; é uma verdadeira antifrase a solidão pela alegria: seguindo-se logo os Sitios—Sobrado—Cajáiba—Caldeirões.—Não se conhece quem foi que erigio

essa Capella, e essa duvida inspirou-me os seguintes versinhos.

1.º

Formosa como uma pomba
Sobre um monte solitaria,
Parece que d'elle tomba,
Qual pendurado edificio
Sobre fundo precipicio.

2.º

O ponteagudo frontão,
De todo ornato despido,
Faz sómente ostentação
De sustentar uma cruz
Em que morrera Jesus.

3.º

Duas pequenas janellas
De cada lado se abrem
Collocado em meio d'ellas
Um ogival de feição
Dá guarida a um corujão.

4.º

Baixa porta de madeira
De pardo cheiroso cédro,
Não lhe deram companheiro,
Tem aos lados dous quadrados
De toscos páos gradêados.

5.º

São de barro, e ainda nús
Estão ambos os outoens,
Na terrea côr não reluz
O lindo astro ao nascer
Vai-se n'elles fenecer.

6.º

Assim ella edificada
Por pauperrimo devóto,
De unidos troncos cercada,
Foi plantada n'este outeiro
D'este rio a cavalleiro.

7.º

Isolou sua devoção,
Como a si esse devóto
E lhe pôz a invocação
Da virgem de seus cuidados,
Que nos perdôa os peccados.

8.º

Entre o mato isoladinho
Sobre um pincaro firmou-se,
Como Aguia firma o ninho,
E a cruz da redempção
Elevou ao céo então.

9.º

D'este mundo segregado.
Talvez por arrependido
Do que n'elle tinha obrado,
Pregou as vistas no céo
Reformou o peito seu.

10.º

Só por companheiros tinha
O bosque que dava o fructo,
O Rio que corre azinha,
E dentro do coração
O pensar da salvação.

11.º

Não tinha outro a fazer
Que adorar a virgem pura,
A virgem de seu prazer,
E por isso a appellidou
Do prazer com que lidou.

12.º

O feio monte fragoso
Ornado d'esta Igrejinha,
Esse refugio gostoso,
Por antiphrase mudou
Prazeres se appellidou.

13.º

Quem navega n'este rio
Busca a vêr esse devóto;
Mas ninguem conta que o vio,
E assim a devoção
Passou com a tradicção.

Pela direita vão as habitações do Morrinho da Pindoba —os Morrinhos—e o Sacco—tendo em meio a Ilha das graças e a corôa dos Caldeirões. Não povoão a Ilha as aves

que lhe dão o nome; que apaixonado eu pela caça ahi nunca as vi que me excitassem a queimar com ellas uma espolêta.

Depois do Sacco vereis as casas do Miahú, com seu canal, formado com a Ilha da Formosinha, e do lado esquerdo o—Arraial—Itinba—com sua Corôa do mesmo nome.

A Itinba—não gosa bons creditos a bem da ordem e tranquilidade publica: o fundador d'esse ramo é um servo da Ley na phrase dos criminalistas. A diante do—Miahú está o—Morro da Cál e pegado a este a grande Villa de Propriá: tem á vista os Cajueiros—Urubú, e a Povoação e Matriz do Porto Real do Collegio.

Deito aqui a ponta de minha canôa, por ser essa phrase mais propria ao caso, do que as expressões do author dos Luziadas.

> Tomão vélas; amaina-se a verga alta
> Da ancora o már ferido em cima salta

e tendo feito outras sete leguas, tornarei a refocillar, dizendo o que de mais notavel se fizer n'estes dous viveiros de gente.

A Villa de Propriá é a segunda Povoação d'este bello Rio, conta 498 casas pouco mais ou menos, uma elegante Matriz cuja capella-mór—é recentemente lavrada de talha e bem dourada, d'entro é espaçosa e possue a capella do Sacramento lageada de marmore e bem decorada.

Quando visitei esta Igreja, disse-me um dos da terra que o marmore do lageado era achado nas pedreiras do logar, o que de alguma fórma surprehendeo-me; pelas duas cores de branco, e acinzentado, e pelo trabalho optimamente preparado—não dei credito ao individuo, e verifiquei ser vindo da Europa.

A Matriz de Propriá foi antiga capella com a invocação de S. Antonio do Urubú.

Tem mais a Igreja do Rosario e a casa de oração dedicada á Sancta Cruz. A Villa está dividida em dous bairros cada um em sua collina, sendo no Valle uma Lagoa que sangra para o Rio por um canal de—20—palmos, está á beira do Rio todo o Commercio. As propriedades á margem do Rio são quasi todas de sobrado e alguns bem edificados ainda que seguem o mesmo prejuiso de despresar a pedra que tem á porta, para construirem de madeira, que vão buscar de algumas leguas longe, e tál é o deleixo; culpa da Municipalidade, que por não ter-se o trabalho de depositar alguns milheiros de lages que estão ao pé da Villa, e com ellas fazer, pelo menos um cáes de pedra secca, tem o Rio em suas enchentes levado ruas inteiras! Parece incrivel que no seculo dos progressos materiaes sejão aqui elles tão esquecidos; mas é porque não é o seculo que influe; são os homens do seculo, os quaes faltão n'estes logares entregues á inercia, ou ao acaso.

Tem uma feira aos sabbados tál qual a do Penêdo sendo que as medidas daqui para cima são ainda maiores! Á frente da Villa tem um banco de arêa que faz com a margem onde a acimentarão, um canal; o notavel d'elle é ser um viveiro de tão avidas e vorazes Piranhas que raro é o infeliz humano que por ali passa inpunemente; não sei se existe alguma—Calipso—transformada em peixe que tambem diz aos naufragos e viajantes—Sachez... qu' on ne vient point impunémente dans mon empire—pois os que se tem salvado trazem a reminiscencia de seu infortunio na falta d'uma barriga de perna, dêdo, e as vezes até no ventre custurado!!!.. É a residencia do Juiz de Direito que fugindo ao feudo da Villa Nova fez por sua segurança d'essa Villa

a cabeça da Comarca, hoje confirmada por Lei Provincial d'este anno. Tem ella as authoridades de nossa organisação, Civil, Policial e Judiciaria e Ecclesiastica. O adiantamento a todos os respeitos é abaixo do da Cidade do Penêdo.

Não adiantarei mais a respeito d'este logar, para que não commetta alguma inexactidão; por quanto só me demorei n'essa Villa umas 24 horas. Muito me arrebatou a figura colossal d'um frade—Beneditino que apresenta uma corpolenta arvore inraisada na ponta do—Morro—da cál, sua cimeira destaca-se isolada para as nuvens fazendo um chapeo desabado, o tronco limpo entre o chapeo e corpo da arvore, pela claridade do ár, finge perfeitamente o rosto alvo d'um homem, e o resto da arvore um apanhado dos hábitos, e está como quem desembarcou naquellas paragens, e vai subindo desafrontado o morro nomeado! muito me arrebatou essa ideia fantastica produsida pelos contornos d'essa arvore!

A Povoação do Collegio foi antiga Missão dos Jesuitas e hoje é uma Freguezia com o mesmo nome de Porto Real do Collegio. Está assentada em um têso á borda do Rio, cujas margens estão orladas de rochedos de granito, e bastante fragosos; terá uns cem vizinhos pela mór parte de raça indigena ou mistiços. A Matriz é miseravel, e tudo vai em ruinas e decadencia!

Aqui a fama das obras e gosto e velhacaria Jusuitica tão temida, é um real contraste! O convento terá merecido este nome se tambem costumavam assim appellidar a uma perfeita espelunca; pois que é esse edificio rasteiro sobrado e de janellas, e portas tão apertadas que mais se parece com um pombal, do que com habitação de frades, e de que frades!

Penso que os fundadores não pertencião á tal ordem, porque não ha traço ou vestigio que demonstre os dêdos dos gigantes que só forão derribados pelo poder de outro —o Marquez de Pombal.

Alguma alegria que o coberto coração do viajante que vai ao Collegio póde ter, é pela vista fronteira, a Villa de Propriá,—que na verdade fica bem esbelta e senhoril comparada com a sordida Povoação sua vizinha de frente.

Concorre muito para essa sua belleza a largura do Rio n'este logar sem Ilha alguma de permeio.—É uma das maiores bolinas que tem a canjar aquelles que sobem ao Sertão; porém o quadro visto em dia claro e com vento franco é uma bella passagem.

Hoje por Lei Provincial d'este anno está mudada a Séde da Freguezia para o Povoado de S. Braz. É isso mais um dos excessos que commettem as nossas Assembléas, que até determinão aos Vigarios onde, e quando devem orár ao Altissimo! No seguimento ao Collegio vão os logares—Correnteza—e Domingos de Mattos—ficando do outro lado —o Lagamar—Páo ôco—Sucuruiú—Môrro do Prego—Lagôa Tapada—e Campinhos—que é um colle alcatifado de verdura em todos os sentidos, á cavalleira do Rio, e corôado d'uma espaçosa casa, residencia, no Campo do Juiz de Direito da Comarca—de Villa Nova—o Dr. Bernardo Machado da Costa Doria, que teve melhor escolha para situar seu casal do que os fallados Padres da Companhia, escolhendo o Collegio.

A estes logares fronteiros estão na margem esquerda os do Sampaio, e o Povoado—Tibiry,—cousa insignificante, e S. Caetano, e o Povoado de S. Bráz com as Ilhas de S. Bráz, e do Rosario, tendo á vista o—Amparo—com uma pequenissima Igreja e má.— Jaguaripe—João Soares—e

Rua do Fôgo—assim chamada por ter um renque de pequenas casas, cujos moradores accendem todas as noites muitas fogueiras.

A Povoação de S. Bráz conta perto de 170 casas com duas Igrejas de S. Bráz, o Padroeiro, e N. S. do Rosario e um Oratorio da S. Cruz.

Tem uns dous sobradinhos e as casas são mais limpas e melhores que não as do Collegio: a força dos habitantes da Freguezia e Districto tem concorrido para aqui. Tem um grande canal que dá hoje vão, e com uma grande corôa em frente, dando assim pessimo desembarque. É extensa a criação de porcos, e a factura de sabão da terra, além de criação de gados e lavouras. É notavel este logar pelas scenas occorridas entre os partidos politicos appellidados de—Galante e—Caborge.

Segue-se o Môrro do Gaio, dizem os habibantes, ainda que parece-me ser uma contração de—Galho—e indica isso as grandes arvores que servem de cócar ao pedregoso outeiro, cujo aspecto se mira no espêlho das aguas. As Emendadas (casas)—e a Povoação da Lagoa Cumprida, que apresenta-se bastante alegre por serem as casas todas á borda do Rio, caiadas, e com arvôres corpolentas pela margem, de maneira que formão um sombrio agradavel, concorrendo assim para que ali se faça, quasi sempre, parada no subir, ou descer para gosar do fresco d'essa alaméda natural, prodigio de nossa vegetação.

Tem uma Igreja pobre, mas decente; e pela frente uma grande corôa em que dá muito plantio de arrôz pelas lamas que lhe deixão as enchentes. São os habitantes pela mór parte criadores e cortidores: e finalmente a Lagoa do Reis com um pardieiro, que nada tem de régio Solar, para que a Lagôa que existe n'elle, tenha tão pomposo appellido.

Com a Rua do Fogo emenda-se a—Borda da Mata—antiga fazenda de gados do curandeiro—Capitão Piza, que parece fôra de grandes interesses pelos curraes de pedra e cal; porém hoje methamorfoseada em Engenhos de moêr cannas do proprietario o—Major Francisco Joaquim da Silva Lemos, o qual aventura muito bôas safras pelos soccorros dos vizinhos fronteiros do Povoado—Munguengue—que serão seus infalliveis lavradores, pela quantidade de cannas, que plantão, e que não moião por falta de fôrça; a qual de presente encontrão na Borda da Mata.

É o—Munguengue terreno dos melhores para plantação de tudo, pertence a muitos herdeiros e ainda que do Rio se vejão poucas habitações vão ellas emboscadas de beira Rio e para dentro obra de meia legua. Ha nesse logar muitos cortumes de couros e pelles; e alguem já cortio as pellicas perdendo-se hoje essa industria porque morreo com o dono.

D'esse logar principião a apparecer os rochedos Micachistos como os das amostras—N.º 3 N.º 4.—Adiante da Borda da Mata,—seguem as—Amigas—Covão—Umaris—e Curiaes, pequenas casas. O Covão é um alcantilado rochedo escalvado por onde no inverno se despenha uma espumante cachoeira.

Caminhão por esse mesmo lado muitos môrros até o logar—Tijuco—ao passo que pela esquerda preenchem este intrevallo os do Ouricury, povoado do Rabello com sua Lagôa do Toumbury, e os Sitios do—Bode Mel'ado—Corôas—Lagôa Grande e Lagôa Funda.

O Arraial do Rabello é tão galante como sua nova e pequenina Capella, é esse logarinho uma bella Cécem aberta no meio de Silva. O Tijuco é celebre pelas façanhas de seu fundador conhecido por Chico do Tijuco, seus grandes e

rendosos meios de vida erão a lavoura, criação e o cortume.

Não fazia elle as atrocidades dos Cavalleiros de — Vireau — cujos bosques tinhão Cadaveres seccos das victimas de sua prepotencia, os quaes balançados pelos ventos, chocalhando os ossos, davão esses sons na intitulada — Lyra de — Vireau; porém bem lhe poderiamos chamar um desses espadachins de temer.

Contão que possuia um bacamarte que alcançava a largura do Rio, que nesse logar não terá menos de um quarto de legua! Bem poderia supprir a falta do Celebre Casápo que tinha a legenda a—quem meu Senhor offender a cem leguas buscarei.

Ao Tijuco segue-se a Serra da—Tabanga—que fica sobranceira ás Collinas e Rochedos micachisticos dos logares —Marcação—nome tirado do riacho que por ahi desagua —Saccão—e Villa do Porto da Folha, conhecida igualmente por Traipu. Tenho feito sete leguas, e força é tomar as velas e abicar ao porto, para que mais socegado vos conte a horrivel belleza destas fragoas, e o que seja esta Villa cabeça do segundo Termo dos meus dominios judiciarios. O logar— Saccão — propriedade do Dr. Antonio Joaquim Monteiro Sampaio é um razo monte de rocha negra fragosa e em semicirculo, de forma que sua testada para com a corôa que beija a longa Serra da—Tabanga,—fazem um perfeito—X— e é nesse apertado, e que nas vazantes do Rio terá a distancia de um tiro de bésta, que correndo todo o Rio, demonstra visivelmente um cogúlo, tornando-se passagem perigosissima, visto como são os ventos ahi sempre ponteiros. Se a pode bem appellidar de Adamastor do Rio de S. Francisco. É de uma rocha micachistica como da amostra—N. 5—que se desprende por laminas umas doiradas e outras prateadas.

Não lhe medi a altura e distancia senão pelo Barometro— e Theodolito— de meus olhos, é um arremedo do Corcovado que faz parte desse Gigante a quem a Voz Divina lhe grita—Surge, et Impera.— Ahi o Rio se encapella e —falla— horrendo e grosso, que parece sahir la de seu fundo. É uma sentinella do soberbo—Paulo Affonso,—e que por ordem delle pode perguntar igualmente aos —Navegantes.

Pois vens vêr os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento?
Sabe que quantas náos esta viagem
Que tu fazes fizerem de atrevidas
Inimiga terão esta paragem.

Ahi parece que a natureza alteou a terra; estradou a margem opposta de rochedos; cavou profundamente o rio; escureceo as aguas; pôz os ventos ponteiros, e estreitou a passagem para atterrar, e atalhar o atrevido homem em seus passos!!

É a belleza que em vez de—Thetis—encontrára—Adamastor.

Um duro monte
De asperos matos de espessura brava

As sinuosidades que faz a grossa arterea desde os môrros—Tres Irmãos—até a—Tabanga—da-lhes transfigurações dignas de registrarem-se. Para quem vem debaixo estes não offerecem outra belleza, mais do que a de Verdes Montanhas, cada uma com sua casa, mais ou menos bem edificada; porém mal que ellas vão ficando pela pôpa da canôa, nos parece cada môrro um Elephante

com seu—ambarry—mais, ou menos rico, e a Serra—Tabanga—a mãi desse rebanho! Esta ao deixar-se tambem por sua vez, unindo seu todo ao Outeiro, representa perfeitamente, não mais a Elephante entre os filhos; porém uma monstruosa Toninha que, embebendo-se nas dôces aguas, subio até aqui; e querendo regressar a seus lares salgados encalhou na larga e extensa corôa, e ahi petrificou-se. Sobre os rochedos que entestão com a Serra supramencionada, collocaram seus fundadores a Vil'a do Porto da Folha, conhecida igualmente por—Traipú.—Foi ella uma fazenda de gados dos antepassados de Manuel dos Santos Lima. Fica norte sul, por este lado—corre o S. Francisco pelo de leste a Lagôa da Igreja, e pelo oeste a Lagôa do Carlos, e o rio Traipú, formando assim do Povoado nas enchentes uma peninsula ligada com a terra firme pelo lado norte. Conta a Povoação 212 casas sendo algumas de sobrado e com a mesma maneira de edificação—madeiramento.

Seguem as ruas as tortuosidades da margem do Rio e tem as casas os fundos sobre elle, tornando-se por isso sua vista triste como a de objectos vistos pelas costas. Possue uma Matriz em obras, sendo toda de pedra e cal; póde vir a ser um soffrivel Templo. A antiga Matriz foi levantada no logar Sacco por D. Antonio de Giquiá em 1760: dizem que a Imagem da Senhora do O' fugia para Porto da Folha, e contradizia assim a teima de a levarem para o Sacco. Em 1781 o Padre—Rezende—mudou-a definitivamente para Porto da Folha—ou Traipú,—e seu sobrinho o Missionario Padre Francisco José Correia—obteve a doação de meia legua de terras feita pelo proprietario Manuel dos Santos Lima, e sua mulher Rita Maria da Conceição, estando preso nas cadêas do Penêdo, não pude sa-

ber porque motivo. Seu genro ainda existente, o Alferes Antonio Nunes Coelho, tem 94 annos, e ainda monta a cavallo, casou se em 1790, tem 17 filhos, e sua mulher Anna Maria dos Santos Lima vive ainda, os filhos são 5 senhoras e 12 homens, e entre estes, netos e um bisneto conto 103 descendentes! O Commercio é soffrivel, é a geral occupação dos residentes dentro da Villa, sendo a dos habitantes de fóra a lavoura, e a criação.

A lavra de arroz é em grande escálla, e as Lagôas que a isso se prestão dão até renda para os seus proprietarios. Aqui tambem está estabelecida a conquista aquatica, e rendeo a tapagem do Traipu 400 e tantos mil réis, porém este anno os povos conquistados, ajudados pelo favôr da enchente que foi mesquinha, libertaram-se, fazendo o avarento e cruel tapageiro perder no preço porque os pretendia escravisar.

O Riacho—Traipú—não é susceptivel de navegação; tem longo curso no inverno e suas cabeceiras não vão além da Serra—Broxa—deixando, desde as das Mãos—até ao logar Cachoeira do Traipú,—póços que servem d'aguadas nesses torrados Sertões; nelles curtem os coiros, e pelles, e lavão o caroá cujos campos são vastos e quasi inesgotaveis.

Não ha cadêa, e a casa da Camara, que tambem serve para a do Jury, é muito insufficiente. Restão comtudo esperanças pela consignação, que na Assembléa alcançou o Deputado—o Tenente-Coronel Theotonio Ribeiro e Silva, de 6:000$000 rs. para a dita cadêa. Se este canto não tivesse o seu representante Provincial bem creio que não se lembrarião delle, é por essa razão que tive e tenho como idéa fixa, que a representação Provincial devia ser por Villas, ou Municipios, como é a Geral por Provincias.

O rochedo que circunda a Villa apresenta varias lócas, e

algumas tão amplas á borda do Rio que dão logar a sob ellas, abrigarem-se muitas pessôas de uma vez. São logares de optimos banhos naturalmente cavados pelas aguas.

As amostras que envio de N.º 6 dentro de uma caixinha indica uma mina de granadas, e de algum metal precioso.

As amostras de N.º 7 que vão tambem em outra caixinha, são tiradas do logar indicado no rosto do embrulho, e dizem os habitantes ter uma mina de prata, ou cobre, porém inclino-me a pensar que seja de ferro, pela caparosa ou vetriolo verde.

A pedra que vai com o N.º 8 é achada na Lagôa da Pedra, 14 leguas para o centro nas terras de Manuel Raymundo Duarte, e parece ser alabastrina, ou bello marmore branco.

Não digo que semelhante ao de Paris, ou Carrára; mas quem sabe se esse cabeço que alveijou sobre a superficie do Solo, e donde lascaram um grande pedaço, cuja pequenina porção me coube, não será a vêia de uma rica pedreira e de preciosissima qualidade? Achão-se no Riacho —Traipú—em algumas das Lagôas referidas; e que cercão a Villa os mariscos que morão nas conchas—sob N.º 9 e que aventura-se serem os creadores das pérolas.

Tenho feito algumas experiencias, é verdade que talvez extemporaneas; porém cousa alguma tenho obtido.

A concha de amostra indica alguns pequenos tuberculos, que não ousei classificar; póde muito bem ser que na sazão, que ainda não acertei, produzão; principalmente não havendo lavrado o mexilhão, onde, segundo os entendidos, se encontrão muitas vezes as pérolas. Não é sem applicação, tempo, e tempo apropriado que se descobrem estes thesouros: a um Juiz de Direito e que se dedica a seus devêres é isso, de mais, impossivel.

Neste logar são as vargens cobertas de macieiras bravas, cujo fructo porém é muito saboroso, feito'dôce, o qual é muito apreciado, maxime o de calda. O terreno dá excellentemente a batata ingleza e de cada pé vi colher mais de 25!!! ainda que de tamanho pequeno.

Bafeja o vento, é preciso aproveitar as primeiras refégas e seguir. Emquanto a Villa do Porto da Fo'ha vai morrer nos seus arrebaldes da outra margem do Riacho—Traipú—observa-a de um alto appellidado—Gordo—uma bella casa de uma fazenda de criar, que pertenceo ao manso Pastor da Freguezia de N. S. do O', o Reverendo Francisco Vital da Silva, e hoje de propriedade do Cidadão Manuel Antonio Gomes Ribeiro. Em frente estão os logares—Buraco de Maria Pereira--e Covão. E' a separação da Serra —Tabanga—e Morro do Covão que parece uma valla praticada nas serras, e donde constantemente sópra um vento em rajadas, e tufões, que assim nominaram.

Seu aspecto é medonho e máo, e quando por elle se desprende o vento, depois de ter-se passado a—Tabanga,—muito arremeda e nos recorda os pensamentos poeticos.

Bramindo muito ao longe o mar soou
Como se désse em vão n'algum rochedo.

Diversas tradições dão os antigos a esse appellido um pouco repugnante. Uns que fôra uma celebre Maria Pereira que com dous filhos neste buraco resistio ao dominio —Batavo—outros que alli vivêra em guerra com a justiça do Paiz: o certo é que estava a tal Maria nesse buraco, porém sua historia se perde na noite dos tempos.

Alguem me tem dito que nesse logar e sobre a—Tabanga—tem apparecido balas de artilharia, sobre o que não

posso ajuisar com certeza pela falta dos archivos destas Villas que não existiram jámais, ou que se destruiram pela mão do deleixo! Não é inverosimil que o Hollandez tallasse até aqui, quando, occupando as Provincias, ao Norte da Bahia até Ceará, fôram Senhores do Rio de S. Francisco, como é constante na historia.

Mais tenho escutado, que nessa Caverna que dá sahida aos furiosos vendavaes, sem serem os de Éolo, ha uma mina de salitre e que nella se encontrão pedras de um pezo metalico.

Antes de irmos para diante voltarei á belleza que offerecem as corôas oblongas que se formão á margem do rio para alem logo do Riacho—Traipú—as quaes vestidas de plantação de arrôz, e igual em verdura e tamanho, representão estes jardins fluctuantes de que nos fallão os historiadores do—Mexico.

Visitei a Caverna de Maria Pereira, e o que encontrei digno de menção, aqui vai. O leito de um Riacho é o que appellidaram de Buraco, e caminha elle estreito entre os altissimos talhados da Serra só depois de mais de quarto se depara com moradas, e já nas baixadas.

Encontrei na rocha a amostra—N.º 10—que não me parece salitre e nem cousa semelhante. O que ha de proveito é uma rica mina de granadas do tamanho das que lhe envio, é d'ahi para cima, e para muita colheta se a explorarem, e ultimamente a pedra da amostra—N.º 11.—Fundi o pedaço de uma, e deo o resultado que vereis da amostra —N.º 12— e creio que deo ouro, e ferro.

Emendão-se—ao Covão—os logares—Lagôa do Cabo—Lagôa do meio—e Lagôa Primeira—e Limoeiro—até á povoação crescente denominada—Curral de Pedras—emquanto que pelo lado de Pernambuco correm o—Morro

d'Areia—Queimados—Lagôa Sêcca—Patos—e Lagôa do Tição:—vai á vista do Limoeiro.

A Povoação do Curral das Pedras—dá presentemente grandes esperanças—contem perto de 100 casas e disputa a preferencia de Villa á do Porto da Folha que é actualmente, e que foi antigamente Povoação do Buraco. Persuado-me que o engano que se encontra nas cartas Topographicas do Visconde de Villieux— é originada de haverem duas Villas do mesmo nome, Porto da Folha— uma pertencente a esta Provincia—e outra á de Sergipe, fáz elle menção da Villa de Traipú e do Porto da Folha, ambas á margem esquerda, quando o Porto da Folha de Alagôas fica na esquerda no ponto—Traipú—e o Porto da Folha de Sergipe no ponto chamado por elle—Porto da Folha; quem está á margem direita, e perto de uma bôa legua para fóra da margem do Rio.

Quem observa visualmente este Rio, conhece perfeitamente as inexactidões do citado Mappa, que, côtejado com o material do terreno, crê-se descrever um paiz muito differente; taes são as cartas levantadas por informações!! Depois do logar — Tição, está a Lagôa dos Defuntos, e logo adiante o—Sacco.

Ha alguma relação entre Defuntos, e Tições, certo será que estes são as unicas tochas que levão aquelles para esclarecer o caminho do infallivel transito desta vida de podridão, como dizia—Rousseau—para a da Eternidade como é de fé. No Sacco estão as ruinas da 1.ª collocação que deram á Senhora do O', hoje padroeira da Freguezia do mesmo nome na Villa do Porto da Folha: e ainda se distinguem suas paredes em ruina, e em perfeito abandono servindo sómente de alimentar a vida das parasitas.

As Cabaceiras com seu pequeno povôado—Genipatuba—

e o Sitio—Porto da Folha—seguem pelo lado direito, emquanto as fazendas—Riacho Grande—Jacobina—e Mundo Novo—pela esquerda, Na Fazenda Jacobina ha uma bella lagôa para o plantio do arrôz dá de renda ao dono de 100$ a 200$. E' do Sitio Porto da Folha que principia o—Morgado—pertencente a D. Maria Joaquina Gomes Castello Branco, mãi do Exm. Barão da Cajaiba, e é desse Sitio que tiraram o nome para a Villa de que fallei ácima. Tem este Morgado 22 leguas de margem, de fundo 12 nos logares mais largos, e meia nos mais estreitos, rende de 600$ a 700$.

Com o Sitio do Porto da Folha emendão-se os logares —Tupete de Baixo—e Tupete de Cima—Curraes Velhos—Itanis — e o Morro do Aijó, e com o Mundo Novo os logares — Cotovêlo — e Pedregulho. Só as—Itans—que é hoje um pequeno Povoado, merece menção, os mais são Sitios sem importancia. A Povoação das Itans, se appellida de Ilha por causa de assim tornar-se com as enchentes.

Depois do Pedregulho—segue-se o povoado do Riacho —Panema, cuja extensão tem defronte os logares—Porterias—Francisca—Bôa Vista—Ilha do Ouro e—Faria—; em meio está a formosa Ilha, e monte dos Prazeres. E' um engano do Sr. de Saint Adolphe—alcunhar este monte dos Prazeres de Ilha do Ouro. A Ilha das Itans pertence ao Morgado; o Vigario Manuel Joaquim de Lima Cortes, por intrigas politicas com o Tenente-Coronel João Fernandes da Silva Tavares, e a pretexto de que as Ilhas do Rio pertencem a D. Antonia de Giquiá, e sua descendencia, comprou a quem sem consciencia vendeo o alhêio; correo-se grande pleito. e vencêo o Morgado, todo o motivo era tirar a influencia de Tavares, sobre os votantes. Elei-

ções em todo o caso, em todos os passos da vida de um Brasileiro!!..

A Povoação do Panema derrama-se pela margem do Rio, e por um e outro bordo do Riacho; as casas são bôas, e algumas brilhão por entre copadas Quixabeiras, e Joazeiros, e lhe dão muita graça, pode-se dizer que é a povoação formada por mais de 30 Sitios vizinhos uns dos outros. O Riacho dá commodo para plantação do arrôz em suas beiradas e em seu leito muitas vezes.

A Ribeira é creadôra de gados grossos. O que achei de mais raro e digno de aqui trazer, são as tradicções erroneas e fabulosas ditas existirem neste Riacho e em suas Serras!! Ácima de sua fóz perto de duas leguas ha entre dous talhados um Pôço profundissimo e cercado desses talhados que em relação são alterosos: o Pôço é extenso, mais quasi circular; basta esta configuração para explicar, os sons, vozes, e estrondos que se ouvem em alta noite, ao mais brando ciciar do vento, ou á queda da mais pequena pedra; comtudo os habitantes o tem por dovil de espectros, e duendes, e casos narrão de subitas mortes nos que se affoitaram a ir ali pescar os monstruosos Mondius e Surubins, que é fama viverem naquelle Pôço encantado.

Antigamente na fenda das Serras fizeram uma cerca de pedras, como se chamão aqui os muros de pedras seccas, e dizem-me ali ter havido uma Cancella, porém as tradicções attribuem esse feito á invasão Hollandeza, e muito se honrão que ella tivesse tocado até tão alto, para allegarem e exaltarem o esforço de justamente terem-na repellido.

No fim do Pôço ha uma subida, como que feita por arte na rocha, estes degráos conduzem o viajante a uma furna de 31 palmos de comprimento, e 15 de largura. e de

altura de mais de um homem com a mão levantada, é dividida em dous aposentos por uma parede de pedra secca; parece que foi habitada por alguem.

A mais celebre destas fabulas é o Poço do Ouro! A familia do Rodrigues Gaias que são os proprietarios da mór parte dessa Ribeira de cima, e desse logar, dizem que um Ourives comprára a um tarrafeiro um Vergalhão de metal que lhe trouxera em lanço a tarrafa, e que tocado se verificou ser ouro de subido quilate; ou fosse assim, ou o Ourives quizesse zombar dos simplesados desconhecedores dessas riquezas naturaes, o certo é que a fama desse thesouro, mergulhado no fundo de um profundo Pôço, correo e excitou a dormente avarêza destas brenhas.

Alguns tentaram esgotar o Pôço; que não vencerião ainda com o invento do parafuzo de—Archimedes;—pois que é elle uma fonte perêne das aguas, que continuamente minão dos leitos dos nossos rios Sêccos; e as cubas e gamellas de toda aquella redondeza se puzeram em acção por meio de robustos braços, alimentados por carne e leite! O desaccordo e desanimo succedeo a tanto afan, e o desengano occupou o logar do desejo de riqueza. E' de admirar que ainda até hoje alguns crêem que existe a enorme rocha de ouro, donde crescem vergalhões! e só dizem, para se lhes não exprobar a inercia sobre tanto ouro, está hoje areado o pôço!!—Areados estão os juizos, não que seja impossivel haver ouro no riacho,—Panema—porque isso passa por veridico, pois por ser em tanta quantidade e volume. Vamos adiante, subamos mais ás suas cabeceiras e encontraremos as tradicções das pedras e o caixão, e Arremetedeira.

Ha nellas como que entalhadas umas figuras ou ininteligiveis—hieroglyficos que se tomão por indicadores de

grandes riquezas, ahi sepultadas ainda pela mão invasora da Republica Batava.

A Ilha do Ouro é pequeno povoado bem fronteiro ao do Panema; conta menos de 50 casas: dizem que o nome corresponde á riqueza do logar; porém a esse respeito não vos sei dizer certezas.

O Riacho que tem o mesmo nome e que nas enchentes ilha a Povoação tem de notavel dar assim navegação para canoas até a Villa do Porto da Folha, conhecida tambem pela do Buráco—, e suas varzeas são campos de arroz que produzem milhares de alqueires, e de medida maior ainda que a do Penêdo!!

Voici des Dieux
L'asile aimable,
Goûtez des cieux
La paix durable

(Bernardis)

Eis aqui dos Deoses
Um asylo amavel,
Gozai dos Céos
A paz duravel.

D'un roc penchant et fendu
La terreur du voisinage
D'en bas l'agreste ermitage.

(Bertin)

Sobre inclinada rocha e já fendida
Terror de quem por ella faz seguida,
Está plantada a campezina Ermida.

Os versos que ficão escriptos do gentil Bernardis e Bertin

—pintão assás o Monte dos Prazeres. É um simile da Senhora da Penha n'essa Bahia de S. Sebastião.

E uma penha negra e escarpada pelo lado de cima, alterosa e vertida de áspera verdura; tem isolada em seu cume a branca Igreja da Senhora dos Prazeres; pela parte de baixo faz como que uma cauda d'uma grande e extensa corôa de arêia brilhante, e com muitas d'estas pedrinhas de differentes tamanhos, e côres, como as da amostra N.º 13 —parecem arêias corridas de terrenos diamantinos pelo seu brilho.

É na verdade um prazer de que sente-se assaltada aquella pessôa que subindo até a Capella derrama as vistas em redondo! As habitações entre ramagens; seu placido rio, que se deslisa lambendo os verdes campos de arrôz; finas e embastecidas, como o pello ondeante do velludo, as reverberantes arêias da corôa; as fazendas, e Povoação da margem opposta; a claridade das aguas n'este logar; os bandos de alvas e rosadas garças, e outras aves, e passaros aquaticos, que se banhão, e mariscão nas claras e doces aguas do S. Francisco; o doirado e verde—Patury—que se infileira nas bordas das correntezas e Ilhas, tudo indica que d'estes quadros arrebatadores, só pinta a mão prodigiosa da natureza pura e simples!

As vozes da Nympha namorada, louca por Narciso,—de quem pintou tão sublimemente as paixões o Poeta—Castilho, estão aqui fugitivas; e com o uso das aguas puras; e que não se corrompem guardadas por muitos mezes; afinou ella a vóz sentida de suas queixas amargas contra o ingrato. Na raiz do monte pelo lado da casa do Capellão basta subir-se obra de uma braça, para ordenar-se que a Nympha repita fiielmente tudo quanto se deseja dizer, ou seja prosa; ou seja verso, ou seja brando, sentido, irado

ou chorôso! Emfim que dôr não me causou ouvir—Écho repetir estas suas queixas contra o tyranno de seu coração.

> Narciso!, pude eu ter tuas palavras
> No duro tronco menos duro que ellas!
> Eu pude: e os olhos meus desfiz em pranto.
> Por tres vezes senti tremer meus labios
> Fugir-me a lúz, enregelar-se o sangue;
> Tres vezes desmaiei junto do choupo.

Este phenomeno de acustica, sobre que tanto se tem escripto, sem que se conheça sua verdadeira causa, porém que a maior parte dos Physicos accorda em dar-se infallivelmente nos logares côncavos, como nas abóbadas d'uma cisterna, ou em circulares tectos, ou entre serras, e valles; porque a vóz, embaçando n'ellas, repercute no nosso ouvido, aqui é o contrario! Só ha de montes, o dos Prazeres; o mais são Campinas rasas e a corôa plana como uma sala de baile!! Outra cousa a notar-se é, que o que falla do monte não ouve as respostas, ou repercução, ao passo que aquelles que estão no plano perto d'elle, duas a tres braças, ouvem tudo perfeitamente, e como tenho exposto!!! Os que, embarcados, descem pela calada, ouvem o que fallão e as respostas!! Com o que mais se admirão esses phenomenos.

A Capella dos Prazeres dizem que foi edificada de madeira, e cuberta de sóla por Maria Pereira—(não sabendo se é a mesma do buraco) doou-lhe terras que erão então pegadas ao montinho, porém não ha vestigio d'isso: hoje possue a Capella a terra onde está erecta, e a corôa, que lhe rende 24$000 rs. annuaes. Depois de Maria Pereira, o primeiro Morgado que veio ao Rio S. Francisco chamado

Castello Branco—fez o corpo, e capella Mór de pedra e cál, de accordo com os habitantes da banda de Pernambuco, e finalmente o Missionario—Corrêa,—fez os corredores—tem a Capella a era de 1694.

Corre pela mesma banda do Panema o logar—Varzinha—Gruta Grande, e a pedregosa Povoação da Lagôa Funda—Salgada como seu riacho—e a—Restinga;—e pela banda da Ilha do Ouro—Maris—e Ponta da Julia—Tapéra e—Sipó.

A pedregosa Povoação da Lagôa Funda, é um povoado de mais de 50 vizinhos e collocados sobre rochêdos micáchisticos, a sua vista é agradavel, e como sejão as casas espalhadas pelos Outeiros, que dominão as grandes varzeas e Lagôa, representa muito mais do que na realidade é.

Tem uma Capella da Senhora do Rosario e Santa Cruz, e quasi sempre os póvos pagão a um Capellão: compoêm-se os habitantes de duas familias, Soares, e Feitozas, que se entrelação por afinidades reciprocas; com tudo é tal o parentêsco, que não pódem effectuar qualquer alliança sem dispensas. A grande Lagôa que fica ao Norte desagua para o Sul, fazendo barra perto do rochêdo, que com a ponta da Julia fazem ambos o lugar—Sacco,—além d'isso é a povoação cortada de riachos, ou que despejão na Lagôa, ou no Grande Rio. Foi o edificador da Capella um Frade, cujo nome se perdeo. A Ponta da Julia é logar notavel pelos navegantes, como difficil de montar-se na subida, e á véla; sómente os peritos em manobras a vingão sem o risco de darem á Costa.

Nos tempos de enchentes é tida como de grande perigo, pela corrente impetuosa, e ondas que se alção como os maritimos escarcéos.

Os habitantes crião, lavrão, e curtem. O Riacho—Sal-

gado—ainda é dominio da Lagôa Funda como assim até o Cajueiro, sendo o Morro do Morim, onde está erecta a Capellinha da Senhora do Rosario, pertencente ao Districto e Povoação do Limoeiro—Deste logar para cima por Lei Provincial de 3 de Março de 1854 creou-se a nova Comarca de Mata Grande.

Seguindo-se pelo lado do—Sipó—a varzea e Lagôa do Araticú. A Povoação do Limoeiro é situada sobre um terreno quasi ferreo contará 30 casas (se tantas) mas estende-se muito por diversas moradas interiores: Tem sua Capella de Invocação de—Jesus Maria José—e todo esse Outeiro é uma mina d'essa pedra esverdiada—a amostra N. 14 —A Igreja é um encapellado creado pelos avós do pardo Manuel de Jesus Barbosa—João Carlos de Mello com uma legua de terra e 6 vaccas por patrimonio.—N'esse logar encontra-se a amostra N. 15 que me parece—guinites.

A Povoação é fartissima de criação de aves, e os óvos vendem-se de 3 á 4 por 20 rs. A Varzea e Lagôa do Araticú é o logar d'este Rio, onde tenho visto mais caça; creio que é ahi o viveiro d'onde sahem todos os volateis, que povoão ambas as margens!

Não deveis Sr. Capanêma, tomar este meu dito por uma hyperbole, podeis crêl-o como de vista!

Os patos, garças, marrecões, differentes gaibotas, marrecas, grajáos, patoris, e gaburús, etc. voão, de fazer rumôr, e anuvião o ár! O grajá tem o bico de tartaruga, como vereis da amostra—N.º 16.

A bravura e presteza com que levantão-se ao presentirem o caçador, e o esvoaçár em torno d'elle endoidecem-no a não saber designar a victima, e o resultado, é soffrer o sól abrasador, cansaço, e regressar sem os despojos correspondentes ao inimigo que afronta, estando este inerme!!

Continuão pela Povoação do Limoeiro os logares—Tapera—nome tirado do seu riacho – Jacaresinho—S. Thiago —com sua lagôa—continuando pelo—Araticú—o Sitio das Pedras—Riacho fundo—e a Povoação de S. Pedro Dias, que tem tambem o nome de Ilha, por assim tornar-se nas occasiões de cheias.

É notavel esta Povoação por ter sido já Villa, em 1833; e foi antigamente uma missão bastante populosa. No tempo da Omnipotencia dos Juizes de Paz—Manuel do Rosario—por anthonomozia—Pacú—teve a animosidade de prender a Camara Municipal em corpo—e desse desproposito originou-se a diserção das pessoas mais gradas que se julgaram em risco por este despotismo—resultando que restou sómente o dito—Pacú—na Villa—sendo por isso esta transferida para a Povoação do Buraco, hoje Porto da Folha d'onde vinha a nata que abrilhantava a suppremida Villa. Nunca um Pôvo soube punir melhor um despota como este, pondo-o a sós e despresado, a ponto de cahir tudo em ruinas, como de presente, que conta apenas 58 casas, e na frente da Igreja em fórma de parallelogramo—tendo de saliente o Palacio Imperial que é a residencia do Imperador do Espirito Santo, cuja festividadde annual é de tóm n'esta despresada Villa.

A Igreja é má e estava arruinadissima. Este anno o Missionario Fr. Dorotheu a tem reedificado, e vai melhor.

Um milagre está depositado n'esta Igreja, digno de narrar-se.—Uma escolta que mais se podia chamar de assassinos do que de soldados acompanhavão a um prezo de ordem d'um Juiz de Paz para as Cadêias do Penêdo— foi o prezo assassinado, e para poderem sumil-o, e dizerem que se tinha evadido, amarraram no pescôço da victima, e nos pés, duas pedras, uma de duas arrobas, e outra de

perto disso, e o lançaram no Rio em logar profundo: depois de tres dias appareceu o cadaver encalhado na corôa de S. Pedro Dias, e com as pedras ainda atadas nos mesmos logares!!

Deo nihil impossibile est!!

Foi seu infinito poder que arrancou contra todas as regras de gravitação o corpo do infeliz—Renovato, conhecido por—Mandú—e o poz sobre a terra, para que a Justiça dos homens punisse seus matadores! Hoje a Justiça Publica já alcançou a punição d'um que foi condemnado, sob minha Presidencia, no Jury da Villa do Porto da Folha, ou Traipú, na pena de galés por 20 annos.

Grand Dieu, dont la seule presence soutient la nature, et maintient l'harmonie des lois de l'univers!

Exclamava—Buffon—no estasis de suas contemplações philosoficas!

Estou convencido como christão e pensador, que em tudo neste mundo máo e pequeno—como dizia—Bossuet—está a mão do creador; e se não fôra esta, como se revelarião os crimes n'este nosso Paiz, coberto de matas extensas e serradas, cortado de rios gigantes, e pela mór parte despovoado, em que o viajante está entregue a Deus e a sua consciencia!

Mas tál é a força da Omnipotencia e sabedoria ce'este que d'esses êrmos e brenhas, como que os troncos e as penhas se animão e fallão, para designar o malvado!!

Senhor! grandes são as tuas obras! dizia o Psalmista Rei.—Magna sunt opera tua!

Si Dieu n'existait pas, il faudrait l'inventer
Que les sages, l'innocent, et que les grands le craignent.

(Voltaire)

Se não existe Deus, força é suppôl-o
Á quem se acurve o sabio, o nescio, e o grande.

As pedras estão na Igreja, e eu as vi e pasmei ! ! Pelo lado da Lagôa S. Tiago—vão os Sitios—Espinhos—Morro do Faria—Desérto—Riacho do Faria e Aranha—(Fazenda) —e Tororó—e pelo da Ilha de S. Pedro—a Caissára—com sua alterosa—Serra—a Lagoa do Surubim, com seu morro do mesmo nome — o ensanguentado—Morro do Calvario !—Mucambo—Jaciobá—e Tapéra.

As tradições sobre o Morro do Calvario merecem bem o —horresco referens—do Virgilio. Foi por muito tempo esta paragem um perfeito logar de supplicio: conta-se que para alli erão levadas e executadas as victimas das vinganças brutaes dos nossos Sertões! É o aspecto do Morro feio e carregado; a natureza, me parece que mais ahi se apertou, á vista de tantos crimes, para assim demonstrar sua reprovação! Quando ouço semelhante narração, e de que algumas d'essas atrocidades foram ordenadas, julgo impossivel ser-se Juiz no meio de tanto barbarismo, porém é um engano manifesto porque tudo nasce da má direcção dos superiores.

O Brasileiro é summamente obdiente, e segue os bons ou máos exemplos, se são exercidos por gente mais alta a quem a ignorancia gosta de imitar sem apreciar as dividas distincções a fazer-se...

Deixarei estes quadros hediondos, descançando das dez leguas, que acabo de percorrer do Traipú áqui, e irei vos fallar da prospera Povoação de Pão d'Assucar— cujo nome tira de sua alcantilada Serra—que fica ao Oeste da Povoação 4 para 5 leguas; esta Serra é um arremêdo do—Obelisco natural que está de atalaia na Bahia da Capital do Imperio, e que serve de pés ao immenso gigante, com a differença

de que a de cá domina sobre os vastos Sertões com um alcance de mais de 20 leguas em circulo!!

A Caverna que Mr. Milliet de Saint Adolphe—em seu Diccionario Geografico do Brasil, chama de medonha e impraticavel, foi por mim e minha companheira investigada: a ella descemos, e nada tem de medonha, e até é muito praticavel sem receio; e pouco profunda.

As outras sumidades em comparação d'esta assemelhão-se a pequenos combros disseminados em uma vasta campina. Por esta capoeira rasa futurisão alguns o desvio do Rio, mas quem isso conseguir—et eris magnus Apollo!—Mesmo uma estrada de ferro... será trabalho muito custoso e prolongado, ainda que possivel; com tudo forçoso será principial-a de muito longe para nivelal-a. O progresso parece que não conhece impossiveis; eu porém, posto que hospede n'estas materias, vou mais para a opinião de que a mais proxima e effectuavel será a estrada para carros de quatro rodas, salvo o melhor conselho dos peritos.

O Arraial do Pão de Assucar conta 230 casas, o terreno plano lhe proporciona o bello arruamento que vai tendo, e o Commercio que afflue do centro, lhe presagia um risonho futuro. Ha alguns bons sobrados, e soffriveis casas. A Capella do—Santissimo Coração de Jesus—está em obras ainda de sua edificação, e já está elevada em Freguezia por Lei de 1853—de 11 de Julho N.º 227—e este anno pela Lei citada, Villa: tanta é a emulação e desejo de retalhar, e fazer de cada canto um imperio, se possivel fosse.

A Povoação nas enchentes torna-se uma peninsula pelas Lagoas e riacho que a cercão: nestas ha em grande abundancia o marisco de que ácima tenho fallado, e que se suppõe madreperola, e tanto ha do circular como do oblongo. O Commercio é novo, mas activo, e dá esperan-

ças de ser nesse ponto o emporio deste Rio, se houver a estrada que ligue os dous rios de cima, e de baixo, como aqui appellidão as partes separadas pelas grandes Cachoeiras, e pela de—Paulo Affonso.

Os habitantes são commerciantes, os da Villa, creadores e lavradores, os das Serras, e os do interior.

Dá muito legume, maxime feijão, e colhem-se as bellas —atas—ou pinhas, que sendo quasi que exclusivas da Provincia do Ceará, aqui tambem as ha, ou se educão bellamente nesta secca Campina. O terreno é todo de fresca alluvião e de tão fina terra, que no verão faz parte do ambiente que se respira. Cobre todos os objectos e vive na atmosphera de tal fórma, que excusado é dar-se a gente ao trabalho de espanar. O galante é que tem os moradores que a poeira faz bem á vista! O que devo dizer em abono da verdade, é que nem por isso as ophtalmias são muito frequentes.

As enchentes transportando as arêas para frente da Povoação, formaram uma corôa que terá cerca de 300 passos ao Porto de embarque, com isso suppõe-se o Rio muito apertado, porém tem bastante fundo no canal. As casas estão nas linhas dos quatro ventos geraes. Pão de Assucar antes do Hollandez em 28 de Janeiro de 1665— foi sesmaria de 2 leguas com o nome de Jaciobá, feita a D. Maria Barboza de Almeida pelo viso Rei e Capitão-General de Estado Conde d'Obidos D. Vasco de Mascarenhas rectificou-se em 4 leguas, e Barboza vendeo a seu irmão Sebastião Barboza de Almeida, passando depois em 1669 ao Desembargador André Leitão de Mello, passando por herança a seus filhos D. Ignez Maria Gertrudes do Valle e Mello e outros herdeiros de Lisboa. Em 1821, era ainda Fazenda de gados de Antonio Luiz Dantas, depois a fami-

lia de Antonio Rodrigues Delgado, foi o primeiro povoador fazendo casas, etc , Antonio Manuel das Dores continuou; fez a Capella com o Padre Baldaia pondo a primeira pedra em 1840—doando 2:000$000 para sua edificação. Rosa Benta Pereira e D. Anna Thereza de Jesus, doaram as terras. Foi Freguezia em Abril de 1853, e Villa por Lei de 3 de Março de 1854, sendo installada á 7 de Agosto do mesmo anno.

A duas leguas—desta Provincia—no logar Aldêa—Fazenda do Poço Grande—entrando-se para a Catinga—encontrei em uma Cassimba—Ossos fosseis de Megatheriou, ou Masthadonte, e assim affirmo, por ter ido ao logar, e á vista da confrontação que fiz do osso que vos remetto—Amostra N.º 17—com o esqueleto debuxado na obra de —Bendant—curso elementar de Historia Natural: o qual assemelha-se ao humerario. Póde ser tambem de Masthadonte. Dizem-me que deste logar ao da Fazenda da Lagoa das Pedras—de José da Rocha Lira, que dista meia legua —tambem ha fosseis, e bem assim nos logares—Salgadinho—do Padre Simões—Fazenda Velha—de Antonio Anacleto—e Olho d'Agua das Flores do finado—Padre Antonio Duarte de Albuquerque.

E' pena que, não se dando apreço algum a essa raridade, se tenhão inutilisado muitos desses ossos! Creio pois que para se alcançar hoje um esqueleto completo não se despenderá pouco: faço esse juizo pelos do logar que vi onde estavão ao campo muitos quebrados e inteiramente inutilisados. As amostras N.os 18 e 19 são productos achados em Pão de Assucar, onde parece haver tambem ouro, pela amostra N.º 20. Este anno o governo ordenou a escavação desses fosseis, dessa commissão estou encarregado, e hei-de fazer tudo por preenche-la satisfatoriamente.

Vou continuar a minha subida pelo Rio e ao—primeiro bafejar—As velas dando as ancoras levamos.

Fica pelo lado esquerdo o Morro do Cavallete—que está isolado, como uma—pyramide—na extrema esquerda da Povoação seguem as Fazendas—Páo Ferro—Algodão, e o miseravel—Povoado das Trairas—ficando pelo lado opposto—Sacco Grande—e Lagôa das Pedras—e Cajueiros. Aqui é o Rio bastante largo, e bem assim em os logares —Riacho Grande—e Genipapo, que ficão a cima, da esquerda a direita banda, vão por esta as habitações—Patos —Bom Successo—e Ilha do Ferro, e o povoado pertencente ao Capitão Luiz da Silva Tavares, cuja formosa casa indica seus possuidores, e sua influencia as muitas humildes que a cercão: e por aquella—Quixába—Boqueirão—Sipoálha—e Ilha do Ferro—cujo nome aqui applica-se a ambas as margens.

Desde aqui vai-se o Rio insando de rochedos negros e polidos, como ferro envernizado, e a navegação se torna cheia de cuidados. São as primeiras sentinellas perdidas de—Paulo Affonso—que nos dispertão de que estamos não longe de seus dominios, que ficão muito além. Na margem direita estão os—Morrinhos—Páo da Canoa, e pela esquerda—Riacho das Antas—e Beldruegas: nestas paragens estreita-se o Rio, accommodando-se ao leito por onde corre entre rochedos e morros, e que parecem feitos de ferro, pelo lustroso de suas pedras talhadas como de proposito para facil carreto, e qualquer edificação! São inspirados pelo horrivel da terra, e ao correr da canoa, os versos abaixo.

As conjecturas sobre os Montes pedregosos do Rio de S. Francisco.

Que serião talvez estes penêdos
Quando o fiat de Deus fez o universo!
Serião elles já pedrosos montes,
Ou frondosa floresta onde moravão
Volateis bandos, ou louçans Napeyas?

E quem sabe se as aguas soberbando
Não occuparam já acima delles,
E sobre elles rolaram por mil séculos!
Quem sabe se golfinhos e Baleias
Nos vales, hoje a luz, não depozeram

Sobre o leito pedroso a infantil cria,
Emquanto o enorme galeão sulcava
A salsa veia c' o esporão doirado,
Pejado dos productos d'algum povo,
D'algum povo feliz, que em outras eras

Tenaz, e audacioso conquistava
Outros povos que estavão separados
Por longo espaço, que occupavão aguas?
Hoje onde elles? quem são, ou que memoria
Deixaram d'existencia? a conjectura,

A conjectura fallaz eis o que resta!
Foram elles quaes são feras, asperosos,
Ou verdes tapisados lindos combros,
Habitação de Nymphas que não viram
Esta raça infeliz que habita o globo!

Quem sabe se estas rochas atiradas
Sobre o dorso dos morros não serião
As paredes das grutas, ou não foram

Dos erguidos palacios a textura,
Q' uma grande mudança revolvera!

Se assim foi, que alamedas não cobrião
Os ditosos mortaes, que as habitavão!
Que maviosas fallas não fallaram,
Q' estranhas linguas, que ademans estranhos
Não praticaram, não fallaram esses

Que nos tempos d'então aqui viverão!
Alli está a vertical muralha,
Talvez erecta em defensão; do tempo
A poderosa mão baixou sobre ella
E os estragos á vista estão dos évos.

Haveria batalhas sanguinosas!
O fogo, e o ferro nos robustos braços
Os edificios, e os homens derrotava!
Erão elles gigantes, ou pigmeos!
A conjectura fallaz, eis o que resta!

Oh! tu que pensas sempre, e sempre ufano
De haveres a razão sobre outros entes,
Se pensas recto, se conheces tudo
Dize o que foram esses feios montes.

Emendão-se com o logar—Páo da Canôa—o do Capim Assú—Mata da Gallinha—Mata da Onça—e Papagaio, e com as Beldruegas—Curralinho de Baixo—Lagoa—Capoeira e Páo da Canoa.—Estreita-se outra vez o Rio; e devo dizer-vos que se vai tornando sempre escuro, estreito, fundo, pedregoso e medonho, e pouco povoado, tendo espaços totalmente desertos.

Pelo lado do Papagaio está o—Pantaleão—Mata Comprida—Bonito—e Sacco, e pelo do—Paó da Canôa—está o

Curralinho Novo—Morro de Paulo Affonso—Capueira—Macaca—Bebedor—e Jacaré—tendo em meio a Ilha de Sabacú. São muitas aqui as pedras. Pelo numero de rochedos já se podem chamar as primeiras patrulhas ou piquête de descoberta. Passadas estas, está depois do Sacco—a Barra das Cabaças— e a Povoação do Armazem—tendo do outro lado—o Cajueiro. É um desérto—árido—e pedregoso, e o Rio cheio de cascalho, bem estreito, e com pouco e tortuoso canal até o Morrão do Inferno; e pelo lado direito até o Collête—tendo por intermedio—Angico—uma fazenda e pelo lado esquerdo—Remanço—e Alegria. Em uma restinga de cascalho está o porto do Armazem—Povoado novo, e de pouca importancia—com 48 casas e uma pequenina Capella da Senhora da Conceição, é seu edificador —Anacleto de Jesus Maria Brandão,—aínda vivo, e muito honrado, e bom Pai de familia. Tem o Povoado pouca planicie, que está captiva e abafada entre dous principaes Morros—tendo em frente Serrarias.

O Commercio é de poucos, é perfeitamente a porta sobre o Rio que tem mais facilmente os productos do Mato Grande—hoje Villa, e Comarca. Até aqui fazem 5 leguas os que vem de Pão d'Assucar, e os vindos da Barra, ou foz como eu, fazem 36 leguas. O nome de Morrão do Inferno é bem cabido por ter um terreno avermelhado no meio de rochedos negros, como já tenho dito ! Principião deste logar as pedras, tão unidas e salientes, que formão um serrado esquadrão, e quem vem de longe duvida de que dê o Rio passagem. É bem semelhante á um Cardume das Toninhas, que no alto már apparecem as vezes em ordem, todas negras e movendo-se com perfeita disciplina; e que é um signal de alguma borrasca, e tanto que aqui tão bem não são estas petrificadas de bom agouro; pois que muito se

admirão os que as vêm pela primeira vez, e de susto se toma o coração do viajante.

Do Armazem—a Piranhas—fazem duas leguas de navegação perigosissima, e algumas vezes é preciso tomar pratico para evitar desastres, quer occasionados pelos rochedos, quer pelos furiosos ventos que conspirão com elles contra os atrevidos, que intentão devassar esses bellos horriveis, que a natureza se esmera em apresentar aos olhos dos homens, para demonstração de seu poder e mais realçar a coragem de quem os vinga. Segue-se pela esquerda—o Sacco do Sinimbú—e Magalhães e Montevidéo, tendo pelo lado direito—Montes de Granito—e o logar—Gerímin.

Entremeião estes logares pedras perigosissimas e conhecidas por nomes distinctos que se apropriião á sua figura, tamanho, perigo e qualidade. As mais salientes são as do —Sinimbú—do Lima—Cabeço, etc. Não são Magalhães— nem o Montevidéo esses logares da America do Sul, a primeira descoberta por esse intrepido Portuguez—entre a terra firme e a terra do Fogo—e o segundo hoje a republica—Oriental; porém ambos os nomes tem sua ligação principalmente o estreito. E' só passando as perigosas rochas do—Matheus—e Lima, que se aparta, sempre entre pedras, á Piranhas—Povoação do lado esquerdo que se divide em Piranhas de baixo e de cima—e que fica fronteira aos logares—Canto—e Furado, cada um com sua cabana em ruinas, refugio de criminosos.

Com effeito, sómente a pratica, como a do Piloto—de que nos falla—Cooper—póde fazer navegar-se por sobre rochedos á noite, e com vento furioso, e em canoas que não podem andar á órça.

A Povoação está sepultada debaixo de altas montanhas ou sobre ellas trepada; é um arremedo dos arrabaldes da

cidade de Angra dos Reis, pelos seus montes e pedregosas margens. E' dividida além disso por diversos riachos, os mais notaveis são o Fundo, ou Piranhas e o Tapéra; conta a Povoação 93 casas e algumas soffriveis, com sua Capella de Santo Antonio—cujo Instituidor foi Antonio dos Santos Brandão, que lhe deo poucas terras de patrimonio.

O Commercio é maior do qne o do Armazem, e apezar de sua fealdade, é Piranhas um ponto frequentado por todos os habitantes e productos da—Matta d'Agua Branca desta Provincia—Tacaratú—Pajeù—e outras partes extremas da de Pernambuco.

Seus montes, suas rochas em terra, e no Rio, seus vizinhos fronteiros, tudo concorre para que se appellide este logar de feio como uma—Piranha,—a cuja dentadura bem imitão as aguçadas pedras que muitas vezes mordem, e engolem as canoas.

A Pedra do Matheus—a mais temivel e notada, é Scylla e Carybles, pois os navegantes com qualquer descuido, ou devem ir de encontro a ella ou serem engollidos pelos redomoinhos (panellas) que se vêm em continua rotação e que em tempos das aguas estourão com horrivel estrondo! A catadura feia do logar não apartou delle as riquezas naturaes—talvez para verificar-se o adagio—Fortuna dos feios!

Da margem do Rio subindo para os Morros e cortando o Riacho—Tapéra—em cruz, encontra-se—Pyrites e Quartzos—bêm á flôr da terra, como a amostra N.° 21.

Signaes que indicão uma rica mina de ouro; além disso sobre a Serra do Tinguihá a amostra N.° 22 o que são turmalinas como são chamadas em Minas Geraes.

Desde o Armazem que entre o cascalho se encontrão—agatas—e a onix, e que apparecem entre as arêas signaes de ouro.

Nas Piranhas de Baixo subindo a estrada do Sertão ha um rochedo que parece estar a esborrondar-se sobre os viandantes—Subi nelle, e—com verdade a pequena pedra que sustenta a mole de granito está até fendida, e confesso que tive meu terror e desci—mais apressado do que fora, como nos diz o Camões do seu intrepido—Vellozo—E' uma degradação de granito semelhante aos encontrados nas planicies centraes da França ou nas Cordilheiras do—Limousin.

Com muita difficuldade ha ainda quem vá enfiando perigos até o logar—Canindé—casa do Coronel Lino, ficando-lhe fronteiro e do lado esquerdo a fazenda—Sipó.—O Diccionario do Exm. Sr. Senador José Saturnino—dá Canindé, e Agua Branca como pertencentes a Pernambuco, quando são, o 1.º de Sergipe, e o 2.º logar de Alagôas, e fica 12 leguas apartado da Cachoeira, em parallela.

Desde Piranhas até ali as pedras alteião a queda do Rio, e as Panellas que se formão sobre as pedras são immensas sendo que as mais falladas são—Garganta—ficando além a pedra do—Navio—e do Engenho. Não ousei pôr-me na guella de Gulão semelhante.

Até aqui é o Rio de baixo navegavel e no logar—Canindé—faz uma especie de bacia—mansa como um lago, não parecendo crivel que depois de tanto tropeço se encontrasse descanço. Tradicções imittidas por pessoas fidedignas afianção ter o finado Francisco Manuel, dono desse logar, tirado bastante ouro em pó de suas margens; mas eu investigando essas arêas, e cascalhos parecem-me serem ellas, e aquelles corridos das montanhas com as aguas fluviaes. A amostra N.º 21 indica as arêas; nellas existem pequenos—Jacyntos—microscopicos—escarlates, como as gabadinhas de—Bohemia—pyropas—granadas, etc!

Quebro aqui os remos, e ferro as velas de minha canôa

para proseguir por terra a enfadonha viagem até á Cachoeira. Cortarei a narração do passado neste trajecto — de 14 leguas—quasi deserto, e apenas com miseraveis habitações de longe em longe; porque na verdade ter-se a noticia desse—Portento—e saber-se que para vel-o não ha uma estrada, e que é forçado o curioso a levar guias, e assim mesmo a estragar o fato nos espinhos, e a paciencia no abaixar-se aos páos, e montar precipicios, é cousa reprehensivel para uma Nação tão presumpçosa, como a Brasileira!!.. No logar Olho d'Agua do Casado 4 leguas distante de Piranhas e—10 da Cachoeira—fazenda do Tenente-Coronel Manuel Severo Soares de Mello—ha uma bebida onde existem fosseis de Megatheriuos, e Masthadontes.

O Creador, para se apreciar o bello, collocou antes delle as difficuldades, como que para occultal-o ás vistas profanas dos ingratos mundanos.

As pragas que se rogão, os incommodos que se soffrem nas veredas para a Cachoeira, tudo se dá por bem supportado ao avistal-a!! Nisto resumiria o que houvesse de dizer sobre o Paulo Affonso, mas estou que não teria vos satisfeito, e portanto, cavalgado sobre um penhasco duro e negro, com os olhos espantados, por observar tanta grandeza, principiarei a dizer-vos o que seja este logar, que tanta bulha tem feito antiga e modernamente, e sobre que tanto se tem fabulado.

Sempre qne ouvi anteriormente fallar da Cachoeira de Paulo Affonso pareciáo-me fabulosas as grandezas que della contavão. Não tem ella com effeito a figura de Cavalleiro vista de longe; não orvalhão seus vapores meia legua em roda, não se ouve seu estrondo 6 ou 8 leguas de longe, mas por duas vezes, que a tenho observado a minha admi-

ração, e posso dizer-vos, pasmo me tem feito exclamar com Saint Lambert.

Ouço o som do trovão que estoira ao longe,
Das ondas o bramir do ar em chammas;
Das palmeiras do valle as palmas tremem,
Echôa o monte o som triste e profundo,
E o surdo e lento som compunge o mundo.

Quando se vence a vereda, quasi intransitavel, por onde se chega ao logar da Cachoeira, o asperrimo solo onde só vegetão a jaramataia e a pellada Carahiba, o negro feio de seus rochedos escarpados, ora lizos e polidos como o ferro, aqui pont agudos, ali cavados, acolá fendidos, e ameaçando o observador; ninguem haverá que não admire a profunda solidão que buscou!

Alí só Deus, e as suas obras! O homem pensante, o céo puro e ardente, os arbustos torrados, a arêia em brasa, e os rochedos como monstros que parecem levantar-se contra o indiscreto que os veio procurar no seu desamparo!! Se os papagaios fazem suas gralhadas ao longe; se o variado curupião trina seus gorgeios; se o mocó, sentado sobre os pés esfrega com as mãos o focinho e foge guinchando, é para mais nos convencerem de que só elles alí habitão! No logar onde pousei, as pessôas que me acompanharam disseram-me ter havido uma casa e curraes, para servir de retiro, mas nem vestigios deixaram estas edificações! Não é sem muita dificuldade que, superando os rochedos e pequenos braços do rio, e algumas torrentes se póde aproximar a esta maravilha.

Não vos mentirei dizendo que logares ha bem semelhantes a esses talhados propyleos granitos das Ilhas de Shetland!

Pensar-se, como sempre suppuz, que se póde observar a Cachoeira de—Paulo Affonso—como a da—Tijuca—nessa Côrte, ou a do—Niagara—nos Estados Americanos do Norte—é um erro que para muita gente ainda perdura.

As aguas corrião do nivel do terreno do nosso rancho; e sómente depois que galgamos uns e descemos outros rochedos, passando por entre fendas, ou vingando-as de um salto, ou nos sepultando nos torneados—pilões (trabalhos operados pelas aguas em redomoinho) é que nos collocamos em posição de investigar suas differentes quedas,

Antes de chegar á Cachoeira, o Rio de S. Francisco corre sempre empedrado, e anfráctuoso, mas em um plano, a que os francezes chamão—plateau. É levando em suas torrentes as arêias que estavão por entre as enormes rochas de Granito, que sua força pode desenterrar a ossada do petrificado Gigante—Paulo Affonso— medindo a sua queda principal pela altura do agigantado tronco, e debruçando-se então sobre elle por cinco aberturas que tantas são as vias abertas para sua passagem. Não julgueis com tudo que só por estas quedas desce o Rio de baixo lento, pois por muitos desvios e pequenos canaes vem elle mostrar-se fronteiro á banda esquerda na vistosa Cachoeira, cuja estampa — N.° 33 — vos remetto com varias outras. Relevo ainda acrescentar que raras serão as vistas da Cachoeira de Paulo Affonso que tiradas em diversos dias, mezes, ou annos se irmanem!!

De cada vez que o observador tocar nestas paragens encontrará o Gigante como tendo mudado de posição, porque as quédas lhe parecêrão muito modificadas para mais ou para menos, algumas torrentes novas, e algumas supprimidas!! Igualmente como a Cachoeira se despenha por entre rochedos, qualquer mudança de posição para a ob-

servar, muda inteiramente a vista. ora encobrindo, ora descobrindo a quéda das aguas.

Para vos descrever bem o modo porque se observa a Cachoeira, imaginai uma collossal figura de homem, sentado com os joelhos e braços levantados, e o Rio de S. Francisco cahindo-lhe com toda sua força sobre as costas, porém ao qual não podeis vêr sem estar trepado em um dos braços ou em outra qualquer parte que lhe fique ao nivel, ou a cavalleiro sobre a cabeça. Parece arrebentar de debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto a Roma.

É um espectaculo assombroso! ! Os penhascos sobre que nos firmamos—eu e minha senhora—parecião fugir-nos de sob os pés, e quererem seguir a velocidade das correntezas!

Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terramoto, serve de acompanhamento á musica estrondosa dos variados e diversos sons produzidos pelos choques das aguas! ! Quer ellas venhão correndo velocissimas, ou saltando por cima das cristas das montanhas; quer indo em grandes massas de encontro a ellas, e dellas retrocedendo; cahindo de borbotão nos abysmos, e delles se erguendo em humida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarceos; quer estourando como uma bomba; quer chegando-se aos vaivens, (1) e brandamente crescendo, ou recuando rapidamente, e com irresistivel força; quer cahindo em espadanas, ou em flócos de espuma alvissima, como arminhos, é um espectaculo assombroso e admiravel. Observamol-a ao raiar do dia, e ao clarão da Lua: quando observamol-a aos primeiros raios matutinos; as aguas por

(1) As aguas que nas beiradas se avanção impellidas, porém que para seguirem á força da corrente recuão apressadamente e com violencia.

elles abrilhantadas; as nuvens de humido pó, sobre que se estampavão muitas iris; os dourados vapores da aurora; o brando vento da manhã; as alvas nevoas que se ião desfazendo ao erguer do Sol, e representando no Céo, antes de se esvaicerem, differentes phanthasmagorias; o quiéto balançar dos ramos; os cantos matinaes das aves; o esvoaçar dos papagaios, ararúnas e grandes aves brancas, como um cysne de encontros pretos, que buscavão beber as aguas; as calvas cabeças dos Montes pardos, ou esverdinhadas pelo limo, mas agora dourados pelo alvorecer; as arvores e arbustos infesados por um perpetuo inverno, mas agora praticadas como reverberos de luz: tudo faz o complexo do bello e maravilhoso!!

O luctar das aguas feridas pelo sol é semelhante a esses jogos hydraulicos coloridos que observamos nessa Côrte, executados em 1839 por Mr. Leroux.

Se deixamos de contemplar este quadro e volvemos as vistas para os abysmos fumegantes, a alma estremece, como à borda d'uma cratéra. Não se elevão aos céos as provas ardentes, nem se derramão torrentes de encendida lava, como do Vesuvio ou do Orizaba; é porém um arremêdo dos rufos annunciadores da proxima explosão, e os turbilhões da humida fumaça sôbem além de sua altura. Não ha vivente que n'elles precipitado não succumba!! Consta que o peixe que chega a indireitar carreira pela impetuosidade, apparece morto no rio debaixo, e muitos casos se tem dado semelhantes! Vista com clarão da Lua é um quadro lugubre e medonho, que aperta o coração! A Lua fere de leve um ou outro cimo dos pedregosos montes; não reflecte nos bosques nem nas aguas que ficão assombreadas nas cavidades dos rochedos; e o ronco continuado e gemente; o fracasso das aguas, seus estôuros pela sua im-

pulsão; e seus recuos, como ondas em planos inclinados, e escarpados pedregulhos, fazem-na semelhante a uma grande e populosa Cidade assaltada nas trevas, da qual arruinão, e derrocão os edificios e os templos, e seus habitantes surprehendidos levantão em confusão aos céos os lamentos de sua inesperada desgraça.

Tres sentimentos tomão o observador ao chegar-se para a Cachoeira, o de mêdo—o de respeito—e o de prazer, em quanto se trepão estes rochedos disconversaveis, só o mêdo d'um desastre irreparavel nos encoraja, e nos faz superal-os; depois de firmados os pés—o respeito—a vista d'essas maravilhas nos força a exclamar com B. Rousseau —Grand Dieu! *Oh! que tes œuvres sont belles!* E é só depois de entrar o sangue em sua circulação normal que apparece um prazer insaciavel! A altura da grande queda foi calculada em 362 palmos—pelo meu amigo e muito habil Engenheiro o Sr. Fernando Halfeld. E' um êrro pensar-se que as aguas da Cachoeira cahem sobre o álveo do Rio de baixo: ellas vão de cachoeira em cachoeira até o logar— Piranhas—onde principia a ser navegavel com mais franqueza para as canoas abertas.

São as Cachoeiras as seguintes, designando-vos as mais notaveis—Forquilha—Veados—Ventura—Vaivem—Tres Irmãos de cima—Tres Irmãos de baixo—Boa Vista—Garganta—Na garganta corre todo o Rio em largura de 85 palmos!! e os rochedos marginaes dão talhados de 700 á 800 pés de altura!! São as bellezas horriveis que só expressão bem o—*terriblement prety*—dos Inglezes!

Encantado—Salgado—Riacho fundo—Lamarão—Tôpo —Ouro fino—Veado—Canindé Velho—e Canindé.

São estas—17—Cachoeiras verdadeiros degráos do alto

throno onde se assentou o Gigante, de quem vos tenho por tantas vezes fallado com o nome—Paulo Affonso ! !.....

Uma das melhores vistas é a que observão as pessoas que sóbem a chamada furna—e a vista N. 24—é d'ali tomada. Muitas grutas apresentão rochedos d'este logar—Sombrias, arejadas, arruadas de christalinas arêias e banhadas das frigidas Lymphas; são perfeitas habitações de Fabulosas Nayades. Muito foi para notar-se que no mez de Novembro, apogéo do calôr n'estes Sertões, de maneira tál que das 9 horas do dia por diante os rochedos da cachoeira se tornão como o ferro em brasa, pensando encontrar em cada poço uma thermal, as aguas estivessem frias como um sorvête, e tão saborosas que as bebiamos por prazer ! !

Parecè que o Rio em suas enchentes assoberba os rochedos, pois que vi póços extensos e profundos, e com aguas tão limosas que indicão estarem estagnadas por muitos tempos, e só renovadas pelas alluviões... Sobre alguns pequenos e já deseccados encontrei esta pasta de fino papel natural que vai na amostra N. 22— (a) feito de certo pelo frequente bater das marêtas d'este már dôce.

Todos os—pilões—frinchas—e cavidades proximas ás torrentes estão cheias de pedras grandes e pequenas das amostras N. 23—N. 24,—e bem posso aventurar que habitem os fundos d'essas sepulturas alguns brilhantes—*nanges* (dizem os matutos) que sejão como os da Russia, o Regente, e menos como da nossa bagagem, porém de menos quilates. As amostras N.ºs 25 e 26—indicão a qualidade dos rochedos da Cachoeira e das areias. A amostra N. 27—assemelha-se ao granito verde do—Voges—A furna ou Morcegueiro é uma caverna apontada como um assombro, e dizião-me que ninguem podia visital-a senão descalço e

com muito cuidado: examinando-a não achei difficuldade nem na descida, nem na subida, fazendo-as com minha Senhora; e fomos até calçados. A rocha onde o Rio a praticou é toda dividida em pequenos prismas e como por degráos; não a compararei á celebre gruta de Fingal na Ilha de Stoffa e nem tem semelhança com esse prodigio: quando para ella se desce os rochedos parecem estas grandes calçadas de gigantes conhecidos na Irlanda, e em França entre Vals e Entraignes, porém sem essa pasmosa regularidade.

As amostras N. 28—indicão que essas rochas tem—mica—feldspatho, etc. A gruta tem duas entradas, uma menos extensa e baixa, e outra mais longa e alta: a maior tem de comprimento, subindo-se sempre por um declive dôce—262 passos, e de largura 25 a 26, e a pequena oitenta, e de largura—16:—a altura é prodigiosa!

Um homem de pulso não fará chegar um seixo ao tecto! Não apresenta nem d'esses fenomenos conhecidos por—Stalactites.

As pedras do tecto costumão a destacar-se, e a cahir como nos indicaram varias por sua recente queda. São ambas o viveiro de morcêgos que assemelhão-se aos—pterodactyles—de que falla—Bendant, mas em logar dos bicos de ave tem a cabeça d'um perfeito cão de fila com orêlhas redondas, no mais igualão, e são da grandeza de perto de dous palmos de cada aza. Na frente da caverna ha um vaivem que é por certo o operario que cada um nas enchentes trabalha em sua escavação: mostrão-se mesmo em frente duas camadas de prismas, uma mais alterosa, e outra mais humilde, que attestão terem pertencido á parede que serve para divisão das duas grutas. O vaivem traz para esse logar troncos e páos de todos os tamanhos e de forma variadas.

como vereis pela amostra—N. 29. Quando os observei parecia-me estar vendo com um microscopio um sem numero de—infusarios—fosseis—segundo a sua prodigiosa, e infinita variedade de que nos falla—Mr. Ehrenberg.

São talhados e brunidos pelo movimento das aguas esses páos; e consta que nas enchentes, e quando essa immensidade de páos sobre nadão, se ouve uma desarmonia infernal á semelhança do coaxar dos sápos, e rãs, e gias dos grandes lagos estagnados.

Pelo damno que fazem os morcêgos aos creadores, estes todos os annos ajuntão as lenhas trazidas pelas aguas e accendem grandes fógos em que abrasão as furnas, mas não extinguem a praga: acontecendo por isso talvez a calcinação das pedras calcarias e as suas frequentes dissoluções, que tornão assustadoras as visitas a esses logares. Se quizesse narrar-vos um Romance, dir-vos-hia que os primeiros neophytos ou cathecumenos, perseguidos pelos Cesares—aqui sómente acharam guarida e deixaram para confirmação no presente, de que ahi fôra então uma cova de christãos, um Ermitão e seu Acólito petrificados!!

D'ahi corre o Rio até a Cachoeira da Forquilha muito apertado em Serranias talhadas perpendicularmente; e tão esquadrilhados são os penhascos uns sobre os outros, que nos pareceo ser facil sua desmoronação, não de balde luctamos com os mais insignificantes, apezar de estarem até inclinados sobre o Rio. D'essa paragem de cima do Morcègueiro nos parecia que o Rio não teria mais de 8 braças d'uma a outra serra; correndo manso, profundissimo e escuro; lançamos algumas pedras com toda a força; porém não cahião ás vezes nem sobre agua!! Só com uma funda podemos conseguir, depois de algum tempo, ouvir-se o som que produzião ao ferir a margem opposta.

Na—Gurúnga—como chamão os naturaes—o abysmo fumegante—experimentamos se os seixos vingavão a beira opposta, e pareceo-nos que sim: seria talvez por estar o Rio no ôsso, como é fraze technica. O meu Escrivão do Jury—o Capitão José Corrêia Leal, vaquiano d'esses logares, e que nos acompanhou em todas as excursões, disse-me ter ouvido dizer a antigos que em um dos rochedos, sobre que se dispunha o grande salto, havia uma ponta de rocha, a qual, servindo de travanca á livre passagem das aguas, causava maior estrondo e repuxo, e que por essa razão se vião de mais longe os vapores, e se ouvião roncar.

O que é certo é que tal empecilho não existe, e que estando nós pela noite na Fazenda da—Cruz, quatro leguas longe da cachoeira, ouviamos, por intervallos, um surdo rumôr que affirmavão os moradores ser da cachoeira; porém como seguem outras muitas por diante, talvez se não possa affirmar ser o som da de—Paulo Affonso.—mas a de alguma mais proxima; pois que dormindo nessa mesma noite perto da cachoeira, menos por um quarto de legua, não ouviamos esse estrondo tão fallado, e tão pronunciado.

Finalmente os rochedos apresentão formas diversas, e em certos logares, como os desenhos que vão sob o N.º 30. Ao deixar a cachoeira ao ouvir gradualmente sumirem-se seus roncos—lembrou-me a oitava 60 do Camões — no canto 5.º

> Assim contava com um medonho choro
> Subito d'ante os olhos se apartou:
> Desfez-se a nuvem negra e c'um sonoro
> Bramido muito longe o mar soou.

Tenho dado ao Pedregoso Gigante o meu derradeiro

adeus, e torno ao Porto de Piranhas para viajar agora de differente maneira. Então a minha canôa esperava os ventos para seguir avante, hoje só deseja que o seu déspota os encarcere, ouvindo o— Quos ego!

Et dicto citius tumida œquora placat,
Collectasque fugat nubis, solemque reducit,

como nos refere o cysne Mantuano; para que plano como um espelho todo o Rio, possa minha canôa deslisar ao som da torrente até minha residencia! Em quanto a canôa navega atôa—deitado ou antes encaixotado na tolda irei narrando-vos as bellezas ribeirinhas, e a forma da navegação, sua importancia e as riquezas em pescado, e no mais que correr aos bicos da penna, acerca do grandioso Rio de S. Francisco.

D'esde—Piranhas até a Barra do Rio navega-se em grandes e pequenas canôas ou solteiras, ou ajoujadas: As estampas N.os 31 a 33 mostrão suas formas, e mastreação, e massame, que ordinariamente é de nossos tecidos de algodão, e de caruá. O mais notavel nellas são as vélas e o commodo para o viajante—O numero—1.º indica a tolda—e é esta a melhor camara d'estes Navios—o 2.º e o 3.º as vélas que parecem, em comparação da canôa, umas azas; e o modo de encolher uma e outra, ou de as estender para viajar é singular, principalmente visto de longe e com vento fresco: igualo-as a uma branca Garça em vôo rasteiro.

A tolda, e as vélas são uma antithese de navegação; pois que a camara melhor está na prôa, e as vélas ição-se quando s'as quer ferrar, e arreão-se quando s'as quer abrir! Não se navega para cima senão com vento, o qual é providencial e constante depois de 10 horas da manhã até alta noite, com suas excepções, conforme a estação.

As canôas passão ordinariamente por uma methamorphose, servem primeiramente feixadas, porque são de um só madeiro; depois porem que soffrem rachas, ou qualquer lesão no fundo, abrem-se; o que consiste em rachar-se a canoa; e della formar-se outra com cavernas, servindo as bandas da que se rachou de peças principaes nas curvaturas lateraes, de fórma que quando velhas ficam maiores e mais gordas: seguem a regra das mulheres que depois de velhas quasi sempre engordão... Para descer-se ou navegar-se para baixo usão das vogas, ou deixão atôa, e corre a canoa pela corrente, ou quando soffrem o vento contrario, cortão um grande ramo, e o soltão n'agua preso por uma corda na pôpa. A corrente leva o ramo, e com a força de leval-o, leva igualmente a canoa e navega-se ainda com antithese—de pôpa ! !—Quasi sempre a melhor descida é pela calada entre a cessação do vento á noite, e em quanto não chega pela manhãa: acho porém bastante perigoso este methodo, e è confiar de mais na fortuna, e como não me supponho—Cesar, ou Napoleão—o Grande—procuro sempre trazer remeiros, que em noites de lua até me divertem, fazendo seus outeiros improvisados: e é de notar que alguns tem queda para isso. Vou referir-vos algumas quadras destes, cantadas em desafio e ao som do compassado bater dos remos.

Lá vem a lua sahindo,
Resplandecendo alegria,
Tomando os raios do sol,
Fazendo da noite o dia.

Debaixo de um verde ramo
Dorme um somno o passarinho,
Não cuides que eu te deixo;
Vive, amor, descansadinho.

Cale lá suas cantigas;
Vá metter n'um forno frio;
Com semelhantes cantigas
Não se canta um desafio.

Queime lá você as suas,
Mettendo n'um forno quente:
Que as suas são estudadas,
As minhas são de repente.

Não deixão de ter muita graça, e de avivar saudades essas rimas expressadas em som de solãos em alta noite observando-se o ameno clarão da Proserpina, pintando uma facha estrellada sobre as aguas do Rio !

Tu dos amantes silenciosa amiga
Que d'amor os mysterios apadrinhas
O' noite ! manda favoraveis auras !

(*B. Barros.*)

Em tempo de Rio cheio a velocidade como sabeis é maior, e posso affirmar-vos que tenho sahido de Traipú pelas—9—horas da manhãa, descançando das 2 até as 4 da tarde e chegado ao Penêdo ao romper d'alva, fazendo pela corrente 14 leguas, que tantas são as—comidas pela Justiça de um a outro Termo. Regulando mais de meia legua por hora.

Algumas destas canôas abertas tem até 50 palmos de comprimento, e 8 a 10 de bocca, e carregão muita carga; um ajoujo (tenho visto) levar muitas vezes de 90 a 100 saccas de algodão, e muitos outros objectos miudos. Tanto os pilotos como as canôas se alugão por dias, ou por viagem, regulando a tripulação—que para cada canôa basta ser de duas pessoas—de 500 á 640 rs. por dia, e o barco —de 800 á 1 $ 000. Sendo por viagem, calculão pelos

dias a levar conforme a estação, e firmão os ajustes; calculo pelo passado commigo—paguei do Penêdo ao Porto da Folha 4 $ 000, pela canôa e 6 $ 000 por dous Pilotos—de Porto da Folha a Piranhas 8 $ 000 de canôa e 10 $ 000 para os Pilotos. Do Penêdo para a Barra regulou 4 $ 000 da canoa e 6 $ 000 de Pilotos; portanto póde regular da Barra á Piranhas cada canôa e dous Pilotos de 30$000 a 40$000 de despeza, importando quasi de 800 a 1$000 por legua.

Uma outra antithese maritima é que a canôa e a tripulação navegão, tanto na ida como na volta, por conta do fretador, o qual sustenta os Pilotos!! Acontece algumas vezes (maxime com os fretadores como eu) voltar a canôa vasia e á disposição dos Pilotos, que a carregão, e lucrão em seu proveito os fretes!

A differença que parece excessiva do Penêdo á Barra em comparação do Penêdo ao Porto da Folha—é devida á razão de que do Penêdo para a Barra são as canôas sujeitas ao Gusano—Vulgarmente—Bussano: entendo que os donos tem summa razão; pois que este mollusco, da forma de uma minhoca parda e curta, tem o vigôr de por o fundo das canôas arrendadas!! e só com a galla de enxofre se retarda esse damno.

Tão crescido é o numero das canôas em uma e outra margem que não exagero, dizendo-vos que montaram a mais de 800 de toda a lotação inclusive as de pesca. Para a navegação de—Cabotagem—existem—6 barcos actualmente a saber—o Patacho Boa Ventura que demanda 14 palmos e de 190 toneladas; a Sumaca—Deligencia que demanda 14 palmos e de 149 toneladas—Ditta Flôr do Rio que demanda 13 palmos e de 148 toneladas—Dita Santa Cruz Defensora que demanda 12 1/2 palmos e de

112 toneladas—Dita Nova Andorinha que demanda 13 palmos e de 104 toneladas—O Hyate Boa Sorte que demanda 10 1/2 palmos e de 71 toneladas. Estes barcos dão regularmente 6 viagens por anno. Sahem e entrão nas marés vivas, e vão tão carregados dos generos de exportação, e principalmente de assucar e algodão que se os visseis, não acreditarieis que podião dar véla sem submergirem-se ! Tenho os visto carregados de saccas até o—cesto de gaveas !

Posturas ha que prohibem esse modo perigoso ; porem a avareza não conhece limites, e por amor della muitas perdas tem havido de fortunas e vidas—o—*auri sacra fames*—do Virgilio—é a lei fundamental do commercio. Não vos fallo em um que cahio a pouco, e que se está a mastrear. A carreira seguida é para o Porto da Bahia de S. Salvador e desta para aqui, vindo carregados de fazendas seccas e molhadas.

A importação é calculada por bons entendedores em mais de 2:000:000 $ 000 rs, annualmente, e o valor da exportação já acima vos dei. Os valores dos fretes estão fixados á 200 rs. por arroba, e de 100, 120 e 140 rs. por canada de liquidos. De Canindé até abaixo do Armazem o Rio é todo empedrado, dessa paragem para baixo só as rochas são marginaes, e os empecilhos para a navegacão reduzem-se ás grandes Corôas que se formão e desmanchão segundo a força das enchentes, e que tornão a velejar —de zigue zague—dando sempre um constante canal pela corrente.

Não direi que para grandes vapores como o Bengal ou o —Queen of the south— ou mesmo para os do porte do finado heroe—D. Affonso— possão fazer a navegação do S Francisco mas estou convencido de que os de lotação

como a—Imperatriz—poderão granjar francamente até a Cidade do Penêdo, e outros menores e apropriados até o Pão d'Assucar; pois persuado-me que dá-se um canal constante de 10, 20 e de 37 a 50 e mais pés.

Não contando com os beneficios concernentes a desobstruição dos Rios. As tradições são acordes em que, já tempo houve, no qual—Sumacas—subiram até—Pão d'Assucar, e apontão ter subído até o Limoeiro o Patacho do Mestre de Campo—Caetano de Sá; e em 1834 para 1835 dous Hyates—um do Capitão Luiz de França, morador no—Peba—e outro de pessoa desconhecida; comtudo o que vos posso afirmar, é que grandes Barcaças chegão até—Armazem,—e que uma pessoa de nome Raymundo Jorge—navegou até o—Bonito—com um Hyate ou chalupa carregada de Sal.

O Rio de S. Francisco, como vos tenho dito, é muito anfractuoso, e de tal fórma que, em alguns lanços corre de Norte á Sul; em outros parecerá que corre de Sul á Norte e em outros se fechão tanto as montanhas, e pontas que vos parecerá um angipasto! Quanto mais se sóbe o Rio mais é elle augusto, e logares ha onde as correntes com os ventos fazem ondas como as do alto mar, em outros ha remansos em que estão as aguas como o mar em calma pôdre!! É nesses pacificos lagos que as Piranhas (das quaes vos mando a mandibula inferior) fazem sua manjua dos infelizes que nelles cahem ou mortos ou vivos.

São seus montes ou collinas de alta e baixa verdura; esveltos e bonitos no inverno; escarpados, duros e abrolhosos no verão. As margens e baixas são lindas; e logares ha encantadores.

Os combros, formados pelas alluviões são os terrenos abençoados para as lavras de fumo, ricino, cannas de as-

sucar, milho e todos os legumes. De espaço a espaço ostentão-se arvores corpulentas e copadas, cujos ramos se espe'hão nas aguas, e prestão sombrios deliciosos.

As quebradas das Ilhas apresentão uma singularidade que é as camadas de terras acarretadas pelas alluviões, e de formação em filetes horisontaes, podendo se contar por elles os annos das enchentes, e em algumas contei até mais de 300 filetes, como na Ilha dos—Coqueiros.

A plantação do arrôz é em verdade miraculosa! Depois das enchentes formão-se nas bordas do Rio—e corôas uma terra argilosa, resultado da putrefacção dos vegetaes e mais objectos decompostos, a que chamão aqui lamas—as quaes vão successivamente apparecendo, á proporção que as enchentes vão abaixando: os cultivadores de arrôz calculão exactamente como se fosse a columna graduada do Lago—de Meris,—a altura e descida das aguas, e com tempo preventivo--fazem canteiros, ou sementeiras, no logar em que primeiro se mostrão as lamas—semeião a porção de arrôz que pertendem lavrar: esta sementeira com o crescimento d'um palmo é transplantada para as lamas, que progressivamente vão-se mostrando pelo abaixamento das aguas; desta maneira proseguem até final transplantação do todo! Cada pé que é lançado (as vezes ainda sobre a lama lavada pelas aguas) faz uma toceira de muitos caixos! Sem rotear o sólo, nem mais amanho do que o expendido, aguardão tão sómente a maturação para seifa!! É este o methodo usado em toda a beira do S. Francisco, e pelo qual só pelo lado esquerdo se faz a colheita da cifra indicada na exportação, a fóra a do consumo! A esses cultivadores se não devem applicar os pensamentos do Dr. Sthokler.

O misero cultor que industrioso
Do fertil seio da benigna terra

Faz abrolhar os preciosos fructos
Que a vida nos sustentão;

Por quanto nenhuma industria empregão a respeito do arrôz os felices cultores d'aqui! O capim de planta chamado de Angola, nasce espontaneamente pelas Ilhas e beiradas! As cannas de assucar, plantadas em alguns logares, dão mais de 20 folhas, e no Brejo Grande são bens de raiz! o que igualmente me pasmou, foi vêr alguns cannaveaes, cujas cannas, com dous e tres annos de nascidas, ainda estavão frescas para a moagem! Flexão e não se perdem como na Bahia e outros terrenos; antes as d'aqui engrossão, filhão, crião pampros (que são cannas quasi pyramidaes) e sem perderem as propriedades sacarinas!! Oh! terra abençoada! senão és a promettida pelas Escripturas, outra não te levará as lampas!! Remetto-vos as vistas da Foz do Rio vista de Piassabuçú, as de Propriá e Penêdo etc., tomadas a ôlho por mim mesmo, esperando um sincero perdão pelo atrevimento. Quando aqui cheguei, e fiz a minha primeira viagem á Cachoeira—informaram-me de que o Rio possuia barreiras marnosas: não me souberam explicar onde erão ellas, e nem sabia eu o que fosse marne; senão pela difinição de marnel que dá o Phylologo—Moraes— em quanto não procurei melhores mestres, dizião-me uns que era o marne a amostra N.° 29 e outros as amostras N.° 30 e N.° 31. Depois porém que li a obra de Raspail, soube o que era, e á vista das suas explicações, inclino-me a amostra N.° 32 por ser saponacea dar louça, e parecer-me menos inquinada de ferro. O Sr. Halfeld affirmou-me que no Rio debaixo não havia minas de marne, mas ainda me não desenganei, attento a que as recommendações que para o Presidente desta Provincia mandou o Exm. Sr. Conselheiro—Hollanda Cavalcanti—para

se investigar esse novo estrume, de que um viajante—Francez—fallou asseverando ter tanto, capaz de carregar muitos Navios. Se existe esta riqueza ainda a ignorancia a faz occulta, apezar de que qualquer das amostras applicadas como estrume produz effeito satisfatorio, sendo a argilosa abundantissima por toda a margem. Sobre todas estas bellezas, o Rio, Lagoas e Riachos que recebem as aguas do Soberano S. Francisco são povoados de peixes das seguintes qualidades —Camurupim —Camurim mirim e assú—Surubim (peixe de couro) Tubarana—doirada e branca—Bagre—pocomom—niquim—cumbá, de maior a menor (de couro;) uma cousa notavel é a reprodução que fazem pela bocca, e sahem os filhos, como os que vão no frasco com espirito de vinho: E o pequeno—Bagre—capaz de nadar e pegado a um ovo, como a gema d'um pinto ao tirar da casca.—Pirá (couro) Mandin assú—branco—amarello—armado—capadinho—e esquentado (couro)—Curimatá—Matrincham tem a bocca como as lamprêas—Curuvina, conhecida em Minas Geraes—pelo nome de Paripiutuga—Rubálo—Traira—assú e mirim—Matraúê—Piáu cotia—preto—e branco, de maior a menor—Piranha—Pacú—Pirambéba—Lambiá, muito parecido com as Lamprêas—Sardinha—Sarapó—Sabeirú ou Aragú—Cará—Piaba de papo—Piaba de carcunda—Piaba ordinaria—Acarí de pedra—de casco—de lama—e de espinho—Mussú—especial de caramurú—Jundiá—Solha—vulgarmente—Soia—Caborge—é uma especie de Sapo, caminha para terra coberto de espuma, com a calma descança, e volta ás aguas quando lhe apraz, ou é surprehendido:

Perto da Barra, ha muitos Tubarões e Botos e nos pantanos ha Cágados e Jacarés; em todo o Rio ha Pitús—grandissimos, cuja pata vos remeto N. 32 e pelo dêdo se conhe-

cerá o gigante—Camarão—Aratanha—e Camarão de correnteza.

Não tenho ouvido nem tratar se quer dos—minhocões —monstruosos, de que falla o Escriptor—Accioli—posto que da minhoca é assás abundante toda a margem, e fazem della isca para a pesca, porém nem por isso existem muitas amphisbenas. O Camurupim é o peixe maior: tenho-os visto de mais de 12 palmos, e os Surubins, maiores do que um homem!! As—Tubaranas—e Camurins são até de 4 á 5 palmos. Os retratos de alguns peixes vos farão conhecel-os melhor: maxime a Piranha, digna de todos os respeitos.

A navegação é constante, ao cahir do vento sahem frotas as vezes de, 20 30 e mais canoas, e se reunem, principalmente nos sabbados na volta das feiras, tantas que coalhão o Rio! É então um quadro bello, e ao alongarem-se, da costa, duas vélas latinas, ou como um quadrado truncado, alvas como cysne fazem recordar a cantata do Garção.

Já no rôxo horisonte branqueavão
As prenhes vélas da Troianna frota
E entre as vagas azues do már doirado
Sobre as azas do vento se escondião.

Em algumas—Lagoas como na do Goitiseiro, 5 leguas desta Cidade, ha sanguexugas, tão boas como as da Europa, e muitas apanhão os matutos, porém para espairecerem (como dizem elles) e não por viverem disso.

Se são pitorescas as margens do S. Francisco com as aguas baixas e recolhidas a seu leito, se apresentão paisagens arrebatadoras, que se debuxão em suas correntes crystallinas, o melhor é vel-o correndo velozmente, occupando todos os logares baixos, arrastando troncos e

balseiros, e com elles formando—Ilhas—fluctuantes! Apresentando todas as suas—Ilhas—sem areias, todas as margens sem ribanceiras, e todo elle sem corôas; e o povo aquático em innumeraveis bandos festejando a invasão ou pequeno deluvio que os desalojou de suas habitações e os forçou a descançar nos bosques! ou a andar esvoaçando sem um humido pouso; e depois de sua victoria, de suas innundações para o interior, de muitas leguas, abrir caminho por duas boccas nos salgados senhorios misturando suas aguas dôces com as amaras do Grande Atlantico! Fazem do magestoso a sua descida, movendo continuamente essas enormes massas de liquido; e depois de visitar seus dominios ruraes; de fazer-lhes as doações de força e de fertilidade, então placido e claro como o crystal, recolher-se á sua casa de descanço—o seu alveo—costumeiro!!

É uma missão annual, da qual o braço Omnipotente o encarregou, e para que testifique o Infinito poder descripto nestes grandes versos de—Rousseau—

Il prend sa course, il s'avnce
Comme un superbe geant
Bientôt sa marche feconde
Embrasse le tour du monde
Et par sa force puissante
La nature languissante
Se reanime, et se nourit.!..

A enchente de 1792—subio 49 palmos sobre o nivel!!! e a de 1838—36!!! Com tudo tantas são as vargens que primeiro que ellas se occupem, tarde ou nunca será tomada a Cidade nas partes altas.

Estou aqui ha mais de tres annos e ainda não me encheo

de pasmo, ou de medo a elevação das aguas deste Nerêo de Agua doce.

Lá estão á vista as torres da Matriz, os edificios ainda estão nebulados; porem é a Cidade do Penêdo.

Vou tornar ao meu humilde albergue, e não poderei dizer como o Piloto Melindano

E se do mundo mais não desejais
Vosso trabalho longo aqui fenece.

Pois que estou bem lembrado de que a minha ultima promessa foi dizer-vos alguma cousa, ainda que perfunctoriamente, sobre a minha Comarca.

A Comarca da Cidade do Penêdo na Provincia das Alagôas é situada á margem esquerda do Rio de S. Francisco, e segundo informações limita-se a cima duas leguas da Cachoeira de—Paulo Affonso—com a Provincia de Pernambuco pelo Riacho—Moxotó—Serra do Exú e Riacho —Manary: com a Comarca de Anadia, da Provincia das Alagôas, pelo logar—Canôa—cabeceiras do Rio—Panema e do Riacho—Capiá, e pelo Rio—Cururype até sahir na Carta do mar, e finalmente correndo a costa do Péba e entrando barra dentro do Rio de S. Francisco; seguindo o Rio á cima até encontrar outra vez o Moxotó.

Neste espaço comprehende dous termos—o 1.º da Cidade do Penêdo, que é a cabeça da Comarca, e o 2.º da Villa do Porto da Folha conhecida igualmente por Traipú como já vos disse. Compõe-se o primeiro termo das Freguezias da Cidade e da de Porto Real do Collegio, e o segundo das Freguezias do Porto da Folha, Pão d'Assucar (creado este anno) S. Anna, e Mata Grande.

A Freguezia do Penêdo abrange os Povoados da Cidade —Piassabussú—Feliz Deserto—Salomé—e Brejo Grande—

os quaes são districtos de Paz sob duas Subdelegacias de Piassabussú e Penêdo, e uma Delegacia da Cidade. São as Justiças do Brejo Grande pertencentes á Provincia de Sergipe d'El-Rei.

Dá esta Freguezia— 61 —Eleitores, e sua população monta em 20,938 almas, constando só na cidade de 333 escravos que pagão taxa, e mais 130 exemptos pela idade menor, etc.

Não vos numero a escravatura empregada na lavoura que poderá montar talvez de 3 a 4 mil. A Freguezia do Collegio comprehende as Povoações do mesmo nome e as de Sto Braz, Lagôa Comprida, com dous districtos de justiças de Paz, e uma Subdelegacia, e dá 15 Eleitores com 3,064 almas, entre livres e escravos.

A Freguezia do Porto da Folha comprehende os Povoados da Villa—Mombaça—ou Preáca—(Serras) Canoa pelo centro, e beira Rio—os povoados—Munguengue—Rabello —Lagôa Funda—Panema—Limoeiro—e Pão de Assucar, hoje Freguezia pela Lei Provincial citada: conta esta Freguezia tres districtos de Paz com duas Subdelegacias, e dá 24 Eleitores, e tem 17,747 almas livres e escravos.

A Freguezia de Sant'Anna (central) comprehende o seu Povoado, tem um districto de Paz uma Subdelegacia, e dá 12 Eleitores, com 5,315 almas contando escravos—Foram os factores da Capella então—Martinho Vieira do Rego, e sua mulher Thereza Joaquina doando terras.

A Freguezia de Mata Grande (hoje Villa) por Lei Provincial de 1852 comprehende os Povoados da Villa e de Agua Branca, e na beira do Rio, os povoados de Piranhas e Armazem, conta tres districtos de Paz, dá 24 Eleitores, e tem 12,635 almas inclusive os escravos.

As Serras de Mombaça e Priaca indicão mineraes, e

nellas encontrei os crystaes que vão nas amostras N.os 32, 33, e 34. Além disso achei as pedras das amostras— N.º 35—a Capella de Mata Grande foi erecta em 1781 pelo criolo Antonio do Rosario, e a de Mata Branca por Pedro Nolasco de Araujo e sua mulher em 1770—outros dizem que por Faustino Vieira de Sandes. Mata Grande foi Villa em 22 de Janeiro do 1838—supprimida em 1846, e restaurada em 1852.

A Serra chamada—Pellada—é toda da amostra N.º 36—é alva como neve, muito mais baixa está do que a da Priaca.

Subindo-se o pincaro da ultima Serra, de que vos fallei, encontra-se um bosque formado de arvores copadas e direitas, e collocadas todas em ordem, e distancias que parecem regulares columnas de ordem corinthia, de umas para outras descem franças que fingem arcadas, ás quaes se adherem parasitas, engrinaldando-as com suas flôres e côres differentes.

O bosque assenta sobre uma chapada de 30 passos em quadrado; em torno vegetão arbustos cheirosos e de lindas flôres, e finalmente é tapisada de gramma verde, e no interior a Sambambaia (ou barba de bode) macia como uma enxerga de pluma, dá o melhor commodo, sobre deliciosa sombra.—E' uma morada de Nympha! Por qualquer lado que se derrame a vista, ávida sempre nestas occasiões, descortinão-se vastos Sertões rodeados de matas, e de longe em longe habitações.

Quanta alegria não sobresalta o observador quando vê um grupo de mais algumas casas, e entre estas alguma alvejando, e mais espaçosa!

Admiramos a constancia dos que se internão, e tão longe vivem, fóra do que chamamos mundo; porém é na

verdade tanto maior o sentimento de sociedade, e de civilisação que nos salteia, quanto vemos maior reunião de Brasileiros, quasi no meio das féras, e entregues a seus fracos recursos physicos, e moraes!!

Pelo lado do Rio é a Serra talhada a prumo, e tão alterosa, que salvando muitas outras summidades, avista-se a Villa de Propriá, e a Cidade do Penêdo em tempo claro, pois que todos estes cumes deitão pela manhã seu branco barrête de nevoeiro, que só o tirão, em respeito ao Deus dos Incas.

Observei o Rio que parecia um regato, e a Serra—Tabanga um comoro á margem delle!! Tudo o mais, não representa senão uma campina com alguns tesos e charnécas.

Rolando-se grandes pedras de sobre o talhado da Serra levão ellas espaço para tocar o fundo do abysmo, e pelos sons, se avalia da profundidade delle, e da altura della.

Aquelle que ainda não cavalgou sobre uma Serra Gigante, e que de seu pinaculo, onde se crê isolado no ambiente, não espraiou seus olhos pelas vastidões de nossos Sertões; que ainda não contemplou assim o azul de nosso Céo puro, e o horisonte immenso que nos cerca, não póde fazer uma idéa do bello maravilhoso, e da magestade do infinito!! Os rochedos da Serra são dispostos em camadas horisontaes, brancos e com areias brancas assimilhando-se ás deixados pelo recúo do mar.

Oh! quem sabe se a gruta que pisamos
Não foi a casa d'humida Serêa,
Que por ordem suprema,
Ao recuar das aguas, despeijou-a
Quando o espirito de Deus andou sobre ellas?!

Soffrei mais estes da propria lavra, e desculpai; que é de máo poeta querer em tudo inserir versos seus.

Seguindo—o córrego—que tem as fontes nas ditas Serras, achão-se areias como as da Amostra N.º 37 e soterradas lages grandes da Amostra N. 38:

Ha tradições de que já se tem extrahido ouro, o que póde muito bem ser.

No Termo do Penêdo ha a Serra—Maraba—que dizem é vista do mar, e que serve de balisa aos navegantes, que demandão a Barra: ha nella crystaes; e informão-me que melhores, do que os da Priaca; mas não os hei visto.

O fôro do Termo do Penêdo compõe-se de um Juiz de Direito, um Juiz Municipal e Orphãos, formados em Direito e è igualmente o Delegado de Policia—dous Subdelegados e cinco Juizes de Paz, dous Tabelliães de Notas e Escrivães de geral, que destribuem entre si, sendo particularmente um encarregado da Policia, e o outro do Registo das Hypothécas; um Escrivão de Orphãos, um privativo do Jury, e execuções criminaes, a fóra os dos Subdelegados, e Juizes de Paz; e um de Capella, e Residuos.

Não ha um Advogado formado, excepto o Promotor Publico, e por isso as causas são mal defendidas, e sacrificadas a rábulas alguns totalmente hospedes de direito.

Causou-me admiração que esta Comarca dando 7 filhos formados em Direito, e 6 em medicina, nenhum se quizesse estabelecer em sua Patria! Estarão com o protesto do despeitado da antiguidade; *ingrata Patria,—non pocedebis ossa mea!*

Dá dous Batalhões de Guardas Nacionaes de mais de 1,200 praças sob um Commando Superior. Além das Igrejas referidas, conta as casas de oração de Salomé, Santa Cruz do Morro Vermelho, Junqueiro, Igreja Nova, e Pi-

ranga. O Termo do Porto da Folha a que está annexa a Villa da Mata Grande, compõe o seu fôro de Juizes Municipaes Supplentes—dous Tabelliães do geral, accumulando um os trabalhos do Jury e execuções e bens do evento e capellas e residuos, e o outro a Policia; um escrivão de Orphãos—e bens de ausentes—não tem Advogados—está como o Penêdo.

Dá dous Batalhões Nacionaes, sob um Commando Superior contendo ambos mais de 1,600 praças. Além das Igrejas ditas ha as casas de oração de —Giraó—Mambaca—Priaca—Riachão—Santa Cruz—do Velho Nunes—Santa Cruz de Mestre Felix —e Santa Cruz dos Veados.

Tem a Comarca—um Juiz de Direito—um Juiz Municipal—um Promotor Publico—tres Delegados—sete Subdelegados—e doze Juizes de Paz.

O dizimo de gados rendeo o—Municipio do Penêdo 6:200$000—o de Traipú 9:660$000—e o de Mata Grande 5:200$000—total 21:060$000.

O clima da Comarca é muito variado desde a fóz do Rio até a Cachoeira. O desta cidade é doentio, logo depois do escôo das enchentes, experimenta-se nella alguma semelhança a essa inconstancia da do Rio de Janeiro.

Tambem dias apparecem, em que o Rio cobre-se de uma serração tão densa que não se vêm os objectos que estão ao pé. O Sertão vai mais sadio, e as Serras são salubres, e nellas se sente frio tão intenso como o de Minas ou S. Paulo, maxime de Agosto até Outubro.

Os logares mais invulneraveis ás febres amarellas foram Traipú, e S. Braz; como me admirei do primeiro, porque fica sobre uma rocha que, escandecida pelo sol tropical, será capaz de evaporar todos os miasmas do mundo, porém de S. Braz sim, porque além de possuir duas leguas

proximas do Povoado, é tanta a criação suina que excrementão as ruas ao ponto de as porem intransitaveis!! Creio no que me disse certo Medico que estes males procuram antes os limpos, que os sordidos; sendo o contrario das de mais epidemias.

As febres intermittentes são indemicas, e não raros os casos de mortes repentinas por estupores principalmente.

Ha ervas, plantas, arvores, e raizes medicinaes—como: —contra-erva—lingua de vacca—batata de purga—macella—ipecacuanha preta e branca—cainana—que tem o effeito do azougue—estramonia—tingui—o louço, planta caustica com mais proveito que a cantharida—quinaquina —angelim, ou lombrigueira—ruibarbo—barbatimão— alcaçús, etc. etc.—Manacá—malvaisco—extragata, etc. etc. Ha um sipó chamado cunanám que cortado deita um leite phosphorico, e que queima como agua forte—experimentei, e á noite em um ranxo verifiquei esse grande phenomeno.

E' farta de madeiras, como toda a—Provincia—para edificação—tem Páo—d'arco de fiôr roxa e amarella, Sapucaia—madeira que se desfiia para ripas—coração de negro—Gitay—Louro—ingá, e verdadeiro—Cédro—Mangue—Baraúna—Páo de oleo, de que se extrahe o oleo de cupaiba. Para construcções navaes—Louro, Arapiráca—Gitay — Cedro —Sicopira—Potumojú—Páo Santo. Para marcenaria — Páo d'Arco—Gitay—Cedro—Jacarandárana —Coração de negro—Peroba—Emburána—Canafistola—Condurú—branco—e não vermelho como o da Bahia—Gonçaloalves—Angico (1)—Potumojú—Gijuiba—Tatajuba (tambem para tinturaria)—Balsamo—Páo de oleo—Giripapo, Joazeiro (que pela sua alvura serve para embutidos)—

(1) O Angico destila gomma optima para as doenças de peito, e a casca e folhas é um andidoto para quedas.

Massaranduba—Macieira—tão flexivel que serve para arcos de barril e pipas—é a mesma que dá o fructo para o dôce de que fallei, e de que mando a amostra N. 39—Vi Cardeiros —de 6 a 7 palmos de circumferencia no tronco, e tendo perto de 70 de hastes: fazem dôce do chamado—chique-chique—e cabeça de frade: ha o—Alastrado—que assado parece a macacheira ou aipy, etc.—O propriamente—Mandacazú—dá um pello—da amostra N.º 40, e a capa, ou casca um papel que fresco se póde escrever com façilidade tomando bem a tinta, amostra N.º 41.

No cardo palmatoria, se cria a coxônilha, que ha em abundancia no centro, e a poucas leguas da beira do Rio, é a amostra N. 42.

Vou narrar-vos agora algumas raridades. Houve aqui um homem que não podia ouvir bater óvos, pois que sentia crescerem-lhe os beiços enormemente. Ha ainda um que não come arrôz e se o faz padece repentinamente uma elefantiase, crescendo-lhe todas as extremidades do rosto. Ha um para Sant'Anna que a cada palavra dá um bodêjo tal, que seria capaz e poderia illudir qualquer—cabra—causando aos bodes a sensação de que escreveo o Epico Latino—na Bucolica 3.ª

Novimus et que te.... transversa tuentibus hircis,
Et quo, sed faciles nymphe risêre, sacello.

Houve aqui um Juiz que inventariou 549$120 toda fortuna de um finado, e dividio-a, dando—31$390 para dividas—29$410 para funeral—96$765 de custas para si e seus officiaes!—e dividio o resto por 34 herdeiros, fazendo quinhões da quantia de 21$147—até 881 réis!!!...—de maneira que foi o maior herdeiro do finado!...

Houve um Jury em que os Jurados tiveram de respon-

der a 91—perguntas—por ter o Promotor offerecido o Libello contra o Réo—Serafim—pelos crimes seguintes: —3 mortes—2 tentativas do mesmo crime—e 1 roubo, com todas as aggravantes do Codigo, desde 4 até 17!! Ha um homem que se jacta de ser Atheu,—Um que bebe agua e vinho cada uma bebida por sua vez, e que as lança depois á vontade de quem as pede separadas é pelotiqueiro innato.—Outro que serve para todos os officios de letras, mecanicas.—Um que blasona de rico—absoluto—mas que só possue para pagar o terço das dividas.

Um que rifa constantemente objectos, porém que se não sabe ainda qual o feliz que tirasse um premio. Na Mata Branca houve um escravo do vigario, hoje de Paracatú—o Padre Miguel Arcanjo Torres, que era hermaphrodita—tendo os dous sexos bem desenvolvidos. De presente um que era havido por senhora; aos 20 annos largou a saia, e veio enfiar as calças e os modernos paletós!! mora em Pão d'Assucar, e chama-se Maria, e hoje Mariano. Se continuasse com as raridades compor-vos-hia um musêo; mas uma carta não tem salão para tanto.

Ultimarei esta minha narrativa fazendo algumas reflexões que julgo dignas de attenção e que só ellas serião capazes, em execução, de tirar este soberbo Rio e suas margens do abatimento e abandono a que pareceo estar condemnado.

A extensão da Comarca do Penedo é de comprimento na parte mais septentrional de—50 a 52 leguas,—e na parte mais occidental de—26 a 30.

A Comarca de Villa Nova da Provincia de Sergipe tem de longura 40 a 42 leguas e de largura 16 a 20. Seu clima é variado, como a cima vos disse; e as riquezas de seu sólo dão grandes esperanças: só lhe falta a civilisação, e

que esta espanque as trevas em que os preconceitos tem involvido estes bellos, e virgens logares. Instrucção, civilisação, communicação; parece que Deus rimou estas palavras para demonstrar que sem ellas não prospera um pôvo.

A instrucção inventa, descobre; a civilisação aceita, usa dos inventos e das descobertas; a communicação as espalha, applica-as em beneficio geral. A riqueza nasce dessa reunião, e com ella a satisfacção do pôvo, que, farto e conhecendo o seu, procura respeitar o alheio, e assim reciprocamente. A segurança publica é composta de muitas seguranças particulares; não é senão segurando-se muitos, ou a maior parte que a Sociedade Civil tem tambem segurança.

Mas como virá tocar esse futuro ao Rio de S. Francisco? me perguntareis vós e eu vos responderei facilmente.

Abri aos olhos do especulador, e avido extranho os thesouros fechados nestas ribeiras de uma vejetação fabulosa! uni suas duas margens, fazendo uma só Provincia, que tudo apparecerá transformado.

Não é possivel, como está, nem um augmento; cada margen pertence a uma differente Provincia. e jurisdicção, distando da Capital mais de 30 leguas; e a acção do governo chega tardia e illudida.

Tudo de mão em uma, se vasa reciproca e facilmente na outra, e estes máos elementos, conservados e augmentados por poucos, que tem interesse immediato no atraso de tudo, que olhão para a idéa de progresso, com maior horrôr, do que para uma cascavél, é a maior esterelidade a combater, é a peior febre amarella a estinguir.

É esse o germem de corrupção que arruina a prosperi-

dade, liberdade e segurança, e que mata no berço o espirito, e o corpo dos Povos.

Não ha raciocinar alem dos maioraes da terra, e nem usar da liberdade a mais legal, sem suas approvações! A morte deste—digamol-o—despotismo—só com uma tal transformação, se dará. Desde o decimo quinto seculo que se descobriram estes logares, ha mais de 300 annos que os deshabitaram os selvagens, e tudo demonstra a natureza pura e singela com as modificações somente da necessidade absoluta. Ainda a mão do progresso não poz em acção, com a devida sinceridade, tantos recursos!

As obras que se observão nesta Cidade do Penedo indicão que houve mais vida, e hoje os indicios são de progressiva decadencia.

É preciso mudar de vida, activar os homens, destruindo as rotinas perniciosas, mas, seguidas á risca, e por capricho egoistico por quem não conhece os bens, provenientes do progresso a todos os respeitos, ou teme escurecer-se á vista da luz.

O Quadro do rendimento desta Comarca é animador: quero mesmo que não tanto renda a Comarca de Villa Nova, comtudo não seria preciso ao Governo fazer despezas impossiveis para ter e manter uma nova Provincia.

Não podemos calcular a importação estrangeira; mas se é exacto o calculo de que mais de tres mil contos de valores, entrão pelo S. Francisco nos Barcos de Cabotagem; esses valores triplicarão no commercio com o estrangeiro.

Um homem creador que se dedicasse ao arduo trabalho da prosperidade de uma nova Provincia; muito poderia fazer em beneficio destes povos governados pela Providencia, cujos costumes são ainda rudes, porém porque não achão exemplos nos maiores.

As producções naturaes desafião o Colono e fôram sómente ellas que arrancaram ao meu chará—José Vieira do Couto—aquellas exclamações agouras de prospero futuro. Éras virão em que os povos correrão em chusmas sobre estas ribeiras, &c.

Que não aventuraria elle, se então esperasse uma linha de vapores já em carreira, e que esta será talvez a precursora de uma via ferrea para visitarmos essa assombrosa obra da Mão Poderosissima—a Cachoeira de Paulo Affonso!! Estou que se isto tudo, que indico, dependesse de uma só vontade—Sôberana—a proveitosa creação, de que vos fallo, seria feita, pois que são esses feitos, dos que dão renome aos Principes, e futuro ás Nações; pois o—*Rei reina e não governa;* disse o politico—Mr. Thiers.—Essa maxima terrivel apoquentou o genio dos Monarchas; abdicaram o pensamento nos Ministros dos governos representativos; e não se pensa, senão pelos moldes das Constituições, e querer delles.

Feliz do Rei que póde fazer ao Povo todo o bem que imaginar, e que tem bons conselheiros para apartal-o de todo o mal!

Não sei se poderemos assentar este pensamento entre os partidos politicos? Quantas vezes não desconhecem elles o bem de que se podem tambem aproveitar seus contrarios só porque não o gozão exclusivamente!!

De certo que não vos terei satisfeito com estas informações: infeliz do espirito fraco que se arroja a embarcar em altas emprezas, por que raras vezes escapa do naufragio!

Sou sinceramente

Vosso affectuoso Amigo por Sympathia

José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva.

Penedo, em 1854.

RELAÇÃO

DAS

GUERRAS FEITAS AOS PALMARES DE PERNAMBUCO

NO TEMPO DO GOVERNADOR D. PEDRO DE ALMEIDA

DE 1675 A 1678.

(M. S. offerecido pelo Exm. Sr. Conselheiro Drummond.)

Restituidas as capitanias de Pernambuco ao dominio de Sua Alteza, livre já dos inimigos que de fóra as vieram conquistar; sendo poderosas as nossas armas para saccudir o inimigo, que tantos annos nos opprimio; nunca foram efficazes para destruir o contrario, que das portas a dentro nos infestou; não sendo menores os damnos deste, do que tinha sido as hostilidades d'aquelle; não foi o descuido a causa de se não conseguir este negocio; porque todos os Governadores, que nesta praça assistiram com cuidado se empregaram nesta empresa; porém as difficuldades do sitio, a asperesa dos caminhos, a impossibidade das conduções, fez impossivel, a quem o valor não fez poderoso; os melhores Cabos desta Praça, os mais experimentados soldados desta Guerra se occuparam nestas levas, e não sendo pouco o trabalho, que padeceram, foi muito pouco o fructo que alcançaram.

E para que com alguma evidencia se conheça o incontrastavel desta empresa, brevemente recopilarei as noticias, que a experiencia descobrio; estende pela parte superior do Rio de S. Francisco uma corda de mata brava, que vem a fazer termo sobre o sertão do Cabo de Santo Agostinho, correndo quasi Norte a Sul, do mesmo modo que corre a costa do mar; são as arvores principaes Pal-

meiras agrestes, que deram ao terreno o nome de Palmares; são estas tão fecundas para todos os usos da vida humana, que dellas se fazem vinho, azeite, sal, roupas; as folhas servem ás casas de cobertura; os ramos de esteios, os fruitos de sustento; e da contextura com que as pencas se cobrem no tronco, se fazem cordas para todo o genero de ligaduras, e amarras; não correm tão uniformemente estes Palmares, que os não separem outras matas de diversas arvores, com que na distancia de sessenta leguas, se achão distinctos palmares: a saber ao Noroeste o Mucambo do *Zambi*, dezesseis leguas de Porto Calvo; e ao Norte deste distancia de cinco leguas o de *Arotireue;* e logo para a parte do Leste destes dous Mucambos chamados os das *Tabocas;* e destes ao Noroeste quatorze leguas o de *Dambrabanga*, e ao Norte deste oito leguas a Cerca chamada *Subupira;* e ao Norte desta seis leguas a Cerca Real chamada o *Macaco;* ao Oeste desta cinco leguas o Mocambo do *Osenga*, e nove leguas da nossa povoação de Serinhaem para o Noroeste a cerca do *Amaro;* e vinte cinco leguas das Alagôas para o Noroeste o Palmar de *Andalaquituxe;* Irmão do Zambi; e entre todos estes que são os maiores e mais defensaveis, ha outros de menor conta, e de menor gente; distão estes Mocambos das nossas povoaçõens mais ou menos leguas, conforme o lançamento delles, porque como occupão o vão de quarenta ou cincoenta leguas, uns estão mais remotos, outros mais proximos.

É o sitio naturalmente aspero, montuoso, e agreste, semeado de toda a variedade de arvores conhecidas, e ignotas, com tal espessura, e confusão de ramos, que em muitas partes é impenetravel a toda a luz; a diversidade de espinhos, e arvores rasteiras nocivas servem de impedir os passos, e de intrincar os troncos; entre os montes se

espraião algumas varzeas fertelissimas para as plantas; e para a parte do Oeste do sertão dos Palmares se dilatão Campos largamente estendidos, porém infructiferos, e só para pastos acommodados.

A este inculto e natural couto se recolheram alguns negros, a quem ou os seus delictos, ou a intractabilidade de seus Senhores, fez parecer menor castigo, do que o que receiavão; podendo nelles tanto a imaginação, que se davão por seguros, onde podião estar mais arriscados. Facilitou-lhes a comedia a estancia, e com presas, que começarião a fazer, e com persuações da liberdade, que começaram a espalhar se foram multiplicando.

Ha opinião que do tempo que houve negros captivos nestas Capitanias começaram a ter habitadores os Palmares; no tempo que a Hollanda occupou estas Praças engrossou aquelle numero; porque a mesma perturbação dos Senhores era a soltura dos escravos; o tempo o fez crescer na quantidade, e a vizinhança dos moradores os fez destros nas armas; usão hoje de todas, umas que fazem, outras que roubão, e muitas que comprão; as que fazem são arcos e frechas, as que roubão, e comprão são de fogo; os nossos assaltos os tem feito prevenidos, e o seu exercicio os tem feito experimentados; não vivem todos juntos porque um successo não acabe a todos, em palmares distinctos tem sua habitação, assim pelo sustento, como pela segurança; são grandemente trabalhadores, plantão todos os legumes da terra, de cujos fruitos formão providamente celeiros para os tempos da guerra, e do inverno; o seu principal sustento é o milho grosso, delle fazem varias iguarias; as caças os ajudão muito, porque são aquelles matos abundantes dellas.

Toda a forma de Guerra se acha nelles, com todos os

Cabos Maiores e inferiores, assim para o successo das pelejas, como para a assistencia do Rei; reconhecem-se todos obedientes a um que se chama o *Ganga Zumba*, que quer dizer Senhor Grande; a este tem por seu Rei e Senhor todos os mais assim naturaes dos Palmares, como vindos de fora; tem palacio, Capas da sua familia, é assistido de guardas e officiaes, que custumão ter as Casas Reaes; é tratado com todos os respeitos de Rei, e com todas as ceremonias de Senhor; os que chegão á sua presença põem logo o joelho no chão, e batem as palmas das mãos signal do seu reconhecimento, e protestação da sua excellencia; fallão-lhe por Magestade, obedecem-lhe por admiração; habita na sua Cidade Real, que chamão o *Macaco*, nome sortido da morte, que n'aquelle logar se deo a um animal destes; esta é a metropoli entre as mais Cidades e povoações; está fortificada toda em um cerco de páo a pique, com treneiras abertas para offenderem a seu salvo os combatentes; e pela parte de fora toda se semeia de estrepes de ferro, e de fojos tão cavilosos, que perigará nelles a maior vigilancia; occupa esta Cidade dilatado espaço, forma-se de mais de mil e quinhentas casas; ha entre elles Ministros de Justiça para as execuções necessarias, e todos os arremedos de qualquer Republica se achão entre elles:

E com serem estes Barbaros tão esquecidos de toda a sugeição, não perderam de todo o reconhecimento da Igreja; nesta Cidade tem Capella a que recorrem nos seus apertos, e imagens a que encommendão suas tenções, quando se entrou nesta Capella, achou-se uma Imagem do Menino Jesus muito perfeita; outra da Senhora da Conceição, outra de S. Braz; escolhem um dos mais ladinos, a quem veneram como a Parrocho, este os baptiza e os casa: porém o baptismo é sem a fórma determinada pela

Igreja, e os casamentos sem as singularidades, que pede inda a lei da natureza; o seu apetite é a regra da sua eleição; cada um tem as mulheres, que quer, ensinão-se entre elles algumas orações Christães, observão-se os documentos da fé que cabem na sua capacidade; o Rei que nesta Cidade assistia estava acommodado com tres mulheres, uma mulata e duas crioulas, da primeira teve muitos filhos, das outras nenhum; o modo de vestir entre si, é o mesmo que observão entre nós; mais ou menos emroupados conforme as possibilidades.

Esta é a principal Cidade dos Palmares, este o Rei que os domina, as mais Cidades estão a cargo de potentados, e Cabos Maiores que as governão, e assistem nellas: umas maiores, e outras menores conforme o sitio, e a fertilidade os convida, a segunda Cidade chama-se *Subupira;* nesta assiste o Irmão do Rei, que se chama o *Zona,* (1) é fortificada toda de madeira e pedras, comprehende mais de oito centas casas; occupa o vão de perto d'uma legua de comprido. É abundante de aguas porque corre por ella o Rio *Cachingi;* esta era a estancia onde se preparavão os negros para o combate de nossos assaltos: toda a cercavão fojos, e por todas as partes por vias aos nossos impulsos, estava semeada de estrepes; das mais Cidades e povoações darei noticia, quando lhe referir as ruinas.

Este é o inimigo que das portas a dentro destas Capitanias se conserva a tantos annos, a quem defendia mais o sitio, que a constancia; os damnos que deste inimigo nos tem resultado são innumeraveis; porque com elles periga a Corôa, e se destroem os moradores; periga a Corôa porque a seus insultos se dispovoavão os logares circumvizinhos; e se despejavão as Capitanias adjacentes; e deste

(1) Osengá?

damno infallivel se seguião outros inevitaveis, como era impossibilitar-se a conservação de todo Pernambuco; porque como occupão os Palmares do Rio de S. Francisco té o Cabo de S. Agostinho, ficão imminentes a Pojuca, Serinhaem, Alagôas Vna, Porto Calvo, S. Miguel, povoações donde se recolhem mantimentos para todas as mais Villas, e freguezias, que estão à beira mar; sem cujos provimentos ficão todas inconservaveis; porque os fruitos, que dão, são os de que mais se necessita: a saber: gados, farinhas, assucares, tabacos, legumes, madeiras, peixe, azeites.

Destroem-se os Vassallos, porque a vida, e honra, a fazenda, porque lha destroção, e lhe roubão os escravos, as honras porque as mulheres, filhas irreverentemente se tratão; as vidas porque estão expostos sempre a repentinos assaltos; Demais que os Caminhos não são livres, as Jornadas pouco seguras; e só se marcha com tropas, que possão rebater os seos encontros.

E parecendo facil destruir-se este damno, foi té agora impossivel conseguir-se este intento: porque depois da restauração destas Praças, vinte cinco entradas se fizerão aos Palmares, e malogrando-se nellas grandes cabedaes, a si da fazenda real, como da dos moradores, e perecendo muitos soldados, nunca se lhe enfraqueceram as forças; e para que conste com evidencia o grande cuidado que tem dado este negocio; e os grandes abalos que tem causado este empenho, refirirei o nome dos Cabos que lá fizeram entradas.

Despojados os Hollandezes destas Capitanias, que injustamente dominavão pelo memoravel Mestre de Campo General Francisco Barreto, cujo nome não só merece entalhar-se nos marmores da eternidade, mas tambem imprimir-se nas laminas da nossa memoria; pois foi o farol que

nas trevoas do nosso captiveiro, despedindo os raios do seu valor, que Hollanda sentio, nos conduzio ao porto seguro da liberdade, que hoje logramos; recolhendo-se restaurador de todas estas Capitanias, não quiz deixar de as remir ultimamente de todos os seus contrarios; e a si entre os parabens dos successos passados se acendeo o brio para os estragos futuros, e prevenindo perto de seiscentos homens com tudo o mais necessario para as marchas, os entregou á ordem do Capitão *André da Rocha* para que fizesse a primeira entrada por aquellas matas nunca dantes penetradas: entrou a gente, começou a desembaraçar os estorvos d'aquellas montanhas, e a buscar os habitadores d'aquelles desertos; porém como erão os Capitães, que entrarão, briosos, e os soldados resolutos, a discordia os desunio; do que tendo noticia o Mestre de Campo General mandou o Tenente *Antonio Jacome Bezerra* para continuar o empenho; o que fez com tanto acerto, que alcançou uma famosa victoria, em que acabaram muitos dos Palmaristas, e se captivaram quasi duzentos.

Este foi o primeiro estrago que sentiram aquelles paizes; esta foi a primeira fortuna com que se ensaiaram as nossas resoluções; este foi o ultimo applauso com que se coroou o Mestre de Campo General em Pernambuco; tendo a gloria de ser o unico restaurador destas Capitanias; e o renome de ser o primeiro conquistador dos Palmares.

Teve circumstancias de prodigiosa aquella victoria; porque n'aquelle tempo, as experiencias erão muito poucas, e a multidão dos negros era muito grande; julga-se sustentavão aquelles matos de dezeseis té vinte mil álmas; que com este feliz successo forão declinando, porque ficaram os segundos mais descobertos para as nossas entradas; e os negros mais timidos para os seus assaltos.

Entraram depois varios Capitães, Sargentos Móres, e Mestres de Campo, e todos mereceram louvor, porque sobre os trabalhos que padeceram, causaram damnos que se sentiram; e porque no breve deste papel não cabe a relação do que obraram sirva-lhes só a declaração dos nomes para gloria do que mereceram.

Entraram nos Palmares o Capitão-Mór *Sebaldo Luiz*, o Capitão *Clemente da Rocha*, o Capitão-Mór *Christovão Luiz*, o Capitão *José de Barros*, o Capitão-Mór *Gonsalo Moreira*, o Capitão Cipriano Lopes, o Capitão Manoel Rebello de Abreo, o Tenente Antonio Jacome, o Capitão Braz da Rocha, o Capitão Antonio da Silva, o Capitão Belchior Alvares, o Capitão Manoel Alvares Pereira, o Capitão Sebastião de Sá, o Capitão Domingos de Aguiar, o Capitão Francisco do Amaral, o Mestre de Campo Antonio Dias Cardoso, o Coronel Zenobio Acheoli; o Sargento-Mór Manoel Lopes.

Com todas estas entradas ficaram as nossas povoações destruidas, e os Palmares conservados; sendo a causa principal deste damno a difficuldade dos caminhos, a falta das aguas, o descomodo dos soldados, porque como são montuosas as serras, infecundas as arvores, espessos os matos, para se abrirem é o trabalho excessivo, porque os espinhos são infinitos, as ladeiras muito precipitadas, e incapazes de carruagens para os mantimentos com que é forçoso que cada soldado leve ás costas a arma, polvora, ballas, capote, farinha, agua, peixe, carne e rede com que possa dormir; com a carga, que os opprime, é maior que o estorvo, que os impede; ordinariamente adoecem muitos, assim pelo excesso do trabalho, como pelo rigor do frio; e estes ou se conduzem a hombros, ou se desamparão ás feras; e como os negros são senhores daquelles matos, e

experimentados naquellas serras. o uso os tem feito robustos naquelle trabalho, e fortes naquelle exercicio; com que nestas jornadas nos costumão fazer muitos damnos, sem poderem receber nenhum estrago, porque encobertos dos matos, e defendidos dos troncos se livrão a si, e nos maltratão a nós.

Este era o estado em que achou os Palmares D. Pedro de Almeida, quando entrou a governar estas Capitanias; e como os clamores do perigo commum, e a guerra da insolencia dos negros era geralmente lamentada de todos os moradores; logo tratou de acudir ao remedio daquelles Povos, e de conquistar a soberba daquelles inimigos; e dispondo com ordens as povoações de Sirinhaem, Porto Calvo, Vna, Alagôas, e rio de S. Francisco: mandou prevenir carnes e farinhas, para as levas que queria mandar; determinou a gente que das mesmas freguezias se havia de tirar, ellegeo os soldados pagos que havião de entrar, prevenio botica, Cirurgião, religiosos e tudo mais que era necessario para a jornada, o que tudo entregou á ordem do Sargento-Mór *Manoel Lopes*, cuja experiencia, zelo, e valor prometteo bom successo as esperanças que nelle se fundaram.

Achou-se na Povoação do Porto Calvo em 23 de Septembro de 1675, com 280 homens entre brancos, mulatos, e indios; em 21 de Novembro partio para os Palmares, onde foram grandes os trabalhos, excessivas as necessidades, e continuos os perigos que se padeceram até 22 de Dezembro em que se descobrio uma grande Cidade de mais de 2,000 casas, fortificada de estacada de páo a pique, e defendida com 3 forças e com somma grande de defensores, prevenidos com todo o genero de armas, e depois de se pellejar de uma e outra parte mais de 2 1/2 horas, larga-

ram os nossos soldados fogo a algumas casas, que como são de materia capaz de incendios começaram a arder e os negros a fugir. Deram sobre elles, mataram muitos, feriram não poucos e prederam 70; ao dia seguinte se encorporaram outra vez os negros, e reconhecido pela nossa parte o sitio, foram investidos, renhio-se fortemente com damno consideravel dos Palmaristas; até que no seu retiro tiveram o seu remedio; Assistio o Sargento-Mór com arrayal formado perto de 5 mezes entre os segredos asperos daquelle sertão padecendo indesiveis miserias, excessivos trabalhos, e fomes grandes; campeando sempre aquellas espessuras: grande fructo se colheo desta assistencia do arrayal, porque timidos os negros de tão proxima vizinhança mais de 100 peças se recolheram ao povoado buscar seus senhores.

Nestas esperas alcançou por noticias o Sargento-Mor, que se tinhão passado os negros 25 leguas além dos Palmares entre as fragosidades de uns carreiros tão espinhosos e bravos, que parecião incontrastaveis a toda a resolução; porém não os apatrocinou ainda assim a asperesa, porque assaltados dos nossos ficaram muitos mortos, e os mais fugiram, aqui se ferio com uma bala ao General das Armas, que se chamava o *Zambi*, que quer dizer Deus da guerra, Negro de singular valor, grande animo, e constancia rara. Este é o espectador dos mais, porque a sua industria, juizo e fortaleza aos nossos serve de embaraço, aos seus de exemplo, ficou vivo, porém alejado de uma perna.

Chegaram estas novas com o Sargento-Mór a D. Pedro de Almeida, e comprehendendo dos Palmares o sitio, das entradas o perigo, dos soldados o descommodo, dos negros a resolução, das cidades a fortaleza, com madureza grande e zelo maior tratou de dar ultimo fim aquelles ini-

migos, e prevenindo todos os estorvos, que os successos passados lhe tinhão descuberto com singular resolução, tomou a seu cargo esta empresa, e tendo noticia que na Capitania de Sergipe d'el-Rei pertencente ao governo geral da Bahia, assistia o Capitão-Mór Fernão Carrilho a quem a fama tinha feito conhecido nestas Capitanias de Pernambuco, pelos successos felizes, que no Sertão da Bahia tinha conseguido, destruindo os Mocambos e Aldêas dos Tapuyas que infestavão aquellas partes, cujo valor e experiencia foi a causa da quietação e segurança, que hoje logra aquella cidade, e seus arredores, pois já estão os caminhos livres, os engenhos seguros, as fazendas sem receios, òs gados quietos, e os moradores gostosos, sendo neste empenho tão intentado de muitos, e não conseguido de nenhum, o seu assumpto o serviço de sua Alteza, e não o interesse de suas conveniencias, porque é patente a todo o Brasil, que nestas occupações destroçou o seu cabedal. e não recolheo nenhum emolumento, achando-se por bem pago das victorias que alcançou com o nome e gloria que universalmente mereceo.

A este Capitão-Mór escreveo apertadamente D. Pedro de Almeida para lhe entregar a Commissão deste negocio tão consideravel; aceitou com gosto a empresa, e convidando *alguns* parentes e alliados seus partio logo para Pernambuco a avistar-se com D. Pedro; e conhecendo D. Pedro nelle valor, e experiencia, e satisfeito da pratica com que discorria sobre os Sertões, escreveo logo a todas as Camaras destas Capitanias, para que dessem o concurso necessario ao intento que determina conseguir; empenhou juntamente com cartas aos homens nobres e principaes das povoações circumvizinhas aos Palmares, applicando-lhes a gloria daquella fação; estimulando-os com a honra daquella empresa.

Muito facilitou as Camaras, e a nobresa daquellas povoações a cortez industria com que D. Pedro se mostrou independente da gloria do ultimo successo, e juntamente a isenção singular do desinteresse com que lhes escreveo, que a Joia que se costumava dar aos Governadores, elle lha offerecia para premio do seu trabalho: e só queria ter parabem de ver livre estas Capitanias dos sobresaltos continuos, e dos perigos iminentes em que fluctuavão para a sua ruina; e que o seu intento todo era o serviço que nesta materia resultava a Deus, e a Sua Alteza, e o socego a seus vassallos; pois ao contrario se seguião duas monstrosidades indignas de se publicarem no mundo, a primeira levantarem-se com o dominio das melhores Capitanias de Pernambuco, negros cativos, a segunda era dominarem a seus proprios senhores seus mesmos escravos.

Forão estas razões pelo que levaram de cortezia e zêlo, efficazes motivos para obrigar os animos dos que as leram, e poderosos empenhos para rebater os impedimentos, que se lhes oppuzeram; porque no mesmo tempo, que despedia D. Pedro avisos para o que se intentava, se despachavão correios, para estorvar o que se pretendia, sendo toda a causa desta contrariedade difficultar a empresa. ou reservar o successo para opportunidade, que mal fundadas esperanças fingião; querendo assim indignamente negar a gloria a quem tambem dispunha os meios, porém a verdade da causa desarmou as tiras da inveja, que ordinariamente prevalece mais o zelo para as empresas, que os enganos para o estorvo.

Dispostos desta sorte os animos, prevenidos pelas Camaras os bastimentos, assignalando-se entre todas a da Villa de Olinda, e a da Capitania de Porto Calvo, porque aquella

assistio com dous mil cruzados, e esta com 500$000, e as mais com o que poderam.

Partio desta praça do Arrecife, e da presença de D. Pedro, Fernão Carrilho levando todas as ordens necessarias para a empresa, e todas as disposições convenientes para o intento. Causa principal do bom successo que se conseguio: porque no lançamento das primeiras linhas consiste a perfeição da melhor fabrica, e como se tinha empenhado D. Pedro em sahir á luz com este emprego, estudou muito particularmente o modo com que se havia de fazer a guerra servia-lhes alguns desacertos das levas passadas, de prevenção para o acerto das esperanças presentes, todas as pessoas que tinhão alguma experiencia daquellas montanhas consultou, para colher de todas a resolução mais certa para as direções, e assim foi o regimento, mais acertado ao sitio, e mais nocivo aos inimigos, que até ao presente se tinha feito, e como entendeo que a causa principal para se conseguir este fim, consistia, em perpetuar arraial no coração daquelles desertos, para delles se fazerem assaltos, e terem sempre inquietos os negros; ordenou a Fernão Carrilho, que todo o seu cuidado havia de se perseverar, e persistir com arraial fortificado dentro dos Palmares; e como este empenho era o mais difficultoso desta conquista, porque a experiencia tinha mostrado ser impossivel assistir naquelle sertão; pelos frios excessivos, grandes descommodos, faltas de mantimentos que se não podem prevenir lá em cima, e são difficultosos de conduzir das povoações de baixo. Attendendo a tudo D. Pedro com singular providencia dispoz pelas povoações circumvizinhas os mantimentos, de sorte que não faltassem a seu tempo aos assistentes no arraial.

Com todos estes dictames, conselhos e ordens partio

Fernão Carrilho para a Capitania do Porto Calvo, onde o estava esperando a gente que se tinha conduzido das mais freguezias; que segundo a ordem de D. Pedro havião de ser quatrocentos homens: achou Fernão Carrilho muito menos, e feita resenha contaram-se cento e oitenta e cinco, entre brancos e Indios do Camarão; era tão pouco este numero para a multidão dos negros, que difficultou a Camara de Porto Calvo se era conveniente fazer-se a entrada: porém como Fernan Carrilho tinha conhecido bem o empenho de D. Pedro, atreveo-se a todas as difficuldades, e pedindo se fizesse algum acto de religião para que patrocinasse o Céo a jornada. Cantou-se solemnemente uma Missa a que assistio a nobreza daquella Villa e todos os que havião de entrar naquella Campanha.

Aos vinte um de Septembro de seis centos e setenta e sete fez o primeiro passo para os Palmares, Fernão Carrilho sahindo da Villa acompanhado té entrar no mato do Capitão Alvares, Christovão Lins, e seu Irmão Sibaldo Lins como mais experimentados n'aquellas *manhas*, e mais interessados na boa fortuna que se esperava; Fernão Carrilho então juntando todos os soldados que levava comsigo: lhes disse: que o numero não dava nem tirava o animo aos valorosos, que o valor proprio só faria animados os soldados; que posto a multidão dos inimigos era grande, era multidão de escravos, a quem a natureza, criou mais para obedecer, que para resistir; que os negros pelejavão como fugidos, que elles os ião buscar como Senhores; que as suas honras estavão perigosas pelos seus desmanchos; snas fazendas pouco seguras pelos seus roubos, suas vidas muito arriscadas pelos seus atrevimentos, que nenhum dos que o acompanhavão defendião o alheio; e todos pelejavão pelo proprio; que era grande discredito para

todo Pernambuco, servir-lhe de açoute, os mesmos negros, que por elles foram muitas vezes açoutados; que só mudavão da guerra o modo, e não o uso; por tantos annos estiveram com as armas nas mãos sempre contra Hollanda, e inda hoje estavão do mesmo modo contra os Palmaristas; que se o modo de guerrear era diverso por não ser em Campanha, era tambem mais facil por ser de assaltos; que elle não queria do seu trabalho outro premio mais que o bom successo; quem mais *semeasse* mais recolheria: porque as presas para elles havião de ser: que o Governador D. Pedro nem joia queria para si: que a sua melhor joia era a gloria de fazer este serviço a Sua Alteza, e de livrar de tão consideraveis damnos estas Capitanias; e que se destruissem os Palmaristas terião terras para a sua cultura, negros para o seu serviço, honra para a sua estimação; que o seu intento era ir buscar o maior poder, porque queria ou acabar, ou vencer; porque do contrario se seguiria terem os negros noticia do pouco poder, que levava, e zombarem da guerra que lhes fazia:

Receberam todos os Soldados com bom animo estas razões, e logo partiram em demanda da Cerca de *Aqualtune*, este é o nome da mae do Rei, que assiste em um Mucambo fortificado, trinta leguas distante do Porto Calvo ao Noroeste, contavão-se então quatro de Outubro; tanto que do Mucambo se sentio a nossa gente precipitadamente desampararam a Cerca, deram sobre elles os nossos, mataram muitos, e sorprenderam nove, ou dez; a mãe do Rei nem viva, nem morta appareceo, e passados alguns dias, se achou a Dona que a acompanhava morta.

Servio este successo de nos dar Guias, e noticias porque pelos prisioneiros constou de certo que estava o Rei *Gangazumba* com seu Irmão *Gana Jona*, e todos os mais poten-

tados, e Cabos maiores na Cerca Real chamada *Subupira;* occupa este Mucambo uma grande Cidade muito fortificada na distancia de tres montes, de páo a pique com batarias de pedra, e madeira; distante da Cidade Real cinco ou seis leguas, da Villa de Porto Calvo quarenta e cinco; servia então de praça d'armas, e nella intentava o Rei esperar a nossa gente, para se defender em fórma de batalha.

Aos nove de Outubro partio Fernão Carrilho para a Cerca de *Subupira*, e prevenidos do necessario foi abrindo aquelles matos, té que chegou a ter vista da Cidade, onde mandando fazer alto com todo o silencio, e socego, despedio oitenta homens a descubrir as circumstancias da Cerca, situação da Cidade, e fortaleza das estacadas; voltaram os exploradores dizendo que tinha o inimigo lançado fogo á Cidade, e que só as cinzas erão demonstração da sua grandeza; com que se entendeo que tendo os Negros noticia pelos fugitivos de *Acatirene*, que Fernão Carrilho os buscava, quizeram mais arruinar a Cidade que por em perigo as pessoas: apoderou-se deste sitio a nossa Gente, nelle formou arraial, fortificou-se em baterias, e deo-lhe o titulo de *Bom Jesus. e a Cruz;* titulo que elegeo para padrão da sua fortuna, e mandou que se invocasse em todos os successos, e encontros; d'aqui despedio dous soldados a dar noticia ao Governador D. Pedro de tudo o antecedente; pedindo-lhe soccorro de gente, e de mantimentos, pois n'aquelle sitio determinava fazer assento; despedidos os Correios, ordenou uma tropa para bater aquelles matos, e combater aquelles inimigos; vagando pelo inculto d'aquellas asperezas em descubimento dos Negros; passados oito dias na esperança de alguma fortuna se recolheram desunidos, e amotinados, com falta de vinte cinco homens, que ao rigor do trabalho se retiraram fugitivos, d'ahi a poucos dias des-

apareceram outros vinte cinco podendo mais o desabrido do sitio para os levar, que o brio da empresa para os deter; com que se achou no arraial Fernão Carrilho com 130 homens.

Chegados os avisos a D. Pedro, e convocando a conse'ho os Cabos Maiores da praça, poz em pareceres a fórma que havia de seguir no soccorro, que Fernão Carrilho pedia; para conseguir o fim que se intentava, e continuar no sitio em que se aquartelára; resolveram todos, que despedisse um Cabo Maior deste exercito com trinta soldados pagos a fazer gente pelas povoações circumvizinhas, e para lhe enviar os mantimentos necessarios para o arraial; votaram todos na pessoa do Sargento-Mór Manuel Lopes, porque a experiencia d'aquelle negocio, o tinha bem opinado no conceito geral de todos.

Partio o Sargento-Mór com trinta homens e fez alto nas Alagôas para a expedição da gente, e dos mantimentos; acção foi esta em que luzio muito o zelo de D. Pedro, e o empenho desta conquista; porque como desejava levar as novas desta fortuna sollicitou os meios mais acertados para conseguir esta felicidade.

Animou-se muito o arraial tanto que teve noticia do cuidado com que o Governador lhe prevenia o necessario para o sustento, e lhe multiplicava os companheiros para o trabalho; despedio então Fernão Carrilho cincoenta soldados á obediencia de tres Capitães Gonçalo Pereira da Costa, Mathias Fernandes, e Estevão Gonçalves, a discortinar os segredos d'aquelles bosques; os guias seguindo uma trilha que descobriram tiveram um famoso encontro com os negros, que estavão juntos, de que conseguiram uma memoravel victoria; em que perecerão muitos, e se prenderam cincoenta e seis; entrando nelles por prisioneiro o

Ganga muisa mestre de Campo da gente de Angola; era este grande Cossario, muito soberbo, e insolente; foi tal o estrago nesta occasião, que se avaliou o successo mais por favor do Céo, que por esforço dos soldados; acabaram nelle os Cabos de maior fama: como foram Gaspar Capitão da Guarda do Rei, João Tapuya Ambrosio ambos Capitães afamados e outros a quem a ignorancia dos mesmos sepultou em perpetuo esquecimento; o Rei fugio com alguma gente que se livrou do assalto.

Tanto que a noticia deste feliz successo bateo as portas do nosso arraial foi grande o alvoroço que elegeo a todos, e maior a resolução com que se animaram para a empresa; logo se espedio outra leva, a cargo dos capitães Estevão Gonsalves, e Manoel da Silveira Candoro; e em espaço de vinte e dous dias aos onze de Novembro tiveram noticia que o Rei estava encorporado com o Amaro no seu Mucambo; é este Amaro celebrado naquelles Palmares, e timido nas nossas povoações; habita nove leguas distante de Serinhaem, occupa o sitio perto uma legua de distancia, inclue mil castas o Mucambo. Aqui se dava por seguro o Rei, porém aqui o foi descobrir a nossa vigilancia; tanto que a nossa gente soube de certo, que nelle estava o Rei: com tanto impeto investiram o Mucambo, que fizeram um notavel estrago, trouxerão vivos ao arraial quarenta e sete peças; duas negras forras, e uma mulatinha filha natural de um morador nobre de Serinhaem, que tinha sido roubo dos mesmos negros; captivaram o *Acajuba* com dous filhos do Rei, um macho chamado Zambi; e outro por nome *Acainene*, e entre netos e sobrinhos do mesmo Rei que se captivaram serião vinte; pereceo o *Tuculo* filho tambem do Rei, grande Cossario, e o *Pacassa* poderosos Senhores entre elles; o Rei do furor dos nossos Ca-

pitães se retirou fugindo, tão arrojadamente que largou uma pistola dourada, e a espada de que usava; e foi voz geral que uma frecha o ferira com o ferro, e o fizera voar com as penas de todos os negros que se conglomeraram com o Amaro a maior parte acabou á nossa furia, a outros salvou a sua ligeireza.

Recolhidos ao arraial estes capitães com as noticias do Rei ferido, acendeo-se o animo dos nossos; e em seu seguimento sahio outra leva de cincoenta homens, e quatro capitães a saber, José de Brito, Gonçalo de Siqueira, Domingos de Brito e Gonçalo Reis de Araujo discorreram estes pela vastidão daquelles matos em seguimento das reliquias do Mucambo do Amaro, não tiveram do Rei noticia; porém tiveram encontro com uma tropa, que o terror de nossos assaltos trazia atemorisada sem domicilio certo, nem descanço seguro, porque como delirava a cabeça do Rei entre os continuos riscos, que os assaltavão discorriam os Vassallos por aquellas brenhas sem ordem, e sem governo; captivaram trinta e seis peças, mataram muitos, entre os mortos se conheceo o Gone potentado entre elles; e atrevido entre nós.

Logo sahio o Capitão Mathias Fernandes com vinte homens pela outra parte dos Mucambos, e grassando aquelles contornos, descobrio alguns que andavão vagos sem se atreverem a fazer assento certo; forão materia ao nosso estrago, e ficaram presos quatorze.

Como a fortuna estava favoravel aos nossos intentos, todos os soldados receiavão sahir aos encontros, para se recolherem com despojos, esta foi a causa porque ia com menos prevenção se espalhavão por aquellas asperesas como dominadores, e não como estranhos, e assim o Capitão Mathias Fernandes com a sua tropa, sahio animoso

e recolheo-se animado, porque aos fios da sua espada se atavão vinte e um presos, e ficaram por ella enfiados muitos mortos; o mesmo succedeo aos Capitães Antonio Velho Tinoco, e Felippe de Mello de Albuquerque, os quaes lançando-se para a parte do Mucambo do Amaro, se recolheram com presas, e ficaram alguns com damno.

Neste mesmo tempo que o nosso arraial estava dominante n'aquellas brenhas, cujas vias incultas nunca foram examinadas por outros passos, de tal maneira se facilitaram as nossas tropas na divagação d'aquelles desertos, que grassavão tão confiados, que não receavão ser offendidos tudo vence o valor, tudo contrasta a deligencia; tudo facilita a constancia, d'aqui se colhe por ditame certo, que nenhum trabalho é insuperavel á resolução intrepida; e nenhuns soldados repugnão a perigos formidaveis se lhes presidem corações animosos: como D. Pedro era a alma que alentava esta empresa, do seu brio aprenderão os Soldados a serem constantes, do seu zelo a serem deligentes, da sua vigilancia a serem cuidadosos; da sua disposição a serem prudentes: com todas estas influencias do Governador D. Pedro se conseguio em quatro mezes, o que se intentou ha muitos annos; pareceo o successo por maravilhoso, lisonja que a fortuna lhe quiz fazer; e pesada bem as circumstancias foi a certo que a prudencia soube dispôr; mais custou a disposição que o successo, pois gastando D. Pedro tres annos em lavrar estes impossiveis, colheo em quatro mezes o fruito destes trabalhos: não deixa de emular esta acção prodigiosa a restauração singular destas Capitanias; só digo que se na primeira se venceo um inimigo, que de fóra nos veio conquistar, nesta se superou outro que das portas a dentro nos dominava.

Neste tempo que se contavão vinte e nove de Janeiro de

mil seis centos e setenta e oito sahio do Arraial do *Bom Jesus e a Cruz*, Fernão Carrilho com um soldado menos que morreo, e com alguns feridos que mandou curar, e recolheo-se na Villa de Porto Calvo, dando por destruidos os Palmares, e por vencidos os Negros. Foi recebido com todas as demonstrações do a plauso, e com todos os parabens que merecia triumpho tão desejado; e como na tropa dos negros, que se captivaram na guerra se conhecesse um negro por nome *Mathias Dambi*, e uma negra Angola por nome Magdalena, já de maior idade, que era sogro d'um dos filhos do Rei, Fernão Carrilho dando-lhe o necessario para o provimento da viagem, os mandou se fossem em boa hora a buscar os seus companheiros, e lhes dissesse, que o seu arraial ficava fortificado, e que se não rendessem todos ao Governo de Pernambuco, logo havia de tornar a consumir, e a acabar o Rei e as reliquias que ficaram; com este recado partiram os dous velhos; e com a mais tropa a si de soldados como negros e com a Camara e mais Nobreza, e povo da Villa, e seus contornos, se foi para a Capella do Bom Jesus, onde se cantou solemnemente uma Missa em acção de graças do felicissimo vencimento com que se dominaram aquelles inimigos; e com que se contrastaram aquelles impossiveis; que na opinião dos cursantes d'aquelles matos, e dos experimentados n'aquellas montanhas, foi o successo mais beneficio que o Céo nos fez, que fortuna que o valor conseguio.

Logo conforme a ordem que levava Fernão Carrilho do Governador D. Pedro se separarão os quintos para sua Alteza, e as mais peças se repartiram pelos soldados; feita a repartição por seis homens desinteressados, com que ficaram os soldados satisfeitos do trabalho, que padeceram, e contentes do desinteresse que enxergavão. Acção foi esta

de grande credito para o Governador D. Pedro, pois nella se conheceo publicamente o seo intento que era fazer a Sua Magestade este serviço tão grande, como libertar estas Capitanias do jugo tyranno, que as opprimia, sem esperança outra mais que a gloria de a conseguir.

Nesta mesma occasião chegou aviso em como uma tropa que tinha despedido o Sargento-Mór Manuel Lopes, que assistia nas Alagôas para a condução dos Mantimentos a cargo de João Coelho, e Manuel de S. Paio, para correr os Campos de S. Miguel, topára com uma marcha de negros retirando-se dos assaltos do arraial; deo a tropa sobre elles prenderam quinze e mataram muitos; pelos prezos souberam que encaminhava aquella leva, o *Gana Iomba*, Irmão do Rei negro valoroso, e reconhecido d'aquelles brutos como Rei tambem.

Logo chegou outra noticia que o Capitão Francico Alves Camello, com cento e trinta homens se espalhára pelos mesmos Campos, com despezas de sua fazenda, e zelo do serviço de Sua Alteza e nelles gastára de assistencia perto de tres mezes, e pelo Rio de Mondau, que lava as faldas a dous Montes altos, e incultos encontrára com uma tropa de negros, escondidos entre os rochedos, e matos, que o Rio e Montes fazem, porém como foram os nossos sentidos, escaparam os mais, e morreram alguns.

Todas estas noticias chegaram a D. Pedro de Almeida juntamente com Fernão Carrilho, o qual foi recebido com os parabens e alegrias geraes que pedia successo tão favoravel a todo o Pernambuco: e tomando D. Pedro informação particular do que restava nos Palmares, alcançou que as Cidades principaes, Cabos, e a melhor gente de guerra ficava morta e destruida, e que algum resto que ficava em companhia do Rei andava espalhado esperando a

sua ultima ruina; voando então de uma prudente industria e razão de estado, mandou um Alferes doutrinado na disciplina d'aquellas montanhas; que subisse aquelles desertos, e dissesse aos negros, que ficava preparando Fernão Carrilho para voltar a destruir as pequenas reliquias que tinhão ficado; e que mandava discorrer todo aquelle Sertão, para que nenhum habitador delle ficasse com vida; que se elles quizessem viver em paz com os Moradores, elle lhe asseguraria em nome de Sua Alteza toda a união, e bom tratamento, e lhes assinalaria terras para a sua vivenda, e lhes entregarião as mulheres, e filhos que em nosso poder estavão.

Passados todos estes successos, alegres os povos com estes triumphos, livres os soldados destas marchas, soccegados os moradores destes insultos, e recebendo D. Pedro os vivas, e parabens desta tão singular fortuna, correram os mezes seguintes de Abril em que largou o Governo destas Capitanias a Aires de Sousa e Castro seu successor; em cujos dias brevemente se confirmou a verdade desta relação; e lhe tocou parte da gloria que D. Pedro soube dispor.

Porque aos 18 de Junho do mesmo anno em um sabbado á tarde, vespora do dia em que na Parochial do Arrecife se celebrava a festa do nosso Portuguez S. Antonio, entrou o Alferes que tinha mandado D. Pedro aos Palmares com aviso, acompanhado de 3 filhos do Rei com 12 negros mais, os ques se vieram prostrar aos pés de D. Pedro de Almeida com ordem do Rei para lhe renderem vassalagem, e pedirem a paz que desejavão disendo que só elle podéra conquistar a dificuldade dos Palmares, que tantos Governadores e Cabos intentaram, e não conseguiram; que se vinhão offerecer a seu arbitrio, que não querião mais guerra,

que só procurão salvar as vidas dos que ficaram, que estavão sem Cidades, sem mantimentos, sem mulheres, nem filhos; e que disposesse dos que restavão como a sua nobreza e gosto determinasse.

Notavel foi o alvoroço que causou a vista daquelles barbaros; porque entraram com seus arcos e flechas; e uma arma de fogo, cubertas as partes naturaes como costumão uns com panos, outros com pelles, com as barbas, uns trançados, outros corridos, outros rapados, corpulentos, e valentes todos; a cavallo vinha o filho do Rei, mais velho, porque vinha ferido da guerra passada; todos se foram prostrar aos pés de D. Pedro de Almeida, e lhe bateram as palmas em signal do seu rendimento, e em protestação da sua victoria; alí lhe pediram a paz com os brancos.

D. Pedro recebendo-os com grande demonstração de alegria, não querendo adoptar a si aquelle applauso, os remetteo logo ao Governador Aires de Sousa para que tivesse tambem a gloria daquelle rendimento; prostaram-se todos a seus pés, disendo que não queriam mais guerra, que o Rei os mandava sollicitar a paz, que se vinhão sugeitar ás suas disposições: que querião ter com os Moradores Commercio, e trato, e querião servir a Sua Alteza no que lhes mandasse, que só pedião a liberdade para os nascidos nos Palmares, que entregariam os que para elles tinhão fugido das nossas povoações, que largariam os Palmares, que lhes assignasse sitio onde podessem viver a sua obediencia.

Grande foi o gosto com que o Governador Aires de Sousa recebeo estes negros, e singular complacencia com que se vio adorado destes inimigos; tratou-os com summa afabilidade, fallou-lhes com grande brandura, e prometteo-

lhes grandes seguranças; mandou vestir alguns e adornalos de fitas varias, com que ficaram os negros contentissimos; e o povo todo geralmente applaudio de D. Pedro a fortuna, de Aires de Sousa a benevolencia.

Ao dia seguinte que se contavão 20 de Junho, entraram na Igreja Matriz do Arrecife Aires da Cunha e Castro, e D. Pedro de Almeida levando diante de si a tropa dos negros a dar a Deus as graças e ao glorioso S. Antonio da mercê que nos fisera em conseguirmos a vassalagem daquelles barbaros; estava a Capella Mór da Igreja ricamente de sedas adornada, o Sanctissimo exposto em um throno vistosamente perfeito, muito farto de luzes, e mui brincado de adornos; e mandando-os prostrar o Governador Aires de Sousa todos adorão ao Senhor; e todos admiraram a pompa.

Aqui foi o applauso avantejadamente crescido, porque todos concorreram a ver aquella novidade: grandes, pequenos, brancos, negros e todos com seus clamores e tumultos multiplicaram a gloria da festa do dia, e acrescentaram o applauso dos rendimentos presentes; quiz o Governador que logo se baptisassem, para que com a nova vida da graça, começassem a lograr os novos beneficios da paz: e posto que os negros mesmos desejavão receber o baptismo, foi necessario diffirir-se para mais opportuna occasião; para que com mais cuidado se impenhassem no intento a que vinhão; e com maiores informações recebessem o sacramento que procuravão. Cantou-se solemnemente a Missa, subio ao pulpito o Vigario da mesma freguesia, e não faltou a dar a Deus as graças, que se lhe devião, nem a S. Antonio as glorias que lhe redondavão, nem aos 2 Governadores os parabens que estavão merecendo.

Ao dia seguinte convocou o Conselho, o Governador, para se discutir a resolução mais conveniente que se havia de seguir; para a segurança da paz que se pretendia; acharam-se em palacio D. Pedro de Almeida, o Ouvidor Geral Lino Camelo, o Provedor da Fazenda real João do Rego Barros, o Sargento-Mór Manoel Lopes, e o Sargento-Mór Jorge Lopes Alonso; propoz Aires de Sousa a petição do Rei dos Palmares, em que pedia, paz, liberdade, sitio, e entrega das mulheres; D. Pedro de Almeida como tinha manoseado todo este negocio, e tinha experimentado as difficuldades da conquista, votou com singular acerto, a que todos os mais que estavão presentes se sujeitaram; foi o seu parecer, que lhes dessem para vivenda o sitio que elles apontassem, e a paz para sua habitação, e plantas; que se assentasse a paz; e que o Rei se recolhesse a habitar o logar determinado; que fossem livres os nascidos nos Palmares; que teriam commercio, e trato com os moradores; e que lograriam os foros de Vassalos de Sua Alteza; e reparando-se no Conselho se seria o Rei *Ganga sumba* poderoso para condusir alguns cossarios, que vivião distantes das suas cidades, respondeo o filho, que o Rei condusiria a todos ao nosso dominio, e quando algum por rebelde repugnasse a sua e nossa obediencia elle o conquistaria, e daria guias para as nossas armas o desbaratarem.

Com estas advertencias se assentou a paz, e se concluio o Conselho, de que tudo mandou o Governador Aires de Sousa fazer papel, para que os negros levassem por escripto, o que se tinha tractado por conferencia; e assim os despedio a cargo de um Sargento-Mór do terço de Henrique Dias que sabia ler e escrever, para que lesse e declarasse ao Rei e aos mais o tractado de paz; reservando o Governador 2 negros para que ficassem em companhia do filho

do Rei, que não estava capaz de fazer viagem pela ferida que trouxera; a este mandou assistir com todo o cuidado para a cura; e aos mais como necessario para o sustento.

Esta é a relação da ruina em que vieram cair os Palmares tão temidos nestas Capitanias, e tão poderosos na sua opinião, chegou-lhes o tempo da sua declinação, para ter Sua Alteza a gloria do seu vencimento; que como se julgava impossivel pelas difficuldades, deve recrescer na estimação pela fortuna; já se correm livres aquellas montanhas, que até agora eram impenetraveis a toda a diligencia; já se dão os moradores por seguros, as fazendas por augmentadas, os caminhos por desempedidos; e sendo este triumpho para Sua Alteza de grandes rendimentos, não foi esta campanha para sua real fasenda de nenhum custo; porque sem desembolço, nem despesa do seu cabedal, se agmentou com o lucro dos quintos, que se cobraram e com a esperança de multiplicados augmentos que se podem colher; por serem aquelles sertões ricos de excellentes madeiras com vargeas fortissimas para engenhos, e pastos estendidos para gados.

Agora é que concluio a restauração total destas Capitanias de Pernambuco, porque agora se achão dominantes do mesmo inimigo, que dos portos a dentro as inquietava a tantos annos; com tão felizes successos que aquelles mesmos que nos destroião com suas armas, nos promettem servir com seus trabalhos. Toda felicidade desta gloria, toda a gloria desta conquista soube merecer o zelo generoso: e a prudencia singular de D. Pedro de Almeida, que não reparando em nenhum impossivel se dispoz a conseguir esta fortuna; seu nome será eterno na lembrança dos filhos de Pernambuco; seu valor aclamado nas incultas montanhas dos Palmares, seu aplauso estendido nos perpetuos brados da fama.

RELACION

DE LA VICTORIA QUE LOS PORTUGUESES DE PERNAMBUCO ALCANÇARON DE LOS DE LA COMPANIA DEL BRASIL, EM LOS GARERAPES, A 19 DE FEBRERO DE 1649.

Las acciones grandes son más para admiradas, que para repetidas; porque aquello que tiene de mayores, haze que no puedan refirir se como ellas son. Es dificil escrivir el engenio con la pluma, lo que el valor obra con las armas: una forma sus caracteres con la tinta, yotras los imprime con la sangre. Pero esta dificultad, no es poderosa, para que la verdad, como alma de los sucessos, dexe de publicarlo o brado, ya para el exemplo, ya para el aplauso, pues tanto, y aun más, nos incitan las historias presentes, que las passadas. Tienem estas de vividoras, lo que aquellas de espantosas: y seria offender la memoria de tan gloriosos hechos, sí el recelo de no ser igual lo escrito a lo obrado, los dexasse sepultados en eterno olvido.

La victoria que los Portugueses alcançaron ultimamete de los de la Compañia de Olanda en Pernambuco, es de las que merecen eternizar se; pues por grande la juzgaran milagrosa. Y en effeto lo parece, se consideramos, que tan inferior numero de gente, desnuda, desproveida, y desemparada, venciesse, y desbaratasse a un poderoso exercito, governado por muchos, y expertos Cabos, cuyas esperanças no eran menores, que la entera conquista de toda aquella campaña.

Y porque las relaciones, que della publicaron los proprios enemigos, se hallan diminutas, y sin aquellas circunstancias que la pueden hazer util, y gloriosa, repitiré com senzillez, y sin affecto, la verdad de lo sucedido, para

que se conosca no solo el valor, y resolucion de aquellos Portugueses, pero los repetidos fabores, con que el cielo acompana de continuo sus armas, y sus victorias.

Aviendo los navios, que la Compañia de Olãda trae en el Brazil, quemado algunos molinos de Assucar, en la Bahia, dezenganãdo su General de lo poco que podia obrar contra aquella plaça, y costas, se retiraron al Recife. Y deseoso el Coronel Brinch, que governava las tropas, que alli se hallavan, de obrar alguna accion digna de su valor, se resolvió a salir en campaña, y acabar de una vez con los Portugueses, que la señorean. Ayudôle este pençamiento la informacion que le dieron diez Italianos, huydos del arrayal Portugues al Recife, affirmando-le, que los Portugueses eran poco más de dôs mil hombres, y essos sin moniciones, ni bastimentos. Pero el General Sigismundo, hombre de gran valor, y experiencia, y que se havia hallado en las mayores emprezas de aquelle Estado, le procuró dissuadir el intento, assigurando-le, que seria desbaratado, y roto, se quiziesse pelear con los Portuguezes en la campaña; porque conocia su resolucion, como el avia experimentado en la rota que le dieron a 19 de Abril del año passado, adonde fuera tan mal herido, que aun estava incapaz de poder tomar las armas. Representó-le como la gente que tenia en su exercito era la mayor parte inexperta, y de varias naciones, y que los Portugueses peleavan como desesperados: que si en los principios de aquella guerra, bastava solo el nombre de Olandes, para intimidarlos, tenia conocido, que solo la vista de los Portugueses le desbarataria: que su parecer era, dexar perecer aquella gente de hãbre, pues carecia de todo, ó aguardasse mayor socorro de Olanda, para hazer mais sigura la victoria. Mas el Coronel Brinch, obstinado en su resolucion, sin atender a lo

acertado de aquel consejo, se dispuso a la empresa, y para mostrar la seguridão que tenia de su buen sucesso, apostó una suma de dinero con el General Sigismundo, que avia de salir vencedor, aun que le mostró la experiencia, que no sole fue vencido, mas perdió la apuesta con la vida.

Salió pues del Recife jueves por la manãna a 18 de Febrero, con más de quatro mil hombres, a saber 3,500 Soldados de los sinco Tercios, de que eram Maesses de Cãpo, el mismo Coronel Brinch, que los gobernava, Vandebrand, Auten, Oltz, y Greveer; 200 Indios, y por su Regidor Pedro Poty, dos companias de negros, y 300 Marineiros, cõ seis pieças de campana, y el bagage necessario. Dividió todo el exercito en nueve batallones, y marchando hasta los oteros de los Garenapes, adonde avia sido la batalha, que perdiera Segismundo, a dos leguas de sus fortalezas se hizieron senores de aquellos puestos, como iminentes, y avantajosos; en frente de una trincheira, que los Portugueses tenian levantado, en el camino que va hazia la Parrochia de Moribeca.

Advertido el Maesse de Campo General Francisco Barreto, que el enemigo era salido del Recife, y teñia ocupado aquel sitio, vino el mismo dia con dos mil Portugueses de los Tercios de los Maesses de Campo Andres Vidal de Negreros, Juan Fernandes Vieira, y Francisco de Figueroa, seis cientos Indios, y Negros de las tropas del Capitan mayor Camaran, y del Governador Henrique Dias, con más dos companias de cavallos, de que eram Capitanis Antonio de Silva, y Manuel de Arahujo de Miranda. Fue tan grande su deligencia que llegó con su gente a la trinchera, por las ocho de la noche: y despues de alojado, inquiefó el resto della al enemigo con alarmas, y rebatos. Al dia seguiente viernes le fue a reconocer en persona, acompa-

ñado de los trez Maesses de Campo, contra los quales tiraaon algunos cañonaços sin effeto, y como hallasse deffi-cultoso, y aun arriesgado poder pelear con el enemigo, sin hazer una deshilada grande, por cauza de unos Pantanos entre la trinchera, y los Garerapes, dió orden al Capitan Antonio Rodrigues Franca estuviesse con su Compañia, a vista del Olandes, para que le advertiesse de sus designios, con atalaias, y corredores por toda parte: y escogiendo algunas tropas de los mejores soldados, los embió a la retaguarda del enemigo, que fue mucha parte de la victoria.

Dispuesto lo necessario, por las dós de la tarde del mismo viernes 19 de Febrero. dió aviso el Capitan Franca al Maesso de Campo General, que el enemigo avia dexado los Garerapes, y se ina la buelta del Recife, y como el no aguardava otra cosa para enbestirle, que verle fuera de aquellas eminencias, embió al mismo instante las dos cõpanias de cavallos, y quatro de infanteria, para que entretuviess al Olandis, enquanto il se avansava com il resto del exercito, lo que hizieron con admirable valor, y por algunos prisioneros que se tomaron subo, que avian desemparado aquel puesto, para obligar a los Potugueses al combate, aun que atas dixeron, se balvion al Recife, para empresa. Pero conociose ser lo primero, de la revolucion con que de Olandes bolvió a querer hazerse senôr de las mismas eminencias. Lo que no pudieron conseguir por la diligencia grande que il Maesse de Campo General tuvo en avansar su exercito, nó con pequena deficuldad, pues no podia marchar formado. Maesso de Campo Andres Vidal de Negreros se apoderó de una eminencia a la parte derecha, y Juan Fernandes Vieira con un troço de su Tercio, de la finiestra, a donde socorrió los que estavan peleando.

en Boqueron, cuya resistencia, y oposicion era tãn grande, que ya la avanguardia Portugueza se retirava. Y porque el General entendió, que algunos de los batallones, que estavan a lo largo, pretendian cortarle, dio ordem a Andres Vidal para que se avançasse con sua gente, y peleando con ellos, fue rechaçado com muerte del Sargento mayor Paulo de Acuna Sotomayor, y del cavallo del mismo Vidal; que subido em otro, y socorrido del Maesse de Campo Francisco de Figueiroa, bolvió de nuevo a la pelea. Ya por todas partes estava encendida la batalla, acudiendo a todo el General, y los de más Cabos con aquel valor que avian mostrado en tantas, y tã gloriosas ocasiones. No se descuidava Juan Fernandes Vieira, que assistido de sua Sargento Mayor, del Camaran, e de Hénrique Dias, hizieron acciones dignas de toda alabança. Por esta parte fue la primera que los enemigos no pudieron sufrir el valor Portuguez, empeçando a huir con tal desorden, y miedo, que luégo hizieron lo mismo los de más. Fue la rota cruel, y sangrienta. y los Portugueses matando a todos los que encontravan; continuarão la victoria distancia de dos leguas, hasta la Barreta, adõde el General dexó algunas companias para impedir el passo a los fugitivos. Cançados todos unos de huir, y otros de matar, y vencer. Y por espacio de trez dias andaran los Portugueses dando muerte, y cautivando alos qué se avian retirado, y escondido em aquellos bosques, y montañas.

En esta admirable victoria perdieron los Olandeses más de 2,500 hombres, entre muertos, y presos, com casi todos los Cabos, y Officiales de su exercito; escapando solo dós Maesses de Campo, uno dellos herido en la garganta, un Sargento Mayor, y quatro Capitanes, mil Soldados, y cerca de 500 heridos.

Murieron el Coronel Brinch, que los governava, dos Maesses de Campo, el Almirante de la Armada, que se avia querido hallar en la batalla, con otros muchos Capitanes de navios, y Officiales de la artilleria. Prisioneiros 110 en que entran algunos Cabos, y entre ellos el Regidor Pedro Poty, que hizo la victoria más gustoza, por ser aquel Indio el que más dáno hazia a los Portugueses en la campana; y se escapó uno de los del supremo consejo de la companhia uamado Vangot.

Tomaron los Portugueses las seis pieças de cãpaña de bronze, todo el bagage, municiones, y armas, porque los fugitivos las dexaron, para correr con menos embaraço; y de doze banderas que trahion, solo dos bo'vieron al Recife.

La Relacion impressa em Olanda, dize perdieron 151 Officiales, y más de mil Soldados entre muertos, y presos, pero las cartas escritas del Recife a estos Paizes, repiten lo referido; y presos aun que digan, para deminuir em parte, la gloria que los Portugueses consiguieron, fue em una emboscada, y no en batalla renida, no dexan todos de confessar, quedaran desbaratados, con tão senalada perdia.

De los Portugueses murieron el Sargento Mayor Paulo de Acúna Sotomayor, el Capitan de cavallos Manuel de Araujo de Miranda, personas de conocido valor, quarenta e sinco Soldados, y cerca de 200 heridos, uno dellos el Governador Henrique Dias, y diez Officiales menores. Como tambien los Macsses de Campos Andres Vidal de Negreros, y Juan Fernandes Vieira, salieron cõ las señales de dos balas, no sin particular favor del cielo, pues parece respetaron el zelo con que se emplean a tantos años en la defensa de aquellos miserables moradores, contra las tiranias, que los de la Compañia usavam com ellos.

Del Maesse de Campo General Francisco Barreto, basta

dizer-se que se deve la mayor parte desta victoria, pues de su acertada disposicion, valor, y diligencia, resultó el alcançar-se tan gloriosamente; sin querer empenar-se con el inimigo; hasta que deixó aquel eminente puesto que tenia ocupado. No siendo menor el valor, y cuidado de su Tiniente General Felipe Bandeira de Melo, pues aviendo distribuido las ordens necessarias para el combate, se mezeló com los enemigos, hizo sentir a muchos con su espada, lo que en otras ocasiones avian experimentado.

Los Sargentos Mayores Antonio Dias Cardoso, y Hieronimo de Hinojosa, y los de más Capitanes, y soldados, obraran con tanta resolución, y orden, que sobra para su gloria el aver salido victoriosos, dando mucho que embediar a todos.

Pero no deve dexar de publicar-se de zelo, y fervor con que los Reverendos Padres Fr. Matheus de S. Francisco Administrador General de aquel exercito, y Francisco de Avelar de la Compania de Jesus, acudieron a todos los exercicios Christianos; alentando alos soldados con su dotrina, confessando a los que en ella mudieron, y curando a los heridos com raro exemplo de piedad, y devocion. Lo mismo hiso el Licenciado Domingos Vieira de Lima Vicario geral de aquella Capitania, por su persona, y por la de algunos Sacerdotes que embió en esta ocasion, exponiendo el Sanctissimo Sacramento sinco dias antes de la batal a, y tres dias contiuuos despues della, todo a su costa, y del clero, para implorar el favor divino, y en hazimiento de gracias por tan felice sucesso.

Daré fin a esta Relacion, considerando lo poco que pueden esperarlos de la Compania del Brasil, de aquel la guerra tan arriesgada, y costosa, pues en diez mezes de tiempo perdieron dos tan celebres batallas, y en ellas más de sinco mil hõbres, con todos los mejores y más expertos Cabos que tenion.

AS MATAS DAS ALAGOAS.

Providencias ácerca dellas e sua descripção.

As matas das Alagôas do Sul, que com as mais matas desta Capitania de Pernambuco formão um cordão ao longo da costa do mar do Norte ao Sul, com extenção de mais de noventa leguas até aos Caricés, ou Taboleiros de Goiana, tem todas o seu principio oito leguas ao Norte do rio de S. Francisco, que divide esta Capitania da da Bahia, em um logar chamado Pescoço, cuja mata tem de comprido cinco leguas, no fim das quaes abre dous ramos, um que caminha ao Noroeste chamado Riacho-secco com extenção de quatro para cinco leguas, atè os campestres, ou catingas do sertão, que neste logar ficão muito vezinhas: o outro ramo se dirige ao Norte com extenção de sete leguas, formando differentes ramos, como sejão Cururîpe, Alagôa do Páo, Poxim, Jiquiha, ate a beira d'uma grande Lagôa com extenção de tres leguas, chamada de Jiquiha, que se lança no mar; todas estas matas tem de longitude da costa do mar quatro, cinco, e seis leguas, com fundos de cinco, e seis para o sertão, em cujos fundos se achão muitos ramos de matas de Páo-Brasil, de que se fez em algum tempo grande extração para sua Magestade; porém no presente tempo se achão todas extinctas, em razão da irregularidade com que se fizerão os córtes; porém darão a mesma quantidade para o futuro se houver cuidado em defender estas matas, por se acharem os antigos córtes com muitas madeiras novas, de que se poderá fazer a mesma extração, passados doze annos. Da Alagôa de Jiquiá acima dita, continuão as matas para o Norte com a extenção de sete leguas, até o Rio S. Miguel com os mesmos fundos, e os mesmos ramos de matas de Páo-Brasil nos seus fundos,

que se achão igualmente no estado dos antecedentes. Todas estas matas, desde o logar do Pescoço até a barra de S. Miguel, com extenção de dezenove leguas de comprido, são abundantissimas de madeiras de Secupiras; porém todas ellas são muito curtas, pouco grossas, e de fracas dimensões, que só servem para construções de Navios mercantis de toda a grandeza; por serem estes terrenos aridos, e seccos; destas matas se prove toda a marinha mercantil da Bahia, depois da prohibição das matas dos Palmares, e nos portos destas matas se construem muitas embarcações; de sorte, que presentemente se achão sete, ou oito no estaleiro.

Estas matas, são as que devem ficar reservadas para a marinha mercantil, vista a sua qualidade, e não serem ellas capazes de criarem em tempo algum, madeiras de construcção, a excepção de algum pão, que se acha em alguma grota mais fresca; porém devem ficar feichados, e vedados os ramos de matas de Páo-Brasil, que ficão nos seus fundos, dos quaes pode tirar a Real Corôa muitos interesses para o fucturo, assim como tambem se deve vedar a Paroba-amarella para aduellas, de que abundão alguns logares destas matas.

Do rio de S. Miguel para o Norte principião as matas do Riachão, com extenção de quatro para cinco leguas, no fim das quaes principião as famosas, e bem conhecidas matas dos Palmares, tanto pela fertilidade dellas, como pela extraordinaria grandeza de suas madeiras. Estas matas se estendem para o Norte até o rio S. Antonio-grande com extenção pelos seus fundos de vinte leguas, formando varios, e grossos ramos, como sejão Tangil, Parangába, Matarâca, Branca, Conceição, Salôbro, Cabeça do Cavallo, João Dias, Satúba, Canoé, Anhumas, Riachão, Pão-ama-

rello, Urucú; Pedra talhada, Golangî, Riacho das Canôas, Canûdos, Manimbú, Poço da volta, Capapim, Juçarál, Mirim, Caxoeira, Cobra, Pôço-grande, Xoqueiro, Porco brabo• Nacenças da Saude, Piabas, Santiago, Cabeceiras de Sapucahi, Jitituba, Rio do peixe, Paças, Porco cortado, Perpiri: São estas matas cortadas de excellente rios, como sejão S. Miguel, o rio do Mirim, e S. Antonio grande; e duas grandes Lagôas, uma denominada a do Sul, de que toma o seu nome a Villa das Alagoas do Sul situada a margem da mesma Lagôa, que tem de extenção oito leguas, até o mar, onde faz barra; nella desagoão os rios Sebauma, Salgado, Utinga, e Parahiba; a outra chamada Alagôa do Norte com tres leguas de extenção até o mar, onde faz barra junta com a Alagôa do Sul; n'ella desagoão os rios Satuba, e Mundáu, e tanto estes rios, como os outros, todos veem do interior das matas, as quaes ficão distantes da beira-mar dez e doze leguas. Teem além disto as mesmas matas seis excellentes portos, quaes são S. Miguel, Porto do Francez, Jaragoá, o melhor de todos, e de toda esta Capitania, Papicára, Mirim, S. Antonio grande. Ha nos fundos destas grandes matas, muitas matas de Páo-amarello, os melhores, que se conhecem em toda esta Capitania, tanto pela sua boa qualidade, como pela grandeza d'elles; as quaes ficão em distancia da beira-mar vinte e cinco, e trinta leguas; d'ellas se tem sempre extrahido todas as madeiras, que nesta Capitania se tem feito para Sua Magestade. Todas estas matas, tanto de Secupiras, como de amarellos, se achão hoje muito destruidas, em razão dos muitos roçados, e fogos, que nellas se tem introduzido: são ellas as que teem sofrido todas as construcções, tanto Reaes, como mercantis, que nesta Comarca se tem feito, desde o descoberto destas conquistas: apezar porém de

tantos estragos, só ellas são as unicas, que tem suprido as formidaveis madeiras, que tenho mandado construir por ordem de V. Ex. para as Náos de cento e dez, oitenta e quatro, e setenta e quatro peças; ainda que se achá oem grande distancia de mar, por cuja razão são difficultosos os seus arrastos.

Ao Norte do rio Santo Antonio—grande continuão as matas, formando differentes ramos, como são as de Camaragibe, que se estendem até as de Porto Calvo por espaço de oito leguas; estas matas, de que os seus terrenos são fertelissimos, capazes de produzirem grandes madeiras, e com a qualidade de serem regadas d'um florente rio denominado Camaragibe, se achão hoje de todo destruidas em razão dos muitos roçados, que nellas se tem feito pelas margens do mesmo rio, pessôas, que nellas se tem introduzido, sem titulo algum; porém tanto estas matas como parte das de Porto Calvo, sendo vedadas e feichadas poderão para o fucturo restabelecer-se, e tirar dellas grande utilidade a Real Corôa. As matas de Porto Calvo continuão ao Norte com differentes ramos, como sejão duas boccas, vizinhas ao rio Manguába, Japaratúba, as quaes se achão no estado das antecedentes; destas matas continuão dous rsmos, um ao Noroeste denominado Bacha-secca, outro ao Norte chamado Piábas, Canhôto, duas barras com extenção de quatro para cinco leguas: nestes ramos se crião muitas madeiras de Secupíras de toda a grandeza, capazes de Náos de Linha do maior porte; ficão ellas distantes da barra grande, porto do embarque destas matas cinco, e seis leguas; porém parte deste caminho é trabalhoso. Das duas barras para o Norte se achão as matas de Páo-amarello, e Boenos-ayres, que terminão no riacho Precinunga, aonde finda esta Comarca; vindo todos estes ramos, que

se achão desde Porto Calvo até Precinunga, fórmar uma extenção de sete para oito leguas, nos fundos das quaes, se achão as matas de amarello de Jacuipe; cujas matas, posto que fossem das mais consideraveis desta Capitania, se achão hoje quasi de todos destruidas, pela grande extração, que dellas tem feito os Póvos; de sorte que algumas que se poderão tirar, serão por um preço extraordinario, como sucedeu na occasião em que pertendi tirar madeiras dellas para Sua Magestade, que tirando taboados de cincoenta palmos de comprido nas matas dos Palmares á cincoenta mil reis á duzia, nestas de Incuipe, o não quizerão fazer por menos de cem mil reis, como fiz constar a V. Ex. por um termo assignado pelos mesmos Fabricantes. Duas leguas ao Norte do riacho Precinunga, onde termina esta Comarca, fica o rio Una; nestas duas leguas se achão varios ramos de matas, que se estendem ao longo do mesmo rio Una caminhando á Oeste cinco para seis legoas, até a barra do rio Jacuipe, incravados em muitos Engenhos, como sejão matas de Crauássú de baixo, Aldeia velha, Aragoába Crauássú de cima e outros: tanto estes ramos de matas ao sul do Rio Una, como os que ficão ao Norte do mesmo Rio, desde Duas bocas, distante delle duas leguas, até a Engenho Ilha grande, Frescondim, Sauhé de cima, Cabeça de Porco, são de excelentes madeiras de Secupira, capazes para Náos da ultima grandeza.

Todas estas matas, que ficão entre o Rio S. Miguel, e o riacho Precinunga, onde termina esta commarca, que formão uma extenção de vinte oito leguas ao longo da praia, e a de trinta e cinco para trinta e seis, pelo o interior das matas, em razão das suas voltas, se devem destinar para Sua Magestade, por serem estas matas as mais capazes para as construcções de Sua Magestade em toda

esta Capitania a estas se devem unir as duas leguas, que ficão ao Sul do rio Una, como tambem as duas, que ficão ao Norte do mesmo rio, pela sua boa qualidade; todas as mais, que continuão ao Norte até os Carices, ou Taboleiros de Goiana com extenção de mais de quarenta leguas, são inuteis para as construções de Sua Magestade, como são as matas do Rio-formoso, Serinhaem, Ipojúca, Cabo; as quaes se achão muito destruidas por se arharem occupadas de muitos moradores, e Engenhos que se estendem hoje muitas leguas pela terra à dentro em grande distancia da beira mar; de sorte que algumas madeiras, que se achão ainda nos fundos destas situações, são dificultosas de se tirarem; não só pela grande distancia em que se achão; mas tambem pela asperesa dos caminhos, por onde se deverião transportar; muito principalmente por não haverem rios livres de Caxoeiras por onde se possão conduzir as madeiras construidas; porquanto o Rio-formoso não admite navegação de semelhantes madeiras por ser um riacho do Engenho para cima: o rio de Serinhaem, e o de Ipojúca, se encontrão muitas caxoeiras no curso delles; de sorte que não póde fazer conta a extração de madeiras de semelhantes lugares.

É por este motivo, que nunca jamais em tempo algum se fizeram madeiras nestes logares, tanto para S. Magestade, como para o commercio; o que não succederia assim, sem elles as houvessem; porquanto não era natural, que havendo madeiras de 15, e 16 leguas as viessem procurar nesta Comarca, em distancia de 90 a 80 leguas.

O mesmo succede as matas, que ficão pelo Rio Capibaribe acima, matas de S. Antão, S, Amaro Jaboatão, costeando por fora de Moribéca, e Cabo pelo Rio Cabassú, procurando cabeceiras do Rio Ipojuca; a excepção das matas da Parai-

ba, que tambem se achão hoje muito destruidas, e distantes do porto do embarque, só tem S. Magestade nesta Capitania as matas de que tenho feito menção para as suas Reaes Construções: cuja demarcação, ou tombo deve principiar no Rio de S. Miguel com rumo de Norte até o Rio Una, incluindo nella o ramo do Norte de que tenho feito menção; e do Rio Una deve correr rumo de Noroeste até os fundos das matas do Páo-Amarello do Rio Pirangi-grande, que confinam com os Campestres, Catingas do certão: deste logar deve correr o rumo de Oeste pelos fundos das matas de Jacuipe, Serras de Manguaba, Mariquita, o Carimá, pelas Serras do Barriga, Cruatá, Dous-irmãos, Bananal, Taipú, Principe, até finalizar nas cabeceiras do Rio de S. Miguel, distante da sua fóz, 15 a 17 leguas, que vem a formar uma extenção de matas de 30 a 32 leguas de comprido ao longo da costa do mar, de que ficão distantes em alguns logares 10, e 12 leguas, e em outros 5, 6 e 7 leguas.

Dentro desta demarcação, ou tombo ficão incluidos os melhores ramos de matas, tanto de secupiras, como de amarellos, que S. Magestade tem nesta Capitania para cujas matas parece ser de maior interesse para a Real Coroa a creação de um supperitendente a quem fique pertencendo semelhante fiscalisação com regencia de alguns couteiros, ou guardas divididos pelos respectivos destrictos; sendo corridas por differentes patrulhas de Indios na forma, que tenho exposto com excluzão de outro qualquer uzo.

Porto de Pedras de Agosto 2 de 1797.

José de Mendonça de Mattos Moreira.

Tenho a honra de receber a Carta, que V. Ex.ª foi servido derigir-me em 16 de Junho do corrente anno, com o Edital para todos os Sesmeiros appresentarem suas Ses-

marias, e para tudo o mais que nelle se declara; delle fiz logo extrahir 16 copias as quaes não só mandei publicar em todas as Villas desta Comarca; mas tambem em todas as Freguezias, e Logares publicos della, para que melhor conste delle a todos, e ninguem possa allegar ignorancia como tudo se faz ver da certidão do Escrivão da Correção, que tenho a honra por na respeitavel presença de V. Ex.ª Não á Exm. Sr. um meio mais eficaz, para a conservação, e augmento das matas, do que é serem da propriedade exclusiva da Real Coroa todas as matas, e arvorêdos a borda da costa do mar, ou de Rios por onde em jangadas, e canôas possão ser condusidas as madeiras cortadas; porém devo diser a V. Ex.ª pela larga experiencia, que tenho, e conhecimento individual de todas estas matas, e arvorêdos, que o meio de serem obrigados os Sesmeiros a appresentarem suas Cartas de Sesmarias, e serem estas unidas ao Patrimonio Real, indemnisando-se os respectivos Sesmeiros em outros logares no interior do Paiz, achando-se nas terras dadas de Sesmaria bemfeitorias, por que se lhe deva fazer esta indemnisação, não é ainda o meio capaz de conseguir o fim de tão saudavel determinação; porquanto as porções de terrenos, que se achão nas mesmas matas usurpadas a Real Coroa são ainda muito maiores em alguns logares, do que aquelles, que se contemplão nas Sesmarias, que não farão, nem ainda uma terça parte daquelles, em razão de que muitas pessoas se introdusem no interior das matas, as quaes destroem não só com rosados, que nellas fazem, e que pela maior parte os não plantão; mas ainda muito mais com fogos, que se lhes introdusem ateados dos mesmos rosados; de sorte que á muitos logares, onde os fogos se atearam pelo espaço de muitas leguas, como eu mesmo, tenho sido testemunha ocular; por cuja razão,

se não achão hoje matas inteiras, apenas alguns farragios dellas em differentes logares, onde se fazem as Construcões Reaes: outros dando-se-lhe por Carta de Sesmaria, meia legua de terra, como nunca a demarcão na forma que são obrigados, se apossão de 2 e 3 leguas: outros alcançando somente ordem da Junta da Fazenda Real para as Camaras respectivas passarem Editaes, para ver se á ou não terceiro prejudicado, se apossão das lerras perdidas, sem jamais tirarem as Cartas de Sesmarias: destes tem V. Ex.ª alguns exemplos, como fosse Pedro de Araujo que pedindo uma legua de terras de Sesmarias no Rio de Camaragibe, e mandando a Junta da Fazenda Real á Camara respectiva passar Editaes do estilo, elle se metteo na posse dellas, e de sociedade com Gregorio de Oliveira Costa erigiram um Engenho, que denunciando este á aquelle depois de passados muitos annos, lhe mandou justamente a Junta Real passar Carta de Sesmaria: destes á outros muitos exemplos, como seja Antonio Moreira no mesmo Rio, que tendo somente alcançado despacho da mesma Junta para a Camara respectiva mandar por Editaes, elle, sem se lhe passar a respectiva Carta, se meteu com varios parentes, e outros agregados no interior das matas, onde por espaço de muitos annos tem feito os maiores estragos, tanto em roçados, como em fogos, que lhes tem introduzido; e destes ha outros muitos que não chega a noticia delles, por se não terem feito os exames necessarios: outros ha, que tendo vendido as terras, que lhe forão dadas de sesmaria, andão estas hoje em terceiro, e quarto possuidor, sem que obtivessem Licença da Junta da Fazenda Real, como são abrigados em semelhantes vendas para a obterem, e pagarem o justo Laudemio em reconhecimento do directo dominio que nellas tem a Real Corôa; por não terem nellas os ses-

meiros, se não uso fructo; sendo tal o excesso em se pedirem semelhantes sesmarias, que muitos tempos foi entre estes povos uma especie de negociação; por quanto houverão pessôas, que por si, e por terceiros alcançarão tres, e quatro sesmarias, e depois as venderãs a outros por dous mil cruzados, um conto de reis, e quatro centos mil reis, e o que mais admira é, que muitos as devidem, e as vendem a retalhos de que ha muitos exemplos: outros finalmente possuem terrenos nas mesmas matas, sem titulos alguns, por onde conste a legitimidadade dos seus dominios; de sorte que até o presente tem sido as matas cómuas, e livres a toda a pessôa que se quer introduzir nellas, e ainda alguns tomarẹm posse de muitas leguas, sem titulos, como V. Ex. verá da certidão, que tenho a honra por na respeitavel presença de V. Ex.; e desta forma se achão rotas, e destruidas as mais bellas matas, que Sua Magestade pode ter no Brasil; não só pela grandeza dellas, mas ainda muito mais por serem estes uns terrenos proprios de criarem secupiras, o que é bem raro nas mais matas; e o que mais admira é que todas estas destruições não tira a Real Corôa, e o Publico utilidade alguma, por serem ellas feitas pela maior parte por pessôas indigentes, e criminosas, que por escaparem as penas dos seus delictos procurão o escondrijo das matas, como um azilo seguro; de sorte que a maior parte das sesmarias já dadas, a excepção de algumas muito poucas, em que se erigiu algum Engenho todas as mais não tem bemfeitorias, que lhes devão ser indemnisadas, por se acharem mais deterioradas, do que quando lhe forão dadas. Todos estes injustos possuidores se não vem denunciar pelo presente Edital, quando muitos, que o mesmo comprehende o não farão, sem se recorrer a outros meios; pois vemos que sendo os Editaes

publicados a mais de trinta dias ainda não houve um só sesmeiro, que viesse apresentar a sua Carta, na forma, que determina o mesmo Edital; para virmos pois no conhecimento de todos elles é necessaria uma escrupulosa, e exata averiguação desde o lugar, onde principião as matas destinadas para Sua Magestade, até o fim dellas; cujo exame, sendo feito com a exacção devida na occasião, que se fizer o Tombo das mesmas matas, que a ser feito com as formalidades necessarias, se não poderá fazer menos de uns poucos de annos. Estes serão, Exm. Sr., os maiores trabalhos deste novo estabelecimento, quando Sua Magestade, seja servido mandal-o crear; porque sobre tão escrupulosas, e laboriosas indagações, é da maior attenção, que fiquem separados terrenos para as plantações do Paiz, e os necessarios para a marinha mercantil, e uso dos Povos; o que tudo se pode muito bem executar, e estabelecer sem prejuizo das matas, e arvoredos destinados para Sua Magestade, a vista do estado a que se acha hoje reduzido todo este Paiz, por haverem muitas leguas da beira mar para o certão, sem matas e arvoredos; por se achar em estes lugares povoados com plantações, e Engenhos, sem que haja necessidade para o augmento dellas de passarem as matas, que principião hoje longe da costa do mar dez, e doze leguas em alguns lugares, depois de acabados os terrenos povoados: estas matas, onde se crião as secupiras tem sete, e oito leguas de largo no fim das quaes principião as matas de amarello, que vão finalisar nos campestres, ou catingas do certão: e ainda que nestas matas de amarello se achem algumas secupiras, dellas se não pode fazer uso algum, pela asperesa dos lugares por onde se deverião conduzir, muito principalmente por serem os rios, que descem n'aquelles logares, cheios de muitas caxoeiras; as quaes

não admitem conducção de madeiras de construcção, e o mesmo succede ainda em muitos lugares nas matas de secupiras. Igualmente se deve proceder com o mesmo escrupulo nas sesmarias dadas para ter logar a indemnisação de que faz mensão o mesmo Edital; por ser necessario, que conste veridicamente se as terras dadas de sesmarias tem algumas bemfeitorias, por que se lhe deva fazer esta indemnisação, o que nunca poderá ter logar a excepção d'aquellas em que se acharem alguns Engenhos; antes a Real Corôa as receberá em maior deterioração, segundo o costume geral de todos os sesmeiros, que é abrirem elles, e seus agregados muitos roçados com os quaes, e com os fogos, que lhe introduzem destroem as terras, que lhes forão dadas de sesmaria; por quanto todo o fim de procurarem elles as matas, e arvoredos não é por falta de terra para as plantações, que essas são infinitas no Paiz, é tão sómente; porque nas matas evitão as limpas, que são obrigados dar nas mais terras, a que chamão capueiras: e desta forma por um tão injusto motivo vão destruindo as matas até a sua total extinção, como eu pessoalmente tenho visto (de que dei parte a V. Ex.) lugares no interior das matas, em que destruirão com roçados, e fogos muito mil páos de construcção para Náos da ultima grandeza, e destes ha muitos exemplos por toda a extenção das matas. Quanto porém aquellas sesmarias em que se achão Engenhos, e que Sua Magestade por Sua Real Clemencia manda conservar, deverão sempre os Senhores dellesserem abrigados conservar todas as madeiras Reaes, que se acharem ns comprehensão dos mesmos Engenhos, como sejão Secupiramirim, Páo de arco, Getahi, Angelim amargoso, Mirindiba, Jetobá, é Sapucaia, de cujas madeiras estão bem conhecidas as auas boas qualidades, das quaes não tem neces-

sidade os Engenhos para as suas laborações, a excepção de alguns páos para obras dos mesmos Engenhos, os quaes não fazem falta as construcções; sendo os mesmos senhores de Engenho obrigados a não deixarem abrir roçados nas matas dos mesmos Engenhos, de que lhe resulta a elles um beneficio ainda muito maior, do que as mesmas construcções; porque da destruicção das matas procedeu a extinção de alguns, e a decadencia em que se achão hoje muitos Engenhos, e pela falta de lenhas para os seus cosimentos. Finalmente, Exm. Sr., todo o objecto da Real Corôa para a conservação da sua Real marinha, da marinha mercantil, e do bem commum deste Paiz; cuja riqueza consiste na conservacção dos mesmos arvoredos, pois vemos, que faltando estes, os terrenos ficão sem valor, é reservarem-se os melhores terrenos para Sua Magestade, e nestes haver o maior cuidado de se impedir com as mais graves penas a abertura de roçados, e cortes para particulares; fazendo-se uma demarcação, ou Tombo Real, e individual de todas as matas reservadas, tirando-se mappas de plantas baixas de todos os ramos das matas, comprehendidos na demarcação; cujas matas deverão todos os annos ser revistas por um Super-intendente dellas, e dos Reaes cortes, abrindo-se devassas em alguns districtos das mesmas matas, contra os transgressores das ordens, que se derem para a sua conservação, destinando-se os terrenos mais fracos para a marinha mercantil, e uso dos povos: e como Sua Magestade no interior destas matas tem dous Presidios desde o tempo dos negros dos Palmares, quaes são os de Nossa Senhora das Brotas na Villa da Atalaia, e o de S. Caetano em Jacuipe com sessenta Indios em cada um delles, a quem a mesma Senhora paga, sem lhe fazer serviço algum; destes deve o mesmo Ministro mandar em

certos tempos do anno differentes patrulhas, que corrão as mesmas matas com pontos certos de união, procedendo-se contra os que acharem nella trabalhando.

Desta forma, Exm. Sr., se conservarão as matas, que ainda existem para suprirem as prezentes construcções; e as que se achão destruidas com esta providencia se restabeleceram para o futuro, como forão em algum tempo, e não experimentará a Real Corôa falta de madeiras de construcção, antes as poderá ter por um preço muito mais commodo para o futuro: e seguro a V. Ex. que a faltarem estas providencias em muito poucos annos ficarão as matas de construcção de todo destruidas, e Sua Magestade não terá mais Leames para a factura de suas Náos; porquanto ainda que o cordão de matas desta Capitania, que principia nas matas do pescoço, e acaba nos Carices, ou Taboleiros de Goyanna tenha de estenção, com pouca differença, noventa leguas, apenas se achão em toda esta dilatada distancia os ramos de matas dos Palmares, outros no destricto de Porto Calvo, e alguns farragios de matas encravados em mais de quarenta Engenhos na Freguezia de Una, donde se podem tirar madeiras de construcção; porque todas as mais matas, umas se achão de todo destruidas, outras os seus terrenos são aridos e fracos, as madeiras, que nelles se crião apenas servem para Navios mercantes, e observa-se, que ainda que as arvores sejão antigas nunca crescem, e engrossão muito: esta bôa qualidade só a têm as matas dos Palmares, onde as Secupiras, e as mais madeiras de construcção são pela maior parte agigantadas; de sorte que apezar de tantos estragos, que nellas se encontrão, e de terem ellas sofrido todas as construcções Reaes, e mercantes desde o descoberto destas conquista são só as unicas aonde achei madeiras para as Náos de cen-

to e dez, oitenta e quatro, e settenta e quatro peças de que me acho encarregado, e todas de Secupira-mirim, sem entrar em toda esta construcção um só páo de outra qualidade de madeira, e posto que estas madeiras se tirão hoje em uma tão dilatada distancia do porto do embarque eu tenho a gloria de que ellas ficarão para Sua Magestade pelo mesmo preço; porque se fizeram as madeiras que ha perto de quarenta annos se remettêrão das mesmas matas para a construcção das Náos *Santo Antonio* e *Madre de Deus*, e outras que Sua Magestade foi servido mandar construir na cidade da Bahia, sendo estas Náos de muito menor porte, e tendo sido tiradas as suas madeiras em muito curta distancia do porto do embarque; de sorte que algumas dellas não excedeo a meia legua de distancia, quando as que hoje mando construir, ficão dez, e doze leguas do porto do embarque.

Têm alem disto as matas dos Palmares a boa qualidade de serem cortadas por ferteis, e abundantes rios, como sejão os rios de S. Miguel, as 2 Lagoas de Norte, e Sul, que desagoão no mar; nas quaes desembocão varios rios; como sejao na do Sul, o rio Sebauma, Vtinga, Salgado, e Paraiba, e na do Norte, os rios Mundau, e Satuba; alem destes em distancia de 6 leguas teem os rios Mirim, e S. Antonio-grande, e em todos estes logares portos correspondentes para o embarque das madeiras: com grandes fundos nas mesmas matas de Páos amarellos, donde sempre se teem feito grandes extrações para S. Magestade, por serem elles os de maior grandeza, e melhor qualidade de toda esta Capitania. Por todas estas razões, que tenho a honra pôr na respeitavel presença de V. Ex. se mostra a difficuldade que se encontra em ser feita com a brevidade que V. Ex. ordena, uma demarcação, ou tombo circuns-

certos tempos do anno diff
mesmas matas com pontos
contra os que acharem nella

Desta forma, Exm. Sr.
ainda existem para suprirem
as que se achão destruidas
tabeleceram para o futuro,
e não experimentará a Real
construcção, antes as poderá
commodo para o futuro: e
estas providencias em muito
de construcção de todo des
terá mais Leaues para a fact
ainda que o cordão de matas
nas matas do pescoço, e acab
de Goyanna tenha de estenç
venta leguas, apenas se ach
tancia os ramos de matas dos
cto de Porto Calvo, e algun
dos em mais de quarenta Eng
donde se podem tirar made
todas as mais matas, umas s
outras os seus terrenos são a
que nelles se crião apenas ser
e observa-se, que ainda que a
ca crescem, e engrossão mui
têm as matas dos Palmares, o
madeiras de construcção são
de sorte que apezar de tant
contrão, e de terem ellas s
Reaes, e mercantes desde o de
só as unicas aonde achei mad

sahe cada um páo de construcção; por
egulado conforme as suas maiores, e
a distancia em que se tirão, e a diffi-
stos, que esta é a despeza de maior
strucções, por não haver certeza, ou
res, em que se construem ; por cujo
succeder que um páo com as mes-
a de outro igual da ametade da
r paridade, feito um delles em dis-
e o outro de 10 e 12; e ainda esta
r, tirados ambos em iguaes distan-
um delles bom, e do outro escabro-
endo todos os dias; e ainda muito
ande excesso de preço, como o que
todo este paiz em todas as cousas
le Bois para os arrastos das ma-
a sustentação dos trabalhadores:
teado com os fabricantes que as
s por uma justa avaluacão com
s, fixando-se nella o preço certo
ndo as suas differentes classes,
n perfeição, e com as vitolas que
a de tudo isto lhe serem pagas
sua avaluação: quanto porem a
rtes será muito util a Fazenda
por conta da mesma, debaixo da
istro; para este fim se devem
matas mais vizinhos a rios para
s arrastos; cujos cortes devem
ros, em razão da difficuldade,
aquelles logares para conserva-
ara as conducções das mesmas

Além de tudo, quanto tenho tido a honra expôr na Respeitavel Presença de V. Ex. será da maior importancia, sendo Sua Magestade servida criar este estabelecimento, e mandar proceder no Tombo das mesmas matas, se façáo algumas conferencias na Respeitavel Presença de V. Ex. a respeito de todas estas materias para melhor se poderem pôr em pratica; em cuja occasião eu terei a honra de dizer a V. Ex. tudo, quanto é necessario, e util ao serviço de Sua Magestade.

Deus Guarde a V. Ex. como muito lhe desejo.

De V. Ex.

O mais humilde Subdito

José de Mendonça de Mattos Moreira.

Porto de Pedras, 30 de Julho de 1797.

TYP. IMPARCIAL DE J. M. N. GARCIA.

RUA DA CARIOCA N. 34.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO, GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

2.º TRIMESTRE DE 1859.

RECUPERAÇÃO

DA CIDADE DO SALVADOR

ESCRIPTA POR D. MAMUEL DE MENEZES

CHRONISTA MOR E CHROSMOGRAPHO DE SUA MAGESTADE E CAPITÃO GERAL DA ARMADA DE PORTUGAL NAQUELLA EMPERSA, CÓPIA COTEJADA COM O MANUSCRIPTO ORIGINAL DE MADRID—POR

FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN.

LIVRO PRIMEIRO.

Dos successos que tentárão fazer em as armadas á vella da Ilha de Santiago.

Enfim me resolvo escrever a protecção que uma parte das armadas de Espanha fez ao Brazil para castigar a uma ofensa dos Olandeses rebeldes, que esquecidos de Deus, da obediencia devida ao seu Rei e Senhor natural e de suas proprias forças se atrevêram e intentavam fundar um novo imperio na parte oriental da America a mais proporcionada a seus intentos que todas as do mundo sugeitas ás corôas desta monarchia. Argumento verdadeiramente da fraqueza do engenho humano a quem os bons successos de alguns intentos assim desvanecem, e caminhando a olhos cegos vem ordinariamente parar em sua total ruina.

Esta gente septentrional habitadora de estreitas terras e ainda mal seguras em guerras contra forças do mar oceano, pobres de todas as cousas que podem engrandecer qualquer provincia, ajudada porém dos potentados erecticos, e por ventura de alguns catholicos invejosos, ou temerosos da grandeza de Espanha, ou tomada por instrumento da providencia divina infestam já de muitos annos as costas della, e as que a corôa de Portugal conquistou em Africa, Asia, America, e todos os seus mares. Ordenaram companhia a que chamaram oriental em que concorreram os povos e os homens de negocio com gram soma de dineiro pera a fabrica e apresto de armadas que enviavam ha muitos annos para as partes da India, e Mar Sul. Mas como quasi todo o fundamento destas forças não era fixo senão assentados no proposito que lhes avia de resultar de suas pilhagens, posto que Deus por ocultos juizos lhes desse alguns bons successos com grande damno desta corôa veio, pela despeza que excedeu a receita, e pela pouca verdade ainda com a gente do Oriente, a descair. Ordenou-se outra a que chamaram occidental para a America quarta parte do mundo maior que qualquer das outras com grande excesso, e toda destas corôas, nella se discorreu com razões d'Estado aparentes, não se fazendo conta com as forças do Principe a que offendiam, sobre o modo de que se havia de fundar o imperio que senhoreasse o mundo todo. É a cifra da verdadeira desdita ousar em materias de conquistas muito mais do que póde gente que tem que perder patria que tanto estimam. Vio-se um discorrer do anno de mil seis centos e vinte tres em Burgo de Hain feito segundo se disse feito por João Andréa Noeboseq dirigido ao conde Mauricio e aos deputados das provincias de Olanda, em que se pretendia provar que não podia emprender aquella

companhia empresa mais facil, de proveito mais certo, ou de maior gloria que a conquista do Brazil porque a nação portugueza moradora n'aquellas terras, que entre as outras natural, estrangeira podéra fazer maior resistencia era grande parte da nação hebrea, nascidos em odio da Hespanhola, que com facilidade sugeitariam á sua obediencia. Que se bem a provincia era mui grande não havia em toda ella mais que duas praças principaes, Bahia e Pernambuco, as quaes uma vez conquistadas, fortificadas e guarnecidas ficava segura toda conquista, e a conservação della. Estas se ganhariam facilmente por uma interpresa estando como todas as mais ao longo do mar aonde podiam chegar suas armadas, e não podiam dar-se a mão pela grande distancia d'uma a outra nem esperar soccorro de outras povoações por serem fracas, e mui distantes. Mormente que fóra de ser a gente pela mór parte mal nascida, fraca, carecia totalmente de disciplina militar estava com grandissimo descuido. Que para que tudo se assegurasse, e fortificasse daria largo tempo ahi a solucção dos soccorros de Espanha, ainda que não fôssem prevenidos com armadas de muita força d'aquellas provincias, e seus confederados como se esperava. Que para a despeza de tudo daria largamente o que se achasse n'aquelles portos de navios e mercadorias, sem a fazenda e riquezas que El-Rei de Espanha, o clero e mercadores tinham n'aquelle estado. Quanto ao proveito não podia haver duvida pela fertilidade da terra em que se podiam plantar canaviaes de assucar, e fabrical-os, Tabaco, Gengibre, Arroz, Algodão : que tudo iria em augmento sendo os portuguezes que ahi ficassem conservados em justiça, e em sua religião: os hebreus na sua qualquer que fôsse sem medo de inquisição pelo que soffriam uns e outros grandes imposições e contribuições; faziam estreitas contas de mer-

cador do numero das caixas de assucar que o Brazil dava, dos fretes e direitos que se pagavam d'ahi a Portugal, e de Portugal a Flandres; de mais de quasi outro tanto que El-Rei de Espanha levava de entradas, e sahidas. Tratavam do proveito de refinar os assucares, do que importava o páo-brazil, das rendas reaes e das do commercio que exageravam muito. Discorriam do augmento d'aquellas provincias com tão grossos tratos, do que acresceria de dinheiro pela razão de que os naturaes de Olanda costumados a mercadiar em França, Alemanha, Inglaterra achando em sua patria tudo o que buscavam nella o empregariam e ficaria tudo em si mesma. Que logo ajuntariam a isto o trato do Cabo Verde, Angola e Guiné resgatando marfim, e outras mercadorias. Que quando não quizesse embarcar-se com o trato dos negros não faltariam particulares que o exercitassem pagando por cada um os reales que El-Rei de Hespanha levava do primeiro direito fóra os fretes e outros. Faziam conta do proveito que teriam da sacca dos assucares que os Italianos, Francezes, Alemães, Inglezes, e outros navios faziam de Olanda faltando-lhes em Portugal o que tudo resultava aquellas provincias um proveito immenso, e a Hespanha em perdas irreparaveis com que afloxaria nas guerras de Flandres por se lhe perder grande parte de suas Indias occidentaes com que ficaria mui diminuida em suas armadas, e Portugal em muito mór aperto com a falta do Brazil sustancia de suas alfandegas, e companhia oriental teria maior mão e commodidade de lhe tomar mais terras na India obrigando-os acudir com muito maior despeza a sustental-as. Ponderavam outra excessiva que acrescia a estas corôas pretendendo inutilmente acabo de tempos recuperar o perdido fazendo novos fórtes provendo-os de artilheria e soldados tudo mais que na mate-

ria se póde considerar dizia o discurso longamente com particularidades necessarias ao pouco que queria persuadir, e prolixas para este logar. A respeito da gloria diziam vaidades chamando legitimo senhor dos reinos de Portugal ao filho do desditado D. Antonio pertencer antigamente delles com o direito que vio. Gosavam anticipada e vanmente de victoria presumida contra as forças de El-Rei seu senhor inimigo poderoso de sua infidelidade a quem com entranhavel odio, e medo sempre pretende offender, as vezes offendem, ou porque Deus assim o quer, dando fôrças aos inferiores nellas, ou por a pouca conta que S. M. delles faz, cousa damnosissima nas grandes monarchias, e serta ruina nas pequenas. Aprestou n'aquelle anno de 623, a companhia uma armada de doze navios do estado mui bem aprestado capitana almiranta de quarenta peças de ferro algumas de bronze e outros a trinta, a vinte seis, a menos de outros tantos fretados pelo mesmo estado e alguns patachos, por general dellas a Jacques Guilhelme, Hollandez maior de annos mestre capitão de navios toda sua vida que tinha estado em Lisbôa com seu trato muitas vezes. Por almirante Pedro Peres inglez, por superintendente, e como vedor general dos muitos fretados e cabo delles com titulo de coronel João Doart, Olandez de calidade e fazenda, nomeado pelo conde Mauricio segundo disseram, por governador do Brasil no primeiro trienio. Era de tres mil homens de mar e guerra por igual numero.

A despesa comum entre o Estado e mercadores sairam de Olanda a 21 de Dezembro. Sobrevindo uma borrasca se dividiram, entraram em Pleamua 16 : todos se juntaram em S. Vicente Ilha das do Cabo verde. Aqui diz que abriram instrucções; e acharam uma serrada pera abriren em cinquo gráos da parte do Sul. Detiveram-se 7 dias pera se

prover de aguas, e carnes e levantar algumas chalupas grandes de gauca capases de dous berços de bronze, e alguns pedreiros, estes levavam em quarteis commo das embarcações para desembarcar e reconhecer portos. Em cinquo graos da banda do sul aberta a instrucção se certificaram da Bahya, e de todas as ordens necessarias não sabido dantes nem em Olanda, mormurando-se vulgarmente sayam pera indias de castela. Chegaram á Bahya a oito de Maio de 624, vinte e cinco navios, e as chalupas. O dia seguinte desembarcaram na praia de S. Antonio 1500 homens entre elles alguns de mar. Ha naquella ponta um fortesinho que fez o governador D. Francisco de Sousa capaz de sete peças de artilheria, sem ponte levadissa muy a proposito para defender a desembarcação por ambas as costas de leste a oeste, e norte a sul, mas estava ermo. Acodio alguma gente de cavallo que se retirou com poucos feridos de uns falconetes das chalupas. Em quanto elles marchavam com boa ordem, algumas pequenas peças de campanha diante navegavam os navios pera a cidade. Chegando a distancia começaram a bater a marynha de um forte que está dentro na agua a que deu principio o governador presente Diogo de Mendonça Furtado, a que não vi approvação mais que aperfeiçoarem-no os Olandeses e de alguns navios de particulares que estavam surtos se respondeu com algumas peças não sem dano totalmente dos Olandeses. A dez de maio chegando a gente a cidade acharam a porta de S. Lucia aberta sem mais guarda que sete ou oito negros, disendo que arvorada em cima uma bandeira branca, com a mesma facilidade que a entraram, foram a casa do governador em que acharam desamparado de todos, o prenderam, e mandaram a capitania de Olanda ordem divina vista muitas vezes com qualquer discurso nos successos

umanos. Não foy subita esta entrada da Bahya, porque muitos dias antes esteve surto um dos navios no Morro de S. Paulo fazendo todas as noites farol,, indubitavel signal de mais companhia, antes se mormurou que era vesitado com refresco por algum dos moradores, tudo sabido na Bahya, aonde muitos meses antes que se desia que em Olanda se armava para aquella impresa, e para qualquer succesSo afirmavam estar aparelhados. Contam os Olandeses que polvora, e mosquetes se acharam; a verdade é que muita gente avia na cidade, pelos engenhos que poderam unir-se para a defensão comua da patria por serviço de Deus e de seu Rei, por sua propria fazenda, não fallando na honra que não tinham cegos no entendimento por muy inormes pecados que contra sua divina megestade por gente esquecida das obrigações divinas, e umanas, em publico, em secreto, em todo genero de maldades, e torpesas eram comettidos. Venderam por nenhum preço sua terra, suas casas sua quietação, e o que é mais para sentir a veneração das coisas sagradas aos maiores inimigos da igreja de Deos, e de seu proprio Rei. Fugiram todos os de cavallo que iam impedir a desembarcação, os infantes que estavam em guarda da marinha, caso estranho, caso fatal, algum que ficou na cidade foi mais por desacordo, e por não saber fugir, se não que alguns se deixaram ficar para dar a obediencia ao conde Mauricio. Tambem lha deram alguns dos fugitivos como constou por processos, e por elle foram castigados, e outros por ventura relevados. Entre tanta fraqueza lusira qualquer menor, tanto mais o modo com que se portou o capitão Lourenço de Brito, que achando-se no fórte que dissemos acompanhando Antonio de Mendonça filho do governador que na pouca idade que tinha deu mostras de gram valor, se opôz assim ao ini-

migo vencedor que estava de posse delle que a cotiladas o desalojou, e se fora soccorrido podera ser de grande consequencia seu esforço. Nem é justo fique em silencio o como se ouve Bras da Silva de Meneses, que se tem por filho de Fernão da Silva de Meneses, um dos mais calificados fidalgos de Portugal que sendo capitão da praia e fórte de Santo Alberto, foi mandado chamar pelo governador logo que soube da retirada da gente de cavallo, e infanteria da ponta de Santo Antonio não obedeceu ficando-se no seu posto, segundo o recado com contra senha dado por hum ajudante de sargento mayor com ordem de que deixado aquelle posto em que não havia resistencia fosse occupar outro a Seé e o fortificasse, obedeceo, mas tudo sem proveito não achando mais que algumas exportas, nem lugar mais que confusão. Acompanhou o bispo d'aquella provincia D. Marcos Teixeira que se retirou para uma aldeia vesinha com alguns particulares, desembargadores, e ouvidor geral Antão de Mesquita de Oliveira, e com elle servio com muita satisfação, como contou a D. Fadrique de Toledo por certidão de sua letra e por sinal que D. Manuel de Meneses levou pretendendo se lhe desse algum logar onrrado, mas outrem lhe tinha occupado os ouvidos com falsas informações e lhe foram antepostos alguns muito desyguaes. Retirado o bispo, varão verdadeiramente apostolico, propôz em conselho o miseravel estado em que se viam, ou por culpas de homens ou por ocultos juizos de Deus que pois sua divina justiça asy o permitirainvocassem sua divina misericordia acudindo com todas as forsas a sustentar as reliquias de uma metropoli da quella grande provincia que com gloria dos portugueses fora sustentada tantos anos: convieram que com os officiaes da camara retirados por outros lugares signalasem

cabeça que os governase, para o que se abriram as vias em que S. M. nomeava sucessor aquelle governo em falta de presente, costume novamente intredusido naquelle Estado a imitação da India. Avisaram que estava na primeira, a Mathias de Albuquerque governador de Parnambuco por seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho donatario daquella grande capitania: e como a distancia dos lugares era grande, e danosa a dilação, elegeram Antão de Mesquita ouvidor geral para acodir as acurrencias com titulo de capitão mor de Parnambuco despachou logo Mathias de Albuquerque a Espanha com aviso a S. M. do bispo do ouvidor geral, e dos mais unidos. Chegou a Lisboa a 26 de Julho, e no ultimo do mesmo á meia noite a Madrid. S. M. resignado (como despois mostrou por muitas cartas aos governadores de Portugal de 9 de Agosto, de 20 de Setembro, de 3 de Desembro) na divina vontade estimou o castigo de Deus no preço que muito convem se estime representando-se-lhe mais vivamente na memoria o desacato de culto divino em mão dos impios despresadores delle com a maior barbaridade que nunca se vio: não se esquecendo do que devia a reputação de suas armas, ao remedio do trabalho com que Espanha era ameaçada nas coroas de Portugal e Castella, e lembrado de alguns successos advertissemos nos annos proximos passados, perda de Ormuz e outros a todos patentes, se oppoz com real animo ao castigo de seus vassalos rebeldes. Acompanhou-o com animo galhardo o conde Duque seu Sumilher de Corsp, e confidentissimo ministro oferecendo a S. M. aquelle pronto e rendido animo a seu real serviço con vontade tão experimentada de antes que escusava novo offerecimento. E sem dilação foram avisados todos os conventos de religiosos e religiosas sanitas da corte aonde ha muitos pedisem mise-

ricordia a Deus pelas ofensas de sua divina magestade, e imediatamente tomada a resolução com seus concelhos escreveu em 7 de Agosto aos governadores de Portugal que estava disposto a soccorrer aquella coroa com todas as forças de mar que em tal presa se podese ajuntar ficando somente para guarda das costas dez ou doze navios, acusando que as de Portugal se reforsasem empenhando-se e vendendo sua real fazenda e estivesem prestes para 20 daquelle mez concluindo com as palabras seguintes de sua real mão.— No dudo que tales vasallos en obligaciones, amor, y valor acudiran en esta ocasion a servirme, y a volver por sy mismos con tales veras quo aya de aver maior trabajo en atajar que no vaian. que en animarles para este pues es cierto que yo los estimo, y amo tanto que olgara in con mi persona en esta jornada para mostrarles quanto deseo.....la conservacion de essa corona, sino aumentarla, y engrandeserla, como tales vasallos merecen. Logo pelos conselhos de Portugal, e Castella despachou a D. Fadrique de Toledo Ozorio que elegia para aquella empresa aprestase a armada do mar occeano, e as esquadras de Biscaya, e quatro vilhas; a D. João Faiardo pusesé em orden a sua do estreito que avia de levar fazendo oficio de Almirante da Armada Real de D. Fadrique: a D. Manuel de Meneses fez mercê por carta de 9 de Agosto de o eleger para levar a seu cargo a de Portugal ordenando-lhe se fose juntar a D. Fadrique de Toledo. A Diogo Lopes de Sousa conde de Miranda governador da casa do civel da cidade do Porto pusese muita deligencia com que naquelle porto, em Viana e nos outros maritimos de Antredouro e minho se aprestase para a empresa todo o pocivel de navios particulares. Grandes defeculdades, antes impocibilidades inpediam tanta preça porque nas de castella faltavam bastimentos e

dinheiro para se aprestar na de Portugal não avia mais que quatro navios de porte, e força, e estes trazia na costa D. Manuel de Meneses com outros fretados de pouca consideração, e faltos de artilheria esperando a nao S. Thomé que vinha da India com fama de mais rica que não podia desemparar. Em quanto estas presas que com grande ardor ferviam ordenaram os governadores de Portugal avisar de tudo aos infelises moradores da Bahya animando-os não tão somente com a esperança de grande soccorro, mas com effeito mui importante naquelle tempo. Era tal o cuidado que uma deligencia se encadeava com outra. A 8 de Agosto mandaram os capitães Pedro Cadena e Francisco Gomes de Mello pessoas de valor e experiencia do Brasil em duas caravelas com socorro de gente, arcabuzes, monisões que poude caber nellas com instrucção que fosse a Parnãobuco veleiando todo o pocivel e porque nada se torcia levase á Ilha da madeira uma carta de aviso a pesoa que ao presente a governase; antes de chegar a Parnãobuco fose ao Cabo branco tomar lingua do estado daquella praça ; e achando que estavam navios inimigos no porto, daquelle cabo desembarcasem, e por terra se metessem nella com aviso do governador do lugar a que se encaminha-se. A Pedro Cardena em particular se dizia no regimento que sendo caso cayse em mãos de inimigos tivesse cuidado de afundir os despachos, cartas e instrucção que parese não iam duplicados, para que não podese vir a suas mãos. A Mathias de Albuquerque que escrevia sua M. em resposta de suas cartas de 31 de Maio, do primeiro e 6 de Junho, de 28 e 31 de Julho mostrando os sentimentos da perda da Bahya pelo dano que resultava a seus vasalos, e a resolução que tomára de lançar o inimigo daquelle estado com o castigo que merecia, advertindo de muitas coisas tocantes ao bom governo

naquelles principios para que os rebeldes se não podesse aproveitar de algum descuido nosso. A Francisco Coelho de Carvalho a quem tinha enviado por governador do Maranhão se detivese em Parnambuco com a gente que levava, enquanto fosse necessario. A Mathias de Albuquerque que hia o Alvará em que lhe confirmava o governo que tinha por suceção das vias com ordem de que assistindo em Parnãobuco governase o estado sem embargo da provisão pasada sobre os governadores asestice na Bahya; com ella uma informação de Estevão de Brito Freire que de parte de S.M. se lhe tinha pedido para que della se ajudase. Entre tantos cuidados estava S. M. mais lembrado da honra de Deus, e consolação daquella gente que de sua reputação que tanto estima. Encarecia ao governador o cuidado e deligencia, em prevenir que os rebeldes não espalhase alguns livros ereticos, o que com maior encarecimento escrevia o bispo mostrando muito sentimento do successo pelo particular que lhe tocava estimando o haver se retirado para a Aldea do Espirito Santo para recolher a gente, e dar a todos novos bríos.

A Antão de Mesquita eleito capitão mór da Bahya encomendava muito a guerra contra os rebeldes por todas as vias para que não saise nem se aproveitasse de coisa alguma, trabalhassen por lhes queimar seus navios, e conservar o gentio se lhe não pasase. A. Martim de Saá Capitão do Rio de Janeiro avisava que lhe mandava seu filho Salvador de Saá com um navio de socorro. Aos demais capitães da Parayba e Rio grande avisava fazendo-os certos destas prevenções. Com tantas ordens tão continuas de S. M. e, vontade com que em seu real nome mostrava o conde duque pronto sempre a tudo o que se propusese, competiam os governadores de Portugal com a execução pre-

tendendo ajuntar gente e forças com que o rebelde enserrado não saise de seus reparos. Aprestaram tres caravelas nomearam pesoas praticas, e de valor, D. Francisco de Moura com titulo de capitão mor, capitães das outras Hieronymo Serrão de Paiva, Francisco Pereira de Vargas. A pesoa de D. Francisco de Moura abonou muito sua M. por carta de 7de Setembro, a Mathias de Albuquerque que inviava por capitão mor do destrito da Bahya para alentar e conservar a gente e fazer todo o damno ao inimigo, ordenando-lhe tratase juntos em Parnãobuco do modo com que mais seguramente podese cumprir as instruções que levava de maneira que sem dilação chegase com o socorro ao lugar em que a gente estivesse recolhida donde podese usar das ocasiões que o tempo desse de asaltar, inquietar o inimigo, e impidir suas fortificações. Avisava como suas armadas se ficavão aprestando para com o favor de Deus sair na primeira monção. Repetia o escrito ja muitas vezes da prevenção de mantimentos en toda a cantydade pocivel para a gente que ahy desembarcase, e porque era necesario que a de Parnambuco e das capitanias Espirito Santo, Porto Seguro, estivese pronto para o que se oferecese ordenase que a gente nobre daquella capitania a do Presidio.....das ordenanças da vila e do destrito que tivesem armas e fosem mais a proposito para as tomar, estivesem alistados e prestes repartidos em terços com titulo de mestres de campo, ou coroneis, e em companhias com seus capitães, sargentos mores e mais oficiacs para que os tivese exercitados. Ordenase que os gentios do Rio Grande e da Parayba até o rio de S. Francisco estivesse naquella capitania a 15 de Desembro armados de frechas para se embarcar quando a armada chegase aquella capitania com a mais gente d'ella nos navios que tivese juntos não dei-

xando sair nenhum represando os que de novo chegão até a chegada das armadas áquella paragem. Da capitania de Seregipe delRei e das mais partes onde ouvese gados se fisese toda a cantidade de chacina. Nas capitanias do sul ouvese ordem para que em Janeiro seguinte de 625 estivesem caravelas e navios da costa com farinhas de guerra o mais que fosse pocivel; da de S. Paulo acodisem farinhas de trigo, e porcos chãsinados o que tudo se levaria á Bahya pera provisão das armadas. O socorro que se enviase á Aldea do Spirito Santo para inquietar o inimigo se desposese de modo que elle não se aproveitase dos frutos da terra. A instrução de D. Francisco de Moura era que fosse em direitura do Brazil ao Porto de Parnãobuco tomando primeiro lingua entre Parayba, e a Ilha Tamaracá por se acaso naquella barra estivesen inimigos, conviesse com Mathias de Albuquerque asentando com seu parecer onde mais convynha desembarcar a gente e monições, advertindo que Antão de Mesquita avisara que o socorro fosse de mandar certo porto da Torre de Garcia da vila, e postas as embarcações a vista tirasem uma ou duas peças para que da terra fosse quem as metesse nelle, asentado tudo se partise, e chegando ao lugar onde estava a gente unida chmase os officiaes, e cappitães, e mais gente em presença do bispo lhe declarase como hia por cappitão mor de todo o destrito daquella cappitania dando-lhes a carta de crença, significando-lhes a comfiança que S. M. tinha de que mostrase o valor que delles se esperava, tomase mostra da gente portugueza, reconhecese as monições, dando armas aos desarmados, vise o posto que tinha tomado se era comodo para o efeito que se pretendia, e se parecendo-lhe o mudase, conservase os dois coroneis que la estavão nomeados Antonio Cardoso de Barros, e Lourenço Cavalcante nos

ditos officios se entendesse que convinha a seu real serviço elegese cappitães dos que levava com patente do cargo se conviese, procurase que os Olandezes se não comunicasem com o gentio, deste se ajudase contra elles no que entendese ser de efeito, conservase os negros para os empregar no trabalho necesario, trabalhase por impedir-lhe as fortificações que fasiam segundo se disia; e da verdade se informase do numero da gente que tinham, que monições, que artelheria, quantos navios, os socorros que lhe fossem vindo, o modo com que no mar e terra se guardavam, avisando de tudo ao governador do estado para que as armadas ali achasen o aviso necessario. Encomendava-lhe a bôa correspondencia com o bispo pelo lugar que ocupava, como pela satisfação que tinha de seus procedimentos; declarase de sua parte as pessoas a que cometese alguma empresa digna de se lhe fazer merce, que cumprindo nella o que se esperava lha mandaria fazer conforme ao que meresecem, e constasse de suas informaçõis, e por instrução secreta para comonicar somente com o governador lhe ordenava que tanto que chegase ao destrito da Bahya tirase em segredo huã devaça da perda da cidade, e lha inviase. Acontecendo que alguns Portuguezes o que não esperava, estivese com o inimigo trabalhase pelos reduzir admetíndo-os em seu nome com algum effeito honroso com que mostrase o conhecimento de seu erro com aquella mostra de arrependimento. Em 11 de Setembro lhe escreveu que tanto que fosse no destrito enviasse á Torre de Garcia Davila huma pessoa pratica e confidente a que avisaria todos os oito dias de tudo o que com grandes deligencias podesse alcancar do inimigo por mar, e terra para que este avisase pelas embarcações que aly iriam, ou de Parnambuco ou da armada que disto iria advertindo para que

tudo alcansase com a certesa necessaria fazendo sempre os despachos duplicados. A os vereadores e officiaes da camara da cappitania da Bahya encarregava muito asistise ao cappitao mor D. Francisco de Moura cumprindo suas ordens com muito cuidado, e prontidão. A Antonio Cardoso de Barros, e a Lourenço Cavalcanty mostrava por carta aprovar muito a eleição que de suas pessoas se fizera como tinha entendido por cartas do Bispo d'aquelle estado, avendo por seu serviço continuase em o cargo, comprindo com as ordens de D. Francisco de Moura, mostrando-lhes a confiança que delles fazia. A Antão de Mesquita avisava de como mandava a D. Francisco de Moura com o cargo de que o desobrigava avendo respeito a sua idade, profição e obrigações encomendando-lhe asestisse guardando suas ordens. Foi acertadissima a eleição do cappitão mor, e cappitães, como consultada pelos governadores de Portugal que tanto se desvelam no real serviço de S. M. como a todos é notorio, e pelos mais ministros do conselho de estado. Todas as pessoas eram de valor e experiencia. D. Francisco de Moura o tinha mostrado em ocasiões da India, e mares do Sul contra Olandezes, natural do Brazil, parente mui chegado do coronel Lourenço Cavalcanty, amigo do outro Antonio Cardoso de Barros, muito parente de Francisco Gomes de Mello vesinhos de Pernambuco, pratico das terras como de suas casas, *Pedro Cadena* morador da Parayba, e ahi casado, todos conformes no desejo de asertar; a estes acompanhavam as mais pessoas, ou praticas naquellas partes, ou de tal experiencia das armadas, e melicia d'ellas que facilmente alcançariam a noticia necessaria. Nisto e em tudo o mais fez S. M. a merce a seus vassalos de Portugal que moraçe atentando como os reis antigos portuguezes por tudo tanto que sendo avisado do

governador por cartas de 18 de Julho (estando já D. Francisco de Moura em Bellem para partir com aplauso commum por estas conveniencias) que ficava aprestando Francisco Nunes Marinho de esa para levar socorro a Bahya, e servir nellá de cappitão mor lhe aprovava a eleição pela boa conta que sempre de sy dera aquelle cappitão e experiencia que tinha da guerra, e a Francisco Nunes escrevia o mesmo agradecendo-lhe o bom modo com que a isso se despusera mui conforme ao que delle esperava, e ao procedimento com que sempre se ouvera en seu real serviço encomendando-lhe asestise naquele destrito ajudando, e aconselhando a D. Francisco de Moura. Em 29 daquele mes avisou ao governador que a não S. Thomé que somente aquele ano partira da India entrara no porto de Lisboa a 27 e com ela a armada da corôa de Portugal que sem perder hora de tempo se apresentava, para se juntar á de Castella e fazer logo sua viagem. E porque aviam de tomar aquele porto para nelle se reforçar, e refazer tomando a gente que d'ahi podesem levar Portuguezes, ou Indios, lhe encomendava tivesse prevenido navios prestes para a levar. Nos primeiros de Outubro se teve de Flandres aviso do socorro de Olanda para a Bahya de que se fallava variamente. Pelo conselho de estado de Castella avisou S. M. a D. Fradique de Toledo que era de 6,000 homens com aprestos por em terra mil de cavalo. Ao governador do Brazil por carta de 13 de Outubro que estivese com cuidado e vigilancia, porque se chegasse primeira este soccorro que as armadas, o que não parece pocivel, poderia intentar aquelle porto, e se depois, poderia ser que achando os seus sitiados dellas trabalhase pelas devertir por este meio. Os cuidados de acudir a este aperto não livravam d'outros, nem ainda dos que paresem podiam dilatarse. Nos mes-

mos dias a instancias de Francisco Coelho de Carvalho mandava a Mathias de Albuquerque lhe dese por conta de sua real fazenda certas embarcações que pedia para a comonicação das cappitanias, e povoasôis do Maranhão, para socorrer e avisa em ocasiões de guerra, e outras ocurencias, e se comonicar com a cappitania de Parnambuco aonde âquele tempo estava. Partiu por aqueles dias Salvador de Saâ de Benevides em hum navio com a gente, e monisões de socorro a Martin de Saâ seu pai. Este e mais socorros chegaram a salvamento, e foram de grande effeito. As armadas da corôa de Castella se aprestavam com muita deligencia, mandando S. M. âquella facção ministros confidentes com novas comisões entre as quaes se signalou muito na deligencia, e intereza Tomas de Ybio Calderon veedor general da armada do mar oceano em quem estão outras muitas e mui boas qualidades concorrem o secretario Bartolomeu de Anaya não falando nos ministros ordinarios que costumam asistir âqueles aprestos. Nenhuma inveja tinha a corôa de Portugal a estas ou a outras algumas mostras que vassalos em algum tempo desem de se abonar com estremos no serviço de seus reis. Porque estando mui falta de dinheiro pelas guerras com que suas alfandegas perdem a mór parte de seus rendimentos, com os sucesos máos das armadas da India tinha padecido muito não vindo o ano precedente mais que uma mui pequena naveta, e no presente uma náo deixado o trabalho fatal dos passados. A fazenda real mui agitada ia de muitos anos. Ao remedio de tanta falta prevenio a devina bondade com animo e asistencia dos Governadores de Portugal que vencia todas as defelcudades. E com a honrrada conpetencia entre a cidade de Lisboa como em nome do Estado popular, com o eclesiastico, e nobreza. Fez serviço a S. M. de

100$ crusados que foi grande esforço para o estado em que estava e curtas rendas que tem pela piedade, justiça e igualdade com que se governa sem opresão do povo que em outras padece muito em excessivas imposisôis e alcavalas; os senhores deram mais que o estado de suas rendas empenhadas permitia. Com quatro regras disia o mayor senhor vasalo Duque de Bragança D. Theodosio, segundo deste nome ao secretario d'estado soubese dos governadores a quem se aviam de entregar vinte mil crusados com que servia a S. M. o Duque de Caminha Marquez de Villareal D. Míguel de Meneses com quasi igual quantia. O Marquez de Castel Rodrigo D. Manuel de Moura Corte Real com huma luzida companhia de mosqueteiros unica naquelle exercito. O Duque de Villa-hermosa Conde de Ficalho D. Carlos de Borja com soma de dinheiro de contado. O Conde de Castanheira D. João de Attayde com semelhante efeito significou sua vontade; o Conde de Castanhede D. Pedro de Meneses quiz mandar seu filho D. Antonio herdeiro de sua casa, o que por algumas duvidas e inconvenientes não ouve efeito suprindo este desgosto com sair de sua casa a fazer gente que mandou á sua custa. Dom Pedro Coutinho cappitão geral que foy de Ormuz, Francisco Soares fidalgo riquo, D. Pedro de Alcaseva neto do conde das Idanhas, Constantino de Magalhais senhor da Ponte da Barra, o correo mór de Portugal Antonio Gomes da Mata, acudiram com dinheiro conforme suas rendas avendo muitas resois para não ser com as pessoas. Tristão de Mendoça Furtado comprio com ambas as obrigaçois por seu braço, com hum navio grande á sua custa aprestado da gente de mar, e guerra, artilheria e monisois sem soldo ou reção da fazenda real. Os prelados impedidos por seu estado a servir pessoalmente trabalharam por suprir com a

quantia de dinheiro pocivel nesta catolica impresa. O Arcebispo Metropolitano de Lisboa D. Miguel de Castro devia de ver-se em grande aperto porque tudo o que contribuise era dos pobres possuidores de sua fazenda, modo acharia para dar alguns mil crusados que ofereceo; o Arcebispo de Braga Primaz de Espanha D. Afonso Furtado de Mendonça que bem tinha ajudado no lusimento a seu parente Tristão de Mendonça mandou dar mil crusados; o de Evora D. José de Melo; o bispo eleito de Coimbra D. João Manuel, o de Guarda D. Francisco de Castro, o do Porto D. Rodrigo da Cunha, e outros prelados fidalgos que me não lembra. Pessoas particulares se bem não chegaram a igualar-se na cantidade de dinheiro com alguns senhores, a respeito de sua fazenda, não ficaram inferiores. João Ferreira nomeado por S. M. em Provedor da fazenda do Brazil, Domingos Gil da Afonsecca, Antonio Alvares de Siqueira, Manuel Dias Guedes, Afonso de Barros Caminha, largaram o frete de seus navios, e por cappitães foram nelles a Lisboa, com diferença que Domingos Gil d'Afonsecca deu com o navio fretes.....de vinho, biscouto polvora e mosquete. Os filhos de Eitor Mendes, os mercadores italianos, os Alemães, os homens de negocio do Reino, os da nação franceza todos contribuiram. Desta maneira ficou a fazenda real em boa parte alyviada. Os senhores e fidalgos de Portugal poderam fazer gloriosa a impresa entrando nella quando de si o não fôra tanto e posto que cada um delles foi emulo da verdade e não das pessoas, estando com tal animo que se não podera facilmente dizer qual foy o segundo.

Não se póde negar que foi o primeiro D. Afonso de Noronha que tendo ocupado os postos de Portugal começando por soldado na vinda dos ingleses sendo ja casado, por

soldado na armada de Fernão Telles, por capitão almirante da armada da India, capitão geral de Septa, de Tangere, da armada real de Portugal, governador do Algarve, eleito viso rei da India aonde navegava e achando-se naquela ocasião com so un filho D. Miguel de Noronha conde de Linhares, cappitão geral de Tangere casado com filha herdada de D. Pedro de Meneses e com filhos : e sendo de idade posto que não tanto como parece mostram os cargos que servio saindo do conselho d'Estado, de que he ministro antigo; quando chegou a carta de ElRei de.....de Agosto entrou na casa do consulado, e recebendo pequeno soldo se alistou por soldado para a empresa, exemplo não necessario para a disposição de animo com que estavam os mais senhores e fidalgos, mas eficas para os abrasar quando frios e esquecidos estivesen. O Conde de S. João Luiz Alvares de Tavora, podendo escusar a idade, e mandar Antonio de Tavora seu filho herdeiro tendo poucos se alistou. D. Afonso de Portugal conde de Vimioso que não pode ser o primeiro de Lisboa para exemplo de todos por estar na corte em negocios e pertenções de sua casa importantissimos foy la primeiro a se offerecer a S. M. e ao conde duque : o conde de Tavora D. Duarte de Meneses moço casado de pouco com a filha do conde de Faro, neto de D. Duarte de Meneses, terceiro neto de D. Duarte de Meneses Viso rey da India, quinto daquelle D. Duarte de Meneses com conde de Viana. Duarte de Albuquerque Coelho senhor da Cappitania de Parnãobuco, Alvaro Pires de Tavora, filho de Rodrigues Lourenço de Tavora Viso rey da India, João da Sylva Telles de Meneses senhor de Avoeiras filho de Diogo da Sylva regedor herdado, D. Henrique de Meneses senhor do morgado e casa do Bourisal, D. Alvaro Coutinho senhor da Torre de Almorol, Antonio Correa da Sylva senhor de Bolas, D.

Lopo da Cunha senhor de Santar, Rui de Moura Telles senhor da Povoa e Meadas, D. Antonio de Castelbranco senhor do antigo morgado de Pombeiro, Martim Afonso de Oliveira senhor do morgado de Oliveira, D. Francisco de Portugal comendador de Fronteira, D. João de Sousa alcaide mor de Thomar, Pedro da Sylva governador e cappitão geral que foy da Mina, filho do Regedor Lourenço da Sylva, Luiz Cesar de Meneses filho herdeiro de Vasco Fernandes Cesar provedor do Almaseis e armadas de Portugal, D. Rodrigo da Costa filho de D. Gileanes da Costa cappitão que foy da Speta, do conselho d'estado, Presidente do Paço, Pedro Cesar de Esa filho de Luiz Cezar provedor dos Almaseis, Estevam de Brito Freire, Nuno da Cunha, Hieronymo de Mello de Castro, João de Mello, estes foram casados de que me lembro não falando dos ocupados em carregar. Dos solteiros vieram a minha noticia Antonio Luiz de Tavora, filho herdeiro do conde de S. João, D. João de Portugal filho herdeiro de D. Nuno Alvares de Portugal um dos governadores deste reino, cujo filho mais velho D. Luiz de Portugal entrava em religião na ordem de S. Domingos, Antonio Telles da Sylva que seu pai Luiz da Sylva do conselho d'estado veedor da fazenda ofereceu com Joãn Gomes da Sylva seu filho primeiro, que por ocupações da Corte não foy na empresa. D. Francisco Luiz de Faro filho mais moço do conde de Faro que na armada de Castella trasia seu filho segundo D. Francisco de Faro com grande despeza de sua fasenda, D. Afonso de Meneses da casa de Catanhede herdado, D. João de Lima filho do Visconde D. Lourenço, Alvaro de Sousa gentil homen da boca de S. M. Alcaide mor da Amieira, filho primeiro de Gaspar de Sousa do conselho d'Estado, governador que foy do Brasil, Manoel de Sousa Coutinho senhor dos conselhos de Bayão, e S. Christovão

de Nogueira, D. Diogo de Vasconcellos e Menezes, e D. Sebastião seu irmão da casa de Penela, Rui de Figueredo filho mais velho de seu pay, Antonio de Figueiredo, e Luiz Gomes de Figueiredo, seus irmãos, Lourenço Rodrigues Carvalho, herdeiro de seu pay Gonçalo Piz Carvalho provedor das obras do Paço. D. Nuno Mascarenhas da Costa, Sebástião de Saã de Meneses herdeiro de seu pay, D. Lourenço de Almada herdeiro D. Diogo da Sylveira herdado D. Rodrigo da Sylveira filho herdeiro de D. Luiz Lobo da Sylveira senhor de Serzedas e Sovereira Formoza, e Fernão da Sylveira seu irmão. D. Henrique Henriques herdeiro de Alcasovas, Jorje de Mello filho de Manoel de Mello Monteiro mor, Estevam Soares de Mello, Alvaro de Sousa. Francisco de Mendonça Furtado herdeiro, Christovam de Mendonça seu irmão, D. Alvaro Coutinho, D. Francisco Coutinho filhos do Marichal D. Fernando, Simão de Miranda, Bras Soares de Sousa, o capitão Ruy Correa Lucas, Rodrigo de Miranda Henriques, Pedro da Sylva da Cunha, Antonio da Sylva filho do chanseler Pedro da Sylva, Martim Afonso de Tavora filho do reposteiro mor, Manoel de Sousa Mascarenhas, D. João de Meneses, Antonio Carneiro de Aragão, Nuno Gonçalves de Faria filho de Nicolao de Faria Almotacé mor, Pedro Lopes Lobo, Antonio de Abreu, Fernão Alvares de Toledo seu irmão, Gonçalo de Tavares de Sousa, Joanne Mendes de Vasconcellos filho de Luiz Mendes de Vasconcellos governador que foy de Angola, D. Diogo de Noronha, João Machado de Brito senhor..... Antonio de Sampayo, D. Manuel Lobo, Ruy Dias da Cunha, D. Francisco de Esa, Duarte de Mello Pereira com dois filhos. Martim Afonso de Mello, e José de Mello, Lopo de Sousa de Santarem, Antonio Pinto Coelho senhor de Felgueras, Simão Freire de Andrada, Paulo Soares, Anto-

nio Taveira, Henrique Correa da Sylva, Martim Carrea seu irmão, Francisco Muniz da Sylva, Garcia Velez de Castel branco, Duarte Péixoto da Sylva, Pedro da Costa Travaços, José de Souza de Sampayo, e outros que porque não vieram á minha noticia, não falando em outras pessoas muy calificadas de facil cousa de contar-se por não estaren matriculados nos livros da casa real por seu descuido ou de seus avôs, ou alguma rasão particular. Os ocupados, D. Manuel de Meneses general da Armada, D. Francisco de Almeida Almirante, D. Antonio de Meneses da casa de Villa real cappitão de infanteria, Tristão de Mendonça Furtado cappitão de Accabuseiros de quem falamos, D. Rodrigo Lobo cappitão de infanteria e de um galião, Ruy Barreto de Moura cappitão de Mosqueteiros do Marquez de castel-rodrigo de sua linhage, João Alvares de Moura, seu irmão mais velho, Manoel Dias de Andrada, Constantino de Mello Pereira, Domingos da Camara capitães de infanteria estes casados, Antonio Monis Barreto mestre de campo do terço do socorro, D. Alvaro de Abranches da Camara, Gonçalo de Sousa, D. Sancho de Faro filho do conde de Vimieiro, Symão Mascarenhas, Christovam Cabral, cappitães de infanteria, D. João Tello de Meneses, filho do general capitão da Capitania. A estimação que S. M. fez destes serviços foy mayor que todo o merecimento, como significou por palavras nas cartas dos governadores mostrando-se satisfeito com encarecimento, e de seu cuidado, e assistencia delles, da vontade dos prelados, e do animo da maior nobreza de Portugal; nem foram menos as merces, fazendo-a aos filhos cujos pais falecesen na jornada, do que por elles vagase da Coroa, ou das ordens melitares, e aos que as não tivesem lhe fazia equivalente. Merce que depois ampliou por sua real grandeza declarando com palavras dignas de tam gram monarca

que era servido que onvesen efeito aquellas merces posto que a não meresen, e porque não escapase algum de tanta liberalidade por qualquer via, ou contingencia. Morrendo Francisco de Saã de Menezes em sua casa sem alguns serviços que eu saiba quando seu filho Sebastião de Saã de Menezes chegou a ella da Bahya achou duas comendas que negavam, uma dellas de importancia sem que para tam gram merce fossen necèssarias petição, ou consultas, porque como os reis justos são no modo possivel retratos de Deus na terra quer S. M. seja seu governo retrato da providencia procurando-lhe o Conde Duque tudo o grandioso sem alguma extrinseca lembrança. Estavam as coroas de Portugal e Castella, em continua competencia ciosissimas do serviço de Deus, e de seu rey de sua real reputação nesta empresa, que sem duvida foy das mais importantes por não dizer a mais de nossos tempos. Do Conselho d'Estado de Portugal se pediam em principio quinze galeões somente da armada do mar oceano, abundante socorro para expunação de uma praça que como se cuidava os poucos bisonhos da Bahya tinham enserrada e S. M. vencendo a proposta por decreto a seus conselhos quiz der mais com grande excesso, e a pessoa de D. Fadrique de Toledo porque asy se abalase a nobreza castelhana.

A armada de Castella se dizia estar prestes para sair brevissimamente fazendo isto muy crivel o não haver sahido em todo o verão, e tanto aporta aguarda necessaria da frota de Indias, e porque a resolução e afecto era muy conforme a importancia da empresa queria S. M. que a jornada fosse até 20 de Agosto, e conformando-se com as consultas de Portugal que até 20 de Setembro para o que D. Fadrique de Toledo com a sua armada que diziam estar aprestada fosse a Lisboa sem dilação, vendo-se depois algumas de-

ficuldades, considerado que era tempo muy conveniente octubro resolveu S. M. que em 20 d'aquele mez partisse com o que podesse levar de Portugal se a armada não esteve a ponto, como era de querer o que sentiria muito, avia continuos cercos com que se encarecia a prontidão de huma, e necessidade de deligencia na outra, em huma de 28 de Setembro mostrava clara desconfiança dos aprestos na de Portugal avendo verdadeiramente grandes deficultades, chegar ao porto de Lisboa a 27, cançada a gente de andar na costa todo o verão, apodrecida a enxarcia, gastadas as velas esvaidos os navios, pedia S. M. lhe mandase de Lisboa pilotos contramestres, guardiões, homens praticos nas costas do Brazil. Mas tal foi assistencia dos governadores, de Ruy da Silva vedor da fazenda, Vasco Fernandes Cesar provedor dos almasens, e mais ministros que isto apoyaram com seu cuydado que todas as deficuldades se venceram como S. M. mostrou por carta de 19 de Outubro agradecendo aos governadores o muito que tinham feito; mudado já de opinião assentou que a armada de Portugal saysse logo acharia a de Castella no Cabo de S. Vicente, e noutro correio que não a achando no Cabo a fosse buscar a Cadix. Fervia em Lisboa a obra, no mesmo tempo se dava querena aos navios, se reformava a enxarcia, se faziam velas, se aprestavam mantimentos por outra parte os pretechos para o sitio, pás, enxadas, machados, picos, foucinhos, padiolas rodadas exportas; no mesmo se alistava a gente se faziam as pagas liberalmente, se ajuntavam as munições; outros ministros atendiam a embarrilar pregadura grossa e sorteada, taxas e estopares, estopa gran cantidade de breu, e mais cousas necessarias para concertos dos navios na Bahya, indo tudo isto em abundantes cantidades de que se valeram alguns navios de

Castella no que necessytavam e ficou muito no Brazil. A escolha dos mantimentos era com estremada deligencia asestindo pessoas de confiança ao lavrar e embarricar o bescouto, a carregação dos vinhos de preço subido, ao fazer e compor as carnes de porco, e vaca que foram estimadas; atentava-se não ao necessario, mas ao regalo, amendoas, paças, assucar, farinhas, queijos de alentejo, fóra de resões ordinarias. Obrava Deus com as mãos dos homens effeitos maravilhosos mostrando em tudo ser a causa sua. O conde de Miranda executava o mandado de S. M. mostrando notavel cuidado, vigilancia, e continua asistencia, vesitando em pessoa os portos, persuadindo com muitas palavras os moradores ao serviço de Deus, de S. M. e recuperação da honra já perdida; accendeo a emulação nos moradores de Viana lugar rico, e de gente nobre de maneira qnasi víram notaveis exemplos vencer os antigos gregos, e romanos. Mãy nobre e rica que ofereceu seu filho unico em sua casa e em sua consolação; contendas entre pay e filho qual se havia de alistar, alegando o pay a experiencia da navegação, o filho as obrigaçoes do pay, a sua casa, mulher e filhos, outro que impedido mandou seu filho de doze anos com vinte soldados á sua custa. Vendo os governadores sua tenra idade o quizeram persuadir se tornase para seu pay indo a gente; respondeu que não era aquella a mercê que de tan grandes senhores esperava. Todos tres irmãos de [illegible] casa honrada se resolveram ir na jornada. Pi[illegible] injusta [illegible] o desamparo que se [illegible], força que [illegible] dade mayor de qual seria, [illegible] dados, foram [illegible] João Ferreira [illegible] morreram [illegible] João Ferreira [illegible]

cousas tocantes ao seu oficio de provedor mór do exercito da empresa e do estado do Brazil, Diogo Ferreira depois de muito trabalho no mesmo oficio no Cabo Verde e na Bahya o espera uma bala de artilheria estando com a sua companhia de guarda nas trincheiras.

Grande falta para meneo das cousas, grande pera o general que nelle descançava, se pode chamar-se falta a perda de tal pessoa, grande lastima para sua casa. Sendo Viana dos mais nobres lugares de Portugal, e de taes exemplos, merece verdadeiramente particular memoria, mandou tres navios e tresentos homens de mar e guerra entre elles pessoas muy principais, João Ferreira, Diogo Ferreira, Gonçalves Lobo Barreto, Afonso de Barros Caminha, João Casado Jacome, Bento do Rego, capitães de infanteria D. Antonio de Lima, João Barboza de Almeida, Manuel de Lima, Francisco Pedroso, Bernardo Velho, Boto, Manuel Caminha Corrêa, João de Govêa Corrêa, Antonio Pinto, Manuel do Rego, Jacome da Silva, quatro filhos de Pedro Velho Travasos, Antonio de Morim Serrão, João Barbosa, Diogo Jacome Beserra, Domingos Ferreira, Belchior Preoles, Thomaz Fernandes, Fernando Munhos Corrêa, Gabriel Fajardo Beserra, Valentim de Sousa, Domingos Pereira Jacome, Domingos Borgueira, Bento Rangel, Antonio Branode Tavora, Simão Salgado capitão de um patacho, Manuel Dias, Manuel Faria, Gaspar Maciel, Lourenço de Amorin, Antonio Borges Pacheco, Antonio Velho Gondim, Afonso do Porto, Manuel Corrêa Jorge Pinto, Jacinto de Alpoim, Gaspar Lisio, Baltasar Sisio Cogominho, Luis Pinto Pedroso, Antonio de Magalhães, Simão Fagundes Jacome, João da Rocha Fagundes, Estevam Rodrigues da Rocha a que as ordens sacras não tiraram o apetite das armas, cappelão no exercito.

Sayo do Porto junta esta esquadra de dez navios á ordem de Tristão de Mendonça Furtado, e em Lisboa desembarcou muy lusida gente. O trabalho e cuidado do Conde de Miranda neste bom serviço o estimou S. M. e muito, e mostrou por carta que lhe escreveu em 25 de Novembro. Fez-se toda a armada á vela no Porto de Lisboa com alegria commua, esperanças em Deus de bom successo, segunda feira pela manhã 18 de Novembro dado fundo em Bethlem se deteve para acabar de recolher a gente, e aperfeiçoar alguã coisa se faltava como se acontecer em outras de mais breve jornada, ate 22 estando aquela manhã os governadores em sua falua para desamarrar a capitania se levantou supitamente um vento nordeste, lesnordeste furioso que causou novidade nos mais praticos marinheiros. Disse D. Manuel de Menezes que lhe parecia não convynha desamarrar a armada com tal vento, porque se não podia dobrar o cabo para ir na volta de Cadix, nem.....nelle esperar pela de Castella porque em 24 horas desaparelhariam os mais navios que eram de particulares de velas, enxarcias desporporcionadas aquelle trabalho, nem pairar por serem alguns velhos, e mal tratados sem risco notavel de se perder parte da armada, ou derotar. Como a necessidade era tão urgente em cousa tão essencial, e por outra parte eritava os sentimentos da delação, o ver podia sair D. Fadrique (posto que vulgarmente se disia que estava de vagar, não faltando resões para se diser) ou menos encobriase aos olhos o efeito da-deligencia que em Liboa no apresto da armada se fisera, começaram os governadores a entra-em novos pensamentos se averia porto en que esta armar da esperasse a de Castella, das Canarias se desenganaram, fallouse em Cabo verde, ouae pessoa que com grande vaydade se mostrou practico naquellas ilhas Jumtaram-se alguns

pilotos e mestres, D, Afonso de Norona, D. Manuel de Menezes, com os governadores, assentou que a de mayo tinha porto capas de todas as armadas, abundantissima de carne, fructa, reguda de Ribeiros de muy boa agoa. Bem se pode esperar de taes pessoas os condes D. Diogo da Silva Don Diogo de Castro qualquer grande resolução, mas ordem divina foy dignissima de hum gran discurso que naquella hora se resolvesse fora do regimento real a que a armada fosse naquella volta. Mandaram a Luis Falcão que estava presente fisese novo regimento em nome de S. .M se mandava a D. Manuel de Meneses que consideradas as circunstancias se fizesse á vela em demanda das ilhas de Cabo Verde e nellas esperase por D. Fadrique de Toledo.

Estou como com ancia desjando chegar a estas ilhas não para descançar do trabalho de escrever, he a leitura breve posto que cansativa, meuda e seca conforme a o nome entalada entre os limites rigorosos da verdade que muitos verão e espreytarão sem me podêr chegar a elles, tanto menos passalos com discursos ou praticas, compostas para deleitar os delicados ouvidôs deste tempo, que tudo o al condenam, mas por apregoar as misericordias de Deus, que violentou a vontade dos que a receberam acertos guiados por sua divina bondade tomando por instrumentos delles aos erados discursos humanos, temerarios atrevimentos; perturba este gosto e sucesso un galeão, dano de amigos perda de muita gente que miseravelmente se afogou. Por atalhar a tanto fastio me pareceu grande trabalho copiar aqui alguns capitulos de cartas que D. Munuel de Menezes escrevia a S. M. em que lhe dá conta do sucedido. *Esta é a primeira*; Foi V. M. servido por muy justos respeitos que para isso ouve de me mandar que com esta armada viesse as Ilhas de Cabo Verde. Logo em chegando despachase uma

caravela com aviso de ser chegado. Parti a 22 de Novembro com vento nordeste rijo, e se nessa costa cursaram os tempos que passamos, julgaram os praticos por merce particular de Deus a resolução dos governadores, porque depois que o nordeste esbravejou cinco ou seis dias ameaçou o vento deste que vareou pelo sul com choveiros no lugar em que estavamos surtos muito para temer na estação do inverno, e deixado o perigo que corria nesta armada, se iria com tanta dilação desbaratando, e inpossibilitando como o esperar no Cabo de S. Vicente era a total ruina, e não pequena a detença em Cadix se o tempo fora para tomar aquelle porto, aonde avia de aver inconvenientes, e desmanchos, se aly nos entrase o inverno (o que bem se pode presumir pois até oje não chega D. Fadrique de Toledo que estava prestes para partir conforme sua carta cuja cópia envio a V. M.) correr esta armada muitos riscos, tantos navios juntos os mais de particulares pobres, mal aprestados de ancoras, e amarras. Vim com mayor cuidado nesta armada do que nunca tive noutra porque como se murmurou que alguns destes navios oferecidos a V. M. traziam negocio e mercancia, como se me apartavam, os dava por derrotados, o que agora me alivia suspeitando que alguns que me faltam estarão em Parnãobuco. Chegamos a 28 á Ilha da Madeira, e a 7 de Dezembro avendo navegado com vento mais brando, mas de chuveiros nos posemos na altura de Tanarife e passamos por entre ella e a Palma achandonos em 10 muy perto da Ferro, Aqui começaram alguns navios a descuidaren-se da vigia apartandose nos muito por uma e outra banda a almiranta, esperava por todos a cappitana. Faltounos a caridade, que achamos desveleyados até que se entendeu não podia ficar por popa. A 14 indo a cappitana com pouco panno passou a Conceição veleyada

ao tope adeantando-se de maneira que de tarde estava a vista, e não vimos mais. Outros navios perderam o farol e se nos não ajuntaram posto que navegamos contra aquelle mesurado, escuadeira somente, sofrendo por esta causa grandes balanços, A 18 em que dizem se perdeu a Conceição passou a cappitana por altura de 16 quarenta leguas pelo meu ponto a lesnordeste da Ilha de Maio e a desenove por quinze e un terço, dose legoas da ilha. As duas depois do meio dia se nos mostrou uma sem aver piloto nesta cappitana que a conhecesse e da armada uns diziam que era a do Sal, outros a de Mayo, podendo ao que mostrava a proa passala por barlavento, temendo alguns baixos nos fizemos antes da noite ao mar noutra de sudoeste, por não descair com os mares que eram grossos voltamos antes da meia noite a noronoroeste. Levado o sol nos ficava como quatro leguas, tanto descaymos naquella volta. Vendo-me aquilavento fui de lõ tudo o que pude, comtudo ao meio dia ja a não viamos achando-nos em quinze graus e meio. Considerei os erros das cartas e padrões de Portugal, quam necessario he haver quem as emende para que se navegue sem perdições desculpadas, chamei caravelas para me informar de outros navios que vinham aportados, mas afóra ser o tempo tromentoso estavam muy longe e não acudiram. Aquela tarde vimos a ilha de S. Thiago que os pilotos desta cappitana opondo-se ao que un dizia afirmaram com juramentos que era fogo que dizian reconhecer por certos sinaes e todos falços. Fomos toda a noite correndo com tromenta fazendo escassamente o caminho de Noroeste posto que apontavamos quasy ao Norte. Na manhã de 21 bem levantado ja o sol e estando ja mais brando o vento se nos chegaram alguns navios e uma caravela, aconselharam que nos fizessemos na outra volta do sueste; indo nesta largamos

vela de gavea e por puro descuido, e depois por teima de alguns se nos quebrou o mastareo grande, e juntamente o garlindeo com que ficando sem remedio de bolinar. Indo com aquella proa vimos a do Fogo ao Sudoeste, e se sertificaram que o era, o que me foy de grande alivio, porque já me requeriam que fossemos a Parnãobuco pois era o vento geral, e estavamos aguilavento de tudo.

Foi Deus servido que alargasse o vento quando com menos esperança estavam, sem vela de gavea, ultima desesperação, e podemos ir alessueste com que nos chegamos ao abrigo da ilha que já tinhamos perdido. A 22 estivemos perto de terra, e nos chegou a caravela de Montearey o que eu tinha enviado diante a pedir piloto, e me deu a triste nova do naufragio da Conceição na Ilha do Mayo ainda estavam muitos dos nossos navios, e no Porto de San Tiago a caravela de Sebastião Marques mandado sondar ao longo da costa para surgirmos, e sem ordem se fora ao porto. Tambem soube que ficava aly a caravela de Cosme do Couto que a nossa partença ficou nesse porto de Lisboa. Despachey logo ao governador Francisco de Vasconcellos mandase uma ou todas as caravelas para acudir á perdição da ilha do Mayo indo tudo a ordem de João Coelho da Cunha cuja é aquella ilha, e me tinha escrito oferecendo-se a V. M. com sua pessoa fazenda, bois, carros e escravos. Terça-feira 24 surgimos neste porto da Praya duas legoas para a parte de leste de San Tiago guiados por um piloto da ilha da Madeira o mais pratico dos que navegam aquellas ilhas, que estava nesta acaso com seu negocio, e trato com uma caravelinha no porto de San Tiago, e sem elle mal poderamos escolher este de que lhe mandei passar certidão. Chegados ao porto que desejava não posso discorrer brevemente no modo com que Deus nos fez tanta

mercê e apesar de tudo o que se ha de amplificar deve ter principio no de menor para caminhar ao de maior consideração, aqui onde tudo é maravilhoso escusado fica qualquer genero de artificio. Não estava aprestada a armada de Castella tam adiante como se pensava, antes atrasada, que se a de Portugal fôra a Cadix se póde ter por certo, como muitos intendentes da materia confessaram que nem muitos dias depois que partiu podia partir. Foi a deliberação, e saida della humas esporas e aguilhão, causou pensamento de que poderia achar-se naquella empresa (não se tinha tanta opinião da força do inimigo antes a comum juizo não seria achado no Brazil ou é que o receo tudo facilita) uma viva emulação onrada inveja que obrigou aos ministros vencer grandissimas dificuldades; se D. Fadrique tardava não avia saìr depois pela nova de que Inglaterra se armava contra Espanha com grandissima força perdia-se tudo metendo-se tempo em meio.....
o gentio ir constante ao ardiloso Olandes a gente vinda da Bahya com esperança proxima de grau socorro se sustentava, se o inimigo não quisesse degolalos, ou desalojalos cahya em necessaria desesperação. O inimigo se fortificava mui á vontade com os materiaes, pedra, vigas, e tudo o mais que os edificios do Carmo, e San Bento lhes dariam largamente, desmantelando-os quando se não quisesse cansar nos matos, e nas cauteiras, chegando-lhe socorro, navios de força, artilheria, muniçoes junto ao que tinham, deixando presidiada a praça entrava hum exercito pela terra dentro para o que tinha pequenas peças de campanha commodos encavalgamentos, pistolas, peitos, espaldares, selas bridas; conseguia todo seu intento. Toda esta maquina andou sobre este couce de sayr a armada Portugueza, todo o movimento deu aquella resolução dos go-

vernadores, nem parece foi acaso a subita furia dos nor-destes não è temeridade dizer que tomou Deus aquelle meio para que saisse. Os pilotos que facilitaram tudo oferecendo portos, nada sabiam; foi necessaria sua ignorante temeridade; se tiveram noticia certa da ilha de Maio, não aconselharam que se buscasse porque é esteril, provida somente de cabras danosissimo mantimento pra gente acostumada a outros diferentes; de nenhumas frutas de nenhum regalo, de nenhum morador senão de alguns negros do senhor della que assistem a um pobre feitor para matança deste animalejos de que as peles é o principal proveito, ainda que pouco. Nos rios, nas fontes, que fingiam se enganavam. No porto não ha agua; a da pobre ilha é como lago detido, por larguissimo caminho apartado da costa em que se havia de surgir. Aly se consumira a gente com descomodos, sedes e fomes, de que se lhes avia de causar grandes doenças, o que parece Deus quis atalhar não permitindo que a cappitana estando por barlavento da parte em que avia de surgir dese fundo nella fazendo que os pilotos praticos a não conhecessem, como tambem não quis que fose surgir ao porto de San Tiago aonde vão ordinariamente os navios marchantes, porque indo aly não ouvera de ficar ancora nem amarra nos primeiros dias que se detivesse. Quis S. Divina Magestade asy parece, mostrar o ultimo trabalho perdesse esta não o garlindeo, e mastareo ficando-lhe já o porto por barlavento para, mudando os ventos geraes, aproveitando-se dos segredos de certas horas e marés que nenhum dos da armada conhecia, aonde em muy bom fundo de poucas braças esteve aquella armada sem perda de amarras de que hia mui falta. Acharam-se bastantes regalos, galinhas, frangãos, capões, cabritos, leitões, limas doces, cidras, li-

mões, laranjas de toda a sorte excelentes, muito e mui bom peixe que pescavam, muitos porcos, vitelas mui gordas, carne de vaca gordissima a preço mui baixo, muito arroz, manteigas, fructas de muitas sortes, uvas, figos, melões, cocos, ribeiras de agua, posto que distantes, mas naquelle porto hum pouco inexhasto de que alguns dias depois se soube por experiencia ser de mui boa agua para a armada, assentando-se brevemente, tenha de que sem trabalho ou custo se proviam longamente, parte emfim em que se poderam ir fazer chacinas para as armadas, em que com muito paz e saude esperou cincoenta dias por D. Fadrique.

Aqui chegou João Coelho que enviei á de Maio com gente e petrechos na caravela de Cosme do Couto, para tirar a artilheria ao que tudo se oppunha alegando impossibilidades: com o vento rijo arribou ao terceiro dia. Mandei logo a de Monteroyo o que levava mestre mui experto, e mui boa pessoa; esta tambem arribou tendo vista de hum pataxinho, vinha este de Guine, e era do governador; e porque o vento se levantou tromentoso não houve remedio que esperar abrandasse algum tanto. Tornou em 4 de Janeiro levando João Coelho, e Egas Coelho seu irmão e o auditor geral deste exercito que com mui franca vontade se ofereceu, e afirmo a V. M. que é pessoa notavel merecedor de muitas mercês que V. M. lhe fara quando vir seu procedimento; foi com elle João do Loureiro seu primo que seguio as letras em direito civil, e é muito para as armas, e me parece será de importancia para as armadas, o que permiti, posto que o auditor leva oficios, a que convem assista, persuadido convinha muito ao serviço de S. M. ver tudo com os olhos, o estado da não, o logar em que se perdeu, a possibilidade de lhe tirarmos a artilheria e se informar de outras cousas. Terça feira 7 do mez abran-

dando a brisa tornaram com muitos aprestos, artilheiros dos melhores e outros homens do mar todo a ordem de Francisco Duarte, mestre do navio em que vem Tristão de Mendonça, e nelle tem parte Tomé de forças, saude, experiencia, e notavelmente desejos de entrar no serviço de V. M. havendo-o ahy por bem Tristão de Mendonça que para este efeito mo largou oferecendo o navio e sua pessoa. Partiram ás oito da noite chegaram no outro dia á tarde. Terça feira 14 do mez chegou aqui o auditor, ficando lá toda agente com mui boas novas da artelheria deixando huma peça enterrada, huma na prancha, e outra para se meter nella. Naquelle dia terça feira mandei Heronymo de Gouvea mestre desta cappitania, bom marinheiro e de mui boa resolução que se me ofereceu, e a meia noite pouco mais chegou aqui com dois carretois que avia na cidade. A 15 do mez foy Monteroyo, e Couto com petrechos de novo e mais gente e porque as caravelas se fizeram á vela sem levar hum batelão necessario para que com mais facilidade se tirar a artilheria, nem poderiam quisais por ser pequenas e estar a de Couto aberta pela aguada desta armada em que assas se trabalha; foy necessario mandar hum patacho capaz de trazer a artelheria que já agora com ajuda de Deus em gran parte estará tirada. Não foi a caravela de Marques que é grande é possante porque.....
Isto é o que passa até agora 16 de Janeiro de 1625. Pela devasa que envio verá V. M. como passou a perdição do navio, e afirmo a V. M. que me vejo em aperto no que escreva; estou magoadissimo de tamanha perda sendo tal a ocasião que carrega tanto sobre mim, e avendo que não foy causado o mal por algun dos desastres que no mar acontese, senão por pura fraquesa e inhabilidade de homens..... mandei prender o mestre e o piloto.....

Esta é a verdade do caso, mas por outra parte se hade considerar qne não tem aqui logar malicia humana para suspeitar que deixasse os officiaes deligencia alguma para livrar o navio do perigo, é desastre que a muitos póde acontecer e a mim a quem o tempo tem ensinado muito a minha arte. Estavam naquelles dias aquellas ilhas mui cobertas de nevoa, como estão gran parte do anno, não se vendo que de mui perto. Corre aquella costa em que o navio se perdeu quasi noroeste e sueste, o vento nordeste rijo; pela proa que levava bem se cuidava podia costear livremente; em verdade que digo a V. M., o que entendo como se com os olhos o estivera vendo, indo com esta intenção apartados o que pareceo necessario, viram de longe romper os mares pela proa, o que não foy crido pelo piloto, porque não está nas cartas a restinga tanto ao mar, nem os roteiros a dão tam afastada da costa; com tudo se fez na volta do noroeste, e como os máres eram grossos e o vento pesado voltou-se en roda e com isto se chegou o navio mais a terra aonde se vio metido em novo trabalho com outra restinga pela proa, valeo-se do remedio que o tempo dá, surgio com huma ancora, e depois com duas juntas. Nada lhe valeu, como naturalmente em costa com tal vento não podia contrastar ao perigo, engenho ou arte humana; se convinha mandar sindar com um batel, de que até para se salvar fugio a gente entre taes ondas descorrem os que estamos fora do aperto. Vi valentes descuidados em semilhantes trances, de outras cousas mais faceis. Vi desaparecer-se o leme muito antes de dar a costa, faltar-me quem fosse cortar as boisas, a entena do traquete..... faltar que fosse buscar as amarras com que a meu pesar queria surgir, salvar-se os pilotos, e marinheiros em hum batel, deixando-me na náo, inteira, e sem tocar; a nin-

guem castiguei tendo jurisdição de V. M. para o fazer em casos de maior crime.....22 de Janeiro de 1625 o titulo deste livrinho oferece contar algum caso particular quando delle se podem tirar avisos para semelhantes ocasiões e proveitosas ensinuanças. Posto que todos os fidalgos neste naufragio por diverso modo fizeram seu dever é necessario tomar delles por mostra dos de mais, e assim approvo muito o procedimento de D. Antonio de Meneses, naquelle aperto não inorando que gloria *et virtus infensas habet ut animus ex propinquo diversa arguens;* fiou-se no gallio deliberado ajudar a salvação de muitos, com huma constancia digna de imitar-se em transe semilhante, a onde o amor proprio perde tudo, e alguma vez a mesma vida, que arriscada a honra mais estima. Deixey esta carta para ultima e remate de contas de nossa artilheria. Feitas as deligencias entendi que o cuidado em que a gente estava de que podia chegar D. Fadrique e acontecer ficarem-se na ilha, seria causa de se apressarem deixando parte da artelheria mandei de nôvo mais gente do que me pediam asseguran-do-os por minha palavra esperaria por todos confiado em que não havia Deos de permitir que olandeses que brevemente aportaram naquella ilha para carregar de sal como costumam se aproveitasem de tam boa artilheria triumfando de nossa desgraça. Fez no S. D. M. mercê em tres de Fevereiro as tres horas e mea depois do meio dia nos chegou a caravela de Monteroyo, com as ultimas peças, reparos, e algumas muniçois. Cuido que mandando somente entre tantas impossibilidades que me punham, e geral desesperação tenho trabalhado muito, mas nem com isto encaresse bem o que fez aquella gente que o executou por serviço de V. M., sem declarar as circunstancias. He aquella costa brava de grande ressaca de mares mui levan-

tados neste tempo, o vento travesão muy rijo sem abrigo algum. Estava o corpo do navio combatido dos mares, mas entrado delles que quando a gente se sayo por não perecer miseravelmente. Entrou esta vencev o temor, ronpeu as ondas pondo as mãos ao trabalho. Tirava-se com muito perigo a artelheria porque estava mui encostado. As pranchadas em que devia de vir a terra sobre serem trabalhosas de ordenar vinham com risco grande de se voltar como a conteceo a huma das primeiras com perigo dos que nella vinham. Na praia depois de passados no mar arrecifes perigosos, os espera não huns medões de area solta e funda deficeis de passar por gente não ocupada. Daly ao lugar onde estavam as caravelas o pataxo avia quasy tres legoas que se passavam com dificuldade e vagar por falta de carros e de boys que eram seis somente. Depois de tirar a artilheria estava a gente tam pronta a despresar perigos que sulcavam os mares espreitando o fundo para tirar duas peças que o navio alyara antes de surgir, e vendo-se hum sembrante não faltou quem mergulhase e reconhecesse que era fuste de huma ancora. Salvou-se tudo o que se achou, e logo como levaram por regimento, recuperam o costado, entraram no payol do mestre, tiraram velas, moretes, paveses, archotes de cera, fio, pregadura; dos camarotes fazenda dos particulares, e com tudo se recolheram a esta armada, João Coelho da Cunha assistio com sua pessoa, escravos, e boys, sustentando muitos dias sessenta homens, matando-lhes seus gados com largueza mui conforme ao zelo que de principio mostrou pelo que merece que V. M. lhe faça merce de o honrrar. Ao outro dia terça feira 4 do mez estando escrevendo esta chega huma fragata de S. Lucar, me dá novas que D. Fadrique de Toledo sayo ha 22 dias de Cadiz com sua armada, que por esta conta

foy a 14 de Janeiro, e já nos não toma de sobresalto. Queria em quanto a de Portugal espera a de Castella então commodo porto contra os sucessos das armas olandesas por mar e terra, mas foy tão exessivo o trabalho que não ouve logar que para padeselo. Contudo posto que anteponha, ou propunham injusto será ficar em silenclo. E se revelas hey por relações que tive sem obrigar nelas o escrupulo da certesa com que escrevo. A folhas 27 de Julho de 624 sayo Jaques Guilhelme da Bahia com onse náos bem artilhadas da armada em que fora general, destas se não soube mais que tornar-se pera Olanda com carga de sal; não levaram mais gente que a do mar. A seis de Agosto sayo outra esquadra de seis navios, e dous pataxos com pouca genta de guerra tirada das companhias que ficavam na Bahya. Nesta foy Pedro Perez almirante da armada na volta de Angola aonde chegou a 30 de Outubro deixando-se estar á vista da Loanda 30 dias. Tudo estava prevenido por aviso de S. M. e socorro que os governadores de Portugal, tinham mandado com Bento Banha Cardoso, e pelo cuidado, e assistencia do novo governador daquella provincia Fernam de Souza que então chegara; feita presa de huma náo de Sevilha, e outros dois pataxos de pouco porte, sem dano seu, e ainda sem risco se fez na volta da costa do Brazil, em Março de 625 entrou no porto do Spirito Santo de que aquella cappitania toma o nome de que era donatario Francisco da Guiar Coutinho que a governava. Queria Deus livrar esta provincia de piratas estando aquelle porto sem força falto de munições se achou nelle acaso Salvador de Saâ de Benevides que tinha ido de socorro ao Rio de Janeiro, e seu pay Martim de Saâ o mandava com duas caravelas e quatro canoas a socorrer a gente unida da Bahya, dizem, com duzentos homens brancos e indios de

arcabuses e frechas. Juntas as forças sahiram a encontrar o inimigo o que apregoando paz em altas vozes hyam marchando pera o lugar. Não lhes pareceo aos nossos bom partido a escaramuça de arcabuses, de gente pouco practica, e de frechas tiradas por indios que tenho por causa de nenhum efeito em corpos vestidos, contra cento e vinte mosqueteiros que o olandes levava. Mas com resolução portuguesa aproveisando-se dos melhores frecheiros os envestiram a espada com tanto valor, que deixaram o posto fugindo sem ordem, largando mosquetes faltos de animo para empunhar a espada. Com despojos se recolheram os nossos á povoação, e elles com sua afronta feridos, e espancadas as suas lanchas, com perda de vinte cinco homens, mortos no primeiro encontro. O dia seguinte sentindo uma emboscada em que Salvador de Saâ os esperava não ousaram tentar fortuna, nem poderam escapar de suas mãos pelejando no rio de uma barcaça, e duas lanchas, e o Saâ de suas canoas com que os poz em fugida tomando-lhes huma, escapando outra com o remo empunho. Morreram querenta do inimigo fora os feridos. Esta esquadra foy na volta da Bahya, e achando nella a armada catholica fez sua derrota para o norte passando a vista de Parnambuco a quatro de Maio.

No destricto da Bahya ouve por este tempo muitas mudanças de governo. Antão de Mesquita foy eleyto em se unindo a gente, por capitão mor para acudir a que o inimigo não sayse da cidade facsão de que nas relasões se faz gran caso, e por ventura deu ocasião a grande trabalho, e maior risco como se vera. Sendo asy que por muitas inquirições que depois se tiraram e me vieram á mão contou que com pena de morte era proybido nenhun saise dos marcos da cidade, e por esta conta os que sayam era gente

de pouca consideração, e desobediente. Com o novo governador foram eleytos cappitães, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Lourenço de Brito, Diogo da Sylva, Belchior Brandão, Belchior da Fonseca, Francisco de Barbuda. Mas vista a impossibilidade de Antão de Mesquita por idade e achaques os officiaes da camara que residiam em Pitanga termo da cidade elegeram dois coroneis, Lourenço Cavalcanti e Antonio Cardoso de Barros pessoas naturaes daquellas terras sem nenhuma consciencia a cujo cargo estivesen as cousas da guerra, e neste tempo deviam os vereadores a modo de sisma de eleger por capitão mor ao bispo que deixada a aldea do Spirito Sancto em que residia, se mudou para rio Vermelho huma legua da cidade. porque em huma carta de 12 de Setembro em que Antão de Mesquita dá novas ao capitão Malhias de Albuquerque de ser chegado o capitão mor Francisco Nunes Marinho fala como apaixonado e resentido alegando muito o que mereceu ao serviço de S. M. na paciencia com que desimulou os agravos que recebia do bispo, a quem carrega muito com synonimos gramaticos de ambicioso, se queixa do odio que lhe tinha mui antigo por resão das contendas com a relação sobre querer uzurpar a jurisdição real. Mas foy este prelado excelente pessoa, e aquella relação se extinguio por ordem de S. M. Deixou este valeroso prelado crescer a barba, vestiu roupa de burel por baixo do joelho, chapeo de abas grandes representando nas acções das armas hum grande general, hum exemplo de vida na modestia, com hun cruz nas mãos santo do ermo. As armas de suas bandeiras, era a ditosa arvore em que o filho de Deus morreu por nós. Ajuntando a gente achou mil e quatrocentos homens brancos, e duzentos e cincoenta indios que lhe asistiam com muito gosto, e cuidado. o que depois da sua morte

mudado tudo não foi asy. Aquartelouse em rio Vermelho, ordenou trincheiras de terra, e faxina com seus traveses, plantou em certas plataformas seis peças de artílheria, seis roqueiras tres falcões, com que tudo ficou a seu parecer defensavel da força com que o inimigo poderia acocmeter deixando o presidio da cidade. No trabalho da pa e da enxada era o primeiro exemplo. Deste govêrno que durou quase quatro meses tive algumas relações muito meudas de morte de alguns olandeses que se desmandavam, de outros que sayam a buscar alguma res, ou a lavar sua roupa, de alguns assaltos ora no rio ora junto a seus reparos da cidade. Assinalavase nestes o capitão Manuel Gonçalves, e com particularidade o capitão Francisco de Padilha natural do Brazil que trasia sua origem de Portugal. Sayo a 15 de Junho o coronel João Doart a cavallo acompanhado de alguns soldados tocando trombetinha diante; acudio este capitão com a gente de sua bandeira, e do primeiro arcabusaço matou o cavallo do coronel, e arremetendo sem escutar rasões, ou promesas lhe cortou a cabeça, e invistindo a companhia os poz em fugida, e lhes foy no alcance hum gran pedaço. Alguns dos inimigos se acharam mortos, nem o numero dos feridos se soube. Em logar do morto coronel foy eleyto Alberto Scott. Entre os fortesinhos da Bahya só o de San Phe!ippe ocupou o inimigo com trinta soldados e hum cabo. Está a huma pequena legua da cidade da parte do norte mandado fazer pelo governador D. Francisco de Souza para seu regalo, e entretenimentos. O sitio chamado Tapagipe é uma peninsula eminente que com trabalho de poucos gastadores se podera islar, e desmantelada a do Salvador como impossivel de defenderse pelos padrastos que a coroam, e povoarse nella uma cidade digna de metropoli daquella gran provincia. Tudo o que o

mar lava em cercuito he resaca, arrecife e costa brava, tem huma fonte e avera outra se as buscaren, e a falta dellas poderão deferir sisternas mui capazes. Não tem padrasto donde possa receber dano, sitio excelente, lindas vistas, como o porto fronteiro ás armadas que entraren pela barra, a terra fertilissima; meterão-lhe algumas peças de artilheria tendo-o como refugio (se é verdade o que este cabo disse sendo juridicamente perguntado em Lisboa, do que muito duvido) para se recolher se por má fortuna fossen desalojado da cidade. Querendo este cabo regalar com pescado fresco o novo coronel sayo em 3 de Agosto con tres companheiros para o tomar a huns negros que tinham atravessado hum esteiro com parede de pedra solta deixandolhe huma aberta por onde o peixe os rebeldes em barcos em que apenas cabiam, em esteiros mui estreitos e os nossos entrincheirados por suas margens. D. Francisco de Moura quarto capitão mor do exercito dos assaltos, e reconcavo da Bahya, chegou á Torre de Garcia d'Avila em sete barcos a 19 ou 20 de Novembro. A 3 de Desembro lhe entregou Francisco Nunes Marinho o cargo conforme a orden de S. M., e como dono mais proprio dispoz as cousas com mais vagar e descurso. A Manuel de Souza de Eça que tinha ido por capitão mor do Gran Pará encarregou de fortificar alguns portos donde se pudesse acodir as sortidas que o inimigo fizesse apicorea e a dano dos engenhos, e por atalhar todas as vias esquipou algumas embarcações para guarda dos estreitos por onde se vão aos engenhos. Destas fez cabo João de Salazar de Almeida, sinalou instancias particulares aos cappitães Francisco de Padilha, Lourenço de Brito, a quen dava a de Rio Vermelho, a Manuel Gonçalves a de Tapagipe. Serviram nestas ocasiões os capitães Pedro de Campos, Antonio de Moraes, Jorge de

Aguiar, Diogo Mendes Barradas, Antonio Casemiro Falcato, Gabriel da Costa, Agostinho de Paredes, Francisco de Castro, Cachoeiras, natural deste estado, e outro que não vieram á minha noticia, Neste governo ouve varios assaltos com bom sucessos achando se em alguns delles D. Francis- de Moura.

Os bandos que na cidade havia que ninguem saisse ao campo sem licença, agora escreve os credulos se apertaram mais por av r já no exercito muitos mosquetos, munisões e infanteria diferente, o que tudo se bem póde ser verdade, foi certissimo caminho para o triste successo que depois se padeceu. Não cuidei que tão largo fosse o aparato, pudera reclamar sobre o titulo do livrinho, e não menos sobre a proposição. Mas verdadeiramente mais pesado fora á nação Portugueza prontissima ao serviço de seus reys, e nesta ocasião com tanto excesso das passadas, zeladora de sua real reputação, deixando de escrever estes successos, do que aprasivel aos engenhosos criticos se cortando-os passava a cousas mais sustanciaes. Está o animo desejando de levar ancoras, estender velas das armadas catholicas aos nordestes com que ão de sair do Cabo Verde para chegar ao fim do que pretendi escrever mas vejo a isto necessaria delação. Partiu D. Fadrique de Toledo Osorio Marques de Vilhanueba de Vaulduesa, capitão general da armada e exercito do mar oceano, avendo-se cansado com trabalho excessivo, e assistencia continua no apresto de sua armada, de Cadix a 14 de Janeiro de 625, e sem cuidado que de uma borrasca desembocando o Cabo de S. Vicente, e de hum navio e tartana derotados que pouco depois se lhe ajuntaram, chegou ao porto da Praya a 6 de Fevereiro quando se punha o sol com pujantissima armada. A sua cappitana real, a real

do estreito que fazia o o oficio de almirante real, a cappitana de Napoles, de Biscaya, de Quatro vilhas. Vinte e cinco navios de força, afora..... e outras de bastante artilharia, e ya guiada pelo capitão Cosme do Couto, que D. Manuel de Menezes capitão general da armada de Portugal tinha enviado á ilha de Maio a encontrar a de Castella. Ouve as salvas costumadas, e com excessos nas cortesias pela excelente naturesa de D. Fadrique. Não ouve logar aquella noite de visitas, por recados ao seguinte a ora conveniente da manhã se embarcou D. Manuel acompanhado em sua falua, e noutras que o seguiam da mais em numero, mais rica, mais calificada nobreza de Portugal que em outra qualquer ocasião, em que a pessoa real não fosse se tinha achado. Quiz venselo em cortesia o general de toda a empresa D. Fadrique, e o venceo, mas por falua mais ligeira em que no mesmo porto se embarcou, navegando cada uma dellas para a outra cappitana em copetencia qual primeiro chegaria. Chegou D. Manuel a Castelhana estando já D. Fadrique na Portugueza; voltou logo e esperou logo baixasse D. Fadrique para o acompanhar a sua capitana como estava obrigado, avendo sobre isto dilatadissimos comprimentos. Obedeseo enfim D. Manuel, recebeu visita na sua varanda. Acompanhavam a D. Fadrique o general D. João Feijardo, D. Afonso de Lencastre filho do duque de Aveiro D. Henrique de Alagon seu sobrinho filho de D. Martin conde de São Thiago, e de sua prima com irmãa a condesa D. Caterina Pimentel filha do Marquez de Tavora, o Marquez de Cropam mestre de campo general da empresa, e mestre de campo D. Pedro Bocio, D. Manuel de Gusmão, e outros muitos fidalgos, e capitães. Dispedindo-se não permitio que D. Manuel baixase, mas seguindo-o a gran voga chegou antes e subiu a sua cappi-

tana, aonde se deteve um gran espaço. O gosto com que estas armadas se ajuntaram se poderam mal engrandecer com poucas palavras. Contase que quando D. Fadrique descobrio a de Portugal dando graças a Deos pela mercê disse Juanes Baptista em martes dia que sempre deseja escolher para suas impresas até nisto se conformarão que aquella mesma afeição tem D. Manuel as terças-feiras sendo Menezes, e aribas Mendoçasda casa do du que do infantado. Quatro dias se deteve naquelle porto D. Fadrique excluido o em que chegou e o em que partio, Nestes fez gran deligencia em refazer os navios de que faltava, no que ajudaram com muito cuidado as caravelas de Portugal, em quanto esta aguada se fez, porque este tempo se não perca, será muy a proposito de ver-se que jurisdição foy S. M. servido levassem os generaes de Castella e Portugal que toda veo por decretos do conselho de estado de Portugal que não quebrou, ou alterou algumas das antigas assentadas por consentimento de ambas as coroas.

COPIA DO ALVARÁ SOBRE O MODO DAS BANDEIRAS E OUTRAS PREHEMINENCIAS.

Eu ElRey faço saber aos que este alvará virem que avendo visto o que se me representou por parte da corôa de Portugal ácerca das preheminencias do seu estandarte, quando as armadas delle navegarem em companhia das de mar oceano. E querendo dar tal ordem que fosse assentada e estabelecida para o diante consideradas as conveniencias de meu serviço e autoridade da mesma coroa que se oferecem para aver de ordenar, ei por bem e mando que as cappitanas das armadas da mesma coroa assim as que forem e vierem da India oriental, como quaesquer outras que

com o nome e titulo de armada real se foren e apresentaren naquelles reinos por conta delles tragam estandartes quadrados nos calseses com as armas reaes de Portugal, como as costumam trazer as cappitanas dos ditos reinos; sendo a cor dos ditos estandartes azul, vermelhos, ou qual o meu Viso rey de Portugal escolher, não branca como trazem as armadas da corôa de Castella para que aja diferença entre umas, e outras e possam sempre ser conhecidas dos navios de suas cappitanas e não trarão as ditas capitanas de Portugal estandarte na popa o que somente fica reservado para a cappitana real do mar occeano, ou sua almiranta em sua ausencia com declaração que as ditas cappitanas de Portugal quando encontraren a real do mar occeano ou sua almiranta em sua ausencia no mar, ou no porto o não sahir delle lhe abaterão os estandartes, e a salvarão com quatro peças de artilheria logo que chegarem a vista, e a real lhe responderá com duas; e depois tornarão as ditas cappitanas de Portugal a arvorar os estandartes, e estavão e navegavão com elles, e tendo ordem minha particular para se ajuntaren, e navegaren com a dita armada no mar oceano não levarão faról aseso, e seguirão e guardarão os meus cappitães geraes, ou capitães mores das ditas armadas de Portugal as ordens do capitão geral do mar oceano em tudo e por tudo no que tocar a viage e guerra, porém o dito capitão geral do mar oceano não terá jurisdição criminal sobre os casos que nas ditas armadas de Portugal sucederem nem entenderá no govêrno particular das ditas armadas, provisão das capitaneas despesas dos mantimentos e monições, nem outras cousas semilhantes, e para que tudo o conteudo neste alvará se cumpra e guarde inteiramente.... 10 de Julho de 1618. Sobre os moradores do Brazil ouve S. M. por seu serviço que D. Fadrique tivesse jurisdição

em materias de guerra sem dar parte a D. Manuel, salvo na gente de guerra que de Portugal tinha ido ao socorro, e naquelle tempo melitava com D. Francisco de Moura. Do primeiro con sta pelo alvará seguinte.

Eu ElRey faço saber ao governador do Estado do Brasil e aos capitães das fortalezas delle, e a todos e a quaesquer officiaes de guerra que no dito Estado me serven asy na terra como no mar: e aos desembargadores e officiaes de justiça, e de minha fasenda e de todas as demais pessoas que nelle assistem e de qualquer calidade, estados condição que sejão a que este alvará for mostrado que enviando eu agora ao dito Estado a D. Fadrique de Toledo Osorio meu cappitão general da armada do mar oceano para recuperar a cidade do Salvador da Bahya de todos os Santos que os inimigos ocuparam por convir a meu serviço pera a boa direcção dos efeitos que hade emprehender, ey por bem e mando que o dito governador, como todos os capitães, officiaes e ministros meus de qualquer calidade e condição que sejam obedeçam ao dito D. Fadrique de Toledo, e guarden e cumpram suas ordens, nas materias de guerra e dependentes della, assy na terra como no mar tão inteiramente como se por mim lhe foram dadas, sem dúvida nem contradição alguma, e que não o fazendo assim, ou avendo para isso outra particular resão de meu serviço os possa o dito D. Fadrique de Toledo tirar, e por outros quaes lhes parccer em seus lugares, para o que lhe dou todo o podêr, comissão e autoridade que se requer, e quero, e mando que este alvará tenha forças e vigor e se cumpra.....sem embargo de quaesquer leis.....1 de Outubro de 1624. O como S. M. foy servido dispor no segundo ponto, consta pelas palavras seguintes do Regimento que mandou a D. Manuel. D. Francisco de Moura que mandei ao reconcavo

da Bahya pera servir aly de capitão mor hade ter a seu cargo toda a gente com que aly o achares, ficando porem com ella a vossa ordem com a mais gente que levais na armada Asy o fez a saber a D. Francisco de Moura. Eu ElRey vos envio muito saudar. Tendo por certo que com a vossa chegada a essas partes se haverá melhorado tanto as coisas do meu serviço nellas que quando com o favor de Deus chegaren á Bahya as minhas armadas em cuja companhia recebereis esta haja pouco que fazer em desalojar esses inimigos se ainda estiveren nas fortificações em caso que ahy se achem tanto que o exercito que vay nestas armadas for em terra ou com qualquer recado que tiveres antes disto acudireis logo a ella no que se vos ordenar dando inteiro Comprimento ás ordens que receberdes com a pontualidade que de vos confio, advertindo que esta impreza vai cometida a D. Fadrique de Toledo e que tudo hade estar a sua obediencia porém vos com a que tiverdes a vosso cargo aveis de estar á orden de D. Manuel de Meneses general da armada da coroa que hade fazer em tudo o que tocar a ella e mesmo officio, ou seja no mar, ou seja na terra, conforme a isto emquanto elle ahy estiver sessará a jurisdição que daqui levastes que hade ficar nelle pera uzar della conforme aos regimentos que aqui mandei dar ; e porque de vossa inteligencia, experiencia e valor tenho por certo que nas ocasiões que se offereceren respondereis inteiramente á confiança que faço de vossa pessoa, e que os mesmos façam os capitães e soldados que militam com nosco, deixo de vos lembrar o mesmo que de vos, e delle se espera e o cuidado com que deveis procurar que os naturaes deste reconcavo, o os moradores dos engenhos delle sirvam nesta ocasião, e acuda com mantimentos ao provimento das armadas, e exercito.....19 de Novembro 624!

He tanto asy que S. M. quiz dar a D. Manuel de Meneses toda a jurisdição de sua armada que depois de lhe mandaren seu regimento que dê a D. Fadrique de Toledo o numero que vir convem para o sitio limita com o seguinte!! Com que a armada fique segura e provida no mar de maneira que não tam somente se possa defender dos inimigos se sobrevieren e acometere mais desbartalos e alcançar delles a vitoria que espero em Deus e da nobreza que levais com vosco tenho por certo que aparte della que fycaren nos navios seguindo nisso as ordens que lhe derdes entendam que me serven nisso mais que os que desembarcarem em terra; como da mesma maneira devem de entender os que saltaren em terra em comprimento de vossas ordens, que me serven nisso mais que em ficarem no mar; de modo que seja presuposto para uns e outros que a calificação do serviço consiste em não se fezer diferença de uma cousa a outra, e que a sustancia e merecimento está em se acudir igualmente ao mar e a terra conforme as ordens que nisso derdes; e que este á o ponto a que deven deferir, e em que se hade mostrar mais a obediencia, e o valor, e o zelo de meu serviço.....E porque conste o de justiça como constou agora o da guerra se vê no Alvará seguinte sobre a forma em que avia de proceder nos casos nelle apontados.

Eu El-Rey faço saber a vos D. Manuel de Meneses capitão geral da armada da costa de Portugal do socorro do Brazil que por asy cumprir a meu serviço e boa administração de justiça, ey por bem e vos mando que sendo doente ou impedido o bacharel Antonio Rodrigues de Figueredo ouvidor da dita armada demaneira que não possa servir-vos possaes nomear outro ouvidor em seu lugar que sirva em quanto durar tal impedimento, ou eu nomear outra pessoa, e os ouvidores por vós nomeados guardarão em tudo o re-

gimento que tenho mandado dar ao dito Antonio Rodrigues no qual lhe concedo que nos casos crimes que sucederem nesta armada durante a navegação deste porto ao Brazil. E asy no tempo que se detiver naquella provincia tenha alçada em todas as pessoas de qualquer sorte e condição que sejam, sem appelação nem agravo, e nos casos de morte ou de cortamento de membro, ou de execução de tratos proceda tomamdo por adjuntos tres cappitães da ditta armada que vos nomeareis e que tambem tereis voto e não se podendo ajuntar os ditos capitães o façais com tres fidalgos, ou outras pessoas graves e de bom entendimento que outro sy vos lhe nomeareis, e que sucedendo crime em porto onde haja corregedor ou ouvido por mim o sentenciasse com elle, e com dois capitães presidindo vós que tereis voto na forma sobredita, e que cometendo-se os ditos casos em qualquer dos outros navios os capitães delles lhe remetesse os culpados, para delles conhecer pela sobredita maneira: porque asy lho mando pelo dito regimento e que estando a armada na Bahya sentencie aos ditos casos com cinco desembargadores da Relação do Brazil se os ouver, e não avendo tantos os despache com quatro desembargadores, e não avendo quatro com dois; e que navegando a dita armada de torna viage para esta cidade proceda com os adjuntos que lhes vos nomeardes na forma sobredita com as penas ate morte natural inclusive contra aquelles que cometerem rebellião, motim ou alevantamento contra vossa pessoa, ou de vosso navio, ou de não investirem o inimigo quando lhe for mandado, ou roubar algumas cousas dos navios que se visitarem por averiguar se são de inimigos. E asy me praz que vos não possaes tirar do dito cargo de ouvidor ao dito Antonio Rodrigues enquanto eu não mandar o contrario, e sendo caso que elle cometa al-

CORRESPONDENCIA

RELATIVA AOS SUCCESSOS DADOS EM PORTUGAL, E NO BRASIL, DE 1822—1823.

N.º 1.—Copia da carta do Sr. Felisberto Caldeira ao Desembargador V. J. F. C. da C. dirigida para Sua Magestade em 18 de Setembro de 1822, e que pela sua auzencia da dita Ilha foi por elle recebida em Lisboa nos principios de Janeiro seguinte.

Illm. Sr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa.—Meu Sr. Tendo de longo tempo a maior consideração, e respeito pelos talentos, e caracter de V. S., não sabia com tudo que a tão eminentes qualidades ajuntava a de ser Brazileiro, o que para mim, e para nossa Patria é nas circumstancias actuaes do maior interesse. Se eu podesse apresentar já com V. S. á testa da Assembléa Legislativa do Rio de Janeiro faria por certo a todo o Brazil, e ao Princepe Augusto, que se Declarou nosso Protector o mais bello presente no momento de fazer a Sua Constituição. Como porém tanto bem excede as minhas faculdades, e por outro lado a prudencia aconselha toda circunspecção na mudança de terra ao Homem, que como V. S. se acha casado, e talvez com diminuição de saude, e fazenda em consequencia de tantos trabalhos, e injustiças, que do Governo, e Nação Portugueza ha recebido, tomo a resolução de me dirigir a V. S. solicitando a sua attenção a favor da nossa patria, e pedindo-lhe que me indique a maneira porque lhe seria agradavel mudar-se para o Rio do Janeiro, e que soccorros, e meios quereria. Eu conto se S. A. R. não mandar o con-

trario retirar-me em Novembro, e cabe bem no tempo receber resposta de V. S. É bem natural que V. S. estranhe tão franca, e cordial linguagem da parte d'um homem, que não conhece, e em outras circumstancias eu me não atreveria a escrever-lhe sem ser apoiado de muitas recommendações, mas não ha tempo a perder, e supponho bastante a introducção do nosso compatriota o Sr. Hypolito José da Costa.

Estimarei receber boas noticias da saude de V. S., e que me dê occasiões de mostrar a consideração e estima com que sou.—De V. S.—Patricio e attento Criado.—*Felisberto Caldeira Brant Pontes.*—18 de Setembro de 1822.—P. S.—Eis aqui a minha direcção.—10—Allsops Buildings—New Road—London.

N.º 2. — Resposta do dito Desembargador á carta antecedente.

Illm. Exm. Sr. Felisberto Caldeira Brant Pontes—Meu Sr. Sómente agora posso responder á Carta de V. Ex., datada de 18 de Septembro passado, porque a muito poucos dias me veio á mão, sendo ella dirigida para S. Miguel, quando eu estava em Lisboa.

É verdade que nasci na Bahia, e tendo a Providencia assim destinado, que pertencesse por minha origem ao novo mundo, nem estava em meu poder alterar os seus decretos, nem tão pouco ser indifferente aos destinos, e á prosperidade, ou desgraça do Brazil.

V. Ex. verá pelo folheto, que tenho a honra de offerecer-lhe, como o tive sempre diante dos olhos desde os acontecimentos Politicos de Portugal em 1820, procurando desviar já a desmembração da Monarchia, já o grande perigo de se tornarem ochlocraticas as Capitanias do Brazil.

E quando vi meu nome entre os dez, que no dia 4 de dezembro de 1821 ás Cortes Constituintes forão propostos pela Commissão da Justiça Civil, para delles se escolherem sinco, que organizassem o Projecto do Codigo Civil, escrevi a meu amigo Luiz Martins Bastos, que era da dita Commissão, e Deputado pelo Rio, rogando-lhe que procurasse com seus Collegas conduzir as cousas de modo que se desviasse a dita desmembração, porque ella me faria só ter lagrimas para dar á divizão da nossa familia, em voz de genio para escrever Codigos. Tanto me recordava eu da minha Patria! E tanto dezejava, que os meus estudos, e serviços simultaneamente aproveitassem aos Portuguezes da Europa, e mais da America!

Mas

Victrix Diis causa placuit?

e declarada a Independencia do Brazil, e inaugurado nelle hum novo Imperio, recebo a de V. Ex., que lizongea o meu amor proprio com a idéa de que eu poderia prestar muito no estabelecimento daquelle Estado, e em que me pergunta—*porque maneira me seria agradavel, mudar-me para o Rio de Janeiro, e que succorros, e meios quereria?*

Vejo pois, que V. Ex. não conhece perfeitamente as minhas actuaes circumstancias: e devo informar-lhe dellas, antes de responder ao referido. Levado a S. Miguel pela arbitrariedade, e rivalidade de um dos secretarios do governo de Lisboa em 1810, e que inteiramente o dirigia, não obstante as negras apparencias, com que me mandarão, escolheu-me para seu marido a senhora de uma das primeiras casas dos Açores, cujo rendimento hia de trinta a quarenta mil cruzados. Era até formoza: dos mais respeitaveis costumes: e em idade muito proporcionada á minha, porque tinha menos vinte annos do que eu V. Ex.

acreditará muito facilmente, que o seu consorcio seria procurado em S. Miguel por todos, que a elle podessem aspirar. E ella lembrou-se de mim, que havia chegado á sua Ilha não só profugo, como Eneas a Carthago, mas removido de Portugal com ares de muito criminoso. Mandou-me offerecer, o que outros muito disveladamente procuravão!

Não he possivel pois, que, sem a vontade de uma tal mulher, eu disponha de mim para cousa alguma, que me possa alongar della. São estes os sentimentos, que V. Ex. achará por mim exprimidos já em Março de 1821 na Carta impresso a fl. 48 do já referido Folheto.

Conheço, que minha mulher tem muito pezadas obrigações para com Augusto Principe, escolhido para Imperador do Brazil. Seu Primogenito o Commendador José Ignacio Machado, casado com uma filha de Pedro José Caupers, esteve no Rio, e devem summo favor ao mesmo Senhor, quando Principe Real, e até a honra da sua correspondencia, quando se retirou para Lisboa. Conheço, que minha mulher se recordava disto com summo reconhecimento, e gratidão, e que presaria qualquer oportunidade de se mostrar grata a tão distincta bondade, e honra para com seu filho. Mas nem os seus receios do mar, nem as molestias nervozas, que padece, e que sua imaginação converte em muito graves, lhe permittirão deixar S. Miguel, para me acompanhar por alguns mezes a Lisboa, e muito menos lhe consentirão mais longa viagem. E eu nem posso, nem devo separar-me della.

Se, n'outras circumstancia de mim dependesse mudar-me para o Rio, á proposta de V. Ex. responderia muito francamente, que para isso me ser agradavel nada mais seria preciso, do que entender-se, e fazer-se-me constar,

que o Brazil, a que eu devera o nascimento, confiava, e esperava alguma cousa das minhas letras, e dos meus estudos a pró da sua prosperidade.

Posso porém desde já, e sem ouvir minha mulher, segurar a V. Ex., que o Brazil me achará sempre muito prompto em S. Miguel para o emprego dos meus taes, quaes conhecimentos, quando elles possão concorrer para o bem dos Brazileiros.

Muito dolorosa me é a divisão da nossa familia! Mas tem direito ao meu tal qual prestimo literario assim os Portuguezes da Europa, como os da America, e nem a uns, nem a outros hei-de negar-me, quando entendão, que delle podem tirar qualquer proveito. É esta hoje a minha profissão de fé politica, que francamente enuncio, sempre que disso se offerece occasião. Quizera, que os meus Irmãos, Europeos, e Americanos, vivessem unidos: mas, se isto não é possivel, dezejo ao menos, que, supposto separados, uns, e outros sejão felizes. E arrastado por estes sentimentos V. Ex. me permitirá, que estenda alguma cousa mais os lemites desta carta.

Não posso negar, que alguns Europeos, relativamente ás cousas do Brazil, mesmo em discursos publicos, tem tido muito reprehensiveis abusos, e excessos de frazes, que não podião deixar de azedar as mutuas relações, que convinha manter entre a Europa, e a America Portugueza. Mas quem me dera, que o Brazil se mostrasse superior ao ressentimento de semelhantes affecções, e que não empregasse semelhante linguagem nas suas relações com Portugal!

V. Ex. recorda-se na sua Carta do máo tratamento, que eu tenho tido do Governo, e da Nação Portugueza. E eu *nunca* soube confundir esta com um, ou dous homens, que

nestas, ou naquellas circumstancias, se acharão senhores do Publico Poder, e que abusando delle, me depremirão. Fui expatriádo, como suspeito aos interesses da minha Nação; fuí na Magistratura preterido por todos, e até por muitos que andavão nas primeiras aulas, quando meu nome já era conhecido no mundo, como o d'um Jurisconsulto Portuguez. Entretanto eu seria injusto, se imputasse estes resultados á Nação. E assim que em seu nome se convidarão os Jurisconsultos Portuguezes, para concorrerem aos trabalhos do seu Codigo Civil, eu appareci logo, promptificando-me a servil-a, como a V. Ex. constará pelo Opusculo, que tenho a honra de offerecer-lhe. E poderia eu sem injustiça, attribuir á Nação, o que era obra de alguns dos individuos, que a compunhão? ou tratar aquella, pelo que estes me merecião? Chego a Lisboa em Septembro, e sempre que aos Papeis Publicos se offerece occasião de fallar no meu nome, elle apparece honrado d'uma maneira capaz de me dar cuidado, pelo ciúme, que póde produzir, sem haverem alguns outros, que os contradigão. Era pois acaso a Nação, que eu devia considerar para comigo avessa, ou injusta?

Eis aqui, Exm. Sr., como eu dezejava, que tambem o Brazil olhasse para aquellas frazes azedas, ou indiscretas, relativamente ás suas cousas, para que ellas não fossem tidas como da Nação, nem sobre esta recahisse o ressentimento Brazileiro pelas grosserias d'um par de Europeos ou mais inflamaveis nas discussões por caracter, ou menos polidos pelo habito da sua vida, ou mais cortezões, e lisonjeiros da multidão, que aplaude quasi sempre aquella linguagem. Queria V. Ex. acreditar, e inculcar esta verdade, sempre que poder,—a *Posteridade honrará sem duvida* a *aquella das duas partes, que mais moderada,* e *tolerante se*

mostrar para com a outra.—Isto mesmo será o testemunho da sua superioridade, e grandeza. E se alguma não começar com magnanimidade a corrigir os extremos da outra, aonde hirão; Exm. Sr., para os males, e os seus resultados? Somos o mesmo sangue, fallamos a mesma lingua, fizemos uma só familia, e cumpre mostrar, que fômos, e somos Irmãos, ainda quando ella se divida. O Chefe do Imperio, além de tudo, nasceu neste clima, tem aqui seu Augusto Pai, e não corresponderá ao lustre, que lhe cabe, se não for superior, e insensivel ás affecções, que férem o commum dos homens.

A Ochlocracia do Brazil, Exm. Sr., é outro grande objecto, que deve merecer toda a attenção, e que jámais se deve perder de vista. É a maior enfermidade, que vejo desenvolvida, e que mais estragos ameaça á nossa patria. A vontade individual substitue-se todos os dias á vontade geral; e então as diversas idéas, e os diversos interesses multiplicando ao infinito aquellas vontades, produzem successivos choques d'umas partes do Corpo Politico com as outras, os quaes progressivamente o enfraquecem, e se não parão, hão-de leval-o infallivelmente a total ruina. Perdeu-se a força moral, e é preciso ressuscital-a. E perdida ella uma vez, é extremamente difficil esta ressurreição, muito mais em paizes tão extensos, e tão deslocados do centro do movimento, como é o Brazil. Quanto porém mais se dilatar o curativo daquella molestia, mais rebelde ella se tornará depois a todos os medicamentos; porque a repetição dos movimentos ochlocraticos ratefica o habito morbozo, que forma com o tempo uma nova natureza, summamente defficil de atenuar, ou de mudar.

Tenho estudado, e reflectido muito sobre o tratamento, que convem a esta enfermidade, e reduzi mesmo as minhas

idéas nesta materia a um systema em escritos que conservo em S. Miguel. Direi com tudo aqui a V. Ex. em geral, o que me pareceria mais util remedio nas actuaes circumstancias do Brazil.

Os movimentos ochlocraticos apparecem regularmente promovidos por alguns poucos, que delles esperão tirar partido, e interesse, e que para o dito fim se combinão, e fazem obrar a multidão, illudida, já com o excitamento das paixões, que a podem affectar, já com as esperanças de grandes bens, que se lhe anuncião. E as lições da historia antiga, e moderna tem mostrado, que nem os demagogos, e agentes daquelles movimentos chegão commumente a ganhar, o que esperavão, nem jamais deixão de trazer desgraças sobre a multidão, que illudem, de que se servem, e sem a qual nada poderião ter praticado.

A relação pois destes successos, deduzida dos diversos capitulos da Historia, e successivamente divulgados em folhas de papel, que se fizessem chegar ao maior numero de mãos, que fosse possivel, assustaria sem duvida os demagogos, e chefes das facções, para que o não fossem, e preveniria a multidão contra as suas illuzões, e tentativas. E hum grande remedio se applicaria ao mal na sua origem, a luz contra as trevas, verdade contra seductores enganos.

O Governo deve ser entretanto summamente tolerante, moderado, e circunspecto.

Tolerante para não irritar os animos, dispostos a serem agitados facilmente, não dando nenhuma idéa, nem por palavras, nem por factos, de ter a uns como de um systema, e aos outros do contrario. He o grande conselho de Demosthenes na celebre Carta ao Senado, e ao povo de Athenas—Não invectiveis com acrimonia, lhes diz elle, contra nenhuma classe, nem contra nenhum dos indivi-

duos, que vos tiver parecido declarar-se pelo systema, que vós quereis corrigir, em huma palavra convem o inteiro esquecimento do passado. O receio da vossa indignação, e da vossa raiva, ha de fazer unir ainda mais os principaes chefes do dito systema, e aquelles, que tendo-se declarado seus amigos recearem de correr grandes riscos. E livres então destes sustos, elles hão de fazer-se mais trataveis, e hão de unir-se mais facilmente ao que pertendeis—A discrição, e a sabedoria reluz neste conselho!

A moderação fará não excitar novas paixões, e novas descontentamentos, que sejão outras tantas faiscas capazes de atear o incendio entre materiaes tão inflamaveis. E a circunspecção graduando a linha de conducta, que se deve seguir entre tão varios, e tão diversos interesses individuaes para que intendão todos, que o bem geral, e que a justiça he a bussola, que dirige o Governo, acabará de extinguir a tendencias para a Ochlocracia, e o seo alimento, ou pertexto que principalmente consiste na desigual administração, exercitada entre os cidadãos.

Bem quereria dizer a V. Ex. alguma cousa, sobre as novas instituições, que as presentes circunstancias hão de trazer ao Brazil: mas não o permittem os limites desta Carta, já demasiadamente extensa. Não me dispenso com tudo de indicar a V. Ex., que a Natureza deve ser a nossa mestra, e que ella nada faz de salto, consumindo muito mais tempo naquillo, a que destina mais extensa duração. A cana de milho chega em poucas semanas a altura, que o pinheiro, ou sobreiro só consegue no fim de annos. Os Estados Politicos são corpos, cuja vida se deve contar por seculos. Não se caminhe pois a seu respeito percipitadamente. Não se intente passar do absolutismo para a completa liberdade, de um dia para o outro. E' necessario, que os ho-

mens se vão acostumando pouco a pouco a este alimento, para que sejão capazes delle, e não lhe substituão a licença. Não destruir tudo, para tudo reedificar de novo. Hão de provocar-se por esse meio reacções immensas, provenientes dos velhos habitos, e antigos costumes; e sem ir amaciando, e alterando estes, para que se lhe possão amalgamar as novas instituições, elles anullarão, ou farão inutilisar estas.

Tenho mostrado a V. Ex. os meus bons desejos pelo Brazil; não posso ser indifferente á sorte dos homens, mesmo em geral, e como o seria para com a dos Brazileiros, com quem me prendeu a natureza pelo meu nascimento? Estimarei sempre muito boas novas de V. Ex. a quem Deus Guarde mais annos. Lisboa 31 de Janeiro de 1823—De V. Ex. Patricio, e muito certo criado.—*Vicente José Ferreira Cardoso da Costa.*

N.º 3. —Requerimento para ser apresentado ás cortes em os fins de fevereiro, logo que na primeira votação para o conselho d'estado pelo Brasil o desembargador V. J. F. C. da C. vio seu nome com 38 votos.

Senhor.—O Dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, vendo inesperadamente seu nome com um crescido numero de votos na lista dos que hão de entrar em segundo scrutinio para a proposta do Conselho d'Estado pelo Brazil, deveria apresentar-se perante V. M. só para lhe agradecer muito reverentemente o credito, que V. M. se dignou accrescentar por aquella maneira á sua tal qual reputação. Mas V. M. hade permittir, que o supplicante junte aos referidos protestos do seu agradecimento. o que vai expôr agora na Sua Respeitavel Presença.

Não só a honra do Supplicante, mas principalmente o interesse da Nação pede, que elle realise o projecto do Codigo Civil, de que já apresentou o prospecto a V. M., e ao Publico. A Resolução de V. M., para que o projecto do Codigo Criminal, primeiramente incumbido a uma Commissão, fosse tambem entregue ao concurso dos Jurisconsultos Portuguezes, conduzio o supplicante á necessidade de tomar sobre os seus hombros esta tarefa juntamente com a outra; por isso que havia notado no opusculo, já apresentado a V. M., o lugar que cabia ao dito Codigo em um completo, e perfeito systema de legislação; tendo deixado esse vazio no seu prospecto unicamente pelo respeito devido áquella primeira deliberação de V. M., motivo, que agora cessa. Por fim a emenda do Sr. Marciano de Azevedo sobre o Decreto relativo ao Codigo do Commercio, sendo adoptada, como foi, por V. M., veio a ser uma letra quasi directamente saccada sobre o supplicante, a que ella não podia recusar o aceite pelo summo credito dos respeitabilissimos saccadores

Por tanto o Supplicante dispoz-se a partir logo para S. Miguel, com o fim de empenhar suas forças, para satisfazer todos os mencionados trabalhos, esperando apresentar a V. M. os projectos do Codigo Civil, do Codigo Criminal, e do Codigo do Commercio, nas epochas marcadas por V. M. Já pedio para a sua viagem licença a El-Rei, e o seu passaporte ás authoridades competentes. Mas todo o referido destino do supplicante se transtornará, em desproveito publico, segundo elle entende, se V. M. se não dignar desvial-o da proposta para o Conselho d'Estado, em cujo exercicio mal poderá organisar aquelles Codigos.

Parecerá talvez, Senhor, a V. M. muito estranho, que o Supplicante procure ser excluido d'um dos primeiros

empregos na ordem politica da sua Nação: e parecerá da mesma sorte estranho talvez ao Brazil, que elle busque desviar-se de ser Conselheiro d'Estado por aquella parte da Monarchia, que lhe deu o nascimento. Mas sendo os seus passos dirigidos, pelo que lhe parece ser mais util serviço da Nação, espera o supplicante, que nem V. M., nem a patria, de que elle muito se preza, os verá com desagrado. Se o Supplicante quizesse olhar para si com preferencia e tudo o mais, anteporia sem duvida ás ditas considerações o entrar na proposta dos Illustres Representantes da sua Nação para o Conselho d'Estado: mais não será possivel, que V. M. crimine, querer o Supplicante antes servir, e ser util aos seus concidadãos na obscuridade, do que luzir nos grandes empregos.

Isto pois conduz, Senhor, o Supplicante muito reverentemente á Prezença de V. M., para que dignando-se de tomar em Sua Alta Consideração o expendido, achando-o digno de attenção, como o supplicante espera, haja por bem desvial-o da sobredita proposta, visto estar ainda a tempo de o fazer: não reservando o supplicante esta supplica para S. M., receiando, que o Mesmo Senhor se recuse a deferir-lhe, quando a proposta de V. M. se junte á publica opinião, que tão decisivamente, e por tão diversas maneiras se tem proximamente declarado favoravel ao supplicante; e por isso.—P a V. M. haja por bem desviar o supplicante da proposta para o Conselho d'Estado, a fim de o não desviar da opportunidade de servir os Portuguezes nos Projectos dos referidos Codigos.—E. R. M.—Desembargador V. I. F. C. da C.

N.º 4.—Carta escrita pelo desembargador V. J. F. C. da C. a S. Ex. o Ministro da Justiça, exprimindo, o que vocalmente lhe dissera, quando a S. Ex. lhe fallou sobre a proposta para o conselheiro d'estado, em que hia o seu nome, para que S. Ex. a podesse levar ao conhecimento de S. M. e o mesmo senhor rezolver, o que houvesse por bem.

Illm. e Exm. Sr.—Ainda que já vocalmente expuz a V. Ex., o que nesta repito agora por escrito, com tudo determinei-me a fazel-a, para que V. Ex. a podesse levar á Prezença de S. Magestade, se assim lhe parecesse.

O Emprego de Conselheiro d'Estado é de tão grande consideração, e credito, para quem fôr a elle promovido, que não pode haver nem suspeita, de que alguem o busque desviar de si, não tendo justificadissimos motivos. Meu nome acha-se na Proposta a S. M. para o novo Conselho, e não me cabe esperar, que o Mesmo Senhor se lembre de o escolher, indo em terceiro lugar, e no primeiro, e segundo outros, que supposto me não sejão conhecidos, tenho como de mais prestimo, até porque para isso pouco basta.

Entretanto porque ali se acha, pode ser escolhido, e isso me conduz a rogar a V. Ex. a mercê de levar a Alta Consideração de V. Magestade o que vou expor-lhe, e que parece condemnar-me a ser privado d'uma tão distincta honra. Já não me lembro de minha mulher, senhora d'uma das principaes cazas dos Açores, e que escolhendo-me para seu marido, quando proseguido, e infamado, veio por isso a adquirir um incontestavel direito a todos os dias da minha vida: ella é demasiadamente virtuoza, para que eu [illegible] seus sentimentos, mesmo na privação do que [illegible], e por lhe é mais caro, quando isso importe

ao Serviço de S. M., e da Nação. Trato pois sómente do que tem relação com o publico. É nelle conhecido o comprometimento, em que acho, relativamente á organisação dos Codigos, de que a Constituição carece para marchar. Sei; que elles me não forão particularmente incumbidos, e que muitos outros Jurisconsultos Portuguezes poderão talvez estar procurando nisto servir a sua patria. É com tudo certo, que eu já lhe prometti nisto meus serviços, e que a publica opinião tem seus olhos fitos sobre o cumprimento de minhas promessas. Faltar a ellas, é-me desairoso, e pode ser que em desproveito da Nação, e é-me impossivel cumpril-as sem dar a este trabalho toda a minha meditação, o que só posso conseguir no retiro de minha caza em S. Miguel. Na copia junta achará tambem V. Ex. o theor da carta, que na minha ausencia foi ter a S. Miguel, e que minha mulher abriu, e de que me remetteu o traslado. Ella mesma talvez daria naquella ilha noticia deste acontecimento, ou desta communicação; e eu aqui a participei a alguns amigos confidencialmente, para lhes inculcar a necessidade que tinha de regressar quanto antes para S. Miguel, a fim de tirar de cuidados minha mulher, que se morteficaria muito, se lhe lembrasse, que eu me poderia deslumbrar com aquelle convite. As circumstancias de Portugal, e do Brazil podem levar ao Conselho muitas vezes negocios, em que eu haja de opinar relativos aos dous reinos. Quem sabe se eu me deixaria alguma vez affectar, por insensivel, e inconsiderada gratidão, áquelle testemunho do caso, que se fazia do meu nome? Quem sabe se alguma vez reputarão os outros, que minhas opiniões são filhas do dezejo de agradecer aquelle testemunho?

Haverá meu voto a inteira confiança de S. M., quando se tratarem cousas do Brazil, sabendo isto? Ou deverei eu

occultar-lhe esta circumstancia, quando o Mesmo Senhor tem de escolher na Proposta para o seu Conselho d'Estado, hindo nelle meu nome?

Se as prezentes circumstancias publicas do Reino não fossem taes, quaes são, rogaria a V. Ex., quizesse por mim supplicar a S. M. a mercê de me privar d'uma honra, que sei avaliar, e de que só tão urgentes motivos poderião desviar meus dezejos. Nellas porém não me atrevo a mais, do que a pedir a V. Ex. queira levar esta ao Seu Real conhecimento, para que o Mesmo Senhor saiba tudo, e principalmente, que eu não posso fazer os Codigos no exercicio de Conselheiro d'Estado, e depois resolverá, como fôr do Seu Real Agrado; e como entender mais conveniente ao Seu serviço, e da Nação.

Aproveito esta opportunidade, para offerecer a V. Ex. toda a minha consideração, e obediencia. Deus Guarde a V. Ex. muitos annos. Lisboa 2 de Março de 1823.—De V. Ex.—Muito reverente obrigado Venerador e Criado.—Illm. e Exm. Sr. José da Silva Carvalho.—V. J. F. C. da C.

(Seguia-se a copia da Carta do Sr. Felisberto Caldeira, que é a que vai no N.º 1.º desta collecção.)

N.º 5.—Carta ao dr. Manoel Alves do Rio, Deputado ás cortes constituintes de Portugal sobre as cousas politicas da Monarquia em Março 1821.

Meu Amigo e Sr. do C. V. S. tem agora pouco tempo para correspondencias particulares, mettida no trabalho das côrtes de que temos aqui visto o extracto das Sessões até ao dia 8 de Fevereiro, e talvez alguem tenha ainda periodico, que refira mais algum dia depois. Cá tenho visto as suas moções, e muito gostei da que he relativa aos nos-

sos militares, deixados em França por esquecidos na Convenção de Cintra: e dice comigo, *elle póde applicar a si* o

Non ignora mali, miseris succurrere disco.

Era proprio de um do Amazonas acudir ás outras victimas da mesma data. Mas rogo, e insto a V. S. para da sua parte conduzir as cousas quanto puder, de modo que Portugal só concorde com o Brazil. Tudo póde ficar bem desta sorte, e de outra, temo males incalculaveis para a Nação, e para o Rei. A Santa Aliança ha de empregar a força, que puder contra as idéas liberaes. Os Thronos podem baquear: porque os seus exercitos poderão tambem querer dictar a lei de uma, ou de outra vez, como fizerão os de Hespanha, Napóles, e Portugal, e nesse caso a força moral ha de ceder á força real. Mas se isto assim não for: e se os soldados do norte julgarem preferivel a tudo viver do sul da Europa, como viverão 4, ou 5 annos na França, que desgraças não teremos de vêr? E concordando-se Portugal, e o Brazil, podemos ganhar uma Constituiçao, que haja de garantir a nossa Liberdade Civil, e que nos livre *in perpetuum de Setembrisaidas:* que nos dê as nossas Côrtes annuaes, de que se podem esperar, e de que podem vir todos os melhoramentos possiveis. S. M. agora ha de vir as boas: como João sem terra veio com os Inglezes, quando lhe deu a sua Magna Carta, que he a origem das suas liberdades. O Rei tambem a deu, e nem por isso os Inglezes ficarão em peor estado, do que estarião, se elles mesmos formassem para si a dita Carta. Meu Amigo *rem, quomodo cumque rem.* Ganhar, o que se pertende, e o que convem. E não arriscar isso pelo modo de o conseguir. O meio mais facil de o conseguir he o melhor. Eis-aqui um artigo de fé politica. Eu não cessarei de pregar hoje isto para Lisboa:

assim como não cessarei de pregar para o Brazil, *que se concorde com Portugal, ainda que possa pela força de seus aliados fazer retrogradar as cousas ao que dantes erão.* Nestes dous mandamentos se incerra toda a minha missão para o Velho, e Novo Mundo, e se para servir nella utilmente for preciso passar dez vezes a linha, hei de fazel-o de muito boa vontade. O tempo mostrará então, se eu era, ou não quem me empenhava pelo melhor a bem da minha patria! O meio de segurar as Constituições para os Estados não he certamente, meu Amigo, o dos juramentos, muito mais estando este tão vulgarisado, como V. S. sabe. Mirabeau disse uma vez na Tribuna, *se temos um juramento, então não tem remedio nenhum já a causa da liberdade.* Mutuos interesses bem combinados, eis-aqui o grande juramento, e o unico capaz de segurar as instituições politicas. Entenderem todos, que ganhão, e que interessão. Eis-aqui a ancora, que segura a permanencia das Constituições. V. S. e seus Collegas estão no theatro; e de V. S., e delles depende muito bem, ou muito mal, para a causa publica. Não armem grandes classes de inimigos á liberdade! Arriscão-a assim. Tudo se póde fazer: mas caminhando-se indirectamente ás cousas. Hindo-se a ellas directamente, chocão-se as paixões, armão-se partidos, e dispoem-se reacções. E então depois a sorte, e o acaso he, que decide do resultado. E he servir mal a liberdade deixa-la exposta ao jogo dos dados. Segurem-a agora: ainda que não seja inteirissima. Ganhem o essencial, tem feito grande serviço. Os accidentes virão depois. E ainda que não venhão, havendo o essencial da liberdade, póde passar-se sem os accidentes. E se pelos accidentes se arrisca o essencial, fazer-se um jogo indiscreto: e ainda que se não perca, não se ganhará o credito de bom jogador. Ou governar a Europa toda com a

ponta do dedo, ou hir para Santa Helena ás ordens, dos que se pertendia governar! Desvie V. S. quanto puder, que o nosso Portugal faça agora jogos destes. Grande gloria se lhes apresenta para se illustrarem com ella, se salvão a patria! Mas a sua salvação depende de se evitarem os extremos. Quasi todo o Portugal he agora hespanhol, pelo que vejo, e ha de esquecer-lhe então o *quien todo lo quiere todo lo pierde*. Os homens extremos em suas pertenções são ordinariamente mais prejudiciaes do que uteis ao partido. que abração. Dê V. S. todo o credito, e toda a consideração a estas vozes da sabedoria imparcial. Eu bem sei, que nas actuaes circumstancias não he este o meio de ganhar. No Brazil talvez agrade mais, quem fallar na linguagem da proclamação de 24 de Agosto. E em Portugal ha de agradar tambem com preferencia, quem proclamar illimitadamente as idéas liberaes. He facillimo agradar aos discontes, e apaixonados: e deficillimo servi-los utilmente. Aquillo consegue-se lisongeando-se as paixões do momento, ou seja em boa, ou em má fé: ou seja discreta, ou indiscretamente. Isto somente se alcança tendo a virtude de descontar os outros; e a coragem de dizer verdades. No primeiro caso he se egoista, pertende-se ganhar: no segundo olha-se para os outros mais do que para si, pertende-se servir aos outros, e não tirar delles interesse. Portanto, meu amigo, eu bem vejo, e bem sei o que faço. He o mesmo que fazia, quando das prizões da Terceira mandei para o Rio as observações á Gazeta sabendo muito bem, que lá nem mas havião de agradecer, nem pagar. Quiz escrever, e assignar com o meu nome nos Estados Portuguezes á dez annos, o que ninguem nelles então se atrevia a escrever, e assignar, e que hoje escrevem, e assignão todos. Não he pois tambem o dezejo de ganhar, que hoje me guia: mas sim a cobiça de

servir utilmente a minha patria, sendo o Quincio Capitolino entre a Nação, e o Rei, ainda que ambos se descontentem de mim. Dem-me o gosto de eu os concordar, e fiquem ambos mal commigo. Perdoo-lhe isto inteiramente. Assim o tenho dito para a Côrte, e assim o digo para V. S., e por V. S. a todos os meus amigos nas Côrtes, e a todo o Portugal. Cheguem as cousas ás circumstancias, que chegarem, se a Portugal for necessario, quem vá ao Rio para esforçar-se em concordar S. M. com a Nação, offereça-me V. S. que eu estou prompto. E igual offerecimento tenho feito á Côrte relativamente a Portugal. Se perferirem quebrar as cabeças, praza a Deus, que os dias se me encurtem, para que eu não veja taes desgraças! Aqui envio á V.S. uma Carta, que vai para o meu copiador, aonde estão as muitas outras, que a dez annos tão inultilmente escrevi para o Rio. Deus queira, que esta não tenha a mesma infeliz sorte! E que não sirva algum dia, como hoje as outras, para desacreditar, quem dellas não fez caso! Acaba-se o papel, e eu a Carta, dezejando a V. S. muita saude, e confessando-me De V. S., &c. S. Miguel, 24 de Março de 1821.

N.º 6.—Carta ao Sr. Hippolyto José da Costa em data de 5 de abril passado sobre as actuaes circumstancias de Portugal, e do Brazil; e a que se remette a carta para o Sr. Antonio Luiz em data de 6 de maio de 1823.

Illm. Sr. Hippolyto José da Costa.—Meu Patricio Amigo e Sr. Já respondi a de V. S., em data de 20 de Septembro, por 1.ª, e 2.ª via; sendo esta entregue em Lisboa ao Desembargador João Severiano, que ficava a partir d'ali para Inglaterra, quando deixei aquella Cidade no meio do mez passado. Desembarcando porém nesta ilha achei este

navio de partida para essa, e delle me aproveito para escrever novamente a V. S.

Pelos papeis publicos de Lisboa, que terá visto, saberia V. S. que as Cortes me propuzerão a S. M. entre os nove Conselheiros d'Estado, de que o mesmo Senhor havia de escolher tres pelas Provincias do Brazil, que ainda se não tinhão declarado separadas de Portugal. E posso segurar a V. S., que muita consolação me derão, em me considerarem como pertencendo ainda áquella parte do mundo, que me deu o nascimento, e a que eu dezejarei ser util, e servir em todos os dias de minha vida.

Nas copias juntas achará V. S. assim a supplica, que dirigi ás mesmas Cortes, tanto me vi comprehendido na primeira votação para o dito Conselho d'Estado, como a Carta que escrevi ao Ministro da Justiça, quando elle me participou, que S. M. lhe havia dito—*aqui temos um bom;*—vendo o meu nome na dita Proposta (são as copias ns. 3.º e 4.º. As circumstancias politicas não me deixarão esperar, que podesse ser prestadio, nem a minha patria, nem a Portugal, naquelle exercicio, e elle não me podia ser lisongeiro, se não quando me desse alguma esperança de ser util aos Brazileiros, e aos Portuguezes. Devia além disso esperar, ser chamado ao Congresso Portuguez, como 1.º Supplente por S. Miguel, visto que um dos seus Deputados se dizia, pela sua saude, inhabilitado para encher o seu lugar, e julguei então por uma parte, que não deveria hir muito temporariamente ter um exercicio, que pouco depois seria obrigado a largar, e pela outra, que no dito Congresso poderia ser mais util ainda, assim a uma, como á outra parte da nossa antiga Monarchia.

V. S. verá pois da dita 2.ª Copia, como fui conduzido á necessidade de manifestar a S. M. a proposta, que se me

havia feito na Carta do Sr. Felisberto Caldeira. Não mostrei a de V. S., visto que ella continha algumas clausulas desagradaveis aos regeneradores, que os indisporião a seu respeito, o que me pareceu util desviar.

Fallei mesmo pessoalmente a S. M., e lhe li a Carta do dito Sr. Felisberto, que elle ouvia com a sua natural bondade, fallando-me duas vezos no Seu Filho com a sensibilidade propria d'um tal Pai.

Já na dita carta entregou ao Desembargador João Severiano, participava a V. S., que a opinião se tinha em Lisboa tornado mais dôce relativamente às cousas da nossa patria; e que mesmo nas Côrtes a Commissão do Ultramar, que dantes tão azêda apparecia, sempre que tratava do Brazil, se não tinha apressado a aprezentar o seu parecer sobre a declaração da Independencia, e do novo Imperio. Um dos seus Membros mais exaltados, tratando comigo familiarmente a este respeito, me manifestou discretos sentimentos, que muito haverião aproveitado, se fossem mais temporanos: mas, que supposto tardios, tratei de rateficar, quanto em mim cabia: e muito lizongeiro me seria, se podesse persuadir-me, que esta mudança de espirito publico era em alguma parte devida á propalação das minhas idéas, sempre avêssas á discordia entre os dous reinos.

Não me esquece porém nunca o Brazil, levado desgraçadamente ás circumstancias, de se estar aniquilando por meio de dissenções intestinas, que hão de durar, em maior, ou menor grão, em quanto elle se não entender francamente com Portugal. Até que isto se verifique, haverá sem duvida esperanças no partido Europêo, e disconfianças no outro Brazileiro: e estas duas causas produzirão desgraça para um, e outro, e vantagens para nenhum delles.

A Constituição Portugueza, declarado irretractavel em

algum dos seus artigos por quatro annos, e decretando a integridade da Monarchia no velho, e novo mundo, e as Provincias que a constituem em um, e outro, parece tornar impossivel legalmente o reconhecimento da Independencia das Provincias do Sul, que presentemente formão o novo Imperio. Mas não vejo impedimento algum para uma tregua, que entretanto estabeleça relações amigaveis, e commerciaes, e faça desde logo cessar aquellas dissenções intestinas; reservando-se para o congresso, passados os ditos quatro annos, tratar definitivamente da questão da Independencia. Assim começarão tambem a terminar as desavenças entre a Hespanha, e as Provincias Unidas; e precedendo uma tregua de doze annos, se me não engano, se depois de sessenta foi que aquella reconheceu a Independencia destas. Nesse intrevallo porém procederão entre si, como amigas, sem se hostilisarem mutuamente, e veio a ser na realidade nominal o reconhecimento da Independencia, que se lhe seguiu. Parece-me, que estamos no mesmo caso, e que o mesmo remedio nos pode aproveitar agora. O tempo esfria as paixões, e torna mais trataveis todos os animos. E uma tregua, trazendo todos os bens d'uma paz, salva o amor proprio da Mãi-Patria; quando a Filha se lhe tira dos braços. Sômos todos Portuguezes, temos quasi todos o mesmo sangue, fallamos a mesma lingua, professamos a mesma religião, e em taes circumstancias nada menos pode convir-nos, do que estarmos derramando o sangue uns dos outros, e tratando-nos, como inimigos. Até felizmente o Pai é reconhecido Rei em uma parte, e o Filho Imperador na outra. E quem sabe, se algum dia os dous Estados virão ainda a fazer um todo debaixo d'uma organisação social, que satisfaça os dezejos, e os interesses de ambos elles ?

É ao Brazil porém a quem compete fazer uma semelhante proposição, visto ser a parte do todo que se desmembrou. Eis aqui tem pois V. S. as minhas idéas sobre as actuaes circumstancias da nossa patria, relativamente a Portugal. Se ellas lhe parecerem bem, promova V. S., com que se mettão a caminho. E póde contar tanto com toda a minha cooperação para o referido, que, se quizer, pode inculcar-me, e eu aceitarei a commissão de entrar nisso, mesmo ostensivelmente pelo Imperio do Brazil, se ao Seu Augusto Chefe agradar, servir-se para isso do meu tal, qual prestimo, ou seja encarregando-me só, ou associando-me a qualquer outro agente. Lembro porém sempre a V. S. nesse caso a necessidade de instrucções muito claras, sobre algumas circumstancias, que se dezejem, para que eu me possa conduzir com a segurança de contentar em meu serviço. Como o Congresso Portuguez me considerou Brazileiro, na dita proposta para o conselho d'Estado, não poderá estranhar, que eu figure como tal, para se tratar da concordia dos dous Estados. Ainda quando esta commissão me venha achar nas côrtes de Lisboa, sendo necessario, deixarei o lugar de Representante por S. Miguel, afim de intervir na negociação, como agente do Brazil. Persuadido como estou, de servir nisto igualmente aos Brazileiros e aos Portuguezes, não entenderei jámais, que offendo a estas, sahindo da sua representação nacional, para ser o conciliador entre uns, e outros. A publica opinião, que em Portugal me é muito favoravel, poderá ajudar meus bons dezejos nesta parte, e prestar á causa da humanidade, que tanto interessa nesta conciliação.

Não sei o tempo, que poderei demorar-me por S. Miguel, o que conviria indicar a V. S., para saber, aonde poderia dirigir-me a sua correspondencia. Se as Côrtes Ex-

traordinarias tiverem lugar em Lisboa, como se destinava na occasião da minha sahida para esta ilha, e tantas e tão poderosas causas parecião fazer indispensaveis, poderes estar naquella Cidade pelo meio de Maio, para o fim de tomar assento nellas. Alias sempre por todo o Julho deverei achar-me ali, como prometti na minha despedida, para serviço em que me julgarão indispensavel, e a que me não devia negar.

Sendo porém as viagens do Rio para Portugal pela altura dos Açores, seria muito facil a qualquer Navio tocar em S. Miguel na sua passagem, e entregar-me as cartas que se me quizerem dirigir, no caso de ali me achar, levando-as alias para Lisboa, a fim de serem entregues, ou a meu correspondente Francisco Xavier Vasques, Negociante muito conhecido na dita Praça, ou ao meu enteado o commendador José Ignacio Machado, residente na caza, e companhia de Pedro José Campos, pelas quaes vias me serão promtamente dirigidas, fosse qual fosse a minha rezidencia. E este mesmo caminho se deverá seguir, quando, ou por V. S., ou do Rio, se me haja de escrver por Lisboa. Hindo as cartas cobertas com sobscritos aos referidos, virão ter á minha mão seguramente: mas convirá sempre repeti-los por duas vias, para se prevenir o descaminho de alguma dellas, o que muito importa, tratando-se de cousas taes.

Não sabendo, se V. S. estará em Londres, mando tambem desta uma copia ao Sr. Felisberto Caldeira: e se souber, que do Fayal sahe para o Rio proximamente algum Navio em direitura como aqui se entende, farei conduzir nelle outra, que possa chegar ao conhecimento de S. M., ou seja pelo Sr. José Bonifacio, ou por algum dos outros meus amigos, naquella Côrte. E cuido ter desta sorte correspondido devidamente á honra, que V. S. e o

Sr. Felisberto me fizerão nas suas cartas de Setembro passado. E concluo com os protestos dos meus desejos pela saude de V. S., e offerecendo-lhe toda a minha obediencia. Deus Guarde a V. S. muitos annos. S. Miguel, 5 de Abril de 1823—P. S.—Para evitar repetição de copias, a que não dava lugar a sahida de Navio, escrevo ao Sr. Felisberto sómente, participando-lhe, que a V. S. mando esta, e a direcção porque ella vai, afim de que elle a haja de procurar, receber, e abrir, tendo-a como sua, no caso de V. S. se não achar em Londres. E V. S. lhe communicará sua materia, no caso de a receber. As copias juntas, que envio só para V. S. ser plenamente informado de tudo, será servido não lhe dar publicidade, bem que da sua substancia. e do facto pode fallar, tendo sido publico em Lisboa, e sendo possivel por tanto, que V. S. o soubesse, sem ser de mim directamente.

N.º 7.—Copia da carta do Sr. Hippolyto José da Costa ao Dr. V. J. F. C. da C., datada de Londres aos 20 de Setembro de 1822.

Illm. Sr. Vicente José Ferreira Cardozo da Costa.—Recebi com summo prazer, no principio deste mez, a carta que V. S. me fez o favor dirigir em 5 de Julho proximo passado. com os valiozos documentos que a acompanhavão; e supposto a grandeza de volume não permittisse inserillos todos no Correio Braziliense, vai com tudo ja o annuncio do seu importante opusculo. sobre o Codigo Civil, ao qual darei toda a publicidade que puder.

Os negocios politicos de Portugal tomarão uma direcção tão alheia do que eu desejava, que desde o meado do anno passado comecei a escrever aos meus amigos em Lisboa, fazendo lhes vêr os erros, em que se hião precipi-

tando, posto que continuasse no Correio Brasiliense a sustentar e apoiar a reforma, que sempre me pareceu não só util, mas necessaria á existencia da Monarchia, como exabundante provão os meus escriptos; mas pelas respostas que recebi, e muito mais pelos factos, me desenganei, pouco depois, que as medidas, que censurava, não erão effeito de erro accidental, mas filhas do systema, que se havia adoptado por hum partido dominante, o qual olha para a união de Portugal á Hespanha, ainda á custa da separação do Brasil, como unica anchora da salvação dos Regeneradores.

Convencido disto, preciso foi, que eu mudasse de objecto, e comecei então a dirigir-me ás cousas do Brasil; porque, prevendo a scisão da Monarchia; por dever, e por persuazão forçozo era, que me ajuntasse áquella das duas partes desligadas, aonde tinha nascido, e que mais immediatamente tem direito aos meus serviços, visto que em tal caso era impossivel ficar neutral.

Vejo agora pela sua carta, que V. S. é, o que eu não sabia, tambem natural do Brazil, e por tanto ouso reclamar a sua cooperação a favor do nosso paiz natal. Se as suas circunstancias de familia, de saude, ou outras lhe não permittem hir para o Brazil, aonde sua reputação valeria mais que um exercito em auxilio daquelle Governo, que sem duvida o aprecia, como deve, e que se aproveitaria de seus talentos, como não souberão fazer os de Portugal; pelo menos pode ajudar-nos com os seus escritos, e a patria necessitando tanto, tem direito a exigir de V. S. o seu valiozo contingente.

Em todo caso, peço-lhe encarecidamente a continuação de suas communicações, que me dão sempre tanto prazer,

quanta é a estima com que sou—De V. S.—muito atentto venerador e menor criado—Hippolyto José da Costa.

P. S.—Communiquei o contheudo da carta de V. S. ao Marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, que se acha em Londres, e ficou cheio de prazer, sabendo, que V. S. era Brasiliense por nascimento. Cheio do zelo patriotico que o anima, disse-me que hia escrever-lhe, e eu lhe recommendei, que o fizesse logo, na idéa, de que, quando se trata da causa publica, nenhuma introducção ou, conhecimento prévio é necessario, para communicação que só tem em vista o bem publico.

CÓPIA

DE TRES CARTAS DO IRMÃO JOAQUIM

EXTRAHIDA DOS ORIGINAES.

Louvado seja o Santissimo Sacramento.

A paz do nosso Bom Deus lhes assista em seus corações para que sempre o adorem com rendimentos de uma perpetua humildade. Já a Vms. lhes tinha escripto dando parte da minha chegada á esta Cidade, porém de proximo irei para Lisboa, que me parece iremos por todo o mez de Janeiro até os principios de Fevereiro a concluir a grande empreza de que estou encarregado, queira o mesmo Bom Deus ajudar-me nella guiando-me sempre com sua graça. Eu cada vez vivo cercado das misericordias Divinas com que me tem favorecido, pois certamente não deixará elle mesmo de ajudar-me até o fim apezar da minha fraqueza e miseria; não esqueção nunca de pedirem ao mesmo Senhor me dê o dom da perseverança: a batalha é certa e a fraqueza é grande; porém com os socorros da graça tudo se vence.

Hei de estimar que essas meninas se vão criando para Esposas do Senhor Deus, a fim de que haja quem desagrave o nosso Bom Deus, que tambem espero se faça nessa Ilha, ainda que muitos hão de duvidar, porém as obras de Deus padecem muitas contradicções.

Vm. mandadará o Livrinho que lhe dei das Memorias do Sacramento, que é para dar ao seu dono, que me pedio nesta Cidade, que pretendo trazer outros de Lisboa; emfim

Nosso Bom Deus hade sempre concorrer com sua costumada misericordia. Muitas recomendações ao Sr. Manoel Rodrigues e a Sra. Irmã Antonia, e todos em geral.

Capella da Senhora Santa Anna 10 de Dezembro de 1794.

Deste humilde servo

Irmão Joaquim Francisco do Livramento.

Louvado seja o Santissimo Sacramento.

Hontem recebi a sua carta, e nella vejo o que Vm. me diz, e fico esperando em Deus tudo hade cumprir com sua Divina vontade, e agora pelo mesmo portador envio as duas varas de renda de ouro fino para o nosso bom Fidalgo, elle nos queira ajudar na santa empreza de que ando encarregado. Vms. não cessem de orar ao mesmo Senhor nos dê sempre a sua graça, para que eu tenha forças de poder resistir aos assaltos, que de continuo armão os inimigos contra tudo que é da gloria de Deus. Muito estimo que o Sr. João de Aviz se resolva ir para a Charidade, porém veja que lá vai achar muitas cruzes, e duvido a sua perseverança, nisso tenho muito gosto para quando lá chegar velo. Minhas Irmãs. não cessem de louvar ao Senhor [illegible] que me tome sempre á sua conta, para que vá seguindo em tudo sua vontade Santissima. Vms. darão muitas recommendações á minha querida Mãi, dizendo que tome esta por sua, e que me lance a sua benção, que eu em todos os dias da minha vida não deixarei de orar ao Senhor Deus lhes prospere com aquellas felicidades espirituaes, que tanto lhes desejo, que o mais é terra, immundicie, vaidade, trabalho, contradicções, e finalmente morte,

Eu estou de partida para Lisboa, e não se admirem caso haja mais alguma demora, que talvez seja para maior segurança da santa empreza: façáo humildes supp'icas ao Senhor, que me dê perseverança.

Fiz toda a diligencia para ir a'gum Missionario para essa Ilha e continente, não pude alcançar por ora, mas ficou disposto para depois lá terem a consolação: o tempo está muito calamitoso para andarem Missionarios, porém o mesmo Senhor hade permittir que havemos de vêr bem logrados os annuncios desta nova Religião do Desaggravo para haver homens que zelem a honra de Deus, e reparem a nossa Santa Mãi, que é a Igreja de Deus. Eu assim o confio, como Vms. lá o terão lido na vida, da Veneravel Padre Maria do Lado, e serão ditosos os que o Senhor chamar a esta santa obra. As meninas correm muito perigo as suas vocações, se ellas não forem acauteladas, pois a mocidade do tempo presente vive muito arriscada, pois o demonio em seus principios trabalha para derrubar dos bons propositos para depois terem de sua mão; diga a ellas que cuidem muito á ser acauteladas; que o Senhor é poderoso para ajudar a quem por seu amor offerece a sua vontade, e que não deixa de dar as providencias contra os assaltos do demonio, mundo, e carne; façáo nisto muito estudo, que sempre agradem a Deus; muitos são os chamados, porém poucos os escolhidos.

A minha Irmã Maria não perca a esperança no Santo Habito, e das que hão de servir do Desaggravo do Santissimo Sacramento, Muitas recommendações a todos, que sendo Deus servido nos vejamos cedo. Rio, 22 de Janeiro de 1798.

De Vm.

O mais humilde servo inutil

Irmão Joaquim.

Bemdito e Louvado seja o SS. Sacramento.

Sra. D. Rita.

A graça do Divino Senhor sempre lhe assista para um perfeito complemento de sua santissima vontade, afim de o louvar com as suas santas determinações. Ha poucos dias fallei com o Rvm. Sr. Padre Mestre Salazar, me deu por noticia que o Sr. Fr. Manoel disse Missa nova, e que está o Rvm. Padre Provincial muito satisfeito, etc; continue as suas santas orações por elle para que seja bom Religioso, e tambem por mim. Estamos dando principio na Ilha Grande sobre o que queria a muitos annos estabelecer nesta Côrte, e agora parece que talvez abençôe o nosso bom Deus os meus antigos desejos; e rogo peça a Nosso Senhor me faça um verdadeiro humilde, e essas almas que algum tempo querião desaggravar ao mesmo Senhor, não se desanimem; se não fôr por um modo será por outro; façáo muitas orações e mortificações, pois o nosso Deus tem sido muito ultrajado.

Remetto estas relações dos desacatos para offerecer ás ditas almas, para que nestes infelizes dias orem ao mesmo Senhor com duplicadas orações e mortificações; talvez que ainda haja alguma casa lá, como desejamos já a muitos annos. O poder de Deus é o mesmo, e ainda é aquelle que de nada fez tudo. Muitas recommendações á minha querida Mãi, e a todos de nossa familia. A Sra. Maria que nunca se esqueça de pedir ao nosso Deus Menino se compadeça das minhas necessidades, e o mesmo a todas essas almas devotas. Eu já estive por duas vezes a ir para essa, porém a Providencia me embaraçou, e ainda me vai embaraçando.

O Bom Deus como verdadeiro Caminho, Vida, Verdade nos conceda a sua Santa paz, para que nos amemos como elle quer.

Rio, de Janeiro 2 de 1810.

De Vm.

O mais humilde escravo

Irmão Joaquim.

Muitas recommendações ao Sr. Antonio José.

CAPITULAÇÃO

FEITA PELO REI E A RAINHA DE HESPANHA

COM VICENTE YANEZ PINZON NO ANNO DE 1501.

Don Aniceto de la Higuera, del Ilustre Colegio de Abagados, y de la Sociedad economica de amigos del Pais de Sevilha, Secretario de S. M. y auditor honorario de Guerra y Marina, y Archivero del General de Indias en esta Cidad.

Certifico: que en consecuencia de la Real órdem fecha veinte y dos de Enero de mil ochocientos cuarenta y seis, por la que se me mandá facilitar noticias históricas, relativas á America, a Mr. Francisco Adolfo de Varnhagen, agregado entónces á la legacion del Brasil en Lisboa; por su señalamiento hé reconocido los libros de Registro en la Secretaria del Perú, correspondentes á el año de mil quinientos uno y a su folia treinta y seis, he encontrado la Capitulacion hecha por el Rey y la Reyna con Vicente Yañez Pinzon la cual literalmente dice asi.

Capitulacion de Vicente Jañez. — ElRey e la Reyna — El asiento que por mestro mandado se tomó con vós Vicente Jañez Pinzon sobre las islas é tierra firme que voshabeis descubierto es lo siguiente.

Primeramente que por cuanto vos el dicho Vicente Jañez Pinzon vicino de la Villa de Palos, por nuestro mandado, é con nuestra licença, é facultad fuistes á vuestra costa é mision con algunas personas, é parientes, é amigos vuestros á descubrir en el mar Occeano, á las partes de las Indias con cuatro navios, á donde con el ayuda de

Dios nuestro Señor, é con vuestra industria é trabajó, é diligencia descobristes ciertas islas é tierra firme, que posistes los nombres siguientes: Santa Maria de la Consolacion, é Rostro hermoso, é desde alli seguistes la costa que se corrê al Norueste fasta el Rio grande que llamastes Santa Maria de la Mar-dulce, é por el mismo Norueste, toda la tierra de luengo fasta el Cabo de San Vicente ques la misma tierra donde por las descubrir é allar posistes vuestras personas á mucho riesgo é peligro, por nuestro servicio, é pasirtes muchos trabajós, é se vos recreció muchas perdidas, é costas, é acatando el dicho servicio que nos fecistes, é esperamos que nos harêis de aqui adelante, tenemos por bien é queremos que enquanto nuestra merced, é voluntad fuere, ayades é gozedes de las casas que adelante en esta Capitulacion serán declaradas, é contenidas; conviene a saber, en remuneracion de los servicios é gastos; é los daños que se vos recrecieron en el dicho viajé, vos el dicho Vicente Jañez quanto nuestra merced é voluntad fuere seades nuestro Capitan é Gobernador de las dichas tierras de suso nombradas desde la dicha punta de Santa Maria de la Consolacion seguiendo la costa fasta Rostro hermoso, é deallé toda la costa que se corre al Norueste hasta el dicho rio que vos posistes nombre Santa Maria de la Mar-dulce con las islas questán á la boca del dicho rio que se nombra marina *tubulo* al qual dicho oficio é cargo de Capitan é Gobernador podades usar é egercer, é usedes é egercedes por vos é por quien, vuestro poder aviere con todas las cosas anexas é concernientes al dicha cargo segund que lo usan, é lo pueden, é deben usar los otros nuestros Capitanes é Gobernadores de las semejantes islas é tierra nuevamente descubierta.

Iten que es nuestra merced é voluntad de que las cosas,

é interesses é provecho que en las dichas tierras de suso nombradas, é rios, é islas, é se oviere é allare é adquiriere de aqui adelante, asi oro, como plata, cobre ó otro qualquiera metal é perlas, é piedras preciosas, ó drogueria é especeria é otras qualesquier cosas de animales é pescados, é aves, é arboles, é yerbas, é otras cosas de qualquier natura ó calidad que sean, en quanto nuestra merced é é voluntad fuere ayades é gozedes la sesma parte de loque nos ovieremos en esta manera: que se nos embiaremos á nuestra costa á las dichas islas é tierra, é rios por vos descubiertas algunos navios é gente que sacando primeramente toda la costa de armazán e fletes que del interese que remaneciere, ayamos é elevemos nos las cinco sesmas partes, é vos el dicho Vicente Jañez la otra sesma parte, é si alguna, ó algunas personas con nuestra licencia é mandado, fueren a las dichas islas, é tierras, é rios, de lo que las tales personas nos ovieren á dar por razon de los dichastales licencias é viajés ayamos é llevemos para nos, las cinco sesmas partes, é vos el dicho Vicente Jañez la otra sesma parte.

Iten que si vos el dicho Vicente Jañez Pinzon, quisierdes ir dentro de un año que se cuenten del dia de la fecha desta Capitulacion é asiento con algun navio ó navios, á las dichas islas, é tierras, é rios, á rescatar é traer qualquer cosa de interese é provecho que por el mismo viajé que fuerdes, sacando primeramente para vos las costas que ovierdes fecho en los fletes é armazon del dicho primero viajé que del interese que remaneciere ayamos é llevemos nos la quinta parte, é vos el dicho Vicente Jañez las quatro quintas partes con tanto que no podaes traer esclavos ni esclavas algunas, ni yayaes á las islas é tierra firme que hasta hoy son descubiertas, ó se han de descubrir por nues-

tro mandado, é con nuestra licencia, ni a las islas é tierra firme del Serenissimo Rey de Portugal principe nuestro muy caro, é muy amado hijo, nin podades de las traer interese ni provecho alguno, salvo mantenimento para la gente que llevardes por vuestros dineros, é pasando le dicho año no podades gozar ni gozedes de lo contenido en esta dicha capitulacion.

Iten para que se sepa lo que asi ovierdes en el dicho viajé, é en ello no se pueda hacer fraude ni engaño alguno nos pongamos en cada uno de los dichos navios una ó dos personas que en nuestro nombre, é por nuestro mandado, este presente á todo lo que se oviere é rescatare en los dichos navios de las cosas suso dichas é lo pongan por escrito, é fagan dello libro é tengan dello cuenta é razon, é lo que se rescatare é ouviere en cada un navio se ponga é guarde en arcas cerradas, é en cada una aya dos llaves, é por la tal persona, ó personas que por nuestro mandado fueren en el tal navio tenga una llave é vos el dicho Vicente Jañez ó quien vos nombraredes otra, por manera que no se pueda facer fraude ni engaño alguno.

Iten que vos el dicho Vicente Jañez ni otra persona alguna, ni personas algunas de los dichos navios, é compañia dellas non puedan rescatar ni contratar ni haber cosa alguna de las susodichas sin ser presente á ello la dicha persona ó personas que por nuestro mandado fueren en cada uno de los dichos navios.

Iten que las tales persona ó personas que eu cada uno de los dichos navios fueren por nuestro mandado, ganen parte como las otras personas que en el dicho navio fueren.

Iten que todo lo suso dicho que asi se oviere é rescatare en qualquer manera, sin disminuicion ni falta se traya á la Ciudad é puerto de Sevilla ó Cadis é se presenten ante el

nuestro oficial que alli residiere para de alli se tome la parte que de alii avieremos de aver, é que por la dicha parte que asi dello ovieredes de aver non pagueis ni seays obligado á pagar de la primera venta alcavala ni aduana ni almoxarifadgo ni outros derechos algunos.

Iten que antes que comenzeis el dicho viajé, vos vades á presentar á la Cibdad de Sevilha ó Cadis, ante Gonzalo Gomez de Servantes nuestro Corregidor de Xerez, é Ximeno de Briviesca nuestro Official, con los navios é gentes con que ovierdes de facer el dicho viajé para quellos lo vean é asienten la relacion dello en los nuestros libros é hajan las otras diligencias necesarias.

Para lo qual facemos nuestro Capitan de los dichos navios e gente que con ellos fueren, á vos el dicho Vicente Yañez Pinzon, é vos damos nuestro poder cumplido é juredicion cevile é criminal, con todas sus incidencias, é dependencias, é anexidades, e conexidades, é mandamos á las personas que en los dichos navios fueren, que por tal nuestro Capitan vos ovedescan, en todos, e por todos, é vos consientan usar de la dicha juredicion, con tanto que non podais matar persona alguna, ni cortar miembro.

Iten que para seguridad que vos el dicho Vicente Yañez Pinzon, é las otras personas que en los dichos navios irán, fareis, é complireis, é será complido é guardado, todo lo en esta Capitulacion contenido, é cada cosa é parte dello. Antes que comenzeis il dicho viajé, deis fianzas llanas é abonadas á contentamiento del dicho Conzalo Gomez de Servantes ó de su lugar teniente.

Iten, vos el dicho Vicente Yañez, é las otras personas que en los navios fueren, fagados, é cumplades todo lo contenido en esta capitulacion, é cada casa é parte d'ello, sópena que qualquier persona que lo contrario ficiere, por el mis-

mo fecho, aya perdido é pierda todo lo que se rescatare, é oviere, é todo el interese é provecho que del dicho viajé podria venir sentuplicato, é desde agora lo aplicamos á nuestra camara é fisco é el culpado este á la nuestra merced.

Lo qual todo que dicho es, é cada casa é parte della fechas por vos las dichas diligencias, prometemos de vos mandar guardar é cumplir á vos el dicho Vicente Yañez Pinzon que en ello ni en cosa alguna, ni parte dello, non vos será puesto impedimento alguno, delo qual vos mandamos dar la presente firmmada de nuestros nombres. — Fecha en Granada á cinco de Setiembre de mil é quinhetos é un años· — Io el Rey. — Io la Reyna. — por mandado del Rey é de la Reyna — Gaspar de Gricio.

Lo copiado corresponde á la letra con su original á que me refiero. I para que conste doy lo presente en seis hojas de papel del sello cuarto, rubricadas en el margen por mi. Sevilha quince de Diciebre de mil ochocientos cincuenta y siete. — Aniceto de la Higuera.

Conforme. —Joaquim Maria Nascentes d' Azambuja.

DOCUMENTOS

Relativos a João Pereira Ramos e seus irmãos.

DECRETO.

Tendo presentes os relevantes serviços do Doutor João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, do Meu Conselho, Procurador da Corôa, e Desembargador do Paço, assim no laborioso exercicio destes lugares, que tem servido com fidelidade, desinteresse, e fortaleza propria de um digno Magistrado, como em outras commissões da maior importancia, que lhe tem sido encarregadas, como o foi a dos Estatutos da Universidade de Coimbra, que formulou, e illustrou para melhoramento dos Estudos das Sciencias Maiores, mostrando neste trabalho os seus vastos, e solidos conhecimentos, com tanto aproveitamento dos Meus Vassallos, que os cultivão, como he notorio: E Tendo tambem presentes os Serviços de seu Irmão D. Francisco de Lemos, Bispo de Coimbra (por elle assim mo pedir) que depois de o ter auxiliado na obra dos ditos Estatutos, executou como Reformador Reitor da Universidade os mesmos Estatutos, plantando, e creando a nova Reformação com tão adiantados, e felices progressos: Querendo gratificallos, e remunerallos com a destincção, que elles merecem, em combinação com os maiores, que se tem remunerado na sua ordem, e provar-lhe juntamente a boa vontade com que assim o Honro: Hei por bem por uns, e outros Serviços, e respeitos fazer Mercê ao dito Doutor João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho do Senhorio da Villa de Pereira na Comarca de Coimbra, onde tem parte da sua Casa; de uma Alcaidaria Mór, das que houver va-

gas; e da Commenda de São Salvador de Serrazes na Ordem de Christo sita no Bispado de Vizeu, tudo em tres vidas: Confiando do mesmo Doutor João Pereira Ramos, que ha de continuar a servir-me tão dignamente, como até agora o fez merecer, como espero, que Eu lhe responda competentemente, accrescentando-o em Graças, e Mercês, como será justiça, e razão. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em dezassete de Dezembro de mil sete centos noventa e dois.—Com Rubrica.

PETIÇÃO.

Senhora.—O Doutor João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Desembargador do Paço e Procurador da Real Corôa de V. Magestade, tem a honra de representar a V. Magestade com a mais profunda submissão, e reverencia, que tendo elle nascido de Pais Nobres, e Honrados na sua Casa de Marapicú, das mais fartas, e bem estabelecidas em fazendas do Reconcavo da Cidade do Rio de Janeiro, passou della á Universidade de Coimbra a seguir os Estudos para se habilitar para o Real Serviço de V. Magestade, e nella se graduou Doutor em Canones em 19 de Julho de 1744, e desde esse dia até o presente Maio de 1791, tem-se empregado no Real Serviço pelo longo espaço de 47 annos quasi completos, continuos, e sem interrupção, primeiramente nos exercicios da vida de Oppositor ás Cadeiras da Universidade, em que servio ao Augustissimo Senhor Rei D. João V, nos ultimos seis annos da Sua Vida, sendo Almotacé pelo Corpo Academico no anno de 1747, Vice-Conservador, e Ouvidor dos Coutos no de 1748, e Conselheiro no mesmo anno. Pondo-se em Concurso em 1749 a ultimo Cathedrilha de Canones, ostentou, e fez opposição

a ella em 44.° Lugar, e pelas acçoens desse Concurso veio informado ao dito Soberano com muita destincção.

Na mesma Profissão da Vida Academica continuou a servir ao Augustissimo Senhor Rei D. José I, substituindo a ultima Cathedrilha de Canones por todo o anno de 1751, foi creado Deputado no anno de 1754, e tornou a substituir a mesma Cathedrilha por todo o anno de 1754; e além desses Empregos, que todos servio por eleição dos respectivos Conselhos, substituio tambem a Cadeira do Sexto, e outras; e todos os sobreditos Lugares por Avizos do Reitor em outras occasiões de molestia, ou auzencia dos Proprietarios, e eleitos para os servirem; para o que sempre rezidio na Universidade, e esteve prompto para a servir em todos os cargos, e funcções, em que foi por ella occupado.

Vindo a esta Capital depois de Terremoto de 1.° de Novembro de 1755, foi convidado para uma Becca do Collegio de S. Paulo por Carta do Reitor delle de 4 de Maio de 1758. Estando porém ainda nesta Côrte no anno de 1759, foi nella occupado pelo Conde de Oeiras em Serviço particular do dito Augustissimo Senhor, assistindo ás Conferencias, que sobre a Reforma dos Estudos da Universidade se fazião em Caza do Reformador Reitor della Gaspar de Saldanha; e sem embargo de se interromperem as ditas conferencias pela Guerra com Hespanha, sempre ficou empregado no Serviço Regio, sustentando-se por causa delle á sua custa sem Lugar algum, e renda até 2 de Abril de 1763, em que foi despachado Dezembargador da Relação da Bahia, ficando empregado na Côrte em Serviço particular do dito Senhor, mandando tomar posse da dita Béca por seu procurador, e sendo contado como prezente. Em 7 de Janeiro de 1768 foi provido em um Lugar Ordinario de Dezembargador da

Relação do Porto. E por Decreto de 18 do mesmo de Janeiro foi nomeado Ajudante do Procurador da Corôa (que era nesse tempo o Sabio, e Egregio Magistrado, que hoje tem a honra de ser Ministro e Secretario de Estado de V. Magestade da Repartição dos Negocios do Reino) com faculdade de o ser, assim para o despacho dos feitos, como tambem para os papeis dos Tribunaes; e neste exercicio ficou fazendo nesta Côrte o lugar de Dezembargador do Porto.

Creando o mesmo Augustissimo Senhor nesse mesmo anno de 1768 a Real Meza Censoria, o nomeou Deputado Ordinario della por Decreto de 9 de Abril, no qual declarou fazer-lhe Mercê do dito Lugar em consideração do merecimento, Letras, e conhecido zêlo do serviço de Deus, e Seu, que nelle concorrião.

Por outro Real Decreto de 17 do Outubro proximo seguinte lhe fez o mesmo Soberano a Mercê de nomeal-o Dezembargador da Caza da Supplicação, para nella ter exercicio, com a mesma declaração do bem que elle o tinha servido; e tomando posse do dito Lugar em 5 de Novembro do dito anno, desde então exercitou, na Meza da Corôa o Officio de Ajudante della, em que já estava provido. Em 29 de Março de 1769 foi provido Procurador Geral da Santa Igreja de Lisboa, por Alvará passado pelo Collegio da mesma Santa Igreja, para vigiar sobre a execução do Novo Regimento então dado pelo Em. Cardeal Saldanha para a administração, e arrecadação da Fazenda della, tudo com a Regia Approvação do mesmo Senhor.

Auzentando-se o Sabio Procurador da Corôa seu Coadjutor seu Director, e seu Mestre nas funcções, e exercicios de Ajudante. em Agosto de 1769 para a sua Quinta do Canal, ficou o Supplicante servindo o Lugar de Procurador

da Corôa, e como Serventuario delle continuou a servil-o até 18 de Junho de 1771, em que passou a exercital-o como Proprietario do mesmo Lugar, que vagando então pela promoção do mesmo Sabio Procurador da Corôa para o Lugar de Ministro, e Secretario de Estado, foi conferido ao Supplicante por Decreto de 7 de Junho, depois de haver sido creado Dezembargador Ordinario de Aggravos para o servir por outro Decreto de 4 do mesmo mez.

Havendo tornado a lembrar a urgente necessidade de se accudir com prompto remedio a grande decadencia, em que se achavão os Estudos Geraes da Universidade de Coimbra. Creou o mesmo Senhor Rei Reitor della por Decreto de 14 de Maio de 1770 ao Dr. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Irmão do Supplicante, que sendo Juiz Geral das Ordens Militares, Deputado do Santo Officio, da Real Meza Censoria, e Dezembargador da Caza da Supplicação, e estando nella servindo uma Casa de Aggravos, fôra nomeado Vigario Capitular, sem rezerva, do Bispado de Coimbra, e neste interino Governo se achava naquella Cidade. Para se cuidar effectivamente na prejectada Reforma dos Estatutos creou o mesmo Senhor uma Junta com a denominação da—Providencia Litteraria—por Decreto de 23 de Dezembro do mesmo anno, e no numero dos Conselheiros, de que formou, incluio o supplicante, e o novo Reitor seu Irmão. Teve a dita Junta a sua primeira Sessão em 29 de Janeiro de 1771, e trabalhando com o mais incansavel disvelo na composição de Novos Estatutos para Reforma Geral de todas as Sciencias, se concluio felizmente a dita importantissima obra em 28 de Agosto do anno seguinte, approvada, e revestida de força de Lei perpetua, e mandada executar, honrando muito o dito Monarcha o exemplar zelo, e acerto, com que nella procedeu a

mesma Junta, e dando a conhecer a grande, e completa satisfação, que della recebeu, tanto pela grande importancia da obra, como pelo acerto, com que fora levada á sua ultima conclusão.

Da parte que nesta obra tiverão o supplicante, e o novo Reitor, seu Irmão nada diz o supplicante. Ao Regio Gabinete do Real Despacho de V. Magestade concorrem duas testemunhas ambas de vista, e ambas tão superiores a toda a excepção, como são os dous Sabios, e Egregios Ministros, e Secretarios de Estado dos Negocios do Reino, e do Ultramar, que depois de assistirem ambos a todas as Sessões da Junta, e de presenciarem tudo o que nella se passava, subião a dar, ou a ouvir dar conta ao Augustissimo Senhor Rei D. José dos pregressos da obra; e principalmente o dos Negocios do Reino, com o qual sempre o supplicante conferia as ideias, e planos, que formava, e com cujas luminosas, e judiciosas reflexões os aperfeiçoava, e se animava a produzil-os na Junta: confissão que o supplicante faz na Real Prezença de V. Magestade com a ingenuidade que sempre foi caracteristica do seu animo; para ficar servindo de perpetuo monumento da sua gratidão, do seu reconhecimento, e da justiça, que elle deve ás superiores luzes do seu verdadeiro Mestre, do seu Director, e do seu Bemfeitor.

Da grande estimação, e apreço que dos novos Estatutos fez o Augustissimo Senhor Rei Regenerador das Sciencias, é evidente testemunho a Regia Carta de Sua Approvação. E do alto conceito que delles fizerão as Nações Sabias, e illustradas da Europa, são irrefragaveis testemunhos os que correm estampados nos Diarios, e papeis periodicos da Historia Litteraria daquelles tempos, em que chegão a dizer, que nenhuma Nação se pode gloriar de ter um corpo

de Estatutos de todas as Sciencias tão judiciosamente combinado; e que se elles se observarem exactamente na Universidade de Coimbra, ver-se-hão sahir della Sabios da primeira ordem; além de outros semelhantes louvores da summa Christandade, e Religião, que por todas as partes resplandece nos mesmos Estatutos.

Provido no Lugar de Procurador da Corôa, continuou a empregar-se no mesmo trabalho da Reforma que continuou até final conclusão, que foi a 28 de Agosto de 1772; respondendo ao mesmo tempo á numerosa alluvião dos papeis das Confirmações Geraes, a que o mesmo Soberano havia chamado a seus Povos por Alvará de 6 de Maio de 1779.

No anno de 1774 teve ordem do Marquez de Pombal para assistir nas quartas feiras, e sabbados de cada semana ás Conferencias, que fazião em sua Caza, sobre Negocios do Erario, e duravão todo o dia, sendo os outros Conferentes os Ministros de Estado, o Procurador da Fazenda, e o Thezoureiro Mór do dito Erario; e este novo trabalho, que tirava duas setimas partes de cada uma semana, durou até a felicissima Exaltação de V. Magestade ao Excelso Throno destes Reinos.

No mesmo anno de 1774, estando o Cardeal Conti para se recolher a Curia Romana, finda a sua Legação Apostolica, ajustou com elle o Marquez de Pombal uma Concordata com o Papa sobre os principaes pontos de Disciplina, e da Jurisdicção, que davão frequentes occasiões a queixas, que algumas vezes passarão a rompimentos formaes, com perturbação da paz, e concordia entre o Sacerdocio, e o Imperio; para assistir á composição dos artigos della chamou tão sómente o supplicante, debaixo de todas as recommendações de segredo; e com effeito, sendo elle pre-

sente em quanto durou a obra, se concluio a tal Concordata, e entregou ao dito Cardeal quando partio para Roma. Accontecendo porém fallecer o Santo Padre Clemente XIV, poucos dias depois da chegada de Conti a Roma, ficou a dita Concordata sem effeito.

Em Abril do mesmo anno, pendente o trabalho da Concordata, e chegando o supplicante a Caza do Marquez a tempo, em que com elle estava o Bispo de Beja, lhe entregou o dito Marquez um papel, dizendo-lhe que o lesse. Principiou o supplicante a lêl-o; vendo porém pelas primeiras regras delle, que o dito papel era um Decreto, em que o Augustissimo Senhor Rei D. José lhe fazia Mercê do Lugar de Guarda Mór da Torre do Tombo, parando com a Leitura delle, disse ao dito Marquez, que não devia concluil-a, sem que primeiro lhe rendesse as graças devidas pela dita Mercê, que até se fazia muito estimavel pela circumstancia delle nem se ter lembrado de pedil-a; ao que respondeu o dito Marquez, que quando o merecimento fallava, não era necessario pedir; e tudo presenciou o Bispo de Beja, que á dita resposta do Marquez disse, que ainda assim sempre era necessario olhar com bons olhos.

Pelo mesmo tempo sendo-lhe commettido na forma do costume, a fiscalisação dos Breves Facultativos das Graças, e Poderes, com que Mons.r Mutti, Arcebispo de Petra vinha succeder ao Cardeal Conti na Nunciatura Apostolica destes Reinos, fez um largo officio, em que requereu não só que se declarassem abusivas, e infractorias das Cartas reversaes dos Nuncios, algumas interpretações, que elles, e os Ministros da Legacia davão ás restrincções de algumas Graças, e Poderes, com que erão admittidos os seus Breves; mas tambem que se lhes restringissem de novo algumas outras, que não erão menos prejudiciaes, e nocivas á Igre-

ja, á Corôa, e ao Bem Commum dos Povos, as quaes apontava; accrescentando, e concluindo, que tambem se devião reformar as Minutas dos ditos Breves, de que vinhão munidos os Nuncios, formando-se para elles novo Formulario concordado primeiramente com o Ministro de Estado do Reino, para que nelles se não incluisse Graça Faculdade, ou Poder algum, dos que se lhe achavão já restrictos, e se houvessem de restringir quando se formassem.

No anno de 1775, santificado pela Igreja com o Jubileu do Anno Santo, dividindo-se os votos dos Deputados da Real Meza Censoria sobre a concessão do Regio Beneplacito á Bulla do dito Jubileu, expedida á Igreja, e á Nação Portugueza; e fazendo-se sobre esta materia alguns papeis, com que os dous Partidos se degladiavão, e batião com bastante acrimonia; querendo o supplicante occorrer a algumas desordens, e mas consequencias de se chegar a pôr em votos o merecimento dos ditos papeis; deu conta ao Ministerio do destemperado calor, de que estavão agitados os espiritos, requerendo-lhe pozesse termo áquella nociva devisão de sentimentos dos Ministros della. E teve ordem para dizer no acto em que se fosse a votar sobre a dita materia, que por Ordem de S. Magestade participada pelo Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios do Reino se achava encarregado de intimar á Meza, que o mesmo Senhor era Servido de Mandar-lhe, que todos os papeis que se havião feito sobre o dito assumpto, se sepultassem no mais secreto da Meza, para que delles nada traspirasse ao publico; impondo-se com o dito fim perpetuo silencio em tudo o que ao dito respeito se tinha passado na Meza; e com esta diligencia cessou aquella indecorosa contenda, e se publicou a dita Bulla do Jubileu.

Empunhando V. Magestade o Real Sceptro Luzitano para

bem universal de todos os Povos, e Vassallos, que Deus sujeitou ao Seu Supremo Imperio, e Havendo-se Servido por um puro effeito da Sua Real Benignidade de conservar o supplicante no exercicio de todos os referidos Lugares, que lhe havião sido conferidos por Seu Augustissimo Pai, tem o mesmo supplicante tido a grande, e inestimavel honra de haver servido, e servir actualmente nelles a V. Magestade, continuando em fiel desempenho do de Procurador da Corôa a promover, e defender os Direitos da Sua Real Corôa com o mesmo zelo, constancia, e inteireza, com que já o havia feito em todo o Reinado de Seu Augustissimo Pai.

Por Seu Real Decreto de 7 de Agosto de 1778 foi V. Magestade Servida fazer Mercê ao supplicante de um lugar ordinario de Dezembargador do Paço, conservando-lhe o lugar de Procurador da Corôa, e em consequencia desta apreciavel Mercê, lhe fez tambem a do Titulo do Seu Conselho, de que prestou Juramento em 27 de Septembro do mesmo anno, Juramento, que elle tem sempre trabalhado para cumprir, e observar religiosamente em todas as occasiões, e actos, em que deve guardal-o.

Achando-se o supplicante sem Ajudante para as funções, e exercicios do lugar de Procurador da Corôa, por ter sido promovido a lugar ordinario de Aggravos o Dezembargador Antonio Teixeira da Matta, que até entãe tinha sido seu Ajudante: Houve V. Magestade por bem Nomear-lhe para seu Ajudante o Dezembargador Bruno Manoel Monteiro, por Decreto de 22 de Agosto de 1783; e nelle foi Servida Declarar o que consta do theor do mesmo Real Decreto, concebido na forma, em que o supplicante o transcreve, para prova do muito que V. Magestade o honrou nelle.

« Tendo Consideração a que os muitos Negocios, e ex-
« traordinarios, de que Tenho encarregado immediata-
« mente, e Poderei encarregar ao Dr. João Pereira Ramos
« de Azeredo Coutinho, Procurador da Minha Corôa, fa-
« zem impraticavel, que elle possa responder em tempo
« ao grande numero de papeis, que lhe são remettidos em
« razão do seu officio pelo expediente ordinario dos Tri-
« bunaes: Hei por bem Nomear-lhe por Ajudante o Dr.
« Bruno Manoel Monteiro, Dezembargador dos Aggravos
« da Caza da Supplicação, para que, como se fora Serven-
« tuario, haja de responder por si só a todos os papeis, que
« pelo Procurador da Corôa lhe forem commettidos; bem
« entendido, que nunca poderá commetter-lhe aquelles
« papeis, que pelos Tribunaes lhe forem especialmente di-
« rigidos. O Chanceller da Caza da Supplicação &c.

Querendo V. Magestade reformar a Legislação dos Seus Reinos, util e glorioso projecto para a felicidade desta Monarchia, tirando-a da confuzão, em que se acha pela multidão de Leis, fez convocar uma Junta de Ministros, a que assistio o supplicante; e foi de parecer, que para a projectada Reforma das Leis se poder fazer em forma digna do gloriosissimo Reinado de V. Magestade, e com maior utilidade dos Seus Vassallos, se devia proceder á composição d'um Novo Codigo, que fosse um corpo systematico completo, e organisado com todas as suas partes, e ordenadas pelo methodo natural.

V. Magestade o incluio no numero dos Censores, e nesta qualidade assistio ás Conferencias por muito tempo na Caza do Respeitavel Sabio, e Circunspecto Visconde, Ministro, e Secretario de Estado, e Presidente da Junta. E por quanto o Livro 2.º se achava em termos de se offerecer á Censura, para se apurar, e pôr em estado de se poder approvar, e

authorisar por V. Magestado: Houve V. Magestade por bem Crear Nova Junta de Ministros para a Censura, e apuração delle, debaixo da Luminosa Inspecção, e Presidencia do Egregio Ministro, e Secretario d'Estado actual dos Negocios do Reino, na forma do Decreto de 3 de Fevereiro de 1789. E Mandando V. Magestade no mesmo Seu Real Decreto, que á dita Junta concorra tambem o supplicante, quando para ella for chamado pelo mesmo Seu Ministro de Estado; foi Servida explicar-se ácerca delle com as expressões, que se leem no mesmo Real Decreto (ibi.)

« E por quanto o Dr. João Pereira Ramos de Azeredo « Coutinho do Meu Conselho, Dezembargador do Paço, e « Procurador da Minha Real Corôa, assim em razão do seu « officio, como principalmente pelas luzes claras, e supe- « riores, que tem nestas materias, as quaes elle com zelo, « e descripção, depois de ser o primeiro, que nestes tem- « pos as cultivou; foi tambem o primeiro, que procurou « influil-as, e derramal-as: Hei por bem que assista, e « dirija as Conferencias dos ditos Magistrados; sempre « que para ellas for chamado pelo Presidente.

Expressões verdadeiramente gloriosas para o supplicante e summamente dignas do mais alto apreço d'um vassallo.

Por Decreto de 17 de Junho, e Alvará de 2 de Julho de 1789 V. Magestade lhe fez a Mercê de Juiz Conservador Geral, e Executor do Tabaco.

O Senhor Rei D. Pedro III, que jaz em Santa Paz, e Descanço, lhe Conferio um Lugar de Deputado da Meza Prioral do Crato, por Carta de 27 de Agosto de 1784. E por extincção da dita Meza Prioral, foi provido pelo Principe Nosso Senhor em um Lugar da Junta do Infantado, por Decreto de 18 de Dezembro de 1790, no qual tem a grande honra de servir presentemente a S. A. R.

Por Decreto de 21 de Novembro de 1789. Foi V. Magestade Servida Nomeal-o Ministro da Junta do Exame do estado actual, e melhoramento temporal das Ordens Regulares.

E por Alvará de 21 de Abril de 1790 lhe fez V. Magestade a outra inestimavel honra de Creal-o Secretario da Princeza Nossa Senhora.

Sendo tantos, e tão diversos os Empregos do Real Serviço, em que o supplicante tem sido sempre occupado desde que teve a honra de entrar nelle; tendo elle feito tantos, e tão importantes serviços, como são os referidos, assim ordinarios, e proprios dos lugares, em que tem sido provido, como tambem os extraordinarios, que por serem de outra ordem superior, e não pertencerem ás funções da Magistratura, se devem qualificar de mais relevantes; e além dos referidos, outros muitos, que expoem, por serem constantes, e notorios a V. Magestade, aos Ministros, e Secretarios de Estado, e ao publico, poderia parecer ao supplicante, que por todos, e cada um dos ditos serviços se tem elle feito digno na Real Prezença de V. Magestade d'uma remuneração, e premio correspondente, não ao valor intrinseco delles, que o supplicante reconhece ser nenhum; porque muito mais deve, e deverá sempre o supplicante á honra, que os Augustissimos Senhores Reis Pai, e Avô de V. Magestade lhe tem feito de o habilitarem, e empregarem no mesmo Seu Real Serviço, e á que V. Magestade da mesma sorte lhe tem feito, e faz de o conservar nos lugares, em que elle foi provido por Seu Augustissimo Pai, e conferido os outros já referidos, com que mais o tem honrado, e condecorado; mas sim tão sómente á grande impressão, que no Generoso, e Liberal Animo de V. Magestade costumão fazer os Serviços obrados por Vassal-

los, que fazem todos os esforços possiveis para servir a V. Magestade com honra, com zelo, com lealdade, com justiça, com verdade, com intelligencia, e com desinteresse, e constancia, sacrificando a bem do Real Serviço com muita satisfação, e gosto todos os seus interesses, como é publico, e notorio ter feito o supplicante.

Porém, Augustissimo Senhora, para que os Serviços obrados pelo supplicante a V. Magestade, e a Seus Augustissimos Pai, e Avô possão fazer a mesma impressão no Real Animo de V. Magestade, faz-se tambem preciso ao supplicante mover, e inclinar a seu favor a Real, e Incomparavel Piedade de V. Magestade, e pedir-lhe as Suas Mãos Auxiliares com a Sua Real Grandeza. Para esse fim representa mais a V. Magestade, que tendo elle tido a honra de servir a tantos, e tão Generosos, e Magnanimos Monarchas, pelo longo espaço dos já numerados 46 para 47 annos, até agora não tem recebido da Sua Regia, e Incomparavel Grandeza Mercê, ou Demonstração alguma util, e fructuosa de lhe terem sido os seus serviços bem acceitos. Pois que a unica Mercê Regia dessa natureza, que tem hido em toda a sua vida, é a do simples Habito de Christo com a insignificante Tença de 20 $ rs. por Mercê do Augustissimo Senhor Rei D. João V, de 1729, requerida por seu Pai em premio dos serviços d'um parente estando o supplicante ainda na infancia. Nem tambem o supplicante se tem animado até agora a supplicar a V. Magestade Despacho de seus serviços, por se achar plenamente convencido de que o não tem merecido, e querer servir mais tempo para poder mais merecer.

O Supplicante, Augustissima Senhora, está chegado ao ultimo quartel da sua vida; vê-se cercado de filhos; olha para a caza, em que nasceu, e vê-a reduzida do florente

estado, em que deixou quando della sahio, tão sómente para se empregar no Regio Serviço, ao de uma lamentavel decadencia, causada por uma parte pela longa auzencia do supplicante della ha mais de 50 annos; e pela outra parte pelas grossas e avultadas despezas, com que ella lhe tem contribuido, primeiramente para a propria sustentação delle nestes Reinos, e logo depois para a de tres Irmãos seus, que elle fez vir para a sua companhia para os educar, e habilitar para o mesmo Real serviço, em que tambem tem tido a honra de haverem sido occupados.

E para se não entregar á ultima perturbação do seu espirito com as tristes considerações da futura sorte dos seus filhos, e da sua familia depois das suas cinzas, nem se expôr a que sendo prevenido pela morte, até lhe falte o tempo para pedir a V. Magestade o Despacho dos ditos serviços. Recorre finalmente ao mesmo tempo á Soberana Grandeza, e á Summa Piedade de V. Magestade, e lhe supplica com a mais profunda submissão, e reverencia que Haja por bem Attendello, e Despachallo por todos os seus referidos serviços, com aquellas Honras, Graças, e Mercês, que lhe dictarem ambas as ditas Reaes Virtudes igualmente possuidas por V. Magestade no gráo mais heroico, para que honradas, e utilizadas com ellas na propria pessoa do supplicante as cans por elle adquiridas no Real Serviço de V. Magestade (as quaes poucas esperanças lhe dão de poder desfructallas por muito tempo) e contemplado tambem nas mesmas Mercês Regias, pela forma, e modo que mais for do Real Agrado de V. Magestade, o filho primogenito do supplicante; (que já frequenta as Aulas de Coimbra, para poder tambem aspirar á honra de servir a V. Magestade) e na falta delle, o que houver de succeder na sua Caza; possa o supplicante passar o resto de seus dias com mais satis-

fação, e socego de espirito; e cobrando com as ditas Mercês novos alentos, possa tambem com maior consolação, e alacridade esperar no Real Serviço de V. Magestade o dia fatal, e nelle mesmo exhale os ultimos alentos da vida— E. R. M.

Relação dos Documentos juntos.

Certidão dos Serviços de Oppozitor ás Cadeiras da Universidade feitos nos annos de 1744, até o de 1755.

Cartas dos Reitores do Collegio de S. Paulo, de que consta ter sido acceito Collegial do dito Collegio, de 4 de Dezembro de 1758, de 7, e 20 de Fevereiro, e de 3, 21, e 24 de Maio de 1762.

Carta do Desembargador da Relação da Bahia, ficando occupado na Côrte no Real Serviço, de 14 de Junho de 1763.

Carta ao Chanceller da Bahia para se lhe pagarem lá sómente as braçagens do dito lugar, por lhe ter S. Magestade Mandado pagar o Ordenado, e Propinas pelo Real Erario, de 2 de Novembro de 1763.

Carta de Desembargador da Relação e Caza do Porto de 9 de Janeiro de 1768.

Decreto da Nomeação de Ajudante do Procurador da Coróa de 18 de Janeiro de 1768.

Carta de Deputado da Real Meza Censoria de 22 de Abril de 1768.

Carta de Desembargador da Caza da Supplicação de 27 de Outubro de 1768.

Alvará de Procurador Geral da Santa Igreja de Lisboa de 29 de Março de 1769.

Carta de Erecção da Junta da Providencia Litteraria de 25 de Dezembro de 1770.

Carta de um Lugar de Desembargador dos Aggravos de 14 de Junho de 1771.

Carta de Procurador da Corôa de 14 de Junho de 1771.

Carta de Confirmação dos Novos Estatutos da Universidade de Coimbra de 28 de Agosto de 1772.

Carta de Guarda Mór do Real Archivo da Torre do Tombo de 29 de Abril de 1774.

Decreto da Nomeação de Conselheiro do Codigo de 31 de Março de 1778.

Carta de Desembargador do Paço, e Petições de 17 de Agosto de 1778.

Carta do Titulo do Conselho de S. Magestade de 25 de Agosto de 1778.

Decreto da Nomeação do Dr. Bruno Manoel Monteiro para seu Ajudante de 22 de Agosto de 1783.

Carta de Deputado da Meza Prioral do Crato de 27 de Agosto de 1784.

Decreto para assistir, e dirigir as Conferencias do Exame, e Censura do Direito Publico, sempre que para ellas for avizado pelo Presidente de 3 de Fevereiro de 1789.

Alvará de Juiz Conservador da Junta da Administração do Tabaco de 2 Julho de 1789.

Decreto da Nomeação de Deputado da Junta do Exame do estado actual, e melhoramento temporal das Ordens Regulares de 21 de Novembro de 1789.

Decreto da Nomeação de Secretario da Princeza N. Senhora de 16 de Novembro de 1790.

Carta de Deputado da Junta da Serenissima Caza do Infantado de 12 de Janeiro de 1791.

PETIÇÃO.

Senhora.—Além dos proprios Serviços, que o Supplicante acaba de expôr, tem mais os de seu Irmão Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Sello, que lhe pertencem por titulo de Doação causa mortis.

O dito seu Irmão desde os seus primeiros annos tendo-se applicado ás Letras, seguiu a Universidade, onde se Formou, e fez Actos Grandes da Faculdade de Canones, em que deu publicamente todas as provas dos seus bons talentos, e da sua instrucção: porém abrasado no dezejo de se empregar com mais promptidão no Serviço do Seu Soberano, e ser util ao Estado: parecendo-lhe vagaroza a carreira, que seguia, e em que via o supplicante, e que lhe retardava os passos do seu animo propenso á Profissão Militar; procurou servir no exercicio das Armas, como em um Elemento proprio para dar toda a extensão ao seu genio. Com effeito conseguio que o Senhor Rei D. José o Despachasse Capitão de Dragoens, por Decreto de 28 de Maio de 1760, levantando uma companhia á sua custa no Piauhy, de que se lhe passou Patente em 3 de Junho, e outra do 1.º de Julho, todas do mesmo anno, para vir exercitar o referido Posto, depois de ter ali servido seis annos, pelo dito Decreto de 28 de Maio; pelo que assentou Praça na Vedoria desta Côrte em 7 de Julho do mesmo anno, ficando Capitão Aggregado á Companhia de Cavallaria, de que era Capitão o Marquez de Fronteira no Regimento de Cavallaria de Alcantara.

Não teve o Irmão do Supplicante nesta Côrte mais demora do que a necessaria para a expedição das suas Patentes, do armamento, e mais aprestos respectivos á dita Companhia; e partio na primeira occazião, que teve de

Navio para a Cidade de S. Luiz do Maranhão, aonde, dispondo-se com a mesma promptidão a principiar a jornada do sertão, que lhe restava, chegou á Capital do Piauhy a 25 de Dezembro do dito anno: nella appresentou as suas Patentes ao Governador da Capitania, que então era João Pereira Caldas, e por despacho do mesmo Governador teve naquella Vedoria a 27 do mesmo mez assento de Capitão da companhia de Dragões, que S. Magestade Mandava Crear de novo.

Não apparecendo porém outras Ordens mais especificas para a creação da dita companhia de Dragões, que não fossem as referidas Patentes do Supplicante, que elle appresentou, duvidou-se se elle devia ser só por ellas admittido a levantalla: para remover esta duvida sujeitou-se por Termo, que fez a estar por tudo quanto o Senhor Rei D. José Determinasse a este respeito; applicando por este modo os meios, que lhe erão possiveis para que tivesse prompto effeito o serviço da dita companhia. Duvidou-se tambem se com elle se deveria praticar o Contrato estabelecido neste Reino com os Capitães de Cavallo; e reconhecendo elle, que esta decizão dependia da Resolução do Senhor Rei D. José, a quem o Governador devia informar do que fosse naquella Capitania mais conveniente ao Real Serviço; não só se absteve de fazer os requerimentos, que lhe convinhão; mas esteve por muitos mezes fazendo á sua custa todas as preparações, e concertos necessarios á dita companhia, até que o dito Governador os principiou a mandar fazer por despeza daquelle Almoxarifado; perdendo elle, não só as despezas já feitas á sua custa, mas todos os interesses, que poderia ter, praticando-se alli as providencias da arca, e contrato; e ficando percebendo naquelle sertão tão sómente o Soldo de 40 $ rs. por mez, que é o dos Capitães de Cavallos das Terras da Costa.

O dito Irmão do Supplicante encheu todas as condições, a que se tinha obrigado: levantou a sua companhia, fornecendo-a toda á sua custa com os melhores, e mais luzidos armamentos, Cavallos, aprestos, e petrechos, como testificou o dito Governador João Pereira Caldas na sua Attestação passada no 1.º de Agosto de 1769, em que declara especificamente que o Irmão do Supplicante satisfizera com muito grande bizarria, não só na que praticou na nomeação dos Postos dos seus Officiaes Subalternos, em que, contra o ordinario costume, se dispensou de todo o interesse; como tambem na que igualmente observou na compra, e escolha de todos aquelles excellentes, e perfeitissimos armamentos, e mais preparos, e pertenças da dita companhia, por ser tudo do melhor, que podia descobrir. E que depois disso não só se tinha empregado com muita destincção no Real Serviço, executando exactissimamente todas as ordens, e diligencias, de que o tinha encarregado o dito Governador; como tambem por o ter acompanhado em todas as repetidas, dilatadas, e escabrozas jornadas, que por aquelles sertões tinha feito a bem do mesmo Real Serviço; assistindo juntamente á fundação de todas as Villas, que por Ordem do Senhor Rei D. José tinha andado erigindo por aquelle Governo, e portando-se sempre em todas aquellas, e mais occaziões com muito luzimento, grande honra, actividade, e prestimo.

Por ordem do dito Governador de 24 de Janeiro de 1766 foi o dito Irmão do Supplicante acompanhar o Conde da Azambuja quando passou a governar a Bahia, passando com elle inexplicaveis inclemencias, e perigos, pelos riscos da jornada por aquelles sertões faltos até do necessario sustento, e de agoa, que apenas se achava nos pestilentes charcos, pela grande sêcca que então havia; de sorte que

morrerão os cavallos, e se virão precisados a caminhar a pé; e nesta occazião trabalhou o mesmo Irmão do Supplicante com grande constancia, e valor pondo em execução quanto este Governador lhe ordenou, como elle especifica na sua Attestação de 5 de Maio de 1766.

Voltando da Cidade da Bahia com uma partida de Soldados da sua Companhia, que sustentou á sua custa, comprando novos cavallos para a retirada, chegou ao Piauhy em 24 de Dezembro do dito anno, como tudo consta da fé de officio. Preenchidos, não só os seis annos; mas tambem todo o tempo que vai de 27 de Dezembro de 1760, em que assentou Praça na Capital de Piauhy, até 11 de Junho de 1770, em que deu baixa da Praça, que nella tinha obtido, de Capitão da Companhia de Dragões, ficou sempre conservando a de Capitão Aggregado ao Regimento de Cavallaria da Côrte, fazendo nesta jornada muito avultadas despezas á sua propria custa.

Tendo de fazer o dito Irmão do Supplicante o seu regresso pelo Porto do Maranhão, sem attender ás commodidades, que lhe resultarião de o fazer por um caminho mais breve, e mais seguido, foi voluntariamente á vista de S. João da Pernahiba, cento e dez legoas distante da capital de Piauhy, encarregado pelo seu Governador; que então era Gonçallo Lourenço Botelho, de diligencias muito interessantes ao Real Serviço; e nesta Villa se deteve o tempo necessario a concluillas no meio da cruel epidemia, que infestava, e que levava todos os dias á sepultura muito dos seus moradores.

Feito este serviço, passou o Irmão do supplicante ao Maranhão, onde embarcou para esta Côrte; e depois de ter a honra de beijar a Augusta Mão do Senhor Rei D. José, foi Despachado Governador da Capitania do Maranhão, de que

se lhe passou Patente em 25 de Janeiro de 1774, onde certamente faria grandes, e uteis serviços, como já tinha dado bastantes provas, se a morte não encurtasse tanto a sua vida: ficando inuteis, e perdidas todas as despezas, que tinha feito para o seu transporte desta Côrte, que lhe importarão em mais de 10 $ cruzados, além de mais de 20 $ que gastou em ir a Paiz tão remoto levantar a dita companhia de Dragões, sem nelles se incluirem os gastos da creação da dita companhia, os quaes todos tem recahido na pessoa do supplicante, e em sustentar-se por tão longas, e repetidas jornadas em procurar os meios mais efficazes de fazer effectivas as diligencias, de que foi incumbido, e em manter a independencia, e desinteresse, que devem ter, os que tem a honra de servir aos seus Soberanos, muito principalmente naquelles Paizes.

Por todo estes 14 annos de serviços contados desde 24 de Dezembro de 1760, em que assentou praça, até 13 de Fevereiro de 1774, em que faleceu em actual exercicio; os quaes serviços pertencem ao supplicante por virtude da dita Doação, espera o supplicante que V. Magestade se digne attendello com a Liberdade propria da Sua Real Grandeza.—E. R. M.

Relação dos Documentos juntos.

Escriptura de Doação causa mortis celebrada em 8 de Maio de 1765 nas Notas de Francisco Xavier Lino, Tabellião na Cidade de Oeiras, Freguezia de N. S. da Victoria da Capitania de S. José de Piauhy.

Patente de Capitão da companhia de Dragões, creada no Piauhy em 3 de Junho de 1760.

Patente de Capitão de Dragões em o 1.º de Julho de 1760.

Certidão do dia em que assentou Praça de Capitão de Dragões, que foi em 7 de Julho de 1760.

Fé de Officios de Capitão de Dragões no Piauhy em 10 de Junho de 1770.

Certidão do Termo que fez no levantamento da companhia &c. em 8 de Abril de 1761 &c.

Attestação dos serviços feitos no Piauhy em Praça de Capitão de Dragões em o 1.º de Agosto de 1769, passada por João Pereira Caldas Governador da dita Capitania.

Attestação dos mesmos serviços, passada por Gonçalo Lourenço Botelho, Governador da dita Capitania em 7 de Junho de 1770.

Certidão passada pelo Conde de Azambuja, Governador, e Capitão General da Bahia em 5 de Maio de 1766.

Certidão do Alvará de folha corrida em 19 de Maio de 1770.

Patente de Governador do Maranhão em 25 de Janeiro de 1774.

Carta de S. Magestade para se lhe dar a posse, na mesma data.

Carta de participação de S. Magestade para os Officiaes da Camara da dita Capitania na mesma data.

Certidão de Obito, que foi a 13 de Fevereiro de 1774. É passada pelo Prior da Freguezia de Santos.

PETIÇÃO.

Senhora.—O Bispo Conde dezejoso de mostrar-se agradecido a seu Irmão o Desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, ao qual deveu sempre desde os primeiros annos todos os cuidados d'um bom Pai, vem rogar a V. Magestade queira dignar-se fazer ao dito seu Irmão, e

a seu Filho, que lhe houver de succeder na sua caza, aquella Graça, que o Supplicante poderia esperar da Grandeza de V. Magestade pelos Serviços que o supplicante tem feito a V. Magestade, ao Augustissimo Senhor Rei D. José de Glorioza Memoria, e ao Estado.

O Supplicante conhece o quanto os seus serviços são pequenos; elle mesmo não tem animo de os appresentar a V. Magestade; pois que a simples ideia de pedir por elles a mais pequena recompensa o enche de pejo, e de vergonha: elle ficaria mudo, se a Benignidade de V. Magestade, e dos Seus Soberanos Progenitores não tivessem permittido, e mesmo mandado pelas suas Leis, que os Vassallos que tivessem servido ao Estado, appresentassem as provas dos seus serviços; sem duvida, ou para serem recompensados, dando-se um exemplo a todos para mais, e mais os convidar a bem servirem; ou para serem desprezados, em castigo do pouco, ou nada, que satisfizerão os seus deveres.

Esta Ordem, consoladora para o supplicante, o anima a pedir a V. Magestade, se digne conceder-lhe alguns instantes para fazer uma breve exposicão dos seus trabalhos litterarios, e daquillo, de que V. Magestade e Seu Augusto Pai e encarregarão.

O supplicante entrou para o Collegio dos Militares, como porcionista, em 30 de Junho de 1752: passou a ser Collegial do mesmo Collegio em 6 de Septembro de 1754; e no dia 24 de Outubro do mesmo anno foi Graduado Doutor em Canones. Continuou depois a vida Academica: e sendo Oppozitor ás Cadeiras rezidio amargamente; fez lições aos estudantes nos Bachareis, Formaturas, e Actos Grandes; argumentou nas Concluzões Magnas, pelos turnos; substituio Cadeiras; ostentou, e fez Opposição á Cadeira do L.º 6.º das Decretaes, que se pôz em Concurso no anno

de 1765; e a tudo satisfez na conformidade do Decreto de 23 de Janeiro do mesmo anno, que deu nova forma para os Actos Litterarios nos Concursos das Cadeiras.

Sendo Reitor do Collegio dos Militares em 31 de Julho de 1761, promoveu utilmente a adiantamento, e interesses do mesmo Collegio. Nos seus exercicios Academicos servio o Supplicante ao Augustissimo Senhor Rei D. José por tempo de doze annos e meio continuos, desde 1764, em que tomou o Gráo de Doutor, até 29 de Agosto de 1767, em que o mesmo Senhor lhe fez Mercê do Lugar de Juiz Geral das Ordens Militares; e vindo logo exercitallo nesta Côrte, foi, pouco depois, despachado Desembargador da Caza da Supplicação, por Decreto de 18 de Janeiro de 1768, com a clauzula de fazer Exame vago antes da posse do dito Lugar, por virtude da sua Carta de 16 de Julho do mesmo anno, em breves tempos passou a servir uma Caza de Aggravos, em que trabalhou por mostrar a sua actividade, inteireza e rectidão.

Por Carta de 29 do dito mez de Janeiro, e anno de 1768 foi o supplicante provido em um lugar Extraordinario do Tribunal do Santo Officio da Inquisição de Lisboa: e creando o Senhor Rei D. José a Meza Censoria, foi o supplicante um dos primeiros Deputados Ordinarios della nomeado na Carta de 22 de Abril do dito anno de 1768.

Estando o supplicante empregado nos ditos Lugares, foi nomeado Vigario capitular pelo Cabido de Coimbra, para, sem reserva alguma de Jurisdicção, governar aquelle Bispado, pelo impedimento do seu legitimo Pastor: o que tudo foi approvado pelo Senhor Rei D. José por Carta de 12 de Dezembro de 1768, dirigida no Avizo de 17 de Dezembro do mesmo anno.

Esta commissão era critica, sem duvida, pelas circums-

tancias, e desordens, em que as cousas se achavão: a lizonja, e a intriga principiarão logo a fazer os seus officios, accumulando males sobre males, que a custa de não pequenas fadigas pôde o supplicante desviar, e pôr tudõ em paz, e no mesmo estado, em que o seu antecessor tinha deixado.

No exercicio das ditas occupações se conservou o supplicante até 14 de Maio de 1770, em que o mesmo Senhor Rei D. José o Nomeou Reitor da Universidade de Coimbra, para a Reforma dos Estudos, aos quaes se hia dar novo methodo, e bom gosto. Para este fim veio o Supplicante promptamente a esta Côrte a beijar a Regia Mão Benefica, e prestar o Juramento do seu importantissimo lugar. E creando o mesmo Senhor no dito anno a Junta da Providencia Litteraria, para nella se disporem os meios mais proprios, e conducentes para se reformarem os Estudos de todas as Sciencias, e Faculdades, o Nomeou um dos Conselheiros no Decreto de 23 de Dezembro de 1770. Concluida a Obra dos Novos Estatutos, foi provido no lugar de Reformador por Decreto de 11 de Septembro de 1772, e condecorado com Titulo do Conselho de S. Magestade.

Depois partiu o supplicante para aquella Cidade a mandar apromptar as cousas necessarias, e as Cazas para o Estabelecimento da Reforma encarregada pelo dito Senhor ao Marquez de Pombal; e tudo executou promptamente, de modo que o dito Marquez pôde facilmente executar a Regia Commissão, e recolher-se a esta Capital no breve espaço d'um mez.

O dito Marquez, como Lugar Tenente de S. Magestade para à dita Reforma, depois de significar à mesma Universidade o quanto o dito Senhor estava satisfeito do zêlo, e dezempenho, com que o supplicante se tinha comportado

nas suas obrigações, o encarregou de tudo o mais, que se devera fazer em consequencia. Era necessario reformar os Estudantes; reformar e fazer de novo muitos edificios: o supplicante passa a dar a V. Magestade uma breve noção do que pertence aos Edificios; depois passará ao que pertence aos estudantes.

Novos Estudos, novas Sciencias pedião novas Aulas, novos edificios para a sua boa accommodação. O supplicante fez edificar de novo um magnifico Muzeu, que em todo o tempo, não só fizesse ver a Poderosa, e Augusta Mão do seu Autor; mas tambem, que tivesse as Cazas necessarias. Fez tambem bom Gabinete de Historia Natural, com salas proporcionadas, para nellas se depozitarem as ricas, e raras producções da Natureza, destribuidas pelos trez Reinos Animal, Vegetál, e Mineral. Fez outro Gabinete de Physica Experimental com muitas Maquinas, e Instrumentos riquissimos da melhor escolha para todas as experiencias.

Fez de novo um Laboratorio Chimico com todas as suas Officinas necessarias: um Dispensatorio Pharmaceutico: um Observatorio Astronomico com muitos e diversos Telescopios: um Hospital com Aulas para a Medicina Pratica: um Theatro Anatomico: uma Imprensa Regia com os caracteres, e Instrumentos necessarios.

No antigo Paço das Escolas fez renovar as Aulas, e mandou abrir Tribunaes em cada uma dellas para os Reitores com facilidade, e sem serem vistos, de dentro da Caza Reitoral verem, e ouvirem quasi ao mesmo tempo todos os Exercicios Academicos. Por baixo das abobadas das ditas Aulas, e nas lojeas dellas, que quasi de nada servião, fez o supplicante abrir accommodações excellentes para uma boa Caza de Secretaria, e seu Cartorio, e para salas do Conselho da Fazenda: uma Caza forte para o Cofre: reformou

a Caza Reitoral; e fez abrir communicações interiores para todas as ditas Aulas, Salas, e Cazas.

Fez uma Caza para as Audiencias da Conservatoria, e uma Cadeia lavada dos ventos, tudo por baixo da grande Livraria da Universidade. Deu principio a um Jardim Botanico, para o qual descobriu agua em abundancia, e para a Cidade: Concertou Aulas, Sellas, e Officinas do Real Collegio das Artes: fez estabelecer uma Fabrica de Azulejos, e de telhas vidradas para as mesmas Obras da Universidade.

Ao mesmo tempo foi o supplicante tambem encarregado da Inspecção das Obras do Real Convento de Santa Clara daquella Cidade, por Carta Regia de 3 de Dezembro de 1773.

De todas as obras da Universidade remetteu o supplicante o Balanço geral com a boa administração da Fazenda, que tudo foi approvado, mandando-se continuar o plano, que fez dos Balanços no fim de cada mez, para melhor conhecimento das despezas. Deu-se-lhe faculdade ampla para fazer todas as mais obras, que ao supplicante parecessem convenientes, com a certeza de serem indefectivelmente approvadas, como forão todas as que o supplicante completou; assim como tambem os meios, de que uzou para suprir a falta de dinheiro, que então havia no Cofre da Fazenda da Universidade: tudo consta das Cartas juntas a esta Supplica, escritas ao supplicante pelo Marquez de Pombal, Ministro de Estado, que então era.

Vendo porém o Senhor Rei D. José que as rendas, que até então tinha aquella Universidade, não erão bastantes para bem encher as suas altas ideias, lhe fez com Mão Liberal uma Doação, digna, sem duvida, da Grandeza de um Soberano, e que fará eterna a sua memoria nos Fastos d'aquaella Reformada Academia.

Pelo que pertence aos Estudantes, conhecendo o supplicante que as Universidades são Escolas, não só de Letras, mas tambem de virtudes; trabalhou por uma parte em extinguir a abuziva liberdade da dissolução dos costumes da mocidade, inspirando-lhes os principios da boa moral; e por outra parte suscitando-lhes sentimentos de honra, e de applicação para os Estudos; e com effeito foi notavel a emulação, que se introduziu entre elles, e o ardor, com que principiavão o seu novo Curso: nas noites observava-se um silencio profundo, e não se vião Estudantes nas ruas no tempo do Estudo. De dia vinhão todas ás Aulas, sem faltarem; e depois se recolhião a continuar os seus Estudos.

Todas as suas conversações dentro, e fora de caza erão sobre a materia das Lições. Todos os lugares de distracção até ahi frequentadas, e se vião dezertos: não houve bulhas, dissensões, prisões, e nem o supplicante teve motivo de reprehender; sendo que em outro tempo não bastavão as cadeias, erão necessarias tropas de cavallaria armadas, e os mais rigorosos castigos.

Vai-se a mocidade toda cheia de modestia, toda apartada das antigas liberdades, toda civil, e com uma attenção grande em mostrar melhoramento na sua conducta; assistindo ás Funções Academicas, Sagradas, ou Litterarias, com gravidade, sizudeza, e Religião; e dando em tudo signaes, que respeitavão a Ordem Publica.

O supplicante é o mesmo que confessa, que em todo este tempo foi superflua a sua inspecção, e nem se sentio falta de Leis de Policia; porque todos procuravão satisfazer os seus deveres. Este espectaculo de modestia, de applicação, de tranquilidade, e de ordem era visto com admiração de toda a Cidade, a qual cheia de Estudantes, se via como dezerta, pelo retiro, e recolhimento dos mesmos.

Passados alguns annos, principiou a ir-se sentindo alguma alteração nesta paz, e ordem causada por alguns vadios, que se vestião de batina para passarem por Estudantes. Deu isto occazião a uma Representação, que fez o supplicante ao Marquez de Pombal; o qual por uma Provizão mandou, que se expulsassem fora da Cidade os ditos vadios, e perturbadores, debaixo de penas graves, se tornassem á Cidade; e que ninguem podesse trazer batina, senão os Estudantes, e aquelles, que pertencessem ao Corpo do Clero.

Para evitar que a relaxação senão introduzisse com ruina dos Estudos, e dos costumes, havia providencia de se rondarem de noite as ruas, e de se prohibirem as Cazas de Jogo; de impedir-se que não houvesse comedias na Cidade, e de se prenderem aquelles que se achavão cumplices. São factos notorios, que não podem ser contestados, e se colligem das ditas cartas juntas a esta Supplica; todas muito honrozas para o supplicante; e por não cançar paciencia de S. Magestade, bastará parte d'uma dellas, para se ver o muito que o Augustissimo Senhor Rei D. José se deu sempre por bem servido de tudo quanto o supplicante fez, como lhe significou o dito Ministro de Estado nas seguintes palavras.

« A bem deduzida conta, que V. Ex. me dirigiu na data « de 26 de Outubro proximo precedente, sobre o estado « actual dessa Universidade, foi logo prezente a El-Rei « Meu Senhor. S. Magestade conheceu com as suas cla- « rissimas Luzes serem os meios muito ajustados para os « dezejados fins de se crearem nessa Universidade homens « sabios, e proveitosos; e de se esperarem uns progressos « Litterarios, que correspondão á Sua Real Expectação. « A vigilancia, e incansavel cuidado, com que V. Ex. não

« poupa nenhuma diligencia, que possa conduzir aos refe-
« ridos fins, merece um digno louvor.

No meio de tudo isto se não descuidou já mais o supplicante do Governo do Bispado, de que estava encarregado; e cuidou logo na reforma dos costumes das suas Ovelhas, contendo-as na pureza da Religião, e da Fé; e fez conservar em todo o seu explendor a magnificencia do Culto Divino.

Depois querendo o Senhor Rei D. José que se provesse o dito Bispado de Coadjuctor, e futuro Successor, pelo impedimento do Bispo, que então era, Nomeou o Supplicante, o qual foi Confirmado pelo Santo Padre Clemente XIV., que expediu as Bullas em conformidade das Instancias do dito Senhor.

Estando o supplicante no exercicio dos ditos Empregos, foi chamado pelo respeitavel, e Sabio Visconde (hoje Marquez de Ponte de Lima) Ministro, e Secretario de Estado, por Avizo de 5 de Junho de 1777 para vir da parte daquelle Corpo Academico achar-se prezente á Exaltação de V. Magestade ao Excelso Throno dos Soberanos Seus Antepassados; e assistir ao Juramento que S. Magestade se dignou prestar, na qualidade de Protectora da Universidade a exemplo dos Seus Gloriozos Predecessores.

E querendo então o supplicante dar Conta a S. Magestade da sua Administração, apprezentou um volume, em que descreveu uma relação geral do estado da Universidade de Coimbra, desde o principio da Nova Reforma, até o mez de Septembro de 1777, em que o supplicante teve tambem a honra de appresentar o Plano das providencías, que ainda se fazião indispensaveis para o complemento da grande Obra da Reformação dos Estudos.

Em 16 de Novembro do mesmo anno se dignou S. Ma-

gestade Mandar que o Supplicante continuasse no exercicio do Governo Academico, honrando-o com Expressões tão gloriozas para o Supplicante, que elle se não pode dispensar de as referir.

« Confiando do zelo, e vigilancia, que tendes mostrado « em adiantar a cultura das sciencias na mesma Universi- « dade: Tenho por muito certo que fareis observar os Es- « tatutos della, promovendo a boa Ordem, e Disciplina, e « os Estudos, que nelle se recommendão; em quanto não « Mandar dar as Providencias necessarias para mais effi- « cazmente se facilitar o mesmo fim.

Tendo-se porém introduzido algumas relaxações nos Exames das Disciplinas Preparatorias, mandou o supplicante fixar um Edital para as obviar, e destruir, o qual pôz na Prezença de S. Magestade, que achando-o conforme ao bom regimen dos Estudos, se dignou Approvallo sem restricção.

Fellecendo o Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação em...de.....de.....deu o supplicante conta a S. Magestade, de que na conformidade da Bulla da sua Coadjutoria, e fuctura successão, deveria immediatamente entrar de posse daquelle Bispado então vago pela morte do dito Prelado; e ao mesmo tempo pediu a demissão dos Cargos de Reitor, e Reformador pelas razões, que então expôz a S. Magestade, que achando-as muito justas, se dignou dispensallo, fazendo prover nos ditos dous lugares ao Virtuozo, Sabio, e Prudente Principal Mendonça, hoje Em. Cardeal Patriarcha da Santa Igreja Patriarchal de Lisboa.

Estes são, Soberana Senhora, os esforços, que o supplicante tem feito para bem servir a S. Magestade, e a seu Augustissimo Pai o Senhor Rei D. José por espaço de 26 annos

continuos. Os primeiros 14 nos exercicios da vida Academica desde 24 de Outubro de 1754, em que se Doutorou, até 29 de Agosto de 1767, em que foi despachado Juiz das Ordens Militares; tres immediatamente seguintes no serviço da Magistratura, como Juiz Geral das Ordens, Deputado do Santo Officio, e da Real Meza Censoria, e Desembargador da Caza da Supplicação, onde occupou a serventia de uma Caza de Aggravos, da qual sahio para o Governo do Bispado, conservando todos os lugares da Magistratura, que occupava. Finalmente mais 10 para 11 annos desde 14 de Maio de 1770, em que foi Nomeado Reitor, e Conselheiro da Junta Litteraria, trabalhando nos Novos Estatutos, que depois fez pôr em pratica, como Reitor, e Reformador; e sendo tambem Inspector, e Executor de todas as obras, que se fizerão na Universidade até o fallecimento do Augustissimo Senhor Rei D. José, e depois no Feliz Reinado de V. Magestade.

Mas, Soberana Senhora, tudo isto é nada. O supplicante só espera da Liberalidade, e Grandeza de V. Magestade. Elle só põe na prezença de V. Magestade uma divida eterna, de que se vê onerado.

O supplicante lembrado do grande affecto, e amor, que desde os seus primeiros annos deveu sempre a seu Irmão o Desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, e do muito que elle contribuio com a sua doutrina, direcção, e despezas para melhor o dispôr, e habilitar para o Real Serviço; querendo este dar-lhe um testemunho do seu reconhecimento, e ser-lhe de alguma sorte agradecido: roga a V. Magestade se digne fazer-lhe a Mercê de Despachar na pessôa do dito seu Irmão, e em seu Filho primogenito, e na falta delle, no que succeder na sua Caza, a cada um *in solidum* todos os serviços, que elle supplicante

tem tido a honra de fazer a V. Magestade, e a seu Augustissimo Pai nos diversos Empregos, em que elle Supplicante foi occupado, e para este fim os cede todos na Real Prezença de V. Magestade a cada um delles *in solidum*.

E quando a V. Magestade pareça, que os Serviços do Supplicante merecem alguma attenção, V. Magestade com um só Despacho fará dous contentes.—E. R. M.—*Francisco Bispo Conde.*

Relação dos Documentos juntos.

Certidão dos Serviços feitos na Universidade datada de 2 de Março de 1791.

Dita da Provisão de Porcionista no Collegio dos Militares da Cidade de Coimbra em 30 de Junho de 1752.

Dita da Provisão de Collegial no Real Collegio dos Militares em data de 6 do mez de Septembro de 1754.

Dita da Provisão de Reitor do Collegio dos Militares, datada de 31 do mez de Julho do anno de 1761.

Dita da Provisão do Lugar de Juiz Geral das Ordens, com data de 9 do mez de Agosto do anno de 1763.

Dita da Provisão de Deputado do Santo Officio da Inquizição de Lisboa em data de 29 do mez de Janeiro de 1768.

Dita da Carta de Desembargador da Caza da Supplicação, com a data de 16 do mez de Julho do anno de 1768.

Dita da Carta Regia de Deputado da Real Meza Censoria, em 22 do mez de Abril de 1768.

Dita da Carta do Cabido, da Nomeação de Vigario Capitular, em 12 de Dezembro de 1768.

Dita do Avizo de Participação desta Nomeação, em 17 de Dezembro de 1768.

Dita da Carta Regia de Reitor da Universidade, em 14 de Maio de 1770.

Dita da Nomeação de Deputado da Junta da Providencia Litteraria, em 23 de Dezembro de 1770.

Dita da Carta do Titulo do Conselho de S. Magestade, em 2 de Septembro de 1772.

Dita do Decreto de Nomeação de Reformador da Universidade, em 11 de Septembro de 1772.

Dita do Avizo Regio para continuar na mesma Reformação por mais 3 annos, em 2 de Outubro de 1775.

Dita da Carta Regia de Inspector das Obras do Convento de Santa Clara, em 23 de Dezembro de 1773.

Dita que comprehende varias Cartas, e outros Documentos, que servem de testemunhos dos Serviços feitos em os Lugares de Reitor, e Reformador da Universidade. É passada pelo Secretario da mesma Universidade, em data de 27 de Fevereiro de 1791.

MARCOS E JOSÉ MAURICIO.

Catalogo de suas composições musicaes.

Estampo n'este grande repertorio de documentos historicos os dous catalogos que ahi seguem. O primeiro herdei-o do meu fallecido amigo o cirurgião J. J. de Carvalho, que muito amou as bellas artes, e é escripto pela propria mão do commendador Mestre de Capella.

O segundo, que extrahi das notas do seu author para o inventario da musica do Real Thesouro a mim confiadas, pelo titulo que lhe puz, revela a fecundidade do artista.

Temo que se percam estes dous documentos, e que d'aqui a alguns annos não se saiba o que fizeram estes dous grandes musicos.

Pedi muito para que se me completasse o catalogo das obras do Padre José Mauricio, que obtive de seu filho, e fiquei com as promessas que se me fizeram, embora se saiba que, com a prodigalidade do seu genio musical, o eminente contrapontista brazileiro muito escreveu para diversos quasi de improviso, jamais reservou as proprias partituras, e nem nota guardou si quer das que hôje considerão os entendidos como verdadeiros primores da musica sacra, cujo numero excede muito ao da archivada no Real Thesouro, e por isso o não addicionei á biographia que esbocei e já se acha estampada no numero 23 pagina 354 desta Revista.

Os apontamentos que colhi de Marcos não erão sufficientes para apresental-os ao Instituto. Ninguem me soube dizer quando e como estudou este homem na Italia, e o que se passou a respeito d'elle em Napoles, Bolonha e Lisboa. Talvez que o possa saber na Europa, e d'est'arte pagar uma divida á memoria de tão habil compositor.

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1859.

Manoel de Araujo Porto-alegre.

RELAÇÃO

das differentes peças de musica, que Marcos Portugal tem feito desde que S. A. R. o Principe R. N. S. houve por bem empregal-o no seu Real Serviço : especificando as composições para Igreja, tanto instrumentaes como de Capella; musica de theatro tanto em Lisboa como na Italia, onde o dito compositor foi por duas vezes com licença expressa do mesmo Augusto Senhor, devendo as épochas que não vão declaradas constar ao certo pelos originaes, de que a maior parte existe em Lisboa.

Lisboa 28 de Junho, no anno de 1809.

MARCOS PORTUGAL.

THEATRO.

Operas sérias, em diversas partes da Italia.

1793—	Il Cina.....	Em Florença, no theatro della Pergola.
1796—	Zulima.....	Em Florença, no theatro alla Palla-corda.
1797—	Ritorno di Serse	No mesmo theatro.
1793—	Demofonte	Em Milão, no theatro della Scala.
1799—	I Sacrifizj d'Ecate o sia Idante.....	No mesmo theatro.
1798—	Fernando nel Messico.	Em Veneza, no theatro S. Benetto.
1799—	Alceste.....	Em Veneza, no theatro della Fenice.

1799— Orazj e Curiazj..... Em Ferrara, no theatro novo e na occazião da sua abertura.

Burlettas tambem em diversas partes da Italia.

1793— I due gobbi..... Em Florença, no theatro alla Palla-corda.
1794— La Vedova reggiretrice Em Florença, no theatro della Pergola.
1796— L'ingano poco dura.. Em Napoles, no theatro dei Fiorentini.
1796— La Dona d'ingenio volubile..... Em Veneza, no theatro S. Moisé.
1698— L'ecquivoco in ecquivoco..... Em Verona, no theatro grande.
1799— Le Nozze di Figaro.... Em Veneza, no theatro S. Benetto.

Farças em um só acto.

1793— Il Principe spazza camino..... Em Veneza, no theatro S. Moisé.
1793— Rinaldo d'Arte..... Dito.
1797— Le Donne cambiate, o sia il Ciabattino ..... Dito.
1797— La Maschera fortunata. Dito.
1798— La Madre amorosa.... Dito.
1798— Il filosofo ..... Dito.
1795— L'avventuriere..... Em Florença para um theatro particular.

Operas serias, feitas para o theatro de S. Carlos em Lisboa.

1800 — L'Adrasto .....
1801 — Semiramide.....
1801 — Zaira.....
1802 — Trionfo di Clelia.....
1802 — Sofonisba.....
1803 — Ritorno di Serse..... Differente musica de outra escripta pelo mesmo autor, em Florença.
1804 — Fernando nel Messico.. Tambem quasi toda differente de outra escripta em Veneza.
1804 — Merope .....
1804 — La Ginebra di Scoria..
1805 — Il Duca di Foix.....
1806 — La morte di Mitridate.
1806 — Artaserse.....
1807 — Il Demoponte.....

Uma Burletta para o mesmo theatro.

1803 — L'ôro non compra amore

Cantatas.

1809 — La speranza, osia il felice augurio..... Cantata completa com coros: executada no theatro de S. Carlos em Lisboa no dia 13 de Maio: annos de S. A. R. o Principe R. N. S.

1795 — Il natal d'Ullisse..... Para se executar no Palacio do Real Castello em Lisboa.

Cantatas com o unico acompanhamento de forte-piano, e sómente a uma voz para pessoa particular.

L'amor timido ..... Em Lisboa.
Il Sogno..... Dito.
La tempesta ..... Dito.
La danza..... Dito.

Uma outra cantata em portuguez com todo o instrumental.

1806 — O genio americano.... Em Lisboa para se executar na Bahia.

1808 — La speranza..... Cantata a S. A. R. no theatro de S. Carlos.

1808 — L'orgoglio abattuto ... Theatro de S. Carlos.

Burlettas em Portuguez: no theatro do Salitre em Lisboa.

1790 — A Esposa fingida..... Traduzida do Italiano de uma intitulada— le Trame diluse.

1791 — Os Viajantes ditosos... Traduzida do Italiano de outra intitulada: I viaggiatori felici.

1792 — O mundo da lua..... Traduzida tambem do Italiano; mas com os reccitativos em prosa.

Entremezes no dito theatro do Salitre.

Pelos annos 1785 até 1792.

O Amor artifice.....
A Castanheira.....
A Casa de Café.....
Os bons amigos.....
O amante militar.....
Elogio.....
Elogio.....
Elogio.....

Alem disto — muitas Arias, Duettos, Tercetos, e outras peças soltas, que não é possivel lembrar.

Farças no Theatro da Rua dos Condes em Lisboa.

1794 — O Basculho de chaminé. Traducção do italiano de uma intitulada Il Principe spazza camino do mesmo Autor, mas quazi differente do primeiro original.

1794 — O Rinaldo d'Aste..... Com as mesmas circumstancias.

1802 — A caza de campo..... Traducção do italiano de uma intitulada lavilla.

1802 — Quem busca lãa fica tosqueado..... Traducção do italiano de uma intitulada L'ecquivoco.

1802 —	O Sapateiro.....	Estas tem muita analogia com outras do mesmo Autor feitas em Italia.
1802 —	A Mascara..... *P. S.*	
1812 —	A saloia namorada.....	Para se executar na quinta da Bella Vista pelos Escravos de S. A. R.

Muzica particular, e feita por motu-proprio do mesmo Autor.

1809 —	Um Hymno da Nação portugueza, com o acompanhamento de toda a banda militar.....	Dedicado a S. A. R o Principe R. N. S.
1808 —	Retro Hymno, com o acompanhamento tambem de toda a banda militar.....	Dedicado a mesma Nação portugueza.

IGREJA.

Missas.

1783 —	Uma Missa a canto de orgão.....	Para a Patriarchal.
1784 —	Dita.....	Dita.
1784 —	Dita.....	Dita.
1780 —	Dita com instrumental.	Sem destino.
1781 —	Dita com instrumental.	Particular.
1782 —	Dita com instrumental.	Executou-se no dia de S.ta Barbara na Real Capella de Queluz.

1791 — Dita instrumental..... Por ordem de S. M. em Nossa Senhora do Livramento.

1809 — Dita a 2 sopranos e um contralto com acompanhamento de forte piano ..... Para capella particular.

Por ordem de S. A Real o Principe R. N. S,

1788 — Dita com fagotes, violoncellos e orgão..... Na Real capella de Queluz.

1789 — Dita e da mesma qualidade ..... Dita.

1802 — Dita com instrumental. Dita.

1804 — Dita com 4 orgãos obrigados..... Para a Real Bazilica de Mafra.

1805 — Dita da mesma qualidade ..... Dita.

1806 — Dita breve..... Dita e na noite de Natal.

1807 — Dita com 6 orgãos obrigados..... Dita.

1811 — Dita a grande instrumental para a Real capella do Rio de Janeiro.

1831 — Dita pequena de instrumental, para a capella da Real quinta da Bella Vista.

1816 — Uma Missa de Requien com todo o inteiro instrumental, para servir nas exequias da Rainha D. Maria I na Real capella do Rio de Janeiro.

Jogos de vesperas inteiros por ordem de S. A. R. o Principe R. N. S.

1800 —	Um de Nossa Senhora com fagotes violoncellos, e orgão.....	Para a Real capella de Queluz
1804 —	Dito de S. Francisco com 4 orgãos alternadas com o coro	Para a Real Bazilica de Mafra.
1805 —	Dito de S. Francisco com 6 orgãos inteiros..	Dito.

Psalmo soltos, e fora de jogo: sem ser por ordem Real: a excepção dos apontados.

1781 —	Dixit a 8 e a canto de orgão.....	Para a Patriarchal.
Epocas de 1782 até 90 com pouca differença.	Dito a 4.....	Dita.
	Dito.....	Dita.
	Laudate pueri a 4.....	Dita.
	Laudate pueri a 5	Dita.
	Dito a solo de Baixo	Particular
	Dito a solo de Soprano ..	Para a Capella d'Ajuda. *(Violani)*
	Dito a solo de Contralto...	Dita — *(Martini)*
	Dito a solo de Contralto...	Dita — *(Venancio)*
	Dixit, Laudate; Confitebor com instrumental.....	Particular.
1807 —	Laudate pueri a 6 orgãos obrigados.....	Por ordem de S. A. R. na vespera do dia dos seus annos, Na Real Bazilica de Mafra.

De 1782 até 90. Confitebor a 4 vozes, e a canto de orgão..... Para a Patriarchal.
Dito..... Dita.
Dito..... Dita.
Dito..... Dita.

1805 — Confitebor tibi Domine in verba cordis mei... Por ordem de S. A. R. para o Real Capella da Bemposta.

De 1782 a 90. Beatus vir a 4 vozes, e a canto d'orgão..... Para a Patriarchal.
Dito..... Dita.
Dito..... Dita.

1800 — In Exitu a canto d'orgão. Por ordem de S. A. R. para a Capella de Queluz.

1800 — Memento..... Dita.
1800 — Deprofundis..... Dita.
1807 — Dito com 5 orgãos obrigados e alterados com o côro..... Por ordem de S. A. R. para a Bazilica de Mafra.
1807 — Beati omnes dito..... Dita.
1782 — Magnificat a canto d'orgão..... Para a Patriarchal.
1783 — Dita..... Dita.
1807 — Magnificat a 6 orgãos obrigados..... Por ordem Real para Real Bazilica de Mafra.

1807 — Dita da mesma qualidade. Dita.

1776 — Miserere a 4 vozes, e a canto d'orgão..... Sem destino.

1782 — Dito a 5 vozes..... Para a Patriarchal.

1807 — Dito com 6 orgãos obrigados..... Para a Real Bazilica de Mafra, e pertencendo aos Responsorios da 5.ª Feira Sancta.

N. B.

1807 — Dixit Dominus a 6 orgãos obrigados..... Na Real Bazilica de Mafra,

1810 — Laudate pueri a solo de tenor..... Particular.

1813 — Um jogo de vesperas, com violoncellos, fagotes, contrabaixos, e orgão para a Capella Real do Rio de Janeiro.....

1815 — Além do orgão, accrescentou o seu author a este mesmo jogo um acompanhamento completo de todo o instrumental.....

1816 — Dixit Dominus / Laudate pueri { com orgão e todo o instrument } Real Capella do Rio de Janeiro.

Jornos de Matinas por ordem de S. A. R. o Principe R. N. S.

1795 —	Matinas da Conceição com todo instrumental.....	Para a Real Capella de Queluz em acção de graças.
1802 —	Outras ditas	Dita e por igual occasião.
1804 —	Ditas de S. Francisco a 4 orgãos obrigados...	Para a Real Bazilica de Mafra.
1907 —	Ditas de Reis a 5 orgãos obrigados.....	Dita.
1813 —	Reduzidas a pequeno instrumental para a Capella Real do Rio de Janeiro.	
1807 —	Ditas de Santo Antonio a 5 orgãos obrigados.	Dita.
1807 —	Ditas de S. Pedro regalado a 6 orgãos obrigados.....	Dita.
1807 —	Ditas que se cantão na 5ª Feira Sancta.....	Dita.
1813 —	Reduzidas a pequeno instrumental para a Capella Real do Rio de Janeiro.	
1807 —	Ditas de Defuntos, a 6 orgãos obrigados.....	Dita.
1813 —	Reduzidas a grande instrumental para as exequias do Sr. D. Pedro Carlos.	

1811 — Ditas do Natal, com clarinetes, trompas, fagotes, violoncellos, e violettas..... Para a Capella Real do Rio de Janeiro.

Responsorios soltos, e compostos sem ser por ordem Real, á excepção dos apontados.

1789 — Dous Resp.os dos Martyres com instrumental. Para a Igreja de S. Julião.

1809 — Tres Resp.os de Santo Antonio a canto d'orgão, com fagotes e violoncellos..... Para a Sancta Igreja Patriarchal, em acção de Graças pela restauração da Cidade do Porto

1781 — Si quœris miracula a 4 vozes, e canto d'orgão. Sem destino.

1809 — Dito a dous sopranos e um contralto com o acompanhamento de forte piano..... Para Capella particular.

1807 — Dito com 6 orgãos obrigados..... Por ordem de S. A. R. para a Real Bazilica de Mafra.

1809 — Dous Responsorios de N. S. da Conceição com orgão obrigado..... Para o Convento de S. Pedro de Alcantara.

1809 — Quem vidistis pastores? Responsorio do Natal com orgão obrigado.. Para o Convento de S. Pedro de Alcantara.

Por ordem.

1815 — Dous Responsorios para se cantarem no Domingo do Espirito Sancto com orgão e instrumentos de vento..... Real Capella do Rio de Janeiro.

181 — Um te Deum a 8 vozes com todo o instrumental..... Por convite do Eminentissimo Cardeal Patriarcha, para se cantar no dia de S. Silvestre na Igreja Patriarchal.

1782 — Dito a canto de orgão... Para a Patriarchal.

Por ordem de S. A. R. o Principe Regente N. S. em occazião de nascimento de Pessoas Reaes.

1793 — Um te Deum com instrumental..... No Paço de Queluz.

1795 — Dito com instrumental... Dito.

1802 — Dito..... Dito.

1807 — Dito com 5 orgãos obrigados..... Na Real Bazilica de Mafra.

1814 — Este mesmo reduzido a todo instrumental para a Real Capella do Rio de Janeiro..... Em acção de graças.

Sequencias por ordem de S. A. R. o Principe Regente N. S.

1807 — Victime paschali a 6 orgãos obrigados..... Na Real Bazilica de Mafra.

1813 — Reduzida com violinos, fagotes, contrabaixos e orgão para a Real Capella do Rio de Janeiro

1807 — Veni Sancte Spiritus... Dito.

1813 — Reduzida da mesma maneira..... Para a Real Capella do Rio de Janeiro.

1807 — Lauda Sion da mesma qualidade mas alterada com o côro..... Dito.

1813 — Reduzida da mesma maneira..... Para a Real Capella do Rio de Janeiro.

1792 — Confirma hoc Deus a canto d'orgão, e a 5 vozes..... Esta não foi por ordem Real, mas servio na Patriarchal em occasião de Chrisma.

Mottettos.

1807 — Uma peça de musica formada á maneira de Mottetto; extrahida de diversos Psalmos, formando um todo; a 6 orgãos obrigados.... Na Real Bazilica de Mafra: em 13 de Maio.

Esta mesma reduzida a instrumentos de vento juntamente com orgão para a Real Capella do Rio de Janeiro.

1796 — Um Motteto com instrumental a solo de soprano..... Particular *(Tedelino)*.

1787 — Dito de Soprano..... Particular *(Toti.)*

1792 — Dito de Baixo..... Particular *(Brizzi.)*

1783 — Dous ditos tambem de Baixo..... Particulares *(Tauldeo Puzzi.)*

Ladainhas soltas.

1779 — Ladainha a 4 vozes, com acompanhamento de cravo..... No Seminario.

1807 — Dita com 6 orgãos obrigados, e variada.... Na Real Bazilica de Mafra por ordem de S. A. R.

1808 — Dita a 3 vozes: 2 sopranos e 1 contralto, com acompanhamento de forte-piano: tambem variado..... Para Capella particular.

Antiphonas.

1780 — Salve Regina a canto de orgão..... Para a Patriarchal.

1780 — Sub tuum presidium dito Dita.

1809 — Dito a dous sopranos, e um contralto com forte-piano obrigado... Para Capella particular.

1809 — Dito da mesma qualidade Dita.

Canticos.

1806 — Benedictus com 4 orgãos obrigados..... Na Real Bazilica de Mafra.

1811 — Novena de N. S. do Monte do Carmo..... Para a Real Capella do Rio de Janeiro.

1813 — Novena de S. João Baptista Para a Real quinta da Bella Vista.

Kalendas.

1806 — Uma Kalenda a solo de soprano com todo o instrumental..... Para se executar na Ilha Terceira.

1809 — Dita com simples acompanhamento d'orgão. Particular.

Muitas Lamentações da 4ª, 5ª e 6ª Feira Sancta: compostas em differente épochas; sendo umas com instrumental, e a maior parte com simples acompanhamento d'orgão, e para differentes destinos. Além disto tambem: diversas Jaculatorias.

COPIA FIEL

Do Original em mão do Sr. Dr. J. M. Nunes Garc

Em o qual se vê, por notas do proprio punho do Pad
José Maurício, que até o dia 6 de Setembro de 18
tinha elle escripto as seguintes composições musicaes p
ra a Capella Real:

Dixit Dominus.....
Confitebor.....
Beatus vir.....
Laudate pueri.....
Laudate Dominum.....
Magnificat.....
Lætatus.....
Nisi Dominus ædificaverit.....
Lauda Jerusalem.....
In exitu.....
Differentes psalmos avulsos.
Memento Domini.....
Credidi.....
Beati omnes.....
Domini probasti.....
Inconvertendo Domini.....
Exaltabo te.....
Confitebor quomniam audiste.....
Psalmos alternados : jogos.....
Ladainhas.....
Antifonas.....
Ave Regina cœlorum.....

Alma Redemptoris 1
Regina cœli lœtare 1
Si queris miracula 1
Mottetos da trezena de S. Antonio 1
Stabat Mater 2
Mottetos das Dores 2

Semana Sancta:

Responsorios e lamentaçoens de 4ª 5ª 6ª feira.
Toda a Semana Sancta da Sé
Matinas da Resurreição.

Responsorios 2
Officio de defuntos 1
Illæ dies 1
Missa com grande orquestra 1
Ditas a vozes e organo 14
Solos avulsos 5
Mottettos com grande orquestra 2
Dito —— com violoncellos e fagotes 1
—— a vozes e organo 20
Novenas: de S. José 1
Dita —— do Coração de Jesus 1
—— do Carmo 1
Sequencias 6
Te Deum laudamus 2
Ditos —— de violoncellos e fagotes 2
—— a vozes e organo 1
Ecce Sacerdos 2
O Salutaris hostia 1

COPIA FIEL

Do Original em mão do Sr. Dr. J. M. Nunes Garcia

Em o qual se vê, por notas do proprio punho do Padre José Mauricio, que até o dia 6 de Setembro de 1811 tinha elle escripto as seguintes composiçoens musicaes para a Capella Real:

Dixit Dominus	7
Cofitebor	5
Beatus vir	5
Laudate pueri	7
Laudate Dominum	4
Magnifica	9
Lœtatus	5
Nisi Dominus œdificaverit	5
Lauda Jerusalem	5
In exitu	1
Differentes psalmos avulsos.	
Memento Domini	1
Credidi	1
Beati omnes	1
Domini probasti	1
Inconvertendo Domini	1
Exaltabo te	1
Confitebor quomniam audiste	4
Psalmos alternados: jogos	8
Ladainhas	2
Antifonas	1
Ave Regina cœlorum	1

Alma Redemptoris 1
Regina cœli lœtare 1
Si queris miracula 1
Mottetos da trezena de S. Antonio 1
Stabat Mater 2
Mottetos das Dores 2

Semana Sancta:

Responsorios e lamentaçoens de 4ª 5ª 6ª feira.
Toda a Semana Sancta da Sé
Matinas da Resurreição.

Responsorios 2
Officio de defuntos 1
Illæ dies 1
Missa com grande orquestra 1
Ditas a vozes e organo 14
Solos avulsos 5
Mottettos com grande orquestra 3
Dito —— com violoncellos e fagotes 1
—— a vozes e organo 20
Novenas: de S. José 1
Dita —— do Coração de Jesus 1
—— do Carmo 1
Sequencias 6
Te Deum laudamus 3
Ditos —— de violoncellos e fagotes 2
—— a vozes e organo 1
Ecce Sacerdos 3
O Salutaris hostia 1

Tantum ergo..... 2

O sacrum Convivimus 1

Missa do Advento e da Quaresma.

Mottettos das 5 domingas da Quaresma, e das quatro do Advento.

Benedictus..... 1

Dito —— de violoncellos e fagotes..... 1

—— a vozes e organo..... 3

—— das procissoens..... 1

Matinas..... 1

Dita —— de violoncellos e fagotes..... 1

—— a vozes e organo 3

Mottettos para a procissão de Corpo de Deus.

Pange lingua.

Hymnos a vozes..... 22

Missas de cantochão figurado..... 4

REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO, GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO
DO
BRASIL.

4.° TRIMESTRE DE 1859.

MEMORIA

SOBRE A FUNDAÇÃO DAS FACULDADES DE DIREITO NO BRASIL.

A difficuldade de obter todos os documentos relativos as Faculdades de Direito, e que seriam necessarios para fazer a historia completa d'ellas desde a sua fundação, é tão reconhecida que eu espero merecer indulgencia pelas lacunas e imperfeições deste trabalho, que, para ser completo seria mister que me fosse possivel ir estudar minuciosamente os archivos das Faculdades de Olinda e S. Paulo e colligir todos os documentos que sobre ellas devem existir na secção respectiva na Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio. Por mais de um motivo me era isto impossivel; e por tanto fui forçado a demorar o meu trabalho, podendo só agora colher algumas noticias e desenvolvel-o sobre poucas, incompletas, e algumas talvez erradas informações.

A pouca curiosidade dos nossos patricios sobre as cousas, ainda mesmo as mais uteis e admiraveis de nossa terra, é bem notoria; apesar do estimulo que este Instituto procura desenvolver, e do qual alguns de seus dignos membros tem dado louvaveis exemplos em relevantes serviços que tem prestado á Litteratura, á Historia, e á Geographia do Brasil, e quando as bellezas e as riquezas naturaes do paiz nos tem

sido mostradas por estrangeiros que vem de longe admiral-as não nos devemos surprehender ao ouvir dizer que nada se tem colligido, e que em geral nada se sabe sobre a origem, sob a utilidade, e sob a historia de muitos dos nossos mais importantes estabelecimentos, e menos ainda sobre as causas que motivaram a fundação de cada um d'elles.

Está pois em harmonia com o estado de nossas cousas, a difficuldade, ou antes a impossibilidade, de encontrar os documentos precisos para coordenar a historia de um estabelecimento de letras no Brasil, onde elles começam agora á ter mais regular direcção e cujo aperfeiçoamento é de esperar da solicitude do Governo Imperial para este ramo do serviço publico.

O memoravel acontecimento da Independencia do Brasil, tão fertil em resultados grandiósos de civilisação e de progresso para a Terra de Santa Cruz, marcou a epocha do começo das instituições de toda a natureza com que um Principe Illustrado e Magnanimo adornou a sua corôa de glorias durante os poucos annos de seu reinado, cada um dos quaes ficou assignalado na Historia Nacional por fundações sabias e uteis á prosperidade que então se presagiava do novo Imperio. O commercio crescia com a população que se disseminando pelo nosso vasto continente, hia penetrando as virgens florestas, afugentava os gentios, fazia correr para longe as féras, derrubava os vetustos madeiros para dar caminho ao genio civilisador, substituía por povoações regulares, as mesquinhas aldeias, ou ranchos de primitivos habitantes, e o homem civilisado da Europa hia levar a industria e a cultura ao seio dos desertos americanos, até então fechados pelas cadeias coloniaes á luz da civilisação. A fertilidade e riqueza destas terras povoavam rapidamente os sertões que gradualmente se descobriram e

nos quaes novas propriedades se estabeleciam. Mas se por um lado a vida do industrioso aventureiro era a cada momento ameaçada pelo bramir da féra, ou pelo sibillar da sétta do gentio do deserto, não menos o era a propriedade que elle com tanto esforço e coragem adquiria, e que a cobiça de seus proprios patricios procurava constantemente usurpar. Esta lucta do direito de propriedade era natural em uma população que pela maior parte tinha sido formada de homens da plebe e de criminosos que Portugal degradava para os seus dominios do Brasil, á cujos administradores o Governo Portuguez dava amplos poderes para castigar, salvando sómente a pena capital aos nobres para quem El-Rei se reservou o direito de decreta-la. Este rigor, este amplo poder conferido aos Capitães Generaes deixa comprehender sufficientemente que tal necessidade era indicada pela natureza dos povos que elles governavam.

Os Missionarios mandados em grande numero para todas as partes do Brasil, onde se assentava uma nova povoação, eram insufficientes para chamar ao seio da Igreja as hordas de selvagens que difficilmente cediam seus desertos e abandonavam sua vida errante para viverem em fraternidade evangelica com os Europeos, cujos excessos e attentados muitas vezes inutilisavam os esforços da cathechese que começava apresentar seus beneficos resultados. Por estas razões a previdencia do Governo Portuguez não mandava sómente soldados da Igreja, como tambem mandava os da justiça que auxiliassem os Governadores no honroso encargo de garantir as vidas, e as propriedades dos povos contra os crimes, e as tentativas da avaresa.

Assim cresceo a civilisação, a riqueza e a população do territorio brasileiro até que circumstancias politicas, que não cabe aqui desenvolver, promoveram a emancipação do

Estado colonial que se tornou independente. Este facto memoravel accrescentou á pouca moralidade e á pouca civilisação dos povos todos os inconvenientes das exagerações de principios e opiniões politicas manifestadas por homens que em geral desconheciam os limites do justo e do honesto e dos direitos civis que adquiriam com a Independencia do Brasil, e não nos devemos admirar que isso acontecesse então, se até ha' bem poucos annos tantas dissenções entorpeceram o florescimento e engrandecimento do Imperio, (porque a ambição de alguns homens se apoiava na ignorancia das massas da população para tentar a realisação de inqualificaveis e insolitas pretenções), e ainda hoje grande porção de povo desta capital, mostrando-se completamente ignorante e inappreciadora de suas conveniencias mercadeja um direito que lhe é conferido pela constituição do Imperio.

Os principios liberaes que presidiram a organisação da nossa lei fundamental, e as divisões administrativas de nosso Imperio deram ugar ao apparecimento de maiores e mais amplas ambições, e se nos tempos coloniaes os homens de mesquinha consciencia tentavam senhorear-se de riquezas por meio da fraude e de crimes, vio-se depois a pretenção de honras e de influencia politica em homens que não estavam em circumstancias de manifestal-a, mas que por ella se distinguiram nas pequenas localidades, não duvidando para isso pôr em pratica attentados contra as vidas e propriedades de seus concidadãos. A vasta extensão do nosso territorio e a pouca população muito disseminada nelle tornaram uma necessidade as subdivisões politicas e administrativas em harmonia com os principios politicos estabelecidos, e a magistratura foi uma grande, e ta vez a maior necessidade de então para a fiel e regular execução das leis e para garantir os direitos dos povos; porém sendo muito

limitado no paiz o numero dos formados em direito, e sendo de mister proporcionar aos brasileiros todas as commodidades e gosos, dando-se-lhes jurisconsultos, e magistrados, havendo mesmo necessidade de generalisar a instrucção em todos os ramos dos conhecimentos, necessidade urgentissima para o duplo fim de illustrar a população e de cumprir uma das promessas de melhoramento que a constituição havia annunciado. Estas mesmas circumstancias e a imperiosa necessidade de magistrados, reclamada pelo rapido augmento da população que se dissemaniva por todo o Brasil, foram pois as causas que induziram á fundação de Academias Juridicas no Brasil; e como a extensão do Imperio não removeria a circumstancia da longa distancia da fonte da sciencia para os filhos das provincias mais remotas d'aquella em que ella fosse estabelecida, o Governo Imperial promoveo a lei de 11 de Agosto de 1827, pela qual foram fundados dous Cursos Juridicos sendo um na cidade de Olinda em Pernambuco, e outro na cidade de S. Paulo.

Anteriormente á esta fundação houvera a ideia de crear-se uma Academia Juridica na cidade do Rio de Janeiro, e para este fim o fallecido Marquez de Inhambupe, então Ministro do Imperio, havia chamado o Dr. José Maria d'Avellar Brotéro, formado pela Universidade de Coimbra, o qual foi nomeado Lente para Academia de S. Paulo por Decreto de 12 de Outubro de 1827, e em Janeiro do anno seguinte, sendo Ministro do Imperio o Exm. Sr. Dr. Pedro d'Araujo Lima, hoje Marquez de Olinda, e actualmente com a pasta do Imperio, recebeo o dito Dr. Brotéro ordem para partir para S. Paulo a fim de abrir a respectiva Academia, o que teve lugar no 1.° de Março seguinte. Em 12 de Outubro de 1827 tambem tinha sido despachado Director da Academia o fallecido Tenente General José Arouche de Toledo Rendon,

e este junto com o então Presidente da Provincia o Conselheiro Thomaz Xavier Garcia d'Almeida, o Bispo Diocesano, que era o fallecido D. Manoel Joaquim Gonsalves d'Andrade, authoridades civis e quasi todo povo da cidade assistiram a inauguração da Academia, a qual ficou sendo a primeira em antiguidade, porque a de Olinda por causas desconhecidas só se abrio alguns mezes depois. D'este modo ficou fundada a Faculdade Jurídica de S. Paulo, sendo aberta a aula do 1.º anno em 1.º de Março, principiando o Dr. José Maria d'Avellar Brotéro a ler direito natural. O Governo Geral tinha de ante mão acceitado a offerta dos Religiosos de S. Francisco e mandado tomar posse, para os trabalhos da Academia, do claustro do convento. (*) A inauguração e as lições da aula tiveram lugar em sala que foi apromptada na antiga sachristia. Foram logo nomeados Lentes para S. Paulo os Drs. Balthasar da Silva Lisboa e Luiz Nicoláo Fagundes Varella, por Decretos de 22 de Julho de 1828, com os quaes começaram os actos do 1.º anno. O Visconde de Cachoeira havia formulado os estatutos para a projectada Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, á cuja installação parece que obstou o Conselho d'Estado dessa época, e esses estatutos regeram os dous Cursos Juridicos até 30 de Março de 1832, em que foram postos em execução os (**) de 7

(*) Os Religiosos largaram a final todo o convento aos 8 de Novembro de 1828; tendo sido voluntariamente cedido pelo Provincial. Isso consta do aviso de 31 de Agosto do mesmo anno.

(**) Os estatutos que regeram o Curso Juridico de S. Paulo approvados pela resolução legislativa de 7 de Novembro de 1831 foram assignados pelos Lentes Drs. Brotéro, Fagundes Varella, Carneiro de Campos, Fernandes Torres, e Thomaz José Pinto de Cerqueira (estes ultimos dous professores pediram suas demissões logo depois.) O Dr. Antonio Maria de Moura foi despachado Lente Cathedratico de Pratica

de Novembro de 1831, e durante o periodo decorrido desde a installação do Curso Juridico de S. Paulo até o anno de 1834 foram despachados Lentes, além dos que já vão mencionados, o Dr. Carlos Carneiro de Campos, por Decreto de 9 de Fevereiro de 1829, o Dr. José Joaquim Fernandes Torres, por Decreto de 3 de Março de 1829, o Dr. Prudencio Geraldes da Veiga Cabral, por Decreto de 6 de Abril de 1829, o Dr. Balthasar pedio sua demissão de Lente em 20 de Outubro de 1829, foi nomeado o Dr. Clemente Falcão de Sousa, por Decreto de 30 de Novembro de 1830 Substituto; e proprietario por Decreto de 20 de Abril de 1831. O Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, Lente Substituto por Decreto de 12 de Outubro de 1833 e proprietario por carta de 20 de Fevereiro de 1834, finalmente os Drs. Dias de Toledo, Pires da Motta por cartas de 22 de Maio de 1834, o o Dr. Anacleto Ribeiro Coutinho, por Titulo passado em 31 de Julho de 1834 Substituto; e Lente proprietario por Decreto de 10 de Outubro do mesmo anno. Por Decreto de 30 de Setembro de 1828 foi nomeado Secretario da Academia o Dr. Luiz Nicolão Varella, com a gratificação mensal de vinte mil réis, igual nomeação e com o mesmo vencimento coube ao Dr. Pedro Autran para Olinda. A inauguração da Faculdade de Sciencias Sociaes e Juridicas de Olinda

do Processo—1.ª cadeira do 5.º anno por Decreto de 11 de Agosto de 1828. O Dr. Silveira da Motta, que depois o substituio está hoje nesta côrte advogando tendo-se jubilado.

Em quanto ao comportaménto dos estudantes nos Paços da Academia é superior a todo elogio, os estrangeiros que vão vesital-as nada tem que extranhar ou apontar como novo.

No principio das Academias houve falta de respeito para com os mestres, talvez isto pelo principio de um liberalismo mal entendido.

teve lugar no dia 15 de Maio de 1828, referindo-me ao que me foi communicado por escripto pelo seu respectivo fundador o Exm. Sr. Desembargador Lourenço José Ribeiro, a quem ouvi a respeito. Diz S. Ex. em uma carta que tenho presente. « A missão de fundar a Faculdade de Direito em Pernambuco me foi confiada pelo Exm. Sr. Pedro de Araujo Lima, então, assim como hoje, Ministro do Imperio, e Marquez de Olinda, e partindo da côrte em 2 de Abril do dito anno apresentaram-se quarenta e dous estudantes, que se matricularam depois de feitos os exames preparatorios, e a Academia installou-se no dia 15 de Maio do referido anno, em presença de numeroso concurso e das primeiras authoridades, proferindo eu um discurso analogo ao objecto. Era então Presidente de Pernambuco o fallecido Senador José Carlos Mayrinck da Silva Ferrão, que de muito boa vontade se prestou a todas as requisições, occupava o lugar de Commandante de Armas o fallecido Barão de Tramandahy, então Brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, que muito concorreo para o brilhantismo deste acto, apresentando-se em Olinda com toda tropa do seu commando, e um parque de artilharia, que salvou depois de concluido o mesmo acto. » A Academia foi installada no convento de S. Bento, cujos Monges de mui bôa vontade cederam a parte delle que foi requisitada. Entre os quarenta e dous alumnos que se matricularam nesse anno, diz o Sr. Desembargador L. José Ribeiro, tive a fortuna de encontrar muitos estudantes distinctos que ainda hoje servem ao paiz com summa distincção em diversas posições, bem como o Conselheiro d'Estado Eusebio de Queiróz, Sergio Teixeira de Macedo, seu finado Irmão Dr. Alvaro, S. Ex. Rev. o Sr. Bíspo Conde Capellão Mór, Senador Dantas, e muitos outros que muito me honram já na Tribuna do Senado, Camara dos Deputados, já

no Ministerio, Conselho de Estado, Diplomacia, Presidencias de Provincia, Magistratura &c. &c. »

Quanto a doutrina pelo Sr. Desembargador L. José Ribeiro professada e os seus actos, diz elle, que melhor podem informar os seus discipulos, e o mesmo Sr. Marquez de Olinda, que sendo alli mandado pelo Sr. D. Pedro 1.°, em 1829, para syndicar o estado do estabelecimento, teve a bondade de communicar-lhe esta missão, e quanto voltava satisfeito para informar á Sua Magestade Imperial. Teve o Sr. Desembargador a tarefa de analysar no segundo anno a Constituição do Imperio e deste insano trabalho immensa vantagem resultou não só aos seus discipulos (como elles diziam) como tambem a toda Provincia, porque era a Constituição alli olhada com horror pelos dous partidos que então a retalhavam. Os absolutistas a despresavam receiando que pela sua demasiada franqueza viesse a degenerar em um Governo Republicano, e os republicanos a detestavam por causa do Poder Moderador que consideravam hostis ás liberdades publicas e um despotismo encoberto. As lições do Sr. Desembargador Ribeiro os desenganaram de semelhante erro, muito mais quando transcriptas nos periodicos correram toda a provincia, e foi então que se formou o grande partido constitucional que é hoje o maior e o mais forte de toda Provincia. Em 1831 retirou-se para a cidade do Recife por incommodos de saude; e d'essa cidade partió para a Côrte, pedindo sua demissão de Director do Curso Juridico, a qual lhe foi concedida em 10 de Fevereiro de 1832, sendo elle nomeado Secretario do Supremo Tribunal de Justiça. Já a muito que instava pela dita demissão depois de alguns acontecimentos que tiveram lugar na Academia. O assassinato do estudante do 1.° anno Francisco da Costa Moreira commettido

em 1831 pelo estudante do 4.º Joaquim Sarapião de Carvalho, a arbitrariedade do Lente Dr. Manoel José da Silva Porto, que convocava a congregação sem sua licença estando elle na cidade do Recife, as lutas que teve com o Dr. Moura Magalhães, donde resultara a representação que este fez ao Governo Imperial como consta das folhas do anno de 1830, a respeito da qual fôra ouvido e se defendera completamente sendo aquelle Lente advertido pelo Governo, motivaram sua retirada da administração da Academia sendo nomeado em seu lugar pela Regencia em nome do Imperador, por Decreto de 15 de Maio de 1832, o Dr. Manoel Ignacio de Carvalho, o qual tomou posse em 9 de Janeiro do mesmo anno.

Desde a installação da Academia de Olinda foram nomeados Lentes os Drs. Antonio José Coelho, Jansem, Marcos Antonio d'Araujo e Abreo, Manoel José da Silva Porto todos estes por Decreto de 22 de Julho de 1828, assim como o Dr. Pedro de Cerqueira Lima, e Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Abulquerque, e Manoel Maria do Amaral por Decreto de 9 de Fevereiro de 1829.

Em S. Paulo tambem (*) occorreram alguns successos entre Lentes e o respectivo Director o General Toledo, sendo este quasi compellido a 23 de Outubro de 1829 á pedir sua demissão por virtude da desabrida guerra que

(*) Em 1835 em S. Paulo sendo Director o Dr. Carlos Carneiro de Campos, appareceo uma crise terrivel de anarchia para o que concorreram causas extraordinarias pessoaes e politicas. Foi então que um estudante deo publicamente uma bofetada em um professor, (o qual logo deixou de o ser). Este acto foi processado criminalmente, porém o academico não teve o menor castigo, conseguio seu diploma, e a Congregaçao dos Lentes mostrou fraqueza, e nenhum espirito de corporação.

lhe fazia o Dr. José Maria de Avellar Brotéro. O Governo Imperial, certo dos bons serviços que ia prestando o referido Director Toledo, fez expedir um Aviso em 1829, sendo Ministro do Imperio o finado José Clemente Pereira, advertindo o referido Lente pela maneira porque desconsiderava o Director da Faculdade. (*)

O Governo Imperial no empenho de desenvolver todos os elementos moraes da educação e da instrucção nacional confiada á seus cuidados, e uzando da authorisação que lhe fôra confiada no Decreto n.° 608 de 16 de Agosto de 1851 julgou ter attendido a mais vital necessidade da Faculdade Juridica reformando seus estatutos, e foram pois não só ampliados, mas melhor distribuidas as materias do ensino. Estes estatutos foram dados por Decreto n.° 1134 de 30 de Março de 1853 e depois delle appareceu outro Decreto n.° 1386 de 28 de Abril de 1854 dando novos estatutos, por virtude da authorisação dada pelo Decreto n.° 714 de 9 de Setembro de 1853. E ultimamente baixou o Decreto n.° 1568 de 24 de Fevereiro de 1855 approvando o Regulamento complementar das Faculdades. Neste intuito, o Governo aproveitou as luzes e a experiencia das respectivas corporações scientificas e das pessoas illustradas. Por occasião da reforma bem convinha ter o Governo instituido nas Faculdades uma formatura em sciencias sociaes sómente que habilitasse para os cargos que não exigem um conhecimento particular do Direito Civil. Esta formatura que se poderia fazer em tres annos de estudo

(*) Appareceo depois deste facto o Decreto de 19 de Agosto de 1837 marcando a maneira porque devem ser processados academicamente os estudantes que faltarem o respeito devido aos professores, deixando o julgamento a mercé da Congregação. Com os novos estatutos outras providencias foram tomadas.

das materias dispersas pelos 5 annos, assim abreviaria uma carreira a mocidade estudiosa, e facilitando as habilitações officiaes, dando mais ampla ambição á aquelles que veem-se circumscriptos a carreira judiciaria.

Com os novos Estatutos foram creadas duas cadeiras, e deste modo foi satisfeita uma das necessidades reconhecidas por todos aquelles que estudam Jurisprudencia, ainda que por effeito destas creações se sobrecarregassem de trabalho alguns annos; estes annos são o 1.° e o 5.° ensinando-se neste, Direito Administrativo além de outras materias, e n'aquelle o Direito Romano. Este tem de ser invocado não só para esclarecer a nossa legislação civil como para supprir suas lacunas, e o Direito Administrativo cujo estudo era ha muito reclamado, por onde se mostra a acção e competencia do poder executivo central e dos poderes locaes

Antes da reforma dos Estatutos e depois della tem sido nomeados Professores para S. Paulo os Substitutos Drs. Soares, Ramalho, e Furtado de Mendonça, sendo nomeados pelo Governo Imperial Substitutos os Drs. Gabriel José Rodrigues dos Santos, Antonio Joaquim Ribas, e Martim Francisco, por carta de 19 de Julho de 1854. O Dr. João Dabney d'Avellar Brotero nomeado Substituto por carta Imperial de 15 de Junho de 1855 tomou posse na Faculdade de Direito da Cidade do Recife no dia 6 de Outubro de 1855, foi removido para a Faculdade de Direito da Cidade de S. Paulo por Decreto de 31 de Maio de 1856, e tomou posse em 17 de Junho do mesmo anno. Ficaram Substitutos os Drs. João da Silva Carrão e Luiz Pedreira do Couto Ferraz, aquelle nomeado por carta de 5 de Julho de 1845, e este por Carta de 26 de Outubro de 1839. O Curso Juridico d'Olinda teve varios Directores depois dos dous acima referidos: foram elles os Srs. Padre Miguel do Sacramento

Lopes Gama, Conselheiro Pedro d'Araujo Lima, Conselheiro Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Bispo D. Thomaz de Noronha, Visconde de Goyanna. Na reforma foi nomeado Director o Dr. Pedro Cavalcanti, hoje Barão de Camaragibe, Lente Jubilado da mesma Eschola, por Decreto de de 22 de Julho de 1854, tomando posse em 11 do mez de Novembro do dito anno. (*)

São Professores da Academia Judiciaria do Recife os Drs. Autran que alli serve desde 31 de Julho de 1828 principiando como Substituto, e Secretraio, e nomeado em 1.° de Março de 1830 Lente cathedratico do 1.° anno, teve prorogação de ensino por Decreto de 4 de Agosto de 1855 passando a reger a cadeira de Economia Politica, forão em 1835 nomeados Lentes os Drs. Paula Baptista, Bandeira de Mello, José Bento da Cunha e Figueredo, e em 1851 o Dr. Nuno Ayque d'Avellos Annes Goés de Brito Inglez, que começou como Substituto em 14 de Janeiro de 1837; o Dr. Lourenço Trigo de Loureiro, que sendo nomeado Professor de Francez do Collegio das Artes em 14 de Fevereiro de 1828, e Secretario

(*) Em S. Paulo tem havido os seguintes Directores: o Tenente General José Arouche de Toledo, do qual já demos noticia, que servio desde 1827 até 23 d'Agosto de 1833, pedindo sua demissão, 2.° o Dr. Carlos Carneiro de Campos que servio desde Agosto de 1833 até 5 de Novembro de 1835, 3.° o Senador José da Costa Carvalho, hoje Maquez de Monte Alegre, que servio de 25 de Novembro de 1835 até 24 de Junho de 1836, que pedio sua demissão, 4.° o Senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro que servio desde 8 de Março de 1837 até 1841. Na falta dos Directores a é academia governada pelos Lentes mais antigos. Depois do Senador Vergueiro occupou o lugar de Director o Dr. Brotero; e actualmente depois de feita a reforma foi nomeado o Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel que ha tres annos dirige os trabalhos da Faculdade, onde tambem é Lente desde 12 de Outubro de 1833 a que já a dirigia alguns annos antes desta ultim reforma.

interino do Curso Juridico em 5 do mesmo mez e do anno de 1833, Bibliothecario neste mesmo mez e anno, e Lente Substituto em 1.° de Julho de 1840 passou a Proprietario por Decreto de 15 de Maio de 1852 e transferido para a 1.ª cadeira do 4.° anno.

Na reforma foram nomeados proprietarios os Drs. Joaquim Vilella de Castro Tavares, que era Substituto desde 7 de Julho de 1840, o Dr. Jeronimo Vilella de Castro que era Substituto desde 30 de Abril de 1844, o Dr. Manoel Mendes da Cunha e Azevedo, e o Dr. Zacharias de Goes e Vasconcellos que já era Substituto desde Julho de 1840. O Dr. Manoel Mendes da Cunha e Azevedo foi nomeado em 1.° de Julho de 1854, Professor da nova cadeira de Direito Romano, o Dr. João José Ferreira d'Aguiar, por igual Decreto, e pela Jubilação dada ao Conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos foi nomeado Professor da Cadeira de Direito Administrativo, o Dr. Vicente Pereira do Rego que já era Substituto desde 26 de Abril de 1855, Proprietario por Decreto de 17 d'Abril deste anno, tendo a Faculdade mais os seguintes Substitutos, todos elles nomeados na occasião da reforma, menos o ultimo o que foi em 3 de Junho deste anno: são os Drs. Braz Florentino Henriques de Sousa, José Antonio de Figueiredo Junior, João Silveira de Sousa, José Bonifacio d'Andrada e Silva, e Manoel do Nascimento Machado Portella. Depois da reforma dos Estatutos tem já sido escriptos os seguintes compendios: Da pratica do processo criminal composto para uso da aula da segunda cadeira do 5.° anno pelo Dr. Joaquim Ignacio Ramalho.

Da Pratica do processo civil, organisado pelo Lente da mesma cadeira na Faculdade de Direito do Recife o Dr. Francisco de Paulo Baptista, obra recommendavel que tem

sido bem acceita em ambas as Academias, merecendo justos elogios dos professionaes.

Da Pratica do Processo Criminal e do Militar pelo Dr. Prudencio Geraldes Tavares da Veiga Cabral.

Compendio de Direito Administrativo pelo Dr. Vicente Pereira do Rego.

Muitos serviços tem sido prestados por varios Professores das Faculdades.

O Dr. Braz, Professor Substituto da Faculdade de Direito do Recife, anotando o Codigo Commercial Brasileiro com toda legislação respectiva que se lhe seguio depois da data de sua publicação, prestou um valiososerviço á todos aquelles que tem necessidade de consultar frequentemente esse ramo da nossa legislação patria, e que consideram o tempo como um capital precioso para não o consumir em buscade Avisos, Decretos, Regulamentos disseminados pela nossa já corpulenta colecção de Leis.

O Dr. Joaquim Jeronymo Villela publicando as Instituições do Direito Publico Ecclesiastico, materia sobre a qual pouco ou quasi nada se tem escripto no Brasil, fez um serviço mui relevante á aquelles que estudam as materias ecclesiasticas, porquanto nada existia a semelhante respeito. Este fructo de aturada leitura do distincto Professor de Direito veio alliviar a situação dos que ignoram os fundamentos da fé catholica e entregam-se sem exame a obras futeis, falsas, e ridiculas.

O Dr. Loureiro, Professor da Faculdade de Pernambuco, que já tem enriquecido as lettras patrias publicando varios compendios sobre diversos ramos de Direito, brindou a Academia com uma nova edicção correcta e augmentada das suas Instituições de Direito Civil Brasileiro. Era a muito tempo sentida a falta de semelhante obra, porquanto é bem

sabida a difficuldade que entre nós existe de encontrar-se fiel, clara, e systemathicamente em um só compendio toda legislação civil patria. O Dr. Jeronimo Villela, Professor da Academia do Recife tambem publicou uma importante obra de Direito Ecclesiastico. e finalmente entre os Professores distinctos da Faculdade de Direito do Recife, apresenta-se o illustre decano d'aquella Faculdade que confiou aos prélos um novo compendio de Direito Publico Universal, e um tratado de Economia Politica. O nome do Conselheiro Dr. Autran é não só conhecido pelas suas producções, como bem por ser um dos mais fecundos talentos da Academia de Direito do Recife, sempre admirado pe'as suas doutas e eloquentes lições nas cadeiras de Direito Natural, de Direito Publico, e Economia Politica. Eu que tive a honra de ouvir suas sabias lições fiquei muitas vezes extasiado e encantado de tanta eloquencia e erudicção. O Conselheiro Autran conta uma idade maior de cincoenta annos, e vinte nove de Professor, não sentio ainda a sua fertil penna enfraquecida pelo uso continuado nem a sua cabeça opprimida pelo peso dos annos. Cada dia umnovo triumpho distingue seu nome, e mais um padrão de gloria lhe ergue a sua eloquencia e profundeza, ganhando uma memoria que fará o orgulho de seus descendentes, e não hoje que quando se lê uma obra não se pensa um instante na cabeça que a produziu, nem na utilidade que della deve resultar, nem os sacrificios que ella trouxe ao seu author. A Europa tem dado provas mais de uma vez do apreço em que tem o economista Autran é credor, e servindo desde 1828 na Academia de Sciencias Sociaes e Juridicas nem um só instante foi o dito Conselheiro distrahido de tão honroso empenho, conseguindo mediante sua unica voncarregada de formar uma lista das obras necessarias para poder suppril-as. Nem me

tade ser hoje o economista admirado e consumado, como o sabio da Sciencia.

O numero dos Bachareis Formados nas Academias Juridicas do Brasil desde a sua fundação até o anno proximo passado anda em 1804; deste numero deve deduzir talvez perto de cem que tinhão fallecido, não se podendo considerar excessivo, antes pelo contrario é suficiente para as necessidades do paiz, porque existem milhares de localidades do Imperio que não tem Advogados formados em Direito, tendo as Relações dos Destrictos de nomear dentre o Solicitadores do foro pelo menos tres para cada Municipio forense.

He verdade que a maior parte d'elles vivem agglomerados nas capitaes, ao passo que muitas comarcas estão sem um Bacharel em Leis, para fazer o mais simples requerimento, ainda que muitos destes lugares não desafie a residencia do Bacharel pela falta de segurança individual e absoluta privação das commodidades. Entretanto os poderes do Estado tem preferido os formados em Sciencias Sociaes e Juridicas para diversos empregos d'Administração, e muitos delles tem sido despachados para Secretarias d'Estado, Corpo Diplomatico, empregos de Fazenda, Tribunaes do Commercio, &c. &c.

Até 1851 existião formados	1324
De 1852 até 1856	480

Não cansarei a paciencia do Instituto com outros factos occorridos nas Academias, estado de suas Bibliothecas, que não satisfazem ao seo fim, porque possuindo ellas obras muito curiosas sobre Theologia, Philosophia; e de antigos Jurisconsultos notão-se nellas falta de escriptores modernos e que mais comesinhos são nas mãos dos Estudantes, consta-me porém que uma Commissão de Lentes acha-se en-

carregada de formar uma lista das obras ncessarias para suppril-as. Nem me demorarei em mostrarnesta resumida memoria a importante missão civilisadora das Faculdades Juridicas, sua grande influencia sobre os costumes, apenas direi: o que erão as letras? o que erão as sciencias em o nosso Brasil antes que se estabelecessem na cidade d'Olinda e S. Paulo as dous ornamentos destas duas Provincias. Submersos e neglegienciados na obscuridade eram ellas quasi objecto de escarneo e de despreso, em regra os filhos do paiz entregavam-se ás ordens religiosas, ao estado clerical, e a não ser alguns filhos afortunados de ricos fazendeiros ou de abastados capitalistas que demandavam o velho mundo e procuravam uma formatura na famosa e decrepita Coimbra. Más logo que o patriotismo de alguns dos nosso Legisladores erigio estes dous estabelecimentos juridicos, o gosto pelas lettras appareceo, as luzes derramaram-se pela imprensa, Olinda e S. Paulo dotaram o Imperio com bons Ministros, distinctos Legisladores, excellentes Magistrados, optimos Advogados, diplomatas que já não nos envergonham, Estadistas consumados, dedicados esteios do nosso sabio e adorado Monarcha e ocupados inteiramente na prosperidade e engrandecimentoda patria. A terra do Brasil de arida que era tem-se tornado fertil, tem visto desabrochar no seu seio verdes e esperançosos loureiros, e os magistrados, filhos destas duas Academias, tem sabido honral-as, contendo os genios perversos reprimindo as injustiças onde quer que ellas se achem e qualquer que seja a capa com que se tenhão encoberto, amigos da lei e fieis executores della elles dão brilho e ornamento á terra donde são filhos; não pactuando com a prepotencia, e a inequidade qualquer que seja o apparato do força, ou de seducções de que se cerquem; elles tem sabido cumprir sua missão, satis-

fazendo suas proprias consciencias, conservando sempre a rasão serena e fria como o exige a sciencia, e muitos delles já estão sentados entre aquelles que hontem foram seos mestres e hoje são seos pares. Os moços caminham na vanguarda da civilisação por toda parte formam-se associações literarias. No Recife e S. Paulo onde estão as duas Faculdades, os estudantes dellas reunem-se em sociedadeslitterarias e estudam as leis que determinam o desenvolvimento progressivo dos seres que se movem no mundo da liberdade e dos elementos constituitivos da ordem moral. Em Pernambuco o Athenêo e o Monte Pio Academico tem produzido os fructos que uaturalmente deveram esperar os seos instituidores, Estes levitasdo Direito, devotão-se ao santo e sublime sacerdocio da sciencia, divertem-se passando o tempo em discussões sobre o estudo da Jurisprudencia tendo elles um jornal no qual se leem varios artigos sobre importantes questões Juridicas. He uma escola onde a mocidade se ensaia pela palavra e pela penna para as grandes lutas da inteligencia que um dia o aguardão para foro e na tribuna.

O Monte Pio Academico continuando a soccorrer alguns mancebos pobres, mas distinctos pelo talento e reconhecido merito se tem feito depois de todos os elogios. Devem-se aos Professores das Faculdades estes beneficos resultados, por virtude das doutrinas que elles procurão transmittir a mocidade que os escuta. O seculo cessou de ser politico; a moderação e a concordia se tem feito sentir em todo o Imperio de tempos a esta parte e vai congraçando todos os individuos e todas as classes outr'ora divididas pela exageração e rancor dos partidos. A mocidade estudiosa do Brasil caminha no movimento que vae dominando em o *Im*perio.

Parece poder dizer-se que a segunda metade do seculo 19 será toda scientifica e industrial.

A mocidade comprehendeo bem que, em um paiz novo onde tanto ha a fazer, e que entretanto já se assignala por tantos feitos gloriosos não querendo ella ficar atraz na carreira do progresso e da civilisação, não lhe sobra tempo para consumil-o em mesquinhos odios, sendo todo elle pouco para o estudo das sciencias, a meditação e a pratica dos grandes principios sociaes. Aquellas associações provam do modo mais formal que os estudantes de ambas as Faculdades são dominados por bôas ideias, e trilham agora uma senda da qual fôra para desejar que nunca tivessem o menor desvio.

Desculpae-me, Senhores, se não cumpri como devia a missão que tomei sobre mim, quando me inscrevi o anno passado. E' a fraqueza de minha intelligencia que me inhibe de não tornar mais methodica, mais clara, e mais correcta esta memoria. A Providencia não dá a todos a mesma missão; aquelles a quem ella dotou de uma intelligencia luminosa e collocou a frente de seos irmãos, como um farol, devem preencher esta missão, sejam quaes forem os obices que tenham que vencer, e as dores que tenham que soffrer. A mim só é dado pedir perdão por ter abusado da paciencia de N. M. I e de meus estudiosos e caros collegas.

Rio, 9 de Outubro de 1857.

Carlos Honorio de Figueiredo.

RECUPERAÇÃO,

DA CIDADE DO SALVADOR.

ESCRIPTA POR D. MANUEL DE MENEZES

CHRONISTA MOR E CHROSMOGRAPHO DE SUA MAGESTADE E CAPITÃO GERAL DA ARMADA DE PORTUGAL NAQUELLA EMPERSA, COPIA COTEJADA COM O MANUSCRIPTO ORIGINAL DE MADRID—POR

FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN.

LIVRO SEGUNDO.

Do que aconteceo até render-se praça.

A onze de Fevereiro terça-feira, as oito da manhã, desfraldou a real do mar occeano o que no mesmo ponto imitou a real de Portugal e foram seguindo as outras. Constava esta armada de Portugal de vinte e tres vellas redondas, e de quatro caravelas. A cappitana, S. Antonio e S. Vicente que se algum do mundo podia merecer tanto nome de taes santos, era ella verdadeiramente por grandeza, em que excedia com grande vantagem as outras reaes do mar occeano, estreito mas com muito maior nobreza que nella hya, pessoas mui consideraveis por casas e calidades: a almiranta S. José de que era capitão D. Rodrigo Lobo, S. João Soldourado de Manoel Dias de Andrada, S. Bertolameu, de Domingos da Camara, Santa Cruz, de Constantino de Mello Pereira, Nossa Senhora do Rosario, de Tristão de Mendonça Furtado, outro do mesmo nome de Ruy Barreto de Moura e Menezes, Nossa Senhora da Ajuda, de Gregorio Soares Pereira, Penha de França, de Diogo de Varajão.

Rosario menor de Xptevão Cabral, Neves mayor, de Domingos Gil da Afonsecca, Menor, de Gonçalo Lobo Barreto, S. João Evangelista, de Diogo Ferreira, Nossa Senhora da Bonança, de Affonso Barros Caminha, S. Bom Homem, de João Cazado Jacomo, Boa Viagem que hya com mantimentos, de Symão Dias Salgado, S. Antonio que tambem hya occupado, e Rosario menor sem outro navio fretado por Duarte de Albuquerque Coelho para sua despença e matelotage. Nas caravelas hyam os capitães Cosmo Couto Barbosa, Roque de Monteroyo, Sebastião Marques, não se achando nesta viagem a urca Caridade e outro navio em que hyam os capitães Lansarote da França de Mendonça, Bento do Rego Barbosa, nem a caravela de Manoel de Palhais que se derrotaram nem a Conceição que fez naufragio. A sinquo de Março passaram estas armadas a linha padecendo por aquella parage excessivas calmas a que ajudavam as cesõis curtas da agua pela muita gente que levavam os navios, e roim aguada que se tinha feito no Cabo Verde pelo risco com que as pipas se embarcaram no porto de Santiago por falta de aprestos e tempo, occupada a gente em salvar a artilheria, e na armada de Castella pela pressa com que se fez sem conserto algum de lousa. Enfim foram extraordinarias a respeito da paragem em que lhes parecia navegavam chegados á costa do Brrsil estando na verdade mui distantes della, metidos em Guiné como depois se coligio pelo que tardou a costa aos pilotos Cresceo o enfadamento por a ver tam grande cantidade de chinchas e outros sevandijas que mais parecia castigo de Deos que fruto de máo tempo, mais importunos que a mesma navegaçam. Vio-se terra do Brasil a 27 de Março em altura de doze graus e dois terços. Despachou logo D. Fadrique de Toledo o capitão José Furtado a tomar lingua, e por esta via e pela da torre de Garcia de

Avila a donde se não descuidavam teve aviso de tudo o que se tinha alcançado por espias ou por alguer outra. A 29 dava a armada fundo ao noroeste do forte de S. Antonio perto de terra, Ahy se soube que a 9 de Janeiro junto á barra de Parahyba dera nos baixos de Lucena a urca Caridade e lhe fôra necessario cortar os mastros para se salvar o casco e tudo o mais mandando com grande deligencia acudir a tudo Mathias de Albuquerque luzindo muito naquelle aperto o trabalho de André Velho filho do doutor Alvaro Velho do desembargo e camara de S. M. Naquelle mesmo dia entrou Lansarote da França com a sua companhia em quatro barcos acomodadas embarcações para navegar por aquella costa contra as monsões. Que o capitão Bento do Rego entrára no Arecife de Parnãobuco daly navegára ao morro de S. Paulo. Este chegou á Bahya a 4 de Abril com a caravela de Manuel de Palhais, e outra que D. Fadrique despachára da Bahya de Cadiz. Veo D. Francisco de Moura capiião mor acompanharam-no Lourenço de Brito e alguma gente escolhida. Avisou a D. Fadrique do que tinha alcançado das forças do inimigo e ditosos sucessos dos assaltos as relações sobre que se havia de fundar o numero e disposição da gente para o sitio d'aquella praça foram varias, e já demenuindo as forças do inimigo, ja acarrando causas ao temor. Mas todos convinham que a praça fora ja recuperada se ouvera qualquer socorro. Huns afirmavam que o bispo com esse pouco poder que tinha estivera mui perto de intentar a imprensa; que outro deixára a seo sucessor muitas escadas feitas com que estava para cometer o asalto a escala a vista. Podera aquella presuncão causar aborrecimento se em outra cousa se cuidára que no serviço de Deos de se ajudarem uns aos outros para conseguir o que convinha ao real serviço de S. M. Que

dentro da cidade averia oitocentos e quando muito novecentos homens; feita a receita dos que disiam ficar nella que eram mil e quatrocentos e a despesa de trezentos para quatrocentos, que os asaltos e alguma doença tinham consumido fóra muitos enfermos e por isso inutil. Que entre todos averia trezentos que tinham praça de soldado. Os mais era canalha, a todos faltam mantimentos pelos muitos negros que lh'os ajudavam a comer, que já a necessidade os obrigava a comer os cavallos que lhes ficaram. Tam amedrontados todos que seguramente podia o exercito catholico armar-se a seus reparos com segurança de que não sairia delles o inimigo. Lembra-me que fazendo-se muito caso disto como se fez pecados dos homens ou juizos de Deos, a Sanfele..... tendo ja notado, Sy saldran selos apiertan, mas premitio Deus que nem aly entrase nem fosse ouvido como devera. Das fortificações da terra havia pouca diferença, nas relações se bem que acresentavam cousas, e demenuyam o numero das peças, ou que não contaram bem ou que depois meteo outras o inimigo. A verdade he que imaginando a cidade como um meo ovado ao comprido de norte e sul a corcova para levante. A linha direita para ponente sobre o mar, nas pontas e na volta averia perto de sinquenta peças. Pela linha direita não seriam de efeito pelo despenhadouro com que se levanta sobre o mar. Avia somente no terreiro do governador algumas peças mui boas, e junto a see tres de ferro em um trincheirão de fraca espalda abocadas para a parte do norte. Todas aquellas partes intrincheiradas repartidas com valuartes terraplenados, traveses e cortaduras. Na porta de Santa Luzia duas meias luas mui polidas como era tudo o qne fizeram em lugar de parapeito cercado de pipas em ordem dobrada terraplenadas. Bella-vista indigna de ser pintada e retra-

trada como foy, mas para a defença inutilissima pela materia, tudo adobes de terra que não tem consistencia alguma por mais socada ao pilão que seja, nem ainda em seu proprio e natural luguar. (Aqui fingiam cappassicimas abobedas, e minas para voar os atrevidos.) Para todas as detenças torriões, traveses, reductos, plataformas havia caminho desembaraçado pera soccorrer pela parte interior, avendo para isto desmontado arvoredos, desmatelado casas, e edificios chamados seus cemiterios. Na parte do Norte avia outros fortes como os de Santa Luzia quasi yguais em altura e perfeitos no artificio como fracos na materia, huns e outros baluartes mui bem terraplenados, coroados de pentens daquella madeira que he fortissima cujas pontas agudas sayam da escarpa mais de sete ou oito palmos vastantemente carregados de terra mui bem socada. A estes servia de poço huma profundidade natural como a outro o vasio que ficou da terra com que levantaram as defenças. Ali fingiam estacas de mui forte madeira fincadas na terra, de pontas ferradas com que se asseguravam de ser entradas por aly sem grandissima defeculdade. Pela parte de levante avia quasi a mesma forma de poço pela terra que tirara para as defenças. Mas tudo a formoseava hum lago com dique que o atravessava pelo largo com sua inclusa tudo bem feito por extremo. A' margem exterior visinha ao dique tinham semeado de abrolhos de ferro de tres pontas farpadas de qual parte caissem igualmente nocivas. Defronte do dique porta de socorro entre dois travesões, quanto a traça tudo ordenado por bons mestres. Este lago exageravam fingindo-lhe huma Peça e mea em alto pela muita terra cortada apâ, enxada e ferrão talhado, sendo a verdade de huma pouca de agua junta de algumas fontes que regavam aquelle vale povoado de pomares de suas frutas desabridas e algumas

ortas, ajuntando a isto a agua da chuva que sempre aly se detinha. Estas aguas enserraram com hum valado grosso de terra pela parte do norte por onde costumava desaguar. Aqui fingiam barcos com que se pescava pera regalo dos capitães, o que faz parecer-me a partes fundo como dez ou doze palmos, e a partes muito menos de maneira que as pequenas arvores mostravam em cima das aguas seus delgados troncos. Contavam que todo o mato ao redor tinha sido rossado a tiro de mosquete mas tambem não vi sinal de tal rossado. Das fortificações da ponta do norte baixava direitamente como bem esquadria huma estacada de madeira até a fonte dos Padres da Companhia que está na praya. Outra semelhante das portas de Santa Lusia igualmente distante a outra (ao que se podia julgar) até feneser na praya. Estas se corriam pela parte de dentro por caminhos mui desembaraçados. Os terminos destas palissadas cujas pontas que eram agudas, e fingiam de ferro, ajuntavam as fortificações da praya que fica como lado direito do ovado que disemos. Destas avia informações de pessoa que della tinham saido a princípal era de Fernão Florim natural de Lisboa que fôra tomado em hum navio, entrara na Bahya dia de natal e tinha visto tudo de vagar. Todas as ruas que desembocam na praya estavam intrincheiradas e providas de artilheria. No cáes dos Padres da Companhia huma plataforma com boas pessoas, outras no forte de Santo Alberto, hum paredão antigo de pedra e cal junto á nossa senhora da Conseição o ocupavam com sete ou oito peças. Sobre as casas dos Padres de S. Bento e seu pavimento mui bem fortificado outra plataforma com quatro peças abertas as paredes em calheteiras para mosqueteria, mais para as olarias outra, e na ultima ponta do sul duas peças huma de grande alcance com que varejam aquella praya por gran distancia. No forte

novo que tinham sete peças de bronze mas ensalsavam esta força e muito mais o artificio contando que nelle havia huma fornalha de tres bocas para fazer ascua ás balas com que haviam de abrazar todos os navios que se lhe chegasse. Sendo aquella fornalha ordinaria para trabalharem os ferreiros em qualquer occurrencia e dizem que para fundir balas se faltasse. Asy passava tudo como costuma em semelhantes ocasiões donde as vezes procedem pelos tempos adiante indignas credulidades apesar dos que bem sabem duvidar, mas verdade he que aquella era a parte de mayor força por donde cuidavam ser acometidos por mar, com estas relações vinha tambem a de quatro navios, presas que o inimigo tinha cheios de artificio de fogo para que com vento em popa se chegar as capitanas, e abrasalas para o que sempre estavam promptos de verga d'alto. Amanheceu o ditoso dia do glorioso triumpho e resureição de Jesus Christo Senhor Nosso. A vista do mar era bellissima esmaltada das armadas catholicas competindo as capitanas e almirantas na galhardia de flamulas, estendarte, armonia de doçainas e charamellas mostrava-se a terra infelice, mas aprasivel á vista por extremo, a formosa enseada que vai apartando montes de frescos e verdes arvoredos. A triste cidade do Salvador sobre huma serra mui ingrime revestida toda de bosques e ervas aprasivelmente verdes, vilmente entregue pelos seus a mais inimiga gente que sofre a igreja de Deus. Sobre o mais alto da sua igreja cathedral campeavam e tremulavam as bandeiras de Mauricio, pela marinha junto da terra vinte e dois navios redondos de verga d'alto, entre elles seis de força quatro grandes e dois mayores de seiscentas toneladas com cantidade de artilheria bastante. Todos os principaes aformoseados de bandeiras, flamulas, e estendartes, mal se podera detreminar qual che-

garia a mayor excesso de alegria dos espanhoes com a presença dos inimigos que já fingiam vencidos e castigados se a tristesa destes vendo não de longe a sua irreparavel ruina em luguar do socorro septentrional que esperavam, e com a primeira vista desta armada presumiram. Convocado o conselho para a capitana real de Castella propoz D. Fadrique de Toledo por modo mui consertado que de mui boa vontade aqui pusera se a memoria me ajudara. Dava muitas graças a Deus pelas graças que fizera a seus servos trazendo-os unidos e inteiros a entrada da Bahya, com que até a fugida, ultimo remedio dos miseraveis se tirava aos olandezes. O praso da jornada era mayor que o tempo poderia oferecer pela gloria que de Deus esperava ajudado de taes companheiros, de se ver recuperada a praça de mais importancia que todas as do imperio da Espanha, a qual por occultos juizos e permisão divina com ignominia não pequena do nome espanhol fòra ocupada por seus rebeldes. De tal exercito como ao presente se não podia coligir que tivesse diante dos olhos outro intento que a gloria de vencedor. Mas que seu interesse entre tão nobres considerações tivesse algum luguar muito grande era o que nas mãos se entregava. Porque aquella praça escala de grandissima parte das navegações do mundo, aonde os olandeses pretendiam fundar monarquia a que chamavam nova Olanda tinha conduzido todas as riquezas que poderam ajuntar para suas mercancia, e comercios sem as imensas que se lhe tinham entregado em suas mãos por aquelle espaço de tempo que a senhoreavam os que mui pequena parte dellas tinham levado; estando tão segos que fazendo thesouro em terra alheia e de tão grande Senhor, o tinham todo encerrado na cidade. Fazia exemplo a outros que averiam entrado com o navio de Buenos Ayares avaliado em muitos centos

de mil crusados em que D. Francisco Sarmento trazia sua casa, mulher, filhos e genro. Constava não ter levado para Olanda, ouro, ou prata, principal fructo d'aquelle emporio, nem outras fazendas ricas senão em vinte e oito de maio huma nao con assucar, tabaco e cousas de pouco preço; e outros quatro navios em julho com a vilesa de semelhante carga em que foy o desditoso fidalgo Diogo de Mendonça Furtado e o Provincial da Companhia com seus companeiros que aly entrara mcegamente na volta de visitar as suas casas da parte do sul. As forças que levavam eram com grande excessos superiores as do inimigo sobre salteado quando mais seguro estava de seu socorro, e no descuido com que seus esmelos invejosos culpam a monarquia de Espanha, pela sua posse (não fallando no socorro do ceo que em todas as acções umanas se estima mais que tudo e pela divina vontade de Deus estava com o exercito catholico) militava tudo que nas ocasiões de guerra soen ter toda a importancia. A terra amiga, muita e muy boa gente nella, e muy escolhida a que lhe tinha vindo com os socorros, a noticia do paiz como de suas casas, a inorancia que nisto padecia o inimigo, que se lhes representava diante dos olhos qual animo o intentaria estando de antes oprimido de huma pouca de gente pela mayor parte bisonha, desarmada, e dos frecheiros naturaes da terra expostos as injurias do tempo, como agora vise defronte de suas cortinas, e valuartes aquartelados os pujantes exercitos de Espanha, por mais que se cançava na consideração nas forças e braços de inimigo citiado para se opor a humas e desfazer as outras, confessava que não podia presumir outra cousa que a certissima victoria desejada, senão que lhe parecia inferior a impresa a tanta força pelo desalento com que estava o inimigo conforme naquella junta se lhe afirmava. As palavras ul-

timas que disse foram ouvidas com grande aplauso, não se lembrando mais que de maldizer a ora que podia haver de dilação. Acharam-se naquelle conselho com D. Fadrique de Toledo, de Portugal D. Manuel de Menezes general da armada, D. Francisco de Almeida almirante, Mestre de Campo Antonio Munis Barreto, D. Afonso de Noronha do conselho de estado, os Condes de Vimioso, S. João, e de Tarouca, o morgado de Oliveira por ordem particular, D. Francisco de Moura, Lourenço de Brito. Da armada de Castella D. João Fajardo general do estreito e almirante, o Marques de Cropani mestre de campo general do exercito, o Marques de Torrecusso, D. Pedro Ozorio, D. João de Orellana mestres de campo, o governador San Feliche. D. Alvaro de Losada capitão de cavallos em Flandres que entrava por ordem particular, D. Francisco de Azevedo general da armada de quatro velhas, Martin de Valhesilha, o sargento mayor Diogo Rodrigues, o Murga, o Coscou, Armeutevos e Sebastião Granero tenentes generaes da artilheria de terra e mar. Resolveu-se que posto que pelo conselho de Castella vinha determinado que a praça se batese por hum quartel com oito canhões somente que hiam pera este efeito, se setiase com dous visto estar ja tão chegado ao tempo do inverno, e se batese com mais canhões. Pera ocupar estes bastavam quatro mil homens, dois mil das esquadras e armada de Castella, mil e quinhentos de Portugal, quinhentos Italianos, ao qual numero se avia de juntar D. Francisco de Moura com sua gente que eram mil e quatrocentos portuguezes, e quatrocentos naturaes de arcos e frechas. Advirttiu D. Afonso de Noronha seria acertada pelas consequencias se fizesse saber na cidade que a culpa se remetia e se dava livres sayda a todos de qualquer nação que não fosse Olandeza que quizesse sayr

da cidade. Era tanta a preça e afervorado o alvoroso de cada hum para desembarcar que avendo se assentado levase mantimento para tres dias foram poucos os Portuguezes que o levaram padecendo depois bastantes fomes por castigo de tão leve culpa que não era contra Deos ou contra o proximo. Conhecendo D. Manoel em toda a nobreza o desejo de sayr em terra em huns o receo, e n'outros deserem se não sayse julgados variamente dos que desembarcavam, e presentindo a defeculdade se quizesse usar de seu regimento se resolveu em dar gosto a todos fazendo conta que sempre na armada ficariam algumas pessoas superiores na calidade dos Olandezes que viese na armada de socorro, e não inferiores na experiencia dos criados que acompanhavam seus amos. Não deixou de ler o regimento a alguns mostrando a estimação que S. M. fazia igualmente de hum e outro serviço e o mui grande de que todos obedesesem as ordens que lhe dese. Se buscavam perigo e trabalhos, no mar o tinham esperando-se cada dia pela armada inimiga. A isto com que cuidou que os pigava responderam que sem dilação acodiriam. Bem vio que se punha impossibilidades. Como aviam desamparar seus postos? que tempo aviam mister para chegar? que praya visinha tinham ou sem resaca para se embarcar? que armada inimiga podia amanhecer na barra, e em menos de huma ora e estar embaraçada com a de Espanha, que quando esta não chegase tão depressa os navios de fogo bastavam para dar cuidado, que estando prontos para se dar á vela quando não alcasase o intento de abraçar as cappitanas as aviam de advertir com que suas náos podese sayr, levando os thesouros e gente de consideração (o que se temia muito). Era necessario seguil-os e desbaratal-os. Estava tão posto a comprazer a toda a nobreza que pretendendo D. Francisco de Almeida

almirante da armada obrigado a ella sayr em terra, representando-lhe porém algumas resois em contrario, e mostrando-lhe a furia d'aquella epidemia o ajudou em seu intento com D. Fadrique de Toledo e permitio que do terço da armada levase a sua companhia. Sobre esta resolução ouve muitas duvidas. Antonio Monis Barreto alegava que era mestre de campo do socorro nomeado ahy por S. M. que avendo de sayr D. Francisco de Almeida com este nome fundado em ser governador do terço lhe ficava precedendo por aucianidade. D. Monuel deu de tudo conta a D. Fadrique que não desejava menos de compraser a todos e mui particularmente aos fidalgos portuguezes, e com mais circumstancia a D. Francisco de Almeida que lhe tinha de antes proposta sua pretenção e elle prometido de o ajudar Estando todos quatro juntos se compoz tudo assentando-se que se não fazia agravo a Antonio Moniz, ainda que elle dizia que tudo o que se desse a D. Francisco se lhe tirava a elle pois ficava incluso em seu terço com o nome de socorro. As presedencias tomou D. Fadrique a sua conta determinando apartal-os. Que do numero da gente levasse Antonio Monis a sua, e D. Francisco os que da armada podese ajuntar até quinhentos homens. Para ajuntar estes avia novas defeculdades, porque com as companhias de Antonio Monis tenha saydo da armada muito mais gente da que se lhe tinha limitado que eram mil homens, e como com a gente nobre sayam todos seus criados ficava a armada mui falta para poder dar tanta gente. O capitão Gonçalo de Sousa rogado, e persuadido pelo almirante o quiz seguir com a sua companhia. Não achou no capitão Constantino de Mello Pereira a mesma modestia ou brandura escusando-se que tinha a naveta Santa Cruz a sua conta por ordem de S. M., que se D. Manuel mandase obedeceria

entregando-lha desencarregado della e não de outra maneira. Nem pode D. Francisco por aqui venser a defeculdade. Os mais capitães de infanteria do terço eram juntamente capitães de navios, avendo em cada hum delles em seu tanto o mesmo despejo que na cappitana da gente nobre e seus criados. O capitão Manuel Dias de Andrada somente estava sem navio porque o em que fora por estar inutil estava entregue a que o fretara, mas nomeado naquella ausencia de D. Francisco por ser muito para aquelle cargo foram tantas e tão apertadas as instancias de D. Francisco por varias maneiras, e a vontade de D. Manuel tão pronta a lhe dar gosto que sayo aquelle capitão a terra mais porfiado que persuadido, em cujo lugar ficou Jorge Mexia Fouto sobrinho do bispo de Coimbra D. Martim Antonio Mexia governador de Portugal capitão que tinha sido de infanteria, e de navios por S. M. Começou a desembarcar a gente pela praya junto ao forte de S. Antonio, o terço de D. Pedro Ozorio, o de Antonio Monis Barreto, o do Marques de Torrecusso, o de D. João de Orelhana. Consideravam soldados praticos qual era a disposição da terra para impedir a embarcação, ou consumir os que desembarcasem. A praya de inumeraveis penhas, até mea agua chea mas sempre com resaca, e descoberta a artilheria do forte. Acabada a parte que a mare lava comessa hum areal fundo e solto máo de passar por qualquer despejada. A este abraça hum bosque de arvoredo mui espesso que podera dar cuidado as valentes que o queiram investir avendo nelle duzentos mosqueteiros. Vencido este fica huma costa bem erguida e logo caminham fundos estreitos sercados de arvoredos, e malesa. Facção era pera Olandeses arriscarem duas emboscadas duzentos e cincoenta homens, mas injustamente se poderam acusar os Portuguezes de culpados menos de onze mezes antes

que sendo a terra, a cidade, e campanha sua à não defenderam por aquelle caminho bosque, e areal livres da resaca contra gente estrangeira, ignorante das ciladas tendo campanha, terra, e cidade contra sy. Aquella noite passaram alguns desembarcados por aquelles areas, aqui foy o das fomes que emleavam bebendo agua turba dehuma alagoa mal limpa. Foy o mestre de campo general com alguns praticos da terra, com elle D. Francisco de Faro reconhecer os portos e fortificações, do inimigo do pouquissimo que vio dando-se por satisfeito trouxe boas novas a D. Fadrique de Toledo mui a gosto dos restauradores. Desembarcou ao outro dia pela manhã com gram resaca que lhe voltou huma falua na praya chea de gente do acompanhamento, Abateram-se-lhes as bandeiras todas postas em armas. Deitou-se dando para devida aos que metesem mão á espada, faca, ou adaga. Marchando a cavalo fez noite em a ermida de S. Francisco. Levava novecentos homens, e mandouque do terço de Antonio Monis lhe fossem tresentos de mosquetes, arcabuzes, e peças em numero igual. Esta gente que marchava diante alcançou, e passou acompanhado de D. Francisco de Moura, e por largo rodeo se foi meter no Carmo como em sua casa. Tal era a confiança que faziam da mizeria do inimigo. Encontrava pelos caminhos frecheiros pintados em tropas que lhe engrandeciam os praticos muito de animo e resolução. Vagava por tudo como no seu agente que primeiro tinha chegado áquella parte do Carmo Com liberdade se metia pelo arvoredo a colher limas e laranjas tão visinhos as fortificasõis da cidade que ao ruido dos ramos desparavam peças, tiravam mosqueteria. Naquelle dia em que D. Fadrique desembarcou a tarde, sayo quasi toda a nobreza de Portugal, muitos criados, muita infanteria que na primeira tarde não poude desembarcar. Fize-

ram muitos caminhando a mesma conta de mantimento que os primeiros, senão que nem levavam ordem de exercito, nem marchavam em fileiras. Caminharam toda a noite a pé a cavallo como podiam posto que pessoas grandes quizeram caminhar a pé com suas armas as costas. Entretanto variedade de gente necessaria era a desordem, huns passavam outros ficavam cansados, alguns por se desembaraçar melhor deixavam suas peças ou mosquetes. Era grande o rodeo deixando a montanha que era dorso continuado coroa a cidade pelo levante a mão esquerda. Chegaram o mesmo dia que D. Fadrique ao bairo do Carmo, em que estava a gente de D. Francisco de Moura, por onde se agasalharam com a mesma segurança. Eram os terços de Antonio Monis Barreto que acabou de chegar a dois de Abril, e D. João de Orelhana. O marques de Cropani com os terços de D. Pedro Ozorio, o maques de Torrecusso, de D. Francisco de Almeida tendo o alojamento mais visinho em S. Bento, marchou com melhor ordem indo na vanguarda D. Henrique de Alagon, e outros cappitães. Para este quartel estavam tigelados dois mil homens, mas em nenhum dos terços avia toda gente porque D. Francisco de Almeida não tinha em terra mas que sua companhia e os fidalgos aventureiros de sua almiranta, e a companhia de Gonçalo de Sousa. De todos estes não averia no quartel quarenta por andarem com dos terços de Torrecusso, e muitos de D. Pedro Ozorio acupados em conduzir a artilharia que desembarcada na praia de S. Antonio pera ambos os quarteis não se avendo ainda feito coula do caminho pelo porto de agua dos meninos) se levava grandissima defeculdade posto que a gente da terra acudio com cuidado pela ordem que tinha dado D. Francisco de Moura. Mas com grandissima diferença asistio Estevam de Brito Freire, fidalgo rico naquella Bahya

que em Lisboa se ofereceu para a impresa vensendo o que parecia impocibilidade, a fraqueza corporal da convalesencia de huma larga e grande enfermidade. Muito desejou levar comsigo a Gaspar de Brito seu filho herdeiro e casado o que não ouve efeito por certo embaraço. Parece que o gosto lhe esforçou a natureza, achando-se no mar com grande melhoria e depois em terra com saude. Foi de muita importancia sua presença porque serviu com seus criados com duzentos escravos de seus engenhos, barcos, carros e bois tudo de mui grande utilidade, porque como em Espanha se não tratou mais que de oito canhões para a expugnação, para perto de quarenta que se levaram aos quarteis yam mui faltos de carros matos, cabrilhas encavalgamentos, e os mais petrechos inescusaveis, ao que se juntava pouquissimos gastadores pera levar artilheria, monições, alhanar caminhos, desmontar bosques, faltando quasy em tudo o de que tinham informado a S. M., e terem tão fracos aquelles negros e naturaes neste genero de serviço que quatro, sinquo faziam apenas o que hum bom trabalhador. Aquella noite depois de desembarcados os fidalgos sayo D. Manuel em sua falua reconhecer a marinha, chegando ao pé da armada olandesa, avisando ainda a volta a toda a armada tivesse boa vigia, estivesse sobre huma ancora aboyada que largasse por mão pera seguir a inimiga fazendo se á vela. Para assistir a estas e outras ocupações se discreptou de toda as outras transferindo em D. Francisco de Moura toda a jurisdição que S. M. lhe dava em terra e na gente que melitava debaixo da sua bandeira. Hyam-se ajuntando aos quarteis, comessavam a ordenar suas barracas a quem não coube casa de alojamento. Tal foy a apreenção que se fez de que por nenhum caso sayria o inimigo que todos se chegaram á cidade sem

modo de valados, ou trincheiras, sem disposição de portas ou sentinelas, sendo asy que o inimigo se não descuidava, disparando prodigamente a artilharia sentindo que se lhe chegavam. Esta apreenção tenho por causa principal do ruim successo de dois de Abril no quartel de S. Bento, desgraça para todo o tempo notavel, em principio da impresa de muito ruim pronostico, e mayor consideração, ocupada a mayor parte da gente em sobir a artilheria, estava a outra em descuido qual poderia ter em suas casas, e porque a calma daquellas partes é grande, e aquelle dia se dava a sentir mais pelo cansaso com que tinham chegado se começaram a despir descuidando-se das armas. Não perden a ocasião o inimigo; fez huma sortida que pareseo de cento e cincoenta mosqueteiros por baixo da porta de Santa Lusia, e rua que vae para S. Bento. Comessaram a degolar sem aver violencia. O mestre de campo D. Pedro Ozorio como era valente fidalgo, soldado velho, os investiu com huma cana na mão dando voses aos seus animando-os com resolução digna de seus avos. Acodio o mestre de campo general da quem a idade não demenuya o animo se bem as forças. Diogo Rodrigues, e Pedro Correa da Gama sargento menor do terço de D. Francisco de Almeida valentes soldados de Flandres se mostravam com valor notavel. D. Francisco de Faro como estava em Almilha de lenço branco tomando a peça nas mãos com que foy exemplo a quatorze ou quinze que o seguiram, e com o capitão D. João de Guviria moço valente e de gentis partes que assistio com os mosqueteiros que achou de morrões acesos se oppoz ao impeto do inimigo e o susteve. O capitão Lourenço de Brito que fôra aly mandado asistir com sua companhia como pratico daquelles postos, e tinha na rua por onde passavam o seu corpo de guarda se

portou naquelle aperto como valente soldado: dada sua carga se recolheu o inimigo até nisto acordado porque levou nos espanhoes que o seguam até os meterem debaixo da sua artilheria, descobertos e de mui perto, Dos reparos junto a porta os receberam com muitas balas de mosquete, e da porta que se abrio para recolher os seus, com semelhãnte carga de artilheria meuda cargada com lanternas, e pedaços de ferro com que fizera grande destroso. O Capitão Luiz da Gama portuguezes se asinalou notavelmente, e não menos Simão de Vianna alferes da companhia de D. Francisco de Almeida, e Francisco Carrilho pardo de côr, mui valente soldado se adiantou muito com grande valor com que ahy foy morto como os dois que sendo nomeados acharam aly Duarte Rebello, Antonio Rebello e João de Sousa filho de(*) provedor das armadas navaes do Algarve; feriram Antonio Rebello levemente e a João de Sousa de hum mosquetaço de que cayo e o tiverampor morto, chegou Duarte Rebello e ouvindo esta nova passou adiante sem parar com grande pressa dizendo aos que ficavam que o encomendase a dois foy desigualissima a perda de D. Pedro Ozorio, morto de hum balaso pessoa da mais principaes de todo o exercito por nobreza, por valor, por experiencia deixando geralmente sentimento notavel como merese em semelhantes ocasiões a perda de tantas partes, e calidades. O habito de S. Francisco de quem se não esperão vanlentias sublimavam mais a do padre frei (**) confessor e cotinuo companheiro do Marques de Cropani que com grande constancia se andava metendo aondè era mayor o aperto, e confusão. Morreo neste conflito D. Francisco Manuel do babito de

(*) Não traz o nome o original.

(**) Falta igualmente o nome no manuscripto d'onde se estrahiu esta copia.

S. João capitão de infanteria do terço de D. Francisco Ozorio. Foram feridos D. Alonso da Gama capitão de picas sobrinho do almirante D. Alonso de Moxica e morreu ao terceiro dia. D. Pedro de S. Estevam capitão de arcabuzeiros sobrinho do mestre de Campo general que morreo brevemente da ferida Feriram com um mosquetaço na mão direita ao capitão D. Henrique de Alagon fidalgo moço de gran calidade, que estava com os de vanguardia. Os capitães Diogo de Espinosa, D. Diogo de Ramires de Maro, fidalgo rico visinho de Madrid, D. Diogo de Gusmão filho de D. Pedro de Gusmão Erdado, sobrinho do patriaca arcebispo de Sevilha, D. Diogo de Malva, e outros muitos soldados contando-se entre mortos e feridos cento e noventa e cinco pessoas. Alguns pelas espaldes com rumor que os espanhoes visinhos que acudiram tarde atiravam de longe os matavam. Os Olandezes fizeram sua facção em trassa, valor e sem custo. Hum faltou que D. Francisco de Faro amarrou e entregou amarrado Melhor sorte foi Deus servido dar a Espanha nos meos e nos fins. Daly por diante se passavam com mais recato senão foi alguma ora a cautela demasiada. Contam-se de uns rozins que huma noite se soltaram e de hum boy por outra vez que fizeram reparar a alguns com a imaginação da sortida passada. Aquella noite desampararam os rebeldes o forte Tapagipe deixando alguma polvora e monições, e algumas peças de artilheria de que logo correo fama avida por certa que fora treta pera voar os nossos que o fossem ocupar deixando no meo da praça huma abobeda chea de polvora hum morrão aceso com medida proporcionada ao tempo que terminaram pera o incendio, que a isto acudira Deus por meo de hum soldado que arrojando-se anticipadamente apagou o morrão. Encarecimento como os demais. Tinham os Olandezes feito

quella abobeda, como tudo o mais, mui a preposito para conservar sua polvora enxuta, era forrada de taboado bem coberta com um quartel que a defendia das injurias do tempo, e de bombas, ou granadas se inimigo lhe lanrase. Na mesma noite ja bem tarde levou Chritovão de Mendoça a D. Manuel, huma carta de D. Fadrique em que dizia que havia dois dias que estava tam junto ao inimigo daquella parte do Carmo que a mosqueteria passava pelas cabeça sem ter com que se cobrir, o que não se pondo em efeito aquella noite seria mui danoso; pedia que logo lhe mandasse todas as chalupas que podesse carregadas de pás, enxadas, picos, machados, fouces, esportas; que se não detivessem senão que logo que huma que podesse, se desse preça em chegar, que o inimigo era soldado e bem o mostrava, mas que esperava em Deos que a ia de pagar seu pecado. Foy a pressa conforme a necessidade. Na mesma noite em breve espaço foy da quelles petrechos grandes cantidade de carpinteiros juntamente pera os encavar. Desembarcou tudo em Agua dos Meninos aonde estavam duzentos soldados de guarda. Já estava reconhecido quanto se enganavam os dos assaltos, he mostrar despreso do inimigo cousa danosissima na guerra ainda que os inimigos não fosse Olandeses gente de valor como tem mostrado. Dizia-se depois que em estado esteve a gente desaquartelada que se o inimigo se resolvera a outra sortida poria tudo em grande risco; o que não pôde negar he que fôra peor a tarde que o meo dia em que a sortida se fez se quando os primeiros se recolheram sayssem duzentos de refresco pela mesma porta com grande defeculdade se salvariam as bandeiras que estavam juntas mas sem ordem de frente nem valado. Tal foy a desordem daquella ora que dizia o Marques de Cropani (segundo se conta) que muitos dos capitães que aly

mui grande desejo de asertar em tudo. D. Manuel acudia sem poder a tudo. Pessoas ouve que se deitavam ao mar nas chalupas e canoas que tinham a bordo, outras acodiam ás portinholas baixas pera se deitarem; foy o aperto como se pode imaginar. O navio se fez na volta de noroeste e logo ao norte sempre com a senda na mão. Acudiram os capitães Diogo de Varajão, e Cosmo do Couto. a este encarregou D. Manuel fosse ao navio de fogo que parecia vinha seguindo, e lhe cortasse a falua que costumam trazer para se salvar quem governa emquanto o fogo não esperta; pera o acompanhar ouve grande competencia entre soldados do terço querendo cada um ser o primeiro. Como vio que o incendio tinha declinado na maior força, mandou voltar sobre elle, e vendo tudo abrasado acudiu a tomar o passo aos navios olandezes se acaso fosse aquelle ardid pera se fazer a vela; e achando tudo quieto ocupou seu posto, e pela manhã estava sobre a ancora que deixava aboyada. Os mais navios amanheceram desviados alguns mui longe que a tudo do lugar a vasta capacidade da fermosa Bahya. Considerou-se a desgraça do inimigo, não digo no efeito que não surtiram seus navios, porque verdadeiramente defecultoso sera de conseguir em bahya tão larga, em que a corrente da maré não ajudava contra os principaes que pretendia consumir mas de não cair em conta tam achada como esperar que os navios se chegassem mais e eilos fazendo pedaços cada dia sem dano seu consideravel, pela diferença que vai de bater de plataforma, e ser batido de navios, e sempre lhe ficava lugar se visem sesudos os Espanhoes em não ensestir (do que duvido muito que fosse) de largar o vento ás velas de seus navios de fogo Não foy este o mayor trabalho que D. Manuel padeceu estando em sua capitana com poucos que o podessem ajudar

posto que foy mais intenço. Porque se fosse necessario acodir com bastimentos e vinho a gente de terra nem tinha officiaes nem barcos que os levasem estando os dos engenhos rotos, metidos pelos esteiros, e os que avia de serviço oferecidos por seus donos a D. Fadrique, outros tomados por seus officiaes, ou de D. João Fajardo para desembarcar a artilheria, petrechos, munições, vigas, barrotes, tabões para esplanadas, immensidade de taboas pera almaseis, e barracas. Deixada esta deficuldade não tinha officiaes que na praia o recebesem, almaseis em que os recolhessem, quem os levase aos quarteis, quem os destribuise, sendo necessario para isto muitos officiaes que na armada não avia nem pessoas de talento para semelhante negocio. Era necessario que o auditor geral fizesse com o seu officio o de provedor mor das armadas o exercito e dos pretrechos que eram muitos, de veedor general; de tenedor de bastimentos e despenseiro hum soldado que era escrivão da nao, ordinário em todos os navios para asistir as resois, porque mostrou deficiencia; fazia juntamente o oficio de escrivão do auditor, e do officio do provedor. E sendo impocivel cada um acudir a tanto, nem a mayor parte tudo se esperdiçava. Fizeram muitos sacos de lona gastando-se nisso as morretas, e vellas velhas. Estes so um carrinho faziam porque em chegando cada hum sargento levava os que queria e nunca mais tornavam. Ordenouse levar o vinho em botijas porque não acudiam carros ao serviço da coroa de Portugal, nem avia mais comodidade do que se fora de Olanda. Estas tiveram o mesmo fim; tudo se repartia avontade dos sargentos, e ainda dos inferiores sem mais limites nas resoes que o que sua boca pronunciava, nenhuma vedoria, nenhuma contadoria, nenhuma ordem. Acontesia chalupas irem carregadas de bisçouto

estavam eram indignos de guineta por falta, e desacordo que sentio. Hyase aquartelando o exercito pela parte do Carmo, e S. Bento com grande cuidado e deligencia mostrava-se natural fervor nos senhores e fidalgos portuguezes no cortar e levar as costas a faxina, e mayor nos que foram criados com mais regalo. Estenderam-se ramos de trincheiras visinhas ao inimigo, ordenaram-se plataformas. Lusia muito o trabalho nas mãos do terço de Napoles em que se não havia mais de mil quatrocentos e cincoenta (ficavam ôs mais na armada) todos mancebos nos annos eram soldados velhos reliquia do terço do valente mestre de campo Carlos Spineli, cujo sobrinho emitador era o Marques de Torrecusso que os governava. Deram-se tal preça que a sinquo de Abril a tarde comessaram bater a cidade da primeira plataforma que fizeram na faxalda do monte de S. Bento descoberta ao mar. Pela parte de terra se apertava o sitio, e no mar era grande a competencia a quem mais se chegaria á armada inimiga, e por atalhar excessos asentaram os generaes D. João Fajardo e D. Manuel de Menezes se coroase dos navios de mais força de fora em outra grinalda mais espalhada ficasse os inferiores resolutos a atarse por espias para dar carga ao inimigo, e dada virar sobre suas ancoras ocupando o primeiro posto. Muita artilheria fugou naquella tarde dos navios e forte novo, muitas mais balas lhe tiraram os espanhoes foy para ver e retratar a ordem em que tudo estava: diante as cappitanas reaes de Castella, Portugal e estreito, e a de Napoles, a de quatro vilhas e suas almirantas, e outros navios de gram força, a de Biscaya com seu general Martim de Valhesilha, estavam outros dois navios de guarda na porta de S. Antonio para fazer sinal se visse a armada de socorro. Tendo prevenido tudo D. Fadrique como

general de tanta experiencia, e valor sobre sua grande calidade; como estavam os navios perto do inimigo faziam circumferencia pequena em que pelos mares se ajuntavam demasiadamente, asy aconteceu aquella tarde ficar quasy embaraçadas as tres reaes. Avia ordem precisa que todas as noites fossem de guarda algumas chalupas da armada a reconhecer os navios olandeses se avia nelles movimento para se escaparem. Logo a primeira noite prevenindo as falúas se fizeram a vela dois navios avendo precedido desparar-se alguma artilheria sem balas seria para levantar fumo com que as velas se encobrissem. O vento era leste que as trasia em popa pera as cappitanas que estavam naquelle estado. Logo que se viram se advertio seriam as de fogo que ellas não encobriram tirando bombas, e coetes e asendendo-se imediatamente fizeram notavel aparencia de fumarada negra espessa e lavaredas grandes por entre ella. Com tal vento e boas velas se chegaram tão depressa que estando tudo prevenido, ancoras aboyadas para largar, correram risco a de Portugal. e a do Estreito e mayor suas almirantas. Jorge Mexia se vio quasy abordado, e muito mais Roque Senteno almirantes, fizeram-se todos a vela e a todos pareceu tarde posto que estavam a ponto que não havia mais que desfraldar traquete, e cassar escotas. D. Manuel se vio em grande aperto pela doença de Gouvea mestre da cappitana, posto que asy acudio com grande resolução animando a muitos. Alguns marinheiros dos Bones tinham saydo sem licença a sombra dos fidalgos cujas despenças tinham a cargo. Dos inorantes aviam muitos que acresentavam a confusão uma e outra gente de mar e guerra e embarcava sem aver official que acudisse a amostrar-lhes os cabos com que se avia de marear mostrando os soldados do terço

dido lhe chamavam) na subida na desembarcação impoci-bilidades. Afastaramse penedos com facilidade, cortouse outro pedaço de caminho desmontadose bosque por onde pedesse voltar a artilheria em cavalgada ; fese uma caleta por onde os Bate'óis as deitavam em terra. Mostrou o effeito o acerto da traça porque em menos de ora e mea se punham em cima peças de vinte e sinquo libras, com pressa notavel subiam as munições e bastimento. A facilidade de tudo dobrava o gosto de servir. Neste trabalho se avantajou muito o governador Francisco de Valhesilha, valente soldado e pratico marinheiro, irmão do general Martim de Valhesilha. Pela parte do norte subia a artilheria da praya da Agua dos meninos com mayor trabalho, mas supria tudo a asistencia do general D. Francisco de Azevedo, que pondo as mãos a tudo molhado e enlodado dava exemplo a que nenhum se escusase. Com a facilidade que se vio do porto a que chamaram Novo, nome que parece lhe ficara eternamente, ordenaram que por elle subisse a artilheria para o quartel do Carmo, por um atalho que se descobrio por onde se comunicavam os quarteis. A seis de Abril a tarde foi ferido Martim Afonso de Oliveira senhor do morgado daquelle nome no quartel do Carmo de huma bala de artilheria de que morreu dentro de vinte horas passadas com grande constancia entre terriveis dores por lhe averem por boa cura (que por o surugião mor da armada de Portugal que depois chegou por reprovada) serrada a perna caso verdadeiramente se ha outro lastimoso. Porque nem foi entrincheirado nem em conflito de guerra mas asentado em casa do Conde de S. João seu cunhado como posto a cavallo sobre o peitoril de huma janella, ao parecer de todos mui longe de tal perigo. Disiam fora a bala resortida da parede fronteira outros considerando o sitio e achando isto impo-

civel afirmavam ser tirada com certa elevação, mas com não ouve outras disiam devia de chegar que brada a força passando paredes e dando por alguns telhados. Era este fidalgo de honrado valor; e como erdado de sua casa desde menino, e casado em mancebo não servia. Mas a affeição ao serviço de S. M. se encobre mal em peitos generosos. Servio depois em muitas ocasiões dando-se grandissima pressa como pesoroso do tempo perdido, e temeroso da brevidade do futuro. Embarcou-se nesta jornada afirmando-lhe os surugiões que se arriscava muito por certo achaque de qual actualmente se curava. Fugio do pronostico burlesco de hum amigo que sempre lhe disia, vendo o afeiçoado as armadas, que não queria senão morrer afogado, e não da morte (contingencias do tempo) que nellas foi buscar. S. M. o honrou muito nas palavras com que manifestou o sentimento de sua morte a sua mulher, pessoa de muita calydade, irmãa do Conde Sortella. E o Conde Duque com outros de igual sentimento, e lembrança de satisfação com que S. M. por seus reaes olhos com merces naquella casa. O dia seguinte chegou Lourenço Cavalcante de Albuquerque do morro de S. Paulo avendo-se retirado a huma abra seis leguas pera o sul em hum navio grande com quatorze peças de artilheria aprestado em Pernambuco por ordem de S. M. pelo governador seu parente. Acompanhavam no aventureiro, mui lusidos huns a sua propria custa, outros a do capitão: aquella parte se tinha retirado de huma briga que tivera vindo para entrar na Bahya com hum patacho olandez, segundo disia de dezoito peças de que ficava destrossado. Continuava-se da plataforma dos italianos a bateria da cidade com quatro meos canhões ea da armada inimiga do quartel do Carmo com seis de que começaram sentir o dano alguns navios em alguns paos,

estar dois dias na praya sem aver, como estava consertado; quem dos quarteis desse ordem para se tirar e molhando-se ficar inutil pera se levar. Em faltando tudo era queixas a D. Fadrique culpando D. Manuel; avia cartas e respostas de que se colegia a boa fidalguia de aquelle e desejo de acomodar tudo, e a verdade deste posta em campo contra as injustas culpas causadas pela ausencia. Diziam que mandasem officiaes assistentes em cada quartel y outros de pluma para que la gente tuviese sus raciones y no las llevase demasyadas. Respondia que em Portugal e suas armadas não avia mais pluma que a de hum escrivão para fazerem descargas dos navios cada hum no seu, hum só despenseiro hum olheiro que na cappitana era o general, em cada navio hum capitão que naquella ocasião estava em terra. Pedia-lhe fizesse merce de não crer acusações porque em outra cousa não trabalhava que em mandar bastimentos, o que bem se vio pois quando chegou o biscouto em sacos, como sempre avia receios que não fortasem, e vinho em botijas ao quartel do Carmo não avia la outro, e delle comeram e beberam Castelhanos e Portuguezes; de mandar tambem que do que avia para huns se provesem todos e iria acudindo por todos os modos que achase. Desta maneira se concluyo, como se vê nas palavras seguintes de de uma carta de seis de Abril. Tengo lastima a V. S.ª de la poca ajuda con que se alla de ministros y officiales y sin ellos neguna con se puede executar ny abreviar porque alla hade aver quien despache, y aqui quien receba he tratado que el tenedor de bastimentos del armada que se halla aqui en tierra recibe todo cuanto V. S.ª lhe enbiar. Sy V. S.ª gostar dello con que tendra V. S.ª descanso, y la hacienda buen paradero porque el recebir y entregar se hace con cuenta y razon.... Yo he mandado que do que aqua tubie-

remos se reparta . . . . . Satisfeitos ficavam com isto os daquelle quartel. D. Manuel conhecendo o enleo dando-se por vencido calava. conhecendo que não avia tomar mostra de gente, nem baixa de reçoes dos ausentes que eram muitos, espalhados alguns pelos engenhos, outros que contava na tomarem reção, E contando se naquelle quartel mil quinhentos e quarenta e oito reçoes, avia queixas de que era menor o numero da gente. Valiam-se das ordens de Castella na medida e nas reçoes mostras contra o regimento de Portugal. Emfim asy se foy passando entre apertos e liberalidade. Verdadeiro é o encarecimento do engenho da necessidade. Veo com oculo huma cenda apagada que apenas aparecia huma parte della por entre a rama que veste a montanha, sobre que está o mosteiro de S. Bento, paresei-lhe seria caminho antigo que baixase a marinha por onde se poderia communicar com grande comodidade com a armada aquelle quartel. Dando conta a D. João Fajardo reconheceram o citio a sinquo de Abril. E por entre o bosque seguiram ao quartel a visitar os amigos pos que com grande trabalho porque a senda não passava do meo do caminho (em que avia pedreira velha) começando do alto Comtudo se resolveram ao trabalho porque em voltas parece se podia subir com bastimentos que hiam por S. Antonio huma legua de mar outra de terra por maos caminho Puzeram se as mãos da gente bicaynha a desmontar, rossar e esplanar, foyse mostrando o caminho airoso coberto de huma e outra parte de frondoso arvoredo. Foi necessario em algum logar cortar eminencias, e n'outro encher os baixos, atravessar outro com vigotas, e faxina com que tudo ficou de maneira que se esperou: mais do que de antes se pretendia. Pareceu que por elle subiria a artilheria para o quartel de S. Bento. Viéram engenheiros acharam defeculdade (trabalho per-

e obras mortas, estes desemulavam com muitas bandeiras galhardetes, e quizeram atalhar, e atalharam plantando algumas peças em huma eminencia, junto ao collegio da companhia com que feriram e mataram alguns e destruiram algumas peças. Durou a perfia poucos dias, porque matando hum cabo que asestia a plataforma ficou desemparada. A cappitana olandesa que ficava como alvo de todas as balas sentio o mayor dano, entrando-lhe a agua pela rotura das balas assentou a proa e ficou direita, e inteira na aparencia. Consideravam os praticos a necessidade de engenheiros, por ser aquella plataforma feita em lugar mui alto donde se tirava aos navios compendio quasy de mea esquadria podendo ser quão baixa quizesse e ficar excelente. E bem seria que a tudo dava a mayor pressa pelo temor do tempo tão entrado. A esplanada fora pouco funda com que ficou com mui fraca espalda decoberta ao inimigo. A nove daquelle mes fugio pera o exercito hum francez que encareceu o dano que da parte de S. Bento se faria na cidade, derrubando todas as defenças, arruinando as paredes que as balas achavam diante. Que avia entre as nações Ing'ezes, Francezes, Allemães, Flamengos descobertas desavenças não se fiando huns dos outros. Que no campo e armada não havia que temer se não algum navio de fogo. Que tinha polvora, munições e bastimentos pera seis meses. D. Fadrique se cansava muito parecendo-lhe que corria com varar o sitio, considerado o inverno visinho, e o tempo limitado de monsão pera a volta de Espanha. Entendeu que aprestar muito e com muita brevidade curava tudo, quiz ocupar outro posto muito a proposito, junto á fonte nova, que chamaram das palmas por algumas que aly avia. Encaregado disto o mestre de campo D. João de Orellana pedio mil e quinhentos homens, sobre o que D. Fadrique

escreveu a D. Manuel que lhe respondeu que pedia justiça D. João. Avisou logo D. João Fajardo que ficando as cappitanas e almirantas com sua infanteria tirasse dos outros navios daquella coroa mil homens e que ficasse com a gente do mar, e de guerra a que podesse. D. João dando conta disto a D. Manuel lhe pedio socorro de duzentos homens, o qual consyderando a pouquissima gente de alguns naviose, a importancia daquelle posto tirou a infanteria do navio de Bento do Rego, e de outro de Diogo Ferreira e alguma de Santa Cruz encheu o numero e a enviou a ordem de seus capitães. Do posto que se ocupou presentio o dano o inimigo por lhe ficar a cavaleiro, e mui visinho trabalhou por lhe pedir tirando pera aquella parte muita artilheria. As ocupações de D. Fadrique eram mui grandes tendo assaz a que atender no quartel do Carmo, visitando os postos muitas vezes e reconhecendo as forças do inimigo, plataformas que levantava, fortificações que fazia com trabalho de dia e de noite, e tendo em S. Bento o mestre de campo general soldado velho de bastante experiencia acompanhado das pessoas que havia naquelles terços descançava algum tanto nelle, e por ser a distancia grande de hum a outro quartel não acudia a visital-o. Terça-feira 15 de Abril avistou achando-se com elle D. João Fajardo, e D. Manuel de Menezes. Ordenou que daly se desse cem homens com dois capitães pera o posto que ocupava (o que se pode fazer com menos descomodidade pela companhia de Lourenço Cavalcanti que D. Manuel mandara aquelle quartel logo que chegou) que do Carmo se deviam de dar tres ou quatro companhias, com que se prefizesse os mil e quinhentos homens. Não faltaram invejosos que mudado o nome chamaram desunido a falta de tempo de D. Fadrique. Alegavam o Marques Spinela mui continuo nas visitas dos

quarteis posto que distantes e tivesse tal pessoa em que descançar como a de D. Gonçalo de Cordova. Ajuntavam a isto o de que fariam grande culpa que a armada ficava no ultimo desamparo, porque a de Portugal constava de sinquo ou seis navios de força sendo os mais de pouca consyderação e na de Castella não avia infanteria n'outras que cappitanas e almirantas e nessas não mui sobrada; que seria aparecendo o socorro que cada hora esperavam? que forças para o vencer e pôr em fugida? impedindo-lhe meter o socorro na cidade! Se avia de acodir a infanteria deixando os quarteis e seus postos? que o quizesse fazer com que tempo? com que barcos? em que prayas de mares brandas se aviam de embarcar? que resolução tomariam os sitiados com a vista de 86 velas que esperavem vendo despejar os portos pera socorro da armada inimiga? e outras queixas ordinarias de inferiores de que não podem exentarse os superiores ainda os de taes procedimentos como D. Fadrique de Toledo. A.º que se intentava de lançar com a jusante da maré huma caravela e alguns barcos com machinas de fogo costumadas pera queimar a armada Olandeza se mostrou oposto D Manuel de Menezes dizendo que não chegariam aos navios que estavam provenidos tudo tendo por trincheiras bucos velhos afundados, que estavam guarnecidos de mosqueteria que entrava de guarda todas as noites, que como tão espertos estarião com toda a vigia necessaria, não seria mais que dar-lhes materia de riso, e mostrar que não cayam os espanhoes nestas e outras prevenções que estavam prontas. Pareceu conveniente que o forte de S. Antonio se artilhase e presediase. Para isto tirou D. Manuel da sua armada sete peças de artilheria e com o governador Francisco de Valhesilha subiram em o dia sinquo, e deixaram em cavalgadas e com ellas o Condestable que tinha ydo no navio S. João, e

sinquo artilheiros que lhe assistiam, e as outras duas pera se porem ao outro dia em seus reparos. No quartel de S. Bento avia grandes desgostos e desavensas porque levando D. Fadrique comsigo o mestre de campo general, deixara ordenado que o Marques e D. Francisco de Almeida governasem alternativamente (16 Abril) Queixa vase D. Francisco de sua desgraça cabendolhe em sorte darse nelle principio, a que gente italiana ou de outra nação não estivesem a ordem da Espanhola. Todos os soldados de Flandres disiam que era intredução inevitavelmente guardada que nem hum sargento maior espanhol estivesse á ordem de hum mestre de campo estrangeiro. Escreveu D. Manuel a D. Fadrique encarecendolhe as queixas de D. Franeisco, não permitise S. S.ª que hum fidalgo portuguez que las cans e calydade se queixase podendo remediar con justiça clara e sem escandalo, e ao que se dizia entre os soldados quando D. Francisco pretendeu desembarcar em terra que não era mais que governador do terço sem titulo de mestre de campo tinha dito a S. S.ª que com este o tinha ouvido nomear a Ruy da Sylva do conselho d'Estado veedor da fazenda de S. M. na repartição das armadas. Comtudo não ouve remedio para que isto se melhorase pela patente que faltava Tendo D. Manuel de Menezes dado para o forte de S. Antonio a artilheria que podia escusar de sua armada pelo de Castella pretendendo fazer junto da praya huma plataforma donde prometia fazer grande dano a armada inimiga. Sendo aprovado o seu intento se lhe levaram a terra duas peças de desoito libras; fez para estas huma plataforma em mea ladeira do monte, afundandoa tanto que pela parte alta ficava huma pica, pela fronteira espalda natural imensa, pera o ponente um parapeito para o mar grosissimo de tudo que se afundava e de toda a terra que se tinha tirado, não só

segura de canhão mas fora de todo o receo. E reconhecendo outro posto mais a preposito por mais visinho ao mar, e ao inimigo fez outra semilhante em que pos huma das peças e destas duas plataformas se tirava com grande dano da armada inimiga. Vendo que seu trabalho dava bom fruto louvado de todos se adiantou mais de cem paços e comessou a esplanar e por em ordem outra plataforma que sendo cubiçada por D. João Fajardo lha largou reconhecendo na mesma ora outro posto adiante melhorado aonde fez outra. E considerando que o dano notavel de duas peças remediava o inimigo acudindo com pranchas a seus navios se adiantou tanto que sem dar grandes vozes era ouvido delle; entre aquelle bosque fez a quarta plataforma para dois salres pequenos nem podia ir outras peças porque aviam de romper bosques e passar por despenhaderos, o que com pequena carga poude pôr em efeito com muito trabalho. Estes tiravam saquinhos de balas de mosquete a hum reducto de muita gente junto á praya da ponta do Sul. Bem trabalhou o inimigo de estrovar esta plataforma com mais força que as primeiras fazendo outra em hum sobrado de huma casa alta mui bem escorada aonde plantaram quatro saques com que tirando sempre faziam ariscado o trabalho da plataforma. Carregando aly com muita mosqueteria com que mataram e feriram alguns entre elles a Manuel de Faria mui bom soldado do terço que estava de guarda da polvora falando com D. Manuel, este morreu de huma bala de hum mosquete que lhe atravessou as fontes. Estava com elle João de Araujo seu irmão que vendo o outro morto em seus braços comessou a lamentalo. O alferes Ignacio de Mendonça e Vasconcellos governador da infanteria que cobria as plataformas tomando-o pelo braço disse: isto não é tempo de chorar vamos vingar a morte de vosso irmão,

levantando o venabulo levou comsigo os primeiros que achou, e passando por alguma molesa que aly avia se pos em campanha rasa, revestiu as trincheiras e metendose pelo bosque com grande valor se pos as mosquetadas com o inimigo. Foy aquelle dia de grande confusão a huns e grande desembaraço a outros, que desemparados os postos acolheram seguindo o seu cappitão. Achavamse emfim com as cargas dos sacres os navios desemparados do socorro de sua gente, e sussecivamente comessando pelos de mais perto, comessaram a cahir metendo as gaveas no mar, e se o jogo durara mais tiveram todos o mesmo fim, porque nenhum durava um dia inteiro. D. João Fajardo visitava aquelles portos muitas vezes e trabalhava com grandissima assistencia em fazer conduzir aos quarteis artilheria, e mo nições acudindo com officiaes carpinteiros pera adereçar os reparos das peças que quebravam muitas vezes, na ora em que se pediam ao general Martim de Valhesilha se devia maior parte do facto deste trabalho porque em tudo se achou sempre com D. Manuel, ordenando, mandando e obrando por suas máos apontando com elle as peças com arte e valor, amanhecendo e anoitecendo com elle muitas vezes nas plataformas, aonde todos os dias acudia sofrendo as calmas do Brazil, enterrado nos baixos da plataforma Com elle se achou tambem Pedro Cesar de Esa acompanhando sem aver falta todos os dias com o valor erdado de seus avôs. Não descansava Torrecusso trabalhado por se chegar mais á cidade estendendo os ramos das trincheiras ate hum bosque de larangeiras aonde fez duas plataformas; a este posto chamaram o do Naranyos pelas muitas larangeiras que aly cortaram; na maior jugação huma camarada de quatro meos canhões, e na outra um sacre e um meo canhão, com que arrasava tudo o oposto sem resistencia

nenhuma. Desmoronavamse os baluartes rodando as pipas terraplenadas, cayam os edificios de pedra e cal, não avia peça do inimigo que durasse porque logo em tirando de logar novo era desencavalgada. E porque aquelle posto estava já visinho de S. Bento com os seus quatro centos e cincuenta italianos que no trabalho pareciam mil e quinhentos abrio hum ramo de trincheira com que se deu a mão com aquelle posto que ocupavam os portuguezes. Considerei aquella industria e folguei de aprender a caminhar seguro das balas de mosquete, estando tão perto que chegariam pistolas. Em balde trabalharia o inimigo se quizesse canhoneala pela grossura de pé em que se fundava era tambem metida a fachina com a terra que a fazia mossica notavelmente, a escarpa mui bem ordenada. Pelo interior seu fossete e banqueta por onde se passava seguramente e os mosqueteiros ficavam muí a preposito, não se fazia vara que logo se não cobrisse com soldado. Toda hya guarnecida de saquinhos de terra desencontrados para frontaria e guarda de soldados. E posto que esta é a ordem que ordinariamente se deve guardar nem sempre se faz a obra com tanta perfeição. Lembra-me que em pé passava sem receyo dos italianos ao posto dos portuguezes. O terço de D. Pedro Ozorio que estava a cargo de D. João de Betrian seu sargento mayor, hya-se por sua parte igualando quanto podia na distancia do inimigo com os italianos continuando com suas trincheiras. No posto de S. Bento que ocupava D. Francisco de Almeida avia menos gente de trabalho, com tudo se abriam trincheiras, com grande perigo, e se fez huma plataforma para quatro canhões. O posto das palmas se ocupou com pouco dano, ordenando-se fronte de bandeiras. Levantaram-se algumas barracas, lavrou-se huma trincheira em mea lua, com terra e fachina, que o mesmo

lugar lhe dava; comessou-se outra espalda como ponta de diamante. Pera se levar a artilheria a este posto avia muita defeculdade avendo-se de atravessar huma terra alagadissa por onde desaguam as aguas do lago que os rebeldes fizeram e vão cahyr a agua dos meninos. Aqui se fez huma ponte de vigas arrancadas das casas aonde se achavam acabando-se tudo brevemente pelo trabalho e industria de Tristão de Mendonça Furtado que a tomara á sua conta. Não lusia menos o seu trabalho em levar a artilheria para esta e outras partes. Neste ponto matou huma bala de artilheria antes que a sua se planta-se ao capitão Diogo Ferreira de Vianna, cuja morte pelas consequencias fora principio de alguns desgostos entre os generaes se fora outra sua natureza porque avendo pretensor para o gineta porque qualquer modo que fosse, não achando outro se pedio a companhia a D. Fadrique contando se que a prometera. Foi D. Manuel avisado de que estava provida. Escreveu a D. Fadrique em sustancia que os officios e companhias que vagase na armada e exercito de Portugal avia de prover conforme S. M. detreminara, mormente que a companhia não chegava a vinte e sinquo soldados porque os aventureiros que levava estavam em terra desde o primeiro dia que comessou a desembarcar a gente; que estes se podiam repartir pelas companhias de Bento do Rego, e Constantino de Mello que estava no mesmo estado. Consydero em algum ocioso, visto não poder ser aquella ocasião e negociação em odio de D. Manuel que o não merecia, se podia tanto o desejo de avantajar hum amigo que puzesse em risco a jurisdição de Portugal em ponto de tantas consequencias, podera este entremes picar mais por cahir sobre huma prisão que o dia de antes fizera o auditor geral castelhano pessoa sezuda, de calydade, e boas letras mas nisto arrojado, e não sem

risco de D. Manuel, como estava ocupado com suas plataformas se achava no mar. Queixou-se hum nestiço soldado de D. Francisco de Moura a D. Fadrique, que hum marinheiro lhe retinha serto escravo e como era necessario mostrar justiça e favor aos naturaes particularmente em materia de queixa de gente do exercito, mandou ao editor fizesse deligencia, indo ao mar achou que era da caravela de Cosme do Couto. Foy a cappitana e como não achou a D. Manuel, passou a caravela e prendeu o marinheiro. O capitão instantemente apertou a remetesse ao auditor geral de Portugal que estava na cappitana aonde todos tres tornaram. O auditor que estava muito enfermo e o espirito neste estado do corpo nem sempre esta pronto, não acodio com os brios de outro tempo. O marinheiro foy levado e preso em corpo de guarda. Mas huma cousa e outra passou bem. A materia de jurisdições he mui perigosa, e cada hum pretende, quando menos, sustentar a sua e mais seguramente os de melhor fortuna, e mal se defendem os limites proprios sem alguma offensa dos confinantes. Pelo quartel do Carmo se não tinha inveja aos italianos porque estavam abertas muitas trincheiras, feita huma plataforma de seis canhões e outra de quatro que se chamou de D. Fadrique por ser o primeiro que elegeo o posto donde se fez muito dano ao inimigo, mas detinha o exercicio da artilheria delas ambas pretendendo que todas as baterias se dessem juntas, em consideração que descarregando estas sem as demais carregaria aly toda a força do inimigo, que entretanto triunfava bravamente tendo sobre o dormitorio dos PP. da companhia, e n'outra plataforma junta oito peças que mataram e feriram muita gente, o que se atalhava com tirar aquella como se vio que em tirando os seis canhões e outro da plataforma donde se batiam primeiro os

navios se fez tanto dano que sessou quasi totalmente a artiheria olandeza; e a morte dos espanhões daquelle dia em lque não ouve mais que hum morto e algum ferido, estes fora da bateria; que nella era impossivel pela boa espalda que teve. Neste mesmo dia 20 de Abril comessou tirar a artilheria do posto de S. Bento que era quatro meos canhões; logo a plataforma de D. Fadrique com outros tantos: em huma parte e n'outra com grande dano das defensas inimigas. Aqui com sucessos notaveis não avendo peça das suas que durasse duas horas sem que logo não fosse desalojada, e descavalgada. A das palmas tardou mais, mas como ficava a cavaleiro, e muy vesinha não deixava plataforma segura, nem reduto, nem parava nada a seis canhões que aly avia; mas como era grande a falta de engenheiros, e hum que era o principal fora morto pouco antes no quartel de S. Bento por hum balaso (era este João Oviedo de nação aragones de habito de Montera muy boa pessoa, disiam que mais destro em artificios de fogo que na fortificação) sayo a esplanada.....sobre as canoneiras, e por isso de tão curta retirada que ficaram as rodas asentadas na terra donde se não podiam tirar sem grande trabalho, e logo depois da primeira carga foy necessario remedear-se a esplanada portugueza a falta de outros. Com a vinda de Salvador de Saa que chegara pouco antes de socorro do Rio Janeiro com cento e oitenta pessoas, disiam que oitenta brancos, os mais indios de arco e frecha (e todos passavam ao posto de S. Bento) ouvo novo genero de alvoroto encarecendo muito a gente do Brasil, a industria e destreza daquelles frecheiros, e a facilidade com que conseguiam qualquer bom effeito com as canoas em que vinham. Contavam de naos olandezas, tomadas pela presteza com que se lhe metiam debaixo da artilheria, e

os espanhões a crer quanto lhe disiam daquella materia não bastando o passado para desenganalos. E verdadeiramente se aquillo se não hade crer como de fee, e tem lugar o discurso para julgar, e os olhos licença para ver defecultosamente se crera o que com facilidade se conta porque são estas embarcações hum tronco de arvore cavado mui esguias, que se não for o pezo por balança subitamente se resolve, os que as governam tristes indios nus todos apinhoados que a bala que lhe der por proa os irá matando em quanto qualquer impeto lhe durar, ainda que balas em taes corpos seriam mal empregadas. A sua destresa ouvi se vira em terra poseram-lhes aos que pareciam escolhidos hum colete de anta não pera alvo que seria afronta para homens que matam hum passarinho pelo ar, cortam com a segunda frecha a primeira que tiram por esses ares quando vem caindo, mas para experimentar a furia que encareciam muito. Erram alguns acertaram dous. Apenas chegou a ponta de huma estando de mui perto a passava ante. Huma das faceis cousas que estes se proposeram foi a queima dos navios de Olanda. Salvador de Sa mancebo brioso pouco lembrado dos preceitos da filosophia, despresador da vida qual fosse a occasião, se offereceo e facilitou a empresa que aviade fazer em suas canoas contra vaso de guerra, e guerra presente mui grandes, mui altas, olandezas aprestaram-se faluas em grande numero providas de camizas, lançois, e mais petrechos de fogo; por cabo dellas o capitão Gaspar de Carrassa por terra se signalassam duzentos homens de guarda se acodisse o inimigo pela praya a defensa de seos navios a ordem de Hyeronimo Serrá capitão de infanteria, e do outro. Isto se passava na tarde de 22 de de Abril em que estando D. Manuel com D. João Fajardo em sua almiranta, entrou aquelle capitão, e fallou apartado. Vinhase

dispedir delle. D. João quiz que D. Manuel soubesse da resolução em que se estava, de que elle se mostrou mui sentido quando não fora pela perda de tão boa pessoa parecendolhe que era injusto não avisarem a D. Fadrique advertindo de seu parecer ainda que sobre tudo dispusese o que lhe parecese. D. João achava o remedio impossivel estando ja o negocio naquelle estado. D. Manuel lhe instou que como conselheiro de guerra estava obrigado a dizer o que lhe parecese melhor covinha ao serviço de S. M. Emfim em nome de ambos escreveu trazendo alguns inconvenientes; e que se estas não fossem bastantes se dilatasse o intento porque era aquelle dia de oposição de lua, e o tempo claro. Se esperassem mais dois dias em que entre a ausencia do sol, e chegada da lua averia alguma sombra com que de alguma maneira se encobrisse ao menos de longe aquella frota de canoas, e faluas. Escreveo tambem a Cropani muy encarecidamente, e D. Manuel a D. Fadrique estendendo mais seu parecer. Que tretas conviriam aos olandezes e não aos espanhoes que a puros canhonassos faziam pedaços seus navios, ao que elle estava determinado de suas plataformas de que se hya vendo o fruto com alguns no fundo. Com estas ou semelhantes palavras entendeu satisfazia com sua magoa, e obrigação, e porque estava ainda bem alto o sol ouve tempo para tudo. Menos bastara para persuadir a D. Fadrique a que parase o intento. Antes por huma rerposta se vio claramente que não fora naquella traça que sem ordem sua se fizera. No fim da carta escrita ja a vinte e tres, dizia estas palavras. Suplico a V. S.ª que por ninguma via se trate de la toma del fortesilho que aviendo-se visto de aca, y reconocido, y tratadolo todas las personas platicas somos todos de parecer de que isso se intente, lo uno por no ser puesto necessario para ganarla tierra, lo otro por que

el inimigo holgará mucho de ver a V. S.ª dentro de el para hacerle pedaços siendo puesto sugeto a toda su fuerza con solas estas dos rasones no ay que pasar alas de mas. El maestro de campo general estando escreviendo esto a hacerme sobre ello nueba instancia, y ay buelvo a suplicar a V. S.ª que dello no se trate por ningun caso. Suponha que D. Manuel intentava entrar por sua pessoa como no campo se desia que poderia fazer quando se falava na boa eleição, e pressa de suas plataformas, passando tanto pelo contrario que fazendo-lhe a sua infanteria que tinha em terra que era mui escolhida muita instancia tomando por medianeiros ao alferes Ignacio de Mendoça, e João do Loureiro para que lhe desse licença, os não admitio, e por nenhum modo estando as cousas naquelles termos sem reconhecer os postos e forças do inimigo, e sem ordem tal não consenteria. E de maneira hya a declinação de força nas defenças que não faltariam atrevidos, o que bem sevio para aquelles dias. João Vidal, Aragones, da companhia de D. Afonso de Lencastre metido entre a malesa chegou ao pé de huma cortina baixa e cayda por onde subio ao terrapleno sem aver guarda que o vise. Levantou a cabeça vio no poço passear hum a cavallo fallando com outros de pee, e voltando as costas deu dois balanços a bandeira que estava arvorada, e com ella baixou pela ruyna. Acodiram vendo fa tar a bandeira, mas estava ja metido pelo mato cuberto de mosqueteria e artelheria com que lhes varriam todas as defenças. Mostraram o sentimento disbarando descobertos muitas balas de mosquete, o que não foy com pouca perda sua, mas pouquissima daoutra parte. E tal averia sem se ariscar muito que trzia um olandez se podese com o peso, e este fizesea resistencia das bandeiras. Grande aperto era este em que se viam os sitiados, e o pior que crecia deseonfiancia entre as nações

desesperados todos de remedio, carregando os olandeses mais a obrigação de morrer furiosamente oferecendo seus corpos em luguar de parapeitos e trincheiras. A todos se lhe representava huma escalada por espanhões irritados pelo presente pelo passado, a justissima vingança que os tinha condenado ao cutelo, se a constancia durava em muitos quilates tinha cido. O coronel que sucedera a João Doart, contam que não lhe parecendo ser ja tempo de temporisar quiz claram ente saber, que spirito animava a cada huma das cabeças, confessando em huma brevissima pratica o estado em que se viam. As forças do inimigo, e os brios a que a fortuna alegremente o convidava; via presente o risco a que se punham contynuando o emparo daquella cidade que o Conde Mauricio, estados de Olanda tinha livrado sobre seu valor e lealdade, confessava o desemparo, mas que a armada não podia tardar quatro dias, que o valor daquella nação não se fundava nos socorros que podiam faltar, mas em sy mesmo intrinseca e naturalmente. Asy não podiam temer a multidão dos inimigos, sendo costumados com a pelejar elles em campanha, fazendo-se com inferior numero, senhores de muitos ocupando-lhes suas praças; que contra a parte que eram portuguezes cuja a impresa era mui fresca estava a memoria de quaes sucessos aly tiveram, deixando innumeraveis exemplos assas modernos; que se resolvesse a esperar com valor assaltos por algumas partes porque em Deus obrador de maravilhas, (entre os quaes não contaria o bom processo contra espanhões seus inimigos, e capitães de sua religião) esperava que avia de ser aquella ocasião a segurança do imperio pretendido na nova Olanda, e coroa de gloria pera sua nação conhecida no mundo por mais valerosa; que de taes inimigos se não podia confiar em amisade reconciliada,

nem esperar misericordia, mas procedimentos os mais espantosos que se podesse imaginar. A desesperação era o caminho honrado e mais seguro em fortunas semelhantes. Não consentiram outros que fosse por diante mostrando qual era a praça, qual o sitio, que força a dos sitiadores a immensidade da gente, que quando della matasse quatro centos na resistencia de hum asalto, e dos seus não morresse mais de vinte, o mesmo tempo os avia de consumir. Bem se via que naquella armada tinham vindo mais de doze mil homens de guerra (mal se persuadiram que estava erma) sem dois mil daquellas terras quando menos delle ajuntavam, e sem a immediata que cada dia se podia juntar; que o aperto era igual ao de Rembergh (senão que era immensa a distancia de suas terras) pois o mesmo era consumir-se por incendio a polvora de monição que faltar-lhe luguar em que a exercitase, igual remedio se lhe avia debuscar quando não ouvesse outros que primeiro se atentariam. Não negavam a lealdade que deviam a seu principe Mauricio e aos estados mais que não se podia esperar que hum fizesse maravilhas quando se lhe faltasse com os meos necessarios, posives e naturaes. Que armadas, que gente, que socorro lhes tinham mandado? adonde sepultaram tantas promessas os confederados, que no mesmo tempo e logo iriam armadas ao Brasil que outras a destroir e asolar as costas de Espanha? cousa era para rir se a miseria presente o premetise cuidar que se persuadiam em Olanda que tão pouca gente anserrada por mar, e terra com taes padrastos se podia sustentar contra tão grandes forças. As defenças em que tanto trabalharam todo o anno igualadas com o chão em quatro dias. Nenhum luguar seguro para atravesar huma rua das mais interiores da cidade. O mar que podia ser o ultimo refugio lhes mostrava a ultima desconfiança, pela

parte do norte o primeiro navio assentado na area, pelo do sul tantos a fundo todos acrivelados, ate o de artificios de fogo em que algum tempo esperavam fizesse grande dano ao inimigo, alagado, sem remedio para cair como os demais. Replicava o coronel huma e outra vez lho impediam ate que a colera lhe venceu o sofrimento, e rompeu em ameassas com palavras descorteses, a que logo se seguio temulto quasy motin que obrigou a, meter mão á espada, parecendo-lhe mais com engano, que tinha muitos do seu bando, e carregando sobre elle o feriram no rostro, e nas mãos. Esta é a forma que logo se entendeo. Mas por informação de alguns Olandezes de que me quiz informar, alcancei, não sei com que verdade que nada disto precedera, senão que era aquelle coronel vissiosicimo em vinho, e mulheres, a que igualmente se entregava quando os sitiados mais necesetavam da asistencia de sua pessoa; e que vendo o asy os do conselho, o quizeram privar algumas vezes, e que a pouca emenda e os disparates com que respondia foram a causa d'aquellas cutiladas. Como quer que fosse elegeram outro, e com elle se resolveram a pedir treguas para tratar de consertos. E segunda-feira 28 de Abril comessando anticipadamente a disparar algumas peças de artilheria mui espassadas, da plataforma dos dois sacres, logo em apontando o sol cayram sobre hum luguar que parecia corpo de guardia, e tinham coberto com velas innumeraveis balas de mosquete dos saquinhos com que tiravam. Alguma má hora lhes devia chegar com que sayo de debaixo do toldo ja mui roto huma tropa de gente com temor de segundo perigo. Os italianos que com grande destresa se tinham adiantado muito com suas trincheiras sayram dellas ao descoberto. Daquella parte de S. Bento que ficava avista destes movimentos acudiram ao foço desordenados,

os Alferes Ignacio de Mendonça João do Loureiro, entre os quaes e italianos avia grandes competencias, e ciumes de quem primeiro na ocasião subiria as trincheiras inimigas arremeteu com o seu sargento, e noventa e dois soldados que tinha de guardia das plataformas, e chegando a hum pequeno valuarte quasy no fim da palissada o veo a encontrar hum soldado mandado pelo capitão que de cima lhe pedia se chegasse. Adiantouse o alferes com o sargento, João do Loureiro, e Condestable João Ribeiro, e com elles hum trombeta de D. Fadrique que aquelle dia o tinha ido a visitar. O capitão lhe disse que mandasse retirar sua gente pera dizer cousas de importancia, e de segredo. Subio primeiro João do Loureiro e dando a mão ao alferes, e sargento entraram todos tres somente as oito oras que parecera da manhã. Ouve entre os soldados rumor cuidando de seu alferes, duvidando de algum successo; foram se chegando ao fosso donde o alferes mostrando-se os fez retirar. Acudio hum capitão italiano com alguma gente arimando-se pera entrar pela parte da estacada que ficava mea faldra de hum outeiro. Os de dentro não seguros de alguma cilada lhe tiraram por alto dois mosquetassos. O alferes lhes disse que aquelle forte estava ocupado por D. Manuel de Menezes, e convidando que entrasse, mandou ao sargento que o guiase. Sobiu e demorando-se pouco se recolheu ao seu posto. Baixou de sima uma grande tropa de gente em que vinha o almirante Sanson, e hum sargento maior perguntando da parte do coronel com que ordem se chegara tanto respondeu que para vingar a morte de hum soldado que estimara muito, e o dia antes lhe mataram. Respondeu que trinta e sete lhe tinham morto suas balas. Nem podia ser outra cousa que trazer ordem pera tratar de paas, e asy queriam saber qual era o general a quem se avia de acudir

A estas palavras mal entendidas se respondeu que a D. Fadrique de Toledo que alojava no quartel do Carmo. Perguntaram se queria o alferes deterse aly até que tornase hum atambor que queriam mandar em nome de seu coronel, o que consentido pelo alferes ficou com elles de guarda o sargento mayor e Sanson. Ouve muitas mostras de amisade convidados os hospedes com carne de porco fresca, e os de fora com laranjas e batatas cosidas e o trombeta com huma brnda de tafeta azul. Serião quasy quatro horas da tarde quando veo hum soldado da parte do coronel dizendo que o atambor era tornado com resposta de D. Fadrique de treguas por tres horas. Despediram o alferes advertindo não trabalhasse entanto seus soldados nem se chegassem a seus reparos que avendo de ficar inimigas levantariam huma bandeira, tirasse elle hum mosquetasso em sinal que advertir, e poderiam tornar as armas como dantes. Em quanto estes recados corriam sayo D. Fadrique a reconhecer de mui perto os postos, e o estado declinante das fortificações avisando antes ao mar a D. João Faiardo, e a D. Manuel de Menezes do succedido, mas o aviso chegou ja levado o sol do dia seguinte. Embarcaramse sem dilação subiram ao quartel achando tudo em treguas depois do primeiro lemite que foram tres horas tiveram muitas confirmações passaram emfim a noite amigavelmente. Avia refens de de huma parte e outra, de Espanha na cidade Diogo Rodrigues e o sargento mayor Murga, e no Carmo pela do inimigo o capitão Mansfelt olandez e o capitão Quit que parecia francez na pronunciação: o que se ordenou na noite de antes por junta particular que para isso D. Fadrique convocou. Emquanto se esperava caminhava o atambor descoberto pelas cortinas tocando caixa pera o quartel do Carmo; ao passar pela parte fronteira ao posto das palmas

mandou o mestre de campo D. João de Orellana posessem fogo aos seis canhões em que mataram alguma gente que estava sem cuidado pelas cortinas. Ouve grande queixa que nem guardava as ordens da milicia nem o costume das gentes. O mestre de campo general mandou estranhar a desordem, e mostrar aos da cidade que receberia qualquer recado. Baixou o atambor acompanhado de dois soldados, foy levado a barraca de D. João de Orellana que esteve mui mesurado, e mao de servir, negando-lhe a mão que conforme aos seus costumes lhe pedia, e daly ao Carmo com isto se deixou a ordem de postas e o capitão Lansarote da França que estava de vanguardia, subio pelos reparos e com elle Tristão de Mendoça, que logo se retirou porque lhe queriam a ambos tapar os olhos, metendo a mão a espada e se retirou as trincheira aonde contynuamente andava. D. Fadrique tinha ido aquella manhã visitar o quartel de S. Bento e passando pela trincheiras *das Palmas* ordenado não sessase a artilheria. Com o aviso da vinda do atambor se pos acavallo, e a passo apressado veo ao Carmo mui alegre no semblante e nas palavras; passando pelas palma aonde postos em armas o esperavam se lhe deu a carta seguinte;

A sua excelencia, el general del arma y exercito de la Bahya de Sam Salvador.

Nos el coronel y los demas del consejo desta ciudad de Sam Salvador, por aver entendido que da la parte de V. Ex.ª llamaron um atambor mestro para hablar, enbiamos este para saber o que V. Ex.ª quiere mandar desirnos confiados en que V. Ex.ª nos le bolvera a inviar conforme el uso de guerre. Rogando a Dios guarde a V. E.ª muchos annos. Fecha en esta ciudad de San Salvador em 28 de Abril de 625. asinados, Hans Frenet, Riffe, Quanilt Frenst coronel, Respondeu D. Fadrique. A los senores coronel y consejo

cuia carta acabo de recevir su fecha de 28 deste respondiendo á lo que contiene digo que deste exercito no se ha echo llamada. Sy conforme a la costumbre de sitiados Ud tiene que desirme como no sea contra el servicio de Dios y de su magestad los oyerè con cortesia. Del quartel del Carmen los 28 de Abril 1625 D. Fadrique de Toledo Ozorio Emquanto estes recados corriam sayo D. Fadrique de muy perto os postos e o estado declinante das fortificações despachando antes ao mar com aviso a D. João Fajardo, e a D. Manuel de Menezes de que não chegou a suas capitanas senão ja levado o sol do dia seguinte. Embarcaram-se subiram ao quartel acharam tudo em tregoas que depois do primeiro limite de tres horas tiveram muitas reformas, e se passaram emfim a noite mui amigavelmente avendo refens de uma parte e outra, de Espanha na cidade D. Diogo Rodrigues, e o sargento mayor Murga, e no Carmo pela do inimigo os capitães Mansfelt olandes, e Quist que na pronunciação parecia francez avia notaveis . . . . . de mal contentes clamando que logo passada a primeira reforma das treguas avia de contynuar a bateria sem cessar; que o mais cessando das armas toda uma noite era mostrar demasiado desejo de concertos, dar lugar a que as fortificações fossem por diante, e outras queixas semelhantes não sem risco de outros muitos. Quantas notes (e quasi todas) se tinham passado entre estes exercitos sem aver huma bala de que motejavam muitos chamando o citio de compadres, que podiam fortificar os miseraveis no espaço de huma breve noite, se o fortificado em hum anno reinara em tão poucos dias. Aquelle dia como as des horas da manhá veo a carta a D. Fadrique, e capitulos seguintes.

A Su excelencia — Illustrissimo sennor aviendo recebido la carta de 28 de este y entendido la nobleza de V. S.ª

de cuia persona nos confiamos, emos juntado mestro consejo e resolvemos de entregar la ciudad sobre las capitulaciones comprehendidas em los capitulos que com esta van sobre los quales aguardamos respuesta de V. E.xª cuia persona Dios guarde, fecha en San Salvador a 29 de Abril de 625. El coronel etc. Capitulos conspirados po el senor coronel, y los del consejo en la Bahya para oferecer a S. E.xª D. Fadrique de Toledo general de S. M. de Espanha. Primeiramente que nos los sobredichos residentes en esta ciudad de San Salvador le avemos de entregar a S. E.ª la dicha ciudade sobre la condiciones seguientes, a saber, Que S. E.xª nos hade dar el tiempo de tres semanas para que en dicho tiempo podamos concertar nuestras naos que a qua tenemos, y provehernos de mantimentos, agua e otras cousas necessarias, y logo que para eso nos faltare para haser a viage para nuestra patria nos hade proveher S. E.ª y que será necessario por la multitud de nuestra gente otros quatro navios cada uno por lo menos de quatro cientas toneladas S. Ex.ª nos hade proveher dellos; que nos otros todos hemos de sahyr desta ciudad al cabo del dicho tiempo com todo nuestro hato, bienes, artelheria, y moniciones, y los cappitanes y soldados con sus armas, las vanderas sueltas, muron encendido y balas en boca, y los capitanes e marineros en suos naos. Que S. Ex.ª al cabo del dicho tiempo, y cuando estubieremos, aperejados mandará recoger toda las naos de su armada de donde agora eston y ancorar detras de fuerte de San Filipe, para que nos otros en el salir de la Bahya tengamos el passage libre, y salyr sin nigun dano. Que tanbien todos nuestros eclesiasticos saldran con todos sus libros, y hatos sin niguna mo lestia. Que tambien a ninguno de nos otros en particular ni a todos en comum les seram pedidos los bienes conquistados

o pillados en la conquista de la ciudad. Ny tanpoco lo despues conquistado, ó pillado. Tambien algunos portuguezes que por su livre voluntad an quedado en esta ciudad, y nos otros los emos entretenido no tengan por ese molestia alguna. Sy S. Ex. consentiere e acordare los dichos capitulos, hemos de entregarle la persona del senor D. Francisco Sarmiento de Sotomayor livre y sin rescate que ha sido governador del Potosi, D. Agustino, y D. Francisco sus hijos, D. Juan su hierno y D. Alonço Barba y Verdugo, y mas la muger de D. Francisco, y dos hyjas, y los demas de su familia que estan aqui presos. Tambien entregaremos a V. Ex. el padre frai Visente Palla, y su campanero de la orden de S. Agostin confessor del dicho D. Francisco Sarmiento. Que los de mas prisioneros de ambas partes seran libertados sin rescate ny costas. Y para que de ambas partes se cumpra lo dicho daremos por seguridad personas de ambas partes principales en confiança; y sera condicion que S. Ex. no hade llegar mas serca desta ciudad con sus trinchos y obras de lo que esta de presente, ny entrar en la dicha ciudad antes que a hijamos salido con mestra gente, y echo volaran nuestros navios. Que S. Ex. nos hade dexar haser mestro viage livremente para mestra patria sin dexarnos perseguir con ningunas naos de su armada ny consentir que por ellas no sea hecho ningun estorvo. El coronel. A estes capitulos e praticas propostas pelos embaixadores que amplificavam com mais palavras principalmente o capitão Quist, que fallava castelhano ainda que não bem cortado respondeu D. Fadrique discretamente com palavras mui edificases engrandecendo as forças de seu exercito representando o estado daquella praça, louvando os sitiados que a tinham defendido mui compridamente e com muito valor, cargando muito aos estados que

os não tivesse socorrido afirmando que não podia achar-se gente tão desemparada como á daquella cidade, e respondeu por escripto.—Al colonel. Hé recebido la carta de Ud y los capitulos que con ella vienem resueltos por el consejo a que respondo en papel a parte. Hé oydo á Uds con toda la buena corespondencia militar. Syno se contentar con lo que concedo que es mas do lo justo volveremos a las armas destrocando los rehenes. Guarde Dios a Ud en el quartel del Carmen á 29 de Abril de 1625 anos Don Fadrique. Alos cappitolos. Alos capitolos prepuestos por el senor coronel y consejo que reside en la ciudad del Salvador respondo lo seguiente D. Fadrique &. Que se halla en su mismo pais, y los sitiados fuera del suyo. Que se halla con tanto numero de gente que no ha querido valer-se de la mucha que la tierra le offerece, ny ha querido desembarcar mucha parte de la que tiene. Que los citiados no pueden tener socorro, y cuando le uvieram tendo no era de efeito contra tanto poder. Que se halla con tres quarteles sobre la plaza com treinta y tantas peças de artilheria con que ha entrado a batilla por quatro ó sinquo partes con trincheos quasy al foço. Segunto do lo mal, y la costumbre de la melicia, ny los citiados pueden pedir lo que piden como soldados, ny los citiadores se lo pueden conseder; pero mostrando la benignidad que su magestad usa con todos se les consede las vidas, y pasage para sus tierras, y la ropa de su vestido, y el vastimento que fuere necessario se les dava dando seguridad de la paga. Todos los prisioneros se han de restituir. y en primer luguar el governador Diogo de Mendonça Hurtado. Los citiados. A S. Ex. avemos entendido por la carta y capitolos de V. Ex. la resolucion sobre lo qual la respuesta va con esta: y por ser lo que en ella alegamos justo confiamos en Dios que nos hade socorrer, y guardar de todo mal; y contanto

Dios mestro senor guarde a V. Ex. fecha en la ciudad de S. Salvadon a 29 de Abril de 1625. Alos capitolos. Los senores coronel y consejo aviendo visto la respuesta de S. Ex. D. Fadrique & sobre los capitulos oferecidos a S. Ex. responde lo seguiente que nos otros no podemos haser otra cosa syno conforme las condiciones emos oferecido a S. Ex.ª por ser rasonables y necessarias para la comodidad de mestro viage e defensa del, y que S. Ex. notiene razon de lo rehusar sinoes en abreviar el tiempo condicion que nos deu navios sayo bastantes y provehidos para el viage de nuestra patria sin costas ningunas. Que de ninguna manera somos de intento de dexar esta ciudad tan fortificada, y provehyda como es seu salir de ella sin armas, ny hato siendo resueltos antes de defendela como soldados honrados mientras tubieremos sangre. Enlo que toca a la persona de Diogo de Mendoça Hurlado no esta en mestro poder, por estar mucho tiempo ha en Olanda, y no poder nos outros prescrevir leys a nuestro principe y estado mas que S. Ex.ª mire por el bien y conservacion de D. Francisco Sarmiento Sotomayor, y los hijos fecha en esta ciudad de San Salvador a 29 de Abrl de 1625 El coronel. Todas estas propostas e respostas corriam pelos refens Mausfel, y Quist que D. Fadrique ouvia em pé presentes os generaes, o mestre de campo general e todos os do conselho. E posto que trabalhase por mostrar constancia bem se via nelles que se haviam de moderar muito mais que as propostas. Vieram emfim depois de bem regateado por huma parte e outra em que se lhes dariam navios de que pagarião fretes, bastimentos se acaso alguns lhes faltase fazendo conta com os que tinham, que en luguar de farinhas de Espanha de que havia na cidade grande cantydade lhe dariam biscouto, pois eram boas para terra e ynuteis para o mar. Vinho e aseites tinham

bastantes. Que a honra lhes parecia não tinham desmerecido na defença daquella praça, o asy esperavam que D. Fadrique lha não intentasse demenuir negando-lhes o sayr a embarcarse senão com bandeiras tendidas com suas armas, e insinias como soldados honrados. Nisto se mostraram mui constantes declarando por mui bons termos que não veriam o contrario, antes estar prontos pera tornar as armas. Isto tratavam os refens autorisando suas pessoas obrigandose que por elles asentado confirmariam o do conselho; e com isto se recolheram a seus apozentos aonde estavam mui regalados. D. Fadrique se assentou e os do conselho, mandando que todos os que estavam na sala de fora e no corredor visinho do claustro sobre que linha ja nelles a sala do conselho despejassem porque como não era pequena e muitos os da junta pudessem votar seguros de não ser ouvidos, propoz D. Fadrique representando bem quem era por calidade, por valor, juiso, e experiencia, discorrendo pelo estalo dos citiadores, dos citiados, mostrando quietação e constancia de animo pera o que se ofereceose de trabalho naquelle citio, de maneira que mais se colegiria delle intento de gloria que a inclinação a consertos deslusidos a nação Espanhola. Viase que toda a resoluçam andava sobre hum ponto de sayr o inimigo com armas, ou desarmado. Discorriam variamente, huns que S. M. ajuntara tão gran poder de mar e terra para castigar a desobediencia de seus rebeldes não só pera recuperação daquella praça; que levados desta gloria se resolveram senhores, e fidalgos Portuguezes a deixar mulher e filhos estando alguns por sua idade, e outras circunstancias muy consideraveis desobrigados de servirem em jornadas, tanto mais em navegação tão larga como a do Brazil quando nella não fosse a pessoa real: que eram indignos de misericordia aquelles Ereges pelo

atrevimento com que primeiro prepopuseram; que mais podera dizer um embaixador de um rey de França sendo ocupada a praça por seu exercito real. Da clemencia de S. M. era justo que em todo aperto esperasem vida seus vassallos rebeldes, mas verdadeiramente aquelles eram indignos della, e quando se lhes consedessem fossem taes as condições, que pera outra gente que não fosse piratas servisse a mesma vida de exemplo do castigo. Que isto era o que entendiam convinha a reputação de Espanha. Tivessem embora vida posto que não faltou quem quizesse levar tudo a sangue e fogo, mas saysem desarmados, descobertos com varinhas brancas nas mãos. Estava ali Diogo Rodrigues soldado velho de valor conhecido que considerara como juiso o estado daquella praça as horas que nella estava disia que os citiados tinham huma grande falta que os obrigaria a qualquer condição que se lhes oferecesem. Perguntavalhe que falta era aquella, elle a nio sabia, mas devia de ser balas e outras monições. Com esta opinião de pessoa de muitos annos de Flandres, de autoridade, teniente de mestre de campo general ficava aquelle e outros votos semilhantes mais corevorados, de maneira que havia por esta parte muitos caminhantes. Outros descorriam com pensamentos mais humanos, a lvirtindo-os da inconstancia das coisas inferiores; que os brios com que os olandezes se defendiam, ainda em consideração do futuro, eram merecedores de honradas correspondencias; que a empreza se ordenava para recuperar aquella praça, sendo mui honrosa a que conseguia sem intento Nisto estava verdadeiramente a reputação da Espanha, antes o pretender que com vilesa sayse o inimigo era direitamente contra ella, vendose no teatro do mundo contra qual gente se occuparam tres quarteis, se tomaram tantos postos, se ajuntara tanta artilheria com

tanto excesso sobre o que de Espanha se limitara, quanto sem causa se desamparara a armado pera crescer o numero dos citiadores; que aquella gente punha injustamente o nome de piratas sendo inimigos de Espanha, por cujos pecados, ou por outros juizos de Deos estavam ingreidos com os sucessos que se chamavam, e não nos secretos, os estados livres das provincias unidas, era hum exercito do principe Mauricio e estados de Olanda, gente que tinham quarteis defronte dos exercitos catolicos, que de gente de valor se não quizessem partidos afrontosos, antes se cuidasse que só com ouvidos se evitasse e resolvesse a esperar a ultima fortuna defendendose de seus reparos que para sustentar assaltos por escala vista eram, pela escala e pentens mui a proposito não havendo ja que esperar da artilheria mais efeito; que naquelle exercito não avia cabeças para que faltando esta ou aquella, o que Deus não permitisse encher o lugar. Tudo fallando em geral para desembocar fossos tapar muralhas, ordenar minas, subir escadas, gente bisonha. Que era muito para sentir, e S. M. sentiria mais a perda de tantos senhores, e fidalgos espanhoes. Dos de Portugal estava visto que sobre ser cada hum o primeiro arriscaria a vida, e o que mais é por não ficar o segundo. O mesmo se presumia dos de Castella, pois não conhecem suprioridade, e a igualdade apenas a sofre cuidarse que a praça se renderia no primeiro assalto era sem fundamento. Sendo rechassados com muita perda e da gente mais grauada ou morta ou ferida, como necessariamente avia de ser quem ficava para o segundo que as vidas dos taes bem vendidas ficão por serviços dos reis na toma de cidade, quando he necessario, por escalada mais injustisimamente perdidas por se pretender que tal inimigo saya com desonra; que arriscar huma só hora a recuperação da praça era contra

a reputação, contra ô serviço de S. M. umana, e devina que as trincheiras mais visinhas, não estavam no fosso e para chegar necessitavam de tempo mais do qué alguns cuida. vam, outras vinhan coxeando, algumas tais que fora melhor não ter principio. Esta mesma delação não era menos prejudicial por ser entrado o inverno que por misericordia de Deus tinha tardado muito, que nas trinchefras se alagava a gente a chuiva importuna seguia calor intoleravel, e por esta destemperança adoecia muita gente que não cabia nas grandes enfermarias deputadas. De novo se ocupavam casas que não bastavam; morriam pela umidade, e quentura da terra todos os feridos, de doenças muitas, alguns quasy ao desamparo pela falta de medicamentos, e pela de frangas e galinhas notaveis. Sobre a carestia insofrival, que pera suprir esta falta acudia com alguma carne de porco por regalo, por hum abuso da terra semelhante aos demais de ser aquella carne san pera doentes, não prestando nem pera os sãos, e faltando pera todos ainda que buscada com solicitude e deligencia, que o ordinario se supria com carne de vaca em todas as enfermarias. Se carregasse o inverno? se cresesem as doenças? se enfermase a nobreza que sustentava muito? Mas se chegasse o socorro que tardava muito conforme ao que os olandezes aguardavam, e os espanhoes era rasão consideravam? Alegre comedia se representaria ao inimigo quando visse a confusão de gente que acudia aos navios desemparando os quarteis, quando se visse socorrido com pouco estorvo que navios fantasticos lhe causarião cappitanas e almirantas fariam todo o esforço chegando se os inimigos emquanto o fundo de alguns bancos o permittissem. Que o afirmado por Diogo Rodrigues com sua reverencia, nenhum luguar tinha pois nada sabia de serto, que as imaginações umanas são a verdadeira inserteza em que se

não funde um triste alpendre tanto menos edificio tão grande, toda a importancia da empresa. Advirtia-se outra cousa, que quando este socorro não chegase a cidade emfim se rendese so em qualquer pequena dilação estava gran ruina aparelhada, gastavase a monição, que ja estava ariscada pelo tempo que avia mister para carenas de navios velhos, para pendores dos de mais; que a este respeito somente, quando tudo mais se facilitasse e senão fizesse menção de outra cousa alguma, não havia outro que se opusesse; que ao inimigo se avia de fazer honra com que cada um sayse cargado de seu mosquete, sobre mechas acesas, ou apagadas, sobre bagaje ouvesse embora disputas, contanto que fossem breves alguns dos senhores portuguezes replicou ao que se desia que o seu sangue se havia de poupar mostrando sentimentos de proposta; o que votava sentindo os brios naturaes naquella nação. parecendo-lhe, que estava respondido com a opinião commua, quasy não cortou o fio do que desia, comtudo não faltaram, segundas instancias e ditos mal declarados, que todavia se entendiam do que D. João Fajardo que ja tinha votado, tomou colera, vendo, que aquella linguagem era ajudada de algum soldado velho, e entre muitas coisas disse que se não podia sofrer que algums fidalgos honrassem sua galhardia e bisarrias sobre o siso de outros, o que elle tinha tanto de bisarro como todos, e asy declarava seu voto se não desse lugar ao costume de semelhantes casos, nem a clemencia ou piedade, fossem todos degolados, e quando a lastima vencese saysem despidos, o esbofeteados. Mas logo sessou a colera e voltou ao votado de antes. Nisto vieram todos os soldados velhos e em que se dese armas com que saysem com mechas apagadas e sem bandeiras. D. Fadrique resumio que nisto se conformava, mas que as armas se não desem senão depois de embarcados, e que se não

aceitase o partido se lhe consedese. Instou D. Manuel de Menezes que com sua licença se defreria muito, que negarlhes armas ou consederlhas não havia ser por gosto, mas por aver para huma ou para outra cousa, fundamento; seu parecer era que julgando sua senhoria que não era justo darenselhes, sempre se lhes negase. Todavia resolveu como tinha determinado. Este conselho se acabou com muitas oras da noite; e D. Manuel não podendo acabar comsigo dormir fora de sua cappitana, chuvendo o que bastava para fazer piores aquelles maos caminhos, baixou a Agua de Meninos, sendo já partido o governador San Feliche com a carta de creensa que se segue para tratar a materia com o coronel e com os mais do conselho. « Al sargento mayor San Feliche remito lo que se me oferese disir a Vd em respuesta del papel de 29 deste que cabo de recebir, y como el general que tambien passage a echo a Olandeses que he tenido prisioneros estare desculpado en volver a las armas despues de haser descortesias que Vds han visto guarde mestro senor &c. 29 de Abril de 1625. » A manhã seguinte se foy D. Manuel pera D. Fadrique, e tornando-se a juntar o conselho se vio que alguns dos que tinham votado, vendo, parese, tinham cumprido com sua obrigação, ou pela cidade ou por outras consyderações, estavam resumidos ao mais umano. No votar não avia differença, proposto, ou ansyanidade, senão por ordem como cada hum estava asentado. Cayo o voto a D. Manuel; escusava-se de votar de novo, porque de novo não avia nada com a volta de San Feliche, e vinda dos comissarios que haviam de assistir ás capitulações, na conformidade que os refens no dia de antes tinham consertado. Mas por obedecer a D. Fadrique, falando com D. Josepe de Sarabia secretario de D. Fadrique que nas juntas fazia o officio de

secretario dellas, lhe dise que escrevesse o seu parecer com as mesmas palavras que o disia para que dellas constase a todo tempo, apesar que todavia se estava em sua fraqueza da noite passada, e na pretenção da avareza de tão bom sangue como avia avendo meio pera se poupar, recuperando-se a praça e onradamente, e que todas as mais rasões do dia de antes dava por repetidas so huma acressentava pera desculpa do temor que mostrava muito contra sua natureza; que elle por ordem precysa de S. M. asistia em sua cappitana, e podia asistir, em quanto voasem diante as trincheiras, e o sitio se apertase com o bom sucesso que Deos lhe daria em seus assaltos, e escaladas, que nellas tão grandes, tão fortes como se via pera qualquer caso tinha quarenta e quatro pessas de artilheria, monissões bastantes, muitos soldados de valor, e sua pessoa que tinha visto e padecido muito e comido acabou aquella seção e com o seguinte. Carta dos citiados. Por el sargento mayor San Feliche havemos recebido la de V. Ex. al qual remetio V. Ex. logo que se lhe oferecio de sir al qual oymos, y asy mandamos das personas de nuestro consejo para responder a V. Ex. vocablemente e representar-lo demos de nuestro intento; de los cargos que ha tenido de S. M. y el bien que siempre hiso con los nuestros estamos advertidos y satisfechos, y que siempre lo usara com persona tan poderosa aquien Dios guarde a 30 de Abril de 1625. Carta de crehencia. A S. Ex. el Senor &. Nos el coronel y consejo damos poder, y abremos por bien por isto que los senores Guilhelmo Scop, Ugo Antonio, Francisco Duquesme personas de nuestro consejo vayam a tratar con su Ex. el Marques D. Fadrique de Toledo sobre la entrega de la ciudad del Salvador y consertar con S. Ex. los capitulos presentados de mestra parte en la mejor forma que

pudierem, y lo que los dichos senores tratarem tendremos por bien, y hecho sy lo que cumpliremos puntealmente y con sinceridade; fecha en la ciudad del Salvador a 30 de Abril de 1625. Capitulaciones. En el quartel del Carmen a 30 de Abril de 1625 el senor D. Fadrique & parecieron los senores cappitanes Guilhelmo Scop, general del artilheria, y Hugo Antonio comissario general e Francisco Duquesme todos tres del consejo los quales truxieron comission del senor coronel, y consejo que se hallan en la ciudad de S. Salvador de Bahya de todos Santos para haser y concluir las capitulaciones seguientes para entregar a S. M. y al senor D. Fadrique de Toledo en su nombre la dicha ciudad de S. Salvador que al presente poseen, obligados de las armas, de S. M.; y el dicho senor D. Fadrique ordeno al senor D. Juan de Orellana, maestre de campo de infanteria espanola, al senor D. Francisco de Almeida almirante de la armada de Portugal y maestre de campo de otro tercio de infanteria espanola, al senor D. Hieronymo de Quixada y Solorzano auditor general del armada y exercito, al senor Diogo Rodrigues teniente de maestre de campo general, y quartel maestre general y al senor governador Juan Vicencio S. Feliche todos del consejo que juntos asistan a confrir y tratar lo contendo, y asentarem y concluerón las capitulaciones seguientes. Primeramente que al senor coronel y consejo hande entregar la dicha ciudad de S. Salvador al senor D. Fadrique de Toledo en nombre de S. M. en el mismo estado en que se halla oy dia de la fecha con toda la artilheria, armas, vandeiras, y monicions, pertrechos, vastimentos, y navios que del puerto y la ciudad se allare, todo el dinero, oro, plata, yoyas, mercansias, menage, negros, negras, esclavos, cavallos, y de mais cosas que se allare en la dicha ciudad y navios de qualquier

calidad y condiciones que sea; y qualquier nacion vasalos de S. M. que no tomaron las armas contra S. M. ny sus vasalos hasta despues de llegara Olanda &. El senor D. Fadrique de Toledo en nombre de S. M. les consede que dichos senores, coronel, ministros, capitanes, officiales, y soldados, y sus criados, y toda la gente de mar, y todos los demas olandeses, flamengos; inglezes, franceses, alemanes como sean los que truxieron comsigo, salgan livremente, sin nigun impedimento com toda a su ropa de vestir, y dormir, y que los coroneles, y capitanes, y officiales puedam llevar en baúles, y caxas la dicha ropa de vestir, y dormir, y no otro cosa, y los soldados con sus mochilas. Que el dicho senor D. Fadrique de Toledo, les dará passaporte para todos los navios de S. M. para que no se les haga dano niguno, no allando los fuera de la derota de su tierra. Que el senor D. Fadrique les hade dar vastimentos necessarios para tres meses y medio. Que toda la gente hade sahir de la ciudad todos juntos. Que el dicho senor D. Fadrique hade sinalar personas que visitando los dichos soldados, y demais personas que salierem para que se caso que lleven alguna cosa fuera de lo capitulo que el dicho senor D. Fadrique aya de restituir al dicho senor coronel todos los prisioneiros que se allaren en pie aqui. Que ningun soldado de los del exercito del dicho senor D. Fadrique haya de haser agravio a ninguno de los olandeses y gente sobredicha del dicho senor coronel. Que los hade dar los instrumentos de la navegacion que tryen en sus navios. Que el dicho senor D. Fadrique les aya de dar las armas para su defensa en su viage. Que hasta los dichos navios ayan de salir sin armas ningunas exceto los capitanes que podran llevar espadas. Que el dicho senor coronel aya de dar esta noche huma puerta abierta con su cuerpo de

guardia al dicho senor D. Fadrique dentro de la muralla, y el senor D. Fadrique les de rehenes à su contento para su seguridad entretanto que estas capitulacions se cumple; fecha en el quartel del Carmen a 30 de Abril de 1625. Estas capitulações se concluiram ás tres horas da tarde, e firmaram D. Fadrique de Toledo Ózorio, Guilhelmo Stop, Hugo Antonio, e Francisco Duquesme.

LIVRO TERCEIRO.

O que sucedeu ate que as armadas vitoriosas deram vela pera volta de Espanha &.

Era ja quasi sol posto e não podiam acabar de se tirar as tranças, travessas, entulho com que as portas de Santa Caterina por donde havia de entrar a infanteria conforme as capitulações. Tirados emfim os impedimentos com que parece se fortificavam contra a força de Petarde foram entrando o mestre de campo general, o mestre de campo D. João de Orellana com sinquo companhias; não levavam bandeiras, costume observado na entrada de praças que se entregam. Lançou-se vando que nenhuma outra pessoa entrase sob pena de vida, e traidor a El-Rey. E advertido D. Fadrique de quem por ventura despois o não guardou, mandou ajuntar ao vando que debaixo das mesmas penas nenhum soldado das companhias que entravam sayse da casa que se lhes desse pera seu alojamento. D. Alvaro de Abranches ficou com sua companhia de guarda da porta (porém da parte de fora) com a ordem que ninguem entrase, nem saysse, sem nova ordem de D. Fadrique, que d'aly a pouco espaço entrou na cidade, y foy alojar as casas do governador. D. Manuel de Menezes que deixando o sen-

tido dos vencedores ocupado em desembaraçar a porta se fora pera sua cappitana. Foi logo pela manhã a dar o parabem a D. Fadrique de Toledo da mudança de huma triste cela do Carmo cheia de cuidados para aquella casa do que o achou satisfeitissimo (dizia muitas vezes que nunca tão boa a tivera) por hum jardinote com partido, coriosidade do coronel João Doart, e por huma sala que lavrava o governador Diogo de Mendonça de vista no topo sobre elle, e parte da cidade, e boa do mar oceano, mais janelas no prolongo sobre a bahya e outras pera o interior della, e parte setentrional todas livres e por outras circumstancias que acompanham a soberania. Acabada sua visita sayo a ver as ruas que pelo que tinha ovido em Portugal imaginava diferentes. Considerou por todas as partes as ruinas das defenças, as peças quasy todas desencavalgadas, e como o intento era buscar alguns livros curiosos que não avia enfadado de tão triste espetaculo se tornou. Poderia relatar do despojo e de outras particularidades que todos desejaram saber, e neste luguar esperam com grandissima insertesa. Mas parece-lhe que o autor castelhano, que dizem escreveu a relação, desta impresa não foy curto avaliando em 400 V (*) senão incluio nisto os navios, fabricas e aprestos delles e as casas da cidade. O que chammente podera afirmar é o que lhe dizia hum olandez que mal se poderia imaginar a pobresa daquella gente, porque entrando elles com tão apresurada entrepresa, e achando as casas inteiras como seus donos as tinham ate reliquias que traziam ao pescoço colgadas das camas senão achara ouro, nem prata, nem instrumento que arguisse mais que pobresa; e que nas casas de melhor aparencia revolvendo arcas de roupa

(*) *Gereiro* — pag. 59 — vers.

branca achavam entre ellas garfos e colheres alguma tassa antiga, alguma cadeasinha de ma traça e pouco valor, alguns aneis velhos e de ruins pedras, nenhum firmal, nenhuma gargantilha, nenhuma sinta, que o tomava por testemunha de sua verdade avendo de ver o pouco que aly se achava, excepto na fazenda do navio de D. Francisco Sarmento. Não se pode por este caminho arguir pobresa do luguar, porque ordinario he na gente de negocio portugueza da India e asy o sera na do Brazil em seu tanto trazer o seu dinheiro de hum trato em outro não no empregando em calvagaduras, joyas, nem ainda naquellas cousas da India aprasiveis á vista. Mas verdadeiramente considerado bem a fabrica das casa, a traça de todas, bem se arguira poucos levantados pensamentos como cortado todos por hum nivel mui conforme a isto he omenage e alfayas, os guadamixinnes, as cadeiras, os leitos, as pinturas. Avia muitos negros, e negras, poucos Portuguezes, os mais da nação Hebrea, que se acomodaram a fortuna do vencedor livres do cuidado quam bem se lembraria Espanha da recuperação daquella cidade. Peças de artilheria avia em cantydade muitas de navios tomados pequenas, e maas, poucas boas fora das que na praça avia de antes; de polvora e monições de todo genero bastantemente para muitos mezes; munto de selas, bridas, e todo o adresso, pistolas, armas ligeiras de infanteria, petos fortes; indicio de pensamentos conquistadores em que queriam vencer aos portuguezes, que se contentaram sempre em todas suas boas fortunas, e conquistas. Não era menos de apresto em seus almasis de anxarsea, velas, pregadura, graxa, mas a curiosidade se mostrava mais em seus navios de maquinas de fogo granadas de muitas maneiras, bombas, alcansias, roqueiras por popa abocadas abaixo se fossem cometidos com lanchas

innumeraveis instrumentos de navegação. Viose claramente como se enganava Diogo Rodrigues em sua imaginação; gente de guerra mil e trezentas e quinze pessoas de mar quinhentos e seis afora quarenta e dois artilheiros, e cincoenta e seis officiaes, estes mil novecentos e desenove nenhum velho, rarissimo moços pequenos, todos mancebos gente escolhida para luzir entre qualquer infanteria do mundo. Bem se pode presumir que se quizessem resolverse onindose conformes (o que com defeculdade seria entre tal aperto e variedade de nação) a esperar hum assalto que custaria rios de sangue, e vitoria. Não seria umildade dizer D. Fadrique o que o outro general, Vini, ui, y Dios vencio. Quinta feira primeiro de Maio as dez da manhã tirada a bandeira de Mauricio se plantou em seu lugar sobre a see a das armas reaes de S. M. com castellos e leões. Materia de notaveis descontentamentos entre os Portuguezes, chamando aquillo, se foi enavertencia, odio nos Castelhanos a nação portugueza que em tudo se mostrava, e nunca em tão publica aparencia. Era aquela empresa de Portugal dos cinco mil e oitocentos homens que assistiram em campanha os tres mil e trezentos portuguezes, muitos fidalgos, muita mais gente nobre, quasi todos aventureiros, e não da plebe de que as levas se fazem ordinariamente. A nobreza que mais continuava nas trincheiras, no desmontar matas, carregar faxinas, calejar as mãos com a paa, e enxada, sendo aqui a de Castella sem officio, ou cargo entretenidos cerca de la persona, gente jubilada pera o trabalho, que o pençamento dos conselhos, e governo de Portugal fora somente pedir socorro, persuadidos a que tinham generaes; querendo D. Fadrique portuguez pudera meter com as de Portugal as armas de Castella, com que as quinas reaes dadas por Deos ao Reino ficando mui des-

tintas resplandesesem: Sendo Castelhano ganhara grande chassa arvorando somente as de Portugal; que injusta cousa era, sendo os capitães de infanteria, e fidalgos portuguezes dos primeiros pera ocupar os postos de perigo, e pera todas as fassões queresse agora estivessem privados de entrar na cidade que recuperaram emquanto ouvesem que rapinar; que os castelhanos estavam senhores da presa de mar e terra, e se assertava hum soldado portuguez tomar hum ferro velho, ou outra coisa vil logo lhe era arrebatada, e as vezes com soberba; que os italianos se lhes não permitia que chegase, nem ainda fizesem guarda a D. Fadrique sendo elles os que tanto luziram no trabalho das trincheiras, e plataformas; que os arcos eram contra toda a justiça sendo aquella cidade de S. M. emparada com o exercito dos asaltos, e esperança certissima do socorro; que não somente se furtavam as fazendas e alfayas das casas que os olandeses conservavam, sem tocar no mais pequeno traste dellas mas as portas se queimaram havendo tantos bosques tam bisinhos os ferrolhos das que ficavam se arrancavam, ate as machas femeas e aldrabinhas de nenhum valor. De maneira que se aquella cidade fora olandesa causara grande lastima aos proprios que a roubavam e assolavam com tão excessiva crueldade; que em nenhuma outra cousa se cuidava, e se permittia estar a igreja mayor metropolitana d'aquella provincia polluta de sacrilegios de hereges apostatas da fe, sem se purificar e sem se celebrar nella os officios divinos segundo os ritos catholicos apostolicos romanos. A queixa das armas acudia em parte D. Fadrique mandando pintar huma bandeira ordinaria as armas de Portugal no luguar acostumado, e não havia satisfazer aos mal contentes; porque passado o primeiro impeto sendo admetidas algumas companhias italianas e

portuguezas tomando toda a queixa á sua conta, como soem acontecer nos iguais de fortuna inferior, diziam que bem viam qual era a intenção de enriquiser a huns, impedir o proveito aos outros pois ja naquelle dia não avia cousa de sustancia, ou se alguma measse, tão escondida, que os da vanguardia na pilhage curiosos no revolver o não achariam. A sinquo daquelle mez purificada ja aquella igreja em que tantas blasfemias se tinham ouvido tantas entrepretações falsas á sagrada escritura disse nella o vigario geral missa cantada mas ajudada da musica da terra que não he boa; pregou com muita satisfação o padre frei Gaspar da Asençam da ordem de S. Domingos que tinha ido com D. Afonso de Noronha; ouve procisão em que hya D. Fadrique, os generaes, e todas as mais cabeças, e pessoas de calidade. Grandes eram as ocupações, e vivos os cuidados de D. Fadrique não lhe bastando todo o sentido pera prevenir a desordem que podia aver no recolhimento da presa, espalhados por toda a cidade, vinhos, azeites, polvora, cobre, cebo, graixa, e outras cousas grosseiras que fazem importancia pela cantydade e defecultosamente póde recolher-se. A prata e joyas de D. Francisco Sarmento, e do navio em que viera, tinha das portas a dentro. A fazenda trazida pelos olandeses pera sua mercancia que elles avaliavam em cem mil cruzados estava enserrada no colegio dos padres da companhia. Não podia tambem desemular com o cuidado de cumprir as ordens de S. M. de ver e concluir as pesquizas dos culpados na entrega da cidade, e dos que tinham seguido as partes olandezas nem com o de descorrer donde lhe poderião vir bastimentos para sua armada mui falta delles. Os ministros confidentes todo o tempo gastavam em o acompanhar, e aliviar de tão pesada carga, não sendo nenhuma prevenção bastante, para que muitas fazendas se não disencaminhase

das que avia em casas particulares que pareciam de pilhage, e ainda das inventariadas, alguns soldados particulares que podiam entrar, e sayr rapinavam coisas mui descommodas de levar, pipas inteiras de cebo, alguns officiaes, as de vinho, que segundo se contava logo vendiam alasernado. Estes e outros taes não tiveram sorte de encontrar caixões de sedas, meias e outras coisas de moderado preço. Em quanto estas negociações e trabalhos se gosam, e padecem, mandava D. Manuel recolher a sua infanteria e artilheria que tinha em terra, acodir ao provimento da gente que tinha em ambos os quarteis, aprestar taboado que na terra não havia e as mais coisas necessarias para querenas, e pendores para o que não havia carpinteiros, e calafates, sendo gran parte dos da armada de navios particulares, è de frete que sendo acabada sua obrigação andavam espalhados pela terra dentro, outros ganhando seu jornal que ali he grande, e não avia descobril-os; nem era de menos cuidado a aguada estando as pipas em estado que mui pouca, eram de serviço sem muito adresso. O que se dizia que na terra avia muitos tanoeiros, e muitos arcos era semelhante as outras informações, se não se salva na simplicidade que verdade he que tanoeiros e arcos se acharam pera concertar louça de navios, marchantes que com o cuidado de seus donos levaram pouco dano, mas para tantas mil pipas que saem de mãos de quem se não doe era impocivel aver apresto: tudo era confusão porque seus procedimentos na satisfação a todos culpando o de que avendo tocado a sua cappitana meo banco de area defronte da cidade, não tratava de lhe dar querena. Que tudo era alinhar pera mostrar maiores aparencias do efeito de seu trabalho porque no mesmo tempo queria acudir a tanta coisa; que avia soldados pelas companhias a que

faltavam sapatos, e avendo muitos de monição se lhe não davam. Pera que se poupava o que era pera repartir? O mesmo diziam do dinheiro que não despendiam dando-se-lhe pera as necessidades do campo: queria adiantar-se com os ministros portuguezes mostrando a torna viagem que lhe sobrara; mas elle feitas as contas comsigo entendia que acertava, prevenindo o poder-lhe faltar os mantimentos de Espanha que haviam de navegar tantos mares. Nenhuma cousa o cançava tanto como a preça que avia de ser necessario no apresto dos navios de Portugal que aviam de ajudar a levar os olandezes avendo-se-lhes de dar todos meter-se-lhe logo mantimentos, e pipas pera aguada, porque se partissem logo não estariam consumindo os mantimentos que avia, e pera se desencontrarem, como se pretendia das armadas de socorro que se esperavam não via melhor caminho pela differença das derrotas dos que com aquella monção partem pera Europa e dos que da Europa buscam o Brasil, que detendo-se aly os rendidos ate que os socorros chegase não faltaria modo por donde comonicasem e consertasem o luguar de se ajuntar; e que com a junta de tais dois mil homens aos de socorro poderia aver causa de muito receyo intentando alguma facção de que não podiam deixar de vir advertidos de Olanda se acaso achasem a praça rendida, e porque a esta opinião ouviu que havia outros opostos a mandou propor a D. Fadrique pelo governador San Feliche e que estimaria muito que ouvesse junta em que a provocaria aos mais praticos marinheiros. San Feliche voltou com resposta e ouve replicas e defeculdades com que estrangeiros e espanhoes vieram a partir juntamente. Logo que a praça se rendeu ordenou D. Fadrique de Toledo mandar a nova a S. M. pera o que se aprestou hum pataxo, mui ligeiro, bem espalmado e en-

sevado, mui boas velas e todas que o mastro podesse levar. Era de força e com deseseis peças de artilheria de bronze a cargo do capitão Martim de Llanes hya o capitão D. Pedro de Porvas com cento cincoenta soldados, mosqueteiros escólhidos. Com a nova D. Henrique de Alagon convalecente do mosquetaço. Partiu a 13 de maio á noite em direitura a Cadiz. D. Manuel que levava em seu regimento que logo em chegando ao cabo Verde despachasse caravela com aviso, e não executava esta ordem pelas ocupações que aly teve, e chegando á Bahya vira mayor inconveniente por não ser o mensageiro do infelice principio da empreza. Agora lhe pareceu necessario. Mandou dar monte a huma caravela e a aprestou pera a viagem. Dizem que' hum portuguez dera informação a D. Fadrique que a caravela era embarcação mui ligeira, que furava os mares e avia de anticiparse, com a nova a Espanha muitos dias, em huma carta dequelle dia escreveu o capitulo seguinte: Oy han llegado a desirme que parte uma caravela esta noche a anticiparse a levar el aviso e á llegar primero que el navio que lleva a S. M., esto parese que la misma rason lo esta desindo que no puede seer y asy digo las que asy para no persuadirme a ello pues quando V. S.ª gustare de despachar caravela claro esta que V. S.ª no queria que partiese a tempo que va a hurtar lo vendicion, y se en esto ay algo creo muy seguramente que sera deligencia de algum particular sin orden de V. S.ª Suplico a V. S.ª lo mande averiguar e estorvarlo pues es tan claro lo que en esto se deve haser, y ami mande V. S.ª A este capitulo respondeu que as benções esperava de quem as podia dar sem negociações. A partença da caravela tinha asentado seria com licença de S. S.ª, e depois dado seu navio os dias que lhe parecese como o tinha escrito a S. S.ª em oito daquelle mez dandolhe a resão, que (quando outras

não ouvese que eram muitas) não era justo que as senhoras de Portugal esperasem pelos correos de Madrid somente cartas de seus maridos que tinham naquella armada, fora de que por ordem de S. M. levava despachar caravelas logo em chegando, asy lho tinham mandado os governadores de Portugal que com dobrado gosto e pontualydade obdecia estando ausente. A D. João Fajardo foy ordem tomasse as velas as caravelas que não fossem de D. Manuel, e como corriam com amizade antiga avendo sido D. Manuel soldado de seu pai algumas vezes deulhe conta da ordem e depois de mandado executar n'uma caravela que viera a D. Afonso de Alencastre; estendendose a pratica com lhaneza veio a dizer que a pessoa que levase a sua conta tal empreza podiam dar ordens que nenhum outro navio partisse sobre que ouve largos discursos, e distinções mui necessarias pera semelhantes ocasiões. Mandou aquella mesma tarde ao capitão Manuel de Palhares que como de si fizesse saber a D. Fadrique que elle era o nomeado pera ir a Lisboa com o aviso e asy lhe fizese merce de ocasiões de seu serviço. Que a partenca lhe tinha ordenado D. Manuel seria quando S. S.ª o despachase. O dia seguinte á meia noite veo o mestre de hum navio portuguez tomado por hum patachinho de Olanda com aviso que ja tinha dado a D. Fadrique, que fora mandado pelos olandezes á cidade que tinham por sua saber do estado das cousas, com preceito tornasse em horas limitadas sob pena que tardando padeceriam os companheiros; que aquella com duas presas o navio da ilha da Madeira, e outro de Lisboa esperavam resposta doutras da ponta de S. Antonio. Sahiu logo Martim de Valhesilha com os navios Victoria e S. Catharina, e huma tartana, e a sua ordem mandou D. Manuel dois pataxos que tinha prontos para qualquer ora, e Manuel de

Palhaes na sua caravela. Acharam os olandezes a que deram cassa ate a paragem do rio de S. Francisco, e os deixaram vendo o intervalo com que os vencia em ligeiresa. As presas que eram ruins de vela prevenindo o olandez tinha mandado se fisesem ao mar. Delas teve vista Manuel de Palhaes lhes poz a proa mas o general Valhesilha vendo que era tarde lhe fez sinal e se recolheu. Por este homem se soube que huma das presas era navio de Lisboa carregado de bastimento e trazia cartas a D. Manuel, de serem trinta e cinco velas partidas de Olanda em socorro da Bahya. Sentiu muito que se recolhese estes navios sem efeito, e como lhe hya tanto nos bastimentos todas as deligencias lhe pareciam pequenas e pretendeu fazel-as com os seus pataxos somente. Estando com este cuidado de que tinha avisado a D. Fadrique o avisou D. João Fajardo com muitas horas da noite, que lhe escrevera que ja se exasara a sayda dos pataxos que de trabalho os livrava seu sobrinho D. Henrique de Alagon que estava surto na barra com as duas prezas. D. Manuel lhe pareceu que o portador da nova não seteria cançado muito em averiguar, porque parecia que so com rede se tomavam com brevidade duas prezas por humnavio só e levando comsigo Tristão de Mendonça baixou pela Bahya com intenção de chegar á barra; mas com poucomar vencido soube que D. Henrique so estava surto na barra aonde se recolhera por ter vista d'aquellas prezas, seguindo como disseram, a ordem que levavava que avia de evitar encontro de inimigos para assegurar a brevidade da nova que levava de leveir. Com esta certeza fez a volta pela cappitana de D. João Fajardo, e escreveram a D. Fadrique advertindos que naquellas presas consistia grande parte do remedio da armada de Portugal que daquelle reino partira falta de mantimentos para voltar, Tristão de Mendonça que

quiz levar esta carta trouxe ordem de D. Fadrique para que hum pataxo da sua armada fosse a seu cargo e acompanhasse aos dois de Portugal, tudo isto era ja mais chegado a manhã de 18 de Maio que mea noite. Fizeram-se a vela, e a tarde entraram os dois pataxos (porque o de Castella se não poude desembaraçar tão depressa) com a pressa que abordara e rendera o capitão Gregorio Soares que na sua falua vinha com Tristão de Mendonça, trazendo nove olandezes que na pressa estavam de guarda, avendo nella treze portuguezes. E chegando estes a cappitana sem perguntar nada, nem detendo os mais que emquanto os animou a seu modo delles os mandou D. Manuel a D. Fadrique que por elle soube a sertesa da armada do socorro) e por elle o soube D. Manuel. Tinha precedido que D. Fadrique tinha mandado pedir ainda no meo do caminho dois olandeses a Tristão de Mendoça por dois recados differentes. Hum e outro embaixador proposeram a proposta de Tristão de Mendoça tão cruamente e tanto em publico de castelhanos a portuguezes que lhe pareceu necessaria demonstração publica e mandou não saysse da cappitana de D. João Fajardo, almiranta real, o que deu materia de discursos posto que mui breves. Disiam que D. Fadrique não tinha jurisdição sem os remetter a D. Manuel pera prender fidalgos portuguezes. Outros que sendo tal a pessoa de D. Fadrique, e a quem S. M. cometera aquella empresa fora mui excessivo o termo que tomando em forma de descortesia e desobediencia era merecedor de advertencia mais rigorosa. O que tocava ás jurisdições por mais amplas que fossem as de D. Manuel, que nunca soldado seu de qualquer calydade que fosse podia ficar isento de guardar grande decoro a pessoa de D. Fadrique nem S. M. avia de prevenir caso semelhante

sem excetuar no regimento de D. Manuel o em que D. Fadrique podia mandar prender naquella forma. Logo na manhã seguinte pediu D. Manuel a D. Fadrique fosse servido de mandar Tristão de Mendoça para o seu navio donde não sayria sem sua ordem, ou pera a Almiranta de Portugal para se atalhar o fallar-se em jurisdições pois isto não era escusa-lo da prisão; deu-lhe muitas rasões e sobre tudo lhe pedio por mui particular merce emfim sua excellente natureza, e fidalguia mostrando a D. Manuel muito desejo de o soltar estava como violentada em sinquo dias que Tristão de Mendoça esteve regalado com D. João Fajardo. Pouco depois sayrem os dois pataxos e rendeu o capitão Gregorio Soares a outra presa. Emquanto vinha mercansia da ilha da Madeira, e cantydade de pipas de vinho pera o Conde de Vimioso da sua capitania de machico que lhe foram restituidas posto que com alguma falta com muito gosto de D. Fadrique e dos generaes sendo ja presa que custava a todos. Com os pataxos tinha ido hum barco ou tartana de D. João Fajardo que depois de rendida a presa se chegou mais que o pataxo, e outra razão lhe meteo alguns soldados; depois de surtos no porto tendo aviso da tartana, foi o auditor general da armada do estreito como a empadronar-se do navio que tinha dentro a gente de Gregorio Soares. Sobre a entrada ouve duvidas e repugnancias doendo-se os portuguezes de ver metida jurisdição alhea em sua presa; ouve ruido acodiu o auditor general da armada de Portugal. E emfim acodio D. Manuel, e vendo que toda a barra funda andava sobre pipas mandou que todos os soldados portuguezes vencedores se recolhese a seu navio, ficando os outros de posse pacifica como desejavam. Apertavam os comissarios com excesso mas visitas que se faziam aos olandeses que se hyam embarcando sendo mais

moidos do que aqui se pode escrever sem usar termos umildes, escandalisava o modo geralmente de maneira quasy avisado D. Fadrique. O qual com achaque de os querer ver embarcar baixou a marinha e pondo-se a hum balcão mandou que fose passando os capitães e os officiaes com suas espadas, e os mais desarmados conforme as capitulações, fazendo-lhes todos cortesia de rendidos, e logo ordenou que livremente lhes deixase levar a estes seus vestidos, e aos outros seus baûis, e cofres como os tivese fazendo-lhe nisto muita merce e mui ajustada com sua fidalguia e com a necessydade dos vencidos de que se deram por mui obrigados louvando muito sua grandeza. Pregam que não teve aly seus limites, mas chegou a suas terras com outras circumstansyas da nobreza de D. Fadrique de Toledo que reconheceram, de maneira que por ordem dos estados se mandou em Olanda se não fallase mais naquella materia; o que constou por carta que a senhora infanta escreveu a S. M.. Eram muitos dias de Maio, e não cesavam negocios pesados de cançar a D. Fadrique que logo nos primeiros comesou a tratar das devasas de que S. M. o encarregava, vendo as que se tinham tirado sobre que padeceu desgostos Antão de Mesquita ouvidor geral que negava pode-los mostrar sem expresso mandado de S. M., e em certa forma; no que se gastava muito tempo sendo comprehendida muita gente riqua ate que foram sentenciados, e alguns á morte, acodia falta de mantimentos de suas armadas mandando Nuno Vas Fialho desembargador da relação do Brasil, e commissarios a sua ordem a Boypeva, ao Morro de S. Paulo, Camamu, e rio de Cayru, e a outros portos mais distantes a fazer grande cantydade de farinhas de guerra ordinario sustento daquellas partes. A Sergype d'El-Rey pera que

lhe viesem vacas pera sustento do exercito, e carnes salgadas pera a navegação: não era de menor cuidado que todos estes juntos o de avisar aos portos de Indias estivessem prevenidos porque do socorro de Olanda estava a nova ja artificiada ja por governadores de Portugal e por aquelles olandezes. Para este effeito que comunicou com D. Manuel lhe pedio huma caravella de sua armada, e pessoa que bem fosse pera fazer aquella diligencia pera que lhe nomeou o capitão Cosmo do Couto que sobre a experiencia da guerra tinha estado por aquellas partes. Partiu na caravela N. S. Rosario a vinte e quatro com cartas pera todos os portos de consideração. Na margarita que era o primeiro avia de dar tres maços, pera o governador, pera Porto rico, pera o Presidente de S. Domingos, o qual avia de encaminhar os avisos inclusos pera S. João de Ulloa, Avana, e outros portos desviados. Na margarita havia de tomar piloto, pera correr a Costa tomando os portos de Cracas, Rio de la hacha, Santa Marta e Cartagena. Daly passara a Porto Bello. o que não poude fazer por achar ja prestes a frota pera Espanha em cuja companhia avia de vir; mas logo o governador Diogo de Escovar despachou huma fragata com o aviso.

Foy esta diligencia de D. Fadrique, escutada por Cosme do Couto, de grandissima importancia como logo se vera. Com tantas ocupações e pela falta de officiaes se não podia asistir as quarenas dos navios e conserto das vasilhas pera a armada com a pressa necessaria pera o tempo tão entrado, como na armada de Portugal em que avias muito menos navios e menos cuidados. Aquella noite em partindo Couto, chegou o capitão Apollinario Ferreira morador em S. Tiago em Cabo Verde em huma caravela despachado pelo governador daquelle estado Francisco de Vasconcellos da Cunha

em quinze de Abril com cartas pera os generaes de que em quatorze de aquelle mez apareceram sobre aquella ilha trez navios que deram fundo no porto da Praya, e no mesmo dia chegaram mais vinte, que não surgiram e se fizeram todos trinta e tres a vela na volta que as armadas de Espanha tinham levado a maior parte daquella armada lhe pareceram navios de pequeno porte; da ilha de Maio tivera logo aviso de que era a armada de Olanda com duas cappitanas por o dizerem olandezes que desembarcaram em terra como costumam, em socorro da Bahya, e lavavam ordem achandoa recuperada pelos hespanhos de pasar ao Rio de Janeiro. No dia seguinte apareceram sobra a barra da Bahya as trinta e tres velas de que o governador de Cabo Verde mandara mui certa relação navios pela maior parte mui pequenos, treze sem artilheria, dose de porte, e neste duas capitanas; o que tudo se vio mui claramente do forte de S. Antonio aonde algumas veses quizeram desembarcar, como se coligia pelo que se chegavam, e não acabavam de sertificarse do estado da cidade, nem o poderam alcansar por sy, nem pelo pataxo que mandara diante com quanta diligencia fez. Quando logo se soube a certezadesta armada foram alguns de parecer se usase de ardil disparando algumas peças quando chegasem, fingindo bater-se a praça e a bandeira das armas de Mauricio se puzese no lugar que tinha que com esta confiança entraria a surgir no porto e não cayria em seu erro senão depois de se ver cativa. Outros deferiam porque das armas de Espanha se não avia de temer tretas avendo algum que se persuadise que sem aquelle seu o entrariam as trinta e tres velas e se atreveriam apresentar batalha. A D. Fadrique pareceu que se não deviam usar ardís senão que com lhanesa avia de ser investida. E estes navios chegando a ponta de Santo Antonio se fizeram quanto

pela bolina pode ser nas voltas de Nordeste e Sudoeste, com o vento que era Sueste. Acudiram a cappitana de Portugal a mor parte da nobreza e a almiranta os camaradas do Almirante, e outros; e asy os mais navios se encheram muito mais do necessario. Com muitas mostras de alegria e iguaes cumprimentos, mandou D. Fadrique dizer a D. Christovam de Roxas, que das duas cappitanas envistise a que quizese e a outra lhe deixase. Alguns amigos davam a D. Manuel o parabem de tão formoso dia como se aparelhava; respondia que não seria o dia mais formoso que té aly o tinha sido, porque entendia mui bem que os olandezzes não entravam como se dizia vulgarmente, mas se sustentavam todo o possivel contra o vento. Quem dizia os alcansara se fugirem, se querem pelejar como não entram? com estas duvidas se entravam parecendo em geral aos praticos que era mais seguro esperar que entrasem se gastou a maior parte da mare jusante de que elles se aproveitaram afastandose de maneira que a parte de força, se ali a avia estavam distantes por grande espaço. D. Fadrique tinha ordenado que os navios ligeiros se adiantasem com a maré e ganhasem o barlavento pela parte de S. Antonio, como o fizeram chegando huns a tiro de canham a alguns do inimigo. E vendo emfim que não entravam se fez a vela, e com elle as cappitanas; e posto que a maré ja não ajudava muito, comtudo com o vento que aquela tarde dentro da Bahya se chamou a Lessueste foram as cappitanas excepto a de Napoles, que como outros navios, dava quarena, na volta do sul quarta do sudoeste, e se chegava ao inimigo que não gosava deste vento que mais chegado á barra era Sueste foy abatendo os navios pera o norte notavelmente, e com muito menos força os olandezes por estarem fora do canal. D. Fadrique vendose neste estado, e aos navios de

importancia e sendo ja de noite deu fundo pouco seguro de air nos baixos verdadeiramente visto, e considerado bem por quem o entende, ho que depois diseram homens com muitas barbas, e alguns de muitas cans se forma diante dos olhos quam desditosa sorte é a milicia do mar julgada sempre por qualquer em suas acções; porque um bom juizo em tudo quer discorrer, e não ha algum que do seu não seja muito satisfeito. O que passa muito pelo contrario em qualquer das outras artes. Na mercancia não cumpetira o melhor cortesão com o quaixeiro de qualquer mercado e nas coisas da corte, e modo de se vistir não admitira que... ainda que tenha visto e conhecido a mesma corte, e o seu juizo transcendente comprehende os ventos a que não sabe os nomes, guia as proas que não sabera encaminhar uma alagoa, esta penetrando o íntimo do coração dos generaes do mar e se não ha quem sofra este atrevimento num discreto, como se poderá refrear a colera em inorantes e insençatos. Mormurou-se com principio na gente do Brasil de que o que D. Fadrique ordenara fariam aparencias pera dar a entender mui alheo de querer pelejar; porque avendose feiamente no cometer não proseguira no adeantarse, e dera fundo com que muitos dos navios se abstiveram em pelejar, e abordar que o surgir atalhara huma acção gloriosa, coroa de todo o bom successo da Bahya, fora a ultima ruina dos rebeldes a perda daquellas reliquias do ultimo esforço dos estados ajudado das contribuições violentas dos povos daquellas provincias; pelo contrario estando inteira aquella armada, ficava sem alguma segurança toda a costa do Brazil. Entre os navios que mais se adeantaram foi S. Tereza de Castela, N. Sr.ª da Ajuda de Portugal, este deu no lanço de S. Antonio, aquella encalhou nos baixos de Taparica, vendose pelo sucesso que sem esperança de salvação dei-

tandose muitos ao mar afogados algun e todos em grande risco, nem sayo d'aquelle trabalho senão cortado o mastro grande; dos olandezes um dos maiores não podendo montar os cabos como estava mais empenhado deu nos mesmos baixos de Taparica donde escapou com grande pena cortando as obras mortas aleviando tudo ate cousa de pouco pezo, como barrilinhos de manteiga, caixinhas de Flandres, canecas e outras miudesas. Esta foy a causa de que correse a noticia de ser perdida huma cappitana. Acharam-se corpos mortos, sete ou oito bateis, e lanchas, em algumas mosquetes, ronqueiras, lanças de fogo, e outros instrumentos, tanto a barlavento dos hespanhoes, qual averia nestes suporse adiantar quizesem forçar os ventos tanto a dentro das pontas de S. Antonio, e Taparica? Se os castelhanos poderão palejar, quem lho impedio? Os portuguezes não diriam que poderam sem confessar medo porque nenhuma outra ordem tiveram que a que D. Manuel lhes enviou, e não averá algum que digalhe fosse outra que não pelejase. A cappitana de Portugal se poude chegar por que não pelejou pois não tinha ordem que lhe estorvasse, e a almiranta nenhuma fora da D. Manuel. A manhã seguinte não parecia a Armada senão huma ou duas velas que de madrugada se viam escassamente; na tarde se juntaram na real a conselho e como não se sabia da mormuração, persuadidos todos que cada hum tinha feito seu dever na ocasião do dia dantes propoz D. Fadrique se convinha ir buscar o inimigo que como avia nova, estava no morro de S. Paulo, trouxe todas as resões da gloria que era venselo, do risco daquella provincia se ficase inteiros. Acertaram de votar primeiro os que não puzeram em duvida a que logo saisse a armada, e o consumisse. Ouve logo quem advertiu o perigo de sair tão grande armada, se podese sayr com vento sueste por

que desgarrando huma vez, como era quasi serto nos mais dos navios pesados era impocivel não poder cobralo porto. E quando tudo acontecesse navegar com sueste pera o sul, chegar ao Morro de S. Paulo, como se avia de permitir que saysse huma armada, sem lenha, sem agua, sem mantimentos, os navios abertos, sem querenas, sentados. Outro votou conformemente votando que da armada de Portugal, que como de menos trabalho estava adiantadas de todas o navio S. José terceiro na força estava na querena por adrissar; a cappitana e almiranta por dar pendores com grandissima necessidade delles, e em todas faltava, o que se desia da agua, lenha, e demais. D. Manuel estava satisfeito daquelles votos que achava se podiam forteficar com outras muitas resões, e por muitas persisas necessydades de que a armada em que estava toda a gente de consyderação, nem por meo dia desemparase aquella prassa, e chegandolhe seu giro disse, que naquelle lugar lhe convinha vestirse de piloto, deixada a pessoa de general. Chamados os pilotos mandou que se chegasem; propoz qual era a derrota por onde se avia de ir buscar o Morro e qual o vento; perguntou-lhes se atreviam abitalo. Se era impocivel mal se gastava o tempo averiguar se convinha. Todos confessavam que não seria pocivel, exceto hum que o fez facil fazendo-se o vento Leste. A que D. João Fajardo que ja tinha votado. No fuera mejor norte y fueramos en popa? e como estava logo pronta objeição se perguntou como tinham ido os olandeses? respondeu D. Manuel que por serem navios mais ligeiros, melhor despalmados, e que o ultimo medo obrigava a muito, mas que duvidava, antes apostaria que não chegaram. A instancia que se lhe fez que se tinha feito delles? respondeu que estarião encobertos de alguma das pontas. E que se

não fosse perdidos apareseriam ate amanhan seguinte. Durou muito a junta e depois de desfeita estando ainda juntos em conversação veo o sargento maior Marga com aviso de que apareciam sobre a barra. No primeiro de Junho apareceram juntos arriba de Itapoana velejando todo o possivel pera o norte disendo-se depois que parte daquelles navios se detinham pela parage da Torre de Garcia de Avila. D. Manuel enfadado por ventura, de ver que com estas novas da armada detinha D. Fadrique a caravela dizendo que fosse mui embora, mas que os seus moços não havia de dar arriscado o segredo de que avisava a S. M. em huma caravela á vista de tantos navios, ou enganado em sua opinião em que estes eram mui inferiores de forças ao que depois se imprimiu, ou foi maior a confiança nos seus do que outrem julgaria por justo escreveu a D. Fadrique em hum capitulo de huma carta de quatro de Junho que os seus olandeses alli se detivessem des ou doze dias com a sua armada o favor de Deus, e licença de S. S.ª iria desalojal-os isto com toda a singeleza do mundo em consideração de estar a de Castela em todo o estremo atrasada. Parece que alguem leo aquella carta que acharia sobre qualquer bofete não advertio na dilação que se pedia naquella se aviam de prover aquelles navios de mais agua da que ja tinham, e entanto dar-se tado a cappitana que daly a tres dias, e tomando o que hera sem distinção publicou que D. Manuel tambem era afeissoado a aparencias e a tirar gloria de vaydades; porque estando sobre hum lado (representando isto com a mão na ilharga) a sua cappitana se oferecia sayr comella contra o inimigo. O que mais disia não se sabe donde o achase que D. Fadrique lho prometia. Esta fama que comesou a estranhar-se vindo-lhe dahi a muitos dias a noticia, sentio muito, e se queixou a D.

Fadrique por carta de que sua boa intenção, zelo de serviço de S. M. e gosto de o dar a S. S.ª lhe acarrease injustamente o nome de fanfarrão que aborrecia igualmente com todos os maos, queria por testemunha de que senão oferecera senão tomado tempo pera seu apresto. Como as cartas eram de pouca importancia, e não se guardaram não avia mais provas pera sua defensão que a fidalguia de D. Fadrique que sentiria o que elle sentia em tamanho desgosto: e como as verdades andam mal avaliadas tudo foi trabalho; mas depois quando ja a prova era avesada por ter o tempo com esquecimento apagado aquelle rumor de leviàndade, se achou a mesma resposta de D. Fadrique com hum capitulo destas palavras. Emquanto a desalojar V. S.ª a armada del inimigo, sy se quisiera detener los dias que V. S. disse siempre me parecerá muy bien, y muy facil em V. S.ª porque conosco su valor.... 4 de Junho de 1625. Mostrava esta armada a extrema necessidade da agua pretendendo tomala em todos aquelles luguares Rio de S. Francisco, Torre de Garcia de Avila, enseada de Vasa Barris. Apareceu depois sobre as villas de Pernãobuco, e Paraiba, que Mathias de Albuquerque por sua pessoa defenderia contra outras maiores forças. Vendo-se sem remedio porque em toda a parte achavam resistencia em luguar de guias, que avia mister correndo a Costa entraram na Bahya da Traição, seis leguas a ponente, quasy da Parahiba como em terra deserta habitada somente de pobres gentios se aquartelaram ao longo da praya, outros pera huma aldêa donde entravam e traziam algumas vacas. Sendo avisado Mathias de Albuquerque se quiz logo pôr ao caminho, mas impedido com protestos publicos da Camara e Vila, se não auzentase daquella praça de tanta importancia se resolveu sem dilação mandar toda a força que pudese

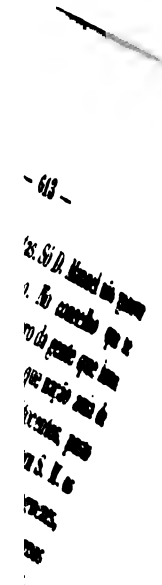
escolhendo pera cabo Francisco Coelho de Carvalho nomeado governador do Maranhão, que aceitou com vontade mui pronta. Acompanhava-o a gente que levara de Lisboa, e outra que se lhe ajuntou, alguma artilheria, munições e mantimentos. Desembarcou naquella costa, alojando junto Mananguapo, Rio distante do inimigo duas leguas. Tomada mostra da gente se achou com sete companhias, de Pernambuco, sua, e da Parahiba e alguns indios frecheiros, que acompanharam dois padres da companhia, que o governador mandara pera persuadir aos Tabajares indios visinhos que socorresem antes a dos Portuguezes. Dali se levantou o inimigo (não saberei dizer com que numero de navios ali chegado porém suspeito que espalhados derrotados, e mal tratados de sua miseria navegaram, e por serto tenho que iam mui demenutos) e foy com desesete navios somente sobre Porto Rico, que estava muito de antes prevenido com o aviso de D. Fadrique. Daly sayram canhoneados da fortaleza com perda de huma nao que tocou não deixando feito maior dano que pegar o fogo ás palhoças daquella povoação que chamam cidade. Daly passou a S. Domingos que acharam com a mesma prevenção, e desembarcando gente em terra lhe mataram alguns, e puseram os mais em fogida, e perdido outro navio com grande demenuição em fazenda e reputação se retiraram, não alcancei a que portos nem quam poucos chegaram a suas terras. Esta nova d'estar desembarcado o inimigo naquella bahya com toda a armada, aquartelado, fortificado, senhor das terras, todo o gentio da sua parte (quasy costuma ser em semelhantes ocasiões que tanto venca o rumor a toda a verdade) tiveram os generaes a nove de Julho cartas do governador do primeiro daquelle mez. Pareceu a D. Fadrique e ao conselho se esperace por novo aviso; porque pela informação que se

colheu de homens praticos não era aquella bahya capaz de fazer-se della praça d'armas nem se queria que aly se forticase. Entendendo-se que o que chamava fortificar-se seria o que esta gente como tam praticos soldados costumam fazer, aquartelar-se logo de qualquer maneira que poude, ainda que não seja mais que pera huma noite. Vendo que tardava o segundo aviso hum dia e outro bem se coligio que o negocio estava bem parado, porem se ajuntou conselho sobre aquella ocorrencia, se convinha ir demandar-se o inimigo; discorreu-se sobre a estação do tempo, monção gastada pera demandar a costa de Espanha, o estado dos navios, rotos, velhos, e sem querenas, faltos de velas. enxarcia, consumido tudo com os maus chuveiros de Guiné e do Brasil e do gusano da Bahya, falta de mantimentos na armada de Castela nem apenas tinha para chegar a Cadiz. Lembrava-se muito a necessydade que em Espanha avia daquellas armadas, parecendo que pera guarda daquellas costas, averia somente uma esquadra de poucos baixeis: era impocivel andar varendo todos os portos aonde desse o inimigo com poucos navios tão ligeiros, senão fosse com a armada particular pera aquelle effeito; que todas aquellas faltas que padeciam, eram iremediaveis naquellas partes. Outros faziam pontas diversas; propunham que era o effeito da impresa deslusido deixando inimigos naquellas costas, e não respondendo as objeções disiam que tudo avia ficar desmontado daquelles ladrões. Quem munto nisto e nesta gloria insistia, fazendo-se-lhe brandamente huma lembrança por hum dos que tinham votado que lhe respondese só a huma cousa, que se avia de comer? respondeu que taboas. Muitos ouve (posto que ja os Espanhões iam aprendendo a sustentar-se com farinha de pao) que reprovaram o genero de mantimentos; dos gloriosos era o

o Marquez de Cropani, e atalhando os inconvenientes de faltarem as armadas em Espanha, se ofereceu para ficar com huma esquadra e desalojar o inimigo donde quer que aparecesse. Emfim se assentou que, visto não segundar o aviso, a necessydade que os tinha levado a outros luguares levara ahy os olandeses a fazer aguada, prover-se do necessario, e teriam levado ferro como dos demais. Que sobretudo se trataria conforme a necessidade que o tempo mostrase o que em Pernãobuco se avia de saber aonde aquella armada avia de ir junto. E pera se ter de tudo verdadeira informação, e achar-se a materia bem disposta pareceu mandar diante pessoa de importancia. Partiu o governador S. Feliche de cuja procedencia se podia fiar muito, com elle o governador Francisco de Valhesilha e Heitor de la Calse capitão de infanteria napolitana, com instrucção trabalhasse por reconhecer o alojamento do inimigo, alcansar verdadeira informação daquella Bahya, de que achandose presente duas pessoas honradas que nella estiveram muitos dias, e a consideração era tão confuza que cada um variava do outro por intervalo immenso. Acontecimento ordinario entre Portuguzes a quem os estrangeiros vindos de novo ensinão os sitios dos portos e enseadas que navegam de mais de cem annos antes. Estava a armada de Portugal avia dias, em seu tanto florentissima todos os navios aprestados com grande sobra de mantimentos pela prodigalidade com que os governadores de Portugal a socorreram de biscoito, azeite, vinho, chasinas, e tudo de estraordinaria bondade, que não somente bastava mas tambem socorreu a de Castela com biscouto que se lhe pedio. Foy Deus servido que tudo o que mandaram chegasse a salvamento, ou por boa fortuna dos que escaparam do encontro do inimigo, ou por valor dos capitães de seus pataxos, que das entranhas

arrancavam as presas aos piratas. Só D. Manuel não gosava daquella felecidade com descanço. No conselho que se ajuntou a tres de Junho sobre o numero da gente que havia ficar de presidio naquella cidade, e de que nação avia de ser, foi de parecer que o numero fose de oitocentos, posto que os não poderia sustentar aquelle estado, nem S. M. os avia de conservar naquelle numero, fossem portuguezes, e os que faltasem das outras nações que avia, castelhanos biscaynhos, e italianos. Na mistura ouve muitos daquelle parecer, todos no numero se avantajaram entre os limites de mil e duzentos ate dois mil e quinhentos. Mostravam pera isto muitas resões. A extenção da praça trabalhosa de defender sem muita gente avendo de aver outra que acodisse as paragens que eram muitas aonde o inimigo podia desembarcar a que era necessario dar remedio antes que se fortificasse. A instancia que se fazia que confessandose ser mui justo que aly ouvesse mais gente de guerra, todavia era necessario saber donde se avia de pagar. Do Estado era impossivel, S. M. não avia de sustentar o Brazil como os de Flandres em que a religião catholica se defendia e era deixados muitos, a primeira causa e fora sempre desde o principio de tão excessivas despesas; respondiase que se não tratara do que o Estado não podia; que aquella defenção não ficava naquella ocasião por conta de D. Fadrique e daquelle exercito; e era necessario ser mui bem fundada, S. M. ordenaria despois o que mais conviese a seu real serviço. Assentouse ficassem novecentos homens esperase juntamente se tratase de donde se lhe aviam fazer pagas, porque sem ellas era impossivel cuidaram alguns imprudentes do tempo que avia de ser tirado do mais pronto que na presa se achase. Mas posto que algum o lembrou, nada naquella junta se concluiu. Pouco despois

se vio (o que estava bem claro) que nem castelhanos nem italianos queriam alistarse ou obrigarse a companhias; e carregou todo o numero sobre a gente portugueza, que pela mayor parte eram fidalgos, e seus criados, ou pessoas de sua obrigação, e outros nobres aventureiros que deixaram a comodidade de suas casas, por servir naquella jornada, entre estes muitos filhos primeiros de seos pais bem afazendados, calydades pera não padecer violencia em lugar de satisfação. Com estes se podiam contar os soldados do terço da armada, que podiam chegar a quatrocentos em sinquo companhias; que nunca S. M. violentou pera jornada alguma, por mui grande que fosse a necesydade de gente, e aos que voluntariamente se ofereceram pera a India mandava fazer vantage e merces. O que aqui mais danava era que todo o conhecido de qualquer casa, ou de fidalgo nos livros d'ElRey se queria eximir da lista. Sobre que vinham grandes queixas dos amos a D. Manuel, alegando exemplos que os criados de outros não aviam de ficar como ficavam os seus. Conferencia na verdade injusta avendo senhores e fidalgos que se avantajavam muito por muitas circunstancias, e pela grandesa de casa e criados levaram a sua custa; tudo conhecido dos mais que queriam gosar da mesma liberdade. Sobre esta defeculdade de pouca gente avia a outra de se não sinalar pagas nem ainda de promesa D. Fadrique disia que a ordem de S. M. era que toda a despesa correse pela coroa de Portugal. O Estado do Brazil estava impocibilitado e pobre pelo que tinha sessadoa Olanda a sugeições na Bahya e a falta de comercio geral que é tudo que ahy ha nos tempos florentes. Os soldados que la militavam principalmente os que tinham ido de Portugal podiam ser a cifra da ultima necessidade, curtas, más e incertas resões. Nenhuma paga, a terra carissima em tudo



...der o corpo das injurias do tempo.
...encia insofrivel, qual se vio que es-
...que o capitão Lourenço de Brito fosse
...rda á nau Rata, navio grande carregado
...de Portugal mettido por hum esteiro do
...ulo, nenhum delles que eram naturaes se
. O capitão Hieronimo Serrão, oferecendo a
a de Portugal, e com ella baixou a marinha
...nuel o esperava. Tendo-a embarcado á ordem
...ço de Brito se tornou. Em duas horas faltaram
...dados, e a poucas despois eram todos acudidos.
...o não havia castigo, por que a gente Portugueza
...ntimento, sem soldo é como a de mais dura de en-
...har; e geralmente em Portugal reina a desobediencia
...que nunca os vandos de pena se executam: e estar um
...dado alistado em companhias somente pera ser castigado
não pera se sustentar, sequer miseravelmente, insofrivel
parece. Foi necessario que da armada se desse sessenta
soldados com que foy. Com estas mostras da vida que se
aparelhava não avia quem se oferecesse pera ficar. D.
Fadrique por carta de seis de Junho declarou a D. Manuel
que não avia gente que ouvesse de ficar senão a Portugueza
e que pera essa não avia ordem de donde se lhe podese dar
soldo; respondeu a que podese ficar da armada estava
mal vestida e mal calsada, e como avia de ficar violentada
se avia de ser presa, e aonde? porque ficando presa bom
exemplo dava a D. Francisco de Moura que todos os dias
fugião. Contudo comessou a executar a violencia ordenando
ao mestre de campo Antonio Muniz Barreto terçasse as
companhias ao que se começou a fazer, e apartar gente em
bom numero, entregarse a D. Francisco de Moura fazendose
a armada baixa das ressões. Foram mal ospedados no

principio com que todo feitio se perdeu signalandose-lhes de socorro vinte e sinquo reis por dia, mui a preposito pera gente violentada, em terra onde hum pão seis pedia tres seis onças valia vinte. D. Manuel era verdadeiramente violentado lembrandose do gosto com que aquelles portuguezes se ofereceram pera a jornada que diferente satisfação viam da que tinham merecido. Desejava favorecer alguns por justissimos respeitos, custavalhe muito ouvir suas queixas não estando em sua mão podela remediar. Em dispensandose em hum se abria portas a muitas petições e todas justas. Não bastando os terçados, nem permetir que soldados do terço da armada ficassem, tendo persuadido a muitos pera compor tam grande numero, ordenou que da gente que ficasse nas companhias se tirasse a quarta parte. Com isto e com a voluntaria se fizeram setecentos e cincuenta homens, maior numero do que nunca julgou se juntasse. Foise descobrindo nova defeculdade sendo necessario muito apertarse com as companhias, e entrarse por alguns aventureiros que se tinham alistado nellas por amizade ou respeito dos capitães. Cresciam as queixas por que queria obrigar a taes pessoas que podia acusar deixando o mesmo terço da armada inteiro, soldados velhos solteiros sem obrigações, ajuntavam a isto, muito malfeitores e de ruins manhas merecedores de degredo, e outros castigos. Comtudo hião a D. Fadrique, de maneira que era necessario acudir a estas queixas, dar satisfação mostrando como osqueixosos se enganavam e informavam apaixonadamente dos soldados do terço aonde havia gente muito honrrada bem disiplinada, e muitos casados e a travesura se a ouvese em algum era castigada e avia menos que em outros terços, e que se não diziam afrontas, ao que D. Fadrique satisfez por esta carta de 14 de Junho.

No me pasa senor por la imaginacion inovar ninguna cousa de las que V. S. dispusiere que lo que ayer escrevi a V. S. de que sy los capitanes sy quisiesem que dar com sus companias las reciviramos asy nofre des conformarme con los que V. S. hase sino abrir el un camino, y el otro y asy lo dec'aro porque eu todo deseo mostrar satisfacion que tengo de lo que V. S. executa y V. S. la tenga desta y que nadie le desea servir como yo, ny le ajudara con mas gusto en todo lo que V. S. me mandare. Al auditor se dicho que execute la orden que tiene de V. S.. Não eram bastantes estes favores e fidalgas correspondencias que D. Manuel achava em D. Fadrique pera que não sentise a grande molestia que mimos ou impertinencias alheas lhe causavam nem achou modo com que desabafase com verdade sem rebuço que pela preposta seguinte comonicada primeiro com D. Fadrique. Considerado o estado das coisas não vejo modo pera obrigar aos soldados que se ofereceram a S. M. pera esta recuperação da Bahya que representar-lhes diante dos olhos quanto em vão trabalharam, e que serviço fizeram tão pouco pera estimar-se depois de recuperada esta praça e desemparada como pretendo fazer avista dos olandeses não querendo ficar nella, se presedio por tempo de mui pouca dura, porque S. M. logo com a nova da merce que Deos nos fez hade mandar tocar caixa, fazer leva de gente pera segurança da praça em que tanto lhe vay, como tem mostrado mandando a ella tam grande armada com excessivo gasto de sua real fazenda; e sem duvida dará licença aos que agora ficam violentados pera que tornem a suas casas dando-lhes mantimentos embarcações em que pasem e mandando-lhes rematar contas em seu soldo, e fazer a merce que couber em suas calydades. Isto deixada a obrigação natural de servirmos a nosso rei

e senhor bastara pera obrigara todos, e ficar de tão boa vontade que fosse necessario fazer-se-lhes força pera acompanhar esta armada, que ora com o favor de Deus torna a Espanha. Tambem conheço outra fonte que me corro declarar, e he que alguns fidalgos e pessoas nobres, que conhecemos com poucos criados em suas casas favorecem e amparam alguns soldados que se lhe a costaram, e que por ventura não receberam soldo, e que he de mui pouca consideraçam se todos tiveram reção da escotilha de El-Rey: será cousa vergonhosa que so pera desemparare o serviço de S. M. de tanta importancia os chamem criados, avendo de ter todos nos outros testemunhas que despois lhes não acompanham suas salas, e quando verdadeiramente fossem criados como ha muitos parece-me que corria obrigação aos tais fidalgos de se cansar muito em os persuadir, e que alguma parte delles se ficasse pera mostrar em tudo o desvio de servir a S. M. como na resolução de navegar tantas leguas em seu real serviço. Outra, e oxala que não será mui considerada porque estarey mal informado que ouve capitães que por rogos, e respeitos desobrigaram soldados despois de alistados com os do presidio, e desejando muito de acudir ao que toca ao serviço de El-Rey nosso senhor que Deus guarde, como sempre fiz em todas as ocasiões me pareceu declarar que todo o soldado nomeado na lista tem de oje por diante senão ficar borrada sua praça nos livros da armada pera ração e pera quaesquer outras quayes; nem terá luguar em algum dos navios della e por histo ordeno e mando a todos os capitães dos navios, ou pessoas que os governam não admitam nelles algum destes soldados sob pena de caso maior, e traidor a El-Rey, afora a pena que me parecer conforme ao delito deixando por agora por dizer o modo de que castigarei os

soldados, e mestres de navios marchantes se os admitirem. E porque venha a noticia de todos mando ao Ajudante Alonço Rodrigues com esta carta para que todas as cabeças e capitães a leam e asinem, e por esta via possa chegar a noticia a todos os soldados. Bahya 22 de Junho de 1625. Maior monstro era este do cuidar a quem ler estes escritos em que se não podem dizer todos os particulares que cansavam a D. Manuel que quando se dava por livre desta fadiga soube que a maior parte da gente não acudia as companhias em que se alistara; persuadido ja que as armadas partiriam brevemente porque D. Fadrique lhe escrevia que os navios que não estivessem prontos ficariam pera se aprestar, com huma cantydade de dinheiro que reservava para necessidade precisa tentou novo caminho propondo quatro escudos em principio de paga algumas camizas e o mais que ouvesse aos soldados que voluntariamente sentase praça começando emquanto não acudiam de novo pelos violentados. Deu esta traça mostra em principio que avia de ser mui eficaz. E até nisto avia trabalho porque não avendo officiaes na armada era necessario neste mesmo tempo em que na marinha se occupavam huns em contar dinheiro todo o dia, ou estar prontos pera qualquer hora em que os soldados acudissem, assistirem outros no collegio dos padres da companhia (conforme ao aviso que lhe mandara o de Cropani em 28 do mes passado depois que quasy tudo o de valor era ou desencaminhado, ou repartido) aonde se davam panos podres por excessivos preços segundo se queixavam os portuguezes, alfinetes, almofaças, cascaveis, berimbaus, pelo que cabia a esquadra de Portugal daquella preça, estas sarcandajas se aviam de repartir despois por cada companhia conforme o que a cada hum tocava; e como a repartição da esquadra de

Portugal ficou tanto pera o cabo veo a faltar pera a conta que se lhe repartiu quantia quasy de oito mil crusados pera se aver de pagar em Cadiz ou tarde ou mal, ou nunca; porque não faltasse algum genero de enfadamento, quiseram alguns fidalgos portuguezes por fazer bem a hum soldado embarassar as jurisdições destas coroas; pediram e importunaram a D. Fadrique de Toledo, confirmase o titulo de ajudante a hum soldado que tinha feito aquelle officio no terço de Antonio Muniz Barreto, metendo pera bonador a Diogo Rodrigues. D. Manuel considerado quanto aquillo se afundava, e a seu juiso contra o que S. M. tinha assentado o não permiitio. Alegavase por outra parte que a impresa do Brazil era fora do conteudo nos alvarás, e regimentos, e nela levava D. Fadrique amplicima jurisdição. Provava D. Manuel o contrario, a seu parecer mui bem provado com os mesmos regimentos reaes pera aquella jornada. Tinha dito, tratando disto a D. Fadrique com muita cortesia que todos os officios e cargos levantados pera aquella impresa sesavam com o fim della des do superior ate o ajudante della que estando elle presente, e sendo terceiro pedir a D. Antonio Moniz Barreto outro ajudante como era costume nos terços aver dois aos governadores de Portugal o negaram aly, e depois o não concederam sem aproveitarem repricas nem instancias, que se a necessydade de terço estando em campanha obrigasse a fazer outro, muitos averia que aceitasem o cargo na ocasião, como ouvera no terço de D. Francisco de Almeida, que nunca o averia por tal quando não ouvesse o risco das jurisdições, pelo terem negado os governadores de Portugal que respeitava ausentes, mais se pode ser que em presença. Com tantas resões mal se podera cuidar teria D. Fadrique sua jurisdição por demenuida, mas como quer que fosse ou perfiado

instantemente dos pretensores, ou apertado pela palavra, tentou outros caminhos; quiz mandal-o aos officiaes inferiores que o assentasem, e estendendo bem o laço não achou mais que o auditor general que estava mui doente. Escrveulhe pelo seu auditor general pedindolhe mandase asentar aquelle ajudante que ja tinha nomeado, que as escusas se podia aver algumas lhas fosse dar em pessoa. Respondeulhe que S. Ex. lhe mandava coisa totalmente fora da sua jurisdição, aonde não a tinha outro que o genral de Portugal. Pareceu ser aquillo termo de comprimento necessario ao promettido. Contentou-se o auditor castelhano que o de Portugal o mandáse com poderes que tinha declarado ao escrivão da nao que estava [em terra asistindo as pagas, qûasy o mandava com seus poderes se os tinha porque o senhor D. Fadrique o mandava absolutamente sem o ouvir de seu direito. Considerou D. Manuel qual estava de enfermo o Auditor, e que pouco bastaria pera o acabar que não avia meo entre a paciencia servil, e a resolução das armas. Foy mais modesto que resoluto deixando tudo a que S. M. o julgasse porque sendo justo o que D. Fadrique fazia não era injustiça que padesesse o auditor. Se o poder se não estendia tanto trabalho seria fazer nonadas. Com todos estes trabalhos não se conseguiu o effeito comprido não avendo ainda mais que oitocentos homens com que lhe parecia a D. Manuel satisfaria ajuntando os que D. Fadrique lhe desse como lhe tinha dito que ajudaria com os que podesse. Mas vendose com algumas cartas de amigos não quisesse que lhe dessem a cargo o deterse aly a armada pois outras coisas a detinha, escreveo a D. Fadrique esta carta. He dicho a V. S.ª en consejo, y fuere del que en lo que toca a la gente, he hecho todo lo que he podido y mas de lo que se podia, y sy V. S.ª ubiera propuesto en la

primera junta que toda la gente abia de ser portugueza, por ningum caso del mundo tomara por mi quenta sacar tanta de la armada de Portugal; lo asentado fue que la que faltase se avia de suplir con la castelhana. Tambien dixe a V. S.ª que sin pagas, era impocible juntarse gente que de la violentada no se podia haser caso para presidio en placa abierta. Suplique a V. S.ª em presença por escrito por persona confidente que haviendo de ser hisiemos força a los soldados, fue V. S. servido de senalarles carsere ou cuerpe de guardia, o parte adonde los enserrasemos, porque violencia y libertad eram incompatibles. Uvo de nombrarse la gente, y por la ordem que V. S.ª aprovó se alistaram 750 ó los que se allaron en la lista del maestro de campo Antonio Munis facil era suplirse los demas. Pero destos vyeron tantos que no quedaron ninum apenas quatrocientos ny se sy llegaron bien a tresientos y cincuenta. Hire um esfuerço de lo poco que tenia en dineiro para el apresto del armada, despues de aver pagada la gente de mar por conservarla a que no se fueso como se iva, propuse cuatro escudos a cada soldado por cuenta de su sueldo, repartiles camisa y mas cosas que me aviam quedado. Com esto que se alento algo mas la gente, e acudiu de manera que devem ser cerca de setecentos los alistados, di ordem al maestro de campo que todas las campanias que dasem reservando a los capitanes algunos de sus camaradas. De los que llamon tersio de la armada quedan muchos, de manera que no abra para ella tresientos para suplir la falta que tenemos de marineros, porque solo en esta cappitana faltam desyocho de los pocos que trahya. He confessado a V. S.ª ha dias en persona, lunes quatorze deste en consejo que no podia mas. Com todo esto estam alla en la ciudad officiales que aqui no podia escusar, com tabla tentida, y deneros para haser

pagas, y diserme que algunos acuden. De esta manera se hara mientras que la cappitana de Napoles Santa Teresa, e otros navios no acaban de aprestarse, o V. S.ª no manda que nos hagamos a la vela. No trato de la parte de preza que cupo a la gente portugueza que no se acaba de repartir porque eso no puede causar dilacion ala pertença pues no se' quien no gusta mas de irsa á su tierra que esperar lo que se les va repartindo, aun que fuera de mas preciso. Los soldados de las companias todos tienen sus armas; los de la purdicion se arman con picas, arcabuzes y mosquetes que traiamos de respeto, y todo se va entregando en la conformidade de lo que V. S.ª ha ordenado. Estimara yo mucho de tener artilheria, armas moniciones, para dexar, pues S.M. manda a S. S.ª todo lo que fuere decessario sea del armada de Portugal que venia tan falta que sy la polvora que V. S. hade dar, sy fuera servido ir a muy mar provehida. Y en resolucion digo que sy me dexam, sien mosqueteros soldados de nuchas armadas que me ham ajudado en ocasione en que los marineros me faltaram, oy por los demas navios quedan a quarenta o conforme a su porta la demas infanteria mandare entregar toda sy la reserva que he dicho de los capitanes y e sobraram mucha de los nuevecientos; y sy lo que he dicho puede majorarse V. S.ª me lo mande por haserme mucho que en todo obedecere como devo; y no quera Dios que causa mia sea dilacion de uma hora solamente, en materia en que va toda la importancia desta armada antes de entrado el tiempo que la puede distraire. Guarde Dios a V. S.ª Sy algo falta por entregar a lo causado la esclavitude de un navio nuestro en tres meses, o cerco dellos con la cappitana de Napoles, sem que se saque lo que alla tiene, e padese el pobre de su dueno. Não bastavam estas impossibilidades de trabalho que

se padecia neste mesmo tempo em tirar dos navios de particulares pretrechos, monições, e outras miudezas que se aviam de entregar ao provedor mor e officiaes da fazenda naquella praça conforme o regimento nem ver se estavam ja entregues mais de oitocentos soldados, muitos e mui bons artilheiros, e que actualmente asistiam em terra officiaes com dinheiro pera paga de soldados que sempre acudiam nem o saber-se que na armada de Castela avia muito que aprestar, para que os portuguezes da terra se dessem por satisfeitos de tanta deligencia, antes tudo eram queixas que não se acabava de dar cumprimento ao numero de novecentos, que alguns eram moços e mal vestidos. A isto satisfazia que não estavam em terra pera eleger senão pera aceitar o que elle lhe mandasse; e todos daquella armada foram recebidos no consulado pelos ministros e officiaes de S. M.; antes eram melhores que os que tinham ido de antes com os capitães que agora se não contentavam, pois sobre tão larga viagem tinham aprendido a pratica de milicia naquelle sitio. A verdade he que ficou mui boa gente de que depois quietas as paixões ficaram por mui satisfeitos. D. Fadrique que deperto e de continuo não podia deixar de ouvir queixas de que ainda não ficava o numero inteiro, não podendo resistir as importunações de gente ociosa, ou por outros respeitos ordenou ao Marquez de Cropani fosse a D. Manuel pera que se concluisse; e avendo alguma duvida declarase da sua parte que toda a dilação da armada, e as consequencias correriam por sua conta. Foi mui larga a proposta diante de D. João Fajardo, e outras pessoas de autoridade, e muito mais largo o que se respondeo. Sobre a dilação da armada se ventilou assás, não sem demonstração da causa verdadeira. Concluiu D. Manuel que tinha servido a S. M. muitos

annos, com boa e má fortuna que carregara alguma vez muito demasiadamente sobre sua fazenda, a honra salva e reputação pela bondade de Deus em quem esperava que nunca seus procedimentos no serviço de S. M. serião outros pera que jamais ouvesse luguar de que se podessem dar cargos como nunca, tendo emulos poderosos nos tempos adversos lhe foram dados. Sua intenção era cumprir o numero da gente, se alguma faltava seria muito pouca, que hya fazendo voluntariamente com suavidade, não aplicando a preça violencia vendo que não era este o impedimento a partença das armadas. E sorrindo-se que logo naquelle dia e no seguinte, se daria muito mayor numero sendo necessario. Domingo 27 foy dia notavel. Estando ja D. Fadrique descançado de huma jornada que fizera pela Bahya metendo-se pelos esteiros dellas com grande gostos por levar huma topografia dos olandeses mui propria; chamou a conselho em que se acharam muitos dos ordinarios e os da camara, e sendo da cidade do Salvador. Fallou-lhes discremente dando muitas graças a Deus pela merce que lhe fizera na recuperação de tão principal cidade por metropoli de tam grande provincia, e como por aquellas pessoas venerandas que o governavam. Por premio do serviço que lhe tinha feito pretendia o nome de seu protector não, que era mui levantado com grande excesso, mas de seu solicitador diante de S. M. Acabada a pratica mandou pelo seu secretario ler a memoria do que nella deixava de artilheria, de munições, de pretrechos, de maquinas que se não podera negar que era muito. Ali gozou verdadeiramente de sua propria fama, porque ouvio presentes todos muitos louvores que como em nome dos portuguezes, algum lhe deu com as graças de deixar aquella praça tambem presidiada tam chea de tudo o necessario, qual nunca o Brazil vira depois

de seu descobrimento em tempo de tantos annos. Reis avia, fazenda real tanto importava; com o que seria muito ingrato o reino de Portugal se em alguma hora deixasse de os mostrar obrigadissimo, e outras muitas semelhantes. Despedida a junta ja mais tarde pediu a D. Manuel que se não fosse e com muitas horas de noite estando o seu auditor presente e o do Brazil Antonio de Mesquita, Francisco de Barros provedor mor, e muitos do conselho se leo huma petição em nome do povo sobre não ser citado, nem executado por dividas em serto tempo, em consideração do trabalho padecido em hum anno de cativeiro, em que se não trabalhara nos engenhos, nem outras fazendas. Muí favorecedor do povo se mostrava Francisco de Barros com muita lastima de suas necessydades alegando que nas obras o mostrava não apertando com algum dos muitos que lhe deviam. Apostou todavia que na petição se incluya muita malicia avendo muitos trapasseiros e interessados em tratos de que tinham gosados os feitos mais do que lhes cabia, e agora com aquella graça não queriam restituir sendo asy que muitos delles não perderam nada com o sesar dos engenhos nem em outras lavranças e officios que pelo impedimento se não exercitaram. Antão de Mesquita carregou aly muito com exageração; quiz logo concluir com que o despacho que pretendiam era contra as ordenações de Portugal nas quaes os Reis declaravam que so podiam fazer esperas e ainda em certos limites. O auditor general castelhano dispertou o negocio doutamente conforme a seu juiso e boas letras aresoando todavia que D. Fadrique podia fazer aquella graça porque estava em luguar do Principe que podia interpretar a lei como era de crer que o Principe a declarara se presente fora. Entre a pratica usou algumas vezes da palavra repiclica que com tanta afeição, gostos

se pegou a muitos que a cada periado a repetiam arrastando. lhe por ventura o sentido; quasi todos, ou muitos, notaram que era muita resão que D. Fadrique concedese graças ao povo. Não faltando quem se risse sem o incobrir que se estivesse disputando presentes tantos portuguezes quebrantar-se as ordenações de Portugal. Era o modo de fallar tão aspero que aquillo era contra as ordenações claras e expressas que D. Fadrique se veo a contentar, com que ouvesse modo com que de todo não ficase carecendo de sua liberalidade, e asy parece podia conceder-lhe não fossem executado nos escravos e fabricas dos engenhos. Antão de Mesquita que não pareceu adulador lembrado por ventura da prisão passada ou como he mais de crer mostrando justiça que ás suas cans devia, e a seu cargo respondeu secamente, que aquillo não era graça mas estilo antigo do Brasil que elles lhe avia de guardar sem nova merce alguma. D. Fadrique disse, basta que Ud me contradise en la gracia que pretendia hacer y en esta que esjusta no me dá lugar. Respondeu que aonde a justiça era tam clara escusase S. Ex. a graça que bem tinha mostrado em tudo o desejo de remedear aquelle povo. Concluido tudo tão ditosamente parece que as ocurrencias davam lugar a D. Fadrique a que descançasse. Mas o desejo nos ministros inferiores de o agradar o impediram informando-o do apresto da armada mais o gosto que a pontualidade. Não era este mal de agora somente porque em 31 de Maio avisava por carta a D. Manuel que estava resoluto de se fazer á vela por todo o mez de Junho pelo muito que importava ao srviço de S. M., de que o ariscava pera que tivesse pronta a armada de Portugal pera este tempo que pouco importava que algum navio se ficasse. Agora cada momente se lhe fariam annos e não podia acabar de se desembaraçar

mostrando-lhe os inferiores a facilidade de partir se não fosse na primeira, na segunda hora de qualquer dia. D. Manuel como quem estava sempre no mar, e se sabia com mais particularidade dos aprestos dizendo-lhe da sua parte D. João Faiardo que logo se fazia a vella, respondeu que a armada Portugal pronta estava pera qualquer ora, mas que por algum dia mais não se anticipase levar ferro pera aver de surgir na barra, isto mesmo pelo capitão Felippe de Laia por D. Joseph de Sarabia, e pelo seu auditor general. Temia com muita rezão a falta de ancoras e amarras que sabia em toda a sua armada, e quantas era necessario aver pera dar fundo em costa brava, aonde as mesmas ondas impedem o poder se levar. A 31 daquelle mez as duas depois do meio dia se fizeram á vella as cappitanas e alguns navios; mas antes de chegar a ponta de S. Antonio deram fundo. No primeiro de Agosto ouve outro rebate pera despertar mais os que ficaram no porto, e logo se surgiu ao sul da ponta de S. Antonio pouco distantes da terra. A tarde se levaram do porto alguns navios, e o vento daquella noite mui rijo obrigou a tornar surgir dentro da enseada, pela manhã com a borrasca perdeu o navio S. duas ancoras ficando em tal estado que chegou a navegar sem nenhuma. Na almiranta de Portugal querendo insistir a levar huma ancora que emfim deixou, ouve bravo fracasso matando-lhe o cabrestante tres homens, deixando desconfiados outros tres, não fallando em muitos feridos. Chegou emfim a hora da partença segunda-feira quatro de Agosto em que se fizeram a vella quando rompia o sol. Alguns dos navios com a aguada mal segura pelo mal adresso das vasilhas, pouco vinho, escasso e maus os mantimentos e tanto como o que mais necessitado os que se embarcaram os olandezes.

Posto que com se fizerem as armadas á vela, e sairem da

Bahya de todos os Santos fica justamente posto ficou a este livrito conforme a preposiçam se não tem sido mais larga; não parecen fora de proposito relatar-se brevemente os sucessos da cappitana de Portugal por huma carta que D. Manuel de Menezes escreveu a S. M. posto que com alguma coisa repetida.

Senhor.—Porque falta nova das armadas e cappitana real donde podia sair toda a certeza me parece necessario avisar a V. M. do que vi; e posso conjecturar por tosco discursos de marinheiro. Com a nova que se teve de que a armadinha olandeza estava na Bahya da Traição, ouve conselho em quatorze de Julho, fui de parecer, que pela informação que tinha daquelle porto, era impossivel que nelle estivessem tantas velas, ainda que mui pequenas, e em particular avendo entre estas seis ou sete navios de bom porte, e que a mesma necessydade de agua que tinha obrigado aos olandezes a procurala no Morro de S. Paulo, pela paragem do rio Vermelho, da Torre de Garcia de Avila, da enseada de Vasa barris, os obrigara a demandar aquelle porto pera daly fazer viagem a suas terras. Assentou-se que fosse logo pessoa de bom juizo que informase da certeza pera nos avisar quando chegase a Pernãobuco, pera o qual effeito foi escolhido o governador S. Feliche acompanhado de Francisco de Valhesilha, mui pratico na navegação, e pessoa de muito merecimento, irmão do general Francisco de Valhesilha, Eitor de la Calse, capitão italiano, mui valente soldado, os quaes partiram em vinte daquelle mez, por fim leramos ferro e viemos dar fundo huma legoa ao sul do lugnar do Salvador, defronte de S. Antonio, ficando alguns navios surtos que estavam apprestando, e a quatro de Agosto nos fizemos á vela com os ventos que aquelles dias foy sueste de grandes serrasões com que cada hora nos per-

diamos de vista. Indo a noite de 15 de Agosto com a proa ao Nonordeste nos fizemos na volta de sessueste, e sueste como o vento que se faz nordeste, dava luguar apartandonos da costa que viamos todos os dias com mui grande cuidado de huma desgraça. Pela manhã ficamos com pouco pano esperando por D. Fadrique de Toledo. E parecendo que nos não podia ficar por popa conforme ao vento fomos navegando desaseis ou desasete velas, que nos ajuntamos na volta de Pernãobuco, aonde estava assentado que nos ajuntassemos a 19 daquelle mez a noite estivemos a leste do Cabo de S. Agostinho. Mandei ao piloto navegase de maneira proejando em voltas ao mar e a terra que amanhecessem tres ou quatro leguas ao sul de Pernãobuco, porque asy podiamos saber novas e ajuntarmo-nos com D. Fadrique se acaso não fosse chegando; despedi logo huma lancha minha por não ter a caravela de V. M. com cartas a Mathias de Albuquerque para que me avisase de tudo e sayse a frota se lhe parecese. O piloto naquella noite prodejou mal, enganandose sem vela de gavea; e ao que se lhe eu disia que discaia e aviamos de cayr mais perto de Pernãobuco, respondeu que ainda que velejasemos poderiamos chegar. Pela manhã estavamos leste a oeste com aquella villa, e mui perto ficando em balde toda a minha diligencia daquella noite. Fazendose mais ao mar deu fundo huma legua de terra. Achamos aquella manhã desanove navios a fora a cappitana de quatro velas e sua almiranta que estavam surtas. Em duas oras se nos rompeu a armada com grandes mares de sueste desgarraram. Demos fundo a outra com protestos de todos os officiaes da nao, e assentado não ficariamos aly aquella noite. Creseu o vento com chuveiros de maneira que tinhamos marinheiros no traquete, e sevadeira com as velas lestas, pera sayrmos sueste se compesse

Estando neste estado com o jugar extraordinariamente do navio de popa e proa, fomos a cacia cahindo sobre a cappitana de quatro vellas arejando ajuste dando vozes que não tinha mais que arriscar, e se nos quebrou com grande ruido o garoupez pe'a entena de baixo acima da segunda retadura. Com grande confuzão e desacordo de muitos, cortando a amarra, largamos velas e mareamos de maneira que nos livramos de cair sobre a de quatro vellas; e se cayssemos era impossivel por mais livrarmos deixar um de nos perder. Não terei pressa nem fiz sinal pera que outro navio se levase, determinando remediar o gorôupez e livrandome Deus dos baixos de S. Antonio esperar por D. Fadrique de Toledo fazendome, se o vento alargasse, na volta de terra isto intentei na noite de vinte e um, mas os officiaes o contradiseram com mais fundamento. Em vinte e dois se me fez o vento leste com que julguei podiamos voltar. Ajuntei os officiaes e pessoas entendidas. Asentouse que era impossivel tomar terra conveniente. Do assentado se fizeram autos, e nos a nossa viagem. Ajuntaramse com a cappitana almiranta de quatro velas, a cappitana de Olanda S. Cruz, Penha de França. Em vinte e um de Setembro em altura de trinta e sete graus escassos corremos tromenta de vento mui grande su loeste vario que nos levou o traquete de correr, e subitamente a sevadeira que lárgamos. Deixandonos a arvore seca; mas foy Deus servido que sem dano algum governasse o navio melhor que quando o tinha e com menos balanços. Pela manhã de vinte e dois no achamos com a almirante somente, e juntos viemos navegando. Na de vinte e tres se vira do tope tres velas, pela tarde as vimos por debaixo que tivemos pelas nossas, fomos arribando huma quarta sobre ellas pera que se nos não perdesse de vista fazendo bom farol. Quando amanhe-

ceu estava com quatro legoas da ponta de ponente da Ilha de S. Miguel e mas perto por minha esteira mui velejadas com velas de gavea, e burriquetes com que me vieram, alcançando e se poseram pela guarda de bombordo a tiro de canhão, e por ver que os soldados se alvoroçavam, mandei arribar sobre ellas, mas persuadido a que se aviam de afastar. Mas pelo contrario. Ostingaram a mayor, ferraram sevadeira, amainaram de gavea, e huma della em que hum floreava com a espada passeando pela popa me pos a proa. Pelejavam como duas horas com mui boa resolução pondose a dar carga e recebela. Com tudo a capittana não soffreu mais e largou vela com que se adiantou, de que colegi que queria carregarme por outro bordo, e ficando com as duas me fugiram em popa, dando a almiranta as bombas com que vertia levadas de agua por huma e outra banda. Puz a proa na cappitana que me estava diante amainada de pano, e lhe fui dando cassa emquanto não desesperei de a poder alcançar. Voltei logo sobre as duas que tinham caido mais perto da almiranta quatro vellas (amanhecera mui longe de mim) e lhe iam fugindo, e ella canhoneando-as, e alcançando a almiranta porque a outra se adiantou muito e escapou. Como chegou mais perto lhe deu algumas rosiadas de mosquetaria, e a foi desaparelhando, emfim alcançou e abordou. Indo nos ja perto vimos fumo, e logo fogo mui vagaroso na olandeza, e apertar-se a nossa em que pouco depois vimos fumo pela popa, e ir-se alcando o fogo, e porque o vento era pouco e ya abonançando mo foi mais perto do que quizera, e mandei velejar pera acodindo logo com a fragata que trazia com pranchas e jangadas, e cabos por popa com que se salvaram, cento quarenta e oito pessoas, gastou-se aquelle dia todo ate que ja posto o sol não avia gente viva pera salvar. Aquella

noite as onze velejamos deixando ja consumidos os navios. Afirmo a V. M. que nenhuma conjectura posso fazer pera presumir que os olandeses se pusesem fogo. Este mar vi depois todo sujo de navios, mas tão pequenos que ainda que fossem duzentos, não eram pera temer, e tão ligeiros que não avera cousa fraca que a vela lhe escape; tudo he velame e cebo, bandeiras de almirantas e cappitanas com armas olandezas, mas o porte he de navios de turcos. Tiravam-me de longe donde ladravam, algum se me chegou de noite tão perto que me levou cargas de mosquetaria. Quarta-feira oito de outubro tivemos vista de terra e por parecer Cabo de Espichel, e não se ter tomado o sol de tres dias, discorremos aquella noite, mas era a Boca, e nos achamos pela manhã perto da Berlenga donde não vieramos a este porto em muitos dias senão fora huma trevoada de Oesnoroeste com que nos chegamos, e entramos a barra de Lisboa terça-feira quatorze deste mez. O tempo he bonança de todo, o que areja he sueste e susueste e não se mudando não se pode esperar chegem as armadas e naus da India. Os tres navios que se me apartaram com a tromenta me poderam dar cuidado se no mar andar a armada grossa, mas todos juntos os que vi de S. Miguel pera que me não parecem poderosos pera render o pataxo Penha de França com o capitão que traz. A armada me parece que não virá junta pelas muitas serrações que tivemos, e por vir toda falta d'agua pelo ruim apresto que houve na Bahya de tanoeiros e falta de arcos, e por vírem abertos os navios por falta de calafates, e carpinteiros e passados do buzano. Julgo que a frota de Brazil vira toda junta com a maior parte da armada que não pode estar longe esperando em Deus que ade trazer tudo a salvamento pera que o real serviço de V. M. se faça com a prosperidade que lhe desejão, e procuram estes seus vassalhos.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

TOMO XXII. SUPPLEMENTO. 1859.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1859.

1.ª SESSÃO EM 20 DE MAIO DE 1859.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDIDA PELO EXM.^mo SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's 6 horas da tarde achando-se presentes os seguintes Srs. Visconde de Sapucahy, Conselheiro Baptista d'Oliveira, Norberto, Porto-Alegre, Soares, Varnhagen, Coruja, Drs. Filgueiras, Perdigão, Fernandes de Barros, Fontes, e Fernandes Pinheiro annuncia-se a chegada de S. M., que sendo recebido com as formalidades do estylo, abre-se a sessão.

O Sr. 1.º Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

1.º Um officio do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho despedindo-se do Instituto e offerecendo o seu prestimo na Europa.

2.º Idem do Sr. Conselheiro Azambuja communicando não poder comparecer por incommodado e remettendo o processo d'Antonio José pertencente ao espolio do Desembargador Silva Pontes.

3.º Idem do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques transmittindo dois exemplares da biographia do Dr. Francisco de Sousa Martins.

4.° Do Sr. Official Maior da secretaria da Camara dos Srs. Deputados enviando os *Annaes Parlamentares*.

5.° Idem do Sr. Henrique Guilherme Fernando Halfeld agradecendo a honrosa menção que d'elle se fez no relatorio do Sr. 1.° secretario.

6.° Idem do Sr. Presidente da provincia de S.ta Catharina remettendo a falta com que abriu a sessão da respectiva Assembléa.

7.° Idem do Sr. Titára enviando-lhes relatorios que organisou sobre o estado da instrucção publica da provincia das Alagoas.

8.° Idem do Sr. Rebeyrolles mandando dous exemplares do *Brasil Pittoresco*.

9.° Idem do Sr. Ministro do Imperto incluindo os relatorios dos Srs. presidentes das provincias das Alagoas, Maranhão, Paraná e S. Paulo.

10. Idem do Sr. Secretario Geral do Ministerio do Imperio remettendo os relatorios dos Srs. Presidentes das provincias de S. Pedro e Pará.

11. Do Sr. Consul-Geral da Hollanda enviando alguns trabalhos da sociedade de Batavia.

12. Do Sr. Coronel Conrado Jacob de Niemeyer mandando a carta do Brasil lithographada em papel nacional.

13. Do Sr. Ministro do Imperio enviando a falla do Sr. Presidente da Bahia á respectiva Assembléa.

14. Officio do mesmo Sr. Ministro remettendo os documentos annexos ao relatorio do Sr. Presidente de Goyaz.

15. Idem do Sr. Dr. J. B. Nascentes d'Azambuja enviando o relatorio do Sr. Presidente da provincia do Amazonas.

16. Idem do Sr. Dr. José Alexandrino Dias de Moura mandando dous exemplares do relatorio com que o Sr. Presidente das Alagoas abriu a respectiva Assembléa.

17. Officio do Sr. José Maria de Freitas remettendo um exemplar d'uma viagem ao valle das Furnas na ilha de S. Miguel.

18. Idem do Sr. Alencastre participando a creação d'uma Bibliotheca na cidade de Corityba e pedindo para ella a protecção do Instituto.

19 Idem do Sr. Coronel Conrado agradecendo os elogios que lhe foram feitos pelo Sr. 1.° Secretario em seu relatorio do anno findo.

20. Idem do Sr. Miguel Archanjo Galvão remettendo um exemplar da sua memoria sobre a dizima da chancellaria.

21. Idem do Sr. Brigadeiro Polydoro pedindo que lhe seja concedida uma collecção de Revistas do Instituto para a bibliotheca da Escola Militar e d'Applicação.

22. Idem do Sr. Dr. Ernesto Ferreira França dizendo que tendo a Academia das Sciencias de Munich de celebrar no dia 28 de Março de 1859 o seu primeiro jubileo secular acharia conveniente que o Instituto se associasse por qualquer fórma ao seu jubilo.—Remettido ao Sr. 1.° Secretario para responder convenientemente.

23. Idem do Sr. Presidente da provincia de S.ta Catharina enviando uma nota relativa a antiguidade da villa (hoje cidade) de N. S. da Graça do Rio de S. Francisco do Sul.

24. Idem do Sr. D. Paschoal (*Addadus Calpe*) remettendo um manuscripto intitulado—Apontamentos Geographicos e Descriptivos sobre o Grão-Chaco.

O Sr. 1.° Secretario offerece uma collecção de cartas sobre a provincia de Santa Catharina escriptas pelo Sr. J. Gonsalves dos Sanctos e Silva e a relação manuscripta das festas celebradas no Rio de Janeiro no tempo do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos.

Todas as offertas foram recebidas com especial agrado.

PROPOSTAS, E PARECERES.

O Sr. Porto-Alegre propõe para socios do Instituto os Srs. Drs. João José Coitinho, Presidente da provincia de S.ta Catharina, e J. Gonsalves dos Santos e Silva.—Remettido a commissão respectiva.

O Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros lê varios pareceres relativos á admissão de socios.—Ficam sobre a mesa.

INSCRIPÇÕES.

Inscreveram-se para lerem memorias no decurso das sessões d'este anno os seguintes Srs. Varnhagen, Filgueiras, Coruja, e Fernandes Pinheiro.

RECEBIMENTO DE JORNAES E REVISTAS.

Receberam-se com especial agrado varios jornaes e revistas remettidas pelas respectivas redacções.

ORDEM DO DIA.

Não havendo mais nada a tractar e obtida a Imperial venia levantou o Sr. Presidente a sessão marcando para ordem do dia seguinte a apresentação de propostas, leitura de pareceres e trabalhos dos socios.

Sala das sessões do Instituto no Paço Imperial da Cidade 20 de Maio de 1859.

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro—2.º Secretario.

2.ª SESSÃO EM 3 DE JUNHO DE 1859.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDIDA PELO EXM. SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's seis horas da tarde achando-se presentes os seguintes Senhores: Visconde de Sapucahy, Conselheiro Baptista de Oliveira, Porto-Alegre, Norberto, Doutores Filgueiras, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Franco d'Almeida, Soares, Conego Pinto de Campos, Conselheiros Mello, Azambuja, Dr. Claudio, e Coruja, annuncia-se a chegada de S. M. O Imperador o qual é recebido segundo o estylo.

O Sr. Presidente abre a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, o Sr. 1.º Secretario apresenta e lê o seguinte:

EXPEDIENTE.

1.º Um officio do Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro participando não poder, por incommodos de saúde, comparacer á presente sessão.

2. Idem do Sr. Francisco José Camara Leal enviando um exemplar do Relatorio, com que o seu antecessor abrio a Assembléa Provincial do Paraná.

3.º O original do parecer favoravel do Sr. barão de Humboldt sobre os tratados de limites celebrados pelo Ministro Plenitenciario Brasileiro Miguel Maria Lisboa com as Republicas de Venezuella e Nova-Granada, offerecido pelo Sr. Conselheiro Azambuja.

4.º Um exemplar da Exposição dirigida em Novembro de 1853, pelo cidadão Lourenço Maria Lleras, ao Presi-

dente da Republica de Nova-Granada; offerecido pelo Sr. Conselheiro Azambuja.

5.° Dous exemplares do Relatorio do Ministerio da Marinha.

6.° Varios jornaes pelas repectivas redacções.

7.° Um exemplar da obra—Monumento-Historico-Diplomaticos, enviado pela Legação Brasileira em Turim por intermedio do mesmo Sr. Azambuja.

As offertas foram recebidas com especial agrado.

PROPOSTAS.

O Sr. Norberto submette ao Instituto uma proposta, assignada por grande numero de seus socios, para o fim de elevar a socio honorario do mesmo Instituto o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, em attenção aos serviços prestados pelo mesmo Sr. como eloquente Orador e 1.° Secretario, e como uma prova do apreço em que são tidos os seus conhecimentos litterarios.

Posta a votos é unanimente aprovada.

PARECERES.

Votaram-se os diversos pareceres apresentados na sessão anterior e foram aprovados socios correspondentes os Senhores Padre Lino do Monte Carmello Luna, Braz da Costa Rubim, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Capitão de Fragata Lourenço da Silva Amazonas, Luiz Rybeaud, Ceroni, Primeiro Tenente Antonio Mariano de Azevedo, A. D. Pascoal e Rodrigo José Ferreira Bretas.

O Sr. Soares como Membro da Commissão de Fundos e Orçamento lê o parecer de contas da mesma Commissão.

O Sr. Porto-Alegre pede a palavra e profere um pequeno discurso no qual felicitando o Instituto pela efficacia e alta protecção de que gosa e fazendo votos pela sua constante prosperidade communica que tem de retirar-se no primeiro paquete para Europa e que o faz saudoso e grato as attenções com que foi sempre tratado pelos seus membros.

Não havendo nada mais a tratar e impetrado a Imperial Permissão o Sr. Presidente levanta a sessão as 7 ½ horas da noite.

Eu 1.º Secretario supplente, servindo de 2.º Secretario por impedimento do Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro, lavrei a presente acta que assigno e dato aos 3 de Junho de 1859 no Paço da cidade.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.

3.ª SESSÃO EM 17 DE JUNHO DE 1859.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDIDA PELO EXM. SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's seis horas e meia da tarde, achando-se presentes os Srs. Visconde de Sapucahy, Conselheiro Candido Baptista, Norberto, Dr. Macedo, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Dr. Filgueiras, Coruja, Drs. Carlos Honorio, Emilio Maia, Homem de Mello, Franco de Almeida, Perdigão Malheiros, Varnhagen, Claudio, Conselheiro Azambuja. Rios e Soares, annuncia-se a chegada de S. M. o I., o qual é recebido com as honras que lhe são devidas.

O Sr. Presidente abre a 4.ª sessão do corrente anno.

O Dr. Filgueiras, 2.º Secretario interino, lê a acta da sessão antecedente, que é approvada sem discussão.

O Sr. Conego Dr. Pinheiro, passando a occupar o cargo de 1.º Secretario em virtude da retirada do Sr. Porto-Alegre para a Europa, apresenta e lê o seguinte:

EXPEDIENTE.

1.º Doze exemplares do relatorio do ministerio da Guerra, enviados pela respectiva Secretaria.

2.º Um officio do Sr. Ministro do Imperio, enviando um exemplar dos relatorios com que o Presidente da provincia do Paraná e o Vice-Presidente da de Minas-Geraes, abriram as respectivas Assembléas Legislativas na sessão do presente anno.

3.º Um officio do Sr. Presidente da provincia de Sergipe, enviando um exemplar do relatorio, com que o seu antecessor lhe entregou a administração daquella provincia.

4.º Um officio do Inspector Geral da instrucção publica da provincia do Paraná, acompanhando o relatorio da situação da instrucção publica d'essa provincia no anno proximo passado.

5.º Um exemplar da obra do Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, que tem por titulo—Quadros Synopticos,—offerecido pelo seu autor.

6.º Um exemplada obra—Chorographia do Imperio do Brasil—offerecido pelo autor o Sr. Dr. Mello Moraes.

7.º Um officio do Sr. Emilio Adet, companhando e offecendo um exemplar da sua obra intitulada—O Cavallo.—

8.º Um exempar do almanack da provincia do Maranhão remettido ao Instituto pelo seu autor.

9.° Um exemplar da obra--Figurinos dos corpos do exercito—remettido pela Secretaria da Guerra.

10. Dous exemplares das primeiras folhas publicadas do diccionario portuguez, offerecidos pelo seu autor o Sr. Eduardo de Faria, e acompanhados de uma carta, na qual promette a continuação da remessa regular.

11. Varios jornaes, enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado.

PROPOSTAS E PARECERES.

O Sr. Presidente põe em discussão o parecer de contas, apresentado na sessão anterior pela commissão de fundos e orçamento. Tomam parte no debate os Srs. Coruja, Sebastião Soares, Conego Dr. Pinheiro e Dr. Claudio. Encerrada a discussão são postos a votos 1.° o orçamento apresentado pela commissão, e é rejeitado; 2.° a emenda substitutiva offerecida pelo Sr. Thesoureiro, e é approvada.

O Sr. 1.° secretario propõe que se dirija ao Sr. Thesoureiro um voto de congratulação pela bôa gerencia havida durante o anno passado dos objectos a seu cargo:—é unanimemente approvada a proposta.

LEITURA.

Passando-se á ultima parte da ordem do dia, o Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro procede á leitura da Biographia de Fr. Francisco de Mont'Alverne, escripta pelo Sr. Dr. D. J. G. de Magalhães.

Não havendo mais nada a tratar, e impetrada a imperial permissão, o Sr. presidente levanta a sessão ás 9 horas da noite. Nos Paços da cidade aos 17 de Junho de 1859.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.

4.ª SESSÃO EM 1 DE JULHO DE 1859.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Ás 6 ½ horas da tarde tendo comparecido os Srs. Visconde de Sapucahy, Conselheiro C. Baptista, Conego Dr. Pinheiro, Drs. Figueiras, Macedo, Sousa Fontes, Claudio, Pereira Pinto, Carlos Honorio, Homem de Mello, Coruja, Conselheiro Azambuja, Costa Rubim, Sebastião Soares, Conego Pinto de Campos e Dr. Franco de Almeida, annuncia-se a chegada de S. M. I., que é recebido com as honras do estylo.

O Sr. Presidente abre a 4.ª sessão do presente anno, e, depois de lida a acta da sessão anterior, o Sr. 1.º Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE:

1.º Um officio do Secretario da provincia de Pernambuco, acompanhando um exemplar do relatorio com que o Presidente da mesma provincia abrio a assembléa legislativa no corrente anno.

2.º Um exemplar do relatorio do ministerio do imperio remettido pela respectiva secretaria.

3.º Um exemplar do relatorio feito ao conselho de beneficencia de Lisboa pelo seu Secretario o Sr. João Cardoso Ferraz de Miranda, offerecido ao Instituto pelo autor por intermedio do Sr. Dr. Feijó e apresentado nesta sessão pelo Sr. Dr. Sousa Fontes.

4.° Um exemplar da obra de Lord Cockrane sobre o Brasil, offerecido pelo Sr. Dr. Homem de Mello.

5.° Um officio do Sr. Norberto, participando ao Instituto não poder comparecer, por doente, á presente sessão.

6.° Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

PROPOSTAS.

O Sr. Dr. Conego Pinheiro offerece á mesa uma proposta assignada por todos os socios presentes para que se eleve á cathegoria de socio honorario o Sr. Francisco Adolpho de Warnhagen, ministro residente do Brasil no Paraguay, em reconhecimento de sua illustração e de valiosos serviços prestados ao Instituto.

O Sr. Conselheiro Azambuja propõe que a mesma distincção seja estensiva aos Srs. Drs. Domingos José Gonsalves de Magalhães e Joaquim Caetano da Silva, visto concorrerem nesses Srs. as mesmas condições. Posta a votos a proposta, é approvada.

REQUERIMENTOS.

O Sr. Conselheiro Azambuja requer algumas providencias a respeito de alguns socios remissos do Instituto. O Sr. 1.° Secretario tendo declarado que a mesa já se occupava ha algum tempo deste assumpto, e que breve apresentaria um resultado dessa tarefa, o mesmo Sr. Conselheiro Azambuja deo-se por satisfeito e retirou o seu requerimento.

O Sr. Dr. Homem de Mello requer que a obra do Sr. Cockrane, que offereceo ao Instituto seja remettida á commissão de historia, afim de dar sobre ella, na parte relativa ao Brasil, um circunstanciado parecer. Este requerimento é deferido.

LEITURA.

O Sr. Soares lê uma memoria historica—estatistica sobre a alça do preço dos generos alimenticios.

ENCERRAMENTO.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. Presidente dá para a ordem do dio da sessão seguinte: 1.° propostas e pareceres; 2.° continuação da leitura da memoria do Sr. Soares, e sendo 9 horas da noite levanta a sessão, depois de impetrada e obtida a imperial venia. No Paço da cidade aos 1 de Julho de 1859, lavrou a presente acta, o 2.° Secretario—*Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.*

5.ª SESSÃO EM 15 DE JULHO DE 1859.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's 6 horas da tarde, verificada a presença dos Srs. Visconde da Sapucahy, Conselheiro Candido Baptista, Dr. Macedo, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Drs. Filgueiras, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Homem de Mello, Coruja, Sebastião Soares, D. Pascoal, Capitão de Mar e Guerra Amasonas, Rios, Dr. Claudio, Rubim, Conego Pinto de Campos. Gomes Jardim, Dr. Franco de Almeida, e Castro, annuncia-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual é recebido com as honras do estylo.

O Sr. Presidente abre a 5.ª sessão do corrente anno; e lida a acta da sessão anterior que é approvada, o Sr. 1.º Secretario apresenta e lê o seguinte

EXPEDIENTE:

1.º Um officio do Sr. Norberto participando não poder comparecer á presente sessão por continuarem os seus incommodos de saude.

2.º Um exemplar da obra—Ensaio sobre o seguro das vidas — do Sr. João de Sousa Moreira, offerecido pelo seu autor.

3.º Um officio do Sr. Conselheiro Azambuja, explicando a sua falta de comparecimento á presente sessão, e remettendo o seguinte:

4.º Um officio do Sr. Felippe José Pereira Leal, lembrando ao Instituto o nome e merito do Sr. Dr. D. Pedro Galvez, Ministro Residente do Perú nas Republicas da America Central, que lhe dão direito a pertencer ao numero dos socios correspondentes do Instituto.

5.º Varios jornaes remettidos pelas suas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado.

O Sr. Presidente resolveo que ácerca do officio do Sr. Leal, se respondesse ao mesmo Sr. com a copia do Art. dos Estatutos, relativo á admissão dos socios a fim de que o Sr. Dr. D. Pedro Galvez satisfaça as suas condições e possa assim apresentar-se legalmente como candidato ao titulo pedido de socio correspondente, titulo que lhe seria desde já conferido se ao Instituto fôra licito fazel-o.

Passando-se á ultima parte da ordem do dia, o Sr. Dr. Homem de Mello lê a biographia do Visconde de S. Leopoldo.

O Sr. Soares continua a leitura da sua memoria historica estatistica sobre a alça dos preços dos generos alimenticios.

Não havendo mais nada a tratar, e solicitada a imperial venia, levanta-se a sessão ás 8 horas da noite. No Paço da cidade aos 15 de Julho de 1859.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, 2.º Secretario inter.º

6.ª SESSÃO EM 6 DE AGOSTO DE 1859.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's 6 horas da tarde, presentes os Srs. Visconde de Sapucahy, Joaquim Norberto, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Dr. Filgueiras, Coruja, Drs. Carlos Honorio, Fernandes Barros, Claudio, Perdigão Malheiros, Conselheiro Azambuja, Conego Pinto de Campos, Capitão de Mar e Guerra Amasonas e D. Pascoal, annuncia-se a chegada de S. M. o I., que é recebido com as honras devidas.

O Sr. Presidente abre a 6.ª sessão do corrente anno, e depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1.º Secretario lê o seguinte

EXPEDIENTE:

1.º Um exemplar do 8.º volume dos—Figurinos dos Corpos do Exercito—, enviado pela Secretaria dos Negocios da Guerra.

2.° Um officio do Sr. Ministro do Imperio, acompanhando um requerimento da Sr.ª Viscondeça de S. Amaro, e pedindo ao Instituto um parecer sobre a introducção da vaccina no Brasil no anno de 1804.

3.° Um exemplar do Relatorio sobre o estado dos Indios na provincia do Amasonas, pelo Director Geral dos mesmos o Sr. João Wilkens de Mattos, offerecido ao Instituto pelo mesmo autor, por intermedio do Sr. Coruja.

4.° Um exemplar do Relatorio com que o Sr. Conselheiro Ferraz entregou a Presidencia da provincia do Rio Grande do Sul ao 2.° Vice-Presidente da mesma.

5.° Um officio do Sr. Ministro do Imperio remettendo um exemplar dos documentos com que o Presidente da provincia de S. Paulo instruio o Relatorio d'abertura da Assembléa Provincial em Fevereiro d'este anno.

6.° Uma remessa de folhas do Diccionario Portuguez do Sr. Eduardo de Faria, até pag. 704.

7.° Um officio do Director da Escola Militar e de Applicação, accusando o recebimento da collecção das Revistas, enviada pela secretaria do Instituto para o Muzeu da mesma escola.

8.° Um officio do Sr. Dr. Homem de Mello participando ao Instituto a sua partida para o lugar onde reside na provincia de S. Paulo e offerecendo ahi o seu prestimo e dedicação aos trabalhos d'esta Associação.

9.° O seguinte officio do Sr. Joaquim Norberto communicando ao Instituto, que na organisação do Archivo da Secretaria dos Negocios do Imperio, a que está procedendo, tem encontrado varios documentos sobre a historia nacional, entre os quaes aponta mais particularmente alguns pertencentes a José Bonifacio de Andrada e Silva:—

Illm. Sr.—Acho-me organisando o importante archivo

da secretaria de estado dos negocios do Imperio, e na minha ardua tarefa não me tenho esquecido do Instituto Historico, pois tenho deparado com documentos que lançam alguma luz sobre a historia da nossa patria, e sobre a vida de nossos homens illustres, são, porém, como a alma do licenciado Garcia, e necessario é desenterral-os d'onde mal se pensa que possam existir, como entre a alluvião de petições uma do nosso patricio Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coitinho, bispo de Elvas, e que tambem o foi de Pernambuco, na qual se encontram muitas noticias, ainda não sabidas, para a sua biographia. E' porém tão demasiadamente longa que ainda não tive tempo de copial-a, nem o sei se terei.

N'estes ultimos dias encontrei os Estatutos que para a Sociedade de Economia da provincia de São Paulo alli formulou o nosso illustre José Bonifacio de Andrada e Silva, e que tem a sua respeitavel assignatura; patenteam o quanto se esmerava elle pela prosperidade da nossa patria; não tem data, mas devem ser anteriores ao anno de 1822. Transcreverei aqui as suas palavras do preambulo:

« Mostra a razão, que as bases solidas da riqueza nacional são a agricultura em toda a sua extensão e a industria fabril; mas para que essas se arreiguem e prosperem progressivamente, cumpre fazer conspirar as forças do governo, e dos particulares a um centro commum. Ora esta reunião de vontade e de esforços facil e efficazmente se consegue por meio de sociedades patrioticas de homens sabios e cidadãos zelosos, que appliquem a tão importantes fins os resultados praticos da physica, mecanica, chimica, mineralogia, historia natural e economia.

« Para conseguir, porém, a estabilidade e proveitos de uma tal associação, é preciso:

« 1.° Dar-lhe boa organisação, para que tudo se faça desempeçadamente, com zelo, actividade e sem as collizões do egoismo e dos caprichos da vaidade.

« 2.° Dar premios e recompensas que estimulem o patriotismo dos cidadãos.

« 3.° Haver cabedaes disponiveis para estes premios e recompensas para o costeio interno da sociedade e para a compra de livros indispensaveis, modelos, machinas, e instrumentos que não podér subministrar gratuitamente a generosidade dos socios e mais concidadãos.

« 4.° Emfim a protecção do governo e dos homens ricos e distinctos da provincia.

« Debaixo destes pontos de vista passaremos a organisar e estabelecer o plano de seus estatutos. »

« O objecto da sociedade era, como se vê do 1.° artigo dos respectivos estatutos.

1.° Recolher as noticias historicas e as producções do vasto territorio da nossa provincia, que possam ser uteis e interessantes á agricultura em geral, ás pescarias, ás artes, officios, e fabricas, e ao commercio tanto interno como externo da mesma.

2.° Publicar por meio da imprensa em memorias e instrucções claras e methodicas o resultado de todos os trabalhos e indagações da sociedade que possam augmentar e promover os ramos acima mencionados.

3.° Soccorrer os lavradores e artistas distinctos que necessitarem de soccorros pecuniarios, dirigindo seus ensaios e experiencias para que melhor consigam os seus fins.

4.° Distribuir annualmente premios e recompensas aos que melhor satisfizerem aos programmas e fins da sociedade.

5.° Espalhar a instrucção publica nos ramos da sua competencia, communicando a nossos compatriotas os desco-

brimentos e methodos modernos que lhe parecerem melhores e mais uteis redigindo compendios das differentes doutrinas economicas, em que se aproveitem as luzes theoricas e os resultados praticos da experiencia.

6.° Emfim, fazer do directorio da sociedade o centro commum das relações entre todos os que professam, digo, por profissão, gosto e zelo se interessem em cada um dos ramos do seu Instituto, respondendo aos seus quesitos e communicando-lhes as luzes e direcções necessarias.

Disse que não tinha data e que deviam ser anteriores ao anno de 1822, porque nesse anno veio José Bonifacio de Andrada e Silva para o Rio de Janeiro; mas pelo papel que traz a marca «Smitt & Allnutt 1819» devem ser posteriores a este anno ultimo.

Ignorava-se até aqui a data do obito de Antonio de Moraes e Silva, o nosso illustre lexicographo; achei-a no requerimento de sua esposa, D. Narcisa Pereira da Silva, que talvez fosse portugueza, pois o casamento teve lugar no reino d'alem mar. Antonio de Moraes e Silva baixou á sepultura na cidade do Recife em 11 de Abril de 1824.

Deos Guarde a V. S. Nictheroy 3 de Agosto de 1859.— Illm. Sr. Dr. Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, 1.° Secretario do Instituto Historico Brasileiro. — *J. Norberto de Sousa e Silva.*

10. Varios jornaes enviados pelas suas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado.

Passando-se á ultima parte da ordem do dia, o Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro lê a 1.ª parte da sua memoria historica intitulada: *O Brasil Hollandez.*

Não havendo mais nada a tratar, levanta-se a sessão ás 8 horas da noite.

Nos Paços da cidade aos 5 de Agosto de 1859.—*Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.*

7.ª SESSÃO EM 26 DE AGOSTO DE 1859.

Honrada com Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's 6 horas da tarde, annuncia-se a chegada de S. M. I. o qual é recebido com as honras do estylo, e verificando-se a presença dos Srs. Visconde de Sapucahy, Conselheiro C. Baptista, Joaquim Norberto, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Drs. Filgueiras, Sousa Fontes, Claudio, Emilio Maia, Carlos Honorio, Perdigão Malheiros, Franco de Almeida, D. Pascoal, Costa Rubim, Capitão de Mar e Guerra Amazonas, Gomes Jardim e Beaurepaire Rohan, o Sr. Presidente abre a 7.ª sessão do corrente anno, e depois de approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1.° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE:

1.° Um officio do Sr. Dr. Macedo communicando não poder comparecer á presente sessão por achar-se molesto.

2.° Um exemplar da traducção franceza da obra do Sr. Dr. Domingos José Gonsalves de Magalhães, que tem por titulo *Os Factos do Espirito Humano*, offerecido ao Instituto pelo autor do original.

3.° Um officio do Sr. Antonio Mendes Ribeiro, offerecendo á apreciação do Instituto varios documentos pelos quaes pretende provar que, já em 1798, seu fallecido pae introduzira no Rio de Janeiro o beneficio da vaccina, e pedindo que esses documentos sejam submettidos á commissão que tem de dar sobre este objecto um parecer a pedido da Sra. Viscondessa de Santo Amaro.

4.° Duas remessas das folhas do diccionario portuguez do Sr. Eduardo de Faria, até ás pags. 768 inclusive.

5.° Um officio do Sr. ex-Ministro dos Negocios Estrangeiros, remettendo um exemplar do seu relatorio, apresentado á assembléa legislativa do corrente anno, e acompanhando um exemplar do tratado de commercio entre o Brasil e a Republica do Uruguay concluido pelo mesmo Sr. Silva Paranhos.

6.° Um exemplar do relatorio com que o Vice-Presidente da provincia do Paraná entregou a presidencia da mesma ao actual administrador.

7.° Um exemplar dos relatorios com que os Presidentes das provincias da Parahyba e Rio Grande do Norte abriram as respectivas assembléas provinciaes no corrente anno.

8.° Um exemplar do catalogo geral da Bibliotheca da Bahia, offerecido pelo Sr. Coruja.

9.° Um exemplar do relatorio com que o Sr. Beaurepaire Rohan entregou a administração da provincia da Parahyba do Norte ao seu successor.

10. Um catalogo dos Presidentes da provincia da Parahyba do Norte, em continuação do que se acha impresso na Revista Trimensal, tomo 1.°, 2.ª serie do anno de 1846, pag. 81, offerecido pelo mesmo Sr. Beaurepaire Rohan.

11. Um exemplar do tomo 4.° da collecção das leis e decretos da provincia do Paraná, enviado pelo Presidente da mesma provincia.

12. Um officio do Sr. Consul Geral do Brasil na Austria, pedindo em nome do Sr. Dr. Barão J. J. Tschudi os numeros da Revista Trimensal, que faltam á sua collecção.

13. Um exemplar do opusculo intitulado *Memorias sobre Christiano Weis* apresentada á academia das sciencias de Baviera na sessão de 28 de Novembro de 1856, escripto

em allemão, e offerecido ao Instituto pelo seu autor o Sr Dr. Martius por intermedio do Sr. Paulo Barbosa da Silva.

14. Um officio do Sr. Dr. Carlos Martius, accusando por parte da academia das sciencias de Baviera a recepção dos numeros remettidos da Revista Trimensal do Instituto, e participando ao Instituto que publica na actualidade a sua *Flora Brasileira* relativa á familia das *Myrtaceas*, e que se occupa tambem com uma *Revista da Gentilidade no Brasil.*

15. Varios jornaes remettidos pelas suas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado, e o officio e documentos enviados pelo Sr. Antonio Mendes Ribeiro são remettidos á commissão de historia, já encarregada do assumpto dos referidos documentos.

PROPOSTAS E PARECERES.

E' submettida á votação do Instituto, e approvada unanimemente a proposta que vae junta á presente acta.

Em virtude desta approvação o Sr. Presidente nomeia para a commissão agenciadora da subscripção pedida na proposta os Srs. Barão de Mauá, Joaquim Norberto, Dr. Sousa Fontes, Dr. Franco de Almeida, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Dr. Claudio, e Conego Pinto de Campos.

LEITURA.

O Sr. Costa Rubim obtem a palavra e lê uma memoria sobre *os limites da provincia do Espirito Santo*, e o Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro termina a leitura da sua memoria intitulada *O Brasil Hollandez.*

ENCERRAMENTO.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. Presidente dá para a ordem do dia da sessão seguinte:

1.° Propostas e pareceres de commissões.

2.° Leitura da memoria do Sr. Dr. Magalhães *os indigenas do Brasil perante a historia*.

E em seguida, impetrada a imperial permissão, levanta a sessão ás 8 ½ horas da noite. Nos Paços da cidade aos 26 de Agosto de 1859.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.

PROPOSTA A QUE SE REFERE A ACTA ACIMA TRANSCRIPTA.

Annunciando-se por parte do convento de Santo Antonio desta côrte, que as urnas que alli existem com ossos que não forem reclamadas dentro de tres mezes, serão inutilisadas, e os ossos lançados n'uma valla commum, propomos que se salvem desse esquecimento as cinzas do poeta sagrado e distincto pregador Antonio Pereira de Sousa Caldas, nomeando o Instituto uma commissão que se encarregue de abrir uma subscripção para votar-se um tumulo ao grande cantor dos psalmos.

Sala das sessões do Instituto em 26 de Agosto de 1859. Joaquim Norberto de Sousa Silva.—Conego Dr. Fernandes Pinheiro,—Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.

8.ª SESSÃO EM 9 DE SETEMBRO DE 1850

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EXM.^mo SR. CONSELHEIRO C. BAPTISTA.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiro C. Baptista, Dr. Macedo, Joaquim Norberto, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Dr. Filgueiras, Sebastião Soares, Coruja, Dr. Pereira Pinto, Carlos Honorio, D. Pascoal, Beaurepaire Rohan, Costa Rubim, Capitão de Mar e Guerra Amazonas e Conselheiro Mello, annuncia-se a chegada de S. M. o I., o qual é recebido com as honras do estylo.

O Sr. Presidente interino abre-se a 8.ª sessão do corrente anno, e, lida a acta da sessão anterior, o Sr. 1.º Secretario apresenta o seguinte

EXPEDIENTE:

1.º Um officio do Sr. Conselheiro Ferraz, Ministro interino dos negocios do Imperio, remettendo um exemplar das —Observações Astronomicas feitas em Washington, no observatorio naval durante os annos de 1849. e 1850 pelo Sr. Maury, director do mesmo observatorio, offerecido ao Instituto pelo autor.

2.º Um exemplar do tratado completo da conjugação dos verbos francezes pelo Sr. Casimiro Lieletaud, e pelo autor offerecido ao Instituto.

3.º Um officio do Sr. Joaquim Norberto, communicando que tendo-se dirigido ao convento de Santo Antonio desta côrte, ali soube que os ossos do Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas acham-se irremediavelmente perdidos.

4.° Um exemplar da correspondencia official da presidencia da provincia da Parahyba do Norte, offerecido pelo Sr. Beaurepaire Rohan

5.° Duas remessas das folhas do diccionario da lingua portugueza, do Sr. Eduardo de Faria, até ás pag. 832 inclusive.

6.° Um exemplar do relatorio com que o Sr. Conselheiro Fernandes Torres passou ao Vice-Presidente a administração da provincia de S. Paulo, remettido pelo Ministro interino dos negocios do Imperio.

7.° Um officio do Sr. Presidente da provincia de Santa Catharina, remettendo um exemplar das tabellas que devem acompanhar como documentos o relatorio com que abrio a assembléa provincial na sessão do corrente anno.

8.° Um officio do Sr. José Antonio Rodrigues, acompanhando um exemplar do folheto intitulado: Apontamentos da população, topographia, e noticias chronologicas do municipio da cidade de S. João d'El-Rei, offerecido ao Instituto pelo mesmo Sr. Rodrigues.

9.° Um exemplar do relatorio com que o Sr. Presidente da provincia do Goyaz, abrio a respectiva assembléa na sessão deste anno.

10. Um exemplar do 4.° volume dos figurinos dos corpos do exercito, enviado pela secretaria dos negocios da Guerra.

11. Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado.

PROPOSTAS E PARECERES.

São offerecidas á mesa as duas seguintes propostas:

1.ª « Propomos para socio correspondente do Instituto ao Sr. Dr. Ernesto Ferreira França, formado em direito na

Alemanha, autor de varios opusculos n'esta sciencia e de uma memoria ácerca dos limites do Brasil, apresentada a este mesmo Instituto em 1849. Sala das sessões do Instituto Historico, aos 9 de Setembro de 1859. — Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. — Joaquim Norberto de Sousa e Silva. — Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras. »

2.ª «Propomos que o Instituto Historico dirija-se a qualquer dos seus socios residentes na provincia de S. Paulo, rogando-lhe que haja de verificar o grau de veracidade e importancia historica que merece a noticia dada pelo *Commercial de Santos*, relativamente ao descobrimento dos restos de um navio encontrados no sitio denominado Poço, termo da villa de Itanhaem, e aos quaes se attribue uma grande antiguidade.

Sala das sessões do Instituto, 9 de Setembro de 1859. —Joaquim Norberto de Sousa e Silva.—Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras. — Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. »

O Sr. Presidente, depois de approvadas ambas as propostas, nomeia para o fim requerido na segunda o Sr. Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, socio do Instituto residente em S. Paulo.

LEITURA.

O Sr. Sebastião Soares continua a leitura da sua memoria sobre a causa da alça do preço dos generos alimenticios na parte relativa ás provincias do Rio de Janeiro e Bahia.

Não havendo mais nada a tratar, e solicitada a imperial venia, levanta-se a sessão ás 8 horas da noite. Nos Paços da cidade aos 9 de Setembro de 1859.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.

9.ª SESSÃO EM 23 DE SETEMBRO DE 1859.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO SR. C. CANDIDO BAPTISTA.

A's 6 horas da tarde presentes os Srs. Conselheiro Candido Baptista, Dr. Macedo, Joaquim Norberto, Conego Dr. Pinheiro, Dr. Filgueiras, Dr. Sousa Fontes, Coruja, Drs. Claudio, Pereira Pinto, Carlos Honorio, Fernandes Barros, Emilio Maia, Capitão de mar e guerra Amazonas, Beaupaire Rohan, Conselheiro Mello, D. Pascoal, Costa Rubim, Sebastião Soares, e Gomes Jardim, annuncia-se a chegada de S. M. o I., que é recebido com as honras do estylo, e o Sr. Presidente abre a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1.º Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE:

1.º Um officio do Sr. Visconde de Sapucahy, participando não poder comparecer á sessão.

2º Um officio do Sr. Conselheiro Azambuja no mesmo sentido.

3º Um exemplar do opusculo intitulado *O casamento civil e casamento religioso* pelo Dr. Braz Florentino Henriques de Sousa, offerecido ao Instituto pelo autor.

4.º Um exemplar das 10.ª á 17.ª serie da obra: Galeria dos Brasileiros illustres, offerta do editor A. Sisson.

5.º Um exemplar do Relatorio com que o Presidente da provincia de Sergipe abrio a 2.ª sessão da 12ª legislatura da assembléa provincial.

6.° Um exemplar das tabelas das distancias entre os pontos mais notaveis da cidade da Corte, organisadas pela commissão do completamento da planta da cidade, remettido ao Instituto pelo Sr. Brigadeiro director do Archivo Militar.

7.° Varios jornaes remettidos pelas suas redacções.

Lê-se o parecer da commissão subsidiaria de trabalhos historicos sobre o requerimento em que a Sra. Viscondessa de Santo Amaro pede permissão ao Governo de S. M. I. para collocar na sala publica do Instituto Vaccinico o busto em marmore de seu fallecido Pai o marquez de Barbacena, como o verdadeiro introductor da vaccina no Imperio do Brasil, e tambem sobre o officio do Sr. A. Mendes Ribeiro, em que offerece á consideração do Instituto, documentos que mostram que seu pai o cirurgião mór Francisco Mendes Ribeiro de Vasconcellos fôra seu introductor jé em 1798. O parecer é approvado, devendo ser remettidas ao governo as suas conclusões, que são: 1.° que o Sr. Marquez de Barbacena foi o verdadeiro introductor da vaccina no Imperio no decurso do anno de 1804; 2.° que o Sr. Francisco Mendes Ribeiro de Vasconsellos foi quem em 1798 ensinou no Brasil a inoculação da bexiga.

Em seguida é lida e submettida á votação do Instituto a seguinte

PROPOSTA.

« Propomos que se lembre ao gorverno imperial a conveniencia de mandar para os nossos archivos copias dos importantes documentos relativos á historia patria, trasladados da bibliotheca d'Evora pelos nossas consocios os Srs. Gonsalves Dias e Lisboa, e que devem existir em algumas

das secretarias de Estado » Sala das sessões no paço imperial da cidade em 23 de Setembro de 1859. — *Drs. J. M. de Macedo — J. C. Fernandes Pinheiro — C. A. de Sousa Filgueiras — Sebastião Ferreira Soares.*

LEITURA.

O Sr. Sebastião Ferreira Soares continua a leitura da sua *Memoria sobre as causas da alça do preço dos generos alimenticios* na parte relativa ás provincias de Pernambuco e Pará.

Tendo-se S. M. o I. retirado com as honras do estylo, o Sr 1.° Secretario apresenta e lê as seguintes

PROPOSTAS:

« Propomos que o Instituto encarregue a um dos seus membros que tem a honra de acompanhar a S. M. Imperiaes em sua viagem ás provincias do Norte, de escrever a narrativa da dita viagem. Sala das sessões no paço imperial da cidade em 23 de Setembro de 1859—Dr. Caetano A. de Sousa Filgueiras — Conego Dr. Fernandes Pinheiro, — J. N. de Sousa e Silva — Sebastião Ferreira Soares — Antonio PereiraPinto. »

« Propomos que seja nomeada por parte do Instituto Historico uma commissão a fim de ter a honra de, em nome desta Corporação, despedir-se de SS. MM. II., que teem de seguir viagem para as provincias do Norte. Sala das sessões no Paço imperial da cidade em 23 de Setembro de 1859.—Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro—Joaquim N. de Sousa e Silva — J. M. de Macedo—Sebastião Pereira Soares.

Os Jornaes e as offertas são recebidas com especial

agrado; as propostas são todas approvadas, sendo nomeado para o fim requerido na penultima o Sr. Conselheiro Antonio Manoel de Mello, e para o da ultima os membros da Mesa, e todos os Srs. socios, que quizerem no dia marcado reunir-se-lhes.

Não havendo mais nada a tratar, levanta-se a sessão ás 9 horas da noite. Nos Paços da cidade aos 23 de Setembro de 1859.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, 2.° Secretario interino.

10.ª SESSAO EM 7 DE OUTUBRO DE 1859.

PRESIDENCIA DO EXM.^mo^ SR. CONSELHEIRO C. BAPTISTA.

A's 6 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiro C. Baptista, Joaquim Norberto, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Dr. Filgueiras, Coruja, Dr. Claudio, Sebastião Soares, Drs. Pereira Pinto, Fernandes Barros, Carlos Honorio, Costa Rubim, Capitão de Mar e Guerra Amasonas, Dr. Miranda Castro e Francisco José Borges, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 1.° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE:

1.° Um exemplar da obra: —Champignons de la province de Nice,—offerecido ao Instituto pelo autor o Sr. J. A. Barla, consul de S. M. o Imperador do Brasil em Nice.

2.° Dous exemplares das folhas do—Diccionario da lingua Portugueza,— do Sr. Eduardo de Faria, de pags. 833 a 896, inclusive, remettidos pelo autor.

3.° Um officio do Sr. Presidente da provincia do Rio de Janeiro, acompanhando um exemplar do relatorio com que no corrente anno abrio a assembléa respectiva, seguido dos documentos officiaes que o baseam, em seis folhetos distinctos.

4.° Um exemplar da traducção portugueza da obra: — Tratado pratico dos Bancos— por J. W. Gilbart, offerta do Sr. Dr. Miranda Castro.

5.° Um exemplar da obra: — Capital, circulação e bancos, — do Sr. James Wilson, traduzida pelo Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e offerecida ao Instituto pelo mesmo Sr. Dr. Miranda Castro.

6.° Um officio do Sr. N. L. Basil, conde de la Hure, acompanhando um exemplar do opusculo:—Principes pour la fondation des colonies au Brèsil,— que publicou no Rio de Janeiro.

7.° Um exemplar da obra: —Don Pablo de Olavide— offerecido ao Instituto pelo Sr. J. A. de Lavalle, seu autor.

8.° Um exemplar da obra:—Projecto de constitucion politica,— escripta pelo Sr. D. Felippe Pardo, e commentada pelo Sr. D. José A. de Lavalle, e pelo commentador offerecido ao Instituto.

9.° Varios jornaes, remettidos pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado.

São offerecidas e approvadas as seguintes propostas:

1.ª « Propomos que durante a viagem de SS. MM. II. pelas provincias do norte se remetta copia das actas das sessões que celebrarmos ao nosso mui digno Presidente o

Exm. Sr. V. de Sapucahy, a fim de ser presente a S. M. o Imperador. Sala das sessões 7 de Outubro de 1859.— J. N. de Sousa e Silva.—Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. »

2.ª « Propomos que seja elevado á classe de socio honorario o Sr. Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, um dos nossos socios mais antigos, e que mereceu ser laureado pelos seus trabalhos ethnographicos. Rio de Janeiro 7 de Outubro de 1859. —A. A. Pereira Coruja. — J. Norberto S. S. —Dr. Claudio Luiz da Costa.—Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.—Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras. »

3.ª « Existindo nos archivos das secretarias d'Estado muitos e importantes documentos relativos á Historia e Geographia patria, propomos que o Instituto Historico e Geographico lembre aos poderes competentes a conveniencia da remessa de taes documentos ou copias d'elles, que muito interessam aos fins do Instituto. Sala das sessões 4 de Outubro de 1859.—C. H. de Figueiredo. — Dr. C. A. de Sousa Filgueiras.— J. Norberto de S. S.—Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. »

LEITURA.

O Sr. Dr. Claudio lê o seguinte:

Succinta descripção de alguns productos mineraes, como o salitre e outros, existentes nas serras da villa do Lagarto.

Copia de um officio ao Ministro do Imperio em 1858 sobre a existencia de varios outros productos mineraes da provincia de Sergipe e sobre a existencia de um rio subterraneo em um districto da villa de Simão Dias, pelo Sr. Monsenhor Antonio Fernandes da Silveira.

Em seguida, o Sr. Coruja lêo uma relação abreviada das ilhas do Uruguay, desde o Paço de S. Borja até a Foz do

Arapehy, enviada pelo Padre João Pedro Gay, vigario de S. Borja.

Em ultimo lugar, o Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro lèo a memoria do Sr. Dr. Domingos José Gonsalves de Magalhães,—Os selvagens do Brasil perante a historia,— na sua primeira parte.

O Sr. Presidente levanta a sessão ás 8 horas da noite. Nos Paços da cidade aos 7 de Outubro de 1859.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, 2.° Secretario interino.

11.ª SESSÃO EM 21 DE OUTUBRO DE 1859

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. CONSELHEIRO C. BAPTISTA

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiro C. Baptista, Joaquim Norberto, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Drs. Caetano Filgueiras, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Perdigão Malheiros, Pereira Pinto, Claudio, Miranda Castro, Capitão de Mar e Guerra Amazonas, D. Pascoal, Conselheiro Azambuja, Sebastião Soares, Costa Rubim, Gomes Jardim e Beaurepaire Rohan, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 1.° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE:

1.° Varias obras em allemão offerecidas pelo Sr. Dr. Ernesto Ferreira França.

2.° Dous exemplares das folhas do Diccionario da lingua portugueza do Sr. Eduardo de Faria, desde paginas 897 até 968, inclusive.

3.° Um officio do Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, agradecendo ao Instituto a honra que lhe fez elevando-o ao gráo de socio honorario.

4.° Um officio do Sr. Ministro da Justiça, communicando ao Instituto haver expedido ordem ao Conselheiro Director Geral da Secretaria do seu Ministerio para remetter ao Secretario do mesmo Instituto todos os documentos relativos á historia e geographia patria, existentes nas repartições a seu cargo.

5.° Um officio do Sr. Secretario do Instituto Religioso, convidando os membros do Instituto Historico para assistirem á sessão publica anniversaria da fundação d'aquella sociedade, a qual deve ter lugar a 24 do corrente, na sala da Sociedade Auxiliadora das Artes Mecanicas e Liberaes.

6.° Um officio do Sr. Ministro da Fazenda, e Interino do Imperio pedindo ao Instituto que toda a correspondencia entre o mesmo Instituto e as repartições do seu ministerio seja feito em papel almaço, para melhor arranjo dos papeis do respectivo archivo.

7.° Um officio do Sr. Porto-Alegre, offerecendo em nome do Sr. Innocencio Francisco da Silva um exemplar dos dous primeiros tomos do seu Diccionario Bibliographico Portuguez e propondo o mesmo Sr. para socio correspondente do Instituto Historico.

8.° Um officio do mesmo Sr. acompanhando um exemplar do relatorio da Sociedade Agricola do Porto, no qual officio se lê o seguinte trecho « Para não deixar de acompanhar o Instituto no dia 7 de Setembro, fui a Santarem ajoelhar-me sobre a campa de Pedro Alvares Cabral, na

igreja da Graça, e ahi orei pela prosperidade do Imperio que elle descobrio, e pela do Imperador que o rege. »

9.° Um exemplar da Corographia do Imperio do Brasil, offerta do seu autor o Sr. Dr. Mello Moraes.

10.° Uma copia do Itinerario da viagem que fez ao Baixo Paraguay, por ordem do Sr. Marquez de Caxias, o Capitão da 2.ª Classe do Estado Maior, Manoel Joaquim Pinto Paca, offerta do Sr Conselheiro Azambuja.

11. Varios jornaes enviados pelas suas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado.

Foram offerecidas e aprovadas as seguintes

PROPOSTAS.

1.ª « Propomos para membro correspondente do Instituto Historico ao Sr. Innocencio Francisco da Silva; socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e autor do Diccionario Bibliographico Portuguez e Brasileiro. Sala das Sessões do Instituto, em 21 de Outubro de 1859.—Conego Dr. Fernandes Pinheiro, —Dr. Caetano Filgueiras, —Joaquim Norberto de Sousa e Silva. »

2.ª « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico ao Sr. Dr. Alexandre José de Mello Moraes, autor da Corographia historica, chronologica, genealogica, nobiliaria e politica do Imperio do Brasil. Sala das Sessões, em 21 de Outubro de 1859.—Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Joaquim Noberto de Sousa e Silva.

3.ª « Propomos que se officie aos Srs. Ministros dos Negocios Estrangeiros e da Guerra solicitando uma relação dos mappas que existirem nos respectivos archivos sobre as nossas fronteiras, afim de que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro resolva sobre aquelles de que precise

ter o mesmo Instituto copias em seu archivo. Rio, 21 de Outubro de 1859.—Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.

4.ª « Tendo o Sr. Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond offerecido ao Instituto nos annos de 1856 e 1857 varios documentos de importancia, entre elles a correspondencia de D. Diogo de Sousa, Governador do Rio-Grande, com o Governo do Rio de Janeiro, versando, pela maior parte, sobre negocios do Rio da Prata, documentos estes cuja relação foi publicada nos tomos 19 e 20 da Revista Trimensal d'aquelles annos, proponho que me seja entregue essa correspondencia para completar, com a que eu possa alcançar da administração do mesmo Governador, e que se faça uma relação dos referidos documentos, classificados por materias e por sua ordem chronologica, afim de que, lida em sessão do Instituto, se delibere sobre o destino que convem dar-lhes. Sala das Sessões. em 21 de Outubro de 1859. Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.»

LEITURA.

O Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro continua a leitura da memoria do Sr. Dr. Domingos José Gonsalves de Magalhães: *Os indigenas do Brasil perante a historia.*

Levanta-se a sessão as 8 horas da noite. Nos Paços da Cidade em 21 de Outubro de 1859.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras. — 2.º Secretario interino.

12.ª SESSÃO EM 4 DE NOVEMBRO DE 18[illegible]

PRESIDENCIA DO SR. J. NORBERTO DE SOUSA E

A's 6 horas da tarde, estando presentes os
Norberto, Conego Dr. Fernandes Pinheiro
Filgueiras, Sousa Fontes, Conselheiro Az
Dr. Miranda Castro, Capitão de Mar e C
e Beaurepaire Rohan, o Sr. Presidente
O Sr. 1.º Secretario dá conta do se[illegible]

EXPEDIENTE:

1.º Tres officios dos Srs. Conse
D. Pascoal e Dr. Carlos Honorio,
comparecer, por incommodados
2.º Sete volumes das *Memori*
Sciencias Naturaes de Neuchát
Instituto pela mesma Socie
Dr. Francisco de Pury, inc
Sr. Coulon, Presidente da
3.º Um officio do Sr.
Santa Catharina, acom
entregou no dia 23 de
nistração da mesma Pr
4.º Um officio do
rito Santo, acompar
que o mesmo Sr.
na sessão do corre
5.º Um officio
communicando
Geral da Secret

[illegible] o Te-
por este

Magalhães agra-
ao grau de socio ho-

[illegible] do Diccionario da Lingua
[illegible] de Faria, desde pagina 969

[illegible] Ministro Interino do Imperio re-

Instituto todos os documentos sobre a historia e geographia patria que n'ella se acharem archivados.

6.° Um officio do Sr. Ministro da Fazenda e interino do Imperio sobre o mesmo assumpto, communicando que, por ordens já dadas, acham-se os archivos da secretaria do Imperio e o publico franqueiados á pessoa que for encarregada pelo Instituto para tirar as copias necessarias.

7.° Um officio do Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros acompanhando uma relação dos mappas que existem nos archivos da Secretaria, entre os quaes se encontram os que se prendem as nossas questões fronteiras.

8.° Varios jornaes remettidos por suas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado.

LEITURA.

O Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro prosegue na leitura da memoria do Sr. Dr. Domingos José Gonsalves de Magalhães *Os indigenas do Brasil perante a historia.*

O Sr. Presidente levanta a sessão as 8 horas da noite. Paço da Cidade em 4 de Novembro de 1859.

Dr. Caetono Alves de Sousa Figueiras — 2.° Secretario interino.

13.ª SESSÃO EM 18 DE NOVEMBRO DE 1859.

PRESIDENCIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO CANDIDO BAPTISTA.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Conselheiro Candido Baptista, Joaquim Norberto, Conego Dr.

Fernandes Pinheiro, Drs. Caetano Filgueiras, Sousa Fontes, Perdigão Malheiros, Pereira Pinto, Coruja, Conselheiro Azambuja, D. Pascoal, Capitão de Mar e Guerra Amazonas, Sebastião Soares e Costa Rubim; o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 1.° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE:

1.° Tres officios dos Srs Dr. Macedo, Beaurepaire Rohan e Carlos Honorio, communicando não poderem comparecer á presente sessão por se acharem incommodados.

2.° Uma circular do Sr. Ministro do Imperio pedindo ao Sr. Conselheiro Vice-Presidente do Instituto informações e esclarecimentos ácerca do mesmo Instituto, a fim de serem inseridos no relatorio d'aquelle Ministerio, que tem de ser apresentado á Assembléa Geral Legislativa.

3.° Um officio do Sr. Ministro da Marinha offerecendo em nome do Sr. Tenente Maury um exemplar do 2.° volume da sua obra intitulada—Sailing-Directions.—

4.° Um officio do Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos, participando não poder comparecer, e remettendo ao Instituto um exemplar do —Plani-Historia— do socio o Tenente-Coronel José Joaquim Rodrigues Lopes, por este offerecido ao mesmo Instituto.

5.° Um officio do Sr. Dr. Gonsalves de Magalhães agradecendo ao Instituto a sua elevação ao grau de socio honorario.

6.° Dois exemplares das folhas do Diccionario da Lingua Portugueza do Sr. Eduardo de Faria, desde pagina 969 até 1040.

7.° Um officio do Sr. Ministro Interino do Imperio re-

commendando ao Instituto a typographia nacional para a publicação da —Revista Trimensal.—

8.° Um officio do Sr. Dr. Francisco José da Rocha, redactor do —Jornal da Bahia,— acompanhando os numeros do seu periodico em que se publicou o itinerario de S. M. o Imperador á Caxoeira de Paulo Affonso.

9.° Um exemplar do relatorio com que o Presidente da provincia do Pará abrio a respectiva Assembléa Legislativa na 2.ª sessão da sua 11.ª Legislatura.

10. Um exemplar da obra em 2 volumes, do Sr. Francisco Evaristo Leoni intitulada —Genio da Lingua Portugueza,— offerecido por seu autor ao Instituto, por intermedio do Sr. Porto-Alegre.

11. Varios jornaes remettidos por suas redacções.

As offertas são recebidas com especial agrado.

São mandadas á mesa e approvadas as seguintes

PROPOSTAS.

Por proposta de todos os membros presentes, o Sr. Presidente nomêa o Sr. Visconde de Sapucahy orador de uma commissão de socios que se acham actualmente em Pernambuco, para, em nome do Instituto, comprimentar a S. M. o Imperador no faustóso dia de seu anniversario.

O Sr. Norberto apresenta as seguidtes propostas:

1.ª « Proponho que se peça ao Sr. Ministro do Imperio a sentença proferida pela alçada contra os conjurados Mineiros de 1789, e quaesquer outros documentos relativos, existentes na Bibliotheca publica d'esta côrte, certificando-se a S. Ex. que serão restituidos logo que se não tornem necessarios. »

2.ª « Proponho que se peça ao Exm. Sr. Ministro da

Guerra copia da ordem do dia relativa a formação dos corpos pagos do exercito existente n'esta capital por occasião da execução do Alferes Joaquim José da Si'va Xavier (Tira dentes), que teve lugar no dia 21 de Abril de 1789, sollicitando-se da benevolencia de S. Ex. o mandar vêr, quando se não encontre no archivo respectivo, se está em algum livro existente na fortaleza da Lage, bem como a remessa de copia de qualquer acto relativo á conspiração Mineira de 1789.»

3.ª « Proponho que se solicite do Exm. Sr. Presidente da Provincia de Minas Geraes a remessa de copias dos actos officiaes, tanto ostensivos como reservados, do Visconde de Barbacena, capitão general governador da Capitania, relativos a conjuração mineira de 1789, bem como da correspondencia do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa com o mesmo Governador, e que devem existir no archivo da mesma Provincia.

4.ª « Proponho que se peça ao Rev. ministro provincial do convento de Santo Antonio d'esta corte que se digne de nos remetter copia de toda a correspondencia, tanto reservada como ostensiva, entre a autoridade ecclesiastica respectiva e as autoridades civis, ou o que constar tradicionalmente ácerca das ordens dadas relativamente ás confissões dos individuos que figuravam na conjuração mineira, presos em differentes segredos d'esta corte, entre os annos de 1789 a 1792, bem como tudo o mais que puder servir á historia da mesma conjuração, ainda em seus menos importantes pormenores »

5.ª « Proponho que se peça a administração da veneravel ordem terceira da Penitencia d'esta corte, copia de quaesquer ordens dadas pelo Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, quando mandou praticar, no edificio do hospital da

mesma ordem, segredos para os presos incommunicaveis da conjuração mineira de 1789, e na sua falta, o que constar a respeito. »

6.ª Proponho que se sollicite do Rev. prior do convento dos Carmelitas d'esta Corte copia do sermão que prégou Fr. Fernando de Oliveira Pinto no Te-deum que se cantou em acção de graças pelo beneficio de ficar esta cidade livre do contagio da conjuração mineira, na igreja da Ordem terceira do Carmo no dia 26 de Abril de 1792, e as instrucções que teve para isso do respectivo Bispo. »

7.ª Proponho que se.so licite da Ill.ma Camara Municipal d'esta Corte copia de todos os actos relativos á conspiração mineira de 1789 existentes no seu archivo, bem como o que constar das actas do antigo senado relativo ao mesmo objecto desde 1789 até 1792. Sala das sessões do Instituto Historico, em 18 de Novembro de 1859 — Joaquim Norberto de Sousa e Silva. »

« Proponho para socio correspondente do Instituto Historico do Brasil o Sr. Coronel Evaristo Leoni, autor do *Genio da Lingua Portugueza* — e residente na cidade de Lisboa — Sala das sessões, 18 de Novembro de 1859.— Conego Dr. Fernandes Pinheiro.»

« Sendo esta a ultima sessão ordinaria do Instituto, propomos que se nomeie uma deputação para saudar a SS. MM. II. no regresso de sua viagem ás provincias do Norte. Sala das sessões, em 18 de Novembro de 1859. — J. Norberto de S. S.ª — A. Coruja.—Dr. Sousa Fontes. »

Proponho que a memoria do Sr. Brigadeiro Zeferino Pimentel Moreira Freire, sobre o Rio Paraguay, na provincia de Mato Grosso, já offerecida ao Instituto pelo seu autor, publicada nos jornaes d'esta Corte em o anno de 1845, e citada em negociações diplomaticas, seja submet-

tida á aprovação do mesmo Instituto para ser opportunamente publicada na sua—*Revista*—com a referida memoria. Sala das sessões, em 18 de Novembro de 1859.—J. M. N. de Azambuja.»

Corre o livro das inscripções para a leitura de trabalhos no anno de 1860, e inscrevem-se os Srs. J. Norberto. Costa Rubim, Dr. Caetano Filgueiras, D. Pascoal, e o Conego Dr. Fernandes Pinheiro, do seguinte modo:

A conspiração mineira;—Estudos historicos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional, baseados em documentos officiaes existentes na secretaria do Imperio.—J. Norberto de Sousa e Silva.

Memorias historicas da provincia do Espirito Santo — Cartographia da provincia do Espirito Santo.—Costa Rubim.

Exame critico sobre as cartas de M. Ch. Manfield, relativas á sua viagem ao Brasil.— De Pascoal

Um trabalho historico critico.— Dr. Caetano Filgueiras.

A Carióca, memoria historica e documentada.— Conego Dr. Fernandes Pineiro.

O Conego Luiz Gonsalves, sua vida e suas obras.— Conego Dr. Fernandes Pinheiro.

Luiz do Rego e a Posteridade — Estudo historico sobre a revolução pernambucana de 1817 *— Conego Dr. Fernandes Pinheiro.*

O Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro continúa e termina a leitura da memoria do Sr. Dr Gonsalves de Magalhães que tem por titulo—*Os Indigenas do Brasil perante a historia.*

Levanta-se a sessão ás 8 horas da noite.

Nos Paços da cidade em 18 de Novembro de 1859.

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, 2.° Secretario interino.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL DOS SOCIOS EM 21 DE DEZEMBRO DE 1859.

SOB A PRESIDENCIA DO SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA.

A's 6 horas da tarde, tendo comparecido os Srs. socios Joaquim Norberto de Sousa Silva, Conego Dr. Fernandes Pinheiro, Luiz Antonio de Castro, Dr. Claudio Luiz da Costa, Coronel Henrique de Beaurepaire Rohan, D. Pascoal, Capitão de Mar e Guerra Amasonas, Coruja, e Drs. Pereira Pinto, Carlos Honorio, e Lapa, o Sr. Joaquim Norberto, 3.° Vice-Presidente, no impedimento do Exm. Sr. Conselheiro C. B. de Oliveira, declara aberta a sessão da Assembléa Geral para a eleição dos membros da meza e das commissões permanentes, que tem de servir no futuro anno social, e nomeia os Srs. Pereira Pinto e Coruja para escrutadores.

Procedendo-se á eleição, ficão pela fórma seguinte constituidas a meza e as commissões.

Os Senhores

Presidente: visconde de Sapucahy.
1.° *vice-presidente:* Conselheiro C. Baptista de Oliveira.
2.° *vice-presidente:* Dr. Joaquim Manoel de Macedo.
3.° *vice-presidente:* Joaquim Norberto de Sousa Silva.
1.° *secretario:* Conego Dr. Joaquim Caetano F. Pinheiro.
2.° *secretario:* Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.
Secretarios supplentes: 1.° Dr. José Ribeiro de S. Fontes.
2.° Dr. Carlos Honorio de Figueir.°
Orador: Dr. Joaquim Manoel de Macedo.
Thesoureiro: Antonio Alvares Pereira Coruja.

Commissão de fundos e orçamento.

Os Srs.: João José de Sousa Silva Rio.
Braz da Costa Rubim.
Alexandre Maria de Mariz Sarmento.

Commissão de estatutos e redacção.

Os Srs.: Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz.
Dr. Thomaz Gomes dos Santos.
Dr. José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

Commissão de revisão de manuscriptos.

Os Srs.: Dr. Antonio Pereira Pinto.
Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa.
Sebastião Ferreira Soares.

Commissão de trabalhos historicos.

Os Srs.: Marquez de Mont'Alegre.
Marquez de Abrantes.
Visconde de Maranguape.

Commissão subsidiaria de trabalhos historicos.

Os Srs.: Dr. Joaquim Manoel de Macedo.
Dr. João Manoel Pereira da Silva.
Joaquim Norberto de Sousa Silva.

Commissão de trabalhos geographicos.

Os Srs.: Conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde.
Conselheiro Antonio Manoel de Mello.
Coronel Conrado Jacob de Niemeyer.

Commissão subsidiaria de trabalhos geographicos.

Os Srs.: Coronel Henrique de Beaurepaire Rohan.
Coronel Ricardo José Gomes Jardim.
Cap.m de mar e guerra Lourenço da Silva Araujo Amasonas.

Commissão de archeologia e ethnographia.

Os Srs.: Conselheiro Jeronimo Francisco Coelho.
Dr. Candido de Azeredo Coutinho.
Antonio Diodoro de Pascoal.

Commissão de admissão de socios.

Os Srs.: Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros.
Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.
Dr. Claudio Luiz da Costa.

Commissão de pesquisa de manuscriptos.

Os Srs.: Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.
Conselheiro Josino do Nascimento Silva.
Commendador Libanio Augusto da Cunha Mattos.

Terminada a eleição, o Sr. Coronel Henrique de Beaurepaire Rohan inscreveo-se para apresentar na sessão de 1860 um trabalho corographico sobre a Parahyba do Norte.

A's 7 $^{1}/_{2}$ horas da noite o Sr. Presidente deo por encerrada a sessão, declarando que o Instituto entrava em ferias.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, no Paço Imperial da cidade, 21 de Dezembro de 1859.

Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa,—servindo de 2.° Secretario.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL.

No dia 15 de Dezembro de 1859.

DISCURSO

DO EX.mo SR. CONSELHEIRO C. BAPTISTA DE OLIVEIRA,
1.º VICE-PRESIDENTE.

No legitimo impedimento do seu digno Presidente, cabe-me hoje a honra de annunciar-vos desta cadeira a celebração da 21ª sessão anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Como sabeis, senhores, é esta sessão destinada a uma solemnidade litteraria, em que, pelos orgãos competentes, é o distincto auditorio que nos honra circumstanciadamente informado dos trabalhos regulares do anno findo, devidos á dedicação e locubrações dos membros da nossa associação; acompanhando-nos elle tambem nas honras que tributamos por esta occasião á memoria daquelles socios que em tão curto periodo a morte roubára ao nosso gremio.

Ouvireis, pois, senhores, da boca do digno 1.º secretario do Instituto a leitura do relatorio que lhe incumbe fazer annualmente sobre aquelles trabalhos; e em seguida o elogio historico dos socios fallecidos, tarefa honrosa e

difficil que os estatutos commettem ao orador da nossa escolha.

Pelo que respeita a natureza e importancia dos trabalhos de que se vos dará conta, não deveis por certo esperar que se vos falle agora da apreciação de factos da ordem daquelles que enriquecem os annaes de um paiz, já engrandecido pela accumulação dos seculos, porquanto apenas vereis, na relação dos modestos productos da nossa lavra litteraria, apontamentos sentimentaes, que, collegidos de anno em anno, servirão um dia para compôr a nossa historia quando attingirmos á idade das nações provectas.

É assim que a tenra planta, apenas desabroxada da semente, tende a desenvolver-se, absorvendo dia por dia a nutrição que lhe depára o solo e atmosphera; mas, contemplada nesse primeiro periodo do seu crescimento, fica ella mui distante da corpulenta arvore da sua especie, que na estação propria se adorna de viçosas flores ou de mimosos fructos. Nem o debil menino, que, libertado das faxas infantis, ensaia a medo os seus primeiros passos, é tão pouco o homem.

O elogio historico do litterato que morrer em nossas fileiras, não é, senhores, a simples expressão instinctiva do sentimento que nos causa a perda de um veterano nos nossos trabalhos, de um membro prestante da familia litteraria: é mais que isso; é o solemne reconhecimento da justiça devida ao merito real do socio laborioso, do distincto homem de lettras: essa justiça tardia, que por uma deploravel condição da fraqueza humana, só não é contestada na paz do tumulo!

Entre os socios fallecidos, cujos nomes temos de commemorar na presente sessão, ha um especialmente a quem as letras e as sciencias devem mais de meio seculo de

admiraveis trabalhos, executados na Europa e na America: e por estes indicios tereis já adevinhado, senhores, que eu vou pronunciar o nome do venerando Humboldt, o qual viveu e fez bastante para que, sem quebra da propria modestia, pudesse applicar a si mesmo as memoraveis palavras proferidas no momento extremo por outro sabio da sua igualha, e tambem seu conterraneo, o famoso Tycho-Brahe.

Nec frustra vixisse videor.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO 1.° SECRETARIO INTERINO CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO.

Senhores.—O sol da monarchia, aquecendo as regiões do equador, deixa-nos envoltos nas sombras da saudade, e no maior dia do Instituto vazias ficam duas cadeiras onde se sentam o 'genio e a virtude. Forçoso foi porém obedecer á uma augusta vontade, que não quiz que interrompido fosse o nosso cyclo litterario, lançando-lhe de longe o reflexo de sua munificencia.

Na éra da electricidade e do vapor a decada substituiu ao seculo; permittir-me-heis portanto que vos recorde que celebramos hoje o nosso jubileu, que commemoramos o decimo anniversario dessa memoranda época a que o meu eloquente antecessor denominou de gloriosa hegira. Dous lustros, senhores, se tem volvido depois do grande

dia em que o Imperador, sentando-se no meio de seus subditos, e batendo com o caducéo do progresso no rochedo do indifferentismo e do desanimo, fez rebentar a crystallina limpha da esperança e da coragem que nos tem saciado. Em duas bem distinctas phases se póde dividir a nossa historia academica: na primeira vemos alguns generosos athletas sustendo a abobada do templo das lettras prestes a subverter-se; na segunda contemplamos o magnifico espectaculo da locomotiva do progresso devorando o espaço ao aceno da imperial dextra.

Graças a este poderoso influxo pasmoso foi a fertilidade do anno que acaba de findar-se, e que singularmente contrasta como anterior, a que o Sr. Porto-Alegre denominava de parcial eclipse: e como se fôra dado á sua vasta intelligencia o perlustrar o futuro, augurava-nos na ultima seseão magna a abundante mésse que colhemos comparando as lethargias litterarias ás transformações da chrysalida.

Sempre honradas pela augusta presença de Sua Magestade foram as sessões deste anno até o dia em que o seu acrysolado amor pelo bem publico levou-o a visitar as provincias septentrionaes do seu imperio, apartando-se por alguns mezes dos angelicos penhores da perpetuidade da sua dynnastia.

No cortejo da despedida achou-se presente uma commissão do Instituto, e pelo orgão do seu orador exprimiu o seu ardente anhelo pelo prospero regresso dos imperiaes viajantes. Desejando outrosim registrar nas paginas da sua *Revista* tão fausto acontecimento, incumbiu ao nosso sabio consocio o Sr. conselheiro Mello de escrever-lhe o itinerario dessa proficua digressão. Proseguindo em suas lucubrações, em obediencia ao imperial mandado, deli-

berou o Instituto remetter a seu excelso protector, por intermedio o Exm. Sr. Visconde de Sapucahy, a acta de suas sessões, o que com a maior pontualidade tem executado seu activo o desvellado segundo Secretario interino. Approximando-se a época em que os fidos brasileiros se dirigirem ao alcaçar da realeza para renderem homenagem ao herdeiro do heróe do Ypiranga pelo seu feliz natalicio, e profundamente sentindo o Instituto a temporaria privação dessa honra, rogou ao seu digno Presidente de nomeiar uma commissão dos seus membros residentes em Pernambuco afim de satisfazerem a tão grato dever. Taes são, senhores, os publicos testemunhos de profunda veneração e respeitoso reconhecimento que julgou o Instituto dever prestar aos nossos Augustos Monarchas, lamentando o ficarem elles muito áquem dos sentimentos que o animam.

Diversas e succulentas memorias occuparam este anno a nossa attenção, das quaes passarei a dar conta, embaciando-as no prisma do meu rude engenho.

Enviou-nos de Paris o nosso illustrado consocio, o Sr. Dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, uma interessante biographia do eximio orador sagrado o padre-mestre Fr. Francisco de Mont'Alverne, que foi lida n'uma das nossas primeiras sessões. Cheia de revelações importantes, de confidencias intimas vasadas no seio da amizade, encerra este trabalho curiosos, pormenores sobre esta singular existencia, que depois de haver deslumbrado seus contemporaneos pelo brilhantismo de sua eloquencia, sumio-se nas solidões do claustro para della sahir um dia mais fulgurante do que jámais o fôra no zemith da sua prisca gloria. E' porém como philosopho que mais de perto o aprecia o esclarecidos autor dos *Factos do Espirito Humano*; reconhecendo que á magia do seu estylo e á fascinação que exercia

sobre as verdes imaginações deveu o grande franciscano essa colossal nomeada de quasi meio seculo. Reduzido às suas justas dimensões não deixa por isso Mont'Alverne de ser um grande vulto historico, o ultimo annel dessa gloriosa cadêa formada pelos preclaros nomes dos Caldas, S. Carlos, Sampaios e Januarios.

Um esperançoso mancebo que acabava de deixar os bancos academicos para sentar-se no senado da historia patria, deu-nos momentos de ineffavel prazer lendo a biographia do nosso primeiro Presidente, o Visconde de S. Leopoldo. Vedão-me estreitos vinculos de parentescos de acompanhar ao Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello no juizo que fórma do autor dos *Annaes da Provincia de S. Pedro*, cuja memoria deve ser grata ao nobre conterraneo que tão fragantes flores espargiu-lhe sobre o tumulo. O diamante só pelo diamante deve ser lapidado: digno era o joven e espirituoso escriptor dos *Estudos Historicos* de comprehender e julgar o grave analista encanecido na trilha da honra e no culto das lettras.

O Sr. Braz da Costa Rubim, novo adepto da nossa associação, pagou-lhe o tributo da sua intelligencia, lendo-nos uma bem elaborada memoria ácerca dos limites da provincia do Espirito Santo. Busca demonstrar o nosso consocio neste seu luminoso trabalho que infundadas são as duvidas que sobre as raias da sua provincia natal teem até hoje apresentado alguns escriptores, duvidas estas que até se infiltraram nos documentos officiaes. Entrando nessa demonstração divide a sua memoria em tres partes, exhibindo na primeira a dous importantes e ineditos documentos, afim de conhecer-se qual a porção do territorio concedido ao primeiro donatario, e qual a demarcação que pela parte do sul fizera este com o seu visinho. Analysan-

do-os mostra qual fôra o rio que nessa época servira par divisa, que tão pouco respeitada tem sido. Tratando na segunda parte das fronteiras septentrionaes da provincia, entra na apreciação de todos os antigos documentos; e confrontando-os com as opiniões de varios autores, refuta com valiosos argumentos, os erros que se teem commettido, provando á toda luz que fixados estão por lei os limites do norte sendo porém ultrapassados pelos povos confinantes. Occupa-se na terceira e ultima parte com os terminos occidentaes indicando os pontos que teem sido demarcados, e termina formando generosos votos para que se reivindique para a sua patria todo o territorio que por justiça lhe compete, e de que só a violencia e a fraude a tem esbulhado. Quem souber das dificuldades com que sóe lutar entre nós o pesquisador de documentos, quem conhecer a pobreza dos nossos mananciaes historicos e geographicos, não deixará de tributar ao Sr. Rubim o testemunho de respeito e gratidão pelo relevante serviço que acaba de prestar.

Curta é a distancia da geographia á estatistica: no seu nobre empenho de estudar por todas as fórmas o edemico torrão com que prodiga a natureza nos mimoseára; desejando graduar a sua prosperidade pelo thermometro dos algarismos, ouviu o Instituto com summa satisfaçao a curiosa memoria do Sr. Sebastião Ferreira Soares, relativa á producção agricola do paiz, na qual pretende provar que a carestia dos generos alimenticios não provém da falta de braços destinados á agricultura, porém sim de absoluta absorpção que tem feito a lavoura dos generos exportaveis das forças productivas da pequena cultura empregada nos generos de primeira necessidade.

Dividiu o nosso consocio o seu trabalho em tres dis-

tinctas partes, ligadas entre si pela unidade do assumpto. Quer o autor demonstrar na primeira das divisões do seu trabalho que o café, o assucar, o algodão e mais sete productos teem duplicado depois da extincção do trafico dos africanos, abrangendo em suas investigações as provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará e Maranhão. Consagra a segunda parte ao estudo das causas que originaram a cultura do café, da canna e do algodão, fixando as épochas em que taes culturas começaram. Faltou-nos o tempo para ouvirmos a terceira parte, em que pretende o nosso collega tratar dos meios de melhorar a nossa agricultura, do mais conveniente systema de colonisação, e de todas as questões complexas ao grande problema da actualidade. Abstenho-me de emittir um juizo sobre objectos que me são perfeitamente estranhos; leva-me, porém, a pensar que exactas devem ser as deducções do nosso laborioso consocio, a mui attendivel circumstancia de haver-se elle circumdado dos melhores e mais authenticos documentos para a confecção deste trabalho.

Um nosso prestimoso consocio, a quem importantes funcções diplomaticas conservam longe do nosso gremio, deu-nos este anno duas exuberantes provas do apreço que lhe merece o Instituto, e do quanto folga em contribuir para a sua opulencia litteraria. Comprehendeis, senhores, que me refiro ao Sr. Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, que, não satisfeito de nos haver brindado com a biographia de seu venerando mestre, de que já vos fallei, remetteu-nos uma extensa e erudita memoria, tendo por titulo—*Os indigenas do Brasil perante a historia.* O profundo cogitador dos—*Factos do Espirito Humano*, o inspirado bardo dos Tamoyos, quiz cingir a nobre fronte com o diadema da historia, e mostrar á posteridade que o

buril dos Niebhurs, dos Maccaulays, dos Guizots e dos Herculanos não se enfraquecia em sua vigorosa dextra.

Vingar os nossos autocthones da negerrima reputação que lhes crearam os chronistas; esmerilhar no selvagem o germen do bem, depositado nos arcanos do coração pela mão do Eterno, era sem duvida uma bella empresa, e della incumbiu-se o nosso illustrado consocio, illuminando-a com os esplendores da sciencia. Desde essa ingenua carta de Pero Vaz Caminha, certificado de baptismo da terra de Santa Cruz até a *Historia Geral do Brasil* pelo Sr. Varnhagen foram compulsados todos os documentos, e dos seus (muitas vezes contraditorios) testemunhos, concluiu o nosso collega que nem tão barbaros, nem tão ferozes eram os aborigenes brasilicos como aprouve a alguem representa-los.

Começando por aconselhar toda a cautela na apreciação das narrativas dos primeiros europeus, pensa o Sr. Dr. Magalhães que exagerados foram os defeitos dos selvagens e desconhecidas as suas virtudes. No seu grosseiro culto descobre a idéa da Providencia, que incessante vela pelos destinos humanos; em *Tupan* não duvida de reconhecer o Ente Supremo, bem como em *Anhanga* o principio do mal, o anjo decahido que a sua misera sorte busca arrastar a humanidade. Vê nas montanhas *azues* o paraiso dos indigenas, nos *pagés* os sacerdotes que em suas perigosas e difficeis iniciações fazem lembrar os brahmenes da India; nos *camucins* ou *iguaçabas* as urnas funerarias, testemunho do seu respeito pelos mortos e da crença de uma posterior existencia; e victoriosamente refuta a asserção de Lery, invocada por Montaigne, negando aos nossos selvicolas a doce esperança da immortalidade da alma. Comprova seu cavalherismo pela nobre hospitali-

dade com que receberam os *Tupiniquins* ao venturoso Cabral, e pelo sincero agasalho com que ao heroico Martim Affonso acolheram mais tarde os *Tamoyos* e *Guayanazes*. Innumeras demonstrações da sua industria encontra o nosso consocio em seus artefactos, na construcção de suas *tabas*, e nessas *pirogas* e *jangadas* com que arrostravam as furias do oceano. Epilogando a serie de argumentos, habilmente concatenados, chama o Sr. Dr. Magalhães as vistas do governo imperial sobre a catechese dos nossos selvagens, e termina formando votos para que ao gremio da grande familia brasileira entrem os parias da civilisação.

Deve a geographia patria ao incansavel vigario de S. Borja, em Missões, o Sr. João Pedro Gay, uma minuciosa memoria que nos foi lida pelo nosso digno consocio o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, relativa ás ilhas que se acham no rio Uruguay, desde o Passo de S. Borja até a foz do Arapehy-Grande. Se na Europa, onde o mais infinitesimo territorio se acha descripto e demarcado, são com prazer recebidos trabalhos de igual quilate, como não deve-los-hemos apreciar nós, cujo inventario topographico tão exiguo e quiçá tão erroneo se apresenta? Honra ao benemerito sacerdote que dest'arte consagra seus minguados lazeres enumerando as riquezas de sua patria adoptiva.

Trouxe-nos outrosim o contigente do seu desinteressado civismo um respeitavel prelado da igreja fluminense, por intermedio de um nosso distincto consocio. A descripção de um rio subterraneo que corre nas visinhanças da villa do Lagarto, provincia de Sergipe, feita pelo Illm. e Revm. Sr. Monsenhor Antonio Fernandes da Silveira, e lida pelo Sr. Dr. Claudio Luiz da Costa, levantou-nos

uma dobra desse esmeraldino manto que tanta opulencia geologica occulta.

Tambem coube-me a honra de entreter a benigna attenção do Instituto com um estudo historico, a que denominei *O Brasil Hollandez*. O imperioso dever de relatar-vos todos os successos do nosso anno academico constrange-me a occupar-vos por alguns instantes com a resenha das materias contidas nesse grosseiro trabalho.

Sempre julguei o periodo hollandez o mais épico da nossa historia, e desde os mais verdes annos lia com attenção as narrativas dos nossos chronistas, e extasiava-me perante tantos actos de heroismo da guerra brasilica dos 30 annos. Agglomeravam-se porém as duvidas em meu espirito á proporção que consultava novos escriptores, e d'ahi o ardente desejo de estudar com pausa este ponto dos nossos annaes. O mirrado fructo das minhas investigações offereci-o ao Instituto, que semelhante a esses rios gigantes que não desprezam o tributo de incognitos regatos, acolhe a tosca pedra do humilde operario com o prasenteiro semblante com que recebe as preciosas gemmas dos morgados das lettras.

Quatro são as divisões da minha memoria:

Analysei na primeira o estado do nosso paiz quando o invadiram esses audazes navegadores, que haviam afogado no *Zuyderzée* os leões de Castella, e esbocei a fundação da sua colonia americana. Bosquejei na segunda parte o grandioso quadro de um povo regido por sabias leis e conduzido á felicidade por um grande homem, cujo nome avultará com o perpassar dos seculos. Consagrei a terceira secção ao estudo das causas que trouxeram a decadencia do *Brasil-Hollandez*, e julguei encontra-las na desconfiança, no espirito de ganancia dos accionistas da *companhia das Indias Occi-*

dentaes, que desgostando ao magnanimo conde de Nassau, substituiram as sabias e elevadas vistas do seu paternal governo por uma politica egoistica, confiadas a toupeiras administrativas. Historiei por ultimo a resurreição do *Lazaro-Pernambucano*, erguido do seu sepulchro pelo choque electrico da independencia lusitana, e recebendo o baptismo de fogo nos montes das *Tubocas*, duas vezes afugentando os batavos nos *Guararopes*, e dictando-lhes imperioso a capitulação do *Taborda*.

Depois de haver catalogado as memorias que no decurso do corrente anno foram levadas ao seio do Instituto, justo é que vos falle do seu regimen economico, do trabalho das commissões e das propostas que mereceram o seu assenso.

Terminou a mesa administrativa o exame do livro da matricula dos nossos consocios, e expediu circulares aos que, por qualquer motivo, tinham ficado em debito. Aguardamos as respostas, que certamente não se farão esperar, e nutro bem fundada crença, de que semelhante medida prosperará o estado do nosso cofre, habilitando-nos para despezas de urgente necessidade.

A proposito do nosso estado pecuniario, communico-vos que, graças á subvenção do thesouro nacional, á activa cobrança das nossas mensalidades, ao tino economico e administrativo do nosso honrado e incansavel thesoureiro, tem feito a receita face á despeza, restando-nos algum saldo, que se acha recolhido a um dos mais acreditados bancos. A reimpressão, porém, das nossas *Revistas*, que se acham exhaustas, a conclusão da obra do Jaboatão, cujo terceiro volume, comprehendendo a parte inedita, deve apparecer no principio do anno vindouro; novas edições de nossos principaes chronistas e historiadores; a versão de alguns outros escriptos em linguas estranhas, e cujo conhe-

cimento importa vulgarisar, devem absorver-nos sommas consideraveis.

Em observancia do art. 17 dos nossos estatutos, mandei organisar um indice geral e alphabetico dos trabalhos publicados em nossas *Revistas*, cuja necessidade fazia-se quotidianamente sentir.

Foi ainda em cumprimento desse mesmo artigo, e agora que mais folgadas se acham as nossas circumstancias financeiras, que incumbi a uma pessoa bastantemente habilitada da confecção de um catalogo da nossa bibliotheca, que conto possa ser impresso e distribuido no principio de nossas futuras reuniões. Nenhum de vós, senhores, desconhece a vantagem de semelhante empresa, e mais de uma vez tereis lamentado comigo a ignorancia em que nos achamos ácerca das preciosidades que encerra a nossa livraria, annualmente enriquecida pela munificencia imperial, pelos donativos do governo, e pelas importantes acquisições devidas á benevolencia das academias e sociedades scientificas e litterarias, assim como das pessoas que mais vivamente se interessam pela prosperidade do nosso Instituto.

Em dia se acha a nossa *Revista*, cuja venda e assignatura que eram a 4 annos uma verba inutil em nosso orçamento chegaram para a encadernação de 88 volumes da nossa bibliotheca que disso mais necessitavam. Com a maior regularidade tem proseguido a nossa correspondencia, sendo eu em todos os trabalhos da secretaria e archivo fructuosamente auxiliado pelos empregados do Instituto, aos quaes longa pratica, bastante intelligencia e acrysolado zelo recommendam á vossa gratidão.

Passarei a tratar das nossas commissões. Dependentes de serios estudos á mór parte das questões que lhes são

submettidas, não podem os seus pareceres serem apresentados com a rapidez desejada; compensa porém a demora que por ventura se possa notar em seus trabalhos o cunho da madureza e da reflexão que os caracterisam.

Devidamente aquilatando a nobre commissão de admissão de socios as elevadas qualidades dos Srs. A. D. de Pascual autor de uma excellente memoria com o modesto titulo de *Breves Reflexões Historicas*; padre Lino de Monte Carmelo, illustre Plutarco do clero Pernambucano, cujas biographias com tanto talento escrevera; Braz da Costa Rubim, erudito compilador do *Vocabulario Brasileiro*; Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, cujos *Estudos Historicos Brasileiros* promettem-nos mais um eximio escriptor; Capitão de mar e guerra Lourenço da Silva Araujo Amazonas, que em seu *Diccionario Topographico* da nossa mais septentrional provincia revelou-nos um infatigavel investigador dos thesouros e tradições patrias; 1.° tenente Antonio Marianno de Azevedo, intrepido explorador das nossas brenhas, moderno Jasão, que em sua enthusiatica memoria nos mostrou em Itapura uma nova Colchus; Rodrigo José Ferreira Bretas, elegante biographo do Miguel Angelo, mineiro, o famoso *aleijadinho*; finalmente, de dous benemeritos estrangeiros, os Srs. Reybaud e Ceroni, notavel o primeiro pelo seu bello livro denominado *Le Brésil*; e o segundo distincto traductor italiano da *Confederação dos Tamoyos*: apressou-se em uma das nossas primeiras sessões em ler-nos um bem elaborado parecer propondo que em nosso gremio admittissemos tão prestimosos varões. Concordando o Instituto com semelhante alvitre, registrou seus nomes nos distinctos da associação.

Do subido apreço em que somos tidos pelos altos poderes do estado novas provas tivemos este anno, sendo uma das

mais salientes a consulta que nos fez o Exm. Sr. ex-ministro do imperio ácerca da prioridade da introducção da vaccina no Brasil. O Instituto, grato a este novo testemunho de consideração, incumbiu á sua segunda commissão de historia de examinar tão importante materia, recommendando-lhe a possivel urgencia. Breve foi o tempo empregado na pesquiza e estudo dos necessarios documentos; e na sessão de 23 de Setembro ouvimos com verdadeira satisfação um luminoso e profundo parecer em que se declarava que a honra de tão assignalado serviço pertencia ao marquez de Barbacena. Conformando-se com o juizo da sua laboriosa commissão, e respondendo nessa conformidade ao governo imperial, folgou o Instituto de poder prestar-lhe o apoio de suas luzes e dedicação.

Grande numero de propostas, irrecusavel testemunho de actividade intellectual que ha pouco vos assignalei, foram apresentadas e mereceram o beneplacito da nossa associação.

Propuzeram todos os nossos collegas, presentes á sessão de 3 de Junho, que fosse elevado á categoria de socio honorario um dos mais brilhantes luzeiros da litteratura patria, um dos mais assiduos operarios do Instituto, e seu benemerito 1.º Secretario o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, cuja saudosa partida para a Europa tão grande e sensivel vacuo deixou entre nós. Inutil será dizer-vos, senhores, que semelhante proposta não necessitou de ser votada, lastimando todos os socios ausentes que lhe faltassem as suas assignaturas.

Igual distincção e por não menos honrosos motivos, foi mais tarde concedida a quatro illustres brasileiros, cujos nomes importa o mais pomposo elogio, e os quaes com respeito estamos habituados a proferir. Foram elles os Srs.

Drs. Magalhães, Silva, commendador Varnhagen e brigadeiro Machado de Oliveira.

Anhelando por subtrahir os ossos do Pindaro brasileiro o eximio Caldas, do olvido e profanação, approvou o Instituto a proposta de alguns de seus membros para que se diligenciasse, por meio de uma commissão, a sufficiente somma, afim de erigir-se-lhe um tumulo. Nenhum andamento porém póde dar-se a tão patriotico desejo, por informar-nos o digno provincial dos franciscanos que irremediavelmente perdidos estavam os restos do celebre pregador fluminense.

Considera o Instituto como diligentes almenaras os seus socios correspondentes nas provincias do Imperio, e nessa conformidade tem por varias vezes incumbido-os de graves commissões. E' sem duvida uma das mais notaveis a que, por proposta de varios membros, acaba de encarregar ao seu socio honorario o Sr. brigadeiro Machado de Oliveira, para que haja de verificar o gráo de veracidade que merece a noticia dada por um jornal da cidade de Santos relativa ao descobrimento dos restos de um navio encontrado no sitio denominado —Poço— termo da villa de Itanhaem, aos quaes se attribue uma grande antiguidade. Nem sempre coroadas de feliz exito semelhantes indagações, releva que não se entibie a nossa solicitude lembrando-nos que as collecções que hoje formamos constituirá a futura sciencia dos nossos archeologos.

Se convém reunir em nosso museu os padrões erguidos pelos primeiros descobridores, os madeiros das primitivas cruzes, os fragmentos dos navios naufragados em nossos ainda desconhecidos parceis, não é menos vantajoso guardar o Instituto em seu archivo todos os documentos concernentes á historia patria. Com este intuito deu a sua approvação a uma proposta que lhe fôra submettida para que se

lembrasse ao Governo Imperial a conveniencia de lhe serem remettidas as cópias que da Bibliotheca de Evora extrahiram os nossos consocios os Srs. Drs. Gonsalves Dias, e J. F. Lisboa.

Novas indicações, que não menor acquiescencia lhe mereceram, levaram ainda o Instituto a pedir aos diversos ministerios os originaes, ou as copias, dos documentos relativos á nossa historia; bem como a relação dos mappas das nossas fronteiras que devem existir nos archivos dss secretarias dos estrangeiros e da guerra.

Com a maior benignidade e solicitude responderam-nos os Exms. Srs. Ministros interino do Imperio, da Justiça e dos Negocios Estrangeiros, facultando o primeiro os archivos da sua secretaria, e o publico, aos commissarios do Instituto, afim de que delles possam extrahir as precisas copias, e remettendo varias obras pertencentes á bibliotheca americana que alli existiam: o segundo promettendo-nos a remessa do que houver na repartição a seu cargo, e o terceiro fazendo igual prommessa e addicionando-a com a relação dos mappas dos terrenos limitrophes existentes em sua secretaria, no que foi imitado pelo Exm. Sr. Ministro da Guerra. Dignem-se SS. Exs. de receberem por meu humilde intermedio o testemunho de gratidão que neste dia solemne lhes vota o Instituto.

Almejando por completar a correspondencia de D. Diogo de Sousa, Capitão-General do Rio Grande do Sul com o Vice-Rei do Brasil, relativamente aos negocios do Rio da Prata, que nos annos de 1856 a 1857 lhe fôra offerecida pelo nosso prestimoso consocio Sr. Conselheiro Drummond, approvou o Instituto a proposta de outro digno collega nosso, o Sr. Conselheiro Azambuja, para que lhe fossem entregues esses documentos incumbindo-o de tão util tarefa.

Prestou o Instituto a sua adhesão a sete propostas do nosso infatigavel e prestimoso consocio o Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, afim de obterem-se das autoridades competentes varios documentos de que necessita para a sua *Historia da Conspiração Mineira de* 1789. Tomando sobre si o nobre encargo de rehabilitar a memoria desses homens, cuja idéa, por prematura, se malograra, quiz o Sr. Norberto render sincera homenagem ao excelso Principe em cujo reinado póde fulgir a verdade em todo o seu esplendor, e tributando ao mesmo tempo a sua gratidão pelos meios que lhe facultou de proseguir em seus laboriosos estudos, com proveito seu, honra nossa e utilidade para o paiz.

Foi finalmente encarregado na ultima sessão do Instituto o nosso illustrado e activo consocio o Sr. coronel Henrique de Beaurepaire Rohan de examinar com o seu habitual discernimento a memoria militar que sobre os limites da provincia de Matto-Grosso escrevêra o Sr. brigadeiro Zepherino Pimentel Moreira Freire. O parecer do nosso douto collega viva luz lançará sobre esta materia do mais subido alcance, deliberando mais tarde o Instituto ácerca da publicação de ambos os trabalhos nas paginas da sua *Revista*.

Continuam a obsequiar-nos os Exms. Srs. Ministros de estado e Presidentes de provincias com a regular remessa dos seus relatorios, cuja collecção fórma hoje uma das maiores preciosidades da nossa bibliotheca.

Esforça-se a secretaria em manter as boas relações com academias e sociedades estrangeiras, agradecendo com presteza os seus donativos e retribuindo-os com a offerta das nossas *Revistas*.

Enviou-nos a academia de Batavia alguns volumes das

suas memorias escriptas em hollandez, e abrangendo os annos de 1854—1857; a sociedade geographica de Paris uma serie de seus *bulletins* dos annos de 1852—1858; o observatorio astronomico de Munich os seus *Annaes* e *Ephemerides*: e a sociedade de Sciencias Naturaes de Neuchatel quatro volumes de seus *bulletins* e tres de suas *memorias*.

Avultados donativos feitos por particulares enriqueceram este anno a nossa bibliotheca, dos quaes mencionarei alguns, preferindo os que mais intima relação tem com o objecto dos nossos trabalhos.

Remetteu-nos o Sr. Azevedo um luminoso opusculo relativo ás viagens emprehendidas por Americo Vespucio por ordem do governo hespanhol, e as medidas itenerarias empregadas pelos maritimos hespanhoes e portuguezes nos seculos XV e XVI. Veio derramar brilhante luz sobre os pontos litigiosos do descobrimento da America a discussão sussitada no seio da sociedade de geographia de Paris, em que tão distincta parte tomou um illustre consocio nosso, o Sr. Varnhagem, de cujas opiniões apartando-se o Sr. Avezac, tributa-lhe a homenagem da mais profunda estima e veneração. Com proveito consultados serão de ora avante ambos os trabalhos.

O Sr. Dr. Alexandre José de Mello Moraes fez presente ao Instituto dos dous volumes publicados da sua *Corographia historica, chronologica, nobiliaria e politica do Imperio do Brasil*. Fazendo justiça aos nobres e patrioticos esforços desse benemerito varão que, novo Ramusio, congrega os documentos esparsos da nossa historia, superando com singular energia os obices de tão ardua empreza; propuz, de combinação com o nosso excellente consocio o Sr. Norberto, a sua admissão ao seio do Intituto, que na fórma

do estylo sujeitou a nossa proposta ao juizo da sua respectiva commissão.

Offereceu-nos o nosso collega o Sr. Dr. Homem de Mello a *Narrativa dos serviços que por occasião da independencia do Chile, Perú e Brasil prestou lord Cochrane*; e como na parte que nos diz respeito grande numero de inexactidões se encontre, oriundas das paixão que o inspirara, foi, a pedido do referido nosso consocio, remettida á primeira commissão de historia, cujo parecer aguardamos.

Recebemos por parte do Sr. Ch. Rebeyrolles o primeiro fasciculo de seu *Brasil Pittoresco*, cuja obra deve ser acompanhada de estampas devidas ao talento do Sr. Victor Frond, distincto photographo aqui estabelecido. Dignas são sempre da maior animação semelhantes empresas; releva que conhecido se torne o nosso paiz aos olhos do mundo civilisado, porque só dest'arte poderemos victoriosamente responder ás calumnias contra nós lançadas. Alguns desculpaveis enganos introduziram-se no trabalho do Sr. Rebeyrolles, aliás mui recommendavel pelo vivo colorido de seu estylo, e mais que tudo pela imparcialidade com que avalia as nossas instituições.

Com igual prazer acolheu o Instituto a remessa que lhe fez o Sr. Sisson da importantissima obra de que é editor. Se a *Galeria dos Brasileiros illustres* não póde ser ainda a biographia severa e desapaixonada que deve um dia, julgar os protogonistas do nosso grande drama politico, nem por isso é menos curiosa, nem exiguo serviço presta á historia, arrancando do esquecimento muitos factos que debalde um dia com afan se buscariam, reflectindo em suas paginas as varias côres da actualidade.

Mandou-nos o nosso consocio, o Sr. Tenente Coronel José Joaquim Rodrigues Lopes, a sua *Plani-Historia ou*

Resumo Synoptico-Historico Genealogico do Imperio do Brasil e do Reino de Portugal, e das familias reinantes nestes dous paizes. Incontestavel é hoje a utilidade de semelhantes trabalhos, que permittem que n'um rapido olhar se possa entrar no conhecimento de objectos cuja complexidade exigira longas investigações. Merecedor dos maiores encomios é o nosso distincto collega pela ordem e clareza do seu methodo, que seguindo a trilha estreada por Le Sage, grandes melhoramentos recebeu.

As *Cartas sobre a provincia de S. Catharina*, escriptas pelo Sr. José Gonçalves dos Santos Silva, e offerecidas pelo Sr. Porto-Alegre, são ducumentos do zelo e sincero patriotismo de um respeitavel ancião, que consagrou seus lazeres a rectificar muitos equivocos que na historia e geographia de sua provincia se haviam inoculado. A pedido do respeitavel offerente foi o Sr. Santos Silva proposto para membro do Instituto, sempre solicito em franquear o seu ingresso aos que se identificam com o seu pensamento.

Devemos á generosidade do Sr. Conselheiro J. M. Nascentes de Azambuja a *Exposição feita ao Presidente da republica da Nova Granada pelo Ministro das relações Estrangeiras D. Lourenzo Maria Lleras, relativas ao tratado celebrado nesse mesmo anno entre o Brasil e esse Estado.* Ninguem desconhecerá a importancia de uma tal acquisição, que contribue para a realisação do proposito em que estamos de reunirmos em nosso archivo todas as negociações concernentes ás nossas fronteiras.

Remetteu ao Instituto o Sr. conde de la Hure um opusculo de lavra propria e intitulada *Principes pour la Fondation des colonies au Bresil.* Para a solução do grande problema da colonisação de summa utilidade será o ouvir-se o parecer de todas as pessoas que a este importante ramo hão dedi-

cado suas cogitações. Sem que possamos acompanhar ao nobre conde em todas as suas deduções, louvamos-lhe o interesse que em bem de nossa prosperidade manifesta.

Fez-nos presente o Sr. José Antonio Rodrigues dos seus *Apontamentos da população, topographia e noticias chronologicas do municipio da cidade de S. João d'El-Rei, provincia de Minas-Geraes*. No nosso paiz, onde uma culpavel indifferença, uma egoistica apathia, deixa perecer tantos e tão preciosos documentos, deve considerar-se como um serviço da maior magnitude a publicação das monographias, reconhecidos hoje como as melhores e mais puras fontes historicas.

Um amigo do Instituto, cuja modestia priva-me de pronunciar o seu nome, enviou para a sua bibliotheca a traducção franceza dos *Factos do Espirito Humano*, feita pelo Sr. Chansselle. E' intuitiva, senhores, a gloria que dessa versão nos resulta provando aos olhos da culta Europa que a sciencia de Bacon e de Descartes conta entre nós um distincto apostolo.

Por intermedio do nosso estimavel consocio o Sr. Porto-Alegre recebemos duas obras de grande merito, sahidas dos prélos lisboenses: quero fallar do *Diccionario Bibliographico Portuguez* pelo Sr. Innocencio Francisco da Silva, e do *Genio da Lingua Portugueza* pelo Sr. coronel Francisco Evaristo Leoni.

De ha muito que reclamavam os estudiosos um trabalho neste genero; pois que incompleta e antiquada era a *Bibliotheca* de Barbosa. Comprehendendo em seu plano os autores brasileiros, com a resumida enumeração dos seus escriptos e notas biographicas, concorre o Sr. Innocencio da Silva, para estreitar os vinculos entre os dous povos, que partindo de commum origem, professando uma só re-

ligião e fallando uma mesma lingua, postados nas duas margens oppostas do Atlantico, e guardando a sua propria autonomia, constituem uma grande e poderosa raça. Desejosos alguns membros do Instituto de testemunhar a sua veneração para com o illustre escriptor portuguez, condescendendo com o desejo apresentado pelo Sr. Porto-Alegre, propuzeram o digno autor do diccionario para nosso confrade.

Identicas razões militaram em favor do Sr. coronel Leoni, cuja erudita obra é um magestoso monumento alçado ao idioma em que fallaram Ferreira, Camões e Barros. Os vestigios que a lingua dos conquistadores do mundo deixou impressos com indeleveis caracteres nos barbaros dialectos da peninsula iberica, a corrupção gradual e sensivel do latim classico até formar essa lingua romana, que as invasões goda e sarracena não poderam supplantar, são habilmente analysados pelo distincto philologo, que ambiciono ardentemente ve-lo alistado entre os nossos socios.

Para não abusar demasiado da vossa benevola attenção, porei aqui termo á resenha das offerendas com que fomos obsequiados; antes porém que o faça permittir-me-heis que commemore a valiosa dadiva que nos fez o Sr. Dr. Ernesto Ferreira França da sua *Christomathia da lingua brasileira*. Oxalá que tão nobre exemplo possa ter numerosos imitadores, que com desvelo e dedicação estudem os dialectos dos nossos aborigenes!... Quantas riquezas se patenteárão com semelhante estudo? Quantos problemas não serão resolvidos? E' para nós o *tupi* o que é o sanscrito para os povos do Oriente, a chave de muitos enigmas, a lingua dos primeiros conquistadores, a dos *brahmenes e dos pagés*. Bem haja o Sr. Dr. França que, refocilando-se das suas doutas lucubrações juridicas, tão

uteis livros escreve, indubitaveis provas do sacro amor patrio. Como deveis saber, espera em breve o Instituto contar o illustrado e modesto joven entre os seus colaboradores, e teremos talvez mui proximamente o prazer de ve-lo sentado entre nós.

Mais uma palavra, senhores, e eu termino.

Trouxe-me hoje a este logar a lei do dever, e melhor que ninguem conhecendo o peso que sobre mim tomava. Lembrai-vos porém que mais avulta a belleza com o contraste: que á volcanica palavra do meu antecessor, cujas lavas da eloquencia abrasaram-nos no mais ardente enthusiasmo, substituiu a pallida e fria narrativa que acabais de ouvir, e que á minha agreste e dissonante voz vão seguir-se as melodiosas endechas do nosso suaviloquo orador, entoando seus saudosos threnos sobre os tumulos semi-abertos dos peregrinos das lettras.

DISCURSO

DO ORADOR DO INSTITUTO HISTORICO O SR. DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

Senhores.—A gloria de uma nação é o monumento portentoso e indestructivel que se levanta sobre as virtudes e o patriotismo dos grandes homens, e atravessando os seculos, falla ás gerações que se succedem com essa voz poderosa e eloquente que acha sempre um éco em todos os corações generosos, desperta ou inspira os sentimentos heroicos, fortalece a honra nacional, e acende o enthusiasmo.

A gloria de uma nação brilha com esse fogo sagrado que se alimenta das recordações fulgurantes e esplendidas do passado: é a epopéa immensa e assombrosa que tem cada um dos seus cantos resumido no epitaphio da sepultura de um finado illustre; é, emfim, o precioso nobilissimo legado que os varões benemeritos deixam á patria, a quem, depois de ter servido com dedicação e revelancia durante a vida, ainda além da morte enriquecem com o thesouro inapreciavel de seus nomes nobremente famosos.

Entretanto a conservação desse legado, a coordenação dos cantos dessa epopéa, a perduração desse fogo e desse monumento sómente é licito esperar da historia, que é o pantheon sublime e universal que confere aos bons que souberam assignalar-se a immortalidade honrosa, que, por assim dizer, é na terra um reflexo da eternidade do céo. Cumpre pois que, registrando em nossos archivos os acontecimentos da nossa época e os feitos dos nossos benemeritos, cumpre que, colhendo no livro dos tumulos as paginas soltas da vida dos nossos homens notaveis, forgemos a chave com que para elles devem ser abertas ás portas daquelle pantheon na posteridade. Neste empenho andam juntos o interesse e a gratidão da patria: o interesse, porque no seio desses tumulos está encerrado o segredo da sua gloria: a gratidão, porque é este um tributo que ella deve a seus filhos prestimosos e dedicados, e tanto mais que para muitos d'elles a corôa de louro chega bem tarde, como para a fronte dos Tassos, ou cinge apenas o craneo do esqueleto, como nos Miltons, e nos Galilêos: corôa posthuma, ou por demais tardia, que apenas faz sorrir tristemente o moribundo, e não póde ser sentida pelo cadaver; mas que ao menos serve para deslumbrar os vivos e excitar o seu zelo e o seu enthusiasmo no serviço da patria.

O Instituto Historico e Geographico do Brasil reconhece que pela propria natureza dos fins que presidiram á sua organisação, é um dos seus mais serios e imprescriptiveis deveres o pagamento desse generoso tributo devido aos varões illustres que a morte vai roubando ao paiz: colligindo e publicando as biographias de cada um delles, vai recommendando os nomes e os feitos dos benemeritos ao tribunal da posteridade, que os deve julgar em ultima instancia, marcando o lugar que lhe compete na galeria da historia; ainda mais reconhecido porém e mais estreitamente ligado áquelles que faziam parte de sua familia social, reservou na solemnidade de suas sessões anniversarias uma hora votada á saude, e incumbio ao seu orador a obrigação de fazer o elogio dos seus socios finados com a simples menção das virtudes dos trabalhos preciosos, e das acções meritorias com que elles souberam recommendar-se á gratidão do Instituto, da nação e da humanidade.

Cabe-nos ainda este anno o desempenho desta importante tarefa, que aliás devêra ter sido incumbida a quem por uma intelligencia mais esclarecida fosse verdadeiramente digno de fallar como orgão de uma associação tão respeitavel; mas a responsabilidade da insufficiencia do orador cabe ao proprio Instituto que o escolheu, e que em uma nova eleição corrigirá o seu erro.

Senhores.—Correndo os olhos pelo quadro dos membros do Instituto Historico e Geographico do Brasil, encontrareis não menos de sete vezes repetidos os lugubres signaes da visita da morte no anno de 1859: foram grandes perdas pelo numero e pela importancia dos homens eminentes que nos deixaram.

No funebre cortejo que cumpre fazer desfillar a vossos olhos, mostra-vos-hemos, antes de todos os outros o

ataúde que recebeu os ultimos despojos de um daquelles dos nossos consocios, cujos nomes tem um lugar de honra no quadro dos membros do Instituto Historico e Geographico do Brasil, como fundadores desta notavel e patriotica instituição.

O benemerito que agora recordamos é o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

E' este um nome que não ouvistes repetir nem nas lutas ardentes dos comicios publicos, nem nos certames arrebatados da imprensa politica; nome que nunca foi endeosado nem proscripto pelos tribunos, nem nos escreveu jámais acto algum da alta administração do paiz. Foi o de um cidadão que não se encontrava no parlamento, onde se debatiam os partidos, nem nos gabinetes dos ministros, onde se combinava as profundas medidas para o governo do Estado; sua esphera foi mais modesta, seu horisonte menos brilhante, talvez porém mais vasta sem duvida mais serena. Quem o buscava ia á seara do sabio, e tinha a certeza de achar o constante e desvelado lavrador manejando o arado da sciencia. Este facto demonstra só por si o natural e invencivel amor que o nosso consocio tributava ás lettras e ás sciencias porque nenhum mais que elle tivera no berço e na infancia diante dos olhos o exemplo do ardor e do interesse pelas questões politicas, do que aliás soube sempre conservar-se arredado para exclusivamente entregar-se a seus estudos.

Emilio Joaquim da Silva Maia, filho legitimo de Joaquim José da Silva Maia e de D. Joaquina Rosa da Costa, nasceu a 8 de Agosto de 1808, na cidade de S. Salvador da Bahia. Seu pai era negociante matriculado naquella praça, homem de instrucção, e que não pouco se envolvia em assumptos politicos.

Desde os seus primeiros annos o nosso finado consocio mostrou grande aptidão para a carreira das lettras : a antiga metropole do Brasil abundava de bons mestres e com estes o nosso consocio adiantava-se já no estudo de humanidades, quando em 1823, e aos quinze annos de sua idade começou a experimentar as consequencias das borrascas e convulções politicas.

Em 1817, e ainda na infancia, contemplára, sem duvida com a sensibilidade e tambem com a ligeiresa de menino, as victimas da revolução de Pernambuco: já aos treze annos, em 1821, fôra testemunha do movimento de 10 de Fevereiro na sua cidade natal: a época era tempetuosa, e em 1823, seguindo o destino de seu pai, que se compromettêra na guerra da independencia interrompe seus estudos e a 2 de Julho embarca com toda sua familia para o Maranhão, donde no fim de quatro mezes arrastado pela fortuna paterna, deixa a patria e vai para Portugal, chegando á cidade do Porto no primeiro dia do anno de 1824 bem depressa as aulas da universidade de Coimbra recebem o joven brasileiro, que vai conquistando applausos e deixando apreciar seu talento: pretendendo seguir o curso de medicina, tinha já obtido o gráo de bacharel em philosophia natural, quando de novo as luctas politicas vem perturbar seus estudos, e dessa vez obrigal-o a trocar o livro pela espada.

Era a época da guerra entre constitucionaes e absolutistas o joven estudante, já pelos exemplos de seu pai, já pelas proprias convicções e pelo ardor da mocidade, deixa-se levar pelas ondas revolucionarias, e atira-se no campo dos combates; sua bandeira é pelo menos bella e nobre, é a bandeira da liberdade contra absulutismo, a da rainha contra o usurpador. A victoria corre as armas inimigas,

e os academicos voluntarios, entre os quaes se alistára o nosso consocio, fogem aos cadafalsos e procuram a terra estrangeira.

A Hespanha, e depois a Inglaterra, assim o joven brasileiro, que com uma parte de sua familia volta ao Brasil, e sauda o céo da patria em 1829, no mesmo anno porém torna a Europa para completar os seus estudos, e emfim a 2 de Setembro de 1833 obtem o diploma de doutor em medicina pela universidade de Pariz; e ardendo para tornar ás terras de seu berço, chega em Março de 1834 ao Rio de Janeiro onde se estabelece.

O nosso finado consocio voltava ao Brasil recommendando-se por um titulo scientifico, vinha cheio de ardor e de esperança, podia naturalmente trazer no seio a flamma da ambição, e encontrava o seu paiz em um periodo de violenta excitação politica: os partidos abriam os braços e recrutavam com empenho todos os jovens talentos; via-se homens novos e sem duvida dignos dos triumphos que alcançáram, conquistando brilhantes posições: o incentivo poderoso, o encanto quasi irresistivel; mas o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia já tinha feito o voto sagrado de consagrar-se á sciencia; cultivando-a prestaria tambem relevantes serviços á patria; voltou pois as costas ao mundo politico, não se deixou arrebatar pelos sonhos das grandezas sociaes; preferio aos comicios as sociedades litterarias á carreira administrativa e politica o exercicio da medicina; ás ardentes emoções dos combates parlamentaes os arduos trabalhos e o cultivo das sciencias naturaes.

A mais perfeita felicidade domestica dava ao nosso consocio o socego e a paz do coração que animam o homem no labor da existencia: dous mezes depois da sua chegada ao Rio de Janeiro o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia ca-

sou-se com a Illma. Sra. D. Anna Rita da Silva Costa, que foi um verdadeiro modelo de esposa, e que fez a sua ventura mais risonha e completa: o céo abençoou essa união com o thesouro de filhos dedicados e amantes.

Feliz no lar domestico, entregue exclusivamente aos cuidados da sua clinica medica, ao estudo das lettras e sciencias, e emfim ao ensino da mocidade, o nosso consocio pôde contar seus annos por serviços reaes e importantes prestados ao paiz.

O Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia foi um desses homens laboriosos, incansaveis e prestantes que não precisam que lhe gravem um epitaphio na lage de sua sepultura, nem que um biographo parcial e amigo lhe agigante mediocres feitos para que seu nome seja lembrado pelos vindouros.

O nome do nosso consocio já está escripto na historia contemporanea do Brasil com lettras vivas e brilhantes que a gratidão nacional não deixará apagar-se nunca.

Repete esse nome a humanidade soffredora que elle soccorreu sempre como medico habil e caridoso, como o verdadeiro medico catholico que ajunta a applicação do medicamento que deve curar o corpo á consolação que chega á alma do enfermo.

Repete esse nome a camara municipal do cidade do Rio de Janeiro, em cujos archivos se acham documentos dos seus trabalhos e provas da sua solicitude em um quatrienio em que serviu como vereador.

Repetem esse nome as sciencias naturaes, que elle cultivou com esmero, com amor nunca arrefecido, ensinando-as como professor, utilisando-as como um dos directores do museu nacional, e adiantando-as com os estudos do seu gabinete, e com alguns preciosos escriptos como o reconheceram sabios naturalistas do velho mundo.

Repetem o seu nome os jornaes da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e da Academia Imperial de Medicina, de que elle foi por muito tempo redactor, e a *Minerva Brasileira*, que o teve por fundador e redactor em chefe, e muitos outros periodicos litterarios.

Repete o seu nome o Imperial Collegio de Pedro II, de que elle foi professor de sciencias naturaes desde 1838.

Repete-o, emfim, com um reconhecimento por assim dizer filial, o Instituto Historico e Geographico do Brasil, que o conta e venera como um de seus membros fundadores, e sempre como um dos seus mais prestimosos e infatigaveis socios.

As grandes qualidades de que estes serviços dão seguro testemunho, reunia o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia outras não menos estimaveis: era bom e extremoso pai e esposo amante; era amigo fiel, companheiro leal e cidadão honesto.

Homem de trabalho, homem que não perdia um instante, nem conhecia outro descanço senão o que dá o somno em breves horas á noite, o nosso illustre consocio abreviou os seus dias porque não soube poupar-se nem mesmo quando se sentio perfeitamente ferido pela enfermidade que o levou ao tumulo. Doente desde muitos mezes, só abandonou sua cadeira no collegio e seus livros no gabinete quando, arrastado para o leito, ouvio dar a hora da agonia, e exhalou o ultimo suspiro no dia 21 de Novembro de 1859.

O Dr. Emilio Joaquim da Silva Maio, foi altamente considerado pelos litteratos e pelos sabios: no Brasil quasi todas as sociedades litterarias e scientificas o contavam como socio, e notavelmente o Instituto Historico e Geographico do Brasil, a Imperial Academia de Medicina, a

sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o Instituto Litterario da Bahia, e a sociedade Vellosiana. Na Europa está o seu nome escripto no quadro dos membros da sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, da sociedade de Sciencias Naturaes de França, e da dos Antiquarios do Norte.

São numerosos, mas infelizmente acham-se espalhados por diversos jornaes, os escriptos do nosso finado consocio. Memorias sobre alguns acontecimentos politicos do Brasil, quadros synopticos do reino animal organisados para facilitar o estudo da zoologia no imperial collegio de Pedro II; discurso sobre as sociedades scientificas e de beneficencia que tem sido estabelecidas na America; elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva, e diversas memorias sobre pontos de medicina, de sciencias naturaes, e sobre questões litterarias, e igualmente muitos discursos academicos se encontram nas Revistas do Instituto, nos Annaes da academia de medicina, e em quasi todos os periodos litterarios e scientificos do Rio de Janeiro.

Tal foi o homem que perdemos, e cuja memoria o Instituto Historico e Geographico do Brasil honrará sempre com o mais vivo reconhecimento.

No dia 25 de Maio do anno que vai acabar foi receber no céo o premio de suas virtudes, deixando no mundo brilhantes e gloriosos vestigios o nosso estimavel consocio o brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos.

A sua vida inteira póde-se resumir em tres idéas: honra, bravura e caridade: eis o brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos.

O pai do nosso finado consocio era um militar, o tenente-coronel Joaquim de Frias e Vasconcellos; e como se adevinhasse os grandes acontecimentos que deviam em breve

elevar o Brasil ao gráo de nação independente, deu em seus filhos novos guerreiros á patria.

Miguel de Frias e Vasconcellos vio a luz do dia no Rio de Janeiro a 15 de Outubro de 1805: nasceu a tempo de saudar com todo o patriotismo e todo o ardor de um coração de mancebo enthusiasta a independencia do seu paiz.

Aos 5 annos de idade assentou praça como cadete no 1.° regimento de cavallaria; dahi a tres annos official de artilheria, cursava ao mesmo tempo a escola militar, esse destinguio-se pelo seu talento e pela sua applicação, chegando dentro de poucos annos a servir de lente e de examinador na mesma academia.

Em 1828 com o seu incontestavel merecimento havia já conquistado as dragonas de major graduado, e em 1831 achava-se encarregado da repartição do quartel-mestre-general, quando os criminosos excessos do mez de março desse anno, e á effervescencia popular fizeram prorromper a revolução de 7 de Abril.

O major Frias era conhecido pelo nobre e fervente espirito de nacionalismo e pelas suas idéas liberaes: se a lucta chegasse atravar-se, não seria duvidosa a sua posição: o Sr. D. Pedro I, porém, mostrou-se grande e generoso na hora da adversidade: não quiz que corresse o sangue brasileiro, e abdicando salvou o Brasil e a monarchia. A ultima palavra do Imperador que descia de um throno foi recebida pelo major Frias, a quem disse, entregando o decreto da abdicação: « Aqui está a minha abdicação. Desejo que sejam felizes! Retiro-me para a Europa, e deixo um paiz que tanto amei e ainda amo. »

Os primeiros annos da monarchia de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II marcam uma época dolorosa para o

Brasil: as revoltas se succediam umas ás outras, o exercito indisciplinado tornara-se um perigo, e era por isso dissolvido; o governo luctava quasi sem força no meio das facções, e só um milagre de patriotismo pôde suster o paiz, que ia precipitar-se na anarchia.

E' n'este periodo tormentoso, que um grave erro vem interromper a bella carreira do nosso digno consocio, e obriga-lo a um exilio, que o privou da patria, e a ella dos seus seus serviços. Ligado ao partido que se achava em opposição, e que tomára o titulo de exaltado, o major Frias, que com outros officiaes se achava preso em uma de nossas fortalezas, toma parte nos planos de uma revolução; e ignorando que ella tivesse abortado, revolta-se na fortaleza, e á frente de poucos companheiros vem desembarcar na cidade, e marcha para o campo de Sant'Anna no dia 3 de Abril de 1832. Debalde amigos que o encontram lhe annunciam a sua perda infallivel: « E' tarde, responde elle, já dei o primeiro passo. » O resultado dessa luta era de prever. A legalidade triumphou facilmente, e o major Frias teve de emigrar.

Foi um grave erro, já o dissemos; qual é porém dos homens daquella época o que póde atirar a pedra?... A revolução de 7 de Abril tinha acabado em abraços, flôres e parabens: uma só gotta de sangue não a havia manchado: o proprio monarcha, que abdicára uma corôa tinha derramado lagrimas de alegria vendo o enthusiasmo patriotico com que o povo inteiro acclamava seu augusto filho: as lições da experiencia ainda não eram bastante longas e acerbas para serem fructuosas: estavamos no noviciado do systema representativo, e todos sentiam a influencia do contagio das conspirações: conspiravam todos, conspirava o povo a 3 e a 17 de Abril, conspirou o proprio governo

a 30 de Julho de 1832. Vencedores e vencidos erravam notavelmente: não é muito que errasse tambem o major Frias aos 27 annos de idade.

O Brasil abre o seio, e nelle recebe com amor o major Frias que volta á terra da patria depois de dous annos de exilio: começa então, ou dentro em pouco, uma serie não interrompida de serviços relevantes prestados pelo nosso illustre e finado consocio.

Em 1842 o então conde e actual Sr. Marquez de Caxias, partindo para o Rio Grande do Sul, onde esperava a gloria de pacificação daquella importante provincia do Imperio, lembra-se do seu irmão de armas; o distincto general não podia em verdade esquecer-se do bravo que em 1828 denodadamente se batêra contra os soldados estrangeiros revoltados na capital. O major Frias acode á voz da patria, serve com distincção nos campos do Sul até o anno de 1844; e quando outra vez sôam as trombetas, e o Brasil tem de desaggravar-se dos ultrajes e da ousadia do dictador de Buenos-Ayres, outra vez o bravo Miguel de Frias corre onde tremula a bandeira nacional prompto a dar a vida pela terra de seu berço.

Assim a brilhante carreira militar do nosso consocio, que fôra interrompida em 1832, de novo era marcada por serviços relevantes: sua estrella, que uma vez as nuvens da tempestade tinham obscurecido, tornava a scintillar no céo brasileiro, e o bravo official ia recebendo o premio do seu merecimento nos postos a que por direito subia.

Mas não era só no campo da honra e da batalha que Miguel de Frias e Vasconcellos conquistava os fóros de benemerito. O governo do Estado pôz quasi constantemente em tributo a sua bella intelligencia e os seus conhecimentos de engenheiro, assim como a sua habilidade e activa soli-

citude de administrador, confiando-lhe os importantes cargos de director do arsenal de guerra, de director das obras militares, de inspector geral das obras publicas, que exerceu por duas vezes, e de membro da commissão de melhoramentos do material do exercito, a presidencia da qual occupava ainda quando veio a morte cortar o fio da sua existencia.

Além dos variados e espinhosos trabalhos de administração, que por passarem desapercebidos aos olhos do publico nem por isso deixam de ser interessantes, e em muitos casos de elevada transcendencia. o nosso i lustre consocio legou á capital do Imperio, como engenheiro, obras que o recommendaram á consideração do governo e á gratidão do povo: entre outras falla por todas o encanamento das aguas de Maracaná, que salvou especialmente a população pobre da calamidade da sede, que em alguns periodos de grande secca se fizera sentir, e levou a agua ás portas de todos, tornando o Rio de Janeiro uma das mais notaveis cidades do mundo debaixo deste ponto de vista.

Os Fluminenses não podiam cerrar os olhos a tanto merecimento: o nome de Miguel de Frias e Vasconcellos, que já uma vez tinha sido contemplado entre os nove escolhidos do povo para a dilidade da capital, foi de novo pronunciado nas vesperas de uma eleição: o nosso consocio, membro constante e firme do partido liberal, achava-se então, como os seus companheiros, no campo da opposição: embora! as urnas eleitoraes fallaram, e uma votação espontanea e numerosa elevou esse digno Brasileiro á presidencia da camara: julgou-se que o processo eleitoral tinha sido viciado, e o governo declarou nulla a eleição: embora outra vez! as urnas fallaram de novo, e Miguel de Frias e Vasconcellos obteve ainda maior nu-

mero de votos: estas victorias não lhe custaram nem empenho proprio nem trabalhosa recommendação de amigos: essa candidatura era a manifestação eloquente e decidida de geraes sympathias: em suas listas o povo escrevia o nome de Miguel de Frias a impulsos do proprio coração.

E ainda não basta: não encontraremos o brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos unicamente na campanha como soldado; no arsenal de guerra, nas obras militares e publicas, como administrador e engenheiro: o tempo lhe sobrava ainda para consagrar-se aos mais philantropicos trabalhos.

Na qualidade de socio, e depois de presidente da Imperial Sociedade Amante da Instrucção, dedicou-se com um zelo e com um amor de verdadeiro catholico ao cuidado e auxilio da infancia orphãa e desvalida contribuindo com todas as suas forças para facilitar-lhe a instrucção primaria e a educação, doce alimento do espirito, que deve preparar nessas innocentes criancinhas marcadas pelo sello do infortunio, cidadãos uteis ao estado, e mãis de familia que honrem a sociedade. Graças em grande parte á actividade e ao systema de economia que soube empregar, auxiliado por companheiros muito dignos, o distincto presidente da sociedade Amante da Instrucção conseguio que essa bella e nobre instituição accumulasse um capital de 100:000$, que dá segurança real ao futuro de suas escolas, e á frente da sociedade lançou no morro das Neves os fundamentos de um novo estabelecimento destinado á instrucção e educação dos orphãos desvalidos de ambos os sexos, e muito mais conseguiria ainda se não tivesse chegado á hora extrema da vida.

No grande coração do brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos, o amor do proximo, a caridade avultava tanto

como era notavel o seu desinteresse. Um facto basta para proval-o: diversos capitalistas e cidadãos reconhecidos aos serviços do nosso illustre compatriota determinaram offerecer-lhe um presente em recordação das obras por elle realisadas do encanamento das aguas de Maracaná: abriram para esse fim uma subscripção, cujo producto elevou-se a perto de sete contos de réis. Miguel de Farias e Vasconcellos aceitou a offerta dos ricos em beneficio dos pobres, e aquella quantia foi levada aos cofres da Imperial Sociedade Amante da Instrucção. Quando batia já ás portas do tumulo convidava com instancia a um amigo e parente para que, em seu nome e por sua conta, fosse obter de um capitalista dezaseis contos de réis para a conclusão das obras do seminario daquella mesma sociedade, hypothecando em garantia seus proprios bens.

Quem procedia assim em nome da caridade, teria procedido como Washington em nome da patria. Em ema época em que se ridicularisa o desinteresse, em que se menospreza a pobreza honrada, em que se idolatra o ouro, em em que se chega a mercadejar com os sentimentos, e a vender coração e consiencia, o brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos avultava esplendidamente como uma reprovação viva da immoralidade e da corrupção, e como um exemplo magnifico de honra e de virtude.

Morreu aos 25 do mez de Maio de 1859 este homem notavel e benemerito cidadão: mas o seu nome ficou indelevel na memoria do povo e no coração da patria: legou á sua familia pobresa, e á nação a mais justa ufania de um tão nobre filho,

O brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos era um militar bravo, severo mas humano: engenheiro habil, administrador activissimo, zeloso, economico, e de uma hones-

tidade que nem admittia o sonho de uma suspeita. Probo como elle; mais do que elle, não. Em politica pertenceu sempre ás fileiras do partido liberal, e a sua firmeza era igual á sua lealdade e á sua coragem. Amigo provado na adversidade, coração aberto á pobreza, alma cheia de caridade e de generosos sentimentos, os seus proprios adversarios apenas lhe apontavam os defeitos correspondentes ás suas grandes qualidades.

No brigadeiro Miguel de Frias Vasconcellos o throno perdeu um defensor extremo, a liberdade um palladim, o povo um amigo, os pobres um protector, e o Instituto Historico Geographico do Brasil um dos seus mais dignos socios.

Baixou tambem á sepultura na capital do Imperio o nosso consocio Joaquim Candido Guilobel. Portuguez de nascimento e prestante cidadão do Brasil, era um habil engenheiro desenhista em um architecto de merecimento: foi lente da nossa academia militar, e gozou sempre da mais bem merecida reputação.

Na provincia de Pernambuco perdemos o nosso consocio Antonio da Costa Rego Monteiro. Negociante intelligente e honrado, cavalheiro perfeito, amigo leal, a estima publica de que era realmente digno, a firmeza de seus principios em politica e a confiança dos eleitores pernambucanos, deram-lhe uma cadeira na camara temporaria: no parlamento como no commercio, na sua vida publica como na particular não desmentio jámais o conceito de um homem honsto e delicado.

Em Buenos-Ayres morreu ainda este anno o nosso illustrado consocio D. Pedro de Angelis: sua vida trabalhosa, e muitas vezes profundamente agitada pelas convulsões politicas póde-se dividir em duas grandes épocas: a pri-

meira que pertence á historia do velho mundo, e a segunda que está ligada aos principaes acontecimentos contemporaneos da America no Rio da Prata.

D. Pedro de Angelis foi esmeradamente educado em Napoles, sua patria: em annos de juventude servio ahi em um corpo de artilharia, e como official dessa arma assistio ao sitio da praça de Gaeta debaixo das ordens do general Massena, e á tomada da ilha de Capri pelo general Lamarque. Quando se fundou a escola politechnica foi chamado a exercer nella as funcções de professor, sendo depois encarregado da educação dos filhos do rei Murat. Os acontecimentos que vieram quebra o sceptro deste rei soldado determinaram o exilio voluntario de D. Pedro de Angelis, que viajou então pela Europa: achava-se na Suissa quando prorompeu a revolução de 1820 em Napoles, e foi pelo novo governo destinado a occupar o cargo de secretario de embaixada em S. Petersburgo, com uma missão especial junto aos Soberanos que estavam reunidos em Troppau.

A restauração da monarchia absoluta de el-rei Fernando I, decretada no congresso de Laybach, fez retirar o nosso consocio á vida privada e ao mais desvelado cultivo das lettras: nessa época tomou parte em Pariz em trabalhos muito importantes, e notavelmente na biographia universal e dos contemporaneos.

Em 1826, cedendo ás solicitações de Rivadavia, então presidente das Provincias-Unidas do Rio da Prata, trocou o velho pelo novo mundo, e estabeleceu-se em Buenos-Ayres, onde por muitos annos escreveu diversos periodicos como orgão official do governo até a queda do dictador Rosas.

Sua vasta e muito esclarecida intelligencia comprehendeu

e apoderou-se rapidamente de todas as têas dessa rede inextricavel da politica do Rio da Prata: nem sempre serviu as melhores causas; mas o seu concurso era de uma influencia poderosa. O talento e a illustração de D. Pedro de Angelis eram ao mesmo tempo uma lança e um escudo: de ambos soube prevalecer-se o celebre Rosas, e teve mesmo occasião de experimenta-los contra o Brasil. Em compensação o nosso consocio aproveitou um ensejo feliz para sustentar os direitos do imperio, e atacar idéas ousadas de um estrangeiro que contemplára com inveja o gigante do Amazonas. A sua *Memoria sobre a navegação do Amazonas*, escripta em resposta á de Mr. Maury, official da marinha dos Estados-Unidos, foi um serviço real prestado á nossa patria.

D. Pedro de Angelis deixa numerosos escriptos e memorias relativas a historia e politica dos Estados do Prata, biographia de homens notaveis dessa parte da America do Sul, além de muitos outros preciosos trabalhos que altamente recommendam o seu nome. O nosso finado consocio era membro de muitas sociedades scientificas da Europa e da America; de uma erudição vastissima, de um saber profundo, ninguem jámais lhe poderá negar as honras devidas a uma verdadeira notabilidade.

Na provincia de S. Paulo falleceu o nosso estimado consocio, o brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto. Tinha este cidadão em sessenta e sete annos de idade mais de quarenta de serviços importantes prestados ao paiz. Teve por berço patrio esse ninho de benemeritos, de que tanto se ufana o Brasil: nasceu na cidade de S. Paulo no dia 17 de Maio de 1792: foram seus pais o marechal de campo José Joaquim da Costa Gavião e D. Maria da Annunciação de Lara Pinto Gavião. Seguindo a carreira das armas

teve logo aos dezenove annos de provar a vida trabalhosa e arriscada de uma campanha: nos campos do Sul do Imperio batalhou debaixo do commando do general D. Diogo de Sousa, nos annos de 1811 e 1812 contra os Hespanhóes, e seu peito foi ornado com a gloriosa medalha que se creou para galardoar os serviços dos officiaes que bem se houveram nessa guerra.

Na época brilhante e faustosa da nossa independencia encontramos o nosso consocio ligado aos patriotas que se immortalisaram trabalhando com dedicação e esforço pela regeneração da patria: em 1822 elle deixa seus lares e os commodos domesticos, e marcha como commandante de uma parte da cavallaria de S. Paulo para sustentar a causa sagrada, e por este e outros serviços é agraciado com a commenda da ordem de S. Bento de Aviz, sendo não menos honroso para o digno brasileiro o facto de haver o Sr. D. Pedro I por occasião de conferir-lhe essa condecoração ajuntado ainda as expressões mais lisongeiras, e que davam testemunho da nobreza do seu proceder e do seu caracter.

Distinguido pela amizade particular do Sr. D. Pedro I, o nosso consocio tambem o foi e repetidas vezes pela confiança do povo e do governo; porque exerceu o lugar de presidente da provincia de S. Paulo, ainda de vice-presidente da mesma; foi honrado com a nomeação de veador da imperial camara por Sua Magestade, e seus comprovincianos reconhecidos o elegeram constantemente membro do conselho do governo; e depois do acto addicional membro da assembléa provincial em diversas legislaturas, elevando-o durante dous quatrienios ao seio da assembléa geral.

Uma vida tão laboriosa e variada, em que o nosso con-

socio appareceu como militar, como administrador e como politico, não ha um unico dia que lhe deixasse um remorso: pertencendo ás fileiras de um partido politico, seus proprios adversarios nunca pensaram em negar-lhe o alto merecimento de suas virtudes: e se o seu nome foi menos vezes repetido nos acontecimentos da nossa época, é que a sua modestia o escondia aos louvores e á gratidão dos contemporaneos.

Pai de familia extremoso e honrado, amigo de uma lealdade provada e inabalavel, honrado e perfeito cavalheiro, cidadão que esqueceu sempre os proprios interesses para attender antes de tudo e sobretudo ao interesse publico, o brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto deixou um nome sem mancha e uma reputação intacta.

A hora de seu passamento foi digna de sua vida cheia de acções meritorias: morreu como devem e podem morrer os bons: morreu placido e sereno, e como saudando a eternidade dos justos, onde lhe esperava o premio de suas virtudes.

Tambem pagou este anno o tributo da morte o venerando Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, nosso illustrado e respeitavel consocio.

O nome deste inclyto varão está escripto nas paginas mais gloriosas da nossa historia contemporanea: a posteridade terá de marcar-lhe um lugar nobre e distincto entre os mais benemeritos patriotas do imperio diamantino.

O Brasil não foi a terra do seu berço; foi porém a patria que elle adoptou de coração, e a que serviu com a fidelidade, a dedicação e o amor profundo do filho mais extremoso.

Era um vulto grandioso, um dos ultimos representantes dos nossos tempos heroicos, um dos fortes capitães da

guerra santa da independencia, em que foi chefe um principe magnanimo, e exercito a nação inteira, que se levantou briosa e enthusiasmada para conquistar a liberdade e a sua regeneração politica: foi um dos architectos do monumento sublime do Ypiranga, e ainda depois desde 1822 até 1859 um dos firmes mantenedores do governo constitucional do Brasil.

Nesse longo periodo de trinta e oito annos, em que tantos e tão notaveis acontecimentos politicos se passaram e obras tão grandes foram realisadas, não ha talvez um só episodio importante desse immenso drama em que se possa esquecer o nome illustre de Vergueiro. Homem de tres épocas, com o mesmo caracter e com os mesmos principios em todas ellas, com a mesma coragem, com a mesma decisão e a mesma lealdade em todas as situações e circumstancias, elle foi o denodado companheiro dos Andradas, Rocha, Januario, Ledo, Lisboa, e tantos outros, na cruzada patriotica da independencia; foi o alliado fiel e prestigioso dos Feijó, Evaristo, Paula e Sousa, Vasconcellos, Lino Coutinho, Honorio nas lutas difficeis que se seguiram á revolução de 7 de Abril de 1831, e foi ainda o amigo fiel e co-religionario distincto de todos esses jovens ou novos estadistas que vieram reunir-se a elle á sombra da bandeira que foi sempre sua, e a que nunca voltou o rosto nem se furtou á defeza.

A vida do conselheiro Nicolão Pereira de Campos Vergueiro foi longa, trabalhosa, e muitas vezes abalada pela violencia das tempestades politicas: mas acabou sem uma leve nodoa que pudesse manchar a alvura de sua virtude: impavido e calmo no meio das mais assombrosas tormentas seguia nesse encapelado e terrivel oceano o rumo traçado por sua consciencia, e a borrasca serenava emfim, e a sua

vida brilhava a todos os olhos com a pureza do mais bello céo em dias da mais completa bonança.

Nicolão Pereira de Campos Vergueiro nasceu aos 20 de Dezembro de 1778 na freguezia de S. Vicente Ferrer do lugar de Valporto, termo naquella data da cidade de Bragança no reino de Portugal.

Destinando-se á carreira das lettras, seguio estudos regulares, e em 1801 tomou na universidade de Coimbra o gráo de bacharel em direito civil: no anno seguinte passou ao Brasil, e estabeleceu-se na provincia de S. Paulo, onde começou a exercer a advocacia. Pouco tempo depois casou-se com D. Maria Angelica de Vasconcellos, filha do capitão José Andrade de Vasconcellos, senhora de uma virtude exemplar.

O joven advogado trazia da Europa as novas idéas que a revolução franceza espalhava pelo velho mundo : a guilhotina dos terroristas afogava em sangue a republica da França: mas não pudera afogar os principios liberaes que germinavam em quasi todos os paizes e em todos os corações generosos. A noticia da revolução que em 1820 rebentara em Portugal teve um éco na provincia de S. Paulo, e nomeando-se ahi um governo provisorio foi chamado a tomar parte nelle Nicolão Pereira de Campos Vergueiro, que já tinha abandonado a advocacia, e se achava em Peripicaba, onde com notavel intelligencia fundara e desenvolvia o seu primeiro estabelecimento agricola.

Vergueiro acudio á voz do povo, dizendo: « Não sei como me sahirei; mas embora fique mal com todos, hei de ficar bem com a minha consciencia. » Estas palavras, que elle pronunciou ao entrar no governo provisorio de S. Paulo, revelam o segredo de toda a sua vida politica, que consistio sempre em um voto de abnegação, e em um proceder conscienciosa e integro.

Deputado á constituinte de Lisboa pelo voto espontaneo dos eleitores paulistas, Vergueiro testemunha a lucta que começa a travar-se entre o Brasil e Portugal, e não hesita no partido que deve seguir: a causa do Brasil era a causa da justiça, e sua patria não era mais a terra em que nascera, era a terra que o nutria, que lhe dera uma esposa, e onde nasciam seus filhos: era a terra dos mais apertados e doces laços do coração. A vacillação não estava no caracter de Vergueiro: decide-se promptamente. Nomeado nas côrtes de Lisboa, a que se apresentara em Fevereiro de 1822. para a commissão politica dos negocios do Brasil, offereceu elle um voto em separado que mereceu a honra de ser combatido por considerar-se a proclamação mais energica da independencia. Logo depois negou-se assignar a constituição portugueza, porque nella tinham sido desattendidos os interesses e os direitos do Brasil.

Consumada a obra magestosa do Ypiranga, Vergueiro volta á sua patria adoptiva, e como deputado toma assento na constituinte brasileira ; ahi assume uma posição franca e bem manifesta entre os liberaes ; e dissolvida a constituinte, é preso com outros representantes, e conduzido á fortaleza de Santa Cruz; não contemplado no exilio que coube aos Andradas e a outros, Vergueiro apenas se lhe abrem as portas da prisão , acolhe-se ao remanso e aos gozos suaves da vida domestica.

Em breve seus concidadãos o chamam de novo á arena politica: deputado á assembléa legislativa e proposto a senador pelas provincias de S. Paulo e Minas-Geraes, toma assento na camara temporaria, e apresenta ao paiz o exemplo da mais inabalavel firmeza de principios: em 1828 é de novo proposto a senador pela provincia de Minas, e a escolha do monarcha vai encontra-lo quasi moribundo

em consequencia de uma congestão cerebral: sua robusta natureza, os interessantes e admiraveis cuidados de uma esposa modelo, e os desvelos de amigos dedicados e de um medico habilissimo, conseguem arranca-lo á morte e conserva-lo á patria.

Em 1831 é o senador Vergueiro um dos signatarios da famosa representação assignada e dirigida no dia 17 de Março ao Sr. D. Pedro I por vinte e tres membros da assembléa geral, e no dia 7 de Abril os senadores e deputados existentes na côrte reunidos extraordinariamente no paço do senado elegem uma regencia provisoria, e nella contemplam Nicolão Pereira de Campos Vergueiro, que symbolisava todo o pensamento liberal, e era o centro das sympathias do povo. O Sr. D. Pedro I tinha abdicado: a tropa, fraternisando com o povo, estava em armas; as offensas das noites de Março podiam despertar idéas de vingança; o liberalismo victorioso ameaçava arrojar-se em calamitosos extremos: a crise era tremenda: honra porém seja feita aos extremos chefes do partido vencedor: a ordem foi mantida, a anarchia esmagada, e o throno constitucional, sobre o qual se mostrava quasi no berço o Sr. D. Pedro II foi sustentado pelo genio da liberdade que velou por elle para a integridade, esplendor e gloria da nação Brasileira.

Foi uma época essa de trabalhos herculeos e de luctas violentas; mas então os partidos tinham fé em seus chefes, o patriotismo era uma realidade, a confiança do povo não esmorecia, e o desinteresse e a abnegação de muitos estadistas dava ao governo toda a força da virtude. O Brasil foi salvo, a monarchia constitucional triumphou, e um dos cidadãos que mais contribuio para essa obra de sabedoria, um dos pilotos que mais constante lidou para livrar de um

naufragio a náo do Estado, foi o senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, já na regencia provisoria, já no senado brasileiro, e ainda em 1833 como membro de um ministerio.

Em 1840 o nosso illustrado consocio sustentou a causa da maioridade, que triumphou, e deu principio a uma nova época para o Brasil.

Em 1841, S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, por occasião de sua coroação, agraciou o illustre Vergueiro com a grã-cruz da ordem do Cruzeiro.

Em 1842 o distincto chefe liberal achou-se compromettido na revolta que rebentára em S. Paulo. Apesar de retirado em sua fazenda, fez-se tambem recahir sobre elle a responsabilidade desse lamentavel acontecimento; mas o senado reconheceu a sua innocencia, julgando improcedente o processo que se lhe formara.

Em 1847, já abatido pelos annos e pelas molestias, foi o nosso illustrado consocio chamado ao governo, e occupou a pasta da justiça.

Dessa data em diante o conselheiro Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro foi pouco a pouco retirando-se dos certames parlamentares e das luctas politicas. E' certo que de longe em longe o venerando ancião mostrava-se ainda na tribuna da camara vitalicia, e sua voz grave e generosa deixava ouvir um protesto a favor do systema constitucional e dos direitos do povo; mas o velho guerreiro, descansando dos longos e porfiados combates do passado, deixava quasi sempre a arena politica aos novos paladins do parlamento: não que a fadiga e a idade lhe tivesse feito arrefecer o amor da patria; não, que ainda por ella trabalhava.

Comprehendendo que a mais grave das nossas questões da actualidade e do futuro, que o mais difficil problema a

resolver no Brasil é a colonisação, e que desse problema depende a sua prosperidade e a sua riqueza, Vergueiro consagrou seus ultimos annos ao estudo e á experiencia dos diversos systemas de colonisação, e foi um dos primeiros que praticamente demonstrou os proveitos immensos que della se póde colher.

Mas as enfermidades o acabrunhavam; a morte de sua virtuosa esposa enegrecera para sempre os horizontes de sua vida; e o venerando ancião, depois de ter completado oitenta annos de idade, não pôde resistir a um terceiro ataque de febre cerebral, expirou, e hoje dorme para sempre na terra que amou com tanto ardor.

O homem não póde ser eterno: a morte é inevitavel, e uma vida de oitenta annos já é um grande favor de Deos: mas estas considerações não suffocam a dôr nem minoram a saudade.

Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, velho e tremulo, com a sua nobre cabeça coroada pela neve dos annos, com o seu corpo dobrado pelo peso da idade, era ainda assim incansavel no serviço do paiz: e o povo se ufanava de ve-lo, mostrava-o ao estrangeiro que chegava ao Brasil, mostrava-o aos jovens que encetavam a carreira publica; mostrava-o, porque Vergueiro era uma gloria nacional.

Tão honesto na vida privada, como probo e integro na publica, o conselheiro Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro era um homem illustrado, e modesto; na camara temporaria e no senado gosou reputação de orador grave e logico; no governo, que aliás nunca procurou, foi sempre desinteressado, justo e vigoroso.

Atravessou épochas difficeis e tormentosas, mas era um homem de convicções, e por isso nunca abandonou o seu posto nem recuou diante da responsabilidade de suas idéas

e ainda menos de seus actos. As reacções, as borrascas politicas toldavam o horizonte do paiz, bramiam sobre sua cabeça; elle porém, inabalavel como o rochedo no meio do oceano; zombava dos furacões e da tempestade.

Vergueiro foi um verdadeiro typo da firmeza politica.

Victor Hugo observa que não é um bom elogio o dizer-se de um homem que sua opinião politica não se modificou no espaço da quarenta annos. Que é isso o mesmo que dizer que para esse homem não houve reflexão nem experiencia.

Longe estamos de condemnar a lealdade e a consciencia com que o homem publico, abafando seu orgulho, reconhece que sua opinião era um erro, e abraça francamente a dos adversarios que combatera. Ha neste proceder dignidade e honra, e o homem se exalta elevando-se á altura da verdade; mas póde-se bem conservar uma vida inteira convicções profundas, e não ter que modifica-las nunca em suas idéas essenciaes. Exemplo disso é o proprio conselheiro Nicalão Pereira de Campos Vergueiro, e tanto mais respeitavel e digno da consideração publica se tornava debaixo desse ponto de vista, quanto é certo que a fé politica não é hoje uma virtude facil de encontrar-se, e que são raras essas convicções inabalaveis, como são poucos os cidadãos benemeritos da ordem do nosso finado consocio o conselheiro Nicolão Pereira de Campos Vergueiro.

Honra, pois, á memoria desse illustre veterano da independencia!

Cumpre-nos agora, senhores, e por ultimo, contemplar um vulto immenso, que ainda ha poucos mezes era a gloria viva e pomposa da nossa geração, e que hoje pertence ao passado; cumpre-nos fallar de um homem que era o mais brilhante pharol da sciencia, e que ficará sendo na historia

uma das ufanias do nosso seculo. Morreu longe de nós, mas o annuncio da sua morte levou o luto aos pontos mais afastados da terra. Era um homem que tinha nascido nas margens do Sprée, e que de direito veio a pertencer a todas as nações do mundo; era um ente privilegiado, para quem pareceu pequeno o nosso planeta, e fallou aos mundos que gyram no espaço depois de ter descido ás profundezas da terra, e esmerilhado os segredos de suas entranhas. Era um verdadeiro sabio, não o representante venerando de uma ou de outra sciencia: era mais do que isso, era a encyclopedia do seculo XIX.

Esmaga-nos a reputação, o merecimento e o nome deste grande homem: sua biographia deve ser a obra dos sabios que o puderem igualar, e que pelo menos delle se aproximarem: nosso espirito, não podendo envia-lo sufficientemente, apenas o admira: nossa boca, não podendo consagrar-lhe todos os merecidos louvores, limitar-se-ha a pronunciar o seu nome, e a marcar algumas das muito importantes datas de sua longa e fructuosissima vida.

O progresso espantoso dos acontecimentos humanos no seculo XIX, se patentêa evidente a todos os olhos: a nossa época ostenta o poder da intelligencia em proporções gigantescas e desconhecidas nas precedentes idades.

E, como diz Victor Hugo, o seculo dos milagres da sciencia, que faz do vapor um cavallo, da pilha de Volta um obreiro, do fluido electrico um correio, do sol um pintor; que abre sobre os dous infinitos essas duas janellas, o telescopio sobre o infinitamente grande, e o microscopio sobre o infinitamente pequeno, e encontra no primeiro abysmo astros, e no segundo abysmo insectos que lhe demonstram Deos; supprime o tempo, supprime o espaço, supprime a dor; escreve uma carta de Pariz a Londres, e recebe a

resposta em dez minutos; amputa a perna de um homem, e o homem canta e ri.

Aproveitando-se de todos os trabalhos, de todas as descobertas dos seculos anteriores, o nosso, diz um outro escriptor francez, aspira a fazer marchar com o mesmo passo todas as categorias da sciencia; tende a uni-las em uma synthese poderosa, da qual elle se serve como de uma alavanca para mover o mundo. E' sim um fim determinado, mas não é precisamente um fim especial que tem em vista. Não é como no XV seculo, por exemplo, a descoberta de regiões ignotas que elle presente e prepara; melhor do que isso, é a submissão completa da materia, é a exploração, o conhecimento, a possessão do globo inteiro, é de algum modo o aniquilamento do espaço e do tempo, o dominio dos ares, da terra e das aguas, que parecem o alvo de seus audaciosos esforços.

Em épocas de uma actividade scientifica tão pronunciada, e cujos fortes empenhos tão variados convergem todos para um fim tão grandioso, são indispensaveis espiritos vastos para abarcar de uma vista d'olhos a immensidade de todo esse movimento, para coordenar, comparar, fecundar os resultados obtidos, e actuar ora sobre um, ora sobre outro, e emfim sobre todos os pontos com uma força propria engrandecida com as forças de todos.

A sciencia contemporanea conta felizmente alguns desses interpretes admiraveis, desses homens universaes, dessas cabeças encyclopedicas; mas nessa familia de Alcides da sabedoria, de monumentos animados da intelligencia humana, distinguia-se como o astro mais luminoso o venerando Alexandre de Humboldt, que o Instituto Historico e Geographico do Brasil se ufanava com razão de contar entre seus membros.

Mas cumpre dizê-lo, se os triumphos do grande Humboldt foram quasi todos alcançados no nosso seculo, é ao seculo passado que cabe a honra do seu nascimento. Este homem extraordirario teve por berço a cidade de Berlim, que já se ufanava de ter-lhe sido tambem de Frederico o Grande, Baungartin, de Frederico Ancillon, de Canitz e Tieck.

Presidio ao seu nascimento a estrella dos conquistadores. A natureza, em um destes esforços que não se repetem muitas vezes no correr dos seculos, produziu em um mesmo anno dous genios, que deviam encher o mundo com a fama de seus assombrosos triumphos.

Em 1769 Napoleão Bonaparte nascera a 15 de Agosto em Ajaccio, e um mez depois, a 14 de Setembro, nascia Alexandre Humboldt em Berlin.

Dous gigantes que tinham de realizar emprezas immenssas; dous conquistadores homericos que deviam marchar por caminhos oppostos, e immortalisar-se por victorias admiraveis, mas de natureza diversas. Qual delles o maior?.. qual dos dous o mais potente? A sua força e o seu genio estão nas obras que deixaram e nas proezas que obraram.

Em qualquer dos dous a intelligencia feliz e o talento miraculoso se annunciaram desde os primeiros annos; mas as tendencias oppostas os afastaram um do outro; e em quanto as escolas militares de Brienne e de Pariz preparavam o vencedor de Austerlitz, as universidades de Berlin de Gotingue, de Francfort sobre o Oder, a escola especial de commercio de Busching, a escola [illegible] amestravam o conquistador do Chimborazo.

Na leitura dos heróes Plutarco e nas flammas ardentes do volcão revolucionario da França, tempéra-se a alma do

grande guerreiro do seculo; a contemplação da natureza, a habitação em montanhas afastadas do oceano, que se fazia desejar *em uma epoca da existencia em que a vida parece um horizonte sem limites* o estudo das sciencias naturaes, uma rapida viagem pela Hollanda, Inglaterra e França na companhia de George Forster, que com o capitão Cook fizera a circumnavegação do globo, inspiram ao barão Alexandre de Humboldt a idéa de uma viagem ás bellas regiões da zona torrida.

Os dous genios sentem que se engrandecem.

Em 1790 Bonaparte applaude a primeira arvore da liberdade que se planta em Visile, e sauda a revolução que ha de abrir-lhe o caminho para chegar ao throno; e no mesmo anno Humboldt publica a sua primeira obra *Observações sobre os basaltos do Rheno* que lhe franqueia as portas do recinto dos sabios.

Em 1793 Napoleão lança a primeira pedra do monumento da sua gloria em Toulon; e no mesmo anno Humboldt depois de submergido dous annos no seio das minas de Freyberg, que tinhm de ser cantadas mais tarde pelo poeta Kœrner, descobre os segredos da vegetação que se opéra nas cavidades onde não penetra a luz do dia, e dá ao mundo sabio a sua segunda obra *Specimen Florœ subterraneœ Fribergensis* que vem firmar a sua reputação de naturalista.

Em 1796 Napoleão commanda o exercito da Italia, e vai immortalisar-se em uma campanha admiravel, e no mesmo anno Humboldt publicava a sua terceira obra *sobre o galvanismo em geral e sobre a irritação nervosa e muscular dos animaes*, que veio a dar novo brilho á bella descoberta de Galvani sobre a electricidade por contacto; e emquanto Bonaparte marchava de victoria em victoria, tambem elle operava conquistas scientificas nessa mesma Italia, na

Sicilia, na Suissa, em Vienna, e com Leopoldo de Buch nos cantões montanhosos e agrestes do paiz de Saltzbourg e da Styria, e ia parar diante dos Alpes do Tyrol, onde ribombava a artilharia.

Assim, pois, o guerreiro e o sabio tinham já as frontes ornadas de louros, e proseguiam ambos cada um para seu lado, cada qual para a sua gloria.

Em 1799 Napoleão atravessa o Mediterraneo, e deixa o Egypto para chegar a Pariz e subir ao consulado; e no mesmo anno Humboldt, que tem passado a Hespanha, deixa as suas pràias, e atravessando o Atlantico, desembarca primeiro nas Canarias, escapando, como general francez, aos navios da Inglaterra.

Na Europa o novo Cesar conquista provincias para a França e um reino para si: conta suas marchas por victorias; vence em Marengo, em Ulm, em Austerlitz; triumpha de dous Imperadores, elle que tambem já é Imperador, e se ostenta aos olhos do mundo no zenith do seu poder e da sua grandeza: e ao mesmo tempo Humboldt começa e leva ao fim uma excursão de cinco annos e de 9,000 leguas, conquista para a geographia, para a historia e para as sciencias naturaes o novo mundo, completa e patentêa em toda a sua belleza e opulencia a descoberta de Christovão Colombo: nada escapa a seus olhos de sabio, nada á sua ambição de conquistador da civilisação e do progresso dos conhecimentos humanos; elle apresenta á Europa o quadro da America sob o ponto de vista da topographia, da physica, da geologia, da botanica, da astronomia, da zoologia, e do estado moral e politico dos seus habitantes.

Durante muitos mezes visita a costa de Paris, as missões dos indios Chaymas, a Nova-Andaluzia, a Nova-Barcelona, Venezuela e a Guyana hespanhola, chega aos vales d'Ara-

gua, depois ás praias do mar das Antilhas, marcha de Porto-Cabello até o Equador, atravessando as planicies de Calaboso, d'Apura, e dos Lhanos: os indios Caraibas o veem passar, a Jamaica e Cuba o recebem em seu seio: descansa em Quito de cinco mezes de fadigas, saúda a terra das altas montanhas e dos volcões tremendos, investiga a cratera do volcão de Pechincha, e sobe aos cumes nevados do Antisana e do Cotopaxi: vai além, e tenta disputar aos condores o immenso Chimboraso; aguia da sciencia, desprendeu o vôo e chega ao pico oriental, o mais elevado, a 23 de Junho de 1802, e estende suas vistas pela immensidade da terra, elle, o rei do deserto, sentado n'um throno de granito a 19,500 pés acima do nivel do mar, e a 3,485 pés acima do ponto a que chegára La-Condamine em 1745. Depois de visitar a mais alta daquellas montanhas, dirige-se para o maior dos rios; desce ao Perú pelo dorso dos Andes, chega a Lima, vai ao Mexico, e explora os antigos dominios de Montezuma, passa a Havana, d'ahi a Philadelphia, estuda a America septentrional, e em fim, carregado de mil thesouros de sciencia, desembarca em França em 1804.

E o sabio sobrevive ao guerreiro, Fontainebleau e a ilha d'Elba, Waterloo e Santa Helena já pertenciam á historia, e ainda Humboldt ousava effectuar novas conquistas: em 1829 e aos 60 annos de idade emprehende sob os auspicios do governo da Russia uma outra empreza gigantesca e ousada: é uma nova viagem em que elle vai caminho da Siberia e do mar Caspio, vence o Ural, chega a Tobolsk, ao paiz dos Mongoes, visita os Kirghsk os Kalmonkos, e Astrakan, volta pelas terras dos Cossacos do Don a Moscow, e saúda S. Petersburgo a 13 de Novembro de 1829, depois de ter feito em menos de um anno uma excursão de 2,142 leguas.

A missão do guerreiro tinha sido mais estrondosa, porém mais breve: em 1815 Deos lhe disse: Basta! e Santa Helena foi o tumulo que recebeu o heróe ainda vivo. A missão do sabio durou noventa annos, e desses noventa, sessenta e nove deram fructos que serão apreciados pelos seculos futuros, como já o são no presente.

Humboldt foi o interprete sublime das grandes obras de Deos: fallou aos mundos que gyram no espaço, fallou aos oceanos, fallou as cordilheiras e ás entranhas da terra, e em toda parte descobrio riquezas e thesouros. Emquanto Napoleão conquistava os reinos da Europa, Humboldt fazia conquistas nos tres grandes reinos da natureza; emquanto o primeiro dictava codigos para os homens, o segundo ensinava as leis de Deos, arrasando os mysterios da creação universal. Napoleão marcava com a ponta do seu gladio novos limites aos paizes, e revolucionava a geographia politica; Humboldt enriqueceu a geographia astronomica e physica determinando-lhe regras que a diplomacia e a guerra não tem o poder de destruir. Napoleão toldava os horizontes do futuro; Humboldt os esclareceu, assim como encheu de luz o passado, dissipando espessas duvidas que o obscureciam. Napoleão emfim victoriava a França no fim de cada uma de suas victorias, e Humboldt victoriava o mundo, a humanidade, a natureza, Deos, quando um bello triumpho, uma descoberta, um principio novo coroava suas fadigas e seus trabalhos. Milhões de homens mal disseram do guerreiro; o mundo inteiro venerou e abençôou o sabio; por elle foi um abundante fóco de sciencia, e os raios de sua luz chegaram a toda parte.

E a America e o Brasil muito deve a esse grande luzeiro da Prussia: Humboldt foi um segundo Colombo para o novo mundo; e sua intelligencia, mais vasta que a do primeiro,

patenteou toda a magnificencia da natureza americana: elle estudou o nosso céo e o nosso solo, os nossos governos e os nossos costumes, o nosso passado, a nossa historia, os nossos productos e nossas riquezas. Foi o sol que nos mostrou a toda a luz aos olhos do velho mundo: Humboldt foi o segundo descobridor da America.

E' desnecessario enumerar aqui as suas obras numerosas e profundas; todos as conhecem, e quem não as conhece nunca estudou a historia da America e do Brasil.

E' desnecessario fazer o elogio desse homem de intelligencia privilegiada que aos noventa annos sonhava ainda com um novo Cosmos, e era capaz de faze-lo.

Limitar-nos-hemos a repetir as palavras de um biographo deste illustre sabio:

Torna-se bem difficil enumerar tudo o que é o barão de Humboldt; é porém ainda mais difficil explicar o que elle não é; ou não saberia realmente dizer qual dos conhecimentos humanos é estranho ás investigações deste homem illustre. Geographo, geologo, physico, chimico, botanico, philosopho, moralista e economista, homem de estado quando é preciso que o seja, homem do mundo elegante, e até mesmo poeta, pois que elle escreveu dous volumes de poesia puramente descriptiva, onde brilha um sentimento poetico muito notavel, conhecendo com a maior precisão o nosso miseravel e pequeno planeta, tendo estudado e explorado em todos os sentidos na superficie e no interior, do Oriente ao Occidente, do Equador aos pólos, em suas cavernas as mais profundas e sobre as mais elevadas montanhas, em seus mais terriveis volcões e nos seus mares mais tempestuosos, nos seus innumeraveis productos do reino mineral, vegetal e animal, em seus habitantes de todas as especies e de todas as côres, na historia, nos cos-

tumes, na organisação social e politica desses mesmos habitantes, possuindo além disso um conhecimento tão completo dos phenomenos do céo como dos da terra, não tendo competidor que o iguale quando se trata de determinar uma longitude e uma latitude, observar, descrever uma estrella, um eclipse, um cometa, e comprehender no seu todo o movimento geral dos astros; capaz de sahir com honra de qualquer difficuldade se achasse só e abandonado no meio do oceano em um batel em que achasse uma vela, um leme, uma bussola e um telescopio; sabendo, em uma palavra, de cór o seu zodiaco, seu globo terrestre e a sua humanidade, da qual falla todas as linguas, o Sr. Humboldt ainda teve tempo bastante para adquirir toda a sciencia de um perfeito cortezão, toda a amenidade e delicadeza dos salões, todo o conhecimento das intrigas politicas e diplomaticas.

Eis ahi, senhores, o illustre Frederico Henrique Alexandre, barão de Humboldt, que aos 90 annos de idade, mas ainda vigoroso, e com todo o fulgor de sua miraculosa intelligencia, a morte arrebatou ao mundo no mez de Maio do corrente anno.

A agonia do sabio encheu de amargura, e o seu passamento cubrio de luto todos os povos civilisados.

Em seu funeral foram-lhe tributadas subidas honras, que deram testemunho do alto apreço em que devidamente era tido.

Eis a concisa noticia que dessa triste solemnidade publicou um dos jornaes da Europa.

« Berlim, terça-feira, 10 de Maio, ás 9 horas da manhãa.

« O solemne prestito funebre de Alexandre de Humboldt vai seguindo para a cathedral. Tudo o que representa a sciencia, a arte e a intelligencia em Berlim toma parte neste

grave acompanhamento. Tres camaristas do paço em grande uniforme, levando as insignias das ordens do illustre finado, precedem o carro funerario que vai puxado por seis cavallos das cavallarias da casa real. Sobre o carro vê-se um simples ataúde de nogal adornado de flôres de louro. Aos lados do carro marcham os estudantes com palmas verdes nas mãos. Uma fileira immensa de carros fecha o prestito. O principe regente e todos os principes e princezas se acham reunidos á porta da Sé esperando a chegada dos restos mortaes do grande philosopho. O luto cobre toda a cidade.»

Senhores, devemos parar aqui. Depois de ter contemplado o tumulo de Humboldt, não nos é licito passar além.

APPENDICE

AO RELATORIO DE 1859.

OBRAS, IMPRESSOS, MANUSCRIPTOS, OFFERECIDOS AO INSTITUTO HISTORICO NO ANNO DE 1859.

Ministerio do Imperio.

1859 Julho 1. Relatorio apresentodo á Assembléa Geral Legislativa na 3.ª sessão da 10.ª Legislatura pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio Sergio Teixeira de Macedo.—(1 exemplar in folio).—Rio de Janeiro 1859.

1859 Junho 3. Relatorio que ao Exm. Sr. Presidente da provincia do Paraná Dr. Francisco Liberato de Mattos apresenta o Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta, Inspector Geral da Instrucção Publica da mesma provincia. (2 exemplares).—Corytiba 1859.

1859 Maio 20. Relatorio da directoria da Instrucção Publica da provincia do Paraná. — (1exemplar in 8.°).— Corytiba 1859.

Ministerio do Imperio.

1859 Maio 20. Relatorio do Presidente da provincia de S. Pedro Angelo Muniz da Silva Ferraz apresentado á Assembléa da mesma provincia em 1858.— (1 exemplar in 4.°)

Idem. Documentos annexos. (1 exemplar in 4.°)

1859 Agosto 6 Relatorio com que o Exm. Sr. Conselheiro

Angelo Muniz da Silva Ferraz entregou a presidencia da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, ao 2.° Vice-Presidente o Exm. Sr. Commendador Patricio Corrêa da Camara no dia 22 de Abril, e este ao Exm. Sr. Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão em 4 de Maio de 1859.—(1 exemplar, folio).—Porto-Alegre 1859.

1859 Maio 20. Falla recitada na abertura da Assembléa Legislativa da provincia da Bahia, pelo Presidente da mesma provincia Francisco Xavier Paes Barreto.—(1 exemplar in 4.°).—Bahia 1859.

1859 Junho 17. Relatorio com que foi entregue a administração da provincia de Sergipe no dia 7 de Março de 1859 ao Exm. Sr. Dr. Manuel da Cunha Galvão pelo Exm. Sr. Dr. João Dabney de Avellar Brotero.—(1 exemplar in 4.°)—Sergipe 1859.

1859 Maio 20. Falla dirigida a Assembléa Legislativa das Alagoas pelo Presidente da provincia o Exm. Sr. Angelo Thomaz do Amaral em 1858. — (3 exemplares in 8.°).

1859 Agosto 26 Relatorio que a Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte apresentou no dia 14 de Fevereiro de 1859, por occasião de sua installação, o Exm. Sr. Presidente da provincia Dr. Antonio M. N. Gonçalves.—(1 exemplar folio).—Maranhão 1859.

1859 Maio 20. Relatorio do Presidente da provincia do Maranhão Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá.— (1 exemplar).—Maranhão 1859.

1859 Maio 20 Relatorio do Vice-Presidente da provincia do Pará Dr. Ambrosio Leitão da Cunha, apresentado a Assembléa Legislativa da mesma provincia em 1858.—(2 exemplares in 4.°).

1859 Maio 20. Relatorio lido pelo Exm. Vice-Presidente da provincia do Pará Dr. Ambrosio Leitão da Cunha na

abertura da Assembléa Provincial em 15 de Agosto de 1858.—(1 exemplar in 4.°).

1859 Maio 20. Relatorio que a Assembléa Legislativa do Amazonas em 1858 apresentou o Presidente da dita provincia em sua sessão ordinaria.—(1 exemplar).—Manaos 1858.

1859 Maio 20. Relatorio apresentado a Assembléa Legislativa Provincial de Goyaz na sessão de 1858 pelo Presidente da provincia Dr. Francisco Januario da Gama Cerqueira.—(1 exemplar in 4.°).— Goyaz.—Documentos annexos.

1859 Setembro 9. Relatorio apresentado a Assembléa Legislativa de Goyaz, na sessão ordinaria de 1859, pelo Exm. Presidente Dr. Francisco Januario da Gama Cerqueira.—(1 exemplar).—Goyaz 1859.

1859 Maio 20. Relatorio que á Assembléa Legislativa de Minas-Geraes apresentou na abertura da mesma o Presidente o Exm. Sr. Carlos Carneiro de Campos.—(2 exemplares).—Ouro-Preto 1858.

1859 Junho 17. Falla que a Assembléa Legislativa Provincial de Minas-Geraes dirigio no acto da abertura da sessão ordinaria de 1859, o Dr. Ignacio Delfino Ribeiro da Luz 1.° Vice-Presidente.—(1 exemplar in 4.°)— Ouro-Preto, 1859.

1859 Maio 20. Discurso com que o Presidente da provincia de S. Paulo, Conselheiro José Joaquim Fernandes Torres abrio a sessão da Assembléa Legislativa da mesma provincia.—(1 exemplar in 4.°).—S, Paulo 1859.

Idem. Documentos (1 exemplar folio).

1859 Setembro 9. Relatorio com que o Illm. Exm. Sr. Conselheiro José Joaquim Fernandes Torres, Presidente da provincia de S. Paulo passou a administração da provincia ao Illm. e Exm. Sr. Vice-Presidente Dr. Hypolito

José Soares de Sousa, no dia 6 de Junho de 1859.—(1 exemplar).—S. Paulo 1859.

Ministerio de Estrangeiros.

1859 Agosto 26. Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 3.ª sessão da 10.ª Legislatura pelo respectivo Ministro o Exm. Sr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos. (1 vol. folio).—Rio de Janeiro 1859.

Idem Annexo ao mesmo Relatorio (1 vol. folio).

Ministerio da Guerra.

1859 Maio 20. Collecção de desenhos das figuras e detalhes que designam os differentes uniformes para todos os corpos do exercito, em virtude do aviso do Ministerio da Guerra de 8 de Abril de 1858, mandou o Exm. Sr. Tenente General Barão de Suruhy.—Lithographado e impresso em cores. Rio de Janeiro 1859 (vols... in folio max).

Idem Tabellas das distancias entre os pontos mais notaveis da cidade marcadas em palmos, passos, e tempo, organisadas pela Commissão do completamento da planta da cidade—1859.— (Rio de Janeiro) 1 exemplar.

1859 Junho 17 Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 3.ª sessão da 10.ª Legislatura, pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra Manoel Felizardo de Sousa e Mello. Rio de Janeiro 1859. (1 vol. folio).

Ministerio da Marinha.

1859 Junho 3. Relatorio apresentado a Assembléa Geral Legislativa na 3.ª sessão da 10.ª Legislatura, pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha o Sr. Visconde de Abaeté. — Rio de Janeiro, 1859. (2 exemplares in folio.)

Presidencia de Santa Catharina.

1859 Maio 20. Falla que o Presidente da provincia de Santa Catharina Dr. João José Coutinho dirigio á Assembléa Legislativa Provincial no acto da abertura da sessão de 1859. Santa Catharina, 1859. (1 exemplar).

1859 Novembro 4. Relatorio apresentado ao Exm. Vice-Presidente da provincia de Santa Catharina o Dr. Speridião Eloy de Barros Pimentel, pelo Presidente o Dr. João José Coutinho, por occasião de passar-lhe a administração da mesma provincia em 23 de Setembro de 1859.— Desterro—1859. (1 exemplar).

Presidencia do Rio de Janeiro.

1859 Outubro 7. Relatorio apresentado ao Exm. Presidente da provincia do Rio de Janeiro o Sr. Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, pelo ex-Presidente o Dr. João de Almeida Pereira sobre a administração da mesma provincia.—Nitheroy—1854 (1 exemplar folio).

Idem. Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na 2.ª sessão da 13.ª Legislatura, pelo Presidente Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta —Nitheroy—1859 (1 exemplar folio).

Idem. Orçamento da Receita e Despeza da provincia do Rio de Janeiro para o exercicio de 1860.—Rio de Janeiro—1859 (1 exemplar in 4.°).

Idem. Regulamento da Directoria da Fazenda da provincia do Rio de Janeiro.—Rio de Janeiro—1859 (1 exemplar in 4.°).

Idem. Balanço da Receita e Despeza da provincia do Rio de Janeiro no exercicio de 1858.—Rio de Janeiro— 1859 (1 exemplar in folio).

Idem Regulamento da Secretaria do Governo da provincia do Rio de Janeiro (1 exemplar in 8.°).

Presidencia do Espirito Santo.

1859 Novembro 4 Relatorio do Presidente da provincia do Espirito o Bacharel Pedro Leão Velloso, na abertura da Assembléa Legislativa Provincial no dia 25 de Maio de 1859—Victoria—1859 (1 exemplar).

Presidencia da Provincia de Sergype.

1859 Outubro 21 Relatorio com que foi aberta a 2.ª sessão da duodecima Legislatura da Assembléa Provincial de Sergype, no dia 27 de Abril de 1859 pelo Presidente Dr. Manoel da Cunha Galvão.—Bahia—1859 (1 exemplar)

Presidencia de Pernambuco.

1859 Julho 1 Relatorio com que o Sr. Conselheiro José Antonio Saraiva abrio a sessão ordinaria da Assembléa Legislativa d'esta provincia no 1.° de Março de 1859.—Pernambuco—1859 (1 exemplar in folio).

Presidencia da Parahyba do Norte.

1859 Agosto 26. Relatorio apresentado ao Illm. e Exm. Sr. Dr. Ambrosio Leitão da Cunha no acto de tomar posse do cargo de Presidente da provincia da Parahyba do Norte por Henrique de Beaurepaire Rohan.—Parahyba—1859 (1 exemplar).

Idem Relatorio apresentado a Assembléa Legislativa da Parahyba do Norte pelo Presidente da provincia Dr. Ambrosio Leitão da Cunha em 1859.—Parahyba—1859. (1 exemplar folio).

Presidencia do Maranhão.

1859 Setembro 9. Relatorio que a Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte apresentou no dia 14 de Fevereiro de 1859, por occasião de sua installação, o Exm. Sr. Presidente da provincia Dr. Antonio M. N. Gonçalves. (1 exemplar).—Maranhão.

Presidencia do Gram-Pará.

1859 Novembro 18. Falla dirigida a Assembléa Legislativa da provincia do Pará na segunda sessão da 11.ª Legislatura pelo Exm. Sr. Tenente-Coronel Manoel de Frias e Vasconcellos, Presidente da mesma provincia em 1 de Outubro de 1858. (1 exemplar).—Pará 1859.

Presidencia do Paraná.

1859 Maio 20. Relatorio do Presidente da provincia do

Paraná Francisco Liberato de Mattos, apresentado na sessão em 1858. (1 exemplar 4.°)

1859 Junho 17. Relatorio do Presidente da provincia do Paraná Francisco Liberato de Mattos na abertura da Assembléa Legislativa Provincial em Janeiro de 1859. (1 exemplar in 4.°)

1859 Junho 3. Relatorio do Presidente da provincia do Paraná Francisco Liberato de Mattos na abertura da Assembléa Legislativa Provincial em 7 de Janeiro de 1859. (1 exemplar in 4.°).—Curytiba 1859.

1859 Agosto 26. Relatorio do estado da provincia do Paraná apresentado ao Presidente o Exm Dr. José Francisco Cardoso pelo Vice-Presidente Luiz Francisco da Camara Leal, por occasião de lhe entregar a administração da mesmo provincia. (1 exemplar folio).— Corytiba 1859.

1859 Agosto 26. Collecção de Leis e Decretos da provincia do Paraná. (o Tomo VI).—Corytiba 1859.

Academia de Batavia.

1859 Maio 20. Tydschrift voor Indische Taal, Land en Wolkenkunde witgegeven door Het Bataviaasch Genootschappen. (5 n°°).—Batavia 1856.

1859 Maio 20. Verhandelingen van Het Bataviaasch Genootschap van Kunsten em Wetenschappen. (1 vol. in 4.°).—Batavia 1854—1857.

Sociedade de Geographia de Pariz.

1858 Maio 20. Bulhetin de la societé de Géographie, redigé par M. de la Roquete. (Tomos IV e XVI). —Pariz 1852 1858.

Observatorio Astronomico de Munich.

1859 Outubro 21. Observationes astronomicae in Specula Regia Monachiensi institutae. (Vol. 1 a 15.)

Idem. Annalen fur Meleorologie und Erdmagnetismus. (Fasciculos 1 a 12.)

Idem. Jahrbuch der Koniglichen Sternwarte bei Munchen. (1838—1841.)

Idem. Astronomischer Kalender fur das Konigreiche Bayern. (1850—1853.)

Idem. Verzeichnissder vorzuglichesten in Konigreiche Bayern gemessenem Hohenpunkte, &.

Idem. Jahresbericht der Munchener Sternwarte. (1852—1854.)

Idem. Annalen der Koniglichen Sternwarte bei Munchen. (Vol. 1 a 10.)

Idem. Beobachtugen der meteorologischen observatoriums auf dem Hohenpeissemberge von. (1752—1850.)

Idem. Supplementband zu den Annalen der Munchener Steruwarte. (1752—1850.)

Idem. Resultate des Magnetischen observatoriums in Munchin wahrend der dreijahring periode (1843—44—45.)

Idem. Bestimnugem der Horizontal-Intensitat des Erdmagnetismus nach absoluta.

Idem. Beschreibung der and der Munchener Sternwarte zu den Beobachtungen verwendeten neum Instrumente und Apparate.

Idem. Magnetische Ortsbestimmungen an verschiedienem Punkten des Kornigreich Bayern und and einigem auswartigen Stationem. Munchen (1854—1856). — 2 vol. in-8.°

Idem. Magnetische Karten von Deutschland und Bayern.

Idem Unter suchungen uber die Richtung und Starke des Erdmagnetismus an verschiedenen Punkten des Sud-estliches Europa. (1858)—1 vol. in-folio.

Sociedade de Sciencias Naturaes de Neuchâtel.

1859 Novembro 4. Bulletin de la Société des Sciences Naturelles de Neuchatel—1846, 1847 a 1852, 1853 a 1855, 1856 a 1858 (4 vol in-8.°)—Neuchatel 1847—1858.

Idem. Memoire de la Société des Sciences Naturelles de Neuchatel (3 vol. in-4.° grande).— Neuchatel 1836—1846.

Ensaio Philosophico Paulistano.

1859 Agosto 26. Revista Mensal do Ensaio Philosophico Paulistano (1.° n.°...) S. Paulo, 1859.

Charles Ribeyrolles.

1859 Maio 20. Brasil Pittoresco, Historia, Descripções, Viagens, Instituições, Colonisação: por Charles Ribeyrolles; acompanhado de um Album de vistas: por Victor Frond (1.° vol in-folio pequeno)—Rio de Janeiro, 1859.

Bernardino José de Senna Freitas.

1859 Maio 20 Uma viagem ao Valle das Furnas na Ilha de S. Miguel em Junho de 1840, por Bernardino José de Senna Freitas (1 vol. in-4.°)—Lisboa, 1845.

M. Archanjo Galcão.

1859 Maio 20. Dizima da Chancellaria, Reflexões sobre a Historia e Legislação desta renda e sua arrecadação até 1855—1856 (1 vol in-8.°)—Rio de Janeiro, 1858.

Official Maior da Secretaria da Camara dos Deputados.

1859 Maio 20. Annaes do Parlamento Brasileiro (5 vol. in-4.°)—Rio de Janeiro. 1857.

José Correia da Silva Titára.

1859 Maio 20. Relatorio ácerca da Instrucção Publica das Alagoas relativamente ao anno de 1853. (1 exemplar.)
Idem. Dito, dito de 1855 e 1857 (2 exemplares).

M. De Avezac.

1859 Maio 20. Les voyages de Améric Vespuce au compte de l'Espagne et les mesures itinéraires employés par les marins Espagnols et Portuoais des XV et XVI siecles; par M. D'Avezac (1 vol. in-8.°).—Paris. 1858.

Francisco Antonio Pessoa de Barros.

1859 Maio 20. Rodolpho ou o Louco Assassino, por Francisco Antonio Pessoa de Barros (1 vol. in-8.°).—Pernambuco, 1858.

Dr. D. Martin de Moussy.

1859 Maio 20. La Confederacion Argentina, Quadro Geografico y descriptivo completo, por el Dr. D. Martin de Moussy (1 vol in-4.°).—Concepcion del Uruguay, 1859.

Dr. Cesar Augusto Marques.

1859 Maio 20. Biographia do Illustre Piauhyense Dr. Francisco de Sousa Martins. (Publicado no n. 8 do *Espectador* de 8 de Outubro de 1858.)

Constantino do Amaral Tavares.

1859 Maio 20. Elogio Dramatico composto para ser representado no Theatro de S. João da Bahia, no dia 2 de Julho de 1857, pelo 1.° tenente da armada Constantino do Amaral Tavares (1 vol).—Bahia, 1857.

Ferdinand Denis.

1859 Maio 20. De la vocation ou moyen d'atteindre sa fin dans le mariage et dans la vie parfaite, par M. Luquet, Évéque d'Hésèbon (o 2.° vol).—Paris, 1857.

Giovani Baptista Adriani.

1859 Junho 3. Memorie della vita e dei Tempi di Monsignor Gio Secondo Ferrero Ponziglione Referendario Apostolico, per Giovani Baptista Adriani. (1 vol. folio)—Torino, 1856.

1859 Junho 3. Monumenti Storico-Diplomatici degli Archivi Ferrero-Ponziglione e di altre nobile Case Subalpine dalla fine del secolo XII al principio del XIX, racolli et illustrati per Giovani Baptista Adriani. (1 vol. folio) — Torino. 1858.

Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.

1859 Junho 3. Exposicion hecha en 18 de Noviembre de 1853 al ciudadano Presidente de la Republica, por Lorenzo Maria Lleras, Secretario de Estado en el Despacho de Relaciones exteriores, sobre los Tratados de amistad i limites, &c., celebrò con S. Ex. el Señor Miguel Maria Lisboa, Ministro Residente del Brasil, con un mapa. (1 vol. in 8.°) — Bogota.

Dr Emilio Joaquim da Silva Maia.

1859 Junho 17. Quadros synopticos do Reino animal, por E. J. da Silva Maia. (1 vol. folio) — Rio de Janeiro.

Dr. Alexandre José de Mello Moraes.

1859 Junho 17 e Outubro. Corographia Historica, Chronologica Nobiliaria e Politica do Imperio do Brasil, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. (1.° e 2.° vols. in 4.°) — Rio de Janeiro.

Emilio Adet.

1859 Junho 17. Zootechnia applicada. — O cavallo, racas, producções, creação, hygiene exterior; por Emilio Adet. (1 vol. in 8.°) — Rio de Janeiro.

B. de Mattos.

1859 Junho 17. Almanach da provincia do Maranhão, por B. de Mattos.)1 vol. in 8.°) — Maranhão, 1859.

Eduardo de Faria.

1859 Junho 17. Novo Diccionario da lingua portugueza, seguido do diccionario de synonimos, por Eduardo de Faria, diversos fasciculos. (2 exemplares) Rio de Janeiro.

Antonio Alves Pereira Coruja.

1859 Agosto 26. Catalogo geral da bibliotheca publica da Bahia. (1 vol, in 8.°) — Rahia, 1859.

Dr. Carlos F. F. de Martius.

1859 Agosto 29. Dinkrede anf Christian Samuel Beit Carl. F. Phil.-Martius. (1 vol. fol.) — Munich, 1856.

Thomas Earl Dundonal, G. C. B.

1859 Julho 1. Narrative of services in the liberation of Chile, Perú, and Brasil. (2 vols. in 8.°)— London, 1859.

João Cardoso Ferraz de Miranda.

1859 Julho 1. Relatorio ácerca de alguns estabelecimentos de beneficencia existentes em Londres, Paris, Belgica e Roma, por João Cardoso Ferraz de Miranda. (1 vol. in 8.°) — Lisboa, 1857.

João de Sousa Moreira.

1859 Julho 15. Ensaio sobre os seguros da vida, ou breves considerações ácerca de sua utilidade, objecto e desenvolvimento e theorias de seus calculos,— por João de Sousa Moreira. (1 vol. in 8.°). — Rio de Janeiro 1859.

Desiderio José da Costa Tibau.

1859 Julho 15. A nova medicina fundada sobre a lei fundamental da natureza, ou segundo os cinco principios que constituem a natureza humana para conhecer o principio da vida, por Desiderio José da Costa Tibau. (1 vol. in 8.°).—Rio de Janeiro 1859.

João Wilkens de Mattos.

1859 Agosto 6. Relatorio sobre o estado dos Indios da provincia do Amazonas, por João Wilkens de Mattos, Director Geral. (1 vol. in 4.°).— Amazonas 1859.

Casimiro Lieutaud.

1859 Setembro 9. Tratado completo da conjugação dos verbos francezes regulares e irregulares, por Casimiro Lieutaud. (1 vol. in 8.°).—Rio de Janeiro 1859.

M. F. Maury.

1859 Setembro 9. Astronomical observations made during the years 1849 and 1850 at the U. S. Naval Obser-

vatory, Washington &c. by M. F. Maury. (o5.• vol. folio) Washington 1859.

Henrique de Beaurepaire Rohan.

1859 Setembro 9. Correspondencia official da presidencia da provincia da Parahyba do Norte. (1 vol. folio. peq.)

José Antonio Rodrigues.

1859 Setembro 9. Apontamentos da população, topographia e noticias chronologicas do municipio da cidade de S. João d'El-rei, provincia de Minas-Geraes, por José Antonio Rodrigues. (1 vol.).—S. João d'El-Rei 1859.

Dr. Braz Florentino Henriques de Sousa.

1859 Setembro 23. O casamento civil e o casamento religioso, exame da proposta do governo apresentada á camara dos Deputados na sessão de 19 de Julho do anno passado, pelo Dr. Braz Florentino Henriques de Sousa. (1 vol. in-8.°).—Recife 1859.

A. Sisson.

1859 Setembro 23. Galeria dos Brasileiros illustres, retratos dos homens mais illustres do Brasil na politica, sciencias e lettras. desde a guerra da Independencia até aos nossos dias, copiados do natural e litographados por S. A. Sisson. (diversos ns. em continuação do 10.°).—Rio de Janeiro 1858.

P. A. de Lavalle.

1859 Outubro 7. Dom Pablo de Olavide—Apuntes sobre su vida y sus obras por P. A. de Lavalle (1 vol. in 4.°)—Lima, 1859.

Dr. Antonio Maria de Miranda Castro.

Idem. Capital, circulação e bancos &c, por James Wilson, traduzido pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro (1 vol. in 8.°)—Rio de Janeiro, 1860.

Idem. Tratado pratico dos bancos por James William Gilbart, traduzido pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro (3 vols. in 8.°)—Rio de Janeiro, 1859.

José A. de Lavalle.

Idem. Proyecto de constitucion politica escrito por el Sr. D. Felipe Pardo, & com algunas explicaciones y commentarios por José A. de Lavalle—segunda edicion—(1 vol. in 8.°)—Lima, 1859.

V. L. Baril, comte de la Hure.

1859 Outubro 7. Colonisation — Principes pour la fondation de colonies au Brésil, par V. L. Baril, comte de la Hure. (1 vol. in 8.°)—Rio de Janeiro, 1859.

J. B. Barla.

Idem. Les Champignons de la province de Nice et principalement les espèces comestibles, suspectes ou vénè-

neuses, par J. B. Barla.—Orné de 48 planches lithographiées et coloriées. (1 vol. in 4.° grande oblg. nitidamente encadernado)—Nice, 1859.

Manoel de Araujo Porto-Alegre.

1859 Outubro 21. Documentos, relatorio e notas relativas á exposição de Agricultura, realisadas nos dias 12, 13 e 14 de Julho de 1857, e promovida por uma commissão da Sociedade Agricola do Porto colligidos pelo Dr. José Fructuoso Ayres de Gouvéa Osono (1 vol. in 8.°)—Porto, 1857.

1859 Maio 20. Cartas ácerca da provincia de Santa Catharina (1 vol. in folio)—Santa Catharina, 1857.

Innocencio Francisco da Silva.

1859 Outudro 21. Diccionario bibliographico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil (2 vols. in 8.°)—Lisboa, 1858—1859.

M. F. Maury.

1859 Novembro 18. Explanations and sailing Directions to accompany the wind and current chart approved by Capitain D. N. Ingrahani &c. By M. F. Maury. 1 vol. in 4.° (o 2.°)—Washington, 1859.

José Joaquim Rodrigues Lopes.

Idem. Plani-Historia Resumo Synoptico-Historico-Genealogico do Imperio do Brasil, do Reino de Portugal e das

Familias Reinantes n'estes paizes, offerecido á S. M. o Sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, e a S. M. F. o Sr. D. Pedro V, Rei de Portugal e dos Algarves, por José Joaquim Rodrigues Lopes (1 vol. in folio)—Pernambuco, 1858.

Francisco Evaristo Leoni.

1859 Novembro 18. Genio da Lingua Portugueza ou causas racionaes e physiologicas de todas as fórmas e derivações da mesma Lingua &c, por Francisco Evaristo Leoni (2 vols. in 8.°)—Lisboa, 1858.

Dr. Francisco José da Rocha.

Idem. 3 numeros do Jornal da Bahia de Outubro d'este anno em que se publicou o *Itinerario de S. M. o Imperador á Cachoeira de Paulo Affonso.*

Anonymo.

1859 Agosto 26. Faits de l'esprit humaine — Philosophie—par D. J. G. de Magalhães, traduit du Portugais par N. P. Chansselle (1 vol. in 8.°)—Paris, 1859.

MANUSCRIPTOS

Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

1859 Novembro 4. Catalogo dos mappas da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros.

Manoel de Araujo Porto Alegre.

1859 Maio 20. Relação dos magnificos carros que se fizerão de architectura, prespectiva e fogos, os quaes se executaram por ordem do Illm. Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos, Capitão-general de Mar e Terra, Vice-Rei dos Estados do Brasil, nas festividades dos desposorios dos Serenissimos Srs. Infantes de Portugal n'esta cidade do Rio de Janeiro em 2 de Fevereiro de 1786.

Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.

1859 Junho 3. Parecer favoravel do Sr. Barão de Humboldt sobre os tratados de limites celebrados pelo Ministro Brasileiro o Sr. Miguel Maria Lisboa com as Republicas de Venezuela e Nova Granada Original.

Idem. Peças do Processo de Antonio José. (que pertenceram ao Desembargador Silva Pontes.)

Idem. Copia do Itenerario da viagem que fez ao Baixo Paraguay por ordem do Sr. Marquez de Caxias, o Capitão da 2.ª classe do Estado Maior, Manoèl Joaquim Pinto Pacca.

A. D. de Pascuale.

1859 Maio 20. Apuntes géographicos-descriptivos sobre el Gran-chaco Gualambá, por Adadus Calpe—Rio de Janeiro 1859.

Henrique de Beaurepaire Rohan.

1859 Agosto 26. Catalogo dos Governadores e Presidentes

da provincia da Parahyba do Norte (continuação de que se acha impresso na Revista Trimensal a pag. 81, do tom. 1.° da 2.ª serie de 1656.)

Dr. Claudio Luiz da Costa.

1859 Outubro 7. Descripção da Villa do Lagarto feita pelo Monsenhor Antonio Fernandes da Silveira.

SOCIOS CORESPONDENTES

APPROVADOS EM 1859.

A. D. Pascual.
Antonio Marianno de Azevedo.
Padre Lino do Monte Carmelo Luna.
Braz da Costa Rubim.
Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.
Capitão Mar e Guerra Lourenço da Silva Araujo Amazonas.
Rodrigo José Ferreira Bretas.
Reyband.
Ceroni.

INDICE

GERAL ALPHABETICO

DAS

MEMORIAS DOCUMENTOS E BIOGRAPHIAS

PUBLICADOS NOS

VOLUMES 1 A 22 DA REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

1839 A 1859.

Abrantes (Marquez d') Qual a origem da cultura e commercio do Anil entre nós e quaes as causas do seu progresso e da sua decadencia?—«Programma desenvolvido pelo Sr...» Vol. 15. pag. 42.

Abreu (Capitão Manoel Joaquim de-) Diario Roteiro do arraial do Pesqueiro de Arauary até o rio Oyapoko. Vol. 12, pag. 96.

Acauã (Dr. Benedicto Marques da Silva) Relatorio dirigido ao Governo Imperial em 15 de Abril de 1847, sendo Inspector geral dos terrenos diamantinos da provincia da Bahia. Vol. 9, pag. 227.

Actas das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de Dezembro de 1838. Vo'. 1, pag. 48.

Idem de 1839. Vol. 1.°, pags. 49, 131, 235, 342.

Idem de 1840. » 2.°, » 136, 259, 391, 514.

Idem de 1841. » 3.°, » 119, 227, 347, 436.

Idem de 1842. Vol. 4.°, pag. 95, 213, 379, 519.
Idem de 1843, » 5.°, » 88, 239, 355, 499.
Idem de 1844. » 6.°, » 123, 253, 372, 498.
Idem de 1845. » 7.°, » 116, 263, 415, 559.
Idem de 1846. » 8.°, » 144, 284, 402, 547.
Idem de 1847. » 9.°, » 127, 265, 409, 560.
Idem de 1848. » 10, » 120, 246, 390, 547.
Idem de 1849. » 12, » 277, 413, 550.
Idem de 1850. » 13, » 128, 406, 518.
Idem de 1851. » 14, » 461.
15, » 248.
Idem de 1852. » 17, » 70.
Idem de 1853. » 17, » 74, 577.
Idem de 1854. » 17, » 583.
Idem de 1855. » 18, » 418.
Idem de 1856. » 19, » 1, suppl. 87, suppl.
Idem de 1857. » 20, » 1, suppl.
Idem de 1858. » 21, » 469.
Idem de 1859. » 22. » 635.

Alencastre (José Martins Pereira de...)—Memoria chronologica, historica e corographica da provincia do Piauhy. Vol. 20, pag. 5.

Alencastre — Mappa estatistico das fazendas nacionaes em 1854. Vol. 20, pag. 60.

Alencastre — Mappa das cadeiras de instrucção primaria e secundaria da provincia em 1854. Vol. 20, pag 75.

Alencastre — Quadro da Guarda Nacional da provincia. Vol. 20, pag. 82.

Alencastre — Notas. Vol. 20, pag. 140.

Alincourt (Luiz d') officio do engenheiro—,, em 10 de Novembro de 1824, contendo noticias interessantes sobre a parte meridional da provincia de Matto-Grosso

(Ms. offerecido pelo Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos) Vol. 20, pag. 332.

Alincourt. Resumo das explorações feitas pelo engenheiro —, desde o registro de Camapuá até á cidade de Cuyabá. (Ms. offerecido ao Instituto pelo Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos). Vol. 20, pag. 334.

Alincourt. Resumo das observações feitas pelo engenheiro—,, desde a cidade de Cuyabá até a villa do Paraguay Diamantino em 1826. (Ms. offerecido ao Instituto pelo Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos) Vol. 20, pag. 345.

Alincourt. Reflexões sobre o systema de defeza que se deve adoptar na fronteira do Paraguay em consequencia da revolta e dos insultos praticados ultimamente pela nação dos Indios Guaycurús ou cavalleiros; pelo sargento-mór de engenheiro—,, Cuyabá 1826. (Ms. offerecido ao Instituto pelo Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos) Vol. 20, pag. 360.

Almanach historico da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, composto por Antonio Duarte Nunes, Tenente de Bombeiros, para o anno de 1799, acompanhado de um mappa da força maritima e terrestre de Duguay Troum. Vol. 21, pag. 5.

Almeida e Sousa (capitão de granadeiros Candido Xavier de...) Copia da parte que deu o—,, sobre o descobrimento do Rio Uguarehy. (Ms. offerecido ao Instituto Historico pelo Sr. Antonio da Costa Pinto e Silva) Vol. 18, pag. 244.

Almeida. (Gabriel Ribeiro de) Memoria da tomada dos sete povos de missões brasileiras. Vol. 5, pag. 3.

Almeida. (Hemernegildo Antonio Barbosa de—) Viagem ás villas de Caravellas, Viçosa, Porto-Alegre, de Mucury, e aos rios de Mucury e Peruhipe. Vol. 9, pag. 425.

Amazonas (provincia do...) Extractos do relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial pelo Exm. Sr. Presidente Dr. João Pedro Dias Vieira, no dia 8 de Julho de 1856. Vol. 20, pag. 461.

Amazonas. Extractos da falla dirigida á mesma Assembléa em o 1.° de Outubro de 1857, pelo Presidente o Exm. Sr. Angelo Thomaz do Amaral. Vol. 20, pag. 467.

Amazonas. Officio do director interino das obras publicas, o Sr. João Wilkens de Mattos. Vol. 20, pag. 471.

Anchieta. (Padre José de—) carta escripta de S. Vicente ao padre mestre Diogo Laynes em 16 de Abril de 1563. Vol. 2, pag. 538.

Anchieta. Informações dos casamentos dos Indios do Brasil, manuscripto offerecido ao Instituto por F. A. de Varnhagen. Vol. 8, pag. 254.

Andrada. (Martim Francisco Ribeiro de—) diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805. Vol. 9, pag. 527.

Apontamentos sobre a vida do Indio Guido Pockrane, e sobre o Francez Guido Marlière.

Offerecido ao Instituto pelo socio o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz.) Vol. 18, pag. 410.

Aditamento aos — &c. Vol. 18, pag. 416.

Arcebispo da Bahia (D. Romualdo Antonio de Seixas.)— Breve memoria ácerca da naturalidade do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, de que foi encarregado pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Vol. 19, pag. 5.

Artigo extrahido do Panorama, sobre o Brasil. Vol. 7, pag. 524.

Artigos regulamentares da Arca de Sigilo (*Acta de* 30 *de Agosto de* 1850.) Vol. 13, pag. 414.

Auto de posse que se deu ao Governador João Fernandes Vieira das terras do porto do Touro ao Ceará-mirim.— (Copia offerecida ao Instituto pelo socio effectivo o Sr. Antonio Gonsalves Dias.) Vol. 19, pag. 159.

Azambuja (Conde de—, D. Antonio Rolim de Moura) Relação da viagem que fez da cidade de S. Paulo para a villa de Cuyabá em 1751, remettida por F. A. de Varnhagen. Vol. 7, pag. 469.

Baena (Antonio Ladislão Monteiro.) — Conta que deu da instauracção do obelisco da estrada de Nazareth ao Exm. Sr. Dr. Miranda, Presidente da Provincia do Pará. Vol. 3, pag. 204.

Baena — Memoria sobre o intento que tem os Inglezes de Demerara de usurpar as terras ao Oeste do Rio Repunuri adjacentes á face central da Cordilheira do Rio Branco para amplificar a sua colonia. Vol. 3, pag. 332.

Baena — Observações ou notas illustrativas dos primeiros tres capitulos da parte 2.ª do Thesouro descoberto no Rio Amazonas. Vol. 5, pag. 253.

Baena — Correspondencia acompanhando tres documentos officiaes sobre a Provincia do Pará. Vol. 7, pag. 329.

Baena — Resposta.

Barata (Sargento mór Francisco José Rodrigues—) Memoria em que se mostram algumas providencias tendentes ao melhoramento da agricultura e commercio de Goyaz Vol. 11, pag. 336.

Barata— Vide — Diario &c.

Barbosa (Francisco de Oliveira) Noticias da Capitania de São Paulo escriptas no anno de 1792. Vol. 5, pag. 22.

Barbosa (Conego Januario da Cunha) Discurso recitado no acto de estatuir-se o Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Vol. 1, pag. 9.

Barbosa (Conego Januario da Cunha) Se a introducção dos escravos Africanos no Brasil embaraça a civilisação dos nossos indigenas? Vol. 1, pag. 145.

Barbosa (Conego Januario da Cunha) Relatorio dos trabalhos do Instituto no 1.° anno academico. Vol. 1, pag. 259.

Barbosa (Conego Januario da Cunha) Qual seria hoje o melhor systema de colonisar os Indios entranhados em nossos sertões? &c. Vol. 2, pag. 3.

Barbosa (Conego Januario da Cunha) Relatorio dos trabalhos do Instituto no 2.° anno academico. Vol. 2, pag. 13

Barbosa (Conego Januario da Cunha) Relatorio dos trabalhos do Instituto no 3.° anno academico. Vol. 3, pag. 7. (Suppl.)

Barbosa (Conego Januario da Cunha) Relatorio dos trabalhos do Instituto no 4.° anno social. Vol. 4, pag. 4. (Suppl.)

Barboza (Conego Januario da Cunha) Relatorio dos trabalhos academicos do Instituto no 5.° anno. Vol. 5, pag. 4.

Barroso (Josê Liberato) Creação da Villa de Aracahy na provincia do Ceará, e outras noticias ministradas a presidencia da Provincia pelo Sr.— Vol. 20, pag. 170.

Bases para as instrucções que o governo imperial tem de dar aos membros da commissão scientifica encarregada da exploração de algumas das provincias do Imperio. (Acta de 14 de Novembro de 1846). Vol. 19, pag. 43. Suppl.

Bastos. (Manoel José de Oliveira) Roteiro das capitanias do Pará, Maranhão, Piauhy, Pernambuco e Bahia; pelos seus caminhos e rios centraes. Vol. 9, pag. 527.

Beaurepaire Rohan. (Henrique de—) Viagem de Cuyabá ao Rio de Janeiro pelo Paraguay, corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catharina em 1846. Vol. 9, pag. 376.

Bellegarde. (Pedro de Alcantara) — Elogio historico do fallecido socio correspondente o Major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde. Vol. 1, pag. 278.

Bellegarde. Elogio historico do fallecido Vice-Presidente Marechal Raymundo José da Cunha Mattos. Vol. 1, pag. 271.

Bellegarde. Elogio historico do fallecido membro honorario o Conselheiro Balthazar da Silva Lisboa. Vol. 2, pag. 34.

Bellegarde. Notas ao parecer sobre a memoria historica do Sr. J. J. Machado de Oliveira, ácerca da questão de limites entre o Brasil e Montevidéo. Vol. 16, pag. 545.

Betamio. (Sebastião Francisco) — Noticia particular do continente do Rio Grande do Sul, dada por—,, ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, 1780. Vol. 21, pag. 239.

Bivar (Dr. Diogo Soares da Silva de) — Elogio historico de Francisco Agostinho Gomes, membro correspondente do Instituto, recitado pelo Orador do mesmo Instituto. Vol. 4, pag. 28.

Bivar (Dr. Diogo da Silva de) — Appendice á chronica do anno de 1842. Vol. 5, pag. 386.

Bivar (Dr. Diogo Soares da Silva de) — Parecer sobre o indice chronologico do Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros. Vol. 15, pag. 77.

Blasques (Padre Antonio) — Carta de algumas cousas que hião em a não que se perdeu, do Bispo, para nosso Padre Ignacio. Vol. 5, pag. 214.

Bobadella (Conde de)— Instrucção e norma que deu o...» a seu irmão o preclarissimo José Antonio Freire d'Andrade, para o governo de Minas; a quem veio succeder pela ausencia de seu irmão, quando passou ao Sul. Vol. 16, pag. 359.

Branco Muniz Barreto (Domingos Alves) — Plano sobre

a civilisação dos Indios no Brasil, e principalmente para a capital na Bahia, com uma breve noticia da missão que entre os mesmos Indios foi feita pelos proscriptos Jesuitas. — Dedicado ao Serenissimo Sr. D. João Principe do Brasil, por » Capitão de Infanteria do Regimento de Estremoz. Vol. 19, pag. 33.

Branco Muniz Barreto (Domingos Alves) — Requerimento feito a Sua Magestade em nome dos Indios domesticados da capitania da Bahia. Vol. 19, pag. 91.

Bram (João Vasco Manoel e)— Roteiro Corographico da viagem que o Governador e Capitão-general do Estado do Brasil Martinho de Sousa e Albuquerque, determinou fazer ao rio das Amazonas. Vol. 12, pag. 289.

Braz (Affonso)— Carta mandada do Porto do Espirito Santo, do anno de 1551. Vol. 6, pag. 441.9

Bueno (João Ferreira de Oliveira)— Simples narração da viagem que fez ao Rio Paraná o Thesoureiro-mór da Sé de S. Paulo em 1810. Vol. 1, pag. 165.

Bueno (Dr. José Antonio Pimenta)— Extracto do seu discurso sendo Presidente de Matto Grosso, na abertura da Assembléa Provincial em o 1.° de Março de 1837. Vol. 2, pag. 168.

Caldas (Cartas do Padre Antonio Pereira de Sousa) — Vol. 3, pags. 144 e 216, vol. 13, pags. 95, 216.

Camara (Sebastião Xavier da Veiga Cabral da)— Ex-governador da capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul...) —Representação feita em 24 de Agosto de 1801—sobre a necessidade de separar aquelle territorio, como tambem o da Ilha de Santa Catharina, da Jurisdicção do Bispado do Rio de Janeiro. Vol. 16, pag. 347.

Camello (João Antonio Cabral)—Noticias praticas das minas do Cuyabá e Goyazes, na capitania de S. Pauloe Cuyabá,

dadas ao Reverendo Padre Diogo Soares pelo Capitão sobre a viagem que fez ás minas do Cuyabá no anno de 1727. Vol. 4, pag. 497.

Campo das Vaccas Brancas,—1858. Vol. 21, pag. 323.

Capanema (Dr. Guilherme Schúch de)—Relatorio do Sr. —,, sobre a commissão scientifica que tem de explorar o interior de algumas provincias, lido na sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1857, pelo Sr. A. Alves Pereira Coruja. Vol. 20, pag. 63 suppl.

Capanema (Dr. Guilherme Schúch de)—Memoria do Sr—,, lida na sessão de 24 de Novembro de 1854, desenvolvendo o seguinte ponto: Quaes as tradicções ou vestigios que nos levam á certeza de terem havido terremotos no Brasil? Vol. 22, pag. 135 — 159

Capitulação feita pelo Rei e a Rainha de Hespanha com Vicente Yanez Pinzon. Vol. 22, pag. 445.

Carneiro de Campos (Frederico)—Catalogo dos Governadores e Presidentes da provincia da Parahyba do Norte, organisado pelo Tenente Coronel — Vol. 8, pag. 81.

Carneiro (Coronel Ignacio Pereira Duarte)—Copia do officio de 7 de Janeiro de 1831 sobre a estrada da cidade da Victoria para a provincia de Minas Geraes. Vol. 6, pag. 466.

Carta escripta ao Padre Dr. Torres a 10 de Junho de 1562. Vol. 2, pag. 426. 20

Carta de Matheus Saraiva escripta ao Abbade D. Diogo Barbosa Machado dando noticia dos escriptores da America Lusitanos. Vol. 6, pag. 357.

Carta (copia da) do commandante da praça de Igatemy, em que dá parte ao Governador e Capitão-general D. Luiz Antonio de Sousa Botelho e Mourão do descobrimento que fez dos fundamentos de uma grande povoação,

que se suppõe ser as ruinas da antiga cidade de Real. Vol. 18, pag. 277.

Carta Regia de 10 de Maio de 1738, a qual depois de relatar os serviços de Pedro Dias Paes Leme, e alguns de seu pai, ainda não remunerados, lhe concedeu a pensão annual de cinco mil cruzados. Vol. 6, pag. 224.

Carta Regia de 12 de Maio de 1798 a D. Francisco de Sousa Coitinho, Governador e Capitão General do Estado do Pará, encarregando-o da direcção de todas as disposições que julgar convenientes para conseguir a navegação dessa capitania para Matto Grosso. Vol. 4, pag. 232.

Carta Regia de 12 de Julho de 1799, ordenando ao Governador e Capitão-general da capitania da Bahia D. Fernando José de Portugal que nomeie um magistrado e um official de artilheria para examinarem todos os terrenos de minas e matas que pretende Francisco Agostinho Gomes, que se propunha a estabelecer uma companhia para escavação das minas de cobre e ferro. Vol. 4, pag. 403.

Carta Regia sobre o córte de madeiras a Fernando Delgado Freire de Castilhos. Vol. 6, pag. 447.

Carta Regia e plano sobre os córtes das madeiras de construcção. Vol. 6, pag. 452.

Carta Regia de 10 de Agosto de 1810, sobre a estrada para Minas pelo Rio Doce. Vol. 6, pag. 343.

Carta Regia sobre o trabalho que se deve emprehender a respeito da estatistica do Brasil. Vol. 6, pag. 448.

Carta Regia de 12 de Maio de 1798 ao Capitão-general do Pará ácerca da emancipação e civilisação dos Indios, e resposta do mesmo ácerca da sua execução. Vol. 20, pag. 433.

Cartas do Irmão Joaquim (Copia de tres), extrahidas dos originaes. Vol. 22, pag. 441.

Carvalho (Conego Francisco Freire de)—Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação Brasileira a gloria da invenção das machinas acrostaticas. Vol. 12, pag. 336.

Carvalho (1.° Tenente José Carlos de) — Informação sobre as mattas de Jacuhipé. Vol. 13, pag. 336.

Carvalho (Tenente Coronel José Simões de)— Noticia sobre a ilha de Joannes. Vol. 12, pag. 362.

Carvalho e Silva (Dr. José Vieira Rodrigues de)— Viagem ás Cachoeiras de Paulo Affonso. Vol. 22, pag. 201.

Castelnau (Relatorio dirigido ao Ministro da Instrucção publica pelo dito Sr.) encarregado de uma commissão na America Meridional. Vol. 7, pag. 196.

Castilho (Conselheiro José Feliciano de)— Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as lettras e as artes no Imperio do Brasil. Vol. 11, pag. 259.

Castro (Luiz Antonio de) — Recordação recitada na sessão solemne do 1.° de Julho de 1847, commemorativa do passamento do Sr. D. Affonso, primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 59.

Catalogo dos Capitães-móres, Governadores; Capitães-Generaes e Vice-Reis que tem governado a capitania do Rio de Janeiro desde sua primeira fundação em 1565 até o anno de 1811. Vol. 1, pag. 293, e vol. 2, pag. 49.

Catalogo dos Governadores e Presidentes da provincia da Parahyba do Norte, vide—Carneiro de Campos (Frederico).

Catalogo das obras do Padre Velloso. Vol. 2, pag. 53 suppl.

Catalogo dos Capitães-mores e Governadores da capitania do Rio Grande do Norte. Vol. 17, pag. 22.

Catalogo dos Capitães-mores Vol. 17, pag. 22.

Annotações e documentos do dito Catalogo. Vol. 17, pag. 25 e 46.

Cerqueira e Silva (Ignacio Accidi de)—Dissertação historica ethnographica e politica sobre as tribus aborigenes que habitavam a Provincia da Bahia ao tempo em que o Brasil foi conquistado: sobre as suas matas, madeiras e animaes que a povoam, &c. Vol. 12, pag. 143.

Chronologia do pessoal do conselho da Fazenda. Vol. 21, pag. 177.

Coelho (Felipe José Nogueira)—Memorias chronologicas da capitania de Matto Grosso, principalmente da provedoria da fazenda real e intendencia do ouro. Vol. 13, pag. 137.

Coelho (João José Teixeira Desembargador da Relação do Porto)— Instrucção para o Governo da Capitania de Minas Geraes — 1780. Vol. 15, pag. 257.

Collecção das memorias archivadas pela Camara da villa de Sabará, compiladas por Manoel José Pires da Silva Pontes. Vol. 6, pag. 269.

Collecção das memorias archivadas pela Camara de Pitanguy. Vol. 6, pag. 284.

Cometa (o) de 1843. Vol. 5, pag. 379.

Communicações officiaes (copias de algumas), relativas á fundação do fórte de Santa Theresa, tomada do mesmo, e invasão do Rio Grande, 1762 e 1763. Vol. 21, pag. 325.

Compendio das épocas da capitania de Minas Geraes, desde o anno de 1694 até o de 1780. Vol. 8, pag. 53.

Compillação dos objectos mais essenciaes de que está encarregado o commandante do rio de S. Francisco Xavier, segundo as ordens existentes no archivo do mesmo commando: e alguns apontamentos de instrucção para regular a sua conducta no mesmo commando. Vol. 11, pag. 487.

Correspondencia. Vol. 7, pag. 219.

Correspondencia relativa aos successos dados em Portugal e no Brasil, de 1822 a 1823. Vol. 22, pag. 413.

Coruja (Antonio Alvares Pereira) — Collecção de vocabulos e phrases usados na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Vol. 15, pag. 210.

Coruja (Antonio Alvares Pereira)— Algumas annotações ás Memorias Historicas do Monsenhor Pizarro, na parte relativa ao continente do Rio Grande do Sul. Vol. 21, pag. 303.

Costa (Conselheiro Antonio Robrigues da) — Consulta do Conselheiro ultramarino a S. M. no anno de 1732, offerecido ao Instituto pelo Sr. Joaquim Heleodoro da Cunha Rivara. Vol. 7, pag. 498.

Costa (Miguel Pereira da)— Relatorio apresentado ao Vice-Rei Vasco Fernandes Cesar, quando voltou da commissão em que fôra ao districto das minas do rio de Contas. Vol. 5, pag. 36.

Coutinho (Aureliano de Sousa e Oliveira) — Discurso da abertura da 2.ª sessão publica anniversaria do Instituto. Vol. 2, pag. 4 suppl.

Couto (Dr. José Vieira) — Memoria sobre a capitania de Minas Geraes, seu territorio, clima, e producções metallicas: sobre a necessidade de se restabelecer e animar a mineração decadente do Brasil: sobre o commercio e exportação dos metaes e interesses regios. Escripta em 1799. Vol. 11, pag. 289.

Cunha (Conego Benigno José de Carvalho e) — Memoria sobre a situação da antiga cidade abandonada, que se diz descoberta nos sertões do Brasil por aventureiros em 1753. Vol. 3, pag. 197.

Cunha (Conego Benigno José de Carvalho e) —Carta escripta

ao 1.º Secretario perpetuo do Instituto. Vol. 4, pag. 399.

Cunha (Conego Benigno José de Carvalho e)— Correspondencia quando occupado nos sertões da Bahia, em descobrimento da cidade abandonada. Vol. 6, pag. 318.

Cunha (Conego Benigno José de Carvalho e) — Officio ao Exm. Presidente da Bahia, o Sr. Tenente General Andréa, sobre a cidade abandonada, que ha tres annos procura nos sertões d'essa provincia. Vol. 7, pag. 102.

Cunha (Conego Benigno José de Carvalho e)— Breve noticia sobre as minas ha pouco descobertas no Assuruá na provincia da Bahia. Vol. 12, pag. 524.

Cunha (Francisco Manoel da) — Informação que deu sobre a provincia, então capitania do Espirito Santo, ao Ministro d'Estado Antonio de Araujo e Azevedo. Vol. 4, pag. 240.

Cunha (Francisco Manoel da)— Officio dirigido em 1811 ao Conde de Linhares. sobre a capitania hoje provincia do Espirito Santo. Vol. 12, pag. 511.

Cunha (Capitão Jacinto Rodrigues da)— Diario da expedição de Gomes Freire de Andrade ás Missões do Uruguay. Vol. 16, pag. 137 e 259.

Descripção da costa de Pernambuco até os baixos de S. Roque. Vol. 6, pag. 335.

Descripção geographica da capitania de Matto-Grosso: anno de 1797. Vol. 20, pag. 185.

Diario roteiro da diligencia de que foi encarregado em 1791 Manoel Joaquim de Abreu, Ajudante da Praça de Macapá. Vol. 11, pag. 366.

Diario do Rio da Madeira.— Viagem que a expedição destinada á demarcação de limites fez no Rio Negro até Villa Bella, Capital do Governo de Matto Grosso. Vol. 20 pag. 397.

Diario da viagem que fez á colonia hollandeza de Surimam, o porta-bandeira da 7.ª companhia do Regimento da cidade do Pará, Francisco José Rodrigues Barata, pelos sertões e rios deste estado, em diligencia do real serviço Vol. 8, pag. 1. e 157.

Dias (Dr. Antonio Gonçalves)—Canto inaugural á memoria do Conego Januario da Cunha Barbosa. Vol. 11 pag. 285.

Dias (Dr. Antonio Gonçalves) — Exame nos Archivos dos Mosteiros e das Repartições publicas para a colleção dos documentos historicos relativos ao Maranhão. Vol. 16, pag. 370

Dias (Dr. Antonio Gonçalves)— A Memoria historica do Sr. Machado de Oliveira e o parecer do Sr. Duarte da Ponte Ribeiro. Vol. 16, pag. 469.

Dias (Dr. Antonio Gonçalves) — Resposta do Sr.» á defeza do parecer sobre a Memoria historica do Sr. Machado de Oliveira. Vol. 16, pag. 547.

Dias (Dr. Antonio Gonçalves) — Vocabulario da lingua geral usada hoje em dia no Alto Amazonas. Vol. 17, pag. 553.

Dias (Dr. Antonio Gonçalves) — Amazonas. — Memoria escripta em desenvolvimento ao programma dado por S. M. I. ao socio effectivo.» Vol. 18 pag. 5.

Dias (Dr. Antonio Gonçalves) Reflexões ácerca da Memoria do illustre membro o Sr. Joaquim Norberto de Sousa Silva lidas na sessão de 28 de Maio de 1844. Vol. 18, pag. 289.

Dias (Henrique)—Carta (extrahida do Valeroso Lucideno) Vol. 3, pag. 258.

Documento official.—Informação dada pelo Capitão de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, e o Dr.

Antonio Pires da Silva Pontes, em virtude da ordem que tiveram de subir o Rio Branco ou Parimé e d'elle fossem successivamente entrando nos Rios Mahú, Tacutú e Pirará, e que examinassem as communicações que poderiam ter com a colonia Hollandeza de Suriname. Vol. 5, pag. 84.

Documento official datado de Barcellos, em 19 de Julho de 1781 no qual dão conta da commissão de que foram encarregados Ricardo Franco de Almeida Serra e Dr. Antonio Pires da Silva Pontes, de saber o rio Branco, ou Parimé, entrando nos rios Mahú, Tacutú, e Pirará, examinando as communicações que por aquella parte poderiamos ter com a colonia Hollandeza de Surimam, como tambem que serras poderiam haver, ou outras marcas naturaes que pudessem para sempre servir de raia entre os dominios portuguezes e os da sobredita colonia, &c. Vol. 10, pag. 213.

Documentos officiados pelo socio correspondente o Sr. Commendador Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça. Vol. 6, pag. 469.

Documentos officiaes ineditos, relativos ao alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguio no Brasil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho, lãa, &c. Vol. 10, pag. 213.

Documentos officiaes:

1.° Representação sobre as providencias necessarias para promover o commercio da cidade do Pará para as minas de Matto-Grosso datada em 9 de Setembro de 1797.

2.° Carta regia de 12 de Maio de 1798, mandando pôr em pratica o plano da communicação entre a cidade do Pará

e as minas de Matto-Grosso, e outras providencias. Vol. 5, pag. 76.

Documentos officiaes:

1.° Informação que dá o Capitão-mór da conquista, do sertão que medêa das minas para a do Cuyabá, de 1 de Setembro de 1761.

2.° Exposição da commissão de estatistica da camara dos Deputados, concernente a antiga e mui debatida questão de limites entre as provincias do Maranhão e Goyaz, datada de 28 de Março de 1845.

3.° Parecer apresentado ao Exm. Sr. Candido José de Araujo Vianna, Ministro dos Negocios do Imperio pelo Sr. José Joaquim Machado de Oliveira em o 1.° de Dezembro de 1841, ácerca do plano de colonisação a beneficio dos Indios Botocudos, que andam errantes no territorio entre o rio Doce ou de S. Matheus, apresentado por Porfirio dos Santos Lisboa.

4.° Officio do Sr. J. J. Machado de Oliveira, de 26 de Julho de 1844, apresentado ao Governo Imperial o plano de uma colonia militar no Brasil. Vol. 7, pag. 221.

Documentos officiaes. Declarações feitas pelo Sargento Norberto Rodrigues de Medeiros, sobre a abertura da picada para o Cuité, mandada fazer, e contratada pelo Presidente da provincia do Espirito Santo. Vol. 10, pag. 408.

Documentos officiaes a que se referem as instrucções dadas ao Visconde de Barbacena, publicados em o n.° 21 da Revista. Vol. 6, pag. 197.

Documentos interessantes e ineditos relativos á demissão do Marquez de Pombal. Vol. 8, pag. 65.

Documentos pertencentes á memoria sobre a campanha de 1816 publicada em o n. 26. Vol. 7, pag. 273.

Documentos sobre o Rio Doce offerecidos pelo Sr. Coronel José Joaquim Machado d'Oliveira. Vol. 7, pag. 351.

Documentos relativos a João Pereira Ramos e seus Irmãos. Vol. 22, pag. 451.

Elliot (João Henrique)—Itinerario das viagens exploradas, emprehendidas pelo Barão d'Antonina para descobrir uma via de communicação entre o Porto da villa de Antonina e o baixo Paraguay na provincia de Matto-Grosso: feitas no anno de 1844 a 1847, pelo Sertanista Joaquim José Lopes. Vol. 10, pag. 153.

Epitome da erecção e creação do novo Bispado de S. Paulo, Rei que impetrou esta graça, Pontifice que a concedeu, seu primeiro Bispo e Conegos com que se fundou a cathedral. Vol. 18, pag. 226.

Etymologias Brasilicas (Collecção de) — Vide Prazeres Maranhão.

Excerpto de uma Memoria manuscripta sobre a Historia do Rio de Janeiro, durante o Governo de Salvador Corrêa de Sá e Benevides que se acha na Bibliotheca Publica d'esta Côrte. Vol. 3, pag. 3.

Excerpto de varias listas de condemnados pela Inquisição de Lisbôa, desde o anno de 1711 ao de 1767, comprehendendo só os Brasileiros, ou colonos estabelecidos no Brasil, por Varnhagen. Vol. 7, pag. 54.

Extracto dos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Vol. 1, pag. 18.

Extractos das Actas &c, vide—Actas (extractos das).

Extractos dos Livros e ordens regias da Bahia offerecidos pelo Sr. Coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva. Vol. 7, pag. 383.

Ferreira (Dr. Alexandre Rodrigues) —Noticia dos escriptos do—. Vol. 2, pag. 503.

Ferreira (Dr. Alexandre Rodrigues)— Descripção da Gruta do Inferno, feita em Cuyabá. Vol. 4, pag. 363.

Ferreira (Dr. Alexandre Rodrigues) — Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela corôa de Portugal. Memoria escripta no Pará em 1792. Vol. 3' pag. 339.

Ferreira (Dr. Alexandre Rodrigues)— Viagem á gruta das Onças. Vol. 12, pag. 87.

Figueiredo (Dr. Carlos Honorio de) —Fundação do Bispado do Rio de Janeiro. Vol. 19, pag. 579.

Figueiredo (Dr. Carlos Honorio de)— Fundação das Faculdades de Direito do Brasil. Vol. 22, pag. 507.

Filgueiras (Dr. Caetano Alves de Sousa) —Reflexões sobre as primeiras épocas da Historia do Brasil em geral e sobre a instituição das capitanias em particular. Vol. 19, pag. 398.

Fonseca (Alferes José Pinto da)— Copia da carta que escreveo ao Exm. General de Goyaz, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de Indios. Vol. 8, pag. 376.

Fonseca e Silva (Thomé Maria da)— Breve noticia sobre a colonia dos Suissos fundada em Nova Friburgo Vol. 12, pag. 137.

Fontes (Dr. José Ribeiro de Sousa) — Quaes foram os animaes introduzidos na America pelos conquistadores? memoria pelo Sr.—,, Vol. 19, pag. 509.

Foral da capitania da Bahia e cidade de S. Salvador Vol. 18, pag. 159.

Fragmentos de uma memoria sobre as sesmarias da Bahia. Vol. 3, pag. 375.

Fragmentos que existem na Torre do Tombo, das instrucções dadas por El'Rei D. Manuel, a Pedro Alvares Cabral, quando chefe da armada, que indo á India desco

brio casualmente o Brasil, copiados por Varnhagen. Vol. 8, pag. 99.

Freire Allemão (Dr. Francisco) — Quaes são as principaes plantas que hoje se acham acclimatadas no Brasil? Memorias, pelo Sr.—,, Vol. 19, pag. 539.

Gandavo (Pedro de Magalhães)—Introducção ao tratado da terra do Brasil. Vol. 2, pag. 423.

Gandavo.—Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil, por—, dirigida ao muito illustrissimo Sr. D. Lioniz Pereira, Governador que foi de Malaca e das mais partes do Sul da India, impresso em Lisboa, na officina de Antonio Gonçalves, anno de 1576. Vol. 21, pag. 367.

Garcia (Diogo)—Carta de (1526) Vol. 15, pag. 6.

Gay (Vigario João Pedro) — Itinerario da viagem que fez o Sr. Joaquim Antonio de Moraes Dutra, desde a foz do Rio Passo-Fundo no Uruguay até o passo de S. Borja, pelo Sr... 1858. Vol. 21, pag. 315.

Goes (Pero) — Carta para El-Rei. Da villa da Rainha (Campos). Copia da Torre do Tombo por Varnhagen. Vol. 5, pag. 443.

Guerra civil ou sedições de Pernambuco. Exemplo memoravel aos vindouros. Vol. 16, pag. 5.

Guerras (Relação das) — feitas aos Palmares de Permanbuco no tempo do Governador D. Pedro de Almeida. Vol. 22, pag. 303.

Guimarães (Conego José da Silva) Memoria sobre usos, costumes e linguagem dos Apiacás, e descobrimento de novas minas na provincia de Matto-Grosso. Vol. 6, pag. 297.

Gurjão (Hilario Maximiano Antunes)—Descripção da viagem feita desde a cidade da Barra do Rio Negro, pelo rio do mesmo nome, por—,, Vol. 18, pag. 177.

Gusmão (Alexandre de)—Extracto da resposta que deu, como Secretario do conselho Ultramarino, ao Brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, sobre o negocio da praça da Colonia Vol. 1, pag. 322.

Gusman (Ruy Dias de) — Sobre a'guns factos notaveis que se acham relatados na historia da fundação da cidade da Assumpção, capital do Paraguay, e das conquistas dos hespanhóes no Rio da Prata; obra escripta no começo do seculo XVII, pelo Paraguayo—„ descendente de um dos conquistadores. Vol. 17, pag. 5.

Informação sobre o modo porque se effectua a navegação do Pará para Matto-Grosso. Vol. 2, pag. 281.

Informação do Brasil e suas capitanias 1584 Vol. 6, pag. 404.

Instrucção para D. Antonio de Noronha, Governador e Capitão-general da capitania de Minas-Geraes. Vol. 6, pag. 215.

Instrucção militar para Martim Lopes Lobo de Saldanha, Governador e Capitão-general da capitania de S. Paulo. Vol. 4, pag. 350.

Instrucção para o Visconde de Barbacena, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, governador e Capitão-general da capitania de Minas-Geraes. Vol. 6, pag. 3.

Instrucções do governo para Francisco Delgado Freire de Castilho, Governador da Parahyba. Vol. 6, pag. 436.

Inventario de todos os papeis officiaes que por obito do Tenente General Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, Governador do continente do Rio Grande do Sul, ficaram á cargo do Sargento-mór José Ignacio da Silva. Vol. 11, pag. 445.

Itenerario desde os confins septentrionaes da capitania do Rio Grande do Sul, até a cidade de S. Paulo, 1797. Vol. 21, pag. 342.

Jardim (Ricardo José Gomes)— Creação da directoria dos Indios na Provincia de Mato Grosso. Officio dirigido ao Governo Imperial em 1846 pelo Coronel Presidente da da mesma provincia. Vol. 9, pag. 548.

Jefferson (Thomaz)— Extractos da correspondencia do mesmo senhor. Vol. 3, pag 208.

João (Mestre)— Carta do physico d'El-Rei, para o Sr. de Vera Cruz ao 1.º de Maio de 1500, encontrada na torre do Tombo por aranhagem. Vol. 5, pag. 342.

S. João de Ypanema.—Descripção do morro do mineral de ferro, sua riqueza, methodo usado na antiga fabrica, seus defeitos. Vol. 18, pag. 235.

Joaquim (Irmão)—Vide: —Carta do » Vol. 22, pag. 441.

Jomard (M) Noticia sobre os Botocudos, acompanhada de um vocabulario de seu idioma, e de algumas observações Vol. 9, pag. 107.

Joseph (Padre) — Copia de uma carta escripta da Bahia de todos os Santos em Julho de 1565, ao Dr. Jacome Martins, provincial da C. de Jesus. Vol. 3, pag. 248.

S. José (Fr. Rodrigo de) — Cantico recitado na sessão solemne do 1.º de Julho de 1847, commemorativa do passamento do Sr. D. Affonso, primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 49.

S. José (Bispo D. Frei. João de)—Viagem e visita do sertão em o bispado ao Grão-Pará em 1762 e 1763. Vol. 9, pags. 43. 179. e 476.

Juizo sobre os annaes da provincia de S. Pedro, publicados por José Feliciano Fernandes Pinheiro Visconde de S. Leopoldo (2.ª edicção) Vol. 1, pag. 315.

Juizo da commissão de historia sobre a obra—compendio das eras da provincia do Pará—por A. Ladislão Monteiro Baena. Vol. 2, pag. 235.

Juizo sobre a obra intitulada—Examen critique l'histoire de la géographie du nouveau continent, par Alexandre de Humboldt. Vol. 2, pag. 105.

Juizo sobre a obra intitulada—Histoire des relations commerciales entre la France et le Brésil, par Horace Say, publicada em Paris em 1839. Vol. 1, pag. 308.

Juizo sobre a historia do Brasil publicada em Pariz pelo Dr. Francisco Solano Constancio. Vol. 1, pag. 91.

Juizo sobre a obra—Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul—por Nicoláo Dreys. Vol. 2, pag. 49.

Lacerda e Almeida (Dr. Francisco José de) — Memoria a respeito dos rios Baurés, Branco, da Conceição, de S. Joaquim, Itonamas e Maxupo; e das tres Missões da Magdalena, da Conceição, e de S. Joaquim. Vol. 12, pag. 106.

Lagos (Manuel Ferreira)—Elogio Historico do Padre mestre Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Vol. 2, pag. 40 (Suppl.)

Lagos—Relatorio dos trabalhos do Instituto, no 6.° anno academico. Vol. 6, pag. 4. (Suppl.)

Lagos—Relatorio dos trabalhos do Instituto Historio, lido na sessão publica de 9 de Setembro de 1847. Vol. 11, pag. 89.

Lara (Diogo Arouche de Moraes)—Memoria da campanha de 1816, com a exposição dos acontecimentos militares das fronteiras de Missões e Rio Pardo, da capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul. Vol. 7, pags. 125. e 273.

Lavradio (Marquez de)—Relatorio a Luiz de Vasconcellos e Sousa, seu successor no vice-reinado do Rio de Janeiro. Vol. 4, pag. 409.

Leal (Felippe José Pereira) — Memoria do Sr.— sobre os

acontecimentos politicos que tiveram lugar no Pará em 1822—1823. Vol. 22, pag. 161.

Leite (Diogo)—Carta de— para El-Rei, em 30 de Abril de 1528, encontrada e copiada na Torre do Tombo por Varnhagen. Vol. 6, pag. 222.

Leite (Maximiano Antonio da Silva)—Memoria sobre o eclipse do Sol, de 15 de Março de 1839. Vol. 1, pag. 57.

Leite — Memoria sobre o cometa visto em Março de 1843 no Rio de Janeiro. Vol. 5, pag. 207.

Lembrança do que devem procurar nas provincias os socios do Instituto, para remetterem ao Rio de Janeiro. Vol. 1 pag. 128.

Leme (Pedro Taques de Almeida Paes)—Historia da Capitania de S. Vicente, desde a sua fundaçãs por Martim Affonso de Sousa em 1531, escripta em 1772, por — . Vol. 9, pags. 137, 293, 445.

Leme (Pedro Taques de Almeida Paes)—Noticia historica da expulsão dos Jesuitas do collegio de S. Paulo. Vol. 12 pag. 5.

Leonardo (Padre)— Copia de uma carta do mesmo, escripta de S. Vicente a 23 de Junho de 1565. Vol. 4, pag. 224.

S. Leopoldo (Visconde de) — Programma historico — O Instituto Historico e Geographico Brasileiro é o representante das idéas de illustração, que em differentes epochas se manifestaram em o nosso continente. Vol. 1, pag. 66.

S. Leopoldo (Visconde de)— Discurso de abertura na sessão publica anniversaria do Instituto, em 3 de Novembro de 1838. Vol. 1, pag, 255.

S. Leopoldo (Visconde de)— Discurso de abertura da 3. sessão anniversaria em 1841. Vol. 3, pag. 3. Suppl.

S. Leopoldo (Visconde de)— Discurso de abertura da 4.ª sessão anniversaria em 1842. Nol. 4, pag. 1. Suppl.

Levantamento em Minas Geraes, no anno de 1708 (Extracto da vida do Padre Belchior de Pontes, escripta pelo Padre Manoel da Fonseca, Jesuitas naturaes de S. Paulo.) Vol. 3, pag. 261.

Limo (Padre Francisco das Chagas) — Memoria sobre o descobrimento e Colonia de Guarapuava. Vol. 4, pag. 43.

Lisboa (Conselheiro Balthazar da Silva)—Extracto dos annaes do Rio de Janeiro. Das pessoas distinctas que ajudaram á fundação e edificação do Rio de Janeiro Vol. 4, pag. 248 e 318.

Lisboa (Conselheiro Balthazar da Silva)—Extracto dos annaes do Rio de Janeiro. Vol. 5, pag. 403.

Lisboa (Conselheiro Balthazar da Silva)— Recordação memoravel das pessoas illustres que serviram á gloria deste paiz, até a epocha de 1710. Vol. 5, pag. 420.

Lisboa (Conselheiro José Antonio) — Elogio historico do Conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira. Vol. 11, pag. 195.

Lisboa (Miguel Maria)—*Memorandum* sobre limites do Brasil. Vol. 9, pag. 436.

Lista dos Membros do Instituto, em 1839. Vol. 1, pags. 142, 252, 367.

Lopes (Joaquim Francisco) — Itinerario da digressão que fez no exame de uma communicação de carro para o Paraguay. Vol. 13, pag. 315.

Lund (Doutor)—Carta escripta da Lagôa Santa (Minas-Geraes) ao Sr. 1.º Secretario do Instituto. Vol. 4, pag. 80.

Lund (Doutor)—Correspondencia do mesmo Sr. da Lagôa Santa, sobre novas descobertas de ossos e craneos achados em suas escavações. Vol. 6, pag. 326.

Macedo (Dr. Joaquim Manoel de) — O amor da gloria— Hymno Biblico. Vol. 11, pag. 276.

Macedo (Dr. Joaquim Manoel de)—Relatorio dos trabalhos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, durante o anno de 1852. Vol. 15, pag. 480.

Idem de 1853 Vol. 16, pag. 563.

Idem de 1854 » 17, » 3. suppl.

Idem de 1855 » 18, » 3. suppl.

Idem de 1856 » 19, » 91. suppl.

Macedo (Dr. Joaquim Manoel de)—Elogio historico dos socios do Instituto Historico, fallecidos durante o anno de 1857, lido na sessão anniversaria de 15 de Dezembro do dito anno. Vol. 20, pag. 67. (Suppl.)

Idem, durante o anno de 1858. Vol. 21, pag. 530.

Idem, durante o anno de 1859. Vol. 22. pag. 704. Suppl.

Machado (Francisco Xavier) — Memoria relativas ás capitanias do Piauhy e Maranhão. Vol. 17, pag. 56.

Madre de Deos (Fr. Gaspar da)—Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil, e das entradas das Religiões, e suas fundações, &c; copiada de um manuscripto do Mosteiro de S. Bento de S. Paulo. Vol. 2, pag. 425.

Magalhães (Dr. Domingos José Gonçalves de) — Memoria historica e documentada da revolução da provincia do Maranhão, desde 1839 até 184C. ol. 10, pag. 263.

Maia (Dr. Emilio Joaquim da Silva) — Elogio historico do Dr. José Pinto de Azevedo. Vol. 2, pag. 59. (Suppl.)

Maia (Dr. Emilio Joaquim da Silva) — Discurso recitado na sessão solemne do 1.° de Julho de 1847, commemorativa do passamento do Sr. D. Affonso, Primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 32.

Manuscriptos (Relação dos) offerecidos ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro desde 16 de Setembro de

1847 até 10 de Dezembro de 1852. Vol. 15, pag. 548.
Manuscriptos de 1853 Vol. 16, pag. 626.
Idem de 1854 Vol. 17, pag. 97. suppl.
Idem de 1855 » 18, » 76. suppl.
Idem de 1856 » 19, » 168. suppl.
Idem de 1857 » 20, » 112. suppl.
Idem de 1858 » 21, » 585.
Idem de 1859 » 22, » 759. suppl.
Mappa das tres principaes batalhas da campanha de 1816, pertencente ao apendice da memoria respectiva. Vide Lara. Vol. 7, pag. 328.
Mappas offerecidos ao Instituto Historico no anno de 1854. Vol. 17, pag. 88.
Marcos e José Mauricio, catalogo de suas obras. Vol. 22, pag. 487.
Martins (Francisco de Sousa)—Progresso do jornalismo do Brasil. Vol. 8, pag. 326.
Martius (Dr. Carlos Frederico Ph. de)—Como se deve escrever a historia do Brasil.— Vol. 6, pag. 381.
Mascarenha (D. Francisco de Assis)—Carta escripta pelo mesmo Sr. no dia em que deu posse do Governo da da Capitania de Goyaz a Fernando Delgado Freire de Castilho, nomeado seu successor. Vol. 5, pag. 58.
Mascarenha (José Freire de Montenegro)—Os Orizes conquistados, ou noticia da conversão dos indomitos Orizes Procazes, povos habitantes e guerreiros do Sertão do Brasil; na qual se descreve tambem a asperesa do sitio da sua habitação, a cegueira da sua idolatria e barbaridade de seus ritos. Vol. 8, pag. 494.
Matas das Alagoas (As)—Providencias ácerca dellas, e sua descripção. Vol. 22, pag. 339.

Mattos (João Wilkens de)—Alguns esclarecimentos sobre as missões da Provincia do Amazonas por)— Vol. 19, pag. 121.

Medição, direcção e observações da nova estrada que da cachoeira do Rio Santa Maria, termo da villa da Victoria, segue pelo Sertão intermedio á villa Rica. Vol. 6, pag. 463.

Mello (Sebastião José de Carvalho e) — Officio que como Ministro Portuguez em Londres escreveo para a Côrte de Lisboa em 8 de Julho de 1741. Vol. 4, pag. 505.

Memoria da fundação da igreja de S. Sebastião; com um catalogo dos prelados administradores da jurisdicção ecclesiastica, e dos reverendo bispos que tem havido até o presente. Vol. 2, pag. 173.

Memoria da nova navegação do Rio Arinos até a villa de Santarem, estado do Grão-Pará. Vol. 19, pag. 99.

Menezes (Dr. Francisco de Paula)—Ode recitada na sessão solemne do 1.° de Julho de 1847, commemorativa do passamento do Sr. D. Affonso, Primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 79.

Menezes (Dr. Francisco de Paula) — Elogio historico do Conego Januario da Cunha Barbosa. Vol. 11, pag. 240.

Menezes (Dr. Francisco de Paula)—Discurso do orador interino—na sessão publica anniversaria do Instituto Historico em 15 de Dezembro de 1853. Vol. 16, pag. 600.

Menezes (José Pedro Cezar de) — Roteiro para seguir a melhor estrada do Maranhão para a côrte do Rio de Janeiro, feito em 1810. Vol, 3, pag. 461.

Menezes (D. Manuel de) — Recuperação da cidade do Salvador,—escripta por» Copia cotejada com o manuscripto original de Madrid, por Francisco Adolpho de Varnhagen. Vol. 22, pag. 357.

Mesa e commissões (Relação dos membros da) do Instituto Historico que devem dirigir os trabalhos do mesmo Instituto no anno de 1856. Vol. 19, pag. 172. (Suppl.)
Idem de 1858 Vol. 20, pag. 34. (suppl.)
Idem de 1859 » 21, » 495.
Montenegro (General Caetano Pinto de Miranda)—Resposta ao parecer sobre o aldeamento dos Indios Uaicurús e Guanás. do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra. Vol. 7, pag. 213.
Moreno (Coronel José Ignacio do Couto)—Extracto de uma memoria enviada ao Governo da provincia, com data de 27 de Novembro de 1843. Vol. 6, pag. 443.
Musêu de antiguidades americanas, fundado em Copenhagen pela sociedade Real dos Antiquarios do Norte, sob proposta de seu Secretario o Sr. C. C. Rafn. Vol. 7, pag. 94.
Navarro (Desembargador Luiz Thomaz de)—Itinerario da viagem que fez por terra da Bahia ao Rio de Janeiro, por ordem do Principe Regente, em 1808. Vol. 7, pag. 433.
Necrologia do Marechal de Campo Raymundo José da Cunha Mattos. Vol. 1, pag. 72.
Necrologia do socio effectivo Major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde. Vol. 1. pag. 138.
Nobrega (Padre Manoel da)—Copia de uma carta que escreveu ao Illm. Cardeal de S. Vicente, 1.° de Julho de 1560. Vol. 5, pag. 328.
Nobrega (Padre Manoel da) —Carta que escreveu ao Padre mestre Simão em 1549. Vol. 5, pags. 429, 433 e 435.
Nobrega (Padre Manoel da)—Carta mandada da capitania de Pernambuco, em o anno de 1551. Vol. 6, pag. 104.
Nobrega (Padre Manoel da)—Carta copiada do real archivo de Lisboa. Vol. 2, pag. 271.

Nobrega (Padre Manoel da) — Informação das terras do Brasil, mandada pelo mesmo. Vol. 6, pag. 91.

Nogueira (Capitão-Tenente José Maria)—Viagem feita pelo Commandante do vapor de guerra Guapiassú, primeiro que subio o Amazonas. Vol. 6, pag. 378.

Notas, apontamentos e noticias para a historia da provincia do Espirito-Santo. Vol. 19, pag. 161.

Notas lidas pelo Barão de Cayrú sobre a questão Wise. Vol. 14, pag. 475.

Noticia (Breve)— Sobre a creação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Vol. 1, pag. 3.

Noticia sobre o thesouro descoberto no maximo rio Amazonas, escripta por F. A. de Varnhagem. Vol. 2, pag. 319.

Noticia sobre os Indios Tupinambás, seus costumes, &c. Vide Soares de Sousa (Gabriel.)

Noticia sobre a obra publicada em Compenhagen pela Socieda le Real dos Antiquarios do Norte—com o titulo —Antiquitates Americanæ. Vol. 2, pag. 202.

Noticia da fundação e principios da aldêa de S. João de Queluz, provincia de S. Paulo. Vol. 5, pag. 69.

Noticia da sessão publica anniversaria do Instituto, celebrada no dia 14 de Dezembro de 1844. Vol. 6. pag. 1. (Suppl.)

Noticia dos acontacimentos pela presente guerra nos sete povos de Missões e n'esta fronteira do Rio Grande de S. Pedro. (Anno de 1801.) Vol. 16, pag. 322.

Noticias e reflexões sobre as minas de Cantagallo, na provincia do Rio de Janeiro, escripta em 1805. Vol 12, pag. 518.

Nunes (Antonio Duarte)— Memoria do descobrimento e fundação da Cidade do Rio de Janeiro, no anno de 1567. Vol. 1, pags. 110, e 218.

Nunes (Antonio Duarte)— Almanach historico da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Vide Almanch &c. Vol. 21, pag. 5.

Nunes (Diogo Carta de)—Escripta a D. João III, encontrada e copiada na Torre do Tombo por Varnhagen. Vol. 2, pag. 364.

Oblação do Instituto Historico á memoria de seu Presidente Honorario o Sr. D. Affonso, Augusto Primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 5.

Obra que concorreu aos premios propostos por S. M. I, e pelo Instituto Historico (1855). Vol. 18, pag. 90.

Obras e impressões (Relação das) offerecidas ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, desde 16 de Setembro de 1847, até 10 de Dezembro de 1852. Vol. 15, pag. 556.

Idem de 1853 Vol. 16, pag. 616.
Idem de 1854 » 17, » 88 suppl.
Idem de 1855 » 18, » 79 suppl.
Idem de 1856 » 19, » 155 suppl.
Idem de 1857 » 20, » 96 suppl.
Idem de 1858 » 21, » 565.
Idem de 1859 » 22, » 742.

Officio do Coronel Commandante das forças do Sul da provincia de S. Paulo, e outros documentos relativos á descoberta que acaba de effectuar na mesma provincia, dos campos denominados do — Paiqueré—copias remettidas ao Instituto por aviso do ministerio da guerra. Vol. 4, pag. 519. (Acta de 6 de Outubro de 1842).

Officio e relatorio que ao ministerio da guerra, dirigiu o Coronel Commandante Superior João da Silva Machado, a respeito das explorações feitas nos campos denominados do — Paiqueré. — Copias remettidas ao Instituto

por aviso do ministerio da guerra. Vol. 4, pag. 99. (Idem de 9 de Fevereiro de 1843.)

Officio do Governador participando ao ministerio, não só conter riqueza de ouro os corregos da estrada de Minas, como de haver tres familias de Indios Puris procurado aldearem-se junto ao quartel da villa do Principe.— Resposta ao officio supra, e descripção da estrada para a provincia de Minas-Geraes pelo rio Santa Maria. Vols. 6, pags. 460 e 461.

Officio do Governador de Cabo-Frio, Constantino de Menelau, datado do Rio de Janeiro a 1 de Outubro de 1625. Vol. 18, pag. 407.

Officio sobre a estatistica, despezas e administração da provincia de Matto-Grosso, de 1821 a 1826. Vol. 20, pag. 366.

Oliveira (Conselheiro Candido Baptista de) — Nota sobre um trecho do parecer apresentado ao Instituto na sessão de 22 de Novembro de 1850, pelo socio effectivo Diogo Soares da Silva de Bivar, ácerca da obra publicada pelo Sr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros, sob o titulo de *Indigenas Chronologico dos factos mais notaveis da Historia do Brasil*. Vol. 15, pag. 113.

Oliveira (Conselheiro Candido Baptista de)—Parecer sobre a memoria historica do Sr. José Joaquim Machado de Oliveira, ácerca da questão de limites entre o Brasil e Montevidéo. Vol. 16, pag. 464.

Oliveira (Conselheiro Candido Baptista de) — Discurso de abertura da sessão publica anniversaria do Instituto Historico no anno de 1859. Vol. 22. pag. 681 suppl.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de)—A celebração da Paixão de Jesus Christo entre os Guaranis. Vol. 4, pag. 331.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de) — Descripção do Convento da Penha na provincia do Espirito-Santo. Vol. 5, pag. 113.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de)—Programma— Se todos os Indigenas do Brasil conhecidos até hoje, tinham idéa de uma unica Divindade, &c.—Desenvolvido por.—Vol. 6, pag. 133.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de)—Programma— Qual era a condição social do sexo feminino entre os indigenas do Brasil—Desenvolvido por— Vol. 4, pag. 168.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de) — Plano de uma colonia militar no Brasil. Vol. 7, pag. 240.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de) — Noticia sobre as aldêas dos Indios da provincia de S. Paulo desde o seu começo até aactualidade. Vol. 8, pag. 204.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de)—Memoria historica sobre a questão de limites entre o Brasil e Montevidéo. Vol. 16, pag. 385.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de) — Memorias sobre o descobrimento do Brasil, — algumas considerações, por.—Vol. 18, pag. 279.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de)—A emigração dos Cayuaz — Narração coordenada sob apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliot. Vol. 19, pag. 434.

Oliveira (Major Manoel Rodrigues de) — Novos indicios da existencia de uma antiga povoação abandonada no interior da provincia da Bahia: noticia communicada ao Instituto pelo Sr.—Vol. 10, pag. 363.

Ottoni (Theophilo Benedicto) — Noticia sobre os selvagens do Mucury, em uma carta do Sr.—Vol. 21, pag. 191.

Paes Leme (Pedro Taques de Almeida)—Copia fiel do titulo de Taques Pompeu que fez—pelo anno de 1763, e que

se acha em poder de João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho. Vol. 18, pag. 190.

Paim (Roque Monteiro)—Copia da resposta que o Secretario de Estado deu a Mr. de Bouillé, Embaixador de França em Lisboa, sobre a sua replica offerecida para mostrar que pertencem á corôa de França as terras de Cabo-Frio. Vol. 8, pag. 453.

Paiva (Joaquim Gomes de Oliveira) — Memoria historica sobre a colonia allemãa de S. Pedro de Alcantara, estabelecida na provincia de S. Catharina. Vol. 10, pag. 504.

Parecer da Commissão de Historia ácerca da obra intitulada « Reflexões criticas sobre o escripto do seculo 16.° impresso com o titulo de « Noticia do Brasil por F. A. de Varnhagem. Vol. 2, pag. 109.

Parecer da Commissão de Geographia sobre os mappas seguintes: 1.° Mappa ou planta topagraphica planispherica da Imperial provincia de S. Paulo, levantada pelo Tenente Coronel d'Engenheiros José Antonio Teixeira Cabral. — 2.° Mappa da Comarca do Sabará, levantado em 1817 por Bernardo José da Gama. Vol. 2, pag. 118.

Parecer sobre a 2.ª parte da chronica dos frades menores da provincia de Santo Antonio do Brasil, por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão. Vol. 2, pag. 369.

Parecer sobre o 1.° e 2.° vol. da obra « Voyage pittoresque au Brésil par J. B. Debret. Vol. 3, pag. 95.

Parecer da Commissão especial encarregada de examinar os ossos fosseis remettidos de Cantagallo ao Instituto por M. Jacob Van Erwen. Vol. 7, pag. 519.

Parecer da Commissão especial encarregada pelo Instituto de ajuizar do merito das duas memorias que se offereceram ao concurso do premio proposto sobre o melhor

plano de se escrever a historia antiga e moderna. (Acta de 20 de Maio de 1847.) Vol. 9, pag. 273.

Parecer da Commissão ácerca da creação d'uma arca de sigillo no gremio do Instituto. (Acta de 16 Fevereiro de 1850.) Vol. 13, pag. 133.

Parecer da Commissão de Historia sobre o escripto de Mr. F. Denis « Une fete brésilienne a Rouen. » Vol. 14 pag. 443.

O Senhor D. Pedro II. (S. M. I.) Veja-se Resposta.

Pereira (Hyppolito José da Costa)—Memoria sobre a viagem aos Estados-Unidos em 1798, por —» (1801.) Vol. 21, pag. 351.

Pereira (Padre Joaquim José)— Memoria que contém a descripção problematica da longitude e latitude do sertão da capitania geral de S. Luiz do Maranhão, que igualmente diz respeito ao numero das Freguezias, e ao das almas de que consta a mesma capitania, dirigida e consagrada ao Illm. Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e dominios ultramarinos, &c. Anno de 1798. Vol. 20, pag. 165.

Pereira (Padre Joaquim José)— Memoria sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody da capitania do Rio Grande do Norte. da comarca da Parahyba de Pernambuco, onde se descrevem os meios de occorrer a estes males futuros &c.— anno de 1798. Vol. 20, pag. 175.

Pinheiro (Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes) — Ensaio sobre os Jesuitas. Vol. 17, pag. 67.

Pinheiro (Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes)—Breves reflexões sobre o systema de cathequese seguido pelos Jesuitas no Brasil. Vol. 19, pag. 379.

Pinheiro (Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes)—Apontamentos biographicos sobre o Visconde de S. Leopoldo. Vol. 19, pag. 132.

Pinheiro (Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes) — Discurso proferido na occasião de dar-se a sepultura o cadaver do Socio Honorario Fr. Francisco de Monte Alverne. Vol. 21, pag. 497.

Pinheiro (Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes) — A França Antartica. Bosquejo Historico do estabelecimento dos Francezes no Rio de Janeiro e sua expulsão no seculo XVI, e das suas novas invasões no seculo XVIII. Vol. 22 pag. 3.

Pinheiro (Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes) — Relatorio dos trabalhos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, no anno de 1859, pelo 1.° Secretario interino. Vol. 22, pag. 683 (Suppl.)

Pinto (Dr. Antonio Pereira)— Allocução. — Recitada na sessão solemne do 1.° de Julho de 1847, commemorativa do passamento do Sr. D. Affonso, Primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 66.

Pinto (Dr. Antonio Pereira) — Elogio biographico do Conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. Vol. 11, pag. 206.

Pinto (Dr. Antonio Pereira)— Memoria sobre penitenciarias, lida na sessão do Instituto Historico de 4 de Outubro de 1856. Vol. 21, pag 441.

Pinto (Bento Teixeira)— Relação do Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no anno de 1565. Vol. 13, pag. 279.

Pinto Bandeira (Joaquim José) — Noticia da descoberta do Campo de Palmas. Vol. 14, pag. 423.

Pires (Padre Antonio)— Carta que escreveu do Brasil, da

capitania de Pernambuco, aos irmãos da companhia, de 2 de Agosto de 1551. Vol. 6, pag. 95.

Pizarro (Monsenhor)—Extracto das memorias sobre o Rio de Janeiro T. 6, cap. 7.°—Do assento primeiro da igreja cathedral, da sua mudança para outros lugares. Vol. 5, pag. 443.

Plano economico e provincial para o estabelecimento do correio desta côrte para a cidade da Bahia. Vol. 7, pag. 464.

Pontes (Manoel José Pires da Silva) — Extractos de uma viagem feita á provincia do Espirito-Santo, pelo mesmo Sr. Vol. 1, pag. 333.

Pontes (R. de S. da Silva)—Programma:—Onde apprenderam, e quem foram os artistas que fizeram levantar os templos dos Jesuitas em missões, e fabricaram as estatuas que alli se acharam collocadas?—Desenvolvido pelo mesmo Sr. Vol. 4, pag. 65.

Pontes (R. de S. da Silva)—Programma:—Quaes os meios de que se deve lançar mão para obter o maior numero possivel de documentos relativos á Historia e Geographia do Brasil. Desenvolvido por.—Vol. 4, pag. 149.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo) — Memoria sobre a antiga escola de pintura fluminense. Vol. 3, pag. 33, suppl.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Elogio dos socios finados no 6.° anno academico. Vol. 6, pag. 33, suppl.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)— Discurso recitado no acto de baixar á sepultura o corpo do Secretario perpetuo o Conego Januario da Cunha Barbosa. (Acta de 8 de Março de 1846.) Vol. 8, pag. 145.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Discurso recitado na sessão solemne do 1.° de Julho de 1847, commemorativa da

perda do Sr. D. Affonso, Primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 10.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Elogio historico geral dos membros fallecidos, recitado na sessão publica de 9 de Setembro de 1847. Vol. 11, pag. 150.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)— Discurso recitado na sessão publica, em 6 de Abril de 1848, para inauguração dos bustos do Conego Januario da Cunha Barbosa, e do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, fundadores do Instituto. Vol. 11, pag. 219.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Discurso proferido á beira do tumulo em que foram sepultados os restos mortaes do preclaro brasileiro, o senador Francisco de Paula Sousa Mello. Vol. 15, pag. 241.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Discurso do Orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Sr.— proferido na sessão publica do mesmo Instituto, em 15 de Dezembro de 1852. Vol. 15, pag. 513.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Discurso recitado pelo Orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. — no enterro do Commendador José de Paiva Magalhães Calvet, membro effectivo do Instituto. Vol. 16, pag. 133.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo) — Discurso recitado na sessão publica anniversaria em 15 de Dezembro de 1854. Vol. 17, pag. 51, suppl.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Idem na sessão publica anniversaria de 15 de Dezembro de 1855. Vol. 18, pag. 33, suppl.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo) — Idem na sessão Magna em 15 de Dezembro de 1856. Vol. 19, pag. 123, suppl.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Iconographia Brasileira Vol. 19, pag. 349.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Apontamentos sobre a vida e obras do Padre José Mauricio Nunes Garcia. Vol. 19, pag. 354.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Valentim da Fonseca e Silva. Vol. 19, pag. 369.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Francisco Pedro do Amaral, Vol. 19, pag. 375.

Porto-Alegre (Manuel de Araujo)—Relatorio do 1.° Secretario o Sr. — dos trabalhos do Instituto Historico no anno de 1857. Vol. 20, pag. 38, suppl.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo) — Idem — no anno de 1858. Vol. 21, pag. 505.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo)—Discurso proferido pelo Sr.—por occasião de dar-se a sepultura o cadaver do socio honorario Fr. Francisco de Monte Alverne. Vol. 21, pag. 499.

Prado (Francisco Rodrigues do) — Historia dos Indios cavalleiros, ou da nação Guaycurú, escripta no real presidio de Coimbra. Vol. 1, pag. 21.

Prazeres Maranhão (Fr. Francisco dos) — Collecção de etymologias brasileiras. Vol. 1, pag. 69.

Premios propostos por S. M. o Imperador. Vols. 3 e 19, pags. 45 e 154, (suppls.)

Premios propostos pelo Instituto Historico. Vols. 2, 3, 4, 6 e 11, pags. 628, 43, 35, 46 e 148, (suppls).

Privilegios (Translado dos) que S. M. concedeu aos cidadãos da Bahia de Todos os Santos. Vol. 8, pag. 512.

Projecto de uma estrada da Bahia ao Rio de Janeiro. Vol 5, pag. 251.

Projecto de uma estrada da cidade do Desterro ás Missões

do Uruguay, e de outras provindencias que devem servir de ensaio ao melhoramento da provincia de Santa Catharina. Vol. 7, pag. 534.

Provisão Regia do anno de 1752, para se construir uma fortaleza no rio Branco. Vol. 4, pag. 501.

Przewodwski (André)—Communicação entre a cidade da Bahia e a villa do Joazeiro. Vol. 10, pag. 374.

Quadro das distancias em leguas de vinte ao grão entre a capital, cidades, villas, freguezias e mais povoados da provincia do Amasonas; extrahido do relatorio do Presidente da mesma provincia, do anno de 1857. Vol. 20, pag. 485.

Quadro das forças de terra e mar no Rio de Janeiro, Santa Catharina, Rio Grande, Minas Geraes e Praça da Colonia em 1776. Vol. 21, pag. 181.

Quoniambabe (Chefe Indio)—Retrato do—(1557). Vol. 13, pag. 517.

Rafn (C. C.)—Memoria sobre o descobrimento d'America no seculo 10.°. Vol. 2, pag. 203.

Ramirez (Luiz)—Carta de—(1528). Vol. 15, pag. 14.

Raposo de Almeida (Francisco Manoel) — Oblação do socio correspondente—recitada na sessão solemne do 1.° de Julho de 1847, commemorativa do passamento do Sr. D. Affonso, primogenito de SS. MM. II. Vol. 4, pag. 46.

Raposo de Almeida (Francisco Manoel)—Elogio Academico do Eminentissimo Sr. D. Francisco II Cardeal Patriarcha de Lisboa. Vol. 11, pag. 198.

Raposo de Almeida (Francisco Manoel)—Elogio historico do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos. Vol. 11, pag. 234.

Raposo de Almeida (Francisco Manoel)—Origem do Collegio de Pedro II. Vol. 19, pag. 528.

Rebello (José Silvestre)—Programma:—Se a introducção dos escravos no Brasil embaraça a civilisação dos nossos Indigenas.—Desenvolvido por—. Vol. 1, pag. 133.

Rebello.—Discurso sobre a palavra—Brasil. Vol. 1, pag. 286.

Rebello.—Discurso sobre a palavra «Brasil» para servir de supplemento á Memoria lida na 1.ª sessão publica anniversaria. Vol. 2, pag. 66. (suppl.)

Rebello e Silva (Thomaz da Costa Correia)—Memoria sobre a provincia de Missões, copiada de um Ms. offerecido ao Instituto. Vol. 2, pag. 183.

Regimento dado a Antonio Cardoso de Barros, cavalleiro fidalgo da casa de El-Rei como Provedor-mór da Fazenda que primeiro foi ao Brasil. Vol. 18, pag. 166.

Registo do Regimento de S. A. Real, que trouxe Roque da Costa Barreto, do conselho de S. A., General do Estado do Brasil, a cujo cargo está o governo d'elle. Vol. 5, pag. 288.

Reinault (Pedro Victor)— Relatorio da exposição dos rios Mucury e Todos os Santos, feito por ordem do Exm. Governo de Minas Geraes, tendente a procurar um ponto para degredo. Vol. 8, pag. 356.

Reis (Coronel Manoel Martins do Couto)—Memoria sobre a fazenda de Santa Cruz. Vol. 5, pag. 143.

Relação dos Membros premiados pelo Instituto Historico, em cumprimento do programma apresentado na sessão Publica de 14 de Dezembro de 1844. Vol. 11, pag. 147.

Relação historica de uma occulta e grande povoação antiquissima sem moradores, que se descobrio no anno de 1753, nos sertões do Brasil. Vol. 1, pag. 181.

Relação de uma viagem á serra dos Orgãos. Vol. 3, pag. 76.

Relação do levantamento que houve nas Minas-Geraes no anno de 1720, governando o Conde de Assumar D. Pedro de Almeida. Vol. 3, pag. 275.

Relação dos manuscriptos á respeito do Brasil existentes no Archivo da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros. Vol. 4, pag. 394.

Relação verdadeira de tudo o succedido na restauração da Bahia de Todos os Santos, desde o dia em que partiram as armadas de S. M., até o em que em a dita cidade foram arvorados os seus estandartes. Vol. 5, pag. 476.

Relação abbreviada da republica que os religiosos Jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios Ultramarinos das duas Monarchias, e da guerra que n'elles tem movido e sustentado contra os exercitos hespanhoes e portuguezes. Vol. 4, pag. 265.

Relação da acclamação que se fez na capitania do Rio de Janeiro do estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao Sr. Rei D. João IV por verdadeiro Rei e Senhor de seu. Reino de Portugal. Vol. 5, pag. 319.

Relação das mattas da capitania da Parahyba. Vol. 6, pag. 351.

Relação das mattas das Alagoas, que tem principio no lago do Pescoço, e de todas as que ficam ao Norte d'esta até ao Rio da Ipojuca, distante 10 leguas de Pernambuco. Vol. 7, pag. 507.

Relation de la victoria que los Portugueses de Pernambuco alcançaran de los de la compania del Brazil, em los Gararapes, a 19 de Febrero de 1649. Vol. 22, pag. 331.

Relatorio sobre a inscripção da Gavia mandada examinar pelo Instituto. Vol. 1, pag. 86.

Rendon (José Arouche de Toledo)—Memoria sobre as

aldêas de Indios da provincia de S. Paulo, segundo as observações feitas no anno de 1793. Vol. 4, pag. 295.

Representação dirigida em 1707 a El-Rei D. João V., pelos portuguezes residentes no Rio de Janeiro, ácerca do procedimento que contra elles tinham os filhos da terra nas eleições do Senado da Camara. Vol. 10, pag. 108.

Requerimento (copia do) que fez o Bispo de Marianna com data de 13 de Abril de 1752. Vol. 6, pag. 202.

Resposta que S. M. I. se dignou dar ao discurso do Excel. lentissimo Presidente do Instituto, no acto de assistir o mesmo Augusto Senhor á sessão do Instituto. Vol. 12, pag. 551.

Resposta (Fac-simile da)—Toda escripta do punho imperial entregue por S. M. No fim do mesmo Vol.

Resumo do itinerario de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Parapanema, e seus affluentes, pelo Paraná, Irahy e sertões adjacentes emprehendida por ordem do Exm. Sr. Barão de Antonina. Vol. 9, pag. 17.

Ribeiro (Duarte da Ponte) — Parecer sobre a memoria historica ácerca da questão de limites entre o Brasil e Montevidéo, do Sr. J. J. Machado de Oliveira. Vol. 16. pag. 425.

Ribeiro (Duarte da Ponte)—Annexos ao Parecer mencionado. Vol. 16, pag. 452.

Ribeiro (Duarte da Ponte)—Defeza do Parecer sobre a memoria historica do Sr. Machado de Oliveira. Vol. 16, pag. 506.

Ribeiro (Duarte da Ponte)—Appensos. Vol. 16, pags. 516 e 529.

Ribeiro (Major Francisco de Paula)— Memoria sobre as nações gentias que habitam o continente do Maranhão— Escripta em 1819 pelo —Vol. 3, pags. 184, 297 e 394.

Ribeiro (Major Francisco de Paula)—Roteiro da viagem que fez às fronteiras da capitania do Maranhão e da de Goyaz no anno de 1815. Vol. 10, pag. 5.

Ribeiro (Major Francisco de Paula) — Descripção do territorio de Pastos Bons nos sertões do Maranhão, propriedades dos seus terrenos, suas producções, caracter de seus habitantes, colonos e estado actual de seus estabelecimentos. Vol. 12, pag. 41.

Ribeiro (Santiago Nunes)—Canto elegiaco dedicado a S. M. A Imperatriz. Vol. 11, pag. 18.

Rivara (Joaquim Heleodoro da Cunha)—Artigo ácerca dos Indigenas da costa do Brasil (extrahido do Panorama. Vol. 7, pag. 524.

Roscio (Francisco João)—Breve noticia dos sete povos das Missões Guaranis, chamados commummente Tapes Orientaes ao Uruguay. Vol. 21, pag. 239.

Roteiro da viagem do Desembargador Henrique da Silva, e do Major de engenheiros Manoel Cardoso Saldanha, ácerca dos montes altos para o estabelecimento da fabrica de salitre. &c. Vol. 5, pag. 447.

Roteiro corographico da viagem que se costuma fazer do Forte do Principe da Beira á Villa-Bella, capital de Matto-Grosso.—Anno de 1781. Vol. 20, pag. 390.

Rubim (Braz da Costa) — Noticia Chronologica dos factos mais notaveis da historia da provincia do Espirito Santo, desde o seu descobrimento até a nomeação do governo provisorio. Vol. 19, pag. 336.

Sá (Manoel José Maria da Costa e)—Relatorio sobre as obras do Dr. Ferreira, apresentado á Academia real das sciencias de Lisboa. Vol. 2, pag. 510.

Saldanha (José de)—Diario resumido do reconhecimento

dos campos de novo descobertos sobre a serra geral nas cabeceiras do rio Pardo. Vol. 3. pag. 64.

Sampaio (Antonio Botelho de)—Descoberta dos campos de Guarapuava. Vol. 18, pag. 252.

Sampaio (Bacharel Francisco Xavier Ribeiro de)—Extracto da viagem, que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o mesmo Bacharel. como Ouvidor e Intendente Geral, nos annos de 1774 e 1775. Vol. 1, pag. 97.

Sampaio (Bacharel Francisco Xavier Ribeiro de)—Relação geographica historica do Rio Branco da America Portugueza. Vol. 13, pag. 200.

Santarem (Visconde de)—Carta ácerca de um memorandum publicado no 2.º vol. da 2.ª série pag. 436, sobre questões de limites do Brasil. Vol. 12, pag. 414.

Sapucahy (Visconde de)—Candido José de Araujo Vianna, depois —. Discurso do Exm. Sr. Vice-Presidente do Instituto Historico, na abertura da 5.ª sessão publica anniversaria do mesmo Instituto em 10 de Dezembro de 1843. Vol. 5, pag. 2. Suppl.

Sapucahy (Visconde de)— Candido José de Araujo Vianna depois —. Discurso do Exm. Sr. Vice-Presidente na sessão publica anniversasia de 14 de Dezembro de 1844. Vol. 5, pag. 2. Suppl.

Sapucahy (Visconde de) —. Discurso recitado na sessão solemne em o 1.º de Julho de 1847, para commemorar a saudade que deixa ao Instituto, o seu Presidente Honorario, o Senhor D. Affonso, Primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 8.

Sapucahy (Visconde de)— Discurso recitado na abertura da sessão publica anniversaria em 9 de Setembro de 1847. Vol. 11, pag. 87.

Sapucahy (Visconde de)— Discurso recitado na sessão publica em 6 de Abril de 1848, para a inauguração dos bustos do Conego Januario da Cunha Barbosa, e do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, Fundadores do Instituto. Vol. 11, pag. 216.

Sapucahy (Visconde de)— Discurso dirigido a S. M. o Imperador, na occasião de assistir o mesmo Augusto Senhor a sessão do Instituto em 15 de Dezembro de 1849. Vol. 12, pag. 550.

Sapucahy (Visconde de)--Discurso na sessão publica anniversaria em 15 de Dezembro de 1852. Vol. 15, pag. 477.

Sapucahy (Visconde de)—Discurso na sessão publica anniversaria em 15 de Dezembro de 1853. Vol. 16, pag. 561.

Sapucahy (Visconde de)— Discurso na sessão publica anniversaria em 15 de Dezembro de 1854. Vol. 17, pag. 1. Suppl.

Sapucahy (Visconde de) — Discurso na sessão publica anniversaria em 15 de Dezembro de 1855. Vol. 18 pag. 1. Suppl.

Sapucahy (Visconde de) — Discurso na sessão publica anniversaria em 15 de Dezembro de 1856. Vol 19, pag. 88. Suppl.

Sapucahy (Visconde de) — Discurso na sessão publica anniversaria em 15 de Dezembro de 1857, Vol. 20 pag. 35. Suppl.

Sapucahy (Visconde de)— Discurso na sessão publica anniversaria em 15 de Dezembro de 1858. Vol. 21, pag. 503.

Saraiva (Matheus) — Carta do mesmo abbade Diogo Barbosa Machado, em 1742. Vol. 6, pag. 357.

Segurado (Dr. Rufino Theotonio) — Viagem de Goyaz ao Pará em 1846—1847. Vol. 10, pag. 178.

Sentença proferida contra os réos implicados na conspiração de Minas-Geraes, em 1788. Vol. 8, pag. 311.

Sequeira (Joaquim da Costa)—Compendio historico chronologico das noticias de Cuyabá, repartição da capitania de Matto-Grosso, desde o principio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817. Vol. 13, pag. 5.

Serqueira (Thomaz José Pinto) — Elogio historico dos membros fallecidos no 3.° anno social. Vol. 3, pag. 24. sgppl.

Serra (Ricardo Franco de Almeida)—Memoria ou informação dada ao Governo sobre a capitania de Matto-Grosso em 31 de Janeiro de 1800. Vol. 2, pag. 19.

Serra (Ricardo Franco de Almeida)—Extracto da descripção geographica da provincia de Matto-Grosso, feita em 1797. Vol. 6, pag. 156.

Serra (Ricardo Franco de Almeida)—Parecer sobre o aldeamento dos Indios Uaicurús e Guanás, com a descripção de seus usos, religião, estabilidade e costumes. Vols. 7 e 13, pags. 204 e 348.

Serra (Ricardo Franco de Almeida) — Navegação do Rio Tapajós para o Pará, escripta em 1799, sendo Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Vol. 9, pag. 1.

Serra (Ricardo Franco de Almeida) — Reflexões sobre a capitania de Matto-Grosso, offerecidas ao Governador e Capitão general da mesma capitania João de Albuquerque de Mello Pereira Caceres, — pelos Tenentes-Coroneis Joaquim José Ferreira e—. Vol. 12, pag. 377.

Serra (Ricardo Franco de Almeida)—Diario da diligencia do reconhecimento do Paraguay, desde o lugar do marco da boca do Jaurú, até abaixo do presidio de nova Coimbra, que comprehende a configuração das lagoas Gaiba, Uberaba, Mandioré, e das serras do Paraguay, e

igualmente o reconhecimento do rio Cuyabá até a villa deste nome, e della por S. Pedro d'El-Rei até á villa Bella—(no anno de 1786). Vol. 20, pag. 293.

Sessão publica anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro no dia 3 de Novembro de 1838 (Celebração da 1.ª). Vol. 1, pag. 253.

Sessão idem no dia 27 de Novembro de 1840. Vol. 2, pag. 1, suppl.

Sessão idem em 30 de Novembro de 1841. Vol. 3, pag. 1, suppl.

Sessão idem em 27 de Novembro de 1842. Vol. 4, pag. 1, suppl.

Sessão idem de 1844. Vol. 6, pag. 1, suppl.

Sessão idem em 9 de Setembro de 1847. Vol. 11, pag. 85.

Sessão publica no dia 6 de Abril de 1848, para inauguração dos bustos do Conego Januario da Cunha Barbosa, e do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, fundadores do Instituto. Vol. 11, pag 215.

Sessão publica anniversaria do Instituto em 15 de Dezembro de 1852. Vol. 15, pag. 477.

Sessão publica anniversaria do Intituto em 15 de Dezembro de 1853. Vol, 16, pag. 561.

Sessão publica anniversaria do Instituto em 15 de Dezembro de 1856. Vol. 87, pag. 19. Suppl.

Sigaud (Dr. J. F.)— Elogio historico do Secretario perpetuo Conego Januario da Cunha Barbosa. Vol. 11, pag. 185.

Silva (João Caetano da)— Digressão feita por —, em 1817 para descobrir a nova navegação entre a capitania de Goyaz e a de S. Paulo. Vol. 2, pag. 312.

Silva (Dr. Joaquim Caetano da)—Memoria sobre os limites do Brasil com a Guyana Franceza, conforme o sentido

exacto do art. 8.° do Tratado de Utricht Vol. 13, pag. 421.

Silva (Dr. Joaquim Caetano da)—Apendice ao parecer do Sr. Diogo Soares da Silva de Bivar sobre o indice chronologico do Sr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros. Vol. 13, pag. 87.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa)—Ballata dedicada a S. M. a Imperatriz, recitada na sessão solemne do 1.° de Julho de 1847, commemorativa do passamento do Sr. D. Affonso, Primogenito de SS. MM. II. Vol. 11, pag. 38.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa)—Cantico idem Vol. 11, pag. 41.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa)—Visão idem. Vol. 11, pag. 68.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa)—Januario da Cunha Barbosa. Canto inauguaral. Vol. 11, pag. 266.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa)—O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral, foi devido a um mero acaso, ou tem elle alguns indicios para isso? (Programma desenvolvido pelo Sr.)—Vol. 15, pag. 125.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa) — Memoria historica documentada das aldêas de Indios da provincia do Rio de Janeiro—Laureada na sessão magna de 15 de Dezembro de 1852, com o premio Imperial. Vol. 17, pag. 109.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa)—Refutação ás reflexões do digno membro o Sr. Antonio Gonsalves Dias, lida n.s sessões de 15 de Setembro, 13 de Outubro, 24 de Novembro e 7 de Dezembro de 1854, na Augusta Presença de S. M. I. Vol. 18, pag. 335.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa)—Discurso proferido em nome do Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao dar-se a sepultura o cadaver do socio honorario o Sr.

Manoel Alves Branco, Visconde de Caravellas. Vol. 18, pag. 456.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa) — Discurso proferido em nome do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao dar-se a sepultura o cadaver do Vice-Presidente o Sr. Aurelino de Sousa e Oliveira Coutinho, Visconde de Sepetiba. Vol. 18, pag. 458.

Silva (Joaquim Norberto de Sousa) — Extractos do ensaio politico e historico chronologico de Fr. Manoel Joaquim da Mãi dos Homens, precedidos de uma noticia sobre o autor e sua obra, pelo socio effectivo—Vol. 19, pag. 477.

Silva (Manoel de Campos) — Descripção do rio Paraná. Vol. 2, pag. 304.

Silva (Tenente-Coronel Vicente Ayres da)—Itinerario pelo rio do Somno acima, desde a sua confluencia no Tocantins. Vol. 13, pag. 438.

Soares de Sousa (Gabriel) — Noticia dos Tupinambás—E' um resumo dos cap. 147 e segg. da 2.ª parte da obra mencionada. Vol. 1, pag. 190.

Soares Sousa (Gabriel)—Tratado descriptivo do Brasil em 1587, commentado por F. A. de Varnhagen. Vol. 14, pags. 1 e 422.

Socios admittidos ao gremio do Instituto Historico, desde 16 de Setembro de 1847 até 10 de Dezembro de 1852. Vol. 15, pag. 577.

Socios admittidos em 1853 Vol. 16, pag. 630.
Socios admittidos em 1854 » 17, » 100, suppl.
Socios admittidos em 1855 » 18, » 91, suppl.
Socios admittidos em 1856 » 19, » 172, suppl.
Socios admittidos em 1857 » 20, » 118, suppl.
Socios admittidos em 1859 » 22, » 763, suppl.

Southey (Roberto)—Conspiração em Minas-Geraes no anno de 1788 para a Independencia do Brasil. Artigo traduzido da historia do Brasil de — e illustrado de notas pelo Conselheiro José de Rezende Costa. Vol. 8, pag. 297.

Sousa (Conego André Fernandes de) — Noticias geographicas da capitania do Rio Negro no grande rio Amazonas, exornada com varias noticias historicas do paiz, do seu governo civil e politico, e de outras cousas dignas de attenção. Vol. 10, pag. 411. 7

Sousa (Padre Luiz Antonio da Silva)—Memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goyaz. E' reimpressão da que se publicou na 3.ª subscripção do *Patriota* do Rio de Janeiro, Julho e Agosto de 1814. Vol. 12, pag. 429.

Sousa (Luiz de Vasconcellos e)—Officio do mesmo Vice-Rei com a copia da relação instructiva e circumstanciada para ser entregue ao seu successor. Vol. 4, pags. 2 e 129.

Teixeira (Bento)—Relação do naufragio da náo *Santo Antonio*. Vol. 13, pag. 279.

Teixeira (Fr. Domingos) — Extracto da vida de Gomes Freire de Andrade, Capitão-general do Maranhão, Pará e rio das Amazonas no Estado do Brasil. Vol. 3, pag. 410.

Teixeira (Dr. José João) — Extracto da memoria manuscripta do mesmo—, pelo Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes. Vol. 6, pag. 284.

Termo de rivalidação de posse, ou sendo necessario, de nova posse, tomada por parte de S. M., do logar que até agóra se chama—Fecho dos Morros —, sobre as margens do Rio Paraguay, no anno de 1775. Vol. 20, pag. 330.

Thesouro descoberto no rio Amazonas (principio da 2.ª 7

parte) Vol. 2, pags. 328 e 445. Vol. 3, pags. 158, 272 e 362.

Tovar (Manoel Vieira de Albuquerque)—Informação do mesmo sobre a navegação do rio Doce. Vol. 1, pag. 159.

Trabalho offerecido para servir de titulo de admissão de socios, na forma do art. 6.º dos Estatutos. Vol. 18, pag. 90.

Trabalhos dos socios—Memorias, pontos desenvolvidos e outros trabalhos dos socios do Instituto desde a sessão de 16 de Setembro de 1847, até 10 de Dezembro de 1852. Vol. 15, pag. 545.

Idem em 1853. Vol. 16, pag. 630.

Idem em 1854. Vol. 17, pag. 87, suppl.

Tuggia (Fr. Raphael)—Mappas dos Indios Cherentes e Chavantes, na nova povoação de Theresa Christina no rio Tocantins, e dos Indios Charáos da aldêa de Pedro Affonso nas margens do mesmo rio, ao norte da provincia de Goyaz, pelo Missionario Apostolico Capuchinho. Vol. 19, pag. 119.

Van-Lede (Carlos)—Geologia da provincia de Santa Catharina—Artigo extrahido da memoria historica, estatistica e commercial, do mesmo Sr. sobre a provincia de Santa Catharina. ol. 7, pags. 87 e 178.

Variedades. Vol. 5, pag. 383.

Varnhagen (Francisco Adolpho de)—Sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas no Brasil. Vol. 3, pag. 53.

Varnhagen — Correspondencia ácerca dos habitantes do Brasil condemnados pelo Santo Officio de Lisboa, desde o anno de 1711 até 1767. Vol. 6, pag. 322.

Varnhagen—Juizo submettido ao Instituto ácerca do com-

pendio da historia do Brasil pelo Sr. J. Ignacio de Abreu Lima. Vol. 6, pag. 60.

Varnhagen—Additamento —vide— Excerptos &c. Vol. 7, pag. 54 e 427.

Varnhagem—O Caramurú perante a Historia.—Dissertação apresentada em concurso aberto pelo Instituto e premiada, sendo o premio renunciado pelo autor. Vol. 10, pag. 129.

Varnhagen—Carta em additamento ao Juizo ácerca do compendio da historia do Brasil do Sr. J. J. de Abreu Lima, escripta em Sevilha em 1846. Vol. 13, pag. 396.

Varnhagen—Carta sobre ethnographia indigena, linguas, emigrações e archeologia, padrões de marmore dos primeiros descobridores, &c. Vols. 12 e 21, pag. 366 e 431.

Varnhagen—Commentarios á obra de Gabriel Soares. Vol. 14, pag. 367.

Varnhagen—Gabriel Soares de Sousa. Memoria. Vol. 21, pag. 445.

Vasconcellos e Sousa (Luiz de) — Vide Sousa.

Vianna (Candido José de Araujo) — Vide Sapucahy (Visconde de).

Vianna (Dr. João Antonio de Sampaio) — Breve noticia da primeira planta de café que houve na comarca de Caravellas ao sul da provincia da Bahia, escripta em 1842. Vol. 5, pag. 73.

Vieira (Padre Antonio) — Annua da missão dos mares verdes, — do anno de 1624 — 1625, mandada a Roma pelo—. Vol. 5, pag. 335.

Vieira (Padre Antonio) — Annua da missão da capitania do Espirito Santo, do anno de 1624 — 1625. Vol. 5, pag. 339.

Vieira (Padre Antonio) — Copia de uma carta para El-Rei Nosso Senhor, sobre as misesõs do Ceará, do Maranhão, do Pará, e do grande rio das Amazonas. Vol. 4, pag. 111.

Villa Real (Thomaz de Sousa. — Viagem de — pelos rios Tocantins, Araguaya, e Vermelho: acompanhada de documentos officiaes relativos á mesma navegação. Vol. 11, pag. 401.

Villegagnon (Nicolão)—Carta (traducção da— que—) escreveu da America (Rio de Janeiro) a Calvino. Vol. 2, pag. 198.

Vocabulario da lingua Bugre. — Vol. 15, pag. 60.

Vocabulario dos Indios Cayuar — Vol. 19, pag. 448.

Warden — Investigações sobre as povoações primitivas da America, etc. Vol. 5, pag. 187.

BIOGRAPHIAS.

D. Affonso (S. A. o Principe Imperial) — Composições de differentes socios em prosa e verso, por occasião de sua morte. (4.° tomo da 2.ª serie) — Vol. 11, pags. 8 a 84.

Alexandre Rodrigues Ferreira, por R. de S. S. Pontes. Vol. 2, pag. 499.

Antonio José da Silva, por Varnhagen. Vol. 9, pag. 114.

Antonio de Moraes e Silva, por Varnhagen. Vol. 15, pag. 244.

Doutor Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas. Vol. 2, pag. 126,

Antonio Vieira (Padre) — Epitome da vida do — por Roquete. Vol. 4, pag. 207.

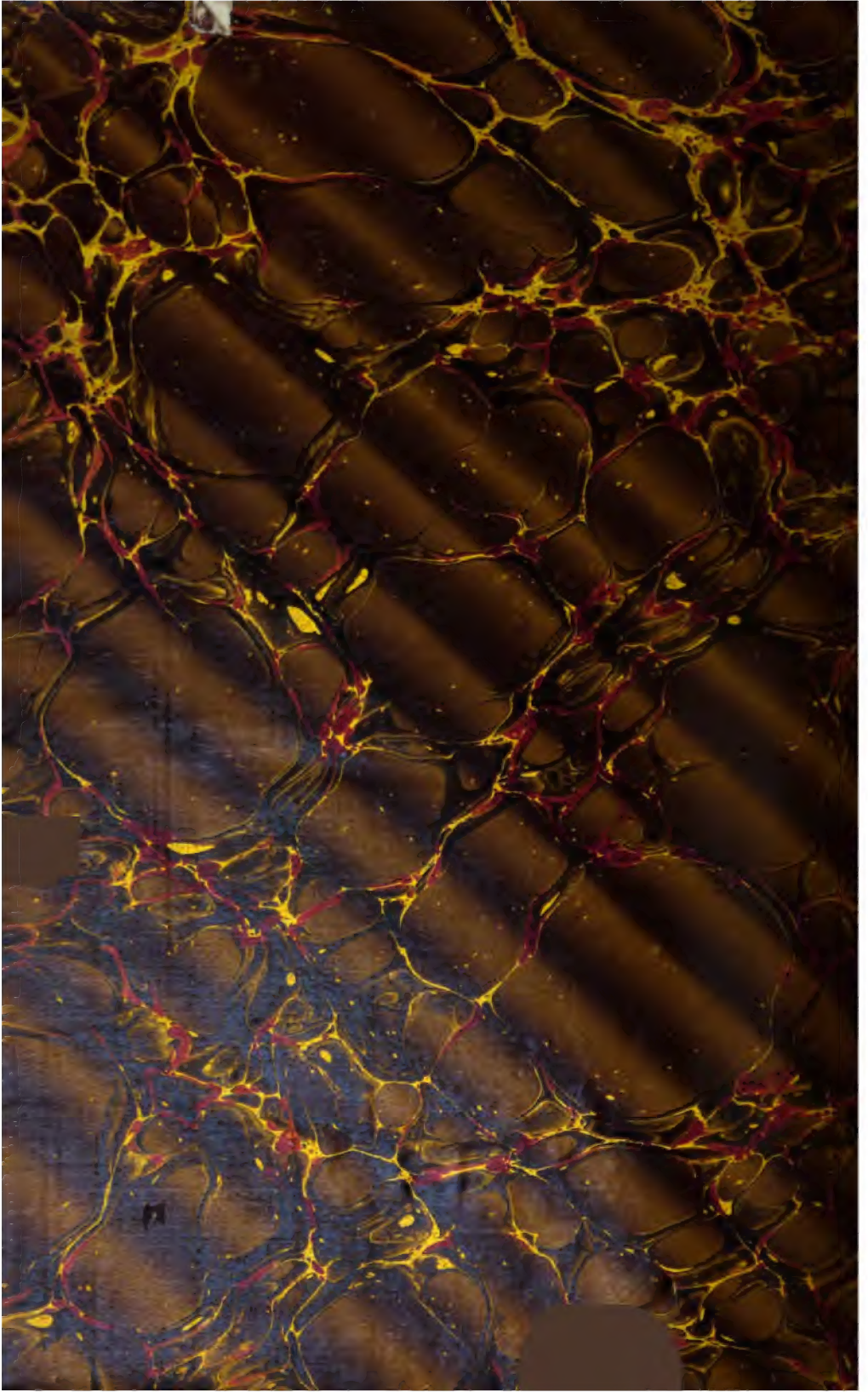
Ararigboya (depois Martim Affonso) pelo Conego J. da Cunha Barbosa. Vol. 4, pag. 207.
Conselheiro Balthazar da Silva Lisboa, pelo Exm. Sr. Bento da Silva Lisboa (Barão de Cayrú) Vol. 2, pag. 383.
Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, pelo Conego Januario da Cunha Barbosa. Vol. 2, pag. 255.
Bento Teixeira Pinto. Vol. 13, pags. 274 e 402.
Bernardo Vieira Ravasco. Vol. 4, pag. 377.
Caravellas— Vide Marquez de)—
Cayrú —Vide José da Silva Lisboa.
Christovão Colombo — Traduzida pelo Exm. Bispo do Pará D. José Affonso de Moraes. Vol. 7, pag. 3.
Fr. Chistovão da Madre de Deos Luz, pelo Abbade Barbosa Vol. 13, pag. 125.
D. Clara Felippa Camarão, pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Vol. 10, pag. 387.
Claudio Manoel da Costa, pelo Sr. J. Manoel P. da Silva. Vol. 12, pag. 529.
Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello, pelo Conego J. da Cunha Barbosa. Vol. 4, pag. 88.
Diogo Arouche de Moraes Lara, pelo Sr. José Joaquim Machado de Oliveira. Vol. 7, pag. 356.
Domingos Caldas Barbosa (Beneficiado) pelo Conego J. da C. Barbosa. Vol. 4,ag. 210.
Domingos Caldas Barbosa. Outra biographia(com o retrato) por F. A. de Varnhagen. ol. 14, pag. 449.
Eduardo Olimpio Machado, pelo Sr. Francisco Sotero dos Reis. Vol. 19, pag. 607.
Eusebio de Mattos, por F. A. de Varnhagen. Vol. 8, pag. 540.
Francisco Agostinho Gomes, pelo Sr. Bivar. Vol, 4, pag. 28 Suppl:

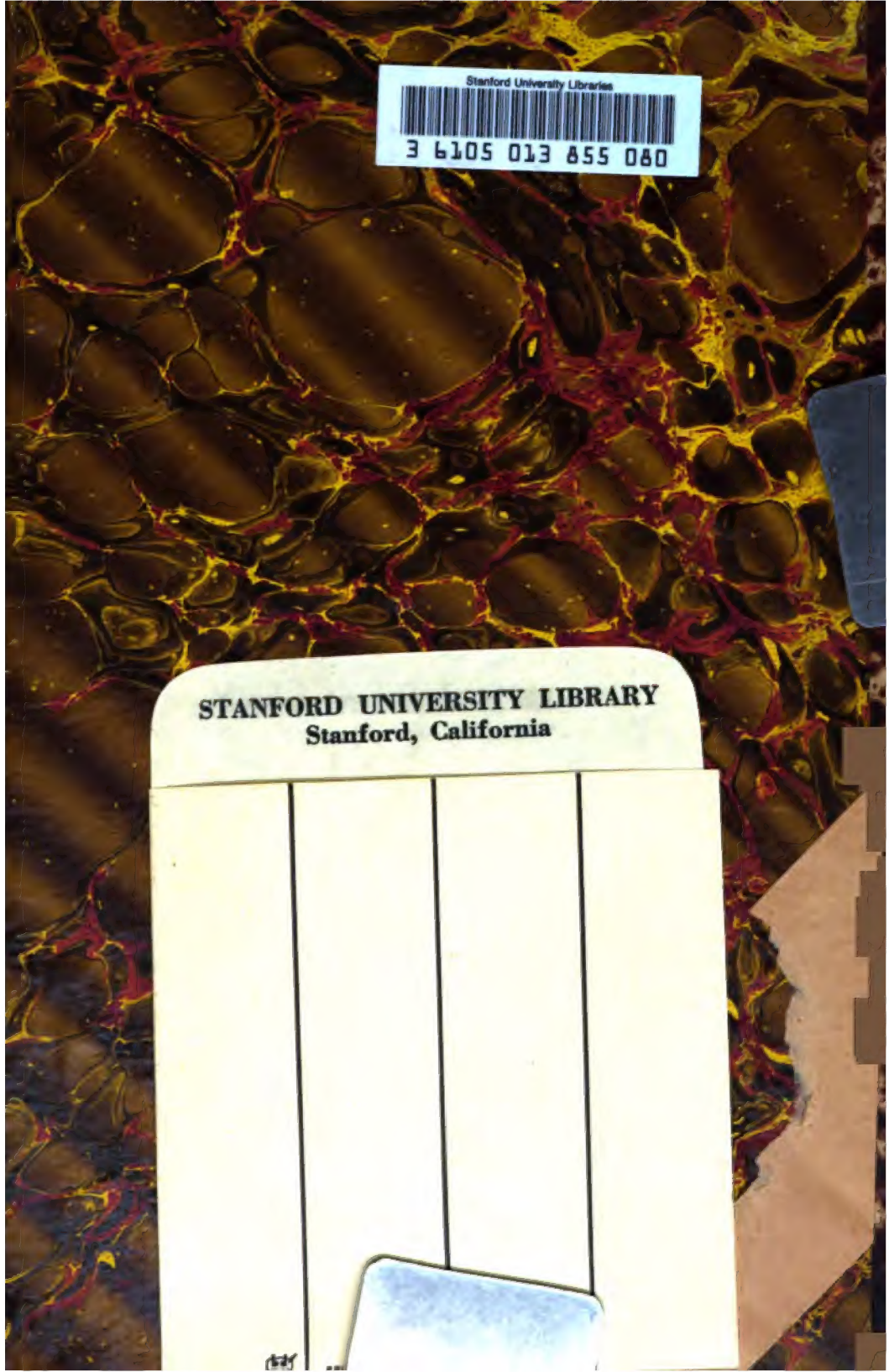
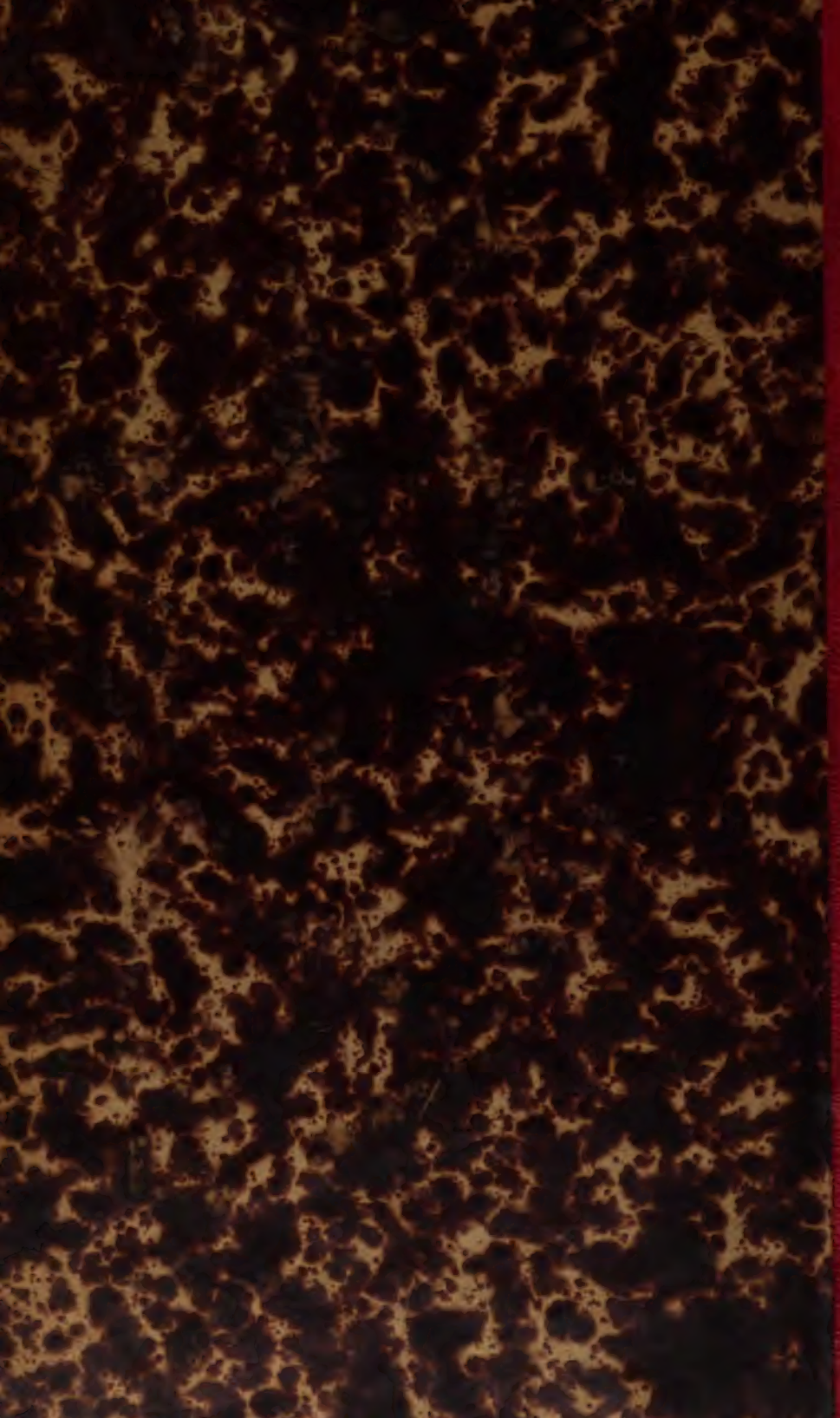
Francisco de Brito Freire, por Diogo Barbosa Machado. Vol. 6, pag. 369.
Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, por F. A. de Varnhagen. Vol. 2, pag. 377.
Dr. Francisco de Mello Franco. Vol. 5, pag. 345.
Fr. Francisco de Santa Theresa de Jesus Sampaio (Do Ostensor Brasileiro). Vol. 7, pag. 260.
Fr. Francisco de S. Carlos, pelo Sr. J. M. Pereira da Silva. Vol. 10, pag. 524.
Padre Francisco de Sousa, pelo Abbade Barbosa. Vol. 10, pag. 244.
Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, copiada de um Ms. do Porto. Vol. 7, pag. 404.
Fr. Francisco Xavier de Santa Theresa, por Diogo Barbosa. Vol. 5, pag. 80.
Doutor Gaspar Gonçalves de Araujo. Vol. 5, pag. 349.
Conego Gaspar Ribeiro Pereira (das Memorias de Pizarro). Vol. 5, pag. 494.
Gregorio de Mattos, pelo Conego J. da Cunha Barbosa. Vol. 3, pag. 333.
Conselheiro Henrique de Walerstein, pelo Conego Januario da Cunha Barbosa. Vol. 6, pag. 111.
Brigadeiro Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, pelo Conego J. da Cunha Barbosa. Vol. 5, pag. 227.
Ignacio José d'Alvarenga Peixoto. Vols. 12 e 13, pags. 400 e 513.
Fr. Ignacio Ramos, pelo Abbade Barbosa. Vol. 13, pag. 126.
João Baptista Vieira Godinho —Copiada da Minerva n. 14. Vol. 6, pag. 492.
João de Brito e Lima, por F. A. de Varnhagen. Vol. 10, pag. 116.

João Fernandes Vieira (o Castrioto Lusitano): escripta par o Panorama, por F. A. de Varnhagen. Vol. 5, pag. 82.
João Pereira Ramos de Aseredo Coutinho, pelo Conego J. da Cunha Barbosa. Vol. 2, pag. 118.
Joaquim Francisco do Livramento, pelo Sr. Padre Joaquim Gomes de Oliveira Paiva. Vol. 8, pag. 391.
Jorge de Albuquerque Coelho, pelo Abbade Barbosa. Vol. 5, pag. 79.
O Jesuita José de Anchieta, pelo Sr. Accioli. Vol. 7, pag. 551.
Conselheiro José Antonio Lisboa, pelo Conselheiro Barão de Cayrú. Vol. 15, pag. 116.
Tenente General José Arouche de Toledo Rendon, pelo Sr. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Grugel. Vol. 5, pag. 491.
José Basilio da Gama. Vol. 1, pag. 139.
José Bonifacio de Andrada e Silva, — Elogio historico pelo Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia. Vol. 8, pag. 116.
José Borges de Barros, pelo Abbade Barbosa. Vol. 7, pag. 557.
José Eloy Pessoa, pelo Sr. Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva. Vol. 4, pag. 91.
D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho. Vols. 1, e 7, pags. 337 e 106.
D. José Joaquim Justiniano Mescarenhas Castello Branco (das Memorias de M. Pizarro). Vol. 4, pag. 368.
José Monteiro de Noronha, pelo Conego Januario da Cunha Barbosa. Vol. 2, pag. 252.
José de Sá Bittancourt Accioli, pelo Sr. J. Accioli de Cerqueira e Silva. Vol. 6, pag. 107.
Fr. José de Santa Rita Durão, por F. A. de Varnhagen. Vol. 8, pag. 276.

José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú—escripta por
filho o Conselheiro Bento da Silva Lisboa (Barão
Cayrú). Vol. 1, pag. 227.
Monsenhor José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo. Vol.
pag. 340.
Conego José de Sousa Marmelo—Copiada das Memorias d
Pizarro. Vol. 6, pag. 495.
Junqueira Freire—pelo Sr. Dr. João Manoel Pereira d
Silva. Vol. 19, pag. 425.
Luiz de Niemeyer Bellegarde (artigo necrologico) Vol. 1,
pag. 125.
Manoel Botelho de Oliveira, por F. A. de Varnhagen.
Vol. 9, pag. 124.
Manoel Dias—o Romano. Vol. 11, pag. 496.
Brigadeiro Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, pelo Sr.
Antonio Joaquim Damasio. Vol. 6, pag. 362.
Dr. Manoel Ferreira da Camara Bittancourt e Sá, pelo Sr.
Dr. J. F. Sigaud. Vol. 4, pag. 515.
Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, pelo Conego J. da
C. Barbosa. Vol. 3, pag. 338.
Manoel da Nobrega (Jesuita), pelo Sr. Accioli. Vol. 7, pag.
406.
Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, por F. A. de Var-
nhagen. Vol. 10, pag. 240.
D. Maria Ursula de Abreu Lencastre, pelo Sr. J. Norberto
de Sousa e Silva. Vol. 3, pag. 225.
Marquez de Caravellas, José Joaquim Carneiro de Campos,
pelo Conego J. da Cunha Barbosa. Vol. 3, pag. 431.
Marquez de Paranaguá, pelo Sr. Conselheiro Candido Ba-
ptista de Oliveira. Vol. 9, pag. 398.
Martim Affonso de Sousa, por F. A. de Varnhagen. Vols. 5
e 6, pags. 232 e 118.

Pedro Alvares Cabral. Vo. 5, pag. 496.
Pero Lopes de Sousa, por F. A. de Varnhagen. Vols. 5 e 6, pags. 352 e 118.
D. Romualdo de Sousa Coelho, Bispo do Pará, por A. L. Monteiro Baena. Vol. 3, pag. 423.
D. Roza Maria de Siqueira, pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Vol. 3, pag. 222.
Salvador Corrêa de Sá e Benevides, por F. A. de Varnhagen. Vol. 3, pag. 100.
Complemento. Vol. 5, pag. 224.
Sebastião da Rocha Pita, pelo Sr. João Manoel Pereira da Silva. Vol. 12, pag. 258.
Thomaz Antonio Gonzaga, por F. A. de Varnhagen. Vols. 12 e 13, pag. 120 e 405.
Vicente Coelho de Seabra, por F. A. de Varnhagen. Vol. 9, pag. 261.
Visconde de Cayrú—Vide José da Silva Lisboa.
Visconde de Pelotas (Patricio José Corrêa da Camara). Vol. 9, pag. 555.
Visconde de S. Leopoldo—Apontamentos biographicos sobre o—pelo Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro Vol. 19, pag. 132.




Stanford University Libraries
3 6105 013 855 080
STANFORD UNIVERSITY LIBRARY
Stanford, California